

ANDERSON FRANCISCO RIBEIRO

**DESNUDANDO A DITADURA MILITAR:
As revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s)
do homem moderno (1964-1985)**

**ASSIS
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

R484d Ribeiro, Anderson Francisco
Desnudando a ditadura militar: as revistas erotico-porno-
gráficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moder-
no (1964-1985) / Anderson Francisco Ribeiro. Assis, 2016.
350 f. : il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr Antonio Celso Ferreira

1. Pornografia - História - Brasil. 2. Masculinidade. 3. Di-
tadura - Brasil. 4. Homens - Identidade. 5. Periódicos brasilei-
ros. I. Título.

CDD 305.3

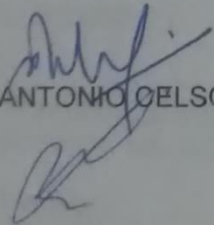
ANDERSON FRANCISCO RIBEIRO

DESNUDANDO A DITADURA MILITAR: As revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985)

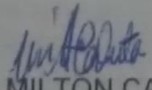
Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis para obtenção do título de Doutor em História. (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

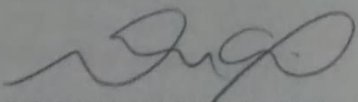
Data da Aprovação: 14/07/2016

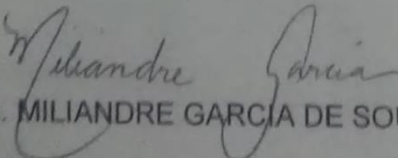
COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. ANTONIO CELSO FERREIRA - UNESP/Assis

MEMBROS: PROFA. DRA. FABIANA LOPES DA CUNHA - UNESP/Assis


PROF. DR. MILTON CARLOS COSTA - UNESP/Assis


PROF. DR. MARCIO LUIZ CARRERI - UENP/Jacarezinho


PROF. DR. MILIANDRE GARCIA DE SOUZA - UEL/Londrina

DEDICATÓRIA

**Dedico esse trabalho a todos os historiadores libertinos, pornógrafos, zéfiros e
poetas da vida moderna.**

AGRADECIMENTOS

Uma tese que fale sobre pornografia é sempre um trabalho prazeroso, intenso e, sem sombra de dúvidas, subversivo. Mas a subversão assim como o sexo, não deveria ser um trabalho solitário. Nem mesmo os catecismos de Carlos Zéfiro não seriam possíveis de serem produzidos e nem seriam reconhecidos sem a ajuda de editores, donos de bancas e seus leitores. Por essa razão, agradeço imensamente ao meu orientador Antonio Celso Ferreira, grande e reconhecido historiador que acreditou na ideia inicial de se pesquisar um tema tão controverso e com tão poucas fontes disponíveis nas bibliotecas e acervos particulares; com ele fica a minha eterna gratidão.

Agradeço também a banca da qualificação com a professora Fabiana Lopes da Cunha que já havia me alertado para alguns problemas de ordem teórica e metodológica em sua disciplina e que muito enriqueceu a confecção deste trabalho. Ao meu ex-orientador e amigo Marcio Luiz Carreri, que se tornou parte da minha família em todos os anos de FAFIJA, UENP e agora UNESP, desde a formação do meu TCC às conversas de boteco sobre história e teoria e nossas viagens acadêmicas. Não posso esquecer também a importância do financiamento através da bolsa de doutorado que me foi concedida pela Capes e que ajudou a terminar os retoques finais e adquirir as últimas cópias das revistas citadas na tese. Quero estender meus cumprimentos aos participantes da banca de defesa da tese, o professor Milton Carlos Costa, pelas belas contribuições e da professora Miliandre Garcia de Souza, que atendeu meu pedido de participação da banca e demonstrou que ainda é possível conhecer uma pessoa maravilhosa, que conhecia apenas via internet.

A caminhada foi bem mais suave juntamente com a minha linda Aline Trigo que além de gostar de mim, ainda fez a correção e apontou as falhas de escrita e mostrou que é possível acreditar no labirinto shandyano da escrita. Agradeço à minha querida prima Mel pela possibilidade de conhecer a “pequena maldade”.

A caminhada só foi possível com a ajuda dos meus amigos e irmãos de repúblicas de Jacarezinho, que entre “kandangos” e “panetones” foi se expandindo até se tornar uma grande e feliz família. Desde a primeira geração da casa do Estudante na FAFIJA – agradeço ao meu irmão de todas as horas, Marcão Kandango, meu amigo intelectual Diogo Almeida pelas considerações, Rafael de Rocco pela amizade, ao Rogérião pelas carnes “de capivara” quando outra não era possível, à Thaís pelo seu cartão “mágico” que financiou bebida e a comida de todos da república, à Dahiane, Danuza, Tati, Bia, Aline Acosta, L. Japonesa, assim como os amigos da república “Matadouros” de Jacarezinho-PR. E também aos da 2ª geração (em cima da locadora) – Priscila, Flavinha, Patrícia, Fabrício Paschoal, Monstro, Anderson, Ceci Soares, Cris, Carteiro, etc.

Por enfim, à grande família da república “O Cortiço” e agregados (A.Q.) – Bruno lauch, Felipe Eik, Diogo Almeida, Francielle Alves, Fabi Tiger (Diaba do Rio` Isa Setti, Richerly, Aline, Antonio Carlos (Campinho), assim como Rayssa, Gordão, Bruna, Veri, Pires, Nunes, Padawan, Pedrinho, Lé e Flávia, Gatszke, Márcião, que em reuniões e reencontros se tornaram inspiração e fonte de respeito.

A meus queridos amigos de caminhada histórica – sempre em eterna dívida – Érica Xavier e Gio, Luciana Evangelista e muitos outros que não continuaram na caminhada.

Meus amigos “gnomos” – Adilson, Juliete, Guido (deus), Anizio, Cazula, Perin, Amanda, Estevão Gatzske e Marina, Tonico e Luciana, Verônica, Diego e tanto outros que tive prazer em conhecer nestes anos de faculdade.

Minhas parceiras e parceiros de estágio da FAFIJA/UENP – Marli, Daniel Meninão, Ticô, Tete, Débora, Mauro Tanferi, Jacqueline Mardenovies, Profª Nair, Profª Irene, Profª. Ivone Selonk (*In Memoriam*), Geo, Renato (Inbrape) e todos os outros que me eleveram a uma nova categoria de pessoa...

Ainda, ao meu pai intelectual, amigo e eterno chefe de Departamento de História da FAFIJA/UENP - Pedro Luiz Bonoto que ajudou não só a mim, mas a todos que precisaram. Aos amigos professores Marisa, Maurício, Janete, Alfredo, Aécio, Flávio, Barnabé (e Natalia pelo notebook), Luiz de Castro, Selonk, Jean e Taíse e também alunos que discutiram e mostraram seus pontos de vista sobre o assunto.

Aos meus amigos de Itaporanga Diegão Mazur, Murilo, Juari, Gustavo, Girino, Alessandro, Romulo, Priscila, André Loro, André Pé e Jansen pelas boas horas e risos durante essa caminhada.

Por último gostaria de agradecer à minha família pela ajuda que deram neste último momento, principalmente minha mãe Abigail e minha tia Terezinha, e aos amigos das bandas Kingones, Raimones e Senomar. Força Sempre!

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. (Nietzsche, Aurora).

Mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiro, por evidentes, certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída. (Michel Foucault)

Todos estes Burgueses imbecis que têm constantemente na boca os termos de “imoral, imoralidade, moral na arte” e outras sandices, lembrem-me Louise Viledieu, uma puta barata que me acompanhou um dia ao Louvre, onde nunca tinha ido, e ali se pôs a corar, cobrindo o rosto e puxando-me pelo braço a me perguntar insistentemente, diante daquelas estátuas e quadros imortais, como é que alguém se atrevia a expor publicamente semelhantes indecências. (Charles Baudelaire, Meu coração desnudado Nu, XLVI).

RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar: As revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985)** 350 f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO:

O campo da cultura brasileira, durante o período da ditadura militar brasileira (1964-1985), foi aos poucos invadido por determinados tipos de publicações pouco percebidas pela historiografia: as revistas eróticas e pornográficas. Estas ajudaram a configurar e constituir identidades, principalmente no que se refere à questão da sexualidade e da masculinidade, estabelecendo espaços de negociação na modernização dos costumes, em meio a uma reforma conservadora. Dessa maneira, a pornografia do período incorporou formas de normalizar o leitor das revistas através de posicionamentos, colaborações dos leitores e formas de resistência, através de anonimatos e publicações proibidas. Com isso, diluídas em uma área cinzenta de um processo mais complexo e contraditório, vários enunciados vindos da sociedade tentaram criar um discurso “verdadeiro” sobre o sexo, o qual acabou assimilado pelo mercado, e que pretendemos desnudar. A partir do pensamento histórico genealógico de Michel Foucault, procuraremos indicar que a pornografia enquanto “desordem do discurso” abriu espaço para visões diversas, que são contrárias ao discurso homogeneizante de poder e masculinidade. O público dessas revistas se mostrava amplo e contava com estudantes do colegial (Ensino Médio), senhores, senhoras, “homossexuais”, gerais, moças, médicos e padres que leram e emitiram diversos discursos sobre estes dois grupos, aparentemente distintos, de periódicos: as revistas *softcore* com discurso normatizador, como: **Ele Ela** (1969), **Status** (1974), **Homem** (1975), esta que depois fora transformada na revista **Playboy** (1978) - e outra mais explícita, as revistas *hardcore*, transgressora de discursos e consumida principalmente pelas classes populares: os “catecismos” de Carlos Zéfiro (década de 50 a 70 no Rio de Janeiro), as publicações das editoras Edrel (São Paulo-SP) e Grafipar (Curitiba-PR), além de revistas *hardcore* e das fotonovelas eróticas. Os periódicos indicados nos ajudarão a compreender essa afirmação e construção das identidades do homem brasileiro moderno.

Palavras-chave: Pornografia - História - Brasil. Masculinidade. Ditadura - Brasil. Homens - Identidade. Periódicos brasileiros.

RIBEIRO, Anderson Francisco. **STRIPPING BRAZILIAN MILITARY DICTATORSHIP: the erotic-pornographic magazines and the building of modern man identities (1964-1985)** 350 f. Thesis (Doctorate in History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT:

The field of Brazilian culture during the period of the Brazilian military dictatorship (1964-1985), was gradually invaded by certain types of confusing publications: the erotic and pornographic magazines. These helped to shape and form the identities, especially in regard to the issue of sexuality and masculinity, establishing trading channels in the modernization of customs, in a conservative reform. Thus, the period of pornography incorporated ways to normalize the reader of magazines through placements, contributions from readers and forms of resistance through anonymity and banned publications. As a result, diluted in a gray area of a more complex and contradictory process, various statements coming from the company tried to create a “true” speech about sex, which eventually assimilated by the market, and we intend to denude. From the genealogical historical thought of Michel Foucault, we seek to indicate that the pornography while "disorder of speech" created room for different views that are contrary to the homogenizing discourse of masculinity. The audience of these magazines is proved large and had high school students, older mans and womans, "gay", generals, younger womens, doctors and priests who had read and issued discourses on these two groups of apparently distincts periodicals: the softcore magazines with speech normalizing, like: *Ele Ela* (1969), *Status* (1974), *A revista do Homem* (1975), this which was transformed in the magazine call *Playboy* (1978) - and a more explicit, the hardcore magazine, transgressive discourses and mostly consumed by the lower classes: the "cathecisms" of Carlos Zéfiro (from the 50s to 70s, in Rio de Janeiro), the publications of *Edrel* (São Paulo-SP) and *Grafipar* (Curitiba-PR) publishers. These indicated periodics help us to understand this identity statement of the modern man.

Keywords: Pornography - History - Brazil. Masculinity. Dictatorship - Brazil. Men - Identity. Brazilian journals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|------------|
| Figura 01 – Jornal Diário do Paraná (Detalhe)..... | 80 |
| Figura 02 – Jornal Diário do Paraná (Detalhe - Caderno apreendido de uma aluna)..... | 81 |
| Figura 03 – Revista Homem – Ideia Editorial. Um exemplo do discurso de normalização | 103 |
| Figura 04 – Fotografias de Jackie O. na revista Hustler, agosto de 1975..... | 116 |
| Figura 05 – Revista Homem. Agosto de 1971. Entrevista com Lula..... | 129 |
| Figura 06 – Revista do Homem. Editora Abril. 1975. 1ª edição..... | 135 |
| Figura 07 – Métodos para esconder os bicos dos seios na “A Revista do Homem” | 149 |
| Figura 08 – Revista Playboy, nº1, 1978..... | 156 |
| Figura 09 – Propaganda contracapa de A revista do Homem, 1ª edição de 1975..... | 171 |
| Figura 10 – Propaganda do Banco Real em A revista do Homem, 1ª edição (1975)..... | 173 |
| Figura 11 – Propaganda da Colônia Hombro, 1975, 1ª edição..... | 175 |
| Figura 12 – Formato dos catecismos | 199 |
| Figura 13 – A amostra. Carlos Zéfiro..... | 204 |
| Figura 14 - Carlos Zéfiro. Brasília. s/d. Linguagem popular: o palavrão..... | 208 |
| Figura 15 – Carlos Zéfiro. A cura. Homem vai a Bariloche na Argentina para curar..... | 211 |
| Figura 16 – A dívida | 214 |
| Figura 17 – Suzete – Em Zéfiro encontramos um manual de posições sexuais | 216 |
| Figura 18 – Tarzan. Sexo oral da chita | 220 |
| Figura 19 – Garotas & Piadas nº 14 | 229 |
| Figura 20 – Estórias Adultas, gibi moderno. 1ª edição, 1969..... | 233 |
| Figura 21 – Primeira aparição de Maria Erótica, Edrel..... | 236 |
| Figura 22 – Maria Erótica e o Sadomasoquismo, Grafipar, nº4 | 238 |
| Figura 23 – Maria Erótica, Grafipar , nº1/80 | 242 |
| Figura 24 – Maria Erótica, Grafipar, nº 1, Editorial, 1980 | 245 |
| Figura 25 – Maria Erótica(nº1) fica emperrada no buraco e o Pinóquio tarado..... | 247 |
| Figura 26 – Máscaras de um samurai, Clássico Eróticos em Quadrinhos, vol. I..... | 253 |
| Figura 27 – Supergay e Playgay..... | 259 |
| Figura 28 – As fêmeas nº16 – História Maira e Os sonhos de Ssara..... | 260 |
| Figura 29 – Figura 29 – Revista Peteca, 1976, nº 1, GRAFIPAR..... | 262 |
| Figura 30 – Símbolo da revista Peteca..... | 263 |
| Figura 31 – Revista Ponto de Encontro nº 1 /80 | 267 |
| Figura 32 – Revista Penthouse, nº2, 1982 | 273 |
| Figura 33 – Fotos de Corinne por Bob Guccione | 278 |
| Figura 34 – Eros, nº2, e Sexo em Quadrinhos, nº 11/1979..... | 283 |
| Figura 35 – Página da revista Sexo em Quadrinhos. SM Nº7..... | 289 |
| Figura 36 –. Página da revista Sexo em Quadrinhos. Fora da Cama. Nº20..... | 290 |
| Figura 37 – Kabash e o prazer hardcore..... | 293 |
| Figura 38 – Capa e propaganda revista Close..... | 299 |
| Figura 39 – Capa da revista Sueca..... | 301 |
| Figura 40 – Revista SM O prazer do sadomasoquismo. ANO III nº 5..... | 307 |
| Figura 41 - Imagem central da revista S.M..... | 309 |
| Figura 42 – Suecas Porno Total – Fotonovela..... | 312 |
| Figura 43 – Carícias..... | 318 |
| Figura 44 – Profissão: modelo pornô..... | 321 |
| Figura 45 – Capa Big Man Internacional – Fotonovela, nº 3..... | 322 |
| Figura 46 - Sons & Gemidos – para gemer de prazer..... | 323 |
| Figura 47 – Diploma de desempenho, revista Eros..... | 324 |

LISTA DE TABELA

| | |
|---|-----|
| Tabela 01 – Os locais preferidos..... | 166 |
| Tabela 02 – Capas da revista Playboy (Brasil)..... | 346 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO 1 – O LUGAR DA PORNOGRAFIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA.... | 39 |
| 1.1. As Guerras Púlicas..... | 39 |
| 1.2. A modernidade conservadora..... | 50 |
| 1.3. O homem entre a tradição e a modernidade..... | 59 |
| 1.4. A fascinação pelo corpo nu..... | 86 |
| CAPÍTULO 2 - A PORNOGRAFIA NORMALIZADA: PLAYBOY E AS REVISTAS MASCULINAS..... | 97 |
| 2.1. Modelos estrangeiros: Playboy, Penthouse, Private e Hustler | 97 |
| 2.2. Fairplay, Ele Ela, Status, Homem | 118 |
| 2.3. “A revista do Homem”. A revista do Playboy (1975-1978)..... | 136 |
| 2.4. Heteronormatividade e o sonho de ser Playboy : consumo e identidade..... | 169 |
| CAPÍTULO 3 – DESNUDANDO A DITADURA MILITAR : O SEXO HARDCORE E A TRANSGRESSÃO DOS DISCURSOS..... | 189 |
| 3.1. Carlo Zéfiro e seus herdeiros: O grande catequista..... | 191 |
| 3.2. Edrel e Grafipar: Fábricas de desejos..... | 222 |
| 3.3. A ditadura desavergonhada: transgressão <i>hardcore</i> | 294 |
| 3.4. “É preciso abrir sem arreganhar”: Fotonovelas e o impulso <i>hardcore</i> | 312 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 326 |
| FONTES..... | 331 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 335 |
| ANEXOS..... | 345 |

INTRODUÇÃO

“Interpretaram mal a abertura. É preciso abrir sem arreganhar!”¹.

Nada poderia definir melhor a problemática das identidades masculinas e o lugar da pornografia na sociedade brasileira do que a mencionada frase de Cassandra Rios². Essa analogia pode ser aplicada a esse conturbado, estranho e significativo momento do processo da abertura política, aliada à intensa invasão dos materiais erótico-pornográficos no Brasil, como revistas e filmes *softcore* e *hardcore*, catecismos, fotonovelas explícitas e HQ's de sexo, pois fizeram com que a escritora de livros eróticos condenasse o excesso da liberação sexual e da pornografia.

A partir desse cenário, observa-se a produção de um grande número de discursos na maioria das vezes desconexos sobre o papel do homem, da mulher e da sexualidade. Clima de contrastes, que mostraram imagens de nudez, fotografias eróticas ou desenhos pornográficos e que impuseram algumas fisionomias (como a da felicidade e do prazer), cenas (como o do cotidiano, da burguesia ou da realeza), expressões corporais (como de agilidade e elegância), ambientes (nacionais, principalmente), diferenciações psicológicas dos personagens, ações (romantismo, sensualidade e violência), mudanças gestuais (corpos), diferenças de traços (desde o copiar de revistas até desenhos realísticos inspirados nos mangás japoneses) e de regras de composição de personagens, em uma constante luta de poderes na consolidação de uma indústria cultural, impondo sistemas de exclusão e repressão em uma rede de produção, destruição e consumo legais e ilegais de periódicos.

Em meio ao tecido urbano, discursos médicos, legislativos, jornalísticos, biológicos e religiosos ajudaram a compor uma guerra contra a invasão estrangeira do sexo, e impor uma modernização conservadora dos costumes, relacionando conceitos de controle social através de mecanismos de biopoder e biopolítica baseados na realidade, na vida, na “moral e bons costumes”, no progresso, no bem estar e na paz social.

¹ Cassandra Rios apud. PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas**. Sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p.191. Essa afirmação de Cassandra Rios foi o que me levou a estudar as questões aqui apresentadas. No livro, não há indicação de fonte em que proferira essa frase.

² Cassandra teve quase 40 títulos vetados pela ditadura e chegou a vender mais de 300 mil livros por ano. CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. São Paulo: Musa Ed., 2000. p. 189.

A indicação de temas/temáticas, pelos editores, desenhistas e roteiristas, com a categorização de expressões, nos mostram horizontes de tensão entre o normal e o anormal na composição de capas, artigos e reclames, em um processo que a identificação do leitor, em sua busca de ser reconhecido, faz com que tente se enquadrar nos padrões de consumidor e “homem moderno”. Como já havia apontado Simone de Beauvoir acerca do papel da mulher na sociedade, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, da mesma forma, o “ser homem” é uma condição criada histórica e socialmente para a afirmação das identidades, já que também não se nasce homem, torna-se um. Partimos da afirmação de que a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda uma vida.

Dessa forma, entendemos que o homem moderno foi transpassado pelos discursos da sociedade que lhe deram significados diversos, assim, esses discursos possuíam potência para definir os homens enquanto seres com qualidades relacionadas com a sexualidade. A partir dessas questões, pretendemos estudar a importância desses discursos como capacidade de delimitar a sexualidade de uma época, bem como os limites e entornos de um ideal de masculinidade.³

O novo campo na historiografia, que estuda as relações entre “História e Gênero”⁴, trouxe diversas contribuições aos historiadores que procuravam, há algum tempo, formas para a compreensão da configuração social da diferença sexual. Trata-se de um questionamento das raízes epistemológicas da distinção sexo/gênero na qual o próprio sexo aparece como construção cultural.⁵ Assim, novas definições que questionam as relações de gênero nos mostram que a existência de associação entre a subjetividade e as questões biopolíticas e ecopolíticas, na composição de gênero, como aponta Beatriz Preciado, devem ser questionadas, já que:

³ Pierre Bourdieu em **A Dominação Masculina** e os textos de Connel sobre a definição da masculinidade hegemônica nos ajudam a entender e a criticar as relações sobre o homem e os ideais de masculinidade.

⁴ Estudos de gênero é um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações de gênero - feminino, transgeneridade e masculino -, na cultura e nas sociedades humanas. A área de estudos surgiu nos EUA como desenvolvimento dos estudos feministas e pós-estruturalistas nos anos 1960, influenciados por Judith Butler e Michel Foucault, e a partir dos anos 1980, passa a agregar questões além do estudo da mulher, como masculinidade e identidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

⁵ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

O gênero (feminilidade / masculinidade) não é nem um conceito, nem uma ideologia, nem uma performance: se trata de uma ecologia política. A certeza de ser homem ou mulher é uma ficção somaticopolítica produzida por um conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais que fixam e delimitam nossas potencialidades somáticas funcionando como filtros que produzem distorções permanentes da realidade que nos rodeiam. O gênero funciona como um programa operativo através do qual se produzem percepções sensoriais que tomam a forma de afetos, desejos, ações, crenças, identidades. Um dos resultados característicos desta tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do eu sexual que aparece como uma realidade emocional evidente da consciência: <<Eu sou um homem>>, << Eu sou uma mulher >>, << Eu sou heterossexual>>, <<eu sou homossexual>> são algumas das formulações que condensam saberes específicos sobre si mesmo, atuando como núcleos biopolíticos e simbólicos duros em torno do qual é possível aglutinar todo um conjunto de práticas e discursos. A testosterona corresponde, junto com a oxitocina, a serotonina, a codeína, a cortisona, o estrogênio, o Omeprazol, etc. o conjunto de moléculas disponíveis hoje para fabricar a subjetividade e seus afetos.⁶

Nesse sentido, o estudo aqui nos mostra que, além destes aspectos químicos e psíquicos sobre a masculinidade, espera-se do homem, certo saberes e práticas. Duas guerras mundiais e diversos conflitos do período fizeram com que os homens vissem e vivessem a sua cultura e sexualidade de forma diferente das épocas anteriores, devido a uma mudança traumática que impuseram uma nova condição: a de que se se tornassem “novos homens”. O leitor desse período se identifica com o olhar fulminante da modelo da revista, que vê, assim como seu *voyeur*, um objeto a ser desejado e consumido. Dessa forma, para comprovar sua predileção pela masculinidade hegemônica, o homem deve usufruir da pornografia.⁷

Assim como aponta Michel Foucault no primeiro volume de **História da Sexualidade**, na sociedade Ocidental moderna, a sexualidade situa-se na configuração de uma *scientia sexualis* (ciência sexual) desenvolvida para dizer uma verdade no sexo, verdade entendida como construtora de normatividades (pelas formas de saber) e normalidades (pelas forças de poder). Essas normatividades aparecem na revista como forma de legitimá-la e legitimar seu discurso oficial de sexualidade e único sobre a masculinidade, ou seja, a revista erótico-pornográfica

⁶ PRECIADO, Beatriz. “Tecnogênero”. In: PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Ed Espasa Calpe, 2008. p. 84, tradução nossa.

⁷ A revista **Playboy** americana informou, em 2015, aos seus leitores que não mais publicarão nus femininos, apenas poses sensuais. Seguindo tendências de outras revistas do gênero, a partir de 2016, a revista **Penthouse** americana não mais publicará suas edições no formato impresso, contará apenas com sua versão online. No Brasil, em um processo de reestruturação e de mudanças na sua linha editorial, a revista **Playboy**, no ano de 2015 (ano em que completou 40 anos) deixou de ser publicada pela editora Abril para ser o primeiro projeto editorial da PBB Entertainment, empresa recém-criada.

dá, ao leitor, mecanismos para intervir e alterar a sua própria identidade. Da mesma forma, a normalidade, entendida como uma imposição, marcada pela tensão entre os dispositivos legais do governo e a visão da identidade individual, mostra um contraponto de poder, que tenta se apropriar e controlar o prazer do leitor, seja pela adição de leis para dificultar as publicações, seja pelo controle do que pode ou não ser publicado⁸.

Tais relações nos sugerem que a pornografia e o erotismo se tornaram uma constante guerra entre as forças de saber e as forças de poder. Essa problemática nos revela que os posicionamentos históricos, sociológicos e psicanalíticos, em relação ao masculino/feminino, nos remetem a perguntas que interferem no modo como entendemos e nos relacionamos com nosso mundo e nossa identidade sexual: “[...] Apelamos à anatomia, mas ela não é suficiente para nos proteger da questão ‘o que o Outro quer de mim?’”⁹.

Entre as formulações do eu, possíveis no período, para se tornar um determinado tipo de homem, como o *playboy*, por exemplo, é preciso muito talento, treinamento e dedicação em tempo integral. Há obrigação de trabalhar, consumir e divertir-se. A pornografia seria, neste aspecto, um importante elemento de identificação com esse universo masculino, já que ela veicula todas as informações necessárias para se tornar um *playboy*. Esse modo de vida está aliado às mudanças da vitória do Capitalismo sobre a vida, assim como nos mostra Guy Debord, em **A sociedade do espetáculo**:

Sua tese central é que na sociedade industrial moderna, na qual o capitalismo triunfou, e a classe operária foi (pelo menos temporariamente) derrotada, a alienação — ilusão da mentira convertida em verdade — monopolizou a vida social, transformando-a numa representação em que tudo o que é espontâneo, autêntico e genuíno — a verdade do humano — foi substituído pelo artificial e pelo falso. Nesse mundo, as coisas — mercadorias — passaram a ser os verdadeiros donos da vida, os amos que os seres humanos servem para assegurar a produção que enriquece os

⁸ Para entender melhor a questão, foram empreendidos estudos e leituras sobre a posição de teóricos questionados por Foucault sobre a “hipótese repressiva”, como Freud, Reich e Marcuse. Foucault desferiu críticas à psicanálise, mas se apropriou de aproximações com Freud, principalmente na fase dos estudos sobre a “estética da existência”.

⁹ POLI, Maria Cristina. **Feminino, Masculino**: A diferença sexual em psicanálise. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007 p.11. É preciso levar em consideração a importância do trabalho de Freud, com seus livros **A interpretação dos sonhos** (1900) e **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905), para o estudo sobre a sexualidade e o inconsciente, já que ele foi “[...] o único a efetuar uma síntese fecunda de todas as correntes para traduzir a evidência biológica numa nova linguagem conceitual”. ROUDINESCO, Élisabeth. Présentation. In: ELLENBERGER, Henri F. **Histoire de la découverte de l'inconscient**. Paris: Fayard, 1994. p. 25.

proprietários das máquinas e as indústrias que fabricam tais mercadorias. “O espetáculo”, diz Debord, “é a ditadura efetiva da ilusão na sociedade moderna” (proposição n.º 213).¹⁰

Os homens desse período encontram na pornografia uma realidade aquém da realidade social, dos problemas políticos e das mudanças culturais pensadas e produzidas pela esquerda. Um mundo no qual os homens e as mulheres seriam perfeitos em todos os sentidos (principalmente no quesito da beleza) e fosse possível adquirir todos os objetos supostamente necessários para viver uma vida plena, confortável e feliz. Mesmo os homens que não se identificam com esse artefato cultural - a revista erótico-pornográfica – acabaram por se identificar a partir dela, afirmando não gostar de pornografia; já que, sendo uma pessoa seguidora da religião, da “moral e dos bons costumes”, a sociedade o vê como um “homem de bem”, que contribui para a construção de uma vida voltada a aspectos de normalidade.

Os vários setores do Brasil neste momento não sabiam como agir em relação à nova pornografia, nem como ela seria sentida na cultura. Utilizando de categorias propostas por Michel Foucault, a de “deixar a nu”, ou seja, mostrar os jogos da verdade sobre o sexo, como apresenta em **A história da sexualidade**, demonstrar como autores, editoras, leitores foram mediadores que colocaram suas verdades, seus referenciais e seus interesses em primeiro plano na produção de um discurso sobre a masculinidade no Brasil. Ao estudarmos seus modos de produção, de leituras e de circulação, podemos perceber a necessidade da escolha de alguns jornais para compor a tese. Nesses periódicos ficaram expostas algumas fórmulas que rearticularam discursos proferidos, mostrando que não há uma memória homogênea, mas sim rupturas e permanências nessa guerra de definições.

Todo o material ali se torna discurso, desde o texto ao projeto gráfico (capas, imagens, iconografia, diagramação), assim como os processos de negociação, a conjunção de certos espaços discursivos e as representações da(s) identidade(s) brasileira(s) como produtos simbólicos em circulação. O que está em jogo é um

¹⁰ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.p.12. As diferenças entre as obras de Llosa e Debord podem assim ser resumidas: “A *civilização do espetáculo*, ao contrário [da *Sociedade do Espetáculo* de Debord], está cingida ao âmbito da cultura, não entendida como mero epifenômeno da vida econômica e social, mas como realidade autônoma, feita de ideias, valores estéticos e éticos, de obras artísticas e literárias que interagem com o restante da vida social e muitas vezes são a fonte, e não o reflexo, dos fenômenos sociais, econômicos, políticos e até religiosos.”

processo de reforma, de modernização. Os conteúdos das revistas demonstram dúvidas, reticências e hibridismos que revelam dificuldades, consensos, digressões e divergências da própria ideia de masculinidade e da sexualidade da sociedade brasileira.

A tese propõe que, para entender a construção das identidades, é necessária a análise desse grande número de fontes desprezadas por grande parte da academia, que fizeram parte do cotidiano de milhares de homens e mulheres, pois estes não só consumiram, mas interferiram no processo de composição, aceitação e circulação de diversos tipos de revistas. Formatos, qualidade de material, nível de informação e narração diferentes também podem ser notados. Dessa forma, podemos dividir em dois períodos o nosso objeto central: as décadas de 1960-1970, com discursos a respeito da pornografia – a partir de publicações sobre o sexo e revistas masculinas eróticas, veladas – e a década entre 1970-1980, com a abertura política que torna a produção mais *hardcore*.

A necessidade de se discutir a pornografia se deve, inicialmente, por ter sido parte de uma rede intensiva de discursos, relacionada a sistemas de prazer e poder, demonstrada a partir de seu lugar na sociedade brasileira, sendo por vezes, proibida, rearticulada e ressignificada durante toda a época da ditadura militar. Nesse sentido, a frase de Cassandra parece mostrar uma necessidade de delimitar um determinado discurso. Podemos observar que, desde a *Marcha da família*¹¹, assim como desde as discussões de vários grupos conservadores anteriores ao golpe de 1964, aliaram a pornografia a uma ideia comunista, na tentativa de dar mais ensejos para a contenção das mudanças políticas, culturais e sociais que estavam em ebulição e aconteceriam no país:

[...] Os opositores do governo Jango usaram referências simbólicas para caracterizar o “inimigo comunista”, como a alusão aos símbolos católicos, relacionando o comunismo à sombra, às trevas, ao medo e ao terror,

¹¹ Vários grupos sociais, incluindo o clero, o empresariado e setores políticos diversos, se organizaram em marchas, levando às ruas mais de um milhão de pessoas com o intuito de derrubar o governo Goulart. Faixas, cartazes e palavras de ordem alertavam sobre o perigo comunista: "Vermelho bom, só o batom", "Verde, amarelo, sem foice nem martelo". Ela foi organizada por grupos como Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), União Cívica Feminina (UCF), Fraterna Amizade Urbana e Rural, Sociedade Rural Brasileira, dentre outros grupos, recebendo também o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e do controverso Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES).

dizendo-o capaz de destruir os três pilares da sociedade livre: Deus, Pátria, Família.¹²

Do ponto de vista moral, a pornografia, assim como o comunismo, poderia acabar com a sociedade, sendo necessária a intervenção por parte do governo. Podemos perceber que essa disseminação de discursos contra e a favor da pornografia aconteceu de forma rápida, e fora discutida em toda a rede social da época. Revistas e jornais estamparam em suas páginas, tanto nas capas quanto em seus editoriais, a utilização de dados econômicos, discursos políticos e propagandas, no intuito de esclarecer para o público seu ponto de vista autorizado acerca da mulher, da política, da moral, do homem e do sexo.

Da mesma forma, através das cartas de leitores, as revistas deram voz às opiniões de grandes personalidades e de pessoas comuns. As imagens como capas, reclames e pôsteres das revistas nos ajudaram a perceber a fotografia como “imagem/documento”, ou seja, a materialidade passada – objetos, pessoas, lugares e as condições de vida, moda, infraestrutura urbana, condições de trabalho, etc. e como “imagem/monumento”, como um símbolo, daquilo que no passado, “a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro”¹³, mostrando que as fotografias das revistas possuíam uma determinada visão de mundo e se inseriram em meio a tensões sociais que envolviam texto e contexto:

Os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolvem, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um *locus* de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e por fim um significado aceito socialmente como válido, resultante do trabalho de investimento de sentido.¹⁴

Esses sentidos se mostraram de forma diversa. As multiplicidades de discursos se deram em um momento em que a indústria cultural começava a se instalar no

¹² PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise. ; QUADRAT, Samantha. (Orgs.) **A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina**, v.2– Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.75.

¹³ MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**, Rio de Janeiro-RJ, v.1. n.2., 1996, p.80.

¹⁴ MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**, Rio de Janeiro-RJ, v.1. n.2., 1996, p.80.

Brasil. Com a possibilidade de saber o que se passava no campo da sexualidade, editores, quadrinistas e leitores tentaram por várias vezes situar seu posicionamento sobre a situação do sexo no Brasil, tornando-o um problema a ser resolvido. Luiz Retamozo, quadrinista da editora Grafipar, relatou: “Estamos em 1978 e as frustrações políticas se somam às repressões sexuais. Uma geração castrada vai às bancas pegar o que perdeu nas escolas. O erotismo marca sua presença com firmeza, a chacota é eleita rainha da festa [...]”. E continua: “O sexo em quadrinhos até hoje descansou no leito dos preconceitos. Confundir erotismo com pornografia é uma das tônicas preferidas pelos donos da verdade”.¹⁵ Assim como o sexo, o erotismo e a pornografia, foram associadas à subversão¹⁶, já que nesse momento podemos perceber a mudança na percepção das ideias e discursos, principalmente as relacionadas com as reflexões da política de esquerda.¹⁷

Com a edição do Ato Institucional n. 5, pelo Presidente Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968, a censura se adensa, espalhando-se por todo o país e atingindo todos os meios de comunicação, mas, ao mesmo tempo, dando ensejo ao aparecimento de uma imprensa alternativa, como **O Pasquim**¹⁸ e, às vezes, publicações autorizadas pelo governo, como no campo da educação sexual, conforme aponta Zuenir Ventura, em **1968: o que fizemos de nós**:

Um passeio pelas livrarias do país em 68, tal como fizera Caetano pelas bancas de revistas em Alegria, Alegria, não chegou a reforçar essa impressão de que a nossa revolução sexual não começou na cama, mas nas prateleiras; pela teoria, antes prática. Em cada três livros, garantia uma pesquisa, pelo menos um tratava de questões sexuais. Em março, Carmen Silva constatava na revista Cláudia: "O sexo se converteu em tema de palestra, em diálogo social, em bate-papo em mesa de bar. [...] Saber se os estudantes tinham ou não direito à educação sexual nas escolas era uma questão nacional. Quando foi apresentado no Congresso um projeto prevendo a obrigatoriedade do ensino a revista Realidade, sensível termômetro das tendências da época, preparou uma grande pesquisa. "É tal a importância do assunto que ninguém, independentemente de sua idade, sexo ou estado civil, pode deixar as perguntas sem resposta." As

¹⁵ Revista **Eros-Quadrinhos Eróticos**. Editora Grafipar, Curitiba-PR, nº 01, 1978, p.2.

¹⁶ Foi dentro da Escola Superior de Guerra onde se formulou os princípios da Doutrina de Segurança Nacional e alguns dos seus subprodutos, como, por exemplo, o Serviço Nacional de Informações (SNI). Essa doutrina, que vira lei em 1968, com a publicação do decreto-lei no. 314/68, tinha como objetivo principal identificar e eliminar os “inimigos internos”, ou seja, todos aqueles que questionavam e criticavam o regime estabelecido.

¹⁷ O governo permitiu, pós-1964, durante um breve período, a publicação de alguns livros e revistas de esquerda que contestavam o golpe, como, por exemplo, da revista **Pif-Paf** (1964, por Millôr Fernandes), dos livros **O ato e o fato** (1964, de Carlos Heitor Cony), **Quarup** (1964, por Antônio Callado), **Senhor Embaixador** (1968, por Érico Veríssimo) etc.

¹⁸ BUZALAF, Márcia Neme. **A Censura no Pasquim** (1969-1975): As vozes não-silenciadas de uma geração. Tese de Doutorado. UNESP-Assis-SP, 2009.

resistências retrógradas exigiam curiosos álibis pedagógicos como estratégia de avanço. Para fazer passar o seu projeto na Comissão de Justiça, a autora, deputada Júlia Steimbruck, usou como recurso o argumento de que "os hippies e os homossexuais existem porque não tiveram educação sexual"¹⁹.

A partir de 1968, as bancas começariam a estampar, cada vez mais, revistas de cunho erótico e também pesquisas sobre o assunto, como a pílula anticoncepcional, o casamento, o sexo, as modalidades sexuais, as posições e suas variações. Tanto a grande imprensa, como a imprensa alternativa ajudariam a incorporar as discussões necessárias para o estabelecimento das confusões discursivas sobre a sexualidade no Brasil. Assim também, homossexuais, travestis e todo um universo desconhecido de sexualidades ganhavam visibilidade com o lançamento do jornal o **Lampião de Esquina**, por Aguinaldo Silva, em 1978, que nos deu uma ideia da zona cinzenta de discursos múltiplos:

Em abril de 1978, em conjunto com Peter Fry, Jean-Claude Bernardet, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan e outros artistas e intelectuais, Aguinaldo Silva lançou o primeiro número do jornal o Lampião, uma publicação inicialmente voltada para a defesa dos direitos das minorias em geral e que acabou por concentra-se especialmente na defesa dos direitos dos homossexuais. O nome da publicação em seu primeiro número, era Lampião de Esquina, uma referência tanto á vida das ruas, à vida noturna, como ao rei do cangaço – Virgulino Lampião. A edição era de dez mil exemplares e a publicação era vendida em todo o país²⁰.

Nesse momento iniciam-se discussões quanto aos problemas morais causados por outro tipo de periódico: a revista erótico-pornográfica, como as pequenas revistinhas de Carlos Zéfiro (década de 50 a 80), os chamados *catecismos*, os quadrinhos (HQ) e as revistas estilo **Playboy**, **Penthouse**, **Private** e **Hustler**. Diversas leis, normas e decretos foram produzidos pelo governo para o controle de sua produção, distribuição e consumo. Com isso, é grande o número de revistas que começaram a ser produzidas, direcionadas especificamente ao público masculino, como a revista **Fairplay** (1966), **Ele Ela** (1969), **Status** (1974), **Lui** (1974), **Homem** (1975), que fizeram nascer no Brasil a relação entre o erotismo e a masculinidade, criando uma rede de leitores-consumidores.

¹⁹ VENTURA, Zuenir. **1968: o que fizemos de nós**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil Ltda, 2008.

²⁰ REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência: Censura a Livros na Ditadura Militar**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011. p.79. Em 1964 publicou no jornal O Globo e durante a década de 70 atuou como colaborador nos jornais **Opinião** e **Movimento**, publicações de resistência à ditadura militar.

A consolidação desse tipo de revista se deu com o aparecimento de **A revista do Homem** (1975), futuramente revista **Playboy** (1978), lançada pela editora Abril que percebeu haver espaço para o lançamento de uma revista nos moldes da **Playboy** americana, já que havia um vácuo no mercado editorial para essa publicação, assim como um sentimento de abertura política. Acabou por se tornar a principal revista masculina voltada para a formação das identidades dos homens durante todo o resto do período militar e depois dele, em um sistema no qual seria o único tipo de revista realmente aceita pela grande maioria da sociedade.

Nesse permeio, surgiram no Brasil algumas editoras que seguiram um padrão diferente, incorporando outras discussões, e trouxeram novas formas de produzir erotismo e pornografia, como as editoras Edrel (1966-1975), em São Paulo-SP, e a Grafipar (1977-1984), em Curitiba-PR, que reuniram diversos artistas, desenhistas, roteiristas que misturaram, nas revistas em quadrinhos (HQ), altas doses de terror com grandes pitadas de erotismo e de ficção científica. Dessa forma, solidificava-se no Brasil, através dos editoriais de tais revistas, a discussão sobre o sexo, ficção e quadrinhos nacionais.

Como veremos neste trabalho, já nos primeiros números das edições das revistas se apresenta um novo projeto de masculinidade hegemônica. Em **A Revista do Homem**, de 1975, essa preocupação é evidente, assim como aponta o editor Victor Civita: “Uma Nova Revista. Um país novo. Um novo homem. [...] Nada disso quer dizer que a Revista *Homem* seja proibida às mulheres. Mas, elas que nos perdoem – desta vez a revista é sua, homem brasileiro”²¹. Isto demonstrava o lugar reservado apenas ao homem na revista, o que impôs, ainda, uma continuação dos rastros de uma sociedade desigual, patriarcal e machista. O escritor e jornalista Nelson Rodrigues mostra que o palavrão, por exemplo, tornou-se uma nova ação, um novo comportamento, e seu uso deveria ser vedado às mulheres:

[...] Eu me lembro da geração anterior. Havia uma cerimônia entre o brasileiro e o palavrão, havia como que uma solenidade recíproca. O palavrão tinha sua hora certa e dramática. Vejo hoje, meninas, senhoras, de boca suja e nas melhores famílias. Diria que o palavrão se instalou entre os usos mais amenos e familiares da cidade²².

²¹ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril, nº 1, Agosto de 1975. p.3.

²² RODRIGUES, Nelson. apud. PRIORE, Mary del. **Histórias Íntimas**. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p.176.

Esse “novo homem” nasce, portanto, durante esse período de grande crise política e social, da disputa entre um novo ideal de masculinidade e dos novos discursos sobre as mulheres, que começaram a tomar posicionamentos nada tradicionais. As mudanças podem ser observadas desde o golpe militar até à gradativa abertura política, e impuseram tensões e concorrências, bem como manifestaram novas definições de sexualidade, novos códigos de conduta e novas formas de se relacionar. Nesse momento é criada uma nova rede de discursos ficcionais, pseudocientíficos e científicos sobre o sexo e a masculinidade, na tentativa de definir o homem tal como ele é. Diante dessa análise, temos a necessidade de desconfiar da pretensa nitidez do significado da pornografia.

Esse problema pode ser visualizado em diversos jornais e revistas do período, que demonstraram estar lado a lado ao processo de abertura política, na tentativa de definir o erótico como aceitável e o pornográfico como não aceitável.

Devemos nos ater à existência dos diversos gêneros que investem na sexualidade, e saber distinguir escrita pornográfica, práticas verbais, “histórias obscenas”, canções lascivas, insultos e manuais de educação sexual. Saber que esses significados são históricos e diferentes dos termos que temos hoje, nos ajuda a entender melhor a situação. Erótico, pornográfico, obsceno, sensual, subversivo, erótico-pornográfico, pornográfico-erótico, sexo e amor, sexo pelo sexo, amor, masoquismo, sadomasoquismo, são palavras que instigaram discursos, regulamentações e novas formas do saber.

Diversos jornais, como a **Folha de S.Paulo**, **Estado de S. Paulo**, **Diário do Paraná**, **Estado do Paraná**, mostraram uma preocupação constante da Polícia Federal, que iniciaram uma caça da pornografia em todo território nacional, e dos diretores e professores que confiscavam essas revistinhas dos alunos, vendidas em qualquer banca de jornal. Em uma notícia do jornal **Diário do Paraná**, em setembro de 1971, com a chamada “Alerta contra pornografias”, mostrava que agentes da delegacia de Costumes de Curitiba estavam tentando dismantelar uma rede de traficantes de revistas pornográficas em estabelecimentos de ensino do grau colegial: “[...] Alegam os responsáveis por colégios e ginásios que seus estabelecimentos, nas últimas semanas estão sendo invadidos por revistas

pornográficas e eróticas. Alunos de **ambos os sexos**, cujas idades variam de 11 a 15 anos, eram vistos manuseando tais publicações clandestinas²³.

A partir dessas opiniões é possível constatar a tentativa de estabelecer uma diferenciação de leitores, seja em grau de competências de leituras, seja pelo sexo do leitor, ou ainda pela necessidade de consumo destes setores da sociedade. Com a necessidade de um discurso de controle, em busca de homogeneizar a masculinidade, no qual o homem aparece como peça fundamental na criação de uma identidade única, estável, de homem moderno, a “caça” à pornografia se tornou uma rotina nas escolas. As revistas eróticas e pornográficas eram parte de um conhecimento secreto do universo adulto masculino, do qual os jovens adolescentes e as mulheres não deveriam participar.

Nesse sentido, para desconfiar dessa aparente unidade discursiva, será necessária a utilização do estudo da genealogia foucaultiana, com a intenção de esclarecer e deixar a nu tais discursos. Da mesma forma, se quisermos desfazer a visão da identidade única e estável, devemos ver as diversas “pornografias” existentes, que nos mostram formas fragmentadas e múltiplas dos papéis definidos para o homem. Ele poderia ser visto como viril, como centro das histórias que o tomam como um herói, ou mesmo um homem comum, conhecedor da *psique* feminina, que às vezes é mostrado nos moldes da paródia, do riso e da comédia como uma pessoa simples, um aventureiro viajante, como ocorre nas narrativas de Carlos Zéfiro.

Com as mudanças editoriais da década de 70, além dessa definição do “homem macho”, chega ao Brasil o ideal estrangeiro de normalização do “homem moderno” a partir da revista **Playboy**, das quais, as grandes editoras adaptariam seu discurso, como aquele que seguiria a “Filosofia do *playboy*”, ou seja, um ser distinto, e com uma formação cultural diversificada, do qual ele é o especialista e consumidor que detém o saber sobre as melhores bebidas, as mulheres mais bonitas, os carros mais rápidos e confortáveis, os cigarros que dão maior prazer e as músicas mais

Cults:

“Temos sido acusados de liderança de um culto de irresponsabilidade e de contribuir para o declínio do mundo ocidental. Negamos isso.” Com essas palavras, surgia o primeiro artigo em série do diretor-editor Hugh Hefner, intitulado “A Filosofia do Playboy”. Isso foi em dezembro de 1962. Nos meses e anos que seguiriam, Hefner descrevia integralmente o que significa ser playboy, discutiria a diretriz editorial da revista e resumiria finalmente a

²³ Jornal **Diário do Paraná**. Curitiba-PR, Domingo, 5 de setembro de 1971, grifo nosso.

herança da repressão sexual suportada pela maioria dos americanos modernos. [...].²⁴

Com a abertura política e econômica, junto à consolidação de um mercado consumidor, chega ao Brasil uma expansão de discursos por ora contraditórios, demonstrando que “ser homem” é uma identidade móvel e flexível, cambiada, negociada, híbrida em diálogo entre tradição e modernidade, com a invasão estrangeira do sexo.

“Ser Homem” poderia, ainda, significar ser visto de forma exagerada, no qual o homem estaria resumido na luta em perseguir, conquistar e sanar o seu desejo através da ficção, através dos belos traços dos quadrinistas, em um mundo onde as mulheres são livres para sentir prazer, através de relações sexuais ou através de perversões sexuais²⁵. Nos quadrinhos, com uma pitada de cultura brasileira, misturados com os *mangás* japoneses, o homem seria um viciado em sexo, como está representado nas revistas em quadrinhos das editoras Edrel e Grafipar²⁶.

Esse leque de representações masculinas traz, através das revistas, informações importantes sobre as diferenciações sociais, e permite entender melhor os esforços de normatização e ressignificação, assim como as mudanças de convenções sobre sexualidade e gênero. A pornografia nos possibilita mostrar como a sociedade cria um complexo sistema de poder entre o agir, o ver, o ter prazer e o sentir. Isso já fora apontado por diversos historiadores, como Robert Darnton, este que deu à pornografia a atenção devida como um objeto legítimo de conhecimento²⁷. Assim, proporciona ao historiador o espaço para melhor compreender a sociedade, no sentido do que aponta Nuno Cesar Abreu:

²⁴ WALKER, Brooks R. **A nova imoralidade**. Arte Nova. Rio de Janeiro – Gb, 1974 p.152

²⁵ “Trata-se, com efeito, para ele [Freud], de se esforçar para dar conta da subjetivação problemática do sexo biológico por sua dramatização na dialética edipiana, do que vai resultar, em definitivo, a entrada do sujeito numa das categorias: neurose, psicose ou perversão”. MOTTA, Manoel Matos da. Apresentação. In: VALAS, Patric. **Freud e a perversão**. Reunião de textos de Manoel Bartos da Mota. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro – RJ, 1990 p.9.

²⁶ As obras como a de Gian Danton, DANTON, Gian. **GRAFIPAR a editora que saiu do eixo**. Kalako. São Paulo, 2012, e o livro do Gonçalves Junior, **Maria Erótica e o clamor do sexo**. Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar (1964/1985) fazem parte do acervo sobre as editoras Edrel e Grafipar. Em 2012 foi realizada a exposição “Tesouros da Grafipar” no Museu da Gravura de Curitiba.

²⁷ Entre seus livros sobre o assunto está **Boêmia Literária e Revolução, Edição e Sedição e Best-Sellers proibidos na França Pré-Revolucionária**, que ganhou, em 1995, o prêmio **National Book Critics Circle** na categoria de crítica.

Uma discussão sobre pornografia pode ganhar em consistência se for tratada como um item da história social, o que implica por um lado, situá-la como fenômeno psicológico (que pode ser entendido como impulso primal ou como sintoma de deformação) e, por outro, distinguir a produção e o consumo de material pornográfico como modalidades crescentes no mercado de bens culturais. A ampliação do espaço ocupado pela comercialização do obsceno não aconteceria sem a contrapartida do consumo, se não respondesse a uma “necessidade” do consumidor. Não se pode imputar apenas à engrenagem industrial a imposição de seus produtos²⁸.

Podemos perceber, diante disso, que a pornografia responde a certas necessidades dos leitores. Assim, como a mulher até então vista como o principal *nicho* para o consumo de produtos²⁹, as revistas voltadas para o público masculino começaram a utilizar a revista de variedades aliadas ao erotismo, no intuito de fisgar o homem para o universo capitalista: com a proposta de informações sobre carros, dinheiro, roupas, relógios e, claro, mulheres, deu ao homem um novo papel, o de consumidor dessa nova indústria cultural. Ao mesmo tempo, criavam-se novas redes de leitura, significação e interpretação destes textos, que extrapolavam a condição de homem consumidor para torná-lo produtor de discursos. Além de possuir coisas, o homem deveria cuidar de si, através da inspiração de práticas relacionadas nos artigos das revistas. Este se torna, então, um manual de *como ser homem*.

As discussões sobre o sexo que antes ficavam presas ao campo privado, à casa, ao quarto do casal (quando ocorria), agora poderia ser folheada em uma revista de uma banca de jornal. Estava aos olhos do público, possível de ser adquirido em meio às ruas. Eram páginas que misturavam mulheres nuas e saber-sexual, através de pesquisas científicas. Espiar esses problemas, esses lugares, esses interesses, levou muitos homens a comprá-las, na tentativa de desvendar seus segredos, suas palavras escondidas, seus gestos esquecidos e práticas veladas.

Ao lado disso, o momento da produção dessas revistas se funde, até certo ponto, com diversos acontecimentos políticos e culturais que eclodiram em 1968, “O ano que não terminou”³⁰, ano turbulento, com o assassinato de Martin Luther King e de Robert Kennedy, além de inúmeras manifestações, sobretudo estudantis, contra

²⁸ ABREU, Nuno César. **O Olhar Pornô: A Representação do Obsceno no Cinema e no Vídeo**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.42.

²⁹ COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo: as representações femininas na Revista Claudia (1961 – 1985)** /Maria Paula Costa. Assis, 2008, 234 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

³⁰ VENTURA, Zuenir. **1968. O ano que não terminou**. São Paulo, Planeta do Brasil, 2008.

a Guerra do Vietnã e contra os regimes autoritários vigentes em diversos países do mundo, especialmente na América Latina. No Brasil, o ano foi marcado pela instituição do AI-5 pelo então Presidente Costa e Silva, com a censura aos impressos, mas também marcado pelo processo de modernização dos costumes, haja vista que outros países também questionavam os limites da sexualidade, devido a movimentos sociais:

Quanto às formas diretas de ação cultural, o regime combinou uma política cultural repressiva e, sobretudo nos anos 1970, uma política cultural proativa. O tripé repressivo do regime era formado pela combinação de produção de informações, vigilância-repressão policial a cargo das Delegacias de Ordem Política e Social (Dops), das inteligências militares e do sistema Codi/DOI (Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações e Informações) e censura, a cargo da Divisão e Serviços de Censura às Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal (DPF/DCCDP) e do Gabinete do Ministério da Justiça, especificamente no caso do controle da imprensa. As três pontas atuaram sobre a área cultural, produzindo suspeitas e impondo silêncio sobre certos temas e abordagens.³¹

A pornografia é o que colocaria em ordem toda essa diversidade heterogênea de discursos sexuais. Por essa razão, nosso foco reside nas primeiras edições das revistas erótico-pornográficas, para que possamos desconfiar das pretensas certezas de ambos os lugares de emergência de discursos e fazer aparecer o outro lugar sobre o papel da identidade³².

“Escarafunchar” a pornografia nos dá a oportunidade de ir aos documentos que não estão em todas as bibliotecas, nem nos arquivos, e, se estão, não ficam às vistas dos pesquisadores, como: revistas voltadas ao público masculino, produtos eróticos, discursos transgressivos, práticas sexuais “bizarras”, imagens eróticas e pornográficas considerados por muitos um material do qual o historiador não deveria fazer uso. No caso da imagem fotográfica, concordamos com Kossoy quando diz que a fotografia teria duas realidades. É preciso identificar o seu conteúdo, essas

³¹ NAPOLITANO, Marcos. 1964. A história do Regime Militar. 1. Ed. – São Paulo: Contexto, 2014 p.99-100.

³² Nesse sentido, se suspendermos, por um instante, a pornografia como categoria, por mais breve que seja, fará com que desapareça toda a forma de interdição ao permitido em relação ao sexo. As representações, as falas, as imagens, o palavrão, os corpos poderiam, enfim, serem naturalizados, deixados a nu, abertos ao discurso livre. A sociedade sem o controle, sem o poder de impor aos corpos que se vistam, aos discursos se cessem, que desapareçam seus silêncios e toda a neutralidade de uma população de acontecimentos discursivos, cria certo desconforto moral. Os corpos poderiam ser transgredidos para o além, no limite de onde não pode existir. Poderiam ser rasgados, mutilados, terem, em seu fim maior, um lugar de realização fora do poder. Esse papel de desordem do discurso coube à pornografia.

cenar congeladas no tempo e espaço, ao qual o testemunho, que é a realidade exterior, seria sua segunda realidade. A outra, a realidade interior, ou primeira realidade, é a que não está presente, mas é intuída – a história do tema, da situação, a criação da imagem, essa mais difícil de realizar pela dificuldade de encontrar os fotógrafos das revistas, ou a produção das mesmas. Mergulhamos no seu conteúdo, imaginando os fatos e as circunstâncias que acarretaram a cena, o contexto que foi representado.³³

O caráter indicial e iconográfico da fotografia não podem ser entendidos isoladamente, mas devem ser vinculados ao processo de construção da representação. Esta é dada pelo processo de criação do fotógrafo, pelo uso dado à fotografia e pelas diferentes leituras dos receptores. Das realidades da imagem fotográfica, apenas a segunda é explícita, a iconográfica. O processo de reconstrução dela se dá através de imagens mentais, de conceitos do autor da representação e do observador que a interpreta segundo seu repertório cultural. Como aponta Kossoy, “[...] o signo, por um lado, é produto de uma construção/invenção, enquanto que a interpretação, não raro, desliza entre a realidade e a ficção. Tratam de processos de construção de realidades”.³⁴

Podemos observar também a importância dada à historiografia do período, que enfoca principalmente os estudos sobre repressão e censura, das Instituições, do exército, da função pública, da burocracia e assim por diante, no tipo de pessoas a que se dirigem ou ideologias elaboradas para justificar ou legitimar o papel do Estado, ficando as suas pesquisas quase em sua totalidade neste tipo de abordagem:

[...] o próprio termo “pornografia” designa uma realidade sobre a qual todos pensam não haver mistério algum: se a “sexualidade” se beneficia da aura de um autêntico problema filosófico, se o “erotismo” dá testemunho de um elevado grau de civilização, a pornografia é tida na conta daquela que remete o homem àquilo que ele tem de mais evidente e de mais elementar. Uma demonstração disso é o caráter eminentemente pejorativo do adjetivo “pornográfico”, cuja utilização basta para desqualificar tudo aquilo a que ela esteja associado. Assim como a palavra “panaceia”, que só é utilizada para

³³ Vale salientar que “o texto escrito tem uma presença visual assim como a imagem: a página impressa é visualizada como quadro tanto quanto a imagem” assim o ato de ler um documento para o historiador, ganhou um caráter diversificado e as contribuições da semiótica auxiliam a perceber a existência simultânea de uma diversidade de linguagens que se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. Para a questão, indicamos o texto: MARIN, Louis. Ler um Quadro – Uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger (org.), **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

³⁴ KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Ateliê Ed., São Paulo, 1999.

dizer que algo não é único, a pornografia serve sistematicamente de polarização.³⁵

No contato com as fontes, fica evidente que existia certa liberdade de publicar textos eróticos ou pornográficos, seja de forma “legal” ao passar pela Censura, através de um processo de negociação diretamente com os agentes, por meio de jantares e conversas, ou de meios “ilícitos”, como o envio de um material e publicação de outro em seu lugar, ou simplesmente como fez Carlos Zéfiro, através de um pseudônimo.

Isso nos mostra que estudar apenas uma revista para compreender o período talvez não dê embasamento para entender essa “episteme pornográfica”³⁶. Por essa razão, entendemos que estudar os discursos sobre a pornografia ajudaram a montar um painel sobre, não somente o que queriam a elite ou o povo, ou mesmo o governo, mas mostrar, como fez o filósofo historiador Michel Foucault, os diversos aspectos da vida moderna.³⁷

O olhar crítico sobre o período estudado mostra que os diálogos entre as variadas fontes apresentam mais dimensões para o trabalho historiográfico. A presente pesquisa evidencia a preocupação, cada vez mais recente, de se remeter à pornografia como um discurso consolidado, definido, o que, aqui, mostramos não ser. Tal discurso é fruto de uma suspensão do pensamento e, por este motivo, cada vez mais fadado a desencontros e indefinições. Portanto, faz-se necessária a delimitação de significados do erótico-pornográfico para os diversos grupos sociais. Colocar em questão as relações entre os diversos pontos de multiplicação de discursos sobre a pornografia é importante porque o posicionamento político (direita e esquerda) não eram o suficiente para um consenso sobre o que era pornografia ou, pelo menos, sobre o que ela deveria positivamente significar.

Preocupados, nesse sentido, em recuperar as diversas clivagens dos discursos do período para a construção de uma identidade masculina, foi necessário, além do

³⁵ MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

³⁶ A pesquisa nos fez levantar muitas questões relacionadas a normas, regras, que seria difícil não a preocupação do Estado com a forma de pensar e entender o pornográfico, como fica claro durante as análises das fontes.

³⁷ Para entender a sexualidade, o direito, a medicina, Foucault estudou suas formas e regulamentações, na busca por mostrar que o pensar sobre o diferente, o considerado anormal, pode ajudar a entender o “que somos”, “quem somos”, e o “que nós estamos nos tornando”.

uso dos periódicos³⁸, que eram mais acessíveis e tinham uma grande tiragem, outras fontes entre imagens, literatura e cinema que foram necessárias para entendermos as ligações entre esses diversos tipos de fontes. A revista trazia críticas, informações, alusões, interesses e qualificações de todo tipo, como influência de artistas, literatos e acadêmicos, sendo, portanto, necessário entender essas relações.

Para condensar a questão, apontamos que para entender essa identidade, que é formada por diversos elementos, às vezes conflitantes entre projeto e fato, entre discurso e prática, torna-se necessário discutir a afirmação de uma identidade nacional ou defini-la como um termo plural (Identidades). As identidades estão situadas em um “mosaico de afirmações e negociações”³⁹, não só com a produção nacional, mas também a nível internacional. Como podemos perceber, a pornografia hoje faz parte do cotidiano da sociedade brasileira e está situada em todas as esferas do cotidiano, tanto da vida pública, quanto da vida privada.⁴⁰

Dessa forma, podemos definir a masculinidade como as qualidades ou características consideradas típicas e necessárias para um homem.⁴¹ O termo pode ser usado para descrever qualquer humano, animal ou objeto que tenham a qualidade de ser masculino. Isso pode ser observado na história de Carlos Zéfiro,

³⁸ A partir das últimas décadas do século XX, começou a haver um debate acerca do uso de jornais e revistas como fontes de pesquisa para a escrita da história. Até então, os periódicos estiveram excluídos da historiografia por serem considerados representantes de ideologias e interesses políticos. No decorrer da década de 1970, segundo Tania Regina de Luca (2008), ainda existia uma relutância em escrever a história tendo os impressos como fontes, embora já houvesse um entendimento acerca de sua importância. LUCA, Tania Regina de. **A grande imprensa na primeira metade do século XX**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, 149-175.

³⁹ DaMATTA, Roberto. **Explorações**. Ensaios de Sociologia Interpretativa. Editora Rocco, Rio de Janeiro – RJ, 1986. P.18, grifo nosso.

⁴⁰ “[...] porém, voltemo-nos para o campo da sexualidade. Um dos lugares-comuns de hoje e que o chamado sexo “virtual”, ao “cibernético”, representa uma ruptura radical com o passado, uma vez que, nele, o contato sexual efetivo com o “outro real” perde terreno para o prazer masturbatório, cuja suporte integral é um outro virtual - O sexo por telefone, a pornografia, até o “sexo virtual” computadorizado [...] A resposta lacaniana a isso é que, primeiro, temos que denunciar o mito do “sexo real”, supostamente passível “antes” da chegada do sexo virtual: a tese de Lacan de que “não existe relação sexual” significa, precisamente, que a estrutura do ato sexual “real” (do ato praticado com um parceiro de carne e osso) já e intrinsecamente fantasmática, o corpo “real” do outro serve apenas de apoio para nossas projeções fantasmáticas. Em outras palavras, o “sexo virtual” em que uma luva simula os estímulos do que se vê na tela, e assim por diante, não é uma distorção monstruosa do sexo real, mas simplesmente torna manifesta sua estrutura fantasmática subjacente.” ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia** / Theodor W. Adorno. et. al. organização Slavoj Zizek; tradução Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.8.

⁴¹ A este respeito, conferir: CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013.

“Vida, Paixão e Morte de um Sofá”⁴², em que o sofá narra sua própria história sobre todos os lugares onde esteve. O interessante, neste caso, é que ele sempre se refere ao sofá no masculino: “Quanta bunda boa sentou na minha mola máscula”. A narrativa se desenvolve de maneira a situar uma série de relações sexuais em cima dele: prostitutas, moças virgens, médicos e clientes, tios e sobrinhas, empregadas, irmãos e irmãs.

Essa orgia descrita, assim como em muitas outras práticas em textos de nossa cultura, exalta as características básicas da masculinidade, que impõe um determinado discurso do qual nenhum homem deve escapar, no qual incluem em suas características as capacidades físicas (a força), a coragem, a maestria, a honra e a liderança. Dessa forma, o masculino (o homem viril) entrou em crise e já não é mais a ele permitido o espaço para se expressar de uma forma diferente, sendo taxado de doente, broxa, imbecil ou “afeminado”. Não pode, assim, ser considerado homem.⁴³

Com isso, o conceito acabou por criar divisões entre o masculino e feminino, divisões essas que ainda insistem em permanecer em nossa sociedade. Nas análises, no objetivo e nos projetos das revistas eróticas, fica evidente que as mesmas eram lidas e consumidas pela comunidade homoerótica, adolescentes e mulheres que discutiam, através das seções de cartas aos leitores, a definição de homem. Assim, ao contrário do que se afirma, a revista, apesar de ser voltada ao público masculino, era consumida pelo público em geral.

Os homens que se identificaram com tais revistinhas, estabeleceram subjetividades a partir de uma luta de poderes. Tal abordagem está interligada ao processo de afirmação das identidades, que nos leva a pensar sobre o real poder do sexo verdadeiro:

Será que precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo? Com uma constância que beira a teimosia, as sociedades de Ocidente moderno responderam afirmativamente. Fizeram circular obstinadamente essa

⁴² ZÉFIRO, Carlos. *Vida, Paixão e Morte de um Sofá*. In: D’ASSUNÇÃO, Otacílio. **O quadrinhos erótico de Carlos Zéfiro**. – Rio de Janeiro: 4ª. Ed. Record, 1987.

⁴³ CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.). **História da Virilidade**. São Paulo: Editora Vozes, 2013. Dividido em três volumes, História da Virilidade busca retratar um período esquecido da história. Os livros tratam de virilidade e não de masculinidade, pois, segundo os autores, quando se quer fazer a história de estruturas de origem arcaica, definidas pela desigualdade, somente há uma palavra, na nossa língua, que convém: “virilidade”. A virilidade, nessa linha de entendimento, é uma construção simbólica, inserida em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços.

questão do ‘verdadeiro sexo’ numa ordem de coisas em que se podia pensar que apenas a realidade do corpo e a intensidade dos prazeres contam.⁴⁴

Essa relação entre identidade e o “verdadeiro sexo” são importantes para a definição do limite, tanto quanto possível, do eu-sexual, e por essa razão destacamos a importância dos conceitos psicanalíticos de Freud e seus críticos, conforme aponta Peter Gay, em seu livro **Freud para historiadores**, sobre a necessidade de o historiador sair em busca de uma “História instruída pela psicanálise”.⁴⁵ A partir dessas considerações, observamos que as revistas erótico-pornográficas já haviam sido instauradas em vários países, como EUA, Inglaterra, Suécia, Holanda, Japão e México. Na sociedade ocidental, esse projeto global já se iniciara na década de 60, naquela que ficou conhecida como *Guerras Púbicas (Pubic Wars)*⁴⁶, uma guerra editorial entre as revistas **Playboy** (EUA, 1953) e **Penthouse** (Inglaterra, 1965, lançada depois nos EUA, em 1969) em torno das publicações consideradas eróticas ou pornográficas, os limites transpassados, o primeiro nu frontal, a primeira cena lésbica, o primeiro nu com e sem pelo pubiano.

Nesse encaixo, quando essa guerra chega ao Brasil, apenas a revista **Playboy** se torna o modelo para as outras revistas. O erotismo normalizado de **Playboy** torna-se o único aceito pela sociedade brasileira:

É preciso persuadir as pessoas a comprar. E é preciso, mais do que nunca, administrar os comportamentos para gerir a nova economia: reprogramar as pessoas. As pessoas, que terão, além do trabalho de ganhar dinheiro, o trabalho de gastá-lo, precisam ser treinadas para estas novas ocupações. O consumo é associado ao gozo e este roça no sexo. O fetiche de Marx se mistura ao de Freud. É nesse quadro que o playboy se faz modelo e sua promiscuidade sexual exemplar: aprende-se a desejar o desejo do outro.⁴⁷

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**. Ética, sexualidade, política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 p. 82.

⁴⁵ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. É preciso que recordemos o importante lembrete de Foucault, quando afirma que o grande escândalo promovido pela psicanálise foi não apenas falar de sexo, mas falar de sexo dentro de uma certa lógica, dentro de um certo aparato conceitual consistente. E é este aparato que, certamente, os detratores da psicanálise pretendem demolir. Lacan, por sua vez, valorizou enormemente o texto **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, que constitui em seu seminário uma das obras mais citadas. Para aprofundar o assunto, ver: GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

⁴⁶ Conferir a entrevista de Bob Guccione sobre as Guerras Púbicas. **Entrevista concedida a Anthony Haden-Guest**. Disponível em: <<http://nymag.com/nymetro/news/media/features/n_9815/>> Acessado em 18-01-2014.

⁴⁷ SAGGESE, Antonio Jose. **Imaginando a Mulher: Playboy, O Pôster e seus Desdobramentos**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 p.7.

Dessa forma, esse tipo de revista como fonte histórica cria discursos, seja através do uso de escritores, de imagens ou dos aspectos como produção, circulação e mesmo apropriação.⁴⁸ Isso nos leva a dois grupos de periódicos: as revistas consideradas eróticas e as revistas pornográficas. Apesar de não fazermos a distinção entre ambas, nesse período elas tinham um objetivo de classificação. Entre elas há tipos diferentes de formas, texturas, objetivos e público alvo. As formas de produção são diferenciadas, assim como a circulação entre as cidades e o significado para os leitores, produtores, desenhistas e escritores. Isso nos levou à escolha desses modelos que foram considerados pela sua repercussão, pelo número de vendas dessas revistas, suas particularidades e pelos grupos específicos de leitores:

[...] Logo, a atração suscitada pela revista como documento, tornou-a irresistível, conjunto lúdico que numa só publicação reúne texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos. Todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugerem indagações que prenunciam a carga de historicidade presente nas, hoje, velhas e amarelecidas publicações. Tem-se ali registro múltiplo, do textual ao iconográfico, do extra texto – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele dos consumidores. Texto, imagem, ilustrações, reclames e seções – em princípio, independentes de análise mais profunda -, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar.⁴⁹

Dessa forma, para contrastar com a visão moralista e normativa das revistas eróticas no modelo **Playboy**, propusemo-nos a estudar outro discurso, um discurso transgressor das histórias em quadrinhos (HQ). As histórias de Carlos Zéfiro e os quadrinhos da Editora Edrel/Grafipar aparecem como uma ferramenta ficcional importante, ao mostrar não ser necessário recorrer aos limites da realidade para criar novos discursos, ao contrário da fotografia, que impõe uma determinada “realidade”, a ferramenta ficcional dá aos quadrinhos, mais liberdade de criação,

⁴⁸ Pretendemos, a partir das análises críticas da revista como fonte, destacar seu papel como um produto cultural produzido por um determinado grupo de editores. Ao compreender a revista como um produto mercadológico entende-se que está inserida dentro do sistema capitalista, que visa ao lucro. Mas esta também abriria possibilidades para confissões dos desejos de seus leitores, sobre o que pensavam e queriam em relação ao sexo. Ao longo dos anos as revistas demonstram também as mulheres como imagens-mercadorias como sinal de felicidade. As mulheres se tornam o campo simbólico, de consumo rápido e descartável, as famosas “girl next door”.

⁴⁹ MARTINS, Ana Luiza. **Da fantasia à História**: folheando páginas revisteiras. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a03.pdf> Acessado em: 15/07/2014 p.60.

desenvolvimento e extremidades em seus discursos. Dessa forma, entendemos que as HQs se tornaram uma importante fonte.⁵⁰

Essas regulamentações também chegaram ao Brasil, mas entraram em guerra com as publicações de caráter “abrasileirado” com influências nipônicas, de Minami Keizi⁵¹ e Cláudio Seto⁵², que ganharam dinheiro com dezenas de títulos de vendagem expressiva e estabeleceram o estilo *mangá* no Brasil.⁵³ A editora Edrel, além de publicar 100% de material nacional, criou uma série de discussões sobre os quadrinhos nacionais, como se pode observar em seus editoriais. No livro de Gonçalo Jr., **Maria Erótica e o Clamor do sexo**⁵⁴, é contada tal história do *mangá* no Brasil. Os ilustradores Claudio Seto e Fernando Ikoma, por exemplo, criaram temas polêmicos, como a inclusão do incesto e lesbianismo nos quadrinhos, fizeram adaptações de escritores como Bocage e também de histórias infantis aliadas ao erotismo, e estabeleceram definições de sadomasoquismo e *bondage* com a famosa heroína Maria Erótica.

A partir destas contestações, para utilizar as HQs eróticas como um documento histórico é necessário reconstituir esse universo de heroínas sexuais e homens viris que tentam dominar o mundo e afirmar sua necessidade de “ser homem”. Além de considerá-la uma representação social, pudemos perceber o funcionamento desta fonte enquanto produtora de memórias. Ela se torna uma transgressora de discursos, por ser capaz de falar aquilo que não pode ser dito no público, e acaba por estabelecer as regras acerca de como o homem deveria ser. Diante disso, precisamos analisá-la enquanto linguagem e examinar seu(s) discurso(s): “[...] quais são, por que e para quem são produzidos, que projetos (políticos, sociais, culturais, econômicos) buscam tornar realidade e que memórias sociais buscam construir, reforçar ou silenciar”.⁵⁵

⁵⁰ Sobre o assunto: LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 88p. ; MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva 1977. 344 ; _____. **História da história em quadrinhos**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁵¹ Cf. **Minami em Close-Up - a Boca em Revista**. Gênero: Documentário. Sub-Gênero: Cultural. Diretor: Thiago Mendonça. Duração: 19 min. Ano: 2008 País: Brasil UF: SP.

⁵² Claudio Seto (1944-2008) descendente de japoneses, tendo se destacado nas áreas de artes plásticas, poesia, fotografia, animação cultural e bonsaísmo. Cf. **O Samurai de Curitiba**, Documentário. Direção: Rober Machado e Jose Padilha. Duração: 20 min, 2011.

⁵³ Eles chegaram a ter 40 títulos nas bancas no começo da década de 1970.

⁵⁴ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010.

⁵⁵ INSUELA, Júlia Bianchi. Apresentação. In: (Org.)**1º Seminário [recurso eletrônico] de Pós-graduandos em História da UFF** / organizado por Júlia Bianchi Reis Insuela, Marina Maria de Lira

A coexistência, no seio da sociedade brasileira, de vários discursos conflitantes, com uma produção discursiva em expansão e extremamente confusa em seus significados, evidencia certa preocupação com a invasão da sexualidade e da pornografia vinda do exterior. O erotismo e a pornografia influenciaram visivelmente as produções artísticas e culturais, e, por fim, fez com que tivessem “origem” as revistas ilustradas ao público masculino. A modernização deste tipo de periódico mudou com o tempo e fizeram com que se construísse uma nova visão sobre o homem brasileiro, conforme atesta a revista **Realidade**, em junho de 1968:

Francesas, inglesas, americanas, canadenses, italianas, alemães, japonesas e argentinas são oferecidas todo mês a um público que paga de 6 a 15 cruzeiros novos e cujas preferências seguem um critério bem simples: a melhor revista é a que tem mais mulheres. Para escolher, há umas trinta publicações – mais de 5 mil exemplares -. Trazendo em média entre 100 e 120 poses nas suas setenta ou oitenta páginas.

Nem sempre é fácil dizer o que é o que na enxurrada de títulos disponíveis numa banca. Para o Juizado de Menores de São Paulo, que de 1961 a 1966 proibiu a venda de 85 publicações, trata-se de literatura “altamente imoral, ofensiva aos bons costumes e de caráter obsceno”. Mas há quem prefira distinguir revistas eróticas e revistas pornográficas. “As primeiras”, diz o publicitário Roberto Duailibi, diretor da Standard Propaganda, “mostram a beleza, a nudez e a sensualidade num contexto de sofisticação e cultura. As outras exploram o erotismo sem inteligência nem bom gosto.”

⁵⁶

Essa distinção sempre remete a uma dissociação entre “beleza, nudez, sensualidade, sofisticação e cultura” e outra “sem inteligência, nem bom gosto”, ou seja, existe uma que é aceita pelas classes dirigentes, pela burguesia, e outra que é taxada, desqualificada, com o nome de “pornografia”, com um produto consumido apenas pelas classes populares. Muitas dessas revistas eram importadas, trazidas muitas vezes por contrabando⁵⁷, e feririam a moral e os bons costumes, consideradas revistas de “mal gosto”. Essa concepção de moralidade estava mais ligada a uma luta semântica e seus significados, do que apenas censura por parte

Rocha, Matheus Serva Pereira, Natália de Santanna Guerellus, Pedro Krause Ribeiro, Robertha Pedroso Triches. - Niterói, RJ: PPGHISTÓRIA-UFF, 2012. p.8, grifo nosso.

⁵⁶ **Revista Realidade**. Uma publicação da editora Abril. São Paulo-SP. Junho de 1968. p. 15.

⁵⁷ Em 1962, a pornografia já aparecia no Diário do Paraná, mas observamos que aparece com o nome de “livros pornográficos”, “literatura”, “livros obscenos”. Não diz se há revistas, ou mesmo se contém imagens em Pornografia Apreendida: “Grande quantidade de livros de matéria pornográfica foi apreendida pela policia, ontem em poder de Gecy Rodrigues da Silva (23 anos, procedente de São Paulo) e Luis Pinão (33 anos, da mesma procedência), os quais se encontravam, hospedados no Lord Motel e alegaram, em sua defesa, que apenas transportavam a {literatura} para Porto Alegre, em seu automóvel. [...] Foram indicados em inquérito policial, por determinação do delegado Paulo Sotto Maior Lagos, por comerciar com livros obscenos”. **Diário do Paraná**. Curitiba, Sábado, 18 de agosto de 1962.

do governo. Ao analisar as revistas pornográficas, os jornais, os documentos e a legislação, percebe-se que o governo não queria apenas proibir a pornografia, mas controlá-la. Intentavam a controlar suas imagens e seus discursos. Como mostram os documentos do boletim do SNI, a pornografia foi vista, controlada e selecionada bem de perto.

Com as novas tecnologias de impressão cada vez mais sofisticadas, os diversos modos de produzir pornografia dos vários países trouxeram ao Brasil uma modernidade globalizada, com influências de sexualidades, cores, imagens, estilos e visões de mundo ainda não conhecidas no país.

Entendemos que a proposição de um trabalho sobre periódicos, em um período tão extenso e que possui uma bibliografia tão ampla, poderia apresentar diversos problemas. Devido a isto, restringimo-nos às « primeiras edições » com o intuito de observar os projetos das revistas:

Tarefa bastante árdua, em que o historiador deve cumprir duas etapas: descobrir o periódico que lhe é útil e investigar nêle os elementos que lhe permitirão realizar uma análise crítica. Jacques Kayser propõe, como regras dessa análise, a investigação sobre a origem da informação que o periódico contém e sobre sua data. Recomenda, ainda, cuidado com as aspas, traduções, ilustrações (as mesmas servem, em publicações diferentes, para justificar afirmações contrárias), e confronto do periódico estudado com outros competidores da região, adversários e simpatizantes.⁵⁸

Seguindo os passos necessários, o trabalho apresentou uma grande gama de fontes, focados nos jornais, em primeiro momento, para melhor situar o lugar da pornografia na sociedade e o que ela escrevia e entendia como como pornográficas. Em um segundo momento, dedicamos as análises dos conteúdos das revistas, das mais *softcore* e depois as *hardcore*.⁵⁹ Dispersas em vários sebos, as revistas foram difíceis de obter, já que as mesmas não se encontram disponíveis em bibliotecas, sendo necessário o trabalho de busca e classificação dessas fontes, muitas vezes adquiridas a um alto preço na internet em sites como « mercadolibre » e « estante virtual ».

⁵⁸ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. "A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil". In: PAULA, Eurípedes Simões de. (Org.) **Anais do V Simpósio Nacional dos professores Universitários de História**. São Paulo. Seção Gráfica da FFLCH-USP, 1971, v. ii, p.220.

⁵⁹ A pesquisa resultou em uma grande dificuldade com as fontes, já que grande parte deste material não existe nas bibliotecas, tendo sido necessário recorrer, por diversas vezes, aos acervos particulares e aquisições via internet.

A busca do tema se iniciou com a leitura do processo da obra de Charles Baudelaire, no mestrado em Letras na UEL, que me fez pensar sobre a questão do erótico e do pornográfico, me levando a garimpar essas « terríveis fontes » e ficar em casa entre pilhas e pilhas de revistas pornográficas, sempre com medo do que um visitante poderia achar de tal montanha de inexplicáveis imagens de mulheres nuas das décadas de 60 a 80. Isso suscitou desde perguntas capciosas e curiosas sobre como eram as mulheres na época, como levou pessoas a fazerem piadas sobre o assunto, numa mistura de risos e desconfortos, devido ao efeito que a pornografia ainda hoje têm sobre as pessoas.

Desse modo, a tese foi adquirindo consistência a cada nova leitura de livros, fontes e artigos que foram sendo publicados nos últimos anos, sendo necessário delimitar o trabalho em três capítulos que me pareceu imporante destacar, puxando assim pela « linha vermelha da História », em um tradição ocidental do pensamento erótico-pornográfico de Sade, Baudelaire, Nietzsche e Sacher-Masoch.

No primeiro capítulo, **O lugar da pornografia na sociedade brasileira**, mostramos a dispersão dos discursos na rede social: jornais, revistas, documentos oficiais, legislação, livros de medicina e revistas diversas, e a articulação para a criação de uma « episteme pornográfica », considerada aqui como uma certa racionalização de como tratar a sexualidade e a masculinidade, dentro das transformações ocorridas no período estudado.

Para o segundo capítulo, **A pornografia normalizada : Playboy e as revistas masculinas**, nos pautamos em demonstrar o modo como a invasão estrangeira, pelas revistas *Playboy*, *Penthouse*, *Private* e *Hustler*, criou uma série de normalizações e transgressões do discurso pornográfico e instaurou uma nova rede de discursos sobre a sexualidade. De início, com a criação da versão brasileira de **Playboy** com o nome de **A Revista do Homem**, começou a aparecer um determinado discurso sobre o homem-moderno, uma nova forma de “ser homem” através de matérias, propagandas e opiniões dos leitores. Até a mudança do nome para **Playboy**, foi o modelo mais efetivo de revista erótica, que transformou o modo como vemos a masculinidade através do discurso heteronormativo.

No capítulo 3, **Desnudando a Ditadura Militar: O sexo hardcore e a transgressão dos discursos**, colocaremos um discurso mais próximo da pornografia consumida pelas classes populares, revistas em quadrinhos eróticos,

como os catecismos de Carlos Zéfiro, as publicações das editoras Edrel e Grafipar e as revistas de cunho *hardcore* como as fotonovelas. O grande catequista Zéfiro e seus herdeiros, através do dispositivo do anonimato, exerceu a função de autoria de sua obra e fez com que os brasileiros apreendessem mais sobre a sexualidade do que através da escola. Seu ideal de homem também abriu novos espaços para um modelo múltiplo de homem brasileiro, inclusive com histórias sobre o Brasil, incesto, ridicularização de heróis e personagens históricos, e do imaginário brasileiro, em uma relação de prazer e poder. Dos Almanques aos **Quadrinhos Eróticos**, as revistas *hardcore* trouxeram novas funções, táticas e estratégias que, através da ferramenta da ficção, criaram transgressões nos discursos misturando literatura, terror e psicologia ao erotismo e à pornografia, abrindo espaço para criar imagens como a **Maria Erótica** que disseminou um ideal sadomasoquista, de violência sexual e do sexo sem limites. E também as revistas cada vez mais *hardcore* que começaram a aparecer com a abertura política, como no caso das fotonovelas, que acabaram impactando a revolução sexual brasileira e consolidar discursos considerados pela sociedade como subversivos de sexualidade periférica. Nesse momento, as revistas entram em decadência e dariam lugar aos filmes explícitos, o que coloca fim à busca por uma identidade masculina através de revistas eróticas e pornográficas.

Nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** retomamos a afirmação inicial de Cassandra Rios e apresentamos um balanço dos principais problemas, bem como as soluções propostas.

CAPÍTULO 1 – O LUGAR DA PORNOGRAFIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Neste capítulo analisaremos o lugar da pornografia nos discursos da sociedade brasileira a partir de jornais, revistas, literatura médica, literatura pornográfica, legislação e artes. Discutiremos a modernidade conservadora e as afirmações das identidades masculinas. Como veremos a constituição e a construção dos gêneros e das sexualidades seguem determinadas normas sociais, a partir de aprendizagens e práticas, em situações diversas, e é produzida por operações explícitas ou implícitas entre as diversas instâncias do político, do cultural e do social. O processo é conduzido nos detalhes, nos recortes, e nunca termina. Instituições como a escola, a família, a igreja e as normas legais e médicas colaboraram para essa constituição. Apesar de que durante muito tempo, essas imposições eram consideradas absolutas, hoje entendemos que é uma guerra constante, uma guerra total e sem fim para definir os gêneros e as sexualidades.

1.1. As Guerras Públicas

Playboy, Penthouse, Peteca, Garotas e Piadas, Wish, Humor Negro, Ciência e Sexualidade, Seleções sexuais, RIRvistinha, Najara a filha de Drácula, Fan Magazine, Naturismo, Saúde e Nudismo, Mignon, Aconteceu, X-9, Repórter Policial, Ronda Noite, Gentleman, Detetive, Artistas Club, Humorismo, Hollywood, O Riso, a Caricatura, Risolândia, O.K. Risolândia, Rir Ilustrada, Seleções Rir Ilustrada, Você Sabia, Salões de Barbeiro, 3 Noites com Giulio Cesare, As Grandes Cortesãs, O cinto de Castidade da Bela Alice, Original, Xodó- quanto custa o prazer, Estórias Adultas, A Gatinha, Poranduba, Erótika, EleEla, Status, Mascarado Traçador, Class, Almanaque do Sexo, Homem Ninfetas, Fotos Eróticas de Playboy, Close, Careta, Sexo em quadrinhos, Elas & Elas, Playcolt, Shirley, Contos Eróticos, Assim não Brinco Mais, A primeira vez à Brasileira, Privé, Personal Humor, Exclusive, Sexy Comix, Relax, Taras Sexuais, Rose, Psiu!, Maria Erótica, Rudolf, Aventuras Eróticas, Festa, Transa Improvisada, Máxi Erótica, Diário Íntimo, Transa Ilustrada, Contos & Quadrinhos, Playgirl, Carol Blue, Moustache, Anal Sex, Malícia, Sacanagem em Quadrinhos, Sexo Explícito em Quadrinhos, Terror Especial, Revista Peteca.

Essas são algumas das publicações dentro e fora do regime do saber sexual, no período da ditadura militar, de 1964-1985. Paradoxalmente, há uma expansão do

universo pornô justamente no mesmo período em que se intensifica a repressão aos jornais e revistas. Com isso, demonstraremos que, no Brasil, em plena ditadura militar, ao contrário do que se encontra em alguns trabalhos, não foi um momento apenas repressivo. Naquele período há uma evidente proliferação da fala sobre o sexo, não só em jornais e revistas, mas em todo o corpo social, como no direito, na medicina, em uma multiplicidade de discursos – séries de mecanismos que funcionavam em diferentes instituições. Em relação a isso, podemos citar o livro sobre sexualidade: **Amor, sexo e erotismo**, publicado em Santo André, São Paulo, pela Casa Publicadora Brasileira em 1978, no qual o professor e médico Dr. Galdino Nunes Vieira faz um quadro geral sobre a inserção das revistas masculinas na sociedade brasileira:

[...] Uma revista de grande circulação discute se as moças devem usar pílulas contraceptivas e ter relações sexuais antes do casamento. Ainda que a maioria dos entrevistados foi contrária, (66%), é desolador, porém, que 34% dos que foram consultados se pronunciaram favoravelmente, influenciados pela onda malsã dos sexualistas “à outrance”. E as revistas mundanas erotizantes vão por esse mundo, insinuando, corrompendo, torpedeando os bons costumes em nome de uma “nova moralidade” em que a promiscuidade sexual se apresenta como desejável, no roteiro da sementeira malsã, com a colheita macabra dos filhos sem pai, das mães solteiras sem pão, jogadas aos azares da marginalização – preço exorbitante da reação do modernismo “aos tabus” do sexo.”⁶⁰

As repercussões das revistas ilustradas sobre os assuntos relacionados ao sexo se tornariam um constante problema a ser resolvido. Normas médicas discutidas no mesmo espaço que as heterogeneidades sexuais, o espanto e horror sobre as sexualidades periféricas, e o espaço do regime médico-sexual dão lugar a um intenso jogo de afirmações de verdades sobre o sexo. Segundo Foucault, deve-se: “[...] supor que as correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social.”⁶¹

Além do aparelho jurídico-discursivo para a promulgação de leis, para o controle da escrita através da repressão, devemos observar o meio onde se propagava a teia de discursos que se tornaram extremamente importantes para uma

⁶⁰ VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978 p.8.

⁶¹ Para entender melhor essa forma de analítica do poder, ler o quarto capítulo: *O dispositivo da sexualidade*, principalmente sobre o Método, do primeiro volume da História da Sexualidade. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988 p.104.

análise dos mecanismos intercruzados de poder, ou seja, ver como se apresentavam os discursos fora da realidade do poder institucional. Esse novo universo nos mostra uma zona estranhamente confusa, de discursos que começam a aparecer em decorrência, principalmente, da explosão de produções pornográficas independentes, de material publicado por pequenas editoras, e que, em um curto período, teve seus discursos comprados pelas grandes editoras Abril, Bloch e Três:

No momento do aparecimento da Edrel, o mapa das pequenas editoras paulistanas se dividia entre os bairros do Brás – onde ficavam a Novo Mundo e a Sublime – e a Liberdade, pontos da Bentivegna, GEP, Jotaesse, Taíka e Edrel. A La Selva funcionava na Vila Mariana. Entre a segunda metade da década de 1960 e o começo da seguinte, seriam fundadas somente na capital paulista, nada menos que 22 editoras de revistas em quadrinhos de pequeno porte, muitas delas em esquemas clandestino e marginal: Edições Dado, Confiança, Trieste, Jotaesse, Saber, Fase, Noblet, Roval, Dorcas, Catânia, Prelúdio, Linográfica, Maurício Uren, Ademar e Rangil, Arte & Comunicação, Regiarte, M&C, Espaço Tempo, Superplá, Kultus, Gorrión e Três, além da Edrel.⁶²

Essa coexistência entre diversas editoras, junto ao aumento dos discursos das revistas normalizantes, como a **Playboy** e os diversos quadrinhos publicados no período da ditadura, fizeram com que o sexo fosse encarado sob maneiras e enfoques diferentes. Entre a produção de discursos pornográficos que fizeram sucesso no Brasil, temos os pequenos catecismos de Carlos Zéfiro que criaram, não só uma cartilha de imagens pornográficas, mas novas estratégias discursivas, como, por exemplo, o anonimato. Esse tipo de produção trouxe uma nova forma de se relacionar com as revistas, o que proporcionou aos brasileiros algo mais do que apenas uma revista, servindo como um manual de como pensar e fazer o sexo, dando ao Brasil lugar para a discussão de sexualidades periféricas.

No Brasil, como em vários países do mundo, do mesmo modo como as revistas eróticas e pornográficas, os quadrinhos não eram vistos com bons olhos. Durante as décadas de 50 e 60 eram considerados um tipo de leitura ruim e prejudicial à formação intelectual. Um adulto que lesse quadrinho poderia ser concebido como portador de algum tipo de “problema mental”, ou mesmo como um “anormal”, de acordo com Will Eisner, em um trecho de seu livro, **Quadrinhos e Arte Sequencial**:

⁶² JUNIOR, Gonçalo. **Maria Erótica e o clamor do sexo**: Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande – Editoractiva, 2010.p.74.

Entre 1940 e o início da década de 1960, a indústria aceitava, comumente, o perfil do leitor de quadrinhos como o de uma “criança de 10 anos, do interior. Um adulto ler histórias em quadrinhos era considerado sinal de pouca inteligência. As editoras não estimulavam nem apoiavam nada além disso.”⁶³

O trabalho dos ilustradores, então, era classificado como um produto secundário e não se via arte naquilo que faziam. Padres, psiquiatras, políticos, jornalistas, professores, escritores e estudiosos foram categóricos ao alegar que os gibis eram responsáveis por vários males sociais e comportamentais, além de servirem como má influência às crianças e jovens. Sua leitura e conteúdo causavam desequilíbrio moral, preguiça e desinteresse das crianças por outras leituras. Nas escolas, os professores não aprovavam seu conteúdo e concordavam que esse tipo de leitura certamente atrapalharia o rendimento escolar.⁶⁴

Havia opiniões de que as histórias das HQ’s traziam mensagens subliminares, e que seriam responsáveis por disseminar “certas culturas estrangeiras” e pensamentos revolucionários, além de induzir ao crime, à prostituição e a pensamentos, comportamentos homossexuais e a masturbação.⁶⁵

Tanto quadrinhos, quanto as revistas pornográficas eram de difícil aquisição. Diante disso, seus leitores recorriam a todo tipo de estratégias clandestinas, desde clubes de leituras, coleções, compras às escondidas na banca de jornal, ou diretamente com o dono de banca, ou ainda por postagem via correios e até contrabando.

⁶³ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. P.138.

⁶⁴ VERGUEIRO, Waldomiro. **A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil**: a busca de um novo público. *ECA – Escola de Comunicação e Artes de São Paulo*. Disponível em: <www.eca.usp.br/gibiusp/VergueiroWaldomiro.pdf. > Acessado em 10 de março de 2015.

⁶⁵ “[...] Tampouco a masturbação satisfaz as exigências ideais da moral sexual civilizada, conseqüentemente levando os jovens a travar com os ideais da educação aqueles mesmos conflitos que procuravam evitar pela abstinência. Além disso, ela corrompe em mais de um sentido o caráter, por meio da indulgência. Em primeiro lugar, acostuma o indivíduo a atingir objetivos importantes sem esforço e pelos meios mais fáceis, e não através de uma ação vigorosa, ou seja, obedece ao princípio de que a sexualidade constitui o protótipo do comportamento. Em segundo lugar, nas fantasias que acompanham a satisfação o objeto sexual é levado a níveis de perfeição dificilmente encontrados na realidade. Um espirituoso escritor (Karl Kraus, no jornal vienense *Die Fackel*) expressou essa mesma verdade, invertendo os seus termos, numa cínica observação: ‘A copulação nada mais é do que um substituto insatisfatório da masturbação.’ FREUD, Sigmund. *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*.(1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1). p. 108-109

Diversas revistas não passavam do primeiro número ou não tinham sequências exatas. A numeração difícil ou almanaques que eram relançados com as mesmas histórias criavam frustrações em seus leitores. Através de uma pesquisa do **Ibope**, sobre circulação de revistas semanais, quinzenais e mensais, realizada na Guanabara, em 1969, é possível notar que o mercado já havia se tornado muito mais diversificado, começando a se especializar. Dentre as mais lidas, a revista **Pais & Filhos** estava em 1º lugar, a revista **Ele Ela** com 13% e a revista **Realidade** com 6% das revistas Mensais.⁶⁶

A revista **Ele Ela**, nascida em 1969, já aparecia entre as principais e se estabelecia em 2º lugar entre as mais vendidas. Além dos gibis, que não aparecem nessa pesquisa, e das fotonovelas, vários outros títulos novos estavam em circulação, a disputar a preferência dos leitores:

Em 1950 estavam registrados no país 1538 jornais, 777 revistas, 409 boletins e folhetos e 68 almanaques. Apresentavam-se com periodicidade diária de 230 jornais, 2 revistas e 16 boletins. Havia 1524 veículos com tiragens inferiores a 1000 exemplares, 919 com tiragens entre 10.000 e 200.000 exemplares e 8 com tiragens superiores a esse limite.

Em 1969, dispúnhamos de 1230 jornais e 490 revistas, o que demonstra uma redução provocada pelo desaparecimento de periódicos menores – os almanaques por exemplo, já começavam a extinguir-se. Essa redução continuou, de tal sorte que, em 1971, o total de jornais baixava para 991, ao passo que aumentava a participação dos diários, com 233 matutinos e 28 vespertinos. As revistas e outras publicações, inclusive as que não apresentavam periodicidade regular, somavam 1350 títulos registrados, sendo que mais da metade sem informações precisas.

A tiragem dos jornais era(m) bem maior que a das outras publicações periódicas: mais de 1,2 bilhões de exemplares, contra apenas 362 milhões respectivamente.⁶⁷

Essa mudança no cenário mercadológico dos periódicos ficou marcada pela separação das revistas que seriam publicadas especificamente para cada gênero. Isto gerou uma guerra sistemática de editoriais que demonstravam quem era o seu público, o que, dessa forma, marcava a sua identidade. A própria Editora Abril obteve bastante sucesso em dividir seus diversos segmentos, mas houve, também, alguns fracassos, como a revista **Nova Homem** (1985).

Do mesmo modo, as mudanças também aconteceram em torno das revistas femininas. Tradicionalmente contemplaram as mulheres com temas como o lar, a

⁶⁶ Cf. **Ibope**, Pesquisas Especiais, 1969, Arquivo Edgar Leuenroth, IFCH/UNICAMP.

⁶⁷ **BRASIL EM DADOS 75**. Publicação da Rio Gráfica Editora S.A. e Rede Globo. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1975 p.188.

moda, a beleza e o amor, enquanto as revistas masculinas se voltaram para o mundo exterior — e muitas vezes proibido — do sexo, do erotismo ou da pornografia.

Mas, neste novo momento, trata-se também de notar como o processo de emancipação da mulher, a chamada segunda onda feminista, nos anos 60, levou as revistas femininas a abordar novos temas como o trabalho, a vida sexual dentro e fora do lar e, até mesmo, a política.⁶⁸

Com novos padrões de comportamento, como a revolução sexual, o movimento hippie e o rock, abalam-se de forma concreta a tradicional estrutura familiar, assim como os discursos sobre a moral e os bons costumes, e também as construções identitárias do masculino e do feminino.

Além da dominação do discurso sobre o homem moderno, a discussão foi reconduzida pelas diferenças de cada revista, que se dividem em publicações voltadas para grupos sociais diferenciados, que explicita uma luta e redes de poder.⁶⁹

Assim, “[...] o poder é guerra, guerra prolongada por outros meios”.⁷⁰ Ou seja, o poder é luta, enfrentamento, disputa, relação de forças, estratégia, o qual tem por objetivo acumular vantagens e multiplicar benefícios. Portanto, é em termos de guerra que melhor podemos compreender o modo pelo qual se desdobra e se articula a extensa rede de poderes que atravessa o corpo social. A base das relações de poder seria o confronto belicoso das forças sociais em antagonismo constante:

Além da censura, a vigilância era um aspecto estratégico para o regime. Sua função central era produzir informações sobre pessoas, movimentos sociais, instituições e grupos políticos legais ou ilegais, evitando surpresas para o governo. Informações que poderiam, no futuro, produzir a culpabilidade dos vigiados. O eixo do sistema de informações era o Serviço

⁶⁸ MIRA, Maria Celeste. Constituição e segmentação do mercado de revistas no Brasil: o caso da Editora Abril. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8784daf924e0b3abe89731d16fcb0d00.PDF>. Acessado em: 22-03-2016. Nesse caso, observar a tese: COSTA, Maria Paula. Entre o sonho e o consumo: as representações femininas na Revista Claudia (1961 – 1985) / Maria Paula Costa. Assis, 2008, 234 f. (Tese).

⁶⁹ Na realidade, ‘o Poder’ não existe. Existem, sim, práticas ou relações de poder. Logo, este é algo que se exerce, que se efetua, que funciona em rede e que, portanto, deve ser entendido antes como uma tática, manobra ou estratégia, do que como uma coisa, um objeto ou bem. Em Vigiar e Punir, Foucault afirma que o estudo da microfísica do poder deve ser visto como uma estratégia.

⁷⁰ FOUCAULT, Michel. Genealogia e Poder. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 176.

Nacional de Informações, criado em junho de 1964. O SNI tinha um “único cliente”, conforme palavras do general Fiuza de Castro, o presidente da República. O Serviço tinha ramificações na máquina burocrática: as Divisões de Segurança e Informação (DSI) e também a Assessoria de Segurança e Informação (ASI), instalada em cada órgão importante da administração pública. Era uma estrutura informativa, mas não operativa, no sentido de combater diretamente a subversão.⁷¹

Na realidade, o que Foucault procurou fazer em **Vigiar e Punir** (com o estudo das instituições carcerárias) e em **A Vontade de Saber** (a partir do estudo da constituição da sexualidade) foi justamente mostrar que é um equívoco procurar qualificar o poder como fundamentalmente repressivo, que diz “não”, que castiga, que impõe limites, etc. Em oposição a essa concepção negativa do poder, característica das teorias dos filósofos do século XVIII, que identificam o poder com o Estado (ou o Estado como foco central do poder) e que o consideram essencialmente como aparelho repressivo, na medida em que seu modo de exercício sobre os cidadãos se daria essencialmente por meio de violência, de coerção, de opressão, da imposição de limites, etc., o Estado também pode criar positivities.

Como pudemos notar, o número de revistas legais, ou seja, registradas nos órgãos competentes, crescia a cada ano em número e também em quantidade de leitores, o que, cada vez mais, incorporavam outros setores da sociedade, como escritores, cartunistas, atrizes, atores, críticos, literatos e intelectuais.

A análise genealógica do poder se complementa com o estudo do poder disciplinar e, posteriormente, com a análise do biopoder⁷². A preocupação do governo passa a ser com as populações e não apenas com os indivíduos. Na tentativa de justificar a repressão, a pornografia começa a ser entendida como um problema de ordem policial e também médica, o que faz com que recebam *status* de doente as pessoas que se relacionam com a pornografia. O governo, então, age no intuito de defender a sociedade.

Ao analisar o período, constata-se que a pornografia, mesmo proibida, chegava a seus leitores, estes que eram alunos do Ensino Médio, em São Paulo,

⁷¹ NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014 p.131-132.

⁷² O biopoder, dentro da narrativa do poder em Foucault, pode ser apresentado a partir da comparação com o poder soberano. Dessa maneira, a “velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano” será agora recoberta pela “administração dos corpos [poder disciplinar] e pela gestão calculista da vida [biopoder]”.

conforme notícia publicada no jornal **Diário do Paraná**, em 1973, intitulada Pornografia Livros distribuídos pelo correio:

RIO, 30 (Meridional – DP – Via Telex) – Uma das maiores preocupações da Polícia Federal, tanto na Guanabara como de São Paulo, é localizar a gráfica onde estão sendo imprimidas grandes quantidades de livros pornográficos que estão sendo distribuídos entre os estudantes do nível médio por um sistema até então inédito: pelo correio, em forma de corrente. Além da distribuição destes livros, existem informações de que traficantes de drogas estão iniciando estudantes no vício, facilitando-lhes o uso de drogas caras.

Informam as autoridades que trabalham no desbaratamento desta rede, que os livros pornográficos, embora cheguem ao Rio procedentes de São Paulo, são de origem estrangeira e de ótima qualidade em termos de impressão. São a cores, e em geral apresentam em papel caríssimo somente encontrado na Europa. Os modelos fotográficos, que posam para estes livros, também são estrangeiros. Para dificultar o trabalho da polícia, estas publicações não são assinadas e quando isso acontece, os editores se declaram divulgadores do {{nu artístico em forma erótica}}.

Entendem as autoridades policiais, que exista uma quadrilha internacional do vício atrás disso tudo. A distribuição destes livros, seria apenas a primeira fase de um forte esquema de iniciação de novos viciados. Primeiro, um processo de excitação sexual através de revistas. Como as novas vítimas são quase todas adolescentes de idade de 15 a 17 anos, no máximo 20, após viciá-las na leitura destas pornografias, a segunda fase do esquema é colocada em ação com o uso de drogas leves. Estas drogas chegam às mãos dos estudantes de maneira facilitada.⁷³

Dos diversos motivos que encontramos para a preocupação do governo com a pornografia, os principais consistem, conforme analisaremos adiante, na possibilidade dela estar ligada a bandidos, ao comunismo como uma forma de subversão, ou mesmo com a direita através da visão de engenharia capitalista de alienar pessoa ou, ainda, transformada em um dispositivo para o discurso médico-sexual, facilitadora, como no caso apresentado acima, da criação de jovens viciados (adquirindo *status* de doente). E não era para menos! A sociedade brasileira, em meados dos anos 60 e 70, viu-se afundada no mar da pornografia. Livros, revistas e até mesmo o teatro se fizeram presente, contendo palavrões e mulheres nuas. Confusões cada vez mais evidentes já apareciam no limite entre o aceitável e o pornográfico numa linha tênue, como se pode perceber em relação aos jornais e revistas do período, como pesquisados no jornal o **Diário do Paraná**⁷⁴, de circulação em Curitiba e demais cidades do Paraná:

⁷³ Jornal **Diário do Paraná**. 30-08-1973 Pornografia. Livros distribuídos pelo correio.

⁷⁴ O jornal **Diário do Paraná** tivera sua primeira sede no edifício do Clube Curitibano, na Rua Barão do Rio Branco, onde também atuava a Agência Meridional, uma das agências de notícias também de propriedade de Assis Chateaubriand. Existiu por 28 anos até sua extinção em 1983 e foi comandado pelo jornalista Adherbal G. Stresser, filho do compositor Augusto Stresser.

[...] o novo curso da cultura de massa introduz no meio do setor informativo, com insistência cada vez maior, determinados esquemas e temas que ele faz triunfar no imaginário. Em outras palavras, a cultura de massa extravasa o imaginário e ganha a informação. Assim, a dramatização tende a preponderar sobre a informação propriamente dita... Fazendo vedete de tudo que diz respeito as próprias vedetes: suas conversas, beijos, confidências, disputas são transmitidas através dos artigos falatórios [fofocas], flashes, como se o leitor fosse o voyeur de um grande espetáculo, de um super show permanente, cujos deuses seriam os atores.⁷⁵

Nos jornais de Curitiba e São Paulo há uma intensa discussão sobre o lugar da pornografia na sociedade brasileira. Elas aparecem, em diversos momentos, em matérias sobre a “Invasão” da Pornografia em livros e revistas, e discorrem sobre a mudança nas ideias e comportamentos dos brasileiros ao terem contato com esse tipo de periódico.

Em 1967, Wilson Velloso, que na época era correspondente da **Folha**, escreveu diversos artigos e notas sobre a sexualidade estrangeira. Em uma resenha intitulada **EUA: SEIXOS MIUDOS**, aponta que a pornografia não era restrita apenas ao mercado masculino, mas também seguia a angariar mais grupos, como o das mulheres:

Pornografia faz justiça aos homens – Até agora, sempre que se vendiam estampas pornográficas, as figuras eram efetivamente (sic) femininas. Pois agora a policia de Washington acaba de apreender montes de fotos e multar os livreiros que as vendiam. A novidade é que se tratava de ilustrações de homens nus, mercadorias supostamente destina as damas.⁷⁶

A conclusão a que chegamos é que a pornografia seguia em direção a todos os gêneros e classes, como está explícito no conteúdo das revistas. Aqui, as ilustrações de homens nus eram direcionadas às mulheres. Com isso, sequer é mencionado no texto se tais fotografias poderiam ou não ser consumidas por outros homens.

Com o mercado amplo, a pornografia suscitava curiosidade, não apenas entre os diferentes sexos, mas também entre diversas faixas etárias e entre todos os credos. Da criança ao adolescente, do jovem ao idoso, do estudante colegial ao jovem universitário, a pornografia foi penetrando em todas as classes sociais e em todos os discursos proferidos. A universidade se tornou um lugar de contestação e

⁷⁵ MORIN, Edgard. **A cultura de Massas no século XX**. Forense, 1967, p.103-104.

⁷⁶ Jornal **Folha de S. Paulo**, 01/05/1967. Ilustrada p. 3.

ao mesmo tempo de conhecimento de si mesmo e do mundo, alguns se transformando em leitores assíduos dessas revistas, outros se aproximando com a política de esquerda:

As universidades tornaram-se lócus de uma cultura própria – aquilo que se chamou de uma cultura jovem transnacional –, bastante impactada pelas novas tecnologias de comunicação e pela nascente indústria cultural do cinema e da música, ainda em sua fase de vanguarda. Nesse ambiente confrontaram-se valores tradicionais e modernos no tocante aos comportamentos, conflitos geracionais e relações entre os sexos, como também se difundiram vários projetos de transformação da ordem social, em diferentes graus de radicalidade e abrangência. Nelas também repercutiram fortemente os sucessos das revoluções cubana e chinesa, bem como das lutas anticoloniais das nações africanas, asiáticas e latino-americanas, levando milhares de jovens ao redor do mundo a se identificarem, embora muitas vezes de forma difusa, com valores anticapitalistas e contrários à organização tecnocrática da sociedade.⁷⁷

Ao mesmo tempo, fora desse espaço, a modernidade tardava a chegar. Os conflitos de gerações e as novas perspectivas de discursos, ações e comportamentos afetavam os grupos mais conservadores, que insistiam em fazer prevalecer os valores tradicionais e admitiriam o mínimo de mudança, seja na questão política, seja na questão sexual. Em uma seção chamada “Fórum”, da versão brasileira da revista **Penthouse**, número 2 de 1982, o leitor C.C. de 57 anos, morador de São Paulo, descreve o relato feito por uma mulher chamada Sra. M.H., em uma seção de um número anterior da revista, no conto “A melhor oportunidade” que abordava suas experiências sexuais. Este leitor desacredita da história, pois algumas razões estariam fora de sua realidade:

Custo a acreditar que uma pessoa que trabalha num grande banco, é trilingue e foi educada dentro da moral cristã, que casou virgem e sempre foi fiel nos dez anos de casamento ao seu marido Diogo, se preste a esse tipo de aventura, cujo nome em moda é *ménage à trois*.

Não sou moralista nem porco chauvinista. Porém, com 57 anos de idade e bastante vivido, sei perfeitamente que nenhum casal bem-casado e que se respeite mutuamente aceitaria uma situação constrangedora como essa. Quando isso acontece, é porque a união de ambos está em declínio e o respeito mútuo acabou.

Que não me leve a mal esta senhora. Seu relato deixou-me bem excitado, mas no verdadeiro sentido da palavra. Talvez, devem repartir as despesas e, tenho certeza, não têm filhos. **Gostaria de entender o comportamento da sra. M.H., para convencer-me de que tudo aquilo é normal.**⁷⁸

⁷⁷ FERREIRA, Antonio Celso. A universidade nos tempos da Guerra Fria e da Ditadura Militar: contestação e repressão. In: VALLE, Maria Ribeiro do Valle [et al.] **Tenho algo a dizer** : memórias da Unesp na ditadura civil-militar (1964-1985) / Maria Ribeiro do Valle ... [et al.]. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.

⁷⁸ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar, Curitiba-PR. nº 2, 1982, p.8.

A relação entre o normal e o anormal não é uma visão fechada apenas ao controle dos discursos, pois os próprios leitores também criaram discursos normativos, como no caso acima sobre as práticas de *ménage à trois*. As reclamações de fundo moral eram frequentes, o que não ocasionava uma censura, mas sim pedidos de novas histórias, em geral que fossem mais próximas da realidade dos leitores, como veremos na seção de cartas das revistas. A ficção se entrelaça à realidade e esse é um dos grandes perigos, bem como uma das inovações da pornografia, já que leva os espíritos a sentir excitação.

No entanto, não é a sociedade toda que reagia de forma positiva às novas alternativas para a realidade. Parte desta reage negativamente às publicações, conforme podemos perceber na carta da senhora Maria Helena Marques Dip, endereçada ao governo militar, no dia 2 de março de 1977, solicitando censura das revistas **Manchete**, **Gente – Fatos e Fotos**, **Status**, **Homem** e **Ele Ela**:

Excelência:

Permita-me que, com toda reverência, dirija um apelo a Vossa Excelência. Um pedido de mulher brasileira, uma solicitação e mãe, uma súplica de quem enxerga com evidentíssima nitidez, a pornografia atentatória à instituição familiar.

Excelência, como explicaremos nossas pesadas responsabilidades ante Deus, pela corrupção de uma juventude, aturdida em face do carnaval de imoralidades a que somos, compungidos, obrigados a assistir diariamente?

É agora a vez de *Manchete*, nº 1298 e *Gente-Fatos e Fotos*, da mesma semana. Como poderia ter sido a vez de *Status*, *Homem* ou *Ele-Ela*.

Permita-me, Senhor ministro, salva revêntia (sic), indagar a Vossa Excelência da existência de lei ou decreto-lei sobre a circulação de matéria atentatória aos bons costumes. Por que não é aplicado ou aplicado para coibir os Abusos já dramáticos destas publicações?

Não olvidemos jamais, Senhor Ministro, que vivemos numa “guerra total, global e permanente” e o inimigo se vale do recurso da corrupção dos costumes para desmoralizar a juventude do País e tornar o Brasil um país sem moral e respeito aos olhos dos estrangeiros, no exterior.

Pedindo escusas pelo verdadeiro desabafo, acredite-me admiradora sincera da seriedade de sua atuação ministerial.⁷⁹

Esta é a imagem declarada em face à pornografia: “uma guerra total, global e permanente”. A invasão estrangeira do sexo havia chegado e se consolidado no Brasil, mas esta guerra seria utilizada na luta entre a modernização dos discursos sobre as identidades masculinas.

⁷⁹ REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência**. Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011 p.163. Anexo. Carta de 2 de março de 1977 solicitando censura das revistas **Manchete**, **Gente-Fatos e Fotos**, **Status**, **Homem** e **Ele-Ela**.

1.2. A modernidade conservadora: afirmação da(s) identidade(s) masculina(s)

A “Guerra do Sexo” está ligada a diversos discursos dispersos sobre a pornografia, emitidos através de jornais, revistas, leis e relatórios do SNI, na tentativa de controlar, vigiar e verificar os significados do que era considerado pornográfico. Nestes documentos e periódicos, afirmava-se que a pornografia não pertencia ao projeto modernista, como podemos perceber nos artigos dos jornais, nos discursos jurídicos e também da medicina. Estudar as formas de regularidade e outros tipos de relações entre os enunciados contribui para que se entenda o papel da pornografia na sociedade brasileira: “Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-los em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações.”⁸⁰

É nesse campo de correlações de forças que vemos que o poder está disperso em toda a sociedade. Recuperar as mudanças ocorridas no Brasil, bem como seus discursos e acontecimentos a partir da invasão de múltiplos pontos de discussão sobre erotismo, obscenidade, licenciosidade e pornografia, modifica a forma de entender a sexualidade. Esta problemática estava estampada nas principais revistas, como por exemplo, na revista **Realidade**, da Editora Abril, na edição de outubro de 1968, no artigo **A rebelião dos jovens**:

Afinal de contas, existe uma revolução sexual na juventude no Brasil? Os autores da pesquisa feita por REALIDADE em 1967 acham que, “para começar, essa revolução não tem a extensão da profundidade que às vezes se imagina”. Sua conclusão foi a seguinte: “O que a juventude quer não é um regime de licenciosidade, nem fazer do sexo a única finalidade da vida. Liberdade responsável e convicção pessoal contra tradição e formalismo, autenticidade e franqueza contra hipocrisia, sexo como um dos aspectos essenciais, mas apenas um dos aspectos da vida humana, e a unidade entre sexo e amor – é mais ou menos nesta direção que a juventude está avançando”.⁸¹

Cada vez mais, pesquisas de opinião e estudos sociológicos, psicanalíticos, históricos, biológicos determinavam que a Revolução Sexual, acontecida nos outros países, chegava ao Brasil. Mas era preciso que as mudanças acontecessem de uma

⁸⁰ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. (tradução de Luiz Felipe Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p.32.

⁸¹ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. Outubro de 1968. p.38.

forma muito lenta, de modo a não afetar a tradição e o conservadorismo da sociedade brasileira.⁸²

A paranoia de uma sociedade controlada pela pornografia fez com que os discursos fossem medidos e controlados, que passassem do livre discurso para a normalização. A preocupação constante com o aumento da erotização das propagandas de revistas e da TV fez com que a normalização fosse necessária, já que a produção cada vez maior de “revistas de mulher pelada” estaria ligada a problemas de “falta de informação” do povo. Assim, seria necessário intervir, “deixar falar” sobre o sexo, mas através de uma fala institucional, confessional atravessada pelas disciplinas, tanto científicas (Anatomia, Fisiologia) e filosóficas, quanto psicológicas, entre outras, conforme a fala do médico Galdino Vieira, por exemplo:

Com esta finalidade procuramos abordar o assunto [sexo] sob o ponto de vista científico (anatomia e fisiologia), filosófico (relativo à significação do sexo em face do destino do homem), psicológico (com referência às influências de ordem psicológicas sobre a reação e a prática sexual), social (com repercussão na vida em sociedade), moral e religioso, tendo em vista os elevados objetivos do sexo frente à personalidade e sua relação com o Criador e a vontade d’Este face à criatura humana. [...] Nosso objetivo é esclarecer os fatos, para que o leitor (a) tenha elementos para solucionar seus casos, na hipótese de que esteja incluído (a) no distúrbio descrito. [...] Todos os autores atribuem os distúrbios decorrentes do exercício sexual à ignorância das minúcias da anatomia e da fisiologia dos órgãos genitais. Daí nosso empenho em considerar esses assuntos.⁸³

Diante disso, esclarecer essas diferenças entre os saberes torna-se uma importante ferramenta na guerra do sexo verdadeiro. Caso o leitor “sofresse” de algum desses males, seria associado a um ser com distúrbios e declarado uma pessoa doente, que deveria, portanto, ser afastada dos demais.

A despeito disso, as revistas de mulher pelada fizeram com que existisse certa fascinação pelo corpo nu. A vida dos homens e das mulheres se viram transformadas. Tornaram-se sujeitos modernos, informados, com um novo componente em suas relações: a obrigatoriedade de se falar de sexo:

⁸² Na edição nº 72 de julho de 1981, a revista **Playboy** publicou uma entrevista da pesquisadora e então editora-chefe da Vozes, Rose Marie Muraro pelo editor Ruy Castro, que lançava seu livro: **A Sexualidade da Mulher Brasileira**, que foi resultado de uma pesquisa iniciada em 1979 e financiada pela Fundação Ford, entrevistou cerca de 1000 mulheres representativas de todas as classes sociais em três Estados Brasileiros e 200 maridos.

⁸³ VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978 (4 ed.) p.9-10.

[...] ao invés de partir de uma repressão geralmente aceita e de uma ignorância avaliada de acordo com o que supomos saber, é necessário considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder. É necessário(s) segui-los nas suas condições de surgimento e de funcionamento e procurar de que maneira se formam, em relação a eles, os fatos de interdição ou de ocultação que lhes são vinculados. Em suma, trata-se de definir as estratégias de poder imanentes a essa vontade de saber. E, no caso específico da sexualidade, constituir a “economia política” de uma vontade de saber.⁸⁴

Estas duas formas de poder, repressão pelo governo e publicação das revistas, contribuíram para deixar os discursos ainda mais conflituosos. Por um lado, há o controle da gerência de informações para a preservação dos moldes da moral e dos bons costumes, que deixa inalterados os discursos tradicionalistas; por outro, a expansão de um tipo diferente de poder, nascido não no centro, não de cima, mas de lugares múltiplos, entrando em choque com a legislação, com as normas médicas, com o conhecimento estabelecido pelo governo.

Em 1964, proliferam preocupações de que o comunismo iria ferir, de alguma forma, a moral e os bons costumes, através da invasão cultural estrangeira. Dessa forma, o apoio da sociedade ao combate a todas as formas de subversão, nos mostra algo já consolidado pela atual historiografia: o golpe tivera participação de vários setores da sociedade: da Igreja, da mídia e de outros setores.

Isso causou um impacto negativo, não só pela visão em relação à esquerda, mas por determinar a moralidade como um ponto importante no combate ao comunismo, em uma caçada à pornografia e aos quadrinhos de forma geral, principalmente em relação aos quadrinhos estrangeiros. Isso fez com que a ditadura, depois de instaurada, precisasse conter essa invasão. O próprio Jango ficou à mercê da paranoia católica anticomunista:

A resposta do presidente a esses ataques viria como crítica aos que “exploram os sentimentos cristãos do povo na mistificação de um anticomunismo” e na declaração de que “não podem ser levantados os rosários da fé contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade de suas esperanças”. Foi o bastante para que seus adversários se organizassem numa ação espetacular. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade seria um movimento de desagravo ao rosário insultado por João Goulart. Na verdade, as mulheres da Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), associação feminina do Rio de Janeiro,

⁸⁴ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 p.83.

chegaram mesmo a distorcer suas palavras, afirmando ter ele dito que “os terços e a macumba da Zona Sul não teriam poder sobre ele”.⁸⁵

Ao mesmo tempo, em 1964, foi criado o Serviço Nacional de Informações - SNI, mediante a Lei nº 4.341 cujo texto lhe atribuía a função de "superintender e coordenar as atividades de Informações e Contrainformações, em particular as que interessem à Segurança Nacional". O governo apresenta uma preocupação com a proliferação dos discursos produzidos, fugindo, assim, de sua alçada, e coloca a pornografia como um mal a ser observado.⁸⁶ Foi associada a uma tecnologia do sexo através da medicina das perversões e programas de eugenia, de modo que acaba por criar a figura do perverso sexual ao ligar a sexualidade periférica a uma condição patológica e até mesmo nociva à sociedade.

Em 1965 temos a **Lei de Publicações perniciosas aos jovens**– “Art.1 – É proibida a impressão e circulação de quaisquer publicações destinadas à infância ou à adolescência que contenham ou explorem temas de crimes, de terror ou de violência.”⁸⁷

A cultura brasileira estaria, a partir de então, vigiada pelos vários mecanismos e dispositivos criados pelo governo militar. O historiador Marcos Napolitano, em **1964: História do Regime Militar**, destaca três momentos repressivos da cultura brasileira durante esse período e os impactos do governo em relação a eles:

O primeiro momento repressivo ocorreu entre 1964 e 1968. O objetivo principal era dissolver as conexões entre a “cultura de esquerda” e as classes populares, estratégia manifestada no fechamento do CPC e do Iseb e dos movimentos de alfabetização de base. O controle e a perseguição à atividade intelectual escrita (imprensa) era feita, principalmente, via IPM (Inquéritos Policiais-Militares) e processos judiciais, implantando o chamado “terror cultural”, que transformava todos os intelectuais críticos em potenciais subversivos “inimigos da pátria”. [...] Esta perspectiva, alimentou a aliança de vários setores intelectuais – liberais, socialistas e comunistas –, reforçando uma cultura de oposição. Neste primeiro momento, a área mais visada pela censura era o teatro, menos pelo seu alcance social e mais pela sua capacidade de mobilização dos setores intelectuais de oposição.⁸⁸

⁸⁵ PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise. ; QUADRAT, Samantha. (Orgs.) **A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina**, v.2– Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 76.

⁸⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. A “Governamentalidade”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos. Vol. IV** Estratégia, Poder-Saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.; MARCELINO, Douglas Attila. **Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970/ Douglas Attila Marcelino**. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGHIS, 2006.

⁸⁷ BRASIL. **Lei de Publicações perniciosas aos jovens de outubro de 1965**.

⁸⁸ NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014 p.100.

Essa perseguição cultural, em um primeiro momento, fez com que diversos escritores associados à esquerda migrassem para o anonimato ou passassem a utilizar o pseudônimo como forma de publicação nas revistas eróticas. Isto se confirma pelos vetos a livros, que fora determinado pelos órgãos do Ministério da Justiça e que se caracterizou por uma clara ausência de parâmetros. Por tudo isto, vale a pena lembrar que a censura a livros, na época, é semelhante a uma modalidade de “terrorismo cultural”, expressão esta cunhada por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde). Ao mesmo tempo, para o emparelhamento por parte da dominação cultural, há a criação do grupo da **Tradição, Família e Propriedade** (TFP), por Plínio Corrêa de Oliveira, em 26 de outubro de 1960, que se lança na luta contra o comunismo, com foco na juventude. Além disso, há a criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), em 1961, e Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), ligado ao IPES, que foram os pilares para a articulação da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, em 31 de março de 1964, e fizeram com que essa relação se desse em toda a sociedade.⁸⁹

Neste primeiro momento repressivo, encontra-se entre as revistas eróticas a bem conhecida revista **Fairplay** (1966)⁹⁰, na qual notamos diversos autores, escritores e cartunistas conhecidos que ajudaram no estabelecimento de uma revista erótica. Para isso, fizeram uso de imagens com mulheres em poses de **pinups**, na busca de uma mudança cultural. Para a **Fairplay**, posaram atrizes como Leila Diniz, Vera Barreto Leite, Florinda Bolkan, Betty Faria e Odete Lara.

A cultura da sociedade brasileira começava a questionar o sistema vigente e pedia mudanças nas estruturas sociais, na área da política, da ação social, da música, e também no campo da sexualidade, como aponta Zuenir Ventura, no clássico **1968: O ano que não terminou**:

Os nossos "heróis" são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescerem. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandrê, viam Gláuber e Godard, andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária e não perdoavam

⁸⁹ Para o programa de Tv produzido pelo IPES, nomes como Carlos Lacerda, Gilberto Freyre, Rachel de Queiróz, o banqueiro Clemente Mariani, os deputados gaúchos Daniel Faraco e Raul Pilla, o proprietário do jornal **O Estado de S. Paulo**, Júlio Mesquita Filho, o presidente da Varing, Rubem Berta, e o prefeito de Porto Alegre, Loureiro da Silva.

⁹⁰ Ziraldo teve um importante papel tanto nesta revista como na revista **Homem** (futura **Playboy**) contribuindo com escritos, desenhos e charges.

os pais reais e ideológicos — por não terem evitado o golpe militar de 64. Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento.⁹¹

Por outro lado, o Estado agiu de forma a proteger a sociedade ao criar uma reorganização da ordem política. Ao gerar determinados dispositivos para frear a mudança moral e a proliferação dessas revistas, tem por intuito “defender a sociedade”, ou seja, criar aparatos de controle do discurso, como diz Foucault. A partir de 1968, a ditadura esteve em constante vigilância à imprensa e aos periódicos, controlando (de) sobremaneira a cultura do período:

O segundo momento repressivo vai de 1969 a 1978, e tinha como objetivo central reprimir o movimento da cultura como mobilizadora do radicalismo da classe média (principalmente dos estudantes). Nessa fase o regime se armou com novas leis, como a nova Lei de Censura, em novembro de 1968, que sistematizava a censura sobre obras teatrais e cinematográficas e criava o Conselho Superior de Censura, implantado efetivamente somente em 1979. O Decreto-Lei nº 1.077, de janeiro de 1970, instaurou a censura prévia sobre materiais impressos. A Polícia Federal, a partir de 1972, se reorganizou para aplicar a censura com mais eficiência, com a criação da Divisão de Censura de Diversões Públicas e a ampliação do seu corpo de censores. Para controlar a imprensa, havia os “bilhetinhos” que saíam do Serviço de Informação ao Gabinete do Ministro da Justiça (Sigab/MJ, criado em 1971) e a autocensura nas redações de periódicos da grande imprensa. Este segundo momento repressivo conviveu com o auge da política cultural proativa, expressada pela Política Nacional de Cultura, ambicioso plano que combinava mecenato oficial e normatização do campo cultural e suas instituições públicas, lançado em 1975 pelo MEC, dentro da estratégia da institucionalização do regime, conhecida genericamente como “abertura”.⁹²

Nesse período, podemos observar uma perseguição não só às revistas eróticas e pornográficas, mas também a outros veículos de imprensa. A editora Abril, que já contava com uma revista de variedades, como a **Realidade**, criou, em 1968, a revista **Veja**, que apesar de sua postura contestatória em seus primeiros números, abordava também notícias e importantes pesquisas sobre a sociedade brasileira, sendo observada de perto pelo governo, que impôs alguns cortes e censurou algumas matérias e temas, até a saída de Mino Carta:

Sobre este caso, Paolo Marconi comentou: “a censura prévia (em *Veja*) foi levantada definitivamente em 1976 após o afastamento de seu criador e diretor de redação, Mino Carta. De um lado estava a Editora Abril querendo um empréstimo do Governo Federal, e ver-se livre da incômoda censura.

⁹¹ Zuenir Ventura. **1968**: o que fizemos de nós. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil Ltda, 2008 p.4.

⁹² NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014 p.100-101.

Do outro, estava o governo desejando que a revista *Veja* fosse mais um modelo de bom comportamento, ou seja, que abandonasse o seu espírito crítico, cáustico, e perdesse sua postura independente”. Mino Carta contou que após várias negociações com Victor Civita e conversações com o ministro Armando Falcão ele decidiu que “continuará a fazê-la (*Veja*) como estava sendo feita, lutando para que sua interferência fosse a mínima possível.” Como isso não era possível, pois o governo queria uma revista menos agressiva, ele decidiu sair da Editora Abril e da direção do semanário. Depois deste ocorrido, o empréstimo acabou saindo para a Abril e a censura também.⁹³

As mudanças em relação à censura aos periódicos ainda estavam no começo.⁹⁴ A preocupação do governo em torno disto iria muito além da censura política, como no caso da *Veja*, e abriria um caminho sem volta no caso das revistas eróticas, estas que se tornaram uma preocupação constante da ditadura.

Com isso, em 1969, pela editora Três, surge a revista **Ele Ela**, que viria a assinar uma postura de certo modo científica, baseada principalmente na Psicologia e Psicanálise, com mistura de mulheres nuas e artigos de opinião, influenciada por uma revista alemã chamada **Jasmin**. Seria uma revista voltada para o casal e o casamento. Como era uma das fontes mais lidas no país, **Ele Ela** tornou-se um dos principais alvos do Estado. Desse modo, a partir de 1976, após uma série de mudanças na linha editorial, a revista torna-se adepta da visão *hardcore*, ou seja, mais “masculina”. Em suas reportagens, as fotos são mais eróticas para ser competitiva no *nicho* das revistas do tipo **Playboy**.

A preocupação do Estado, conforme mencionado, torna-se evidente com a apreensão de material das revistas, com a proibição de determinadas matérias e com a preocupação do SNI quanto às reportagens. Por conta disso, em 1970, muitas leis são criadas especificamente para o controle desse tipo de periódico. O decreto-lei nº 1077, mais conhecido como decreto Leila Diniz⁹⁵, de 26 de janeiro de 1970, declara:

⁹³ GAZZOTTI, Juliana, A revista *Veja* e o obstáculo da Censura. **REVISTA OLHAR** . ANO 03 . N 5-6 . JAN-DEZ/01. p.6.

⁹⁴ KLANOVICZ, Luciana. No olho do furacão: Revista *Veja*, Censura e Ditadura Militar (1968-1985). **Revista Literatura em Debate**, v. 4, n. 6, p. 34-50, jan.-jul., 2010.

⁹⁵ Conhecido como decreto Leila Diniz, devido a uma entrevista à Millor Fernandes ao Pasquim (1969), escandalizando a sociedade e o governo militar por seus inúmeros palavrões e suas posições avançadas sobre sexo e comportamento. Em 1971, grávida, mostra a barriga na praia, mudando a moda e os modos. No teatro rebolado, vestia-se de vedete, maiô cheio de plumas. Cf. GOLDENBERG, Mirian. **Toda Mulher é Meio Leila Diniz**. BestBolso, 2008.

CONSIDERANDO que essa norma visa a proteger a instituição família, preservar-lhe os valores éticos e assegurar a **formação sadia** e digna da mocidade;

[...] CONSIDERANDO que **o emprego desses meios de comunicação obedecem a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional;**

DECRETA:

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação. [...]⁹⁶

Diante disso, a revista **Realidade**, em seu número 10, tivera apreendida toda a sua edição, a partir do decreto lei 1077/69 e da Portaria 11-B⁹⁷, levando a diversos problemas de interpretação da Portaria, sendo necessária uma nova “Instrução” para esclarecer alguns pontos sobre os temas a serem censurados em seu artigo 1º, sendo isentas de verificação prévia as publicações e exteriorizações de caráter estritamente filosófico, científico, técnico e didático, “[...] bem como **as que não versarem temas referentes a sexo, moralidade pública e bons costumes.**”⁹⁸

Como se pode observar, essa preocupação fica expressa no teor da Instrução, e as confusões causadas prejudicaram diversas empresas do ramo. Durante todo o ano de 1970, essas portarias e instruções se fizeram necessárias para gerir a moralidade brasileira. Com a chegada e importação de livros e revistas com alto teor sexual, foi necessário que o governo se adaptasse, ora a relaxar prisões, ora a reinterpretar a lei.

Tudo isso está evidente já na Portaria 209, de 16 de março do mesmo ano:

[...] CONSIDERANDO os reclamos dos editores e importadores, que alegam elevados prejuízos e a imanência de perderem seus créditos, principalmente, do exterior, pela demora da liberação das publicações;
CONSIDERANDO a necessidade urgente de se estabelecer a uniformização dos critérios liberatórios das revistas que circulam o País, cuja matéria exterioriza manifestações de temas eróticos, de crimes de violência e de terror, através de textos e ilustrações;
CONSIDERANDO que essas publicações, inclusive as que se dedicam ao gênero de histórias de aventuras, despertam a imaginação dos jovens e adolescentes, podendo leva-los a reações puramente emocionais, denominadas pela “realidade” das cenas e pelo comportamento das personagens;

⁹⁶ BRASIL. Decreto-Lei nº 1077 de 26 de janeiro de 1970.

⁹⁷ Art. 1º - A divulgação de livros ou periódicos, no território nacional, fica subordinada à verificação prévia da existência de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes.

Art. 2º - Compete aos delegados regionais do Departamento da Polícia Federal proceder o exame dos livros e periódicos, para o fim do artigo anterior. Art. 3º - O autor, editor, distribuidor ou responsável não divulgará a publicação enquanto a autoridade competente não a houver liberado. [...] BRASIL. **Portaria 11-B**. 6/2/1970.

⁹⁸ **Instrução nº 1/1970.**

CONSIDERANDO ser dever do Estado, como mandatário da sociedade, disciplinar a distribuição e a difusão dessas publicações, de maneira a impedir que menores de idade tenham acesso às mesmas;

[...]

Art.1º - As publicações periódicas, ilustradas ou não, que contenham matéria que exteriorize manifestação de temas eróticos, de crimes, de violência, aventura amorosa, horror ou humorismo picante, destinadas a se comunicar com um público adulto, só poderão ser distribuídas aos postos de venda, ou encaminhadas aos seus assinantes, embaladas em material opaco, resistente e hermeticamente fechado.

[...] Parágrafo segundo – **Não serão toleradas quaisquer publicações que contenham matéria pornográfica, libidinosa, obscena ou sadomasoquista.** [...] ⁹⁹

Apesar de todas as instruções, editores e distribuidores acabaram por burlar a legislação. Para tanto, utilizam diversos recursos, como o de enviar o boneco de um jeito e publicar outro, ou então usar a capa de um e publicar outra revista. Para conter esses problemas, fora baixada, ainda, uma segunda **Instrução**, no dia 11 de dezembro de 1970, na qual em seu artigo 1º contava que: “[...] A verificação prévia de periódicos, prevista pelo Decreto-Lei nº 1077, far-se-á em exemplar já impresso com todas as características da publicação a ser exposta à venda pública.”¹⁰⁰

Conforme o exposto até aqui, a legislação, aos poucos, tenta se condicionar a indústria cultural e a inserção de novos produtos culturais, pois estes vêm do exterior e são, também, produzidos no Brasil. Com os quadrinhos ocorrera o mesmo problema, seja em relação à pornografia ou aos quadrinhos terror, como o **Código dos Quadrinhos** de 1971, da Associação de revistas em quadrinhos da América, **Código de regras editoriais**, ou mesmo a **Portaria 219** de 16 de abril de 1973, **Sobre publicações Nacionais ou Estrangeiras** até o **Projeto de lei de nacionalização dos quadrinhos** em 1979.

Essa dificuldade em relação à legislação vigente fez com que a conhecida revista **Playboy** americana não tivesse uma versão tupiniquim. Apesar das várias tentativas de implementação, apenas em 1975 a editora Abril conseguiu publicar uma versão brasileira da revista. A revista teve o título de “Revista do Homem” até que ser possível, em 1978, utilizar o nome **Playboy**.

Não sendo única preocupação da ditadura, a pornografia era apenas uma parte vigiada. A questão da normalidade é uma recorrência nos diversos discursos possíveis, desde obras públicas, à situação econômica. A relação entre normalidade

⁹⁹ BRASIL. **Portaria 209**, de 16 de março de 1970, grifo nosso.

¹⁰⁰ BRASIL. **Instrução nº 2** do dia 11 de dezembro de 1970.

e anormalidade é retomada em diversos tipos textos: políticos, médicos, sociológicos e psicanalíticos.

Representada talvez pela crescente onda de publicações de conteúdos obscenos, o terceiro e último momento repressivo culminaria em um plano da “moral e dos bons costumes”, que representaria a última fase. No entanto, ao invés de controle, acontece a proliferação de novas revistas, novos discursos, novas possibilidades:

O terceiro momento repressivo, de 1979 a 1985, teve como objetivo central controlar o processo de desagregação da ordem política e moral vigentes, estabelecendo limites de conteúdo e linguagem. A ênfase do controle censório recaiu “na moral e nos bons costumes”. Estava prevista também a implementação do Conselho Superior de Censura, espécie de instância revisora da censura com representantes da sociedade civil, visando dar uma roupagem “legítima” e “intelectualizada” para uma atividade muito malvista pelas parcelas escolarizadas da sociedade. No entanto, em linha gerais, o controle policial sobre a oposição cultural ao regime arrefeceu.¹⁰¹

Entre a liberdade e a censura, entre a moralidade e a repressão, a nova imoralidade que chega ao Brasil, vinda de fora, irrompe essa possibilidade do controle da palavra, e, por assim dizer, da pornografia. Diante disso, novos discursos sobre o homem e a mulher chegam para rearticular a identidade do brasileiro e a pornografia finalmente é consolidada no Brasil.

1.3. O homem entre a tradição e a modernidade.

A corrida pela definição do erótico e do pornográfico no Brasil está ligada, como percebemos, pelos diversos dispositivos de poder. Segundo Connell, “[...] para entendermos o gênero, precisamos constantemente ir além do gênero”.¹⁰² Devemos fugir de qualquer acusação binária ou reducionista ao estudar esse assunto a partir da multiplicidade da existência de diversas masculinidades e suas múltiplas composições.

Apesar do campo historiográfico das masculinidades ainda não ser totalmente constituído, pois ainda são poucos os textos versados sobre o assunto, e estes não possuem aprofundamento teórico e epistemológico suficiente, especialmente na

¹⁰¹ NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014 p.101.

¹⁰² CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.

historiografia brasileira e latino-americana, há certa unanimidade em afirmar que outros campos de estudos devem ser utilizados, estabelecendo principalmente o campo da psicologia e da psicanálise como suporte no que tange a sentimentos, pulsões, aflições, incoerências e inconsciente para a formação das identidades.

Os estudos da masculinidade estão ocorrendo desde as décadas de 50 e 60, e começaram a se estabelecer na década de 70, passando a ser difundidos da década de 80 em diante. A renovação no campo e na abordagem levou os estudos historiográficos a questionarem as mudanças principalmente a partir da ótica dos estudos feministas.¹⁰³ Com esses fatores, cresceu o número de homens dedicados à reflexão de sua própria existência. Segundo Giffin¹⁰⁴, nesse momento há um sentimento de culpa e arrependimento, e o homem é autoavaliado como opressor nas relações de gênero e poder. A violência entra como uma discussão privilegiada nessa ocasião, uma vez que é entendida como um poder coercitivo, utilizado pelos homens para construir suas identidades e reproduzirem sua supremacia dentre os gêneros.¹⁰⁵

E não poderia ser diferente! Afinal, para se construir um novo discurso sobre masculinidade, foi necessário buscar informações que nos ajudassem a desnudar, buscar as razões ocultas, do inconsciente, baseados principalmente no campo da Psicanálise de Freud. A tese freudiana do Complexo de Édipo foi (e ainda é) uma questão influente, criou a concepção de que a masculinidade é formada de acordo com as relações familiares, especialmente quando a criança deseja sexualmente o progenitor do sexo oposto e percebe o progenitor do mesmo sexo como seu rival. Nesta interpretação, o Complexo de Édipo só terá final quando o menino “reconhecer seu papel” e abrir mão do desejo pela mãe, tendo acesso ao mundo viril do pai e todas as demais mulheres¹⁰⁶:

:

¹⁰³ Os primeiros estudos feministas recusaram a participação dos homens e dos “*men studies*” – pois, além de estar se consolidando enquanto um campo delimitado – consideravam que os homens eram os únicos beneficiados pelo sistema de gênero, assim, não passíveis de serem estudados pela nova abordagem que pretendia dar voz às mulheres.

¹⁰⁴ GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de gênero**: contribuições de um sujeito histórico. 2005. Disponível em: <<

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/630/63010111.pdf>>> Acesso em 10-02-2016.

¹⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

¹⁰⁶ BADINTER, Elisabeth. **XY Sobre a Identidade Masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

As descobertas de Freud, começadas no fim do século passado, tiveram uma importância decisiva. Elas modificaram estranhamente a imagem que o homem se faz de si mesmo. A psicanálise substituiu o idealismo tradicional por uma representação mais modesta. Segundo ela, o impulso sexual começa com a vida. E as desordens que, desde a tenra infância, esse impulso nos impõe, têm consequência na vida adulta. Do berço ao leito de morte, a sexualidade está na base de uma agitação que a ingenuidade do pensamento comum, imbuído de idealismo, desconhece. A sexualidade não é, como foi apressadamente deduzido, o fundamento da vida humana: foi sem dúvida o *trabalho* que, desde a origem, diferenciou o homem do animal. Mas as mentiras do idealismo foram possíveis na medida em que uma humanidade cega negou os impulsos sexuais que, todavia, não haviam cessado de agitá-la profundamente. Os trabalhos de Freud permitiram saber que os impulsos sexuais se traduzem também em nossas aspirações elevadas: ele se exprimem, em particular, na religião e, finalmente, na arte e na literatura. Estamos assim, graças à psicanálise, nos antípodas da antiga maneira de ver, para a qual a sexualidade era a tara congênita de uma criatura que aspira à perfeição.¹⁰⁷

Para poder relacionar de maneira mais clara, podemos estabelecer algumas questões prévias, como por exemplo, a problemática do corpo, tanto masculino quanto feminino, estes que estão atravessados por mecanismos de controle social. As revistas eróticas e pornográficas se tornaram os ideais projetados por homens e mulheres para o corpo perfeito. Assim como o corpo, a mente e seu inconsciente se tornariam essenciais para a compreensão de si, através da sexualidade e dos estudos das pulsões:

Freud fala de uma “teoria da sexualidade”, na qual os autores só expunham longamente seus casos clínicos sem qualquer teorização a respeito deles. Antes de Freud, não há propriamente um conceito clínico sobre a sexualidade. A degenerescência de Krafft-Ebing e a psicologia associativa de Binet, que se opunha a ela, são duas concepções extremamente simplistas, que apenas aplicam a antiga dicotomia médica hereditário/adquirido aos problemas levantados pela sexualidade. Mas nenhum conceito emana dessas discussões que os sexólogos freudianos empreenderam. O mérito desses autores foi, em primeiro lugar, o de ter aberto o diálogo sobre a sexualidade para o campo da ciência, e em segundo, o de ter tornado evidente, com seus trabalhos, a enorme frequência das chamadas “aberrações sexuais”. Não é a toa que este é o título do primeiro ensaio que abre a obra de Freud, fazendo referência aos autores mais importantes de sua época que tratavam do assunto. É sobre eles que Freud vai instaurar um corte. Este corte é conceitual e tem um nome: pulsão.¹⁰⁸

Freud inovou no campo da sexualidade e, ao ligar a Psicanálise ao sexo, fez com que surgissem diversas críticas ao seu trabalho, principalmente nesse

¹⁰⁷ BATAILLE, Georges. A significação do erotismo. In: BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 p. 329.

¹⁰⁸ JORGE, Marco Antonio Coutinho. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). **Psychê** — Ano XI— nº 20 — São Paulo — jan-jun/2007 — p. 29-46. p.31

campo.¹⁰⁹ Ao pensar nesse sentido, a identidade, estudada pelos estudos históricos e sociológicos, também apontaram na direção da busca do reconhecimento de si e da identidade. Contudo, nas últimas décadas parece que a identidade se tornara uma obsessão aos estudos das Ciências Humanas. Dessa forma, estudos recentes, tal como articula Stuart Hall, em seu livro **A identidade cultural na pós-modernidade**:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade única e estável está se tornando fragmentado, composto não só de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes contraditórias ou não resolvidas. O processo de identificação, através do qual projetamos nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.¹¹⁰

Assim, podemos perceber que, além de instável, o sujeito se reconhece nos diversos papéis que a sociedade lhe confere, em que ele se pode se sentir pertencente a uma determinada identidade ou lhe posso ser imposto. Um exemplo nesse sentido é a propaganda da *Stop Fisioterapia para Cavalheiros* na **A revista do Homem**, nº 3 de outubro de 1975:

PARE, SE VOCÊ FOR HOMEM! Pare na Rua José Maria Lisboa, nº 1326, na Stop Fisioterapia para Cavalheiros e escolha o que quer fazer: massagem, sauna, hidro-massagem ou turbilhão. Enquanto uma equipe de massagistas especializadas descontraí você, ouça música suave em “hi-fi”. Antes de sair, estique até o american-bar ou use o serviço de restaurante. Um homem descontraído vale por dois”.¹¹¹

A ideia “Se você for homem” está amplamente trabalhada nas propagandas dessas revistas. Se você é Homem faça isso, faça aquilo, compre isso, etc. O homem deve ser um consumidor e agir como um homem moderno, além de entender sobre diversos assuntos. Tudo isso se chocava aos novos discursos dispersos na sociedade. Na mesma revista, Bibi Vogel, em seu ensaio sensual,

¹⁰⁹ Entre os pós-freudianos que produziram uma restrição teórica no campo da sexualidade no campo da psicanálise podemos citar: Melanie Klein, Fairbairn, Winnicott, Kohut assim como o brasileiro Jurandir Costa Freire.

¹¹⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 12-13.

¹¹¹ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. nº 3 de outubro de 1975.

proclama: “[...] o homem precisa aprender a chorar. O machismo está no fim.” Para alguns, um homem chorar poderia ser considerado falta de masculinidade. Esses tipos de discursos contraditórios fizeram com que a revista fosse um lugar para aglomerar as diversas concepções sobre a identidade masculina.

Nessas revistas, além dos reclames, encontra-se a adoção de tabelas, gráficos com percentuais, levantamentos estatísticos e de dados matemáticos. A matemática virou uma constante em relatórios deste tipo, sendo uma continuidade discursiva, fruto evidentemente de uma tradição cientificista de nossa sociedade, que busca, nestas estatísticas, confirmações ou negações para as práticas de controle sobre a população. Como consequência, produzem normatizações e sustentam os padrões de normalidade, sejam de posturas, atrações, condutas, costumes, comportamentos ou desejos, através de um “verniz” científico. Para isso, se utilizam de dados estatísticos para justificar o que é e o que não é normal. A questão não é, portanto, científica: a estatística não legitima a ciência, a estatística legitima a representatividade.

O homem está preso a um determinado discurso que se sustenta no ideal de virilidade ou de masculinidade. Entre esses discursos viris está o discurso pornográfico. Foucault, por exemplo, explica as diferenças entre os países, e em especial da França:

Para os franceses, o sexo do homem é literalmente atributo do homem; os homens se identificam com seu sexo, e mantêm relações absolutamente privilegiadas com ele. Este é um fato incontestável. Assim, as mulheres se beneficiam do sexo masculino unicamente no caso em que esse direito lhes é concedido pelos homens, seja porque eles o emprestam ou porque o impõem a elas; daí a idéia de que o gozo masculino está em primeiro plano e de que ele é essencial.¹¹²

Essas características determinam não somente as identidades, mas também o material de suporte desses discursos, como a revista pornográfica, neste caso. Na tentativa de estabelecer certa coerência em relação a si, o homem deve a ele incorporar tais discursos e fazê-los funcionar. Para que haja coerência, o discurso é medido e transformado em cada sociedade, sendo necessário estabelecer um

¹¹² FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Política. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos Vol. 5**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000 p. 28.

discurso de masculinidade hegemônica.¹¹³ No caso da revista **Ele Ela**, por exemplo, no começo em 1969, seu slogan era: “Uma revista para se ler a dois”. Em 1976, o foco no público masculino fica mais evidente com a mudança do logotipo e dos nus femininos. Se no anterior as palavras “Ele” e “Ela” tinham o mesmo peso, no novo logo, a palavra Ele fica em destaque e a revista recebe o slogan: “Prazer e informação para o homem”.

Foucault contribuiu para esclarecer alguns pontos sobre a formação de discursos de sexualidade, apontando sempre que não é o único caminho. O dispositivo da sexualidade se estabelece de diversas formas, como demonstrado em **A história da sexualidade: A vontade de saber**, na qual a diferença entre um discurso da *ars erotica* e da *scientia sexualis* faz diferença:

De fato, é difícil mensurar esses tipos de funções. Em suma, quando o saber científico, ou melhor, pseudocientífico sobre o sexo não é mais dispensado apenas aos médicos e sexólogos mas às pessoas comuns, e estas passam a aplicar esses conhecimentos aos seus atos sexuais, esse saber se situa entre *ars erotica* e *scientia sexualis*. [...] ¹¹⁴

Segundo Foucault, o antigo dispositivo da aliança (do casamento) foi aos poucos sendo trocados pelo dispositivo da sexualidade. Essas mudanças foram acontecendo com mais intensidade em países que tiveram influência da então chamada *Revolução Sexual*. Países que modernizaram rapidamente seus discursos nesse sentido, como é o caso do Japão, sofreram quando houve a proliferação de revistas do tipo **Playboy**, que os inundou com discursos normalizadores de tipo *scientia sexualis*, ou seja, uma superabundância do saber sobre o sexo, que engendrou uma frustração em relação à *ars erotica*.¹¹⁵ Relacionada ao poder tradicionalmente europeu da confissão cristã, esta técnica terá sua adaptação através da psicanálise. Dessa maneira, as revistas eróticas e pornográficas se tornaram os espaços por excelência das confissões masculinas.

¹¹³ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

¹¹⁴ FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Política. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos Vol. 5**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000 p.30.

¹¹⁵ Recentemente, os mangás adultos tem gerado discussão sobre a liberdade de expressão, culminando em uma polêmica que começou há algumas semanas quando a relatora especial da ONU para tráfico de menores e prostituição e pornografia infantil, Maud de Boer-Buquicchio, pediu que esse tipo de material fosse banido no Japão. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151117_japao_erotismo_crianças_rm?ocid=socialflow_facebook, Acessado em: 28/11/2015.

A dominação masculina, nesse sentido, se perpetua em um mar de falas sobre o homem ideal, suas mercadorias, seus usos, suas imagens e seu poder em uma rede de pessoas que fariam parte de algo, um sentido coletivo, certa fraternidade:

Mas há um outro momento desta genealogia ou, caso se queira, de uma antropologia histórica da virilidade, que é preciso agora abordar. A observação das fraternidades, desde imediatamente após a Primeira Guerra Mundial até as premissas da Segunda, permite de fato circunscrever os traços fundamentais da existência histórica da virilidade como sendo o coração da dominação masculina. Isto porque as fraternidades revelam os elementos essenciais do dispositivo viril, o dispositivo, como se terá pressentido, da exclusão das mulheres, aquele também do processo de formação de uma solidariedade compacta entre homens-irmão, indissociável de uma hierarquização entre iguais e, a partir daí, de traços do modelo patriarcal autoritário.¹¹⁶

Como sabemos, a revista pornográfica se tornou algo essencialmente masculino¹¹⁷. Preso a essa fraternidade de leitores, os homens se tornaram então uma classe com um determinado foco, com determinados desejos e com uma linha bem clara: a heterossexualidade masculina.¹¹⁸ Dessa forma, as revistas ajudaram a expandir a crise da virilidade, que proporcionara espaço para o apreço dos homens ao sexo feminino e, ao mesmo tempo, para que se reconhecessem como pessoas fortes sem medo de ficarem vulneráveis. Era preciso que reconhecessem a sua impotência, para assim questionarem antigos padrões e estereótipos do tipo viril.

Por isso, a ideia clara de potência fica explícita nas revistas desse porte. O ideal de virilidade está no centro da dominação masculina, através do ideal da aspiração à superação dos limites, na força, no esporte, no sexo, no dinheiro, no lucro. Tudo isso sempre com a ideia de superar a impotência ante ao poder feminino, fechado necessariamente em um culto aberto ao narcisismo, no qual valores de poder, de autossuficiência e de arrogância são intensificados:

[...] nunca o sexo foi tão estudado, codificado, medicalizado, exibido, avaliado, periciado. Os últimos levantamentos e laudos contemporâneos sobre a família ou sobre a situação das famílias têm como corolário novos estudos dos sexológicos sobre os casais e os acasalamentos mais

¹¹⁶ HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, Jean-Jacques. (Dir.) **História da Virilidade**. Vol 3. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 p.22-23.

¹¹⁷ É preciso levar em conta que a pornografia também foi destinada às mulheres, conforme apontamos na tese, mas, de forma geral, a pornografia era algo ligado ao mundo masculino.

¹¹⁸ Nas revistas eróticas, aparecem as lésbicas, mas dentro do imaginário masculino.

requintados. As prosaicas descrições das diversas práticas sexuais florescem em lugar e no espaço de um discurso sobre o sexo rebelde ou íntimo. Do mesmo modo vêm saciar o formidável interesse que nossa época dedica atualmente a uma forma inédita de pornografia, que podemos qualificar de puritana, na medida em que fornece uma classificação fria, minuciosa e quase botânica das diferentes exhibições do sexo: na literatura, na pintura e na arte cinematográfica.¹¹⁹

A hipótese que começa a aparecer é a de que, na tentativa de definir o homem, o ideal de masculinidade se tornou uma disputa para definir as diretrizes do que deveria ser o sexo verdadeiro, e o melhor caminho para tal, seria através das revistas eróticas e pornográficas. Para isso, seria necessário delimitar os limites do homem brasileiro moderno. Aqueles leitores que adquirissem as revistas pornográficas seriam considerados doentes, anormais e excluídos de sua condição de pessoa, vendo neles um crime contra a natureza.

Estas problemáticas fazem parte da teia de significados que permeiam a ideia do gênero masculino:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas... A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.¹²⁰

Nesse intermeio, apareceram novas possibilidades de identificação com o masculino. A masculinidade mais arcaica, próxima à virilidade, da força física, começa a ceder lugar para uma masculinidade mais centralizada no saber e na higiene. Isso fica explícito em chamadas das revistas, como por exemplo: “10 passos para emagrecer”, “carros mais velozes”. Estão muito mais propensas à ostentação, do que ligadas diretamente ao sexo.

Essas novas masculinidades aparecem como uma alternativa à visão predominantemente tradicionalista e pautada na moral e nos bons costumes. Isto pode ser percebido em países com maior liberdade sexual, como a Suécia:

¹¹⁹ ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 8.

¹²⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.13.

Dessa forma, a revolução sexual aparentemente elimina os últimos tabus. Após o direito a informação sexual, o que se proclama é o direito ao prazer sexual. A igualdade dita que tal proclamação não exclui nada: da homossexualidade à zoofilia, passando pelo voyeurismo, todas as atitudes sexuais são igualmente legítimas. No plano legal, a própria noção de “atentado aos bons costumes” desaparece, sendo substituída pela de “delito sexual”. Mas o refluxo não tarda. Isso porque, se se observar bem, a liberação sexual dos anos 1960 e 1970 foi em parte fictícia; ela eliminou proibições formais, mas sem com isso modificar em profundidade os esquemas tradicionais. Em todo caso, é vivamente a maneira como a literatura pornográfica ilustrava as relações homem-mulher.¹²¹

Diferentemente dos países com modelos mais transparentes, tanto no conhecimento sobre o sexo, quanto do direito ao prazer, o Brasil vivia trancado em uma retórica do silêncio sobre o sexo, em um regime vitoriano. Aqui, antes da ditadura, o país ainda vivia sob a ótica da valorização da família conjugal burguesa, modelo esse, no qual o sexo estaria passível de discussão apenas ao quarto dos pais.

Era o esse regime da repressão, tal qual apresenta Foucault, em **A história da sexualidade I: A vontade de saber**, que esconde os corpos e seus discursos:

[...] Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável; seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. Portanto, não se pode esperar tais efeitos de uma simples prática médica nem de um discurso teórico, por mais rigoroso que seja. Dessa forma, denuncia-se o conformismo de Freud, as funções de normalização da psicanálise, tanta timidez por trás dos arrebatamentos de Reich, e todos os efeitos de integração assegurados pela “ciência” do sexo ou as práticas, pouco mais do que suspeitas, da sexologia.¹²²

Para desnudar a ditadura, chegar a seu ponto mais cru, podemos acessar, através dessa outra produção, os discursos possíveis sobre o sexo. Tanto discursos normativos, quanto discursos transgressores.¹²³

A revista era, por excelência, o espaço onde se poderia encontrar uma forma, ao menos mais franca, dos discursos; um lugar no qual os códigos ainda são frouxos

¹²¹ ORFALI, Kristina. Um modelo de transparência: a sociedade sueca In: PROST, Antoine. (Org.) **História da Vida Privada. 5** Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 p. 553.

¹²² FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988 p. 11.

¹²³ Foucault coloca a expressão “Outros Vitorianos” de forma irônica em **A história da sexualidade I** na tentativa de demarcar um posicionamento diferente da expressão “sociedade repressiva”.

e remetem a um lugar sem legislação específica, onde tudo pode acontecer, ser dito ou pensado. Como se pode observar, a edição nº 2 de **A Revista do Homem**, do mês de setembro de 1975, na seção “Assessoria”, que seria um lugar de perguntas dos leitores e respostas de especialistas da revista sobre um determinado assunto (na maioria referente ao sexo), mostra essas possibilidades. Seguem aqui dois exemplos dessa liberdade:

SUPERDOTADO?

Socorro! Eu preciso ter relações sexuais todos os dias – duas vezes - e sempre me orgulhei disso. Tentei me limitar a uma só pessoa e não consigo. Amigos e amigas já me acusaram de ser um **animal** obsessivamente dedicado as atividades sexuais. Às vezes acho que estão sendo injustos comigo. F.B.A. – Rio de Janeiro, RJ.

Perdoe. E esta será a sua maior virtude. Talvez o problema inicial tenha sido provocado por você mesmo ao tentar comparar sua frequência sexual com a de outros homens. Como não existem duas pessoas iguais, duas vezes por dia pode ser pouco e uma vez por semana, até um exagero. O que você precisa, com urgência, para readquirir o seu orgulho, é chegar a um acordo com suas parceiras para estabelecer uma frequência ideal às duas partes. E mãos à obra que a vida é curta.”¹²⁴

A revista erótica do estilo **Playboy** traz estas seções de confissão sobre o sexo e um tipo de ajuda “espiritual” a esse leitor. Mas, claramente, não ficava presa apenas a esse leitor que pedia ajuda. Outros também poderiam se identificar com o caso, e utilizar para si tais conselhos. Da mesma forma, além de confessar e pedir conselhos, esses leitores também reproduziam valores sobre o homem ou sobre a mulher. Na mesma edição e seção, encontramos o seguinte texto:

MULHERES COM PASSADO

Não se assustem com a pergunta, mas o que vocês responderiam a um amigo, um tanto sério e tímido demais para meu gosto, que perguntasse a queima-roupa: “O passado é importante na escolha de uma mulher?” Sempre às voltas com análises e programações de computador, ele se mostra embaraçado em situações práticas fora do trabalho, como convidar para sair uma moça que não tira os olhos dele ou que tipo de flores levar para uma amiga que está dando um jantar para ele. Enfim, como é um bom sujeito, procuro ajudá-lo a aproveitar essas oportunidades. Confesso, porém, que fiquei desconcertado quando ele me apareceu em dúvida entre uma mulher com um passado bem vivido para seus 24 anos e uma outra quase da mesma idade, mas totalmente inexperiente. As duas bonitas e ligadíssimas nele. M.S. – São Paulo-SP

Pelas oportunidades em que seu amigo anda se embaraçando, parece que ele só é tímido demais para você. Assim, mesmo, talvez você possa ajudá-lo com Oscar Wilde. Embora em matéria de companhia preferisse

¹²⁴ **A Revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. Nº2. Setembro de 1975 p.11, grifo nosso.

certamente escolher o seu amigo, ele dizia, com aquele brilho peculiar, que a mulher com passado “tem pelo menos uma conversa mais interessante”.¹²⁵

Aqui podemos constatar a ideia de um amigo a procura de ajuda para a resolução de um problema, confessando suas dúvidas à revista através dele (se é que existe esse amigo, talvez seja ele próprio), preocupado com a visão das outras pessoas em relação a si, afetado pela importância da moral tradicional brasileira, esperando algum tipo de aprovação por parte da revista, para “melhor” escolher a sua companheira.

Além dos discursos proferidos, a fotografia e a imagem se tornaram uma questão importante a ser levada em consideração. A importância do papel do fotógrafo, como no caso **Playboy**, pode nos ajudar a perceber que, em um primeiro momento foi utilizada imagens estrangeiras da **Playboy** americana, e em um segundo momento incorporou o trabalho de fotógrafos profissionais brasileiros, os quais ajudaram a construir um ideal de mulher brasileira sob a ótica do fotógrafo brasileiro, como o conhecido fotógrafo J. R. Duran. Para entender melhor a situação, concordamos com Mauad, quando esta diz que é a competência de quem olha que fornece significados à imagem. Isso se dá a partir de regras culturais e a leitura deve ser coletiva. A busca de uma “mulher ideal” brasileira pelas lentes dos fotógrafos da **Playboy** mudou a forma como os homens pensavam essas mulheres. Pela perspectiva de Mauad, é necessário que o leitor detenha alguns saberes, enumerados em dois níveis:

Nível interno à superfície do texto visual, originado a partir das estruturas espaciais que constituem tal texto, de caráter não-verbal; e
Nível externo à superfície do texto visual, originado a partir de aproximações e inferências com outros textos da mesma época, inclusive de natureza verbal. Neste nível, podem-se descobrir temas conhecidos e inferir informações implícitas.¹²⁶

A fotografia deve ser observada e concebida como uma mensagem de expressão e conteúdo. Como expressão, as escolhas técnicas e estéticas, como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor etc., ajudaram a compor o desejo masculino pelo sexo oposto. Da mesma forma, podemos perceber

¹²⁵ **A Revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. Nº2. Setembro de 1975 p.11

¹²⁶ MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**, Rio de Janeiro-RJ, v.1. n.2., 1996 p. 80.

de que forma o conteúdo foi determinado através dos elementos que compunham a fotografia, como objetos, lugares e vivências. Elas produziram sentidos, sendo possível separá-las para fins de análise, mas compreendê-las somente como um todo integrado, tendo de captar a realidade exterior e interior da fotografia.¹²⁷

Essas diversas dúvidas de cunho teórico e metodológico contribuem, de certa forma, para criar um “modo de ver” esse conjunto de novas regras de moralidade a serem seguidas e que podem ser visualizadas nas imagens e nos textos das revistas eróticas. Valores são esclarecidos ou acrescentados nas diversas opiniões da revista, assim como nas mudanças nas fotografias, estas que inventam um novo modo de desejar e criam novos comportamentos. Neste aspecto, o que nos parece interessante é a clara transição entre a moralidade, a arte, o erotismo e a pornografia que se juntam as expectativas dos leitores na construção do ideal da mulher atraente, produzidos pelas primeiras revistas masculinas publicadas, como veremos mais adiante, que estão expostas no plano do conteúdo e no plano da expressão das revistas.

O controle dos discursos por parte da ditadura, através de leis, demonstra uma série de confusões no conceito de pornografia. Mostravam o que seria uma luta entre a tradição e a modernidade, ou seja, uma verdadeira guerra para a afirmação das identidades em meio à formação de uma indústria cultural:

[...] A produção de livros entre 1966 e 1980 passa de 43,6 para 245,4 milhões de exemplares; o crescimento das revistas entre 1960 e 1985 foi de 104 milhões para 500 milhões de exemplares. Na década de 1950, a média anual de filmes produzidos no Brasil girava em torno de 32 películas. Com a criação do Instituto Nacional do Cinema e, posteriormente, da Embrafilme a produção cinematográfica toma outro fôlego. Em 1975 são produzidos 89 filmes, número que sobe para 103 em 1980. Talvez o veículo que melhor ilustre o processo de expansão da indústria cultural seja a televisão. Nos anos 1950 ela é regional, concentra-se apenas em algumas cidades, a maioria delas capitais de estado: São Paulo (1950), Rio de Janeiro (1951), Belo Horizonte (1955), Porto Alegre e Ribeirão Preto (1959), Recife, Salvador e Fortaleza (1960). Os programas são apresentados ao vivo, e com o advento do videoteipe podem ser comercializados entre os estados (no final de 1963 surge a telenovela diária), mas, somente com os investimentos tecnológicos feitos pelo Estado o mesmo sinal televisivo passa a integrar um sistema nacional de telecomunicação. Em 1959 havia apenas 434 mil aparelhos de televisão no país; a partir de 1965 esse número cresce vertiginosamente, atingindo, em 1980, 19.602 milhões de unidades. Difunde-se, assim, cada vez mais, o hábito de ver televisão. Se em 1959, na cidade do Rio de Janeiro, somente 7% da classe popular via

¹²⁷ KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Ateliê Ed., São Paulo, 1999.

televisão, em 1982 havia 15 milhões e 800 mil domicílios com aparelhos de TV, ou seja, 73% do total de domicílios.¹²⁸

A modernização da sociedade brasileira mudou os rumos do cenário cultural do Brasil. A integração nacional, através da consolidação de um mercado de bens simbólicos, que coincidiu com o período da ditadura, quando a TV se torna um veículo de massa, necessitava de um mercado para comprar seus produtos anunciados: o cinema financiado pelo Estado mostraria, em seus filmes, lugares a serem visitados e coisas a serem adquiridas, e, por fim, a ampliação da indústria fonográfica, editorial e publicitária.

Consequentemente, podemos perceber a preocupação da sociedade com a multiplicação de imagens de mulheres em propagandas e a sexualização do corpo, levando a sociedade a levantar-se contra a pornografia. A descrição de um médico, em 1978, quanto ao que considerava pornografia, relacionou-a com a prostituição, com a malícia, com gestos obscenos, depravação e degeneração moral: “É a pornografia. A pornografia é a bandeira desfraldada da *Revolução Sexual*. [...] Possui um modo de exprimir-se, que lhe é peculiar – o palavrão. “O erotismo e a pornografia se conjugam e se completam””.¹²⁹

Para endossar essas afirmações, estudos médicos sobre a sexualidade abusavam de dados de pesquisas recém-produzidas nos jornais brasileiros, como por exemplo, o **Globo**, que é citado ao longo do livro como fonte para comprovar as relações entre os dizeres sobre o sexo, tanto de modo positivo como negativo. O jornal torna-se o lugar da “verdade” sobre o sexo. Com isso, torna-se usado também no dia-a-dia, como forma de explicar os excessos da “Nova moralidade” que poderiam ameaçar a família “tradicional”. Nesse sentido, podemos distinguir três grandes períodos na configuração nuclear familiar:

Numa primeira fase, a família dita "tradicional" serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos são então arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino. Numa segunda fase, a família dita "moderna" torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se

¹²⁸ ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão Reis. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil**. 50 anos do golpe de 1964. Editora Zahar. 2015 p. 74.

¹²⁹ VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978 (4 ed.) p.121-123.

impõe entre o final do século XVIII e meados do XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnis por intermédio do casamento. Mas valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação sua nação é encarregada de assegurar. A atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro. Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe-se a família dita "contemporânea" — ou "pós-moderna" —, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam.¹³⁰

No entanto, podemos perceber que há preocupações com a construção de uma com a fundação de uma NOVA MORALIDADE, alicerçada no rearranjo do modelo familiar, assim como as mudanças médico-jurídicas dos discursos, inclusive nos países até então mais conservadores e naqueles onde a liberdade sexual começava a se despontar. A Alemanha¹³¹, por exemplo, mostrara-se um perigoso reduto contra a moral, assim como os EUA, além da Inglaterra, Alemanha, da Holanda e Dinamarca:

[...] O Globo, no mesmo artigo citado, informa: “Nos Estados Unidos a pornografia é cada vez mais livre. A censura foi totalmente abolida no teatro, onde os artistas, nus, podem simular todos os gestos imorais, contanto que os disfarcem com o papel de seda”.

Sete livrarias especializadas em pornografias, vendem por ano 130 milhões de exemplares de revistas pornográficas com nudez total de pessoas só, de casais e de grupos entregues a diversões indecentes. A indústria pornográfica vendeu nos Estados Unidos, em 1969, cerca de 2 bilhões de dólares (livros, revistas, filmes, fotos, discos, sex-clubes, etc.) Em 1970 a gigantesca cifra de 2 bilhões aumentou cerca de 15%.¹³²

¹³⁰ ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 12.

¹³¹ Sobre a sexualidade na Alemanha: “A liberação sexual na Alemanha *fin-de-siècle* não se limitou aos homossexuais. Em geral havia uma nova ênfase na *Leibeskultur*, ou cultura do corpo, numa valorização do corpo humano livre de tabus e restrições sociais; na libertação do corpo de espartilhos, cintos e sutiãs. O movimento da juventude, que floresceu depois da virada do século, deliciava-se com um “retorno à natureza” e celebrava uma sexualidade bem pouco dissoluta, mas certamente mais livre, que constituía uma parte de sua rebelião contra uma geração mais velha, envolvida, segundo os jovens, em repressão e hipocrisia. Na década de 1890, a *Freikörperkultur*, ou livre cultura do corpo — um eufemismo para nudismo —, tornou-se parte de um movimento de mania de saúde que promovia dietas macrobióticas, legumes cultivados em casa e estações de cura na natureza. Nas artes a rebelião contra os costumes da classe média era ainda mais impressionante: das peças de Lulu de Frank Wedekind, que exaltavam a prostituta por ser uma rebelde, passando pela Salomé de Strauss, que decapitou João Batista por ter ele se recusado a satisfazer o desejo sexual dela, à reprimida mas óbvia corrente sexual submersa nas primeiras narrativas de Thomas Mann, os artistas usavam o sexo para exprimir sua desilusão com os valores e prioridades contemporâneos, e, mais ainda, sua crença numa energia vital e irreprimível.” EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna** / Modris Eksteins; tradução de Rosaura Eichenberg. — Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.115-116.

¹³² VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978 (4 ed.) p.121-123.

A maior preocupação fora com o aumento e a expansão da produção pornográfica: livros, revistas, filmes, fotos, discos, sex-clubes, além de propagandas e consumo de produtos de linha erótica. O aumento se deu principalmente a partir de 1969, quando no Brasil ocorre algo parecido. Se por um lado temos a pornografia, de outro temos a legislação, que em vez de proibir, organiza um intenso controle da produção sobre a sexualidade:

Três fatores estão envolvidos: primeiro, na Europa, nos Estados Unidos, no Japão e logo em outras partes do mundo, começou a ganhar corpo uma nova cultura, mais aberta em relação à sexualidade, nas décadas de 1950 e 1960. Essa cultura envolveu mudanças legais, o que permitiu, por exemplo, que cineastas norte-americanos ficassem cada vez mais explícitos em suas representações sexuais, sem temer a censura. Envolveu novos tipos de controle de natalidade e um empenho cada vez maior acerca da busca do prazer sexual. De várias maneiras, particularmente nas expressões dos meios de comunicação, a abertura sexual passou, cada vez mais, a ser associada ao consumismo global. Houve inevitáveis aspectos negativos, quase sempre terríveis: turismo sexual e um novo nível de exploração internacional de mulheres, bem como um novo nível de doenças sexualmente transmissíveis. Em geral, porém, padrões e valores associados ao conservadorismo sexual foram convertidos em alvos de ataque sob aquela que é invariavelmente saudada como uma revolução sexual.¹³³

Essa revolução sexual estaria associada às mudanças diversas nos discursos, mas, também, em produtos adquiridos pela sociedade, intensamente bombardeada por imagens com ou sem mulheres nuas, ou em trajes de banho:

Grande vitória da pornografia!...
Na Inglaterra há os supermercados do sexo.
Na Holanda deram-se as mãos o homossexualismo, o nudismo, o erotismo, e a pornografia, os quais fundaram um partido político de 600.000 membros. Há jornais de livre curso, de tiragem superior a 600 mil exemplares, onde se inserem anúncios para fins-de-semana entre desconhecidos. No começo de 1970 havia 15 sex-shops (casas de artigo para a degradação do sexo); no fim do ano o número havia subido para 740!
Mais de 670 empresas fabricam objetos plásticos pornográficos de um realismo repugnante, elixires e pomadas afrodisíacas, e chicotes para estimular o sexualismo aberrante (O Globo).¹³⁴

¹³³ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução de Renato Marques. – São Paulo: Contexto, 2010. p.227

¹³⁴ VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978 (4 ed.) p.121-123

É possível perceber que os EUA, até então modelo de exportação de moralidade, levou um duro golpe com a Comissão do presidente Nixon. As revistas pornográficas *hardcore* da Suécia e da Holanda tiveram um papel importante nesse medo da Invasão do Sexo. Um outro país, a Dinamarca é apontada como o país com a maior liberdade sexual, e tudo que estivesse relacionado a esse país deveria ser evitado:

A Dinamarca é a capital da pornografia. Realizou uma exposição de pornografia a cuja inauguração compareceram 5000 jornalistas estrangeiros!

Há nesse pequeno país de 5 milhões de habitantes, 5000 lojas que vendem artigos e publicações pornográficas, 22 clubes onde se cultiva a pornografia. As exportações de artigos deste gênero proporcionam quantias fabulosas de divisas.

Os dinamarqueses começam a falar na realização dos IDEAIS da revolução sexual, que se encontram em suas plagas o terreno propício para a desintegração da moral e da ética que se devem orientar as diretrizes da conduta sexual. [...] ¹³⁵

A moral deveria ser preservada. No entanto, não há a descrição do que seria essa moral. O que se sabe, apenas, é que estaria ligada à Igreja. É o juízo de Deus *versus* a decomposição moral. Ocorre que a Igreja tinha outros planos de moral, que nem todos aceitariam. Assim, o discurso da Igreja também acabara por se modificar, diversas vezes, a depender do lugar onde seria invocada. Diante disso, a utilização do pensamento conservador aliou-se ao catolicismo e aos movimentos de mulheres cristãs, estes que começaram a crescer, inspirados na “Cruzada do Rosário” do padre irlandês Patrick Peyton, lançada nos EUA em 1945, tendo aqui o slogan “A família que reza unida permanece unida”, usando o rosário como símbolo anticomunista. Segundo estimativas dos organizadores, levaram ao Rio de Janeiro, em 1962, cerca de um milhão e 500 pessoas. E entre março e junho de 1964, 69 Marchas tiveram a ocorrência registrada ¹³⁶:

Num outro plano, a Igreja Católica e sua cúpula institucional, a Conferência Nacional dos Bispos/CNBB, claramente tomavam partido por posições conservadoras. Tenderam a caracterizar nos movimentos populares uma inspiração, e uma dinâmica, *comunizantes*. O fantasma da revolução cubana assombrava: lá também uma revolução nacionalista e democrática transmudara-se numa revolução socialista e numa ditadura revolucionária, levando um país católico para a órbita da União Soviética, sede e centro do

¹³⁵ VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978 (4 ed.) p.121-123, grifo nosso.

¹³⁶ CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento**: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

materialismo ateu. Ora, segundo a encíclica de Pio XI, não formalmente revogada pelo *aggiornamento* promovido por João XXIII, o comunismo era *intrinsecamente mau*. Não viria ele, na esteira das reformas de base, assolar o maior país católico do mundo, a Terra de Santa Cruz? Não se pode dizer que a Igreja, como um todo, derivou para posições de direita. Mas é fato que a Instituição, na grande maioria, e na cúpula, adotou posições de resistência às reformas e aos movimentos que as defendiam. Não gratuitamente, logo depois da vitória do golpe militar, de março de 1964, a CNBB abençoaria, com sua autoridade, os vitoriosos.¹³⁷

Apesar de tal visão, a igreja, aparentemente inimiga da pornografia, devido à sua defesa da moral e dos bons costumes, também estava confusa neste momento específico. A pornografia, considerada imoral, não se enquadraria dentro da vida na Igreja. Enquanto um país de maioria católica, o Brasil estava de ouvidos abertos ao que a igreja tinha a dizer sobre a pornografia e a sexualidade, e ela disse muito sobre isso.

Contudo, esse falar sobre o sexo fala sobre não fazer o sexo. Para poder dizer isso, ela se valeu do conceito de sexualidade. Discursos de monges, freis e padres aparecem como uma forma contrária ao discurso moralizante. Um exemplo a isso é um frei (cujo nome não é dito), em uma entrevista de Desiderio Peron, em 19 de novembro de 1972, no jornal **Diário do Paraná**, que fala sobre a sexualidade na matéria “Frei quer o sexo em seu lugar certo”:

A revista pornográfica, não tem quase nada de sexualidade e sim, apenas genitalidade: apresentam seios de mulher, pernas de mulher, corpo de mulher, carne de mulher. Mas não se apresentam a figura ideal de mãe, de irmã, da companheira, da beleza, da simpatia, da pureza, da limpeza que são as características mais fundamentais da mulher como ser sexuado. Apresentam só o corpo. Todos os problemas que hoje acontecem – pílulas anticoncepcionais e outros – são devidos a uma tremenda confusão entre estes dois termos.¹³⁸

Esse espaço reservado ao falar verdadeiro sobre o sexo, entre a sexualidade e a genitalidade, mostra que, muito mais do que proibir, a Igreja de certa forma tentava instruir seus fiéis. Ainda mais interessante é que, na mencionada entrevista,

¹³⁷ REIS, Daniel Aarão. Ditadura e Sociedade: As reconstruções da Memória. In: REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto. (Orgs.) **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)** – Bauru, SP: Edusc, 2004. p.37-38.

¹³⁸ Jornal **Diário do Paraná**. Frei quer o sexo no lugar certo. 19 de novembro de 1972, p. 5 (grifo nosso).

o frei cita o filme **Barbarella**¹³⁹ em detalhes, que pode ser indicado como erótico, por haver cenas de nudez e simulação de relações sexuais.

O frei ainda continua a esclarecer a verdade e as causas dos principais problemas na juventude: a excitação sexual. A revista destaca a mulher como “carne de mulher” e não como uma figura ideal, idealizada pela igreja como um modelo de mãe, irmã, companheira:

[...] Esse moço, essa moça, que ler todas as revistas, sem impedimento para ver filmes proibidos (imorais), encontram-se amorosamente entre eles, passam coleções pornográficas entre eles – cansei de observar isso -, etc. Isso tudo lhes traz uma superexcitação sexual. Ora um corpo humano, de homem ou de mulher, que tenha uma excitação exagerada, não pode manter-se casto. É obrigado a aliviar-se da sobrecarga de hormônios. Não pode ser continente. E necessariamente ele vai masturbar-se. *E se não se masturbar, ele vai tomar maconha, ou ficar louco.* Seu corpo é um barril de pólvora, prestes a explodir. Que pode acontecer numa casa de prostituição, numa aventura pré-matrimonial, ou na masturbação.¹⁴⁰

As marcas da tradição e a contestação da pornografia ficam claras com as relações citadas acima. A excitação leva à anormalidade, à masturbação e até mesmo à loucura, ou seja, a revista pornográfica faz com que o indivíduo negue a si mesmo e rejeite o mundo para viver um momento de êxtase. Além disso, associações, jornais e governo também tentaram situar a pornografia como o lugar do anormal. Quem, então, seriam os culpados dessa situação?:

Infelizmente, a culpa não é dos jovens, e sim desses coroa, chefes de revistas que produzem o terrível alimento para a juventude. No Brasil existe uma série de revistas, como Play-Boy, Fair-Play, Fiesta e outras. Penso que o Governo Federal deve impedir estas coisas para a juventude. Porque realmente são nocivas. Determinam, sob o ponto de vista médico, físico e fisiológico, uma descarga de hormônios. A Juventude, depois, não terá condições de organizar uma família dentro do esquema cristão. Este é o grande perigo e o erro mais constatado na sociedade atual.¹⁴¹

É necessário observar que o frei aponta que a culpa não reside nos jovens, mas nos “coroa” que produzem o terrível alimento para a juventude, e para isso cita

¹³⁹ Nunca é demais lembrar que *Barbarella* é, possivelmente, a primeira produção cinematográfica na qual uma mulher desempenha o papel padrão do herói, do mocinho. Isso, em nossa percepção, torna razoável o enfrentamento de algumas barreiras, bem como a não transposição de alguns limites. [...]”. GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A primeira vez é inesquecível: *Barbarella* e os sonhos de uma geração. In: PADRÓS, Enrique Serra; GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **68: História e Cinema**. Porto Alegre: EST, 2008, p.211.

¹⁴⁰ Jornal **Diário do Paraná**. Frei quer o sexo no lugar certo. 19 de novembro de 1972, p. 5 (grifo nosso).

¹⁴¹ Jornal **Diário do Paraná**. Frei quer o sexo no lugar certo. 19 de novembro de 1972, p. 5

as revistas mais conhecidas. Para reforçar os argumentos, utiliza estratégias em seu discurso, como o ponto de vista médico. No entanto, a tradição cristã da luta contra o pecado, na verdade, fazia crescer ainda mais o desejo de conhecer as revistas. Além da igreja, a TFP (Tradição, Família e Propriedade) é pautada em dogmas e tradições católicas e o combate às ideias maçônicas e socialistas. A nova sociedade baseava-se em sua vigorosa reação com base no amor à ordem cristã e na aversão à desordem.

A luta do governo contra a pornografia recebeu o apoio da TFP, com a promulgação do decreto de 1970, como aponta o relatório do SNI, em 24 de janeiro de 1970:

(25)- Por motivo da promulgação do decreto que toma medidas contra a propaganda da imoralidade e da pornografia, o prof PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, presidente do Conselho Nacional da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade/ (TFP), enviou ao Chefe de Estado, Gen. GARRASTAZU MEDICI, telegrama felicitando-o pela sua decisão. (DSP).¹⁴²

Esses apoios de diversas partes da sociedade contribuíram para dar sustentação da definição de pornografia, pois a questão não era vista apenas pelo governo, que tentava controlar as publicações, mas por grupos sociais que as queriam eliminadas.

Uma das figuras mais emblemáticas do período foi o Padre Emir Calluf, da cidade de Curitiba, que, além de escritor, atuava em um programa televisivo chamado *Um lugar ao Sol*.¹⁴³ Calluf escreveu diversos artigos contra a pornografia. Era conhecedor da cultura brasileira e estrangeira, e fazia ataques aos E.U.A., à Dinamarca e Suécia. Citava filmes e atrizes, como “Barbarella”, escrevia sobre Apolo 11, Che Guevara e Brigitte Bardot. Em plena década de 70, foi se afastando da Igreja, e em 1976 casou-se com a sírio-libanesa Munira:

Não se sabe ao certo o que aconteceu – apenas que de meados da década de 70 em diante Emir mais e mais se distanciou da Igreja. Passou a usar sua verve para desancar o celibato, os bispos e o clero progressista. Pagou

¹⁴² BRASIL. **Boletim SNI**. 24 de janeiro de 1970, p.4 Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/Deops/Boletins_SNI/Boletim_24_01_1970.pdf. Acessado em: 16-03-2015.

¹⁴³ Calluf foi pioneiro dos padres superstars. Além da televisão, fazia celebrações na Capela do Santa Maria, nas quais misturava juventude, discursos e polêmicas. MILLARCH, Aramis. Polemica é com Calluf. **Estado do Paraná**. 12 de abril de 1987, p. 2. Teve formação jesuíta, foi bolsista da Fulbright, graduou-se em Psicologia em Harvard e escreveu mais de uma dezena de livros.

com uma visitinha aos infernos – perdeu sua cátedra nas universidades, nos órgãos de classe e virou alvo de boatos, como a de que teria se alistado na seita do fanático reverendo Moon. Dava o troco: fazia casamentos de desquitados, deixando em polvorosa a hierarquia católica.¹⁴⁴

Com a modernização dos discursos sobre a identidade brasileira, a relação com a cultura local também entra em discussão. A cidade de Curitiba estava em transformação, e o aumento de lojas especializadas em roupas íntimas e artigos eróticos mostra que havia um crescimento no campo do consumo.

A editora Grafipar, produzindo pornografias em grande escala na cidade de Curitiba, com revistas masculinas como **Peteca**, **Penthouse** e **Personal**, assim como revistas em quadrinhos erótico-pornográficas como **Eros**, **Quadrinhos Eróticos**, **Maria Erótica**, entre outros, fizeram com que as atenções do governo se voltassem para o Paraná:

[...] a atividade de produzir imagens encontrou meios técnicos e econômicos cada vez mais favoráveis a sua ampliação, participando ativamente do progresso técnico-econômico nacional e da expansão dos mercados de bens simbólicos e materiais. Entretanto, tal atividade encontrou também limites a sua atuação, especialmente a censura política imposta aos meios de comunicação de massa pelo governo militar e a ideologia do consumo. Os profissionais recrutados a trabalhar nos novos espaços da indústria cultural, entretanto, nem sempre concordavam com as imposições do governo que fomentava a indústria gráfica e publicitária, nem com a expansão desenfreada da ideologia do consumo, vivendo uma situação de dilaceramento: por um lado, cresciam os meios técnicos ao seu alcance, por outro lado, estreitavam-se as possibilidades de expressão da opinião pública. [...] seria possível perceber nas próprias imagens impressas durante aquele período contraditório algumas características que permitem visualizar vestígios deste dilaceramento. Vários dos profissionais que atuavam dentro dos espaços oferecidos pela indústria cultural obtiveram sucesso simultâneo dentro destes meios tutelados pelo governo militar e dentro de outros espaços de produção de bens simbólicos de teor marginal e/ou contestatório, como por exemplo as produções do tipo underground e os veículos de difusão da charge política¹⁴⁵.

A produção cada vez maior fizera com que novas editoras surgissem, e entre elas, novas relações de poder fossem estabelecidas. As bancas de jornal escondiam essas revistas, mas ainda assim poderiam ser adquiridas, pois era só acertar com o jornaleiro, que este guardava as revistas em outro lugar para que não fossem confiscadas pela censura. O erotismo passa a ser usado como uma ferramenta para

¹⁴⁴ Jornal **Gazeta do Povo**. Publicado 02-11-2011. Nos tempos do padre Emir Calluf. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1165000> Acessado em: 25-08-2014.

¹⁴⁵ KAMINSKI, Rosane. *Vestígios de contestação em imagens gráficas dos anos setenta*. da Vinci, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 43-60, 2004.

justificação e desvalorização de grupos sociais ou de suas produções. Editores arriscavam-se a publicar os indesejados livros eróticos e/ou pornográficos com os mais diversos sentidos. O caso mais famoso entre os editores do período é do nome de Maurice Girodias. Nesses casos o editor também faz parte da obra, assim como veremos depois com a Editora Abril, a Edrel e também a Grafipar.¹⁴⁶

Na atualidade é possível constatar que a pornografia como discurso do poder sobre o corpo e a mente é usada como ferramenta de limitação de discursos: “A ‘pornografia’ especifica um argumento, não uma coisa”, e designa uma *zona de batalha cultural*. A obscenidade existiu justamente como distinção entre o comportamento privado e o público. [...] ¹⁴⁷ Essa “zona de batalha cultural” aparece como essencial para entendermos o processo da cultura brasileira pelos mais diversos grupos sociais. Temos os marcos temporais que ajudam a definir variações, porém, são concepções que parecem oscilar de tempos em tempos, tendo ora uma significação mais política, ora mais cultural.

Encontramos no Jornal **Diário do Paraná**, de setembro de 1971, referências a esse tipo de material considerado pornográfico, sobre como estavam sendo incorporados e quais os problemas causados por estas revistinhas, que não deveriam entrar no projeto de modernização do Brasil:

¹⁴⁶ Sobre o papel do editor: DARNTON, Robert. “O que é a história do livro?” revisitado. Tradução: Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan.-jun. 2008.

¹⁴⁷ HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia**. A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999, p.13, grifo nosso.



Figura 01 – Jornal Diário do Paraná (Detalhe)

Na notícia que acompanha a imagem acima:

A inocência desta capa esconde a mais baixa pornografia que está invadindo os estabelecimentos de ensino da Capital, numa campanha de entorpecimento da mentalidade dos estudantes. Outras trazem apenas o rosto de uma mulher que fora capa de revistas em quadrinhos ou foto-novelas.

Eram os catecismos de Carlos Zéfiro, que como se pode observar, já eram conhecidos dos jornais e revistas, devido a seu formato, o tipo de desenhos, e a sua característica mais marcante, ser “a mais baixa pornografia”, já que revelavam e mostravam sem rodeios ou adornos, as relações sexuais. Vale ressaltar que estas estavam sendo encontradas nas escolas de Curitiba.

O jornal indica uma “rede de traficantes de revistas pornográficas”. Há um aumento do número de revistas vendidas e os leitores estão entre alunos de 11 a 15 anos de ambos os sexos. Segue ainda na notícia em destaque:

[...] REVISTADOS

As direções dos colégios estão preocupadas com o assunto e procuram, de todas as formas, conter o máximo a introdução dessas pornografias nos estabelecimentos. Todo o material encontrado está sendo apreendido. Houve caso até **de expulsão de aluno**, em determinado estabelecimento, porque o diretor tomou conhecimento de que escolares estavam lendo as publicações clandestinas nos recintos do colégio. Em vários estabelecimentos os estudantes estão sendo revistados.

Mas não é de hoje que circulam revistas pornográficas em nossos estabelecimentos de ensino. {{Elas sempre aparecem a intervalos cíclicos}} dizem os diretores dos colégios. {{Mas quando voltam, aparecem com maior distribuição e mais {{violentas}}}. Tudo isso – segundo eles – têm três objetivos. **O primeiro é a campanha do sexo, entorpecendo as mentes. Depois vem a indução aos vícios, aos tóxicos. Alcançados esses objetivos, o estudante é levado a assimilar as ideologias contrárias as nossas.** {{Esta seria a explicação para a mistura do sexo, vício e ideologia, estampadas em capas de cadernos de grande parte dos nossos estudantes}}, afirmam alguns responsáveis por colégios.¹⁴⁸

A pornografia é um dispositivo utilizado para dar valor negativo, anexar um determinado discurso à anormalidade. Ela é ligada às drogas e, de alguma forma, consiste na relação entre sexo, vício e ideologia. Podemos notar que há um crescimento, a partir de 1964, de controle do discurso moral da pornografia e da procura de material obsceno. Contudo, dentro dos jornais aparecem algumas formas conflitantes de discursos:



Figura 02 – Jornal Diário do Paraná (Detalhe - Caderno apreendido de uma aluna)

¹⁴⁸ Jornal Diário do Paraná. Curitiba, Domingo, 5 de setembro de 1971.

No caderno da aluna aparecem algumas frases em destaque, como “O sexo que mata”, “A mulher abstrata”, “Enamorados sem censura”, “Love Story”. São colagens recortadas de revistas pornográficas que, segundo nossa observação, não são recortadas letra por letra, e sim através de enunciados inteiros, portanto, retiradas de revistas eróticas ou pornográficas pertencentes à aluna. O que se destaca ao nosso olhar é que as revistas estrangeiras sobre erotismo e pornografia já se mostravam como uma realidade ao cotidiano brasileiro. Uma clara associação entre sexo, drogas e política.

Na cabeça dos *nichos* mais conservadores, o comunismo internacional (“ideologias alienígenas” através de publicações internacionais) utilizavam os temas morais para a “degradação da sociedade”, através dos jovens “inocentes úteis”, como um caminho para a tomada do poder. As táticas que percebemos nos jornais, principalmente no **Diário do Paraná**, mostraram nas matérias e artigos, escritos por grandes personalidades, a luta contra a pornografia. Esta luta aparece principalmente nas colunas de análises culturais, que trazem, juntamente, análises não só em relação ao Brasil, mas também ao exterior.

São nomes como Theóphilo de Andrade, Gilberto Freyre, Padre Emir, entre outros, que tentaram lutar contra a pornografia, ressignificando os léxicos, atribuindo novos significados para as antigas palavras. Era a tentativa, a partir de seus artigos, de atribuir um novo significado à pornografia. Especificamente nesse contexto de 1971, Theóphilo de Andrade mostra a orgia de identidades pornográficas, definindo o teatro como espaço da pornografia, diferentemente do que observamos nos discursos dos teatrólogos, atores e críticos de arte:

[...] A palavra não é nova. Já fora posta em vernáculo por Rui Barbosa, com a denominação de pornéia. É esta que campeia hoje pelo mundo, quebrando o tabu sexual sobre que, neste terreno, se baseia a moral, desde os tempos imemoriais em que as religiões começaram a traçar normas de vida ao homem na sociedade.

Na Europa, nos países nórdicos, terras de clima frio, sempre houve mais liberdade sexual, do que nas latinas, havendo pouca consideração para com a *virgindade das mulheres, depois dos dezesseis anos*. Nem por isso, abusou-se, ali do nu. Sempre foi tratado com aquêlo misto de *liberdade e respeito*, herdado dos gregos, em suas obras de arte. Mesmo entre estes, porém, como observa Miranda Neto, ao lado da arte pura, houve “pornô” que teve seu correspondente, entre os romanos, no “obscenus”.¹⁴⁹

¹⁴⁹ Jornal **Diário do Paraná**. A pornéia comercializada. 29 de setembro de 1971, p. 2.

A pornéia estaria invadindo a arte, a literatura, a pintura, a escultura, o que seria um problema criado pela região da Escandinava que, quebrando tabus, defendia a homossexualidade, o amor coletivo e as trocas entre casais. Ao mesmo tempo, os artistas, escritores e jornalistas enfocaram a permissividade e a regulamentação como uma questão importante a ser levada em consideração, e sempre colocou a discussão entre o bom e o mal como uma consequência direta da pornografia na cultura:

“[...] Só recentemente partiu-se do nu canalha, pela distensão às artes plásticas e ao teatro do que vinha acontecendo na literatura. Mas a degradação tanto na literatura, na pintura, na escultura, quanto no teatro e no cinema, tem sido uma concessão ao sexo com finalidades comerciais”.¹⁵⁰

A sociedade tinha ideia de que a pornografia estaria ligada às possibilidades de extensão comercial de uma indústria cultural em expansão. Dessa forma, a invasão estrangeira do sexo foi um dos assuntos mais combatidos pelos artigos de jornais. Países como Suécia e Dinamarca foram denominados os principais corruptores dos costumes, principalmente pela sua liberdade em seus países, como se constata abaixo:

A pornéia, que tomou conta dos países nórdicos e saxões, não encontra, porém, terreno fértil na Itália, a despeito de ser um país socialmente avançado e de gente de temperamento ardente. Não é somente a resistência da Igreja, ali muito forte – a despeito de que muitos sacerdotes se dispõem a concessões criminosas – mas o **bom gosto do povo italiano**, herdeiro em linha reta da cultura clássica, que estima o nu, cultiva o nu, através do pincel e do buril de seus artistas, hoje como no passado, mas que não aplaude a exploração canalha do corpo humano com finalidades de propagando de lucro comercial.

No Brasil, estamos sendo demasiadamente tolerantes com essa sorte de literatura, de teatro e de cinema, que apresentam obras sórdidas – no cinema até subvencionadas com recursos do Tesouro – e cuja finalidade é ganhar dinheiro pela degradação dos costumes e pela concessão aos instintos animais.

A exibição, em nosso País, de espetáculos sujos, como esse a que se referiu a reportagem de O JORNAL, *mostra apenas que, além dos autores de tais obscenidades, também a censura perdeu a vergonha*.¹⁵¹

O Brasil estava sendo permissivo com o erotismo leve, e combatia incessantemente a pornografia explícita. Isso fez com que se criassem zonas de conflitos, nas quais a pornografia poderia designar qualquer coisa, tanto imagens, quanto palavrões, assim como também a nudez. É interessante notar a crescente

¹⁵⁰ Jornal *Diário do Paraná*. A pornéia comercializada. 29 de setembro de 1971, p. 2.

¹⁵¹ Jornal *Diário do Paraná*. A pornéia comercializada. 29 de setembro de 1971.

preocupação do governo com a Censura e, ao mesmo tempo, o paradoxo da criação de estímulos à produção de filmes de caráter nacional, bem como a criação de normas para o consumo de revistas produzidas com o aspecto que enfatizassem a ideia de Brasil e Nação, mesmo com conteúdos eróticos.

Entretanto, a preocupação não estava apenas no jornal. Podemos perceber a preocupação política e religiosa, antigas inimigas da pornografia, se aliam para a luta contra esta. O deputado e historiador Túlio Vargas¹⁵², político e escritor do Paraná, foi um dos que apresentaram advertências quanto à modernização dos costumes, de modo a mostrar que a “estrutura da família brasileira” seria comprometida. Em uma notícia no Jornal Diário do Paraná, com a chamada “Deputado pede mais rigor à Censura para filmes”, citava:

Pedindo na Câmara Federal maior rigor na avaliação e nos critérios que presidem os julgamentos dos filmes cinematográficos pelo Serviço de Censura Federal, o deputado Túlio Vargas ocupou recentemente a tribuna daquela Casa, lembrando a advertência do Papa Paulo VI sobre a excessiva tolerância com que se tem tratado do problema da pornografia. Disse que *a sociedade moderna está sendo envolvida pela licenciosidade, que, a pretexto do modernismo, vicia o comprometo a estrutura da família brasileira*. Tais manobras de envolvimento – acrescentou – obedecem, quase sempre, ao espírito de limitação que se modela aos *padrões importados de certos países considerados desenvolvidos*. Reportou-se ainda o parlamentar paranaense na liberdade com que a censura tem apelado, alguns filmes para a adolescência, citando como exemplo {{Love Story}} que jamais poderia ser franqueado para a faixa inferior a 18 anos, pois prega o amor livre e o ateísmo para uma geração em plena fase de transição. Não cremos que esse filme de tanto sucesso – adiantou – possa estar acrescentando valores espirituais e morais positivos à mocidade brasileira, mas, pelo contrário, causando enormes malefícios pela sutileza com que sublima certas inovações do comportamento social incompatível com os costumes da civilização latina e cristã. É mister – concluiu – que as autoridades façam melhor uso e interpretação das telas que proibem esses abusos e excessos}}.¹⁵³

Como podemos perceber na fala do deputado, a família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a uma família mutilada, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalcadas. Ao perder sua auréola¹⁵⁴ de

¹⁵² Odilon Túlio Vargas (1929-2008) foi um político, jurista, procurador de estado, historiador e escritor brasileiro. Túlio, apesar de muito dedicar-se ao cenário político dentro do Estado do Paraná, também desenvolveu diversos projetos onde atuava como historiador, escrevendo e publicando 26 obras. Teve vários artigos publicados no jornal **Gazeta do Povo**. Foi presidente da Academia Paranaense de Letras, em 1994, até ser afastado por complicações de saúde.

¹⁵³ Jornal **Diário do Paraná**. Deputado Pede Mais Rigor à Censura Federal Para Filmes. 06 de novembro de 1971

¹⁵⁴ O sentimento cristão, até então uma parte importante no comportamento do homem (principalmente do pai), acaba perdendo seus sentidos com as mudanças sociais que vão ocorrendo. Assim como o poeta que começa buscar sua inspiração nos bordéis, o pai acaba por perder sua aura

virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura, a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX.

Aparentemente isso levou a uma preocupação da Censura, em não apenas censurar, mas restringir a experiência do erótico e do pornográfico a uma determinada classe (isso nunca foi declarado, mas nos parece evidente), levantando assim, terríveis confrontos por parte da sociedade. Isso pode ser observado, por exemplo, na questão do teatro. O diretor de teatro, Plínio Marcos¹⁵⁵, ao afirmar que “Nada é pornografia, desde que tenha colocação artística”, demonstra um tipo de mecanismo que a censura usava para permitir peças que tinham palavrões. Porém, a censura nunca incorporou esse argumento, sendo necessária cautela com as impressões do artista sobre o funcionamento da Censura. Na matéria “Plínio Marcos, a mesma lucidez contundente”, encontra-se a resposta à pergunta: “- O que você considera pornografia?”:

Plínio – *Nada é pornografia, desde que tenha colocação artística.* Agora, a estupidez é você fazer coisas gratuitas, né? Teve um tempo que a censura tomou uma sábia decisão, coisa rara, né, mas que era sábia. Por exemplo, *peças que tinham palavrão eles não proibiam, mas punham na porta uma tabuleta escrita: {{Pornográfico}}*. Eu achei magnífico, sabe, porque eu não preciso de subvenção do governo, eu preciso de liberdade. Esse negócio de Censura é também culpa dos autores, sabe, o artista brasileiro é marginal de classe média, então ele se apavora com muita facilidade e ele vive quase sempre dependendo de subvenção do Estado, essas coisas todas. Em São Paulo a Comissão Estadual do Teatro disse que não podia dar subvenção pras peças consideradas pornográficas. Então muitos autores, imitadores de minha linguagem, que tinham escrito peças com palavrão – acreditando que peças com palavrão davam dinheiro, o que não é verdade, a peça boa é que dá dinheiro – esses retiraram os palavrões nas peças. Então a censura mudou de idéia e resolveu proibir minhas peças de novo.¹⁵⁶

A relação do artista “marginal da classe média” com a retirada dos palavrões por parte da Censura fez com que esta proibisse os que não retiraram. Sendo assim, para Plínio Marcos, estes mecanismos de autocensura prejudicaram, ao mesmo tempo, diversos artistas brasileiros, já que na prática não era assim.

sagrada. Para um melhor entendimento do assunto, indicamos o pequeno poema em prosa de Baudelaire, **A perda da Auréola**.

¹⁵⁵ Plínio Marcos de Barros (1935-1999) foi um ator, diretor, jornalista e escritor brasileiro, autor de inúmeras peças de teatro, escritas principalmente na época do regime militar. Escreveu nos jornais **Última Hora**, **Diário da Noite**, **Guaru News**, **Folha de S. Paulo**, **Folha da Tarde**, **Diário do Povo** (Campinas), e também na revista **Veja**, além de colaborar com diversas publicações, como **Opinião**, **O Pasquim**, **Versus**, **Placar** e outras.

¹⁵⁶ Jornal **Diário do Paraná**. 16 de janeiro de 1972.

A preocupação da invasão pornográfica fez com que fossem pensadas e repensadas não apenas a censura, mas todo o sistema moral da tradição brasileira. Pensava-se, também, em mudanças não apenas nacionais e seu impacto, mas de certa maneira em nível internacional, em seu aprofundamento psicológico e filosófico. Em fevereiro de 1972, Plínio Salgado, em um artigo chamado “Psicopatologia do mundo ocidental”, mostra a relação entre Psicologia e História, as causas do mal do mundo:

SÃO PAULO – Presenciamos, hoje, em todos os países, uma onda de subversão mental e moral, que se avoluma, dia a dia, tentando destruir as estruturas do equilíbrio social e da vitalidade nacional dos povos. O fenômeno se apresenta sob diversas formas, entre as quais podemos assinalar: o *comunismo*; o *existencialismo* agora sob o aspecto dos *hippies*; o *playboismo*; o *feiticismo pseudo-científico*; o *liberalismo burguês* destruidor dos vínculos familiares; a pornografia sob o pretexto da libertação sexual. Examinemos um por um desses agentes da dissolução e da morte do mundo ocidental. [...]

A pornografia – Eis outra categoria das doenças mentais do nosso tempo. A visão unilateral do homem, segundo Freud, desencadeou no mundo o libertarismo sexual. Como consequência, veio a pornografia, consagrada na Dinamarca como o maior atrativo turístico. Podemos catalogá-la como a pior das *alienações mentais* nos dias presentes. O assunto exige maior delonga e espaço. Trataremos dele oportunamente.

Por hoje, esboçamos aqui o quadro geral da dissolução do que chamamos *civilização ocidental*¹⁵⁷

Essa necessidade do consumidor de comprar e “ler” as entrevistas, conhecer a cultura imposta pelo padrão e estilo que a revista trazia, e de conhecer as fotos das garotas nuas, diz muito sobre o que queriam as pessoas em plena derrocada da democracia. Suas preocupações acabaram por expandir as necessidades de proliferar, cada vez, mais os discursos sobre a pornografia.

1.4. Pornografia: a fascinação pelo corpo nu

A pornografia como categoria foi se transformando durante a ditadura militar, sendo dividida simplesmente entre o erótico e o pornográfico. Hoje, há outras possibilidades de divisão e de análise, como por exemplo as categorias *softcore* e *hardcore*. Para os detentores do gosto legítimo, a pornografia resume a crueza literal das classes populares e seus gostos “vulgares”. “A pornografia é considerada perigosa porque é o erotismo ‘das massas’ e estas são sempre vistas com receio”.

¹⁵⁷ Jornal **Diário do Paraná**. Psicopatologia do mundo ocidental por Plínio Salgado. 01 de fevereiro de 1972.

Esta associação deixa claro o cunho político do sexo e os tantos discursos que se pretendem legítimos sobre ele e o que se faz dele. Há uma estética do sexo que separa os “doentes” e “perigosos” dos “sadios” e “respeitáveis”.¹⁵⁸

Podemos perceber que em nossa época, a sociedade entrou em uma crise em relação ao conceito de modernidade. Modernidade está ligada ao novo, à atualidade. O período conturbado, o momento de aceleração industrial, o *fetichismo* pela mercadoria e a criação de uma ideia de brasilidade colocaram o Brasil em uma situação instável, devido a diversos fatores. Como veremos, os estudos realizados no período em áreas como Medicina, Psicologia e Sociologia mostram diversas abordagens sobre a modernidade brasileira. Para o sociólogo Sérgio Lemos, a sociedade de 1968:

Tal qual em todas as sociedades periféricas como a nossa, as mudanças se acumulam, vêm correndo, as mais recentes já estão chegando. Eis o que acontece: temos ao mesmo tempo no Brasil a moral medieval, a moral do começo do capitalismo europeu e americano, o começo da ética protestante, e já temos o que vem depois e que é uma tentativa de superação de tudo isso. Só nos cabe perguntar qual será o resultado, a *síntese, dessa misturada de momentos históricos em um só momento como o nosso.*¹⁵⁹

Essa mistura está ligada a diversos fatores culturais, políticos e econômicos que demonstram um período de intensa crise de valores. E com essa confusão de percepções sobre a realidade, entre novidades e tradições, fez-se necessárias algumas considerações. As revistinhas de Carlo Zéfiro prefiguraram durante muito tempo na clandestinidade, e seu autor não foi reconhecido. Com o número cada vez maior de periódicos voltados para o público masculino, surgiram diferenças nos tipos de materiais produzidos. Ao mesmo tempo em que aparece essa conceitualização de diferenciação, começa a se estabelecer, com a criação de padrões, formas, classificando-as em níveis, irrompendo, desnaturalizando o sexo.

Para designar a nudez aceitável e permissível, próxima do controle que o Estado poderia ter, do bonito, do racional, um tipo específico de pornografia leve

¹⁵⁸ PELUCIO, Larissa. As maravilhas do sexo que ri de si mesmo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 29, p. 481-488, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200021&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 21 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000200021>.

¹⁵⁹ Revista **Realidade**. “O sexo invade tudo. Uma publicação da Editora Abril. Outubro de 1968. p.38, grifo nosso.

começa a ser produzida, com a intenção de servir como um exemplo de controle social, aquilo que podemos designar de *Pornografia Softcore*, onde o sexo é vetado:

Playboy (EUA), Penthouse (Inglaterra), Lui (França) e Cavalier (Canadá), que somam internacionalmente mais de 20 milhões de leitores, ficam do lado seguro da cerca. São revistas que não se limitam a apresentar corpos despidos e tendem a combater a noção de que o sexo é escabroso. Seu humor é muitas vezes crítica de preconceitos passados ou presentes: ridiculariza igualmente o sexo-tabu e o sexo-mito. Expressam antes um culto do bem-estar que uma intenção corruptora. “Não há mal algum em se ler, por exemplo, Playboy”, afirma Amélia Domingues de Castro, orientadora pedagógica do Colégio de Aplicação de São Paulo considerado um dos mais modernos do País.¹⁶⁰

Essa pornografia *softcore* foi aos poucos consumida por diversos setores da sociedade. As referências em relação a essas revistas são múltiplas e postas como um incentivo da modernização dos costumes, utilizada como na publicação da edição nº4 da **A revista do Homem**, em comunicado do deputado Milton Steinbruch, sob o nome de MEDICINA S.A.: “É com prazer que envio a cópia do meu pronunciamento na Câmara dos Deputados a respeito do problema da assistência médica completado com reportagem publicada na **Revista do Homem** nº1.”¹⁶¹ Sim, deputados liam essas revistas *softcore*, e debatiam sobre assuntos nelas contidos, fosse sobre sexualidade, política ou saúde.

Do outro lado da cerca temos a pornografia *hardcore*. Ela estaria ligada às classes populares, a narrativas mais diretas e fotos mais explícitas. Como afirma o editor Minami, em um editorial de **Estórias Adultas**, revista publicada pela editora EDREL:

Apenas são gente que gosta do que gosta, porque gosta [da pornografia], sem dar a mínima à opinião de fajutos psicólogos de boteco [...] **Muda-se a língua, mudam-se as formas de governo, mudam-se às vezes, as crenças, mas o povo é povo.** Sem esnobação, somos melhores porque somos o povo. Povo sem máscara, natural, simples e direto, com toda liberdade de ser de vocês, para vocês. E isso nos basta.¹⁶²

Em 1968, quase não existiam revistas nacionais neste formato, ou seja, de publicações brasileiras com esse enfoque. Apenas algumas, como o caso de Carlos

¹⁶⁰ Revista **Realidade**. Uma publicação da editora Abril. Junho de 1968. p. 15.

¹⁶¹ **A Revista do Homem**. Editora Abril. São Paulo. Novembro de 1975 p. 8.

¹⁶² GONÇALO JÚNIOR. **Maria Erótica e o clamor do sexo**. Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Editoractiva Produções Artísticas, 2010.p.152, grifo nosso.

Zéfiro e seus herdeiros que, com seus quadrinhos com desenhos na tentativa de ser mais realísticos, deixavam a nu a moralidade tradicional, que iam desde o sexo explícito até aquilo que era considerado anormal, desde a zoofilia ao incesto, da realidade à ficção como, por exemplo, em alguns catecismos, relações sexuais interplanetárias, devido principalmente às discussões sobre a corrida espacial e à chegada do homem à Lua. Mas para parte da população essas revistas seriam importadas de diversos países onde as regras sobre a sexualidade já haviam sido questionadas:

[...] Quase todas as demais publicações, porém, são decididamente pornográficas. Os nomes variam – Escapade, Tom Kat, Fling, Touch, Man To Man, Jem, Rouge, Beau Femme, Monsier, All Man, Duke, Modern Man, Parisien Party, Cavalgade, Raw, Sultry, Candid, Consent, Unique, Beau, King, Tab, Kent, Knight, Eye, Sin-Ema, Photo, Leg Show, Pic, Evergreen – mas o conteúdo é idêntico: ilustrações de mau gosto, texto vulgares e uma concepção degradada do sexo e do corpo feminino.¹⁶³

Podemos perceber que as revistas que aqui circulavam antes de 1969, com conteúdos de *pornografia hardcore*, eram importadas de outros países. Não havia ainda publicações brasileiras neste formato, e isso era devido a diversos fatores como a legislação vigente, o papel da Igreja Católica nas relações cotidianas. Outro fator importante era, também, não haver editoras interessadas nesse tipo de publicação, pois não existia ainda um público específico, já que a grande maioria analfabeta, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1970, cerca de 33,6% da população brasileira, com a faixa etária acima de 15 anos, era analfabeta.¹⁶⁴

Com a chegada dos tempos modernos, a era da industrialização trouxe novos problemas, novos objetos, novos domínios para o sexo. Dividiu classes, separou homens e mulheres, inverteu profissões, criou diferenças entre níveis culturais. O homem ideal desse período era ligado a virilidade, bruto, agressivo, ambicioso e que

¹⁶³ Revista **Realidade**. Uma publicação da editora Abril. Junho de 1968. p. 15.

¹⁶⁴ Na área de alfabetização, a grande aposta era o Mobral (Movimento Brasileiro para Alfabetização), uma resposta do regime militar ao método elaborado pelo educador Paulo Freire, que ajudou a erradicar o analfabetismo no mundo na mesma época em que foi considerado “subversivo” pelo governo e exilado. Os problemas também chegaram às universidades, com o afastamento delas dos centros urbanos e a introdução do sistema de crédito para evitar aglomeração perto do centro, na tentativa de dispersar os alunos e não criarem grupos políticos. Informações consultadas pelo link, Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=4&op=0&vcodigo=CD101&t=taxa-analfabetismopessoas-15-anos-mais>> Acessado em 29/11/2015.

com a consolidação de uma indústria cultural, acaba por entrar em decadência, dando lugar ao ideal de masculinidade.

A mudança da nudez artística, no século XIX, em obras como a de Manet e Coubert, trouxeram grandes contribuições para diferenciar o erotismo (belo) da pornografia. Os quadros *Olympia* de Manet e *A origem do Mundo* de Coubert ao mostrar mulheres comuns nuas, em vez de um ideal greco-romano da arte, acabaram por criar novos discursos sobre ao alcance do sexo na arte. Da mesma forma, as contribuições de Flaubert e Baudelaire, com o romance *Madame Bovary* e o livro de poemas *As flores do mal*, respectivamente, trouxeram para a literatura o questionamento sobre o sexo, o erotismo e a tradição.¹⁶⁵

Com a aceleração da velocidade das novas tecnologias da comunicação, romperam-se as barreiras de gêneros, antes separadas do mundo do século XIX. No século XX víamos homens com cabelos compridos, mulheres com cabelos curtos, que criaram problemas de definições que só a ciência da sexualidade poderia resolver.¹⁶⁶

A grande contribuição para a criação de novas identidades e sua propagação se deu com a invenção de novas tecnologias de impressão que criaram condições para as novas formas de erotismo, pornografia, obscenidades e licenciosidades através de cartões postais nus, fotografias e, por fim, revistas ilustradas de baixo valor.

As transformações ocorridas na imprensa do século XIX e XX criaram as condições de um material barato acessível, que conseguia traduzir os novos desejos da sociedade ocidental. Como aponta Nicolau Sevcenko, em **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**, já internalizamos a lição da montanha-russa, “compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas”:

[...] O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço. Foi esse o efeito que levou os técnicos a formular o conceito de

¹⁶⁵ RIBEIRO, Anderson Francisco. Lendo Baudelaire, do autor ao leitor: Textos, textura e testamento. In; BRITO, Luciana. (Org.) **Pesquisas em Linguagem** – interfaces linguísticas, literárias e culturais. Rio de Janeiro. Editora Multifoco, 2012.

¹⁶⁶ O sucesso dos Beatles mostram as mudanças que a música, o cinema e as novas formas de mídia também influenciaram no cotidiano e nos objetos, como: pôsteres, LP's, revistas, fanzines, roupas, etc. A estética do movimento punk com Ramones e Sex Pistols também, acabou aliando corrente e couro, a consolidar a ideia deturpada sobre o Sadomasoquismo.

globalização, implicando que, pela densa conectividade de toda a rede de comunicações e informações envolvendo o conjunto do planeta, tudo se tornou uma coisa só. [...] Porque o fato é que as mudanças tecnológicas, embora causem vários desequilíbrios nas sociedades mais desenvolvidas que as encabeçam, também canalizam para elas os maiores benefícios. As demais são arrastadas de roldão nesse torrente, ao custo da desestabilização de suas estruturas e instituições, da exploração predatória de seus recursos naturais e do aprofundamento drástico de suas já graves desigualdades e injustiças.¹⁶⁷

Com o avanço da tecnologia, da fotografia, do cinema e também da impressão, criou-se uma nova forma de viver dentro de uma sociedade do espetáculo, onde os corpos devem ser mostrados com o objetivo de ser consumido.¹⁶⁸ O fotógrafo das revistas eróticas produziram imagens em função de seu repertório pessoal, de seus filtros individuais (componentes de ordem imaterial). As fotografias ainda sofreram interferências ao longo de seu processamento e elaboração no laboratório ou no meio eletrônico para a sua composição, já que na época da ditadura existia também a questão da censura.¹⁶⁹

Com a invenção da fotografia, a pornografia encontra outros objetivos e novos lugares para se proliferar. A representação do corpo nu aparece com motivos políticos, científicos, antropológicos e estatísticos. A fotografia tem, desde o seu início, como um de seus objetivos, a execução de retratos nus.

As proliferações de discursos sobre o sexo fizeram com que fossem criadas redes de colecionadores e leitores, que hoje ficaria quase impossível de resgatar, já que, como era proibida a leitura dessas revistas, seus leitores esconderam seus textos, queimaram, ou ainda se esqueceram dele.

Trabalhamos com modelos vindos de outros países, que trouxeram mudanças tanto para a materialidade, nas formas de produção das revistas, como o modelo das revistinhas chamadas de **Tijuanas-Bibles** para o formato dos catecismos de Carlos Zéfiro, o formato da **Playboy** para as revistas brasileiras entrelaçando

¹⁶⁷ SEVCENKO Nicolau. **A corrida para o século XX**. No loop da montanha-russa. São Paulo –SP: Companhia das Letras, 2001, p.20-21.

¹⁶⁸ “[...] Arcaísmo e modernidade se tornariam uma coisa só. A inovação tecnológica e o progresso industrial se combinariam, numa grande síntese, com um espírito de simplicidade pastoral. A sociedade e a cultura não seriam mais campos em conflito, mas um todo indissolúvel”. EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna**. Tradução de Rosaura Eichenberg. — Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 247-248.

¹⁶⁹ A transição da pintura para a fotografia trouxe importantes contribuições para o significado do erotismo na pintura, na época de Ticiano, as posições das pinturas, o olhar que mudam drasticamente com a invenção da fotografia e sua utilização nas revistas eróticas dentro da indústria cultural. Como observamos, as fotografias nos mostram algo completamente novo, como é o caso das mulheres que posam terem plena consciência de que o retrato será vendido e consumido por um leitor.

erotismo e informação até a consolidação da revista **Playboy** em seu modelo americano no Brasil. Há os modelos mais *hardcores*, como os publicados pelas editoras Edrel e mais tarde pela Grafipar, que trazem elementos do *mangá* japonês, das revistas americanas, e que mesmo assim criam um modelo de Quadrinhos essencialmente brasileiro.¹⁷⁰

Para compreender a modernização conservadora da sociedade, é necessário reconhecer as discussões que chegaram aos poucos no Brasil, principalmente através de editoriais. Exemplo disso é a matéria, de 1969, para a **Folha de S. Paulo**, intitulada “Um longo caminho para o Erotismo”, na qual o escritor e criador da **Playboy**, Hugh Hefner, defende a nudez e o erotismo. Para Hefner, o corpo nu estaria ligado ao natural, ao erotismo, um meio de comunicação:

A primeira forma de comunicação humana foi o corpo nu. Num sentido psicológico mais profundo, pode ser posta em discussão a afirmativa de que o erotismo foi a primeira forma de comunicação. Mas, no plano social e psicológico imediato, hoje, o erotismo, primeira forma ou não, volta a ser a forma mais direta de comunicação: em face ao esfacelamento progressivo dos símbolos convencionais de que a sociedade convencional revestiu a comunicação humana. A sociedade começou a se vestir à medida em que arquétipos e símbolos do inconsciente coletivo se acumulavam na bagagem histórico-cultural. Hoje, quando o homem tem frente a si, justamente, uma civilização que é como um complicado brinquedo milenar, ele sente necessidade cada vez maior de desvestir e desarticular esse brinquedo. Neste contexto, volta a ser o corpo nu e, paralelamente, o erotismo, a forma mais rápida e sintética de comunicação. O homem deste século vai desvestindo a civilização. *Pondo a nu* os arquétipos e reminiscências do inconsciente coletivo. E voltando ao primitivo culto do corpo nu, ao relacionamento erótico em sua forma mais clássica. Até mesmo o teatro começa a marcar-se pela volta irrestrita ao nu. Paralelamente, as revistas especializadas alcançam tiragens e índices de demanda que bem denota seu poder de comunicação. E até a imprensa convencional apela para a forma primitiva.¹⁷¹

É importante lembrar que, em 1969, a *revista Playboy* ainda não existia em sua versão abasileirada. De certa forma, o Brasil foi adaptado aos poucos em relação ao consumo, a burguesia e à sexualidade, conforme afirma Hefner na primeira edição da **Playboy**: “[...] nós gostamos de misturar *cocktails*, preparar um

¹⁷⁰ Em 1963, uma primeira associação de desenhistas conseguiu que, o então presidente João Goulart, enviasse ao Congresso uma lei de obrigatoriedade de publicação de HQ nacional de 60%. A lei não foi regulamentada e não foi posta em prática. Depois, em 1982, o deputado federal João Paulo recolocou novo projeto de lei no Congresso para substituir essa de 1963, com 50% de material nacional obrigatório pelas editoras e jornais, mas também não vingou.

¹⁷¹ Jornal **Folha de S. Paulo**. 11 de Abril de 1969. Ilustrada.

ou dois “hors d’oeuvre”, colocar uma música na vitrola para criar um clima e convidar uma amiga para a conversa a dois sobre Picasso, Nietzsche, jazz, sexo...¹⁷²”

Entre o início dos anos 70 e meados dos 80, delineia-se um novo período na história das revistas no Brasil. Seus títulos mais significativos ainda abrangem grandes segmentos, mas o desejo de serem autenticamente brasileiras desaparece. Com o enfraquecimento do Estado-Nação, vai desaparecendo a preocupação de construir uma “identidade nacional”. Noutras palavras, a nação vai perdendo sua importância como referência para a construção da identidade de indivíduos ou grupos. Fica, entre seus realizadores, um orgulho de nossa performance em relação a outras versões mundiais.

Com o abrandamento da censura, a partir de meados dos anos 70, as polêmicas revistas eróticas viveram um momento de grande expansão, com uma infinidade de produções nacionais e, mais tarde, estrangeiras, amontoando-se nas bancas de revistas e disputando a preferência dos leitores. De certa forma, as “revistas de mulher pelada” ocuparão no coração dos homens a mesma posição que as revistas femininas em relação às mulheres. Sua entrada em cena nos permite refletir sobre um dos grandes vetores do processo de segmentação da mídia contemporânea, em particular da mídia impressa: a separação, cada vez menos rígida, é verdade, entre os universos masculino e feminino.

A pornografia criou uma série de confusões nos discursos, a ponto de termos padres considerados comunistas por ensinarem Pornografia na faculdade (na verdade, era Educação Sexual), escritores eróticos contra a pornografia (caso, por exemplo, de Cassandra Rios), a Censura a favor da pornografia (favor ao nu artístico no teatro). Isso levou a uma “vontade do saber” dentro desse regime “vitoriano” no Brasil:

Em outubro de 1968, falando na Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo, o General Albuquerque Lima, então Ministro do Interior, denunciou os padres e as freiras dos colégios do Rio que “despertam o sentimento sexual nas m^oças não para resolver esse problema, que elas nunca tiveram, mas para criar indagações e desagregar a família”. A Federação Internacional de Planejamento da Família, que realizou em 1967 um seminário no Chile para debater a Educação Sexual, chegou a esta conclusão : O tema sexo é tabu na América Latina. A maioria dos pais acha mais simples explicar aos filhos como crescem as frutas, como funciona um carro ou por que chove”.¹⁷³

¹⁷² Revista **Playboy**. EUA. nº1. Dezembro de 1953.

¹⁷³ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. Outubro de 1968. p. 30.

Além dessas performances, a cultura teve um espaço reservado para o erotismo e a pornografia. O teatro, assim como a música, tiveram papel central na composição de artistas e atrizes que, ou posavam nuas nas revistas, ou davam a sua opinião sobre os mais diversos assuntos.

O sexo começa a invadir tudo. Bombardeados por propagandas de cunho erótico advindas do rádio, TV, Cinema, da Imprensa Ilustrada e da propaganda de café, cigarros, automóveis; em muros, livros de receitas com o apelo sexual como chamariz ocorreu a expansão da episteme pornográfica:

Quinze anos atrás, a imprensa de Belo Horizonte publicava aos domingos um anúncio muito mal desenhado em que se via uma mulher de biquíni com os dizeres: “Eléctrodo para solda magnética não é mulher que se ache feia ou bonita. Eléctrodo para solda magnética pode ser feio mas bom”. Na década de 50, a Tradicional Família Mineira se chocava com esse tipo de anúncio. Quinze anos depois, a propaganda erótica é usada no Brasil não só para vender produtos de beleza ou roupas íntimas, como também canetas, guarda-chuvas, isolantes térmicos, prensas mecânicas, tacos de assoalho, cêra, instrumentos musicais, suco de tomate e toda espécie de mercadoria.¹⁷⁴

A propaganda se tornou o meio de aliar o erotismo e o desejo para o fetiche da mercadoria. Assim como as propagandas, a invasão pornográfica se consolidaria com a chegada do sexo a TV e o Cinema. Como podemos perceber temos uma relação direta da invasão pornográfica com o desenvolvimento da indústria cultural.

A invasão do sexo pelo cinema, já em meados de 1972, aparece no **Diário do Paraná**, no artigo “O moderno cinema americano” por PE. Emir Calluf: “Emoções vicárias. Se os cinemas cruamente pornográficos estão aqui quase vazios, não é por causa duma moral elevada: é porque a pornografia já se tornou parte da vida e a gente não precisa ver aquilo que já fez...”.¹⁷⁵ É a banalização da pornografia.

Em 1973, em entrevista para a revista **Realidade**, Vera Fischer, 22 anos, vedete do programa de Flávio Cavalcanti, na matéria “E NELA EU ME AMARRO: (Papai e vovô também)”, texto de Marinho de Azevedo, reconstrói a narrativa sobre as fotos nuas:

¹⁷⁴ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. Outubro de 1968. p. 33.

¹⁷⁵ Jornal **Diário do Paraná**. Cinema Americano. 29 de outubro de 1972.

- Se a gente tem um corpo assim, amizade, qual é essa de não poder mostrar? Todo o mundo está subindo e descendo para a Lua. Não tem sentido achar que é feio ficar nua em público.

[...] – Eu acho que é tudo uma questão de educação. Meu pai é alemão. Eu tive uma educação europeia. Com toda a liberdade. Por isso não acho nada de mais deixar que me fotografem nua ou aparecer nua num filme. Mas os brasileiros não pensam assim. Eles têm mania de imoralidade. Só porque a gente foi *miss* eles se sentem no direito de dizer isso ou propor aquilo. Eu não gosto é de pornografia, da obscenidade. Acho natural ficar nua. Mas depende como e para quê. De vez em quando, ouvimos falar de pessoas que, da noite para o dia, se transformaram em celebridade. Aí eu pergunto como é que isso aconteceu. A resposta é sempre a mesma: foi preciso fazer “concessões”. Acho que assim não vale a pena.¹⁷⁶

O mais interessante nesta visão dela é a questão da educação na Europa versus a moralidade brasileira. O cinema abriu algumas portas para a discussão da pornografia e do erotismo, entre arte e vulgaridade, beleza e anormalidade, como se pode perceber nos discursos da atriz. Ao se adaptar ao universo pornográfico, misturando as chanchadas italianas com o erotismo e a paródia, as chamadas pornochanchadas foram a alegria de muitos brasileiros.¹⁷⁷

Com a abertura política e a vinda de filmes mais explícitos, as pornochanchadas acabaram por perder lugar na sociedade brasileira. Cada vez menos pessoas assistiam aos filmes brasileiros, dando lugar às adaptações de filmes internacionais. A preocupação dos escritores dos jornais foi tanta, que o discurso tradicionalista utilizou esse tipo de produção como forma de desqualificar diretores e atrizes. Esse “enfeimento” pode ser observado através com Luiz Afonso Burigo, no jornal **Diário do Paraná**, em 11 de setembro de 1974, que, para falar de nudez e chanchadas, lança o artigo “Vera Fischer – comédia sexy, mau gosto e apelação”:

E a comédia nacional passou a ser chamada de comédia sexy, título que os produtores tentam dar às histórias sem a menor dose de inteligência, repletas de mulheres peladas, sempre perseguidas por velhotes nada em idade para praticar tal esporte. Concordo demais com mulheres nuas no cinema, mas a coisa precisa ser bem dosada, e pelo menos ter um pouco de bom gosto juntando uma história cabível e inteligente e além de tudo mais ou menos filmada e interpretada.¹⁷⁸

¹⁷⁶ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. Março de 1973 p. 94.

¹⁷⁷ ABREU, N. C. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP – Mercado de Letras, 1996.

¹⁷⁸ Jornal **Diário do Paraná**. Vera Fischer. 11 de setembro de 1974.

As mudanças em meio à transição democrática estão explícitas nos discursos dos jornais e revistas. As mudanças nas ordens das coisas estabeleceram um novo “marco” do erótico e do pornográfico.

A mudança nos discursos sobre o governo, sobre a vida, sobre a modernidade fez com que o mundo tradicional aos poucos se esvaziasse de significados da antiga moralidade, criando formas de normalização da vida em sociedade, adquirindo novos padrões de vida, esfarelado o individual pela cultura de massa:

Negativamente, o processo de personalização remete para a fractura da socialização disciplinar; positivamente, corresponde à instalação de uma sociedade flexível assente na informação e na estimulação das necessidades, no sexo e no levar em conta os «factores humanos», no culto da naturalidade, da cordialidade e do humor. É assim que opera o processo de personalização, novo modo de a sociedade se organizar e se orientar, novo modo de gerir os comportamentos, já não através da tirania dos pormenores, mas com o mínimo possível de coacção e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão.¹⁷⁹

A partir dessa visão distorcida e não homogênea sobre a pornografia, partiremos para a análise do material considerado pornográfico, no intuito de demonstrar a multiplicidade de discursos sobre o homem nas revistas eróticas e pornográficas, contrariando a aparente homogeneidade do discurso normalizador da masculinidade hegemônica.

¹⁷⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri: Manole, 2005 p. 11.

CAPÍTULO 2 – A PORNOGRAFIA NORMALIZADA: PLAYBOY E AS REVISTAS MASCULINAS

Neste capítulo discutiremos a pornografia normalizada, aquela aceita pela sociedade de forma geral, como o caso da revista **Playboy** e o seu modelo de homem heteronormativo, periódico de cunho *softcore*; neste caso, apresentamos a importância das “Guerras Públicas” entre as revistas estrangeiras e os modelos importados e aceitos para a construção da Identidade masculina no Brasil. Da mesma forma, apresentaremos as revistas publicadas durante o regime e as mudanças sociais que vão acontecendo aos poucos, como às transformações do público alvo e das mulheres que posaram para as revistas; assim como o consumo e a afirmação das identidades masculinas.

2.1. Modelos estrangeiros: *Playboy*, *Penthouse*, *Private* e *Hustler*.

A partir da década de 60, no Brasil, várias publicações de periódicos começaram a ser produzidas para diversos grupos sociais diferentes. Ao mesmo tempo em que havia a necessidade de publicar revistas masculinas para o deleite dos homens, apareceram revistas com o objetivo de normalizar os discursos sobre o sexo, e, portanto, não trariam apenas fotos de mulheres nuas. Observamos que as revistas possuem um caráter informativo, com a intenção de esclarecer diversas dúvidas em relação ao sexo e, também, de cuidar para que os discursos não ultrapassassem os limites de ciência sexual (a *scientia sexualis*), para o pleno conhecimento (a *ars erotica*), devendo ficar naquilo que poderia ser dito cientificamente, de uma forma autorizada. A criação desse tipo de discurso se deve a um tipo específico de revistas que, aos poucos, foram aceitas e até mesmo integradas na sociedade. Suas discussões fizeram com que, ao agregar o social e o cultural, as chamadas revistas *softcore* pudessem, pouco a pouco dispor de lugar na sociedade brasileira:

“Não é formidável?” – Mais vendidos na Feira do Livro de Pôrto Alegre, encerrada, há poucos dias: “Filosofia na Alcova” e “Justine”, de Sade, “Os Kama Sutra” e “Sexacional”, da revista “Fairplay”. “Adivinhem quem são os maiores compradores desses livrinhos sem-vergonha?”, pergunta a Professora Elvira Sobral, da Secretaria da Educação gaúcha. Ela mesma responde: “São mocinhas adolescentes!... “Os argumentos dos editores a favor da literatura erótica são muitos e vários”. Primeiro, a ausência de uma

educação sexual, o que faz dos livros uma fonte de esclarecimentos sobre “os fatos da vida”. Marvin Miller, editor americano especializado em pornografia, diz: “Acredite se quiser, mas tem muita gente por aí que não sabe fazer o amor”. E um livro erótico bem que pôde ajudar”. A quarta capa de “Os Kâma Sutra” estampa esta frase do jornal londrino “Sunday Pictorial”: “Não é formidável que ‘Os Kâma Sutra’, em sua fôrma poética, ensinem ao homem como a trazer maior felicidade para os dois?”¹⁸⁰

Essa ausência de Educação Sexual criou uma geração com vontade de saber, curiosa em relação às “coisas da vida” e do segredo da “vida a dois”. Como tais revistas tornaram-se espaço de informação quanto ao sexo, sua aceitação, portanto, pautava-se em não ser mais que apenas pornografia pura e simples. Aqui é importante ressaltar que tomaremos a separação entre revistas *softcore* e *hardcore*. O modelo que aqui definiremos como pornografia *softcore*, é o que obtivera grande influência entre os jovens (meninos e meninas), adultos (geralmente universitários) e idosos (grande parte os aposentados ou de grande estabilidade financeira):

[...] Assim, a pornografia representa um certo declínio do imaginário fantasmagórico, da evocação metafórica do corpo. O fantasma pertence ao mundo do secreto e do possível, sua representação real (live shows) ou iconográfica dissolve qualquer mediação, qualquer imaginário e, no limite, qualquer transgressão. Sem dúvida, é por isso que a literatura pornográfica parece tão repetitiva e anônima. Os manuais de educação sexual mostram o funcionamento técnico da sexualidade; as revistas pornográficas, no fundo, mostram a mesma coisa acrescentando algumas variações pseudoperversas.¹⁸¹

Cabe, no entanto, levar em consideração que a pornografia *softcore* tem um componente menos explícito e intenso do que o da *hardcore*: ela tende a ser excitante através de nu ou seminú considerado “artístico” ou com uma conotação artística, geralmente sem a representação dos órgãos genitais. Além disso, estão presas a cenários burgueses, com ostentação de joias e peles, na clara intensão de apresentar um mundo diferente daquele vivido pelo seu leitor. Nesse tipo de revista, podemos encontrar informações sobre a masculinidade, quanto à maneira de proceder em relação à atividade sexual de forma simulada, mas com o intuito de servir também como manual de higiene, de consumo e de entretenimento através de histórias não eróticas (ou artigos de opinião), além de imagens de cartuns e piadas.

¹⁸⁰ Revista **Veja**. Editora Abril. São Paulo-SP, 30 de novembro de 1968 p. 61.

¹⁸¹ ORFALI, Kristina. Um modelo de transparência: a sociedade sueca. In: PROST, Antoine. **História da Vida Privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 p. 533.

Apesar da aparente liberdade, as revistas estão presas a um discurso normalizado, no qual os tabus não aparecem, não são descritos e, em sua grande maioria, sequer são citados. Tudo aquilo que pode ser considerado transgressor aos olhos da moral brasileira, como a penetração vaginal, anal, *cunnilingus*, *fellatio* e ejaculação, poderiam até ser simuladas, mas não poderiam aparecer de forma semelhante ao real.

Cabe elucidarmos que, nas primeiras edições lançadas, não havia demonstrações de pênis ereto, e quanto à mulher, deveria ser vista apenas através de suas curvas, linhas, sem que aparecesse o pornográfico. Até mesmo a parte erótica foi constantemente drapeada, escondida para que não aparecessem bicos de seios e vaginas, utilizando-se, para tanto, de recursos diversos como roupas transparentes, movimentos dos corpos e das mãos ou mesmo cabelo para produzir tal efeito. Elementos dos cenários também são utilizados em grande escala, como vasos, cortinas e demais objetos recorrendo a tomadas de ângulos no qual a mulher possa esconder partes de seu corpo.

Enquanto produto cultural, a revista possui o poder de mídia social, que proporciona visibilidade às atrizes, transforma pessoas amadoras em mulheres desejadas, e tudo isso a partir da fotografia. Contudo, não foram apenas modelos que fizeram sucesso nessa mídia. Intelectuais, através de entrevistas e artigos de opinião, destacaram alguns posicionamentos de artistas, políticos, críticos e escritores.¹⁸²

Nomes da literatura brasileira e mundial publicaram contos e histórias, dentre os quais Jorge Amado, Paulinho da Viola, Vladimir Nabokov, Francis Ford Coppola, assim como sociólogos, historiadores e jornalistas analisaram a situação do Brasil e da sociedade em geral, dos caminhos a se traçarem diante dos problemas enfrentados, como a violência e a desigualdade social. Nas edições ainda é possível encontrar, novas modalidades nos relacionamentos, como novas posições sexuais, grupos de *swing*, casas de *shows*, como fazer *strip-tease*, melhor hotel, melhor motel, etc. Com isso, criara-se uma rede de leitores que não buscavam apenas as mulheres nuas, mas também informações sobre a vida íntima. Mais do que isso, buscavam um modelo de vida baseada na vida do *playboy*.

¹⁸² Nas entrevistas publicadas na revista Playboy, por exemplo, no período militar, temos algumas personalidades marcantes: Caetano Veloso (08/1979), Chico Buarque (02/1979), Fernando Henrique Cardoso(09/1984), Luiz Inácio Lula da Silva (07/1979), Nelson Rodrigues(09/1979), Xuxa(08/1983). In: **Playboy**: as melhores entrevistas. Edição de Luiz Rivoiro. São Paulo: Ed. Abril, 2009.

Como podemos perceber, a necessidade de seguir certas regras de ações e comportamentos para se enquadrar no ideal de masculinidade, leva o novo homem moderno a “viver” a vida do homem heterossexual consumidor. Apesar disso, somos levados a refletir acerca de que a revista, apesar de endereçada a uma determinada parcela da população – aos homens – com uma tentativa clara de criar uma visão de masculinidade hegemônica, outros grupos sociais também compraram ou tiveram contato com esse universo: mulheres, homossexuais, adolescentes e idosos liam as referidas revistas, o que nos conduz ao questionamento da identidade masculina das revistas:

“Conforme Seidman (1995, p.129), “permanece intocável o binarismo heterossexual/homossexual como referência mestra para a construção do eu, do conhecimento sexual e das instituições sociais. Esse posicionamento parece insuficiente, uma vez que não abala, de fato, o regime vigente. Segundo teóricos e teóricas *Queer*, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referência. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. Numa ótica desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida natural”¹⁸³.

A forma, então imposta, de revista masculina se dissipa, já que podemos perceber as tentativas de normalizar o que o homem deveria ser, o que deveria usar e o que não deveria ser. Esse modo natural de que a pornografia era apenas para os homens nos mostra que a normalização dos discursos criou a situação de que, para ser homem, este deveria necessariamente ler tais revistas. Sendo assim, a “identidade masculina” deveria perpassar pelos discursos científicos.

O sujeito perde o seu reconhecimento, seu ser, não se reconhece mais como apenas homem. Ele necessita, através dos diversos discursos dentro da sociedade, “saber” o que é ser o homem. Isso, no entanto, entra em choque com seu

¹⁸³ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, “.p.45-46; SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, [versão eletrônica].

pensamento cristão aliado ao pensamento pagão com a questão do ser moderno.¹⁸⁴ O novo homem, leitor das revistas pornográficas, deve repensar a si mesmo. Ele precisa adquirir um novo conhecimento, desejar novas coisas e novas pessoas. Esse conhecimento começa a ser democratizado, já que, antes, eram restritas às classes dominantes. Com a falta de estrutura educacional, o homem das classes mais baixas, sem ter a instrução necessária e sem acesso aos conhecimentos sobre o tema da sexualidade, estava restrito ou a revistinhas mais baratas e de qualidade inferior ou a se contentar com as ironias das revistas ilustradas, como a revista **Cruzeiro**, que admitiam a identidade de um **Jeca Tatu**, de um **Zé Povo** ou ainda **O amigo da Onça**.¹⁸⁵

As revistas do modelo **Playboy** se tornam, no Brasil, uma possibilidade de estimulação à vontade de saber. Entrevistas, pesquisas, imagens tentaram dar as ferramentas necessárias aos homens para que, estes, saíssem do seu estado de desconhecedor do sexo. A afirmação que se fazia era a de que o “homem” que desconhecesse o sexo e seus meandros não seria um “verdadeiro” homem. A dimensão discursiva é o campo dos modelos ideais, das formas desejadas, da utopia, do projeto que se sabe que não possui materialidade, assim podemos falar, sem demais problemas, em “masculinidades hegemônicas” e masculinidades subordinadas como quer Connell.¹⁸⁶

Compreendemos que tanto intelectuais, quanto instituições, equipes de redação, projetos governamentais e toda a parafernália que compõe os “mecanismos da sexualidade”¹⁸⁷ utilizam-se dessa esfera para planejarem e incitarem ações frente à sociedade. Suas influências são múltiplas e todos os modelos de masculinidade possuem aqui um objetivo político, que geralmente é a construção de um sujeito/objeto do conhecimento que responda às características desejadas pelos próprios “mecanismos” sociais. Por motivo de delimitação teórica e documental, frisamos que é esse, e apenas esse, o campo que aqui nos interessa.

¹⁸⁴ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Lendo Baudelaire do autor ao leitor**: Textos, Textura e Testamento. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Letras. 2011.

¹⁸⁵ Cf. SILVA, Marcos, A. **Humor e política na Imprensa** – Os olhos de Zé Povo. Dissertação em História Social, apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 1981.

¹⁸⁶ CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.

¹⁸⁷ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** vol. 1 – A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Isso justifica nossa opção por centrarmos apenas em discursos de masculinidade, para que alcancemos a dimensão em que as subjetividades são pensadas no plano do ideal, das estratégias e dos projetos de sociedade apresentados por um “mecanismo da sexualidade”. Por isso, optamos por utilizar as fontes publicadas em periódicos, como revistas e jornais diários ou semanais, já que, por suas capas e seus anúncios, podemos detectar as características mais evidentes dos discursos normatizadores da masculinidade nas revistas *softcore*.

Nesse sentido, uma propaganda realizada na revista **Homem**, da Ideia Editorial, ilustra nossa proposição. Nela, encontramos o caso de Bráulio, que aparece com uma expressão triste na face, aparentando cansaço. Ao topo da propaganda, lê-se: “Este é o caso de Bráulio de Britto, um ex-solitário desgraçado”. Segue o reclame:

Este é o caso de Bráulio de Britto, um ex-solitário desgraçado

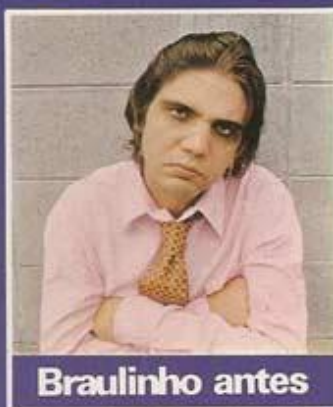
Bráulio de Britto andava triste, anêmico, fraco, pálido. Vivia se escondendo pelos cantos, era cheio de espinhas, tinha mau hálito e passava horas trancado no banheiro. Não tinha, enfim, motivação para nada: nem para os estudos e nem para viver.

Tanto que a mãe dele, um dia, falou: "Este menino precisa é de médico."

Certa tarde, sabe-se lá porque cargas d'água, Bráulio resolveu

escrever uma carta para o Correio da revista **HOMEM**, embora duvidasse da veracidade e da eficácia daquela seção.

É que Bráulio estava acostumado com as revistas

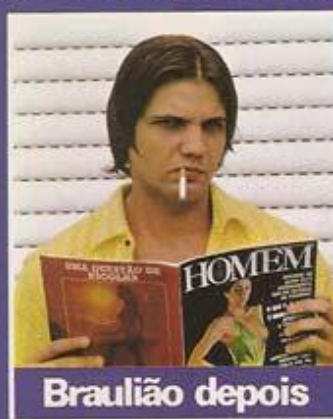


Braulinho antes

fajutas que assolam as bancas deste País. Na primeira semana após a publicação de sua mensagem, Bráulio havia recebido cerca de cinquenta cartas, todas de mulheres, vindas dos mais diferentes rincões deste país e uma, inclusive, de Buenos

Aires, na Argentina. Hoje Bráulio é ágil, produtor, tira boas notas, tem pele boa e não sabe o que fazer com tantas namoradas.

Moral da história: tem muito mais gente lendo a **HOMEM** do que se fala por aí. E estão tirando muito proveito disso, os desgraçados. Nênon, Braulião?



Braulião depois

ALCOVA PUBLICIDADE

HOMEM

O primeiro gol da Idéia



Figura 03 – Revista Homem – Ideia Editorial. Um exemplo do discurso de normalização

Bráulio de Britto andava triste, anêmico, fraco, pálido. Vivia se escondendo pelos cantos, era cheio de espinhas, tinha mau hálito e passava horas trancado no banheiro. Não tinha, enfim, motivação para nada: nem para os estudos e nem para viver. Tanto que a mãe dele, um dia, falou: “Este menino precisa é de médico.” Certa tarde, sabe-se lá porque cargas d’água, Bráulio resolveu escrever uma carta para o Correio da revista *HOMEM*, embora duvidasse da veracidade e da eficácia daquela seção. É que Bráulio estava acostumado com as revistas fajutas que assolam as bancas deste País. Na primeira semana após a publicação de sua mensagem, Bráulio havia recebido cerca de cinquenta cartas, todas de mulheres vindas dos mais diferentes rincões deste país e uma, inclusive, de Buenos Aires, na Argentina. Hoje Bráulio é ágil, produtor, tira boas notas, tem pele boa e não sabe o que fazer com tantas namoradas. Moral da história: tem muito mais gente lendo a *HOMEM* do que se fala por aí. E estão tirando muito proveito disso, os desgraçados. Nênon, Braulião?¹⁸⁸

No meio da revista é possível observar a grande transformação no sujeito. Com um cigarro ao canto da boca e o olhar “sexy”, o homem é outro, completamente diferente. Esse é o esteriótipo do *playboy*. Abaixo das imagens, o Bráulio antes da transformação é chamado de Braulinho, no diminutivo para mostrar que a revista transforma o Braulinho em Braulião, que aparece na foto acima.

Além disso, temos o nome da marca, **Homem** e a inscrição “O primeiro gol da Idéia”, numa clara alusão ao esporte favorito do “homem brasileiro”. Com a primeira transmissão televisionada da Copa do Mundo de Futebol, em 1970, sediada no México, acabou por ser uma mudança significativa que marcou milhares de telespectadores que foram à frente dos televisores para acompanhar o Brasil que vencia no campo e parecia que venceria economicamente, como apontava o “milagre econômico”.¹⁸⁹ O esporte toma, então, um lugar muito importante na construção das identidades masculinas, assim como tiveram na Grécia Antiga:

[...] Para Platão, Sócrates, Aristóteles e demais frequentadores da Academia, o cultivo do corpo era simultâneo e complementar ao cultivo do espírito, pois acreditavam que ambos se enriqueciam mutuamente. A diferença em relação à nossa época é que agora, em geral, a prática dos esportes é feita em detrimento e em lugar do trabalho intelectual. Entre os esportes, nenhum sobressai tanto quanto o futebol, fenômeno de massas que, tal como os shows de música moderna, reúne multidões e as excita mais que qualquer outra mobilização de cidadãos: comícios políticos,

¹⁸⁸ Revista **Homem**. Ideia Editorial. Rio de Janeiro, 1978. s/p.

¹⁸⁹ O período econômico que se iniciava ficou conhecido pela historiografia como “milagre econômico”, no qual os índices de crescimento alcançaram números elevados. O Produto Interno Bruto (PIB) impressionava, chegando a 9,5% já em 1970; 11,3%, em 1971; 10,4%, em 1972; 11,4%, em 1973. Setores como indústria automobilística, eletrodomésticos e construção civil ganharam dinamismo, além da ampliação das comunicações, com suporte garantido pelo Estado. Analisando tais dados, Reis destaca que clima gestado pelo governo era de uma “incontida euforia desenvolvimentista”. Ver: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 79.

procissões religiosas ou convocações cívicas. Certamente para os aficionados — eu sou um deles — um jogo de futebol pode ser um espetáculo estupendo, de destreza e harmonia de conjunto e desempenho individual, que entusiasma o espectador. Mas, em nossos dias, as grandes partidas de futebol, assim como outrora os circos romanos, servem sobretudo como pretexto e liberação do irracional, como regressão do indivíduo à condição de partícipe da tribo, como momento gregário em que, amparado no anonimato aconchegante da arquibancada, o espectador dá vazão a seus instintos agressivos de rejeição ao outro, conquista e aniquilação simbólica (e às vezes até real) do adversário. Os famosos grupos violentos de torcedores de certos clubes e os estragos que provocam com seus confrontos homicidas, incêndios de arquibancadas e dezenas de vítimas mostram que em muitos casos não é a prática de um esporte o que imanta tantos torcedores aos campos (quase sempre homens, embora seja cada vez maior o número de mulheres que frequentam os estádios), e sim um ritual que desencadeia no indivíduo instintos e pulsões irracionais que lhe permitem renunciar à sua condição civilizada e comportar-se durante a partida como parte da horda primitiva.¹⁹⁰

A massificação tornou-se uma das modalidades e uma das mais importantes marcas das identidades masculinas nesse tempo. A partir do discurso do “Pra frente, Brasil”, o governo passava uma imagem de nação forte e promissora que era construída também pela TV, baseada em um repertório discursivo de otimismo e desenvolvimento elaborado pelos ideólogos do regime militar, e transmitida em rede nacional. Segundo Sérgio Caparelli, já existia 113 concessões para o funcionamento de emissoras, tendo 82 já em operação e cerca de 11 milhões de aparelhos receptores espalhados pelo país.¹⁹¹

Nessa propaganda, o homem não leitor da revista e que não gostasse das “coisas de homem” seria considerado apenas um doente, um excluído, que não é higiênico e se masturba com frequência.

Nas revistas do tipo **Playboy**, o leitor é diferenciado e tem certo *status* que o diferencia dos demais. E não apenas através das propagandas. Há, no interior da revista, lugares específicos para receber a opinião de como tornar-se um homem diferenciado.

Na maioria das revistas desse formato existe uma seção, geralmente denominada “Correios”, para a qual os leitores enviam dúvidas, esclarecimentos ou casos que teriam ocorrido, tanto fictícios como reais. É interessante observar que esse espaço se torna um “lugar onde o homem pode falar a verdade”. É uma

¹⁹⁰ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p. 20.

¹⁹¹ CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1986, p. 39.

característica das revistas eróticas do tipo normalizadoras, de cunho *softcore*. Tudo o que encontramos ali são definições do homem:

Cada vez mais se estende o domínio da impotência sexual, que, desde o início do século, com a invenção da psicanálise, e depois, mais tarde, com o surgimento da sexologia, dedicou de ser assimilável a uma simples falha mecânica para implicar um fracasso psicológico, onde toda a história do sujeito se encontra doravante implicada. A emancipação das mulheres e a liberalização dos costumes trouxeram, a esse respeito, efeitos paradoxais: a concorrência masculina aumentou com o desejo de satisfazer parceiras que têm o direito, como todos, ao orgasmo; a difusão maciça da pornografia reforçou a obsessão erétil, ao mesmo tempo em que a excessiva medicalização das falhas contribuiu para difundir, com o mercado de próteses mecânicas e químicos, uma cultura da impotência. Nesse começo do século XXI, a virilidade parece se dissociar do corpo masculino, de que ela foi durante tanto tempo emblema, mercadoria. Desempenho, disfarce ou paródia como soube distingui-lo Judith Butler.¹⁹²

A hegemonia do poder viril, ameaçado através das conquistas dos direitos das mulheres, fez com que o homem, aos poucos, perdesse toda aquela distinção social de dominação masculina do poder patriarcal. O homem deixa de ser designado pelo termo “viril” (interligado com a ideia de força), para sê-lo pelo termo “masculinidade” (degeneração das energias másculas, diminuição da força, multiplicação das taras), ou seja, as mudanças e as contradições nas transformações ocorridas na sociedade do século XX, no âmbito político, social e cultural, redefiniram as identidades sexuais, que deram lugar à igualdade e à partilha. Em um quadro geral, a identidade masculina entrou em uma zona de incertezas, em constantes mutações, como coloca Bourdieu em **A dominação masculina**: “O privilégio masculino é uma armadilha [...] que impõe a cada homem o dever de afirmar, em qualquer circunstância, a sua virilidade.”¹⁹³

Destarte, esta afirmação se dá através do homem que possui, não só as ferramentas necessárias, mas também o saber necessário para cumprir seu papel de homem. Para isto, as revistas eróticas e pornográficas se tornaram o local do sexo verdadeiro:

Essa universalização impõe dificuldades de só trabalhar com a masculinidade, que varia de contexto para contexto, sendo, portanto, múltipla, apesar das permanências e hegemonias. Assim, sobrevém a

¹⁹² COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain. (Dir.) **História da Virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Volume 3, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 10.

¹⁹³ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

preocupação em desfazer noções abstratas de “homem” enquanto identidade única, a-histórica e essencialista, para pensar a masculinidade como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações, rastreando-a como múltipla, mutante e diferenciada no plano das configurações de práticas, prescrições, representações e subjetivações.¹⁹⁴

Diante desta afirmação, podemos delinear uma tendência historiográfica que trata a masculinidade de acordo com a singularidade, a subjetividade e a multiplicidade. O homem moderno reivindica seu lugar na sociedade de massa, seu espaço na cultura e na cidade, permeando e tomando para si todas as experiências ligadas ao sexo através do casamento e do núcleo familiar burguês:

O impulso industrial da década de 1880 deu novo tom às vivências e as formas de trabalho dado que o regime das fábricas possibilitou um êxodo rural que trouxe a população do interior do país para as cidades. Isso propiciou a emergência do meio urbano como o espaço privilegiado para a vida dita moderna. [...] As grandes paredes do lar senhorial, da “Casa-Grande e Senzala” de Freyre (2000), muquifos e cortiços, muitas vezes foram literalmente demolidos para a construção de imponentes vias e novas residências modernas, delimitadas, ordenadas, regradas e arejadas, próprias para a boa vivência da família nuclear, burguesa, pautada nas relações sentimentais e amorosas. Os espaços de vivências e sociabilidades se deslocaram, a moda passou a ser os grandes e iluminados “espetáculos”: os cinemas, os parques, os museus, as matinês, os panoramas, todos eles traziam o brilho de uma “nova civilização” iluminada por luzes modernas.¹⁹⁵

As revistas **Playboy**, **Penthouse** e **Hustler** tornaram-se modelos da “Invasão estrangeira” do conhecimento sobre o sexo, através de importações clandestinas que já eram vendidas em bancas de jornal, e aos poucos se tornaram modelos para a criação de revistas masculinas brasileiras que tinham discursos voltados exclusivamente ao homem brasileiro, sendo adaptadas à nossa identidade cultural. Dentre elas, a revista **Playboy** foi o principal modelo a ser adotado por quase todas as revistas do tipo normalizadoras.

¹⁹⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma História das Sensibilidades: Em Foco: A Masculinidade. In: *História Questões & Debates*. Curitiba, vol 34, 2001. p. 47.

¹⁹⁵ BRANDÃO. Angela. **O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba 1905 – 1913**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1994.

PLAYBOY: A arqueologia do Homem Moderno¹⁹⁶

Dentre as publicações eróticas e pornográficas mais conhecidas, vendidas e citadas como modelos para as outras revistas, a **Playboy** pode ser considerada o melhor destaque, a principal referência. Ajudou a criar um tipo de revista carregada de “conteúdo verdadeiro” do saber sexual. O periódico traz diversas personalidades, médicos, artistas como partes de suas matérias, através dos quais acabaram por criar uma sistematização dos discursos de como deve ser o “homem moderno”¹⁹⁷. E esse homem moderno é o *playboy*.¹⁹⁸

Direcionada especialmente para o público masculino, a **Playboy** foi criada como uma revista de entretenimento erótico. As mudanças sociais e econômicas, assim como as culturais, se deram devido uma série de relatórios sobre a Sexualidade, como o *Hite*, que abriu espaço para que as leis americanas de liberdade de expressão possibilitasse o surgimento desse tipo de revista. Esse novo comportamento masculino deveria ser padronizado em um novo modelo de homem, que se distinguisse do “homem tradicional e arcaico”, como já apontado anteriormente. Em sua primeira edição americana, Hugh Hefner¹⁹⁹ aponta sua visão sobre seu público:

SE VOCÊ É UM HOMEM, se você tem entre 18 e 80 anos, então Playboy é para você. Se você gosta de se divertir, se você aprecia um pouco de humor, de refinamento e de pimenta na sua vida, você irá fazer de Playboy sua mais fiel companheira. Que fique claro desde o início: nós não somos uma “revista familiar”. Irmã, esposa ou sogra, se você abriu esse periódico por acaso, eu lhe peço, entregue-o ao homem de sua casa e retorne ao seu *Ladies Home Companion*.²⁰⁰

Essas preocupações da revista tornam o “novo homem” um *expert*, um homem total, que procura controlar e conhecer todos os aspectos da vida. Quando ele

¹⁹⁶ Documentário. “**Hugh Hefner: Playboy, Ativista e Rebelde**”, Dirigido por Brigitte Berman. 124 min, 2009. Hefner utilizou em seu programa, pela primeira vez, músicos negros e convidados brancos na televisão.

¹⁹⁷ A utilização do conceito “homem moderno” aqui nos referimos ao homem novo, educado, informado, bem vestido, ao molde do *dandismo* de Oscar Wilde e Charles Baudelaire. Cf. BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995.

¹⁹⁸ O *playboy* é sem sombra de dúvidas o ancestral das novas identidades, quase todas baseadas no padrão do jovem boa vida de **Playboy**, como o *Metrossexual* e ou *Lumbersexual*.

¹⁹⁹ A revista foi criada a partir de estudos sociológicos de pós graduação de Psicologia e Sociologia de Hugh Hefner, como aponta em uma entrevista à CNN. Disponível em: http://money.cnn.com/magazines/fsb/fsb_archive/2003/09/01/350793/ Acessado em: 01-08-2014.

²⁰⁰ Revista **Playboy**. dezembro de 1953. 1ed. EUA. Tradução nossa.

afirma que a revista faz uma cartilha ao gosto masculino, nos perguntamos qual seria esse gosto, e qual homem é esse:

Ele pode ser um jovem executivo de mente aguçada, um artista, um professor universitário, um arquiteto ou um engenheiro. Ele pode ser muitas coisas, contanto que possua um certo tipo de visão. Ele deve ver a vida não como um vale de lágrimas, mas como um tempo feliz, ele deve ter alegria no seu trabalho, sem encará-lo como o fim de todo o viver, ele deve ser um homem alerta, um homem de gosto, um homem sensível ao prazer, um homem que – sem adquirir o estigma de voluptuário ou diletante – pode viver a vida plenamente. Esse é o tipo de homem que nós temos em mente quanto usamos a palavra Playboy.²⁰¹

As revistas tentaram criar, também, a continuidade de separação de gêneros ao criar um espaço reservado, algo diferente, algo masculino. A construção social das diferenças entre os sexos fica explícita desde a 1ª edição da revista, através da afirmação da desigualdade entre homens e mulheres:

Segundo a concepção de Connell (1995) existem múltiplas e plurais masculinidades sendo que elas podem ser concorrentes, conflitantes ou complementares, porém, uma delas obtém o posto socialmente sancionado de “masculinidade hegemônica”. Desta feita, podemos perceber a difusão de novas masculinidades candidatas ao posto de “hegemônicas” com o processo de modernidade no Brasil. Ou seja, transportam-se para a sociedade brasileira do início do século, juntamente com os contraditórios ideais da modernidade, novos modelos – também contraditórios – de masculinidade.²⁰²

Altamente marcada pela imposição de uma sociedade patriarcal, porém com influência de uma sociedade de massa urbana, diferente, então, daquela sociedade do século XIX, o Brasil vai ser afetado diretamente sobre os diversos discursos sobre masculinidade. Igualmente, essa nova etapa na vida social é marcada por uma crise de virilidade, e a identidade do homem aparece como um problema a ser levado em consideração.

A revista traz diversas matérias afirmativas ante a esse problema. Todo mês apresenta uma mulher posando na capa, uma *playmate* do mês, além de entrevistas, reportagens e assuntos do mundo masculino. O coelho é o símbolo da

²⁰¹ Revista **Playboy**. dezembro de 1953. 1 ed. EUA.

²⁰² BOTTON, Fernando Bagiotto. **Novos homens**: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. www.revistahistoriar.com. Julho de 2009. p. 12.

revista, pela escolha óbvia para mascote, já que o mesmo é ligado à sexualidade e à intensidade das relações sexuais.²⁰³

Em 1953, Hugh Hefner decidiu criar uma revista que mostrasse o pensamento dos homens jovens. Com a influência das revistas de *pin-ups*, lidas durante a guerra, aliou o conteúdo erótico das imagens de diversas mulheres com poses sexuais às matérias jornalísticas e artigos de opinião. A primeira edição foi publicada em novembro de 1953, com tiragem de 69 mil exemplares, com cerca de 50 mil cópias vendidas. Uma pequena editora independente, chamada Empire News Co., decidiu apoiar **Playboy**, para torná-la uma publicação nacional, enquanto Hefner contratou repórteres, editores de arte e publicitários para formarem a equipe de produção da revista.²⁰⁴

Nesse mesmo emaranhado discursivo, as sexualidades descritivas se convertem em sexualidades prescritivas, tornam-se sexualidades normalizadas, sexualidades “verdadeiras”. Essa é a lógica das sexualidades estatísticas, que firmam uma continuidade e uma permanência também nas ciências humanas.

Penthouse

Diferentemente de **Playboy**, a revista **Penthouse**, concorrente da **Playboy**, fundada por Robert Charles Joseph Edward Sabatini Guccione, o “Bob Guccione”²⁰⁵, foi direcionada ao público masculino através de uma combinação de artigos sobre o estilo de vida urbano e ensaios fotográficos eróticos *softcore*, sem a adoção de temas sofisticados ou ambientação burguesa, dando preferência a mulheres em ambientação cotidiana e, por vezes, natural. Em setembro de 1969, Guccione desafiou Hugh Hefner em um anúncio de uma página inteira no *New York Times*:

²⁰³ Originalmente, Hefner havia pensado em uma publicação chamada **Stag Party** (“despedida de solteiro”), tendo como mascote um cervo (“stag” em inglês designa cervo machos, mas também é aplicado para homens adultos), mas uma revista chamada Stag ameaçou processar. Então após considerar outros nomes Hefner foi de **Playboy**, que era o nome de uma marca de carros e também gíria para um estilo de vida, e contratou o desenhista Arthur Paul para criar uma mascote, que acabou sendo um coelho.

²⁰⁴ Para criar sua revista, Hefner angariou US\$8 mil empenhando os móveis de seu apartamento e pedindo dinheiro a amigos e parentes, com US\$500 sendo usados para comprar os direitos de fotos de Marilyn Monroe feitas para um calendário em 1948.

²⁰⁵ No cinema, co-produziu Chinatown com a Paramount e, em 1976, Calígola, uma produção colossal orçada em 17,5 milhões de dólares, que mostrava orgias romanas com todos os detalhes que, durante muito tempo, se chamou de “sexo explícito”.

“Vamos caçar o coelhinho”, prometia o texto, enquanto a ilustração mostrava o símbolo da revista **Playboy** à frente da mira telescópica de um rifle.

Nos anos 1990, entretanto, se transformou em uma revista *hardcore*. Embora Guccione seja norte-americano, nascido em Brooklyn, a revista foi fundada no Reino Unido, em 1965, com 120 mil exemplares, e começou a ser vendida nos Estados Unidos em setembro de 1969²⁰⁶.

Por muitos anos, **Penthouse** situou-se numa linha normatizadora, porém mais explícita, ficando entre **Playboy** e **Hustler**, com a **Playboy** sendo visualmente mais suave e menos focada na genital feminina, ou seja, mais artística conceitualmente, e com a **Hustler** seguindo para uma aparência provocadora e conteúdo frequentemente composto por humor escatológico e sexo explícito, muito próximo da **Private**. Quase desde o início, os ensaios fotográficos da **Penthouse** mostraram a genitália feminina e pelos púbicos, quando isto ainda era considerado por muitos uma obscenidade, além de ser a primeira a publicar nus masculinos²⁰⁷, casais fazendo amor, lésbicas e sexo grupal. Segundo Bob, tratava-se de mostrar o sexo sem hipocrisia, contudo, sem jamais cair no mau gosto:

Os ensaios fotográficos e o jornalismo investigativo de primeira linha, que caracterizavam a revista desde o início, trouxeram também notoriedade à **Penthouse** e a Guccione. Pela primeira vez, uma publicação mostrava pelos pubianos, enquanto o jornalismo acarretava a inimizade do governo norte-americano; ao investigar a CIA, tornava Guccione alvo preferencial da máfia, por causa das suas denúncias, ou o aclamava com os veteranos do Vietnã, dos quais defendia os interesses.²⁰⁸

A revista tornara-se uma das mais lidas desde seu lançamento, andando de mãos dadas com o sucesso de **Playboy**.²⁰⁹ No Brasil, a versão da editora Grafipar

²⁰⁶ O primeiro número de **Penthouse** nos EUA rodou 375 mil exemplares e vendeu 71%. Nove anos depois, em 1978, a revista *Forbes* noticiava que **Penthouse** vendia 37% a mais nas bancas do que a **Playboy**.

²⁰⁷ Não havendo a possibilidade de afirmação com certeza, falta uma prova concreta de que teria sido mesmo a primeira, mas é citada por diversas fontes consultadas. Foi a primeira revista do mundo a publicar nus masculinos, casais fazendo amor, lésbicas, sexo grupal. Desde o começo da revista, obteve muito sucesso nestas edições.

²⁰⁸ Revista **Penthouse**. A revista de sexo, política e protesto. Junho de 2001. Nº 0. Interessante notar que essa versão recente de 2001, mesmo depois de muito tempo depois da ditadura essa edição foi obrigada a sair com duas capas diferentes. Uma exclusiva para o Rio de Janeiro com a hostess Vanessa Manzano com roupas até o pescoço e outra de circulação nacional com ela de costas, com as mãos cruzadas para cima e com o bumbum a mostra.

²⁰⁹ Bob Guccione relata: “Playboy trata a mulher como uma criança trata sua boneca. A diferença entre Hefner e Bob Guccione é que eu realmente gosto de mulheres. [...] “Quando vim de Londres para os Estados Unidos, declarei publicamente que em cinco anos passaria a **Playboy**. Poucos acreditaram. Mas eu sabia a verdade: nada me impediria de ser o número um. Eles estavam

(1982) mostrava a preocupação em dar importância ao entretenimento de ambos os sexos e não apenas ao público masculino. Traço este que pode ser perceptivo durante a produção da revista no Brasil.

Até 1974, a representação da genitália feminina oferecia vagos retratos das partes, sem os pequenos lábios entreabertos, mas após esse período vemos panoramas mais nítidos da vulva exposta. Sexo simulado, mas sem penetração ou genitália masculina, era a norma da revista; muitos anos depois, mudou com a inclusão da genitália masculina, exibindo ereções que poderiam ser vistas junto às fotos das mulheres. Além disso, **Penthouse** se esforçou para manter algum nível de leitura de conteúdo, contudo, geralmente de cunho mais sexual que a **Playboy**, conforme aponta Bob Guccione:

“Desde o início, nossa atitude em relação ao sexo tem sido salutar, para fora, socialmente integrada. Uma relação interligada, amorosa, romântica, buscando sempre o desenvolvimento de relacionamentos reais entre as pessoas. Não advogamos o sexo pelo sexo, mas também não somos a favor de amor pelo amor. Relacionamentos completos são mais satisfatórios e interessantes. Visualmente, sempre tratamos o sexo de uma maneira natural. Nada de cenas grotescas explicitadas. Os homens querem apreciar fotos bonitas e não fotos que possam inibi-los.”²¹⁰

Penthouse alterou algumas perspectivas em relação ao pornográfico. O caso da adolescente que posou para a revista e fez alguns filmes pornográficos, Traci Lords²¹¹, talvez seja uma das questões interessantes que poderia sugerir outra pesquisa.²¹² Existe hoje uma regulamentação muito específica quanto à participação de menores de idade em fotos sensuais e revistas, mas isso não era algo muito bem definido em relação às revistas masculinas. A menoridade, a infantilização e, mais

acomodados, vendiam bem, não tinham concorrentes e me deram uma meta: ultrapassá-los. Não deu outra coisa.” Revista **Ele Ela**. Rio de Janeiro-RJ, Bloch Editores. Nº 236. Fevereiro de 1989 p.19-20.

²¹⁰ Revista **Ele Ela**. Rio de Janeiro-RJ, Bloch Editores. Nº 236. Fevereiro de 1989 p. 20.

²¹¹ Nora Louise Kuzma (Steubenville, 7 de maio de 1968) mais conhecida pelo seu nome artístico Traci Lords, é uma atriz, produtora, diretora, cantora e ex-atriz pornográfica estadunidense. Alcançou notoriedade por sua carreira na indústria pornográfica e na revista **Penthouse** (ela tinha 16 anos de idade em seu primeiro filme), mais tarde se tornando uma atriz de televisão e filmes B. Ela fez uma participação no disco de covers da banda **The Ramones** chamado **Acid Eaters**, em 1993, no qual Traci faz backing vocal na música “Somebody to Love”. Em 2003, lançou o livro autobiográfico “Traci Lords: Underneath It All”.

²¹² Em 1987, Luciana Vendramini foi Garota do Fantástico e no mesmo ano posou para um ensaio da revista **Playboy**, quando ainda era menor de idade. Embora a revista afirmasse que as fotos tinham sido tiradas nos primeiros dias após a modelo completar dezoito anos, posteriormente soube-se que a modelo tinha apenas dezesseis anos quando as fotos foram tiradas.

tarde, a necessidade da criação, normalização e enquadramento do que chamamos de pedofilia, foram discussões pós-**Penthouse**.²¹³

Assim, além das discussões sobre os aspectos que formariam a mulher, o homem começa, aos poucos, a ganhar uma roupagem própria no Capitalismo. O que vestir, o que comer, como se comportar, discursos que deve aderir, conhecimento que deve obter, como falar com as mulheres, deixando de agir conforme os antigos faziam, aquele modelo de homem macho e violento passou a ser modificado através de outros discursos:

Da mesma forma que o homem perdeu o halo nas grandes avenidas parisienses construídas pelo megalômano projeto Haussmaniano (BERMAN, 2007), também o antigo modelo de homem brasileiro destemido, macho, patriarca, violento e indisciplinado acaba competindo e perdendo espaço de dominação para um novo modelo de masculinidade, pautado pelo cosmopolitismo urbano-industrial – onde muitas vezes a obediência ao chefe é mais importante do que provar supremacia pelo mando. Essa nova masculinidade, embora compartilhasse de diversos ideários com a masculinidade dos patriarcas, agora é possuidora de novos costumes burgueses opostos aos padrões antes vistos como “exemplares”. Através da distancia entre as atitudes tomadas no espaço público e as reservas do espaço privado, pela total dedicação do tempo entre a família burguesa e o trabalho, os homens modernos possuíam uma leitura racional do mundo, onde a técnica e a ciência suprimiam a credence popular que não mais se encaixa num mundo agora controlado pelo método científico. A prova de ser macho, antes obtida pela afirmação da violência e dos costumes “grosseiros”, agora é obtida pelos hábitos civilizados da exemplar postura europeia, onde o autocontrole físico e moral são os definidores do macho ideal para a nova sociedade cada vez mais ordenada e progressista.²¹⁴

A revista **Penthouse** limitou-se a expandir e a criar novos espaços em meio às produções eróticas, tornando o espaço entre o erótico e o pornográfico cada vez mais confuso. O novo homem deveria conhecer a racionalidade e a técnica do mundo moderno, para se diferenciar em relação ao macho de outrora. Bob Guccione demonstra as diferenciações desse novo homem *voyeur*:

Acho que o *natural look* é muito mais erótico. Se a modelo tem uma cicatriz e a foto mostra, isso passa maior credibilidade ao comprador da revista. Ele percebe que e esta mulher é real, que não é uma boneca fabricada. A parte

²¹³ De acordo com uma pesquisa, no Brasil, um dos termos procurados é "novinha". Na ordem: 1) brazilian, 2) anal, 3) Brazil, 4) brasil, 5) teen, 6) brasil(gay), 7) brasileirinhas, 8) novinha, 9) straight(gay), 10) julia paes. Cf. *Pesquisa mostra termos pornôis mais procurados na web, em todo o mundo*. Disponível em: <http://gnt.globo.com/bem-estar/materias/pesquisa-mostra-terminos-pornos-mais-procurados-na-web-em-todo-o-mundo.htm#942=1> Acessado em: 16-03-2015

²¹⁴ BOTTON, Fernando Bagiotto. **Novos homens**: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. ISSN 1983-9685. Disponível em: www.revistahistoriar.com. Acessado em: 19-02-2015.

voyeur de cada homem se satisfaz quando esse homem se sente invadindo a privacidade de alguém. Essa idéia dirige muito a produção de nossas fotos. As pessoas se auto-acariciam apenas na privacidade e, quando o leitor vê a foto de uma mulher tocando o próprio corpo, ele realiza sua parte *voyeur*. Uma mulher bonita que se toca é uma mistura de erotismo e inocência.²¹⁵

O mundo do erotismo só seria abalado de verdade com o lançamento da revista sueca **Private**. As fotos coloridas de poses ginecológicas fizeram uma mudança na episteme pornográfica.

Private

Não só de revistas dos Estados Unidos a pornografia se fez. Entre a **Playboy** e a **Penthouse**, que delimitaram o que era considerado uma revista masculina, temos a revolução com a chegada da revista sueca **Private**.²¹⁶ Esta foi publicada pela primeira vez em Estocolmo, na Suécia, em 1965, e fundada por Berth Milton. A revista é caracterizada por fotos de sexo explícito e misturas sexuais desconcertantes. Ela possibilitou, quase que totalmente, a visão de sexo *hardcore* nas revistas eróticas:

Há muito tempo, no ano de 1965, não havia pornografia explícita. Havia o estranho stag film, o ocasional cartão francês, o raro Chapbook cubano ou caseiro Polaroid, mas a pornografia colorida brilhante profissional onipresente para a sociedade moderna não existia. O homem que mudou tudo isso foi Berth Milton de Estocolmo, com a sua audaciosa pequena digest, Private. Ele e Private foram diretamente responsáveis pela decisão do Parlamento sueco para tratar materiais sexualmente explícitos como uma protetora liberdade de expressão, levando à abolição das leis de obscenidade sobre a maior parte do norte da Europa. Com suas modelos sorrindo, exuberantemente desinibidas, Private criou uma fantasia da Suécia como o país mais libertino da terra, um paraíso sexual que encantaria os homens ao redor do globo. Editor Milton era o único fotógrafo da revista, então Private era muito mais um sonho pessoal. Genio e tirano, têm insistido em apenas o melhor para sua revista, levantando-se na década de 1970 para se tornar a Hugh Hefner do *hardcore*.²¹⁷

Com a invasão da revista **Private**, finalmente o homem moderno teve possibilidade de ver a pornografia explícita e tudo aquilo que até então era escondido e drapeado. Se a Suécia teve seu auge enquanto um modelo social a ser

²¹⁵ Revista **Ele Ela**. Rio de Janeiro-RJ, Bloch Editores. Nº 236. Fevereiro de 1989 p. 26.

²¹⁶ Private Media Group, Inc. é uma empresa de produção e distribuição de conteúdo adulto, através de Revistas, DVDs, Blu-rays, internet e outros meios. Foi a primeira empresa da indústria pornô a ter suas ações na bolsa eletrônica NASDAQ.

²¹⁷ HANSON, Dian. A Private Matter. In: **Private** (1970-1979). Taschen. Vol I, Los Angeles, 2009. p.7

exportado para a Europa, criando um mito sobre o país, ele acaba por ser questionado por diversos fatores que deixaram explícito o privado:

A pornografia representa para a revolução sexual dos anos de 1970 o que a educação sexual foi para a dos anos 1940 e 1950. Constitui talvez a manifestação mais imediata da sexualidade, visto que, à diferença do erotismo, não estabelece mediações entre o espectador e o objeto de seu desejo. Nada é sugerido nem desvelado; tudo é exibido. É interessante notar a esse respeito que, na literatura sueca, praticamente não existem romances eróticos, nem *Justine* ou *História de Ó*; nenhum equivalente às obras de Bataille, do marquês de Sade ou mesmo de Diderot das *Jóias indiscretas*. A única literatura leve e libertina data do século XVIII, quando a Suécia era a "França do Norte". Tirante esse exceção, a literatura sueca-particularmente no domínio do sexo – não cultiva litotes, o subentendido, o conteúdo latente ou implícito; é abertamente pornográfica ou decididamente educativa. [...] ²¹⁸

Ao mesmo tempo em que não havia uma tradição pornográfica na Suécia, ela acabou por criar a pornografia *hardcore*. O privado, nesse caso, não é fechado em si, mas é assunto público, contrariamente ao que acontecia no Brasil. Tal experiência contribuíra para que o Brasil se abrisse à pornografia.

A partir destas publicações de revistas de sexo explícito, surge, nos EUA, a **Hustler**. Ela foi a primeira revista do país a produzir a pornografia *hardcore* e, com isso, ajudou a ultrapassar os limites, a transgredir as normas sociais com os discursos sobre a sexualidade.

Hustler

A primeira publicação da Hustler se dera em julho de 1974.²¹⁹ A revista surgiu da **Hustler Newsletter** e da **The Hustler for Today's Man** que eram propagandas do strip club de Flynt, na época. O diretor e então editor executivo, Mike Foldes, ajudou a conceber a revista, e escreveu inúmeros editoriais para Flynt, antes de deixá-lo, em novembro de 1975, para trabalhar para a revista **High Times**, na cidade de New York.

²¹⁸ ORFALI, Kristina. Um modelo de transparência: a sociedade sueca. In: PROST, Antoine. **História da Vida Privada**, 5. Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 p. 552.

²¹⁹ Atualmente, a **Hustler** é considerada mais explícita que *Playboy* e *Penthouse*. A revista frequentemente retrata temas *hardcore*, como uso de *sex toys*, penetração, sexo grupal, e vaginas e ânus "gaping", que não são mais exibidas em suas principais concorrentes. As fotografias da **Hustler** falta o foco suave, muitas vezes visto na **Playboy** e na **Penthouse**. A revista alcançou o auge de circulação de 3 milhões. A sede da publicação é em Beverly Hills, Califórnia.

A revista, que superou seu começo instável, ultrapassou a marca de um milhão de vendas com a publicação do ensaio fotográfico erótico de Jackie Onassis, em 1975, para capturar o terceiro lugar do mercado de revistas pornográficas dos Estados Unidos. Quando um paparazzo fotografou Jackie Onassis, primeira dama dos E.U.A., nua numa ilha grega, Larry Flynt da revista **Hustler** comprou as fotos e as publicou, em agosto de 1975, provocando um embaraço para Jackie e para a família. As fotos eram um tanto obscuras, mas mostravam claramente os seios, as nádegas e os pelos púbicos de Jackie. A descrição do pelo púbico foi chocante (PARA QUEM?). A partir dali, a mídia, informalmente, a chamaria de Jackie O.²²⁰



Figura 04 – Fotografias de Jackie O. na revista **Hustler**, agosto de 1975.

Desde seu princípio, **Hustler** procurou transgredir as convenções sobre o que as revistas poderiam mostrar. Foi uma das primeiras revistas masculinas dos Estados Unidos a quebrar o tabu que existia no começo dos anos setenta sobre mostrar um olhar mais explícito da genitália feminina que outras revistas da época, como a relativamente modesta **Playboy**. Foi, também, a primeira revista norte-americana a mostrar pelos pubianos.

²²⁰ A mídia americana vem chamando a atual primeira dama Michele Obama de "Michele O" em referência às semelhanças de elegância e bom gosto que esta última possui com Jacqueline.

A revista **Penthouse** rapidamente a seguiu, o que impeliu **Hustler** a exibir sua primeira modelo com os pelos pubianos depilados. A revista causou um escândalo quando, na edição de julho de 1976, mostrou pelos pubianos na capa. Conseguiu, também, ser a primeira revista dos E.U.A. a mostrar um pênis antes de suas rivais. Os ensaios fotográficos no começo da **Hustler** incluíam mulheres grávidas, mulheres de meia-idade (as quais a corrente principal da mídia rotulou de "geriátrico"), mulheres acima do peso, hermafroditas, amputadas e transexuais. Uma série fotográfica inter-racial, em 1975, que exibia um homem negro e uma mulher branca, foi muito controversa e atraiu protestos tanto da Ku Klux Klan, quanto da NAACP²²¹. **Hustler** publicou, ainda, fotos explícitas de DSTs, câncer de pulmão causado pelos efeitos do cigarro e imagens gráficas de vítimas de guerra.

A revista em questão teve uma visão mais anarquista que as demais, além de uma política editorial muito próxima das questões sociais. Isto, portanto, a distingue, de certa maneira, das outras revistas pornográficas, que adotaram ideias liberais sobre liberdade de expressão e questões moralistas, mas mantiveram-se conservadoras. A revista foi chamada de "uma das [revistas de circulação em massa] mais explicitamente antagônica", porque transgrediria a normalização da sociedade burguesa, com sátiras a padres, políticos, profissionais e, principalmente, à Igreja Católica e à política americana.²²²

Cada uma dessas revistas deu um tom a mais para a expansão da pornografia no Brasil. Claramente, não demorou muito para que, além da circulação de revistas importadas, o Brasil criasse suas próprias revistas eróticas, voltadas para o público masculino brasileiro, mas com base a digerir a cultura internacional.

²²¹ A Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (em inglês: National Association for the Advancement of Colored People; NAACP) é uma das mais antigas e mais influentes instituições a favor dos direitos civis de uma minoria (principalmente de negros) nos Estados Unidos.

²²² Uma das principais discussões foi a disputa judicial iniciada no tribunal de Roanoke, Virgínia, em 1983, entre o pastor batista, Jerry Falwell, e o dono e editor da revista **Hustler**, Larry Flynt, sendo decidida apenas em 1988, após decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos. A questão central do processo girou em torno das diferentes interpretações dos personagens citados acima acerca dos limites da Primeira Emenda norte-americana em relação à liberdade de expressão. O pastor Jerry Falwell não tolerou uma charge publicada na última página da **Hustler**, na edição de novembro de 1983, que satirizava sua primeira experiência sexual.

2.2. *Fairplay, Ele & Ela, Revista Status, Homem*

Na metade do século XX, no Brasil, as revistas com imagens de mulheres nuas começaram a ser uma constante. As tensões visíveis desse novo material nas bancas fizeram com que fosse questionada a representação coletiva do modelo de masculinidade desejável. Entre o macho-dominador, violento, dono da natureza, dono de barbas rústicas, fumante, bebedor de cachaça, detentor de uma postura de masculinidade viril, impositora e fisicamente dominante dá lugar a outra figura, a de um homem burguês, civilizado, que desfila com seus carros velozes e potentes, portador de certo *status* de possuidores de materiais tecnológicos e luxuosos, definidores máximos da burguesia:

Suas silhuetas sóbrias representavam um controle impecável e delicado também sobre o próprio corpo, seus trajes muito bem cortados e importados de alfaiates da alta costura, mostravam uma particular posição de masculinidade através do domínio dos saberes técnico-científicos, da posse do capital e do luxo, dos modos civilizados de uma Europa idealizada. Esses ideários conflitantes mostram e representam a posição de cada homem frente a auto-construção da masculinidade e da subjetividade. Trata-se também de um embate histórico-cultural entre símbolos e signos de diferentes posturas masculinas a fim de atingir os benefícios físicos e simbólicos da posição de “masculinidade hegemônica”.²²³

Com a proliferação de revistas erótico-pornográficas em vários países, surge a necessidade de adaptar esse discurso ao discurso moderno-tradicionista do Brasil. Há a necessidade, portanto, de uma revista mais elitista, profissional e culturalista. É interessante notar que na maioria das revistas publicadas no Brasil, diversos poetas, escritores, pintores e esportistas fizeram parte da linha de frente dos editoriais e das capas. O público, desta forma, estaria voltado aos universitários, que eram a grande minoria no país, mas que crescia com a expansão do Ensino Superior²²⁴:

Foi ao longo dos anos 70, com os movimentos pela valorização das minorias que a questão da mulher começou a mudar de forma. A sexualidade deixava de ser considerada como algo mágico ou misterioso que escaparia aos progressos técnicos ou à medicina. A pílula foi aceita por homens e mulheres, não só porque era confiável, mas, sobretudo, confortável. O orgasmo simultâneo passou a medir a qualidade das

²²³ BOTTON, Fernando Bagiotto. **Novos homens**: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. ISSN 1983-9685. Disponível em: <www.revistahistoriar.com> Acessado em: 16-03-2015.

²²⁴ Entre as décadas de 60 e 80, teremos um movimento de expansão do Ensino Superior, com a USP (1960), a UNICAMP (1966), e a UNESP (1976).

relações e significava o reconhecimento da capacidade feminina de gozar igual aos homens. Música, literatura e cinema exibiam a intimidade dos casais, democratizando informações: “nos lençóis da cama... travesseiros pelo chão” cantava Roberto Carlos. Revistas de grande tiragem exploravam questões sexuais, valorizando corpos idealizados, com uma mensagem: “sejam livres”, enquanto nos artigos de fundo seguia-se valorizando o sentimento e o amor. Já a publicidade erotizava comportamentos para vender qualquer produto. Tudo isso não seria possível sem o poder dos meios de comunicação modernos e uma cultura de massa, capaz de difundir modelos e representações sexuais.

Entre 1979 e 1985, aumentou mobilização dos diferentes setores da sociedade exigindo redemocratização do país, inaugurando novos conflitos e sacudindo o imobilismo das representações de classe. Aos trancos e barrancos, discutia-se um novo modelo de feminilidade, mas, também, de masculinidade.²²⁵

Desse modo, é o modelo norte-americano que vai se implantar no Brasil, via revistas no modelo **Playboy**. As revistas se aproximavam muito daquelas de variedades, com a pequena diferença de trazerem fotos aleatórias e, às vezes, desconexas de mulheres nuas. Piadas e mulheres, propagandas de remédios milagrosos e nudez, ao mesmo tempo em que artigos de opinião, científicos, jornalísticos e também produções de charges e contos literários de grandes intelectuais e artistas brasileiros, como Dalton Trevisan, Ziraldo, Paulo Leminski, Rubem Fonseca, entre outros, ganhavam destaque. As fotos das mulheres geralmente vinham de agências internacionais chamadas de *Features*, e começaram a ser compradas por atravessadores e correspondentes de notícias que estavam fora do Brasil.

Em 1957, a revista **Gentleman** é lançada, revista no formato da **Playboy** americana, que havia sido lançada em 1954. Bom gosto e qualidade editorial, além de, em suas últimas páginas, publicarem contos de Nelson Rodrigues:

Dois anos depois (da publicação da revista *Gentleman*), surgiria *Senhor*. Nesta, porém, em vez do pretexto da nudez ou do erotismo, texto para homens interessados em literatura, principalmente. *Senhor* circulou entre 1959 e 1964. E não surgiria nenhuma revista semelhante antes e depois dela na imprensa brasileira. Sua reputação se devia a uma rara combinação de excelência de seus textos, da paginação inovadora e do acesso a equipamentos gráficos modernos. Criada por Nahum Sirotsky (redação) e Carlos Scliar (arte) para ser uma moderna – e, sem querer pioneira – revista masculina, *Senhor* circulava com esmeros tão caprichados nos textos quanto na apresentação visual de cada edição. Em suas páginas, estavam todos os ingredientes das revistas brasileiras para homens que viriam a

²²⁵ PRIORE, Mary Del. **Amor e sexo nos “anos de chumbo”**. Disponível em: <http://historiahoje.com/?p=3258> Acessado em: 16-08-2014.

seguir: cinema, teatro, artes plásticas, esportes e, claro, fotos eróticas de mulheres (discretíssimas).²²⁶

Senhor, lançada pela Editora Delta, do Rio de Janeiro, em 1959, foi a primeira revista dirigida para homens com o título em português. Caracterizada como uma revista de arte e cultura que abordava assuntos com mulheres, despontou como algo de grande interesse masculino. Todavia, sem obter sucesso, trocou várias vezes de editor, deixou de circular em 1963 e foi relançada em 1970, mas igualmente sem sucesso.

A revista **Fairplay**, da editora Efecê, foi pioneira. Lançada em 1966, como uma revista de *pin-ups*, transforma-se em uma revista de boa qualidade que consegue reunir articulistas consagrados, como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manoel Bandeira e Nelson Rodrigues. Com isso, atrizes em começo de carreira disputavam o privilégio de aparecer em suas páginas. Entretanto, o preconceito com relação à nudez era forte. Assim, sem anunciantes, pois estes temiam identificar seus produtos a esse tipo de circulação, deixou de circular em 1971.

Apesar de tudo, diversas revistas começaram a aparecer, como **A Pomba**, em 1966, da Poster Graph, **Ele Ela**, da Editora Bloch, lançada em 1969, que se dirigia a homens e mulheres, principalmente casais, nessa lacuna de mercado; em 1974 surge a revista **Status**, da Editora Três e em 1975 é lançada **A revista do Homem**, que pouco depois vai mudar seu nome para **Playboy**, e consolida-se, assim, as revistas eróticas de estilo *soft* no Brasil. Havia, também, extensos artigos de sexualidade e comportamento. Os discursos destas revistas, seus projetos gráficos, seu editores, suas modelos reuniram pessoas importantes do mundo da literatura, das artes, da música, e ajudaram a disseminar aspectos sobre a identidade e a cultura brasileira.

Será necessário, portanto, descrever as contribuições de algumas destas revistas que continuaram a se reinventar até a consolidação da revista **Playboy**, na versão nacional.

²²⁶ GONÇALO JÚNIOR. **Maria Erótica e o clamor do sexo**. Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Edtoractiva Produções Artísticas, 2010. p 92.

Fairplay (1966)

Lançada pela Editora carioca Efecê, em outubro de 1966, a revista **Fairplay: a revista do homem** torna-se, depois, **Fairplay para adultos**. No texto de estreia – “Inferno”, de Nelson Rodrigues - Julio Delamare, editor, fala que é uma mistura de **Playboy** com **Esquire**. [...] Graças a entrada do artista gráfico e futuro publicitário José Zaragoza, Fairplay estabeleceu um novo padrão gráfico para revistas no Brasil. [...].²²⁷

Fairplay foi uma das primeiras tentativas de se estabelecer uma revista masculina do estilo **Playboy**, no Brasil. Lançada em 1966, diversas atrizes consagradas posaram para a revista, como Esmeralda de Barros, Irma Alvarez e Odete Lara. Orígenes Lessa e Ruy Castro foram colaboradores da publicação. Ela foi a primeira revista a apresentar mulheres seminuas – com fotos que expunham apenas silhuetas, dorsos do perfil, penumbras – na forma moderna das revistas do tipo **Playboy**. Com ela apareceram as primeiras modelos brasileiras, e, com isso, o seu reconhecimento. Desse modo, o sexo começa invadir o Brasil, como aponta a revista **Realidade**:

Uma jovem do Grajaú, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, que apareceu nua, de corpo inteiro, nas páginas da revista **Fairplay**, um ano atrás, não pôde mais sair de casa. A banca de jornais de sua esquina vendeu cem exemplares de **Faiplay**. A moça teve de mudar-se para o apartamento de uma prima em Copacabana porque os vizinhos mexiam com ela na rua. Hoje isso não acontece mais. De um ano para cá, as mulheres mais conhecidas do teatro e do cinema brasileiro posaram nuas para **Fairplay**: Vera Barreto Leite, Norma Benguell, Norma Blum, Pepita Rodrigues, Irma Alvarez, Ítala Nandi, Teresa Raquel, Odete Lara, Ana Maria Magalhães e Betty Faria.²²⁸

Quando apareceram essas mulheres “famosas” em revistas como **Fairplay**, os discursos começaram a mudar. Para entender melhor, podemos localizar o lugar da mulher livre que posava para estas revistas, e que foram afetadas diretamente pelas mudanças de ordem social e cultural. Se antes o nu era considerado imoral, aos poucos, a invasão estrangeira do sexo vai afetar o modo de ver a nudez e a possibilidade de posar para as revistas. Assim como resultou a **Playboy** americana, as mulheres brasileiras começaram a ter interesse em se tornarem *playmate* da

²²⁷ GONÇALO JÚNIOR. **Maria Erótica e o clamor do sexo**. Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Edtoractiva Produções Artísticas, 2010.p 93

²²⁸ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. São Paulo, SP. Outubro de 1968. p.36..

revista, um papel de destaque na capa e nas fotos principais, ou seja, o papel da mulher muda, de recatada a estrela principal.²²⁹ Ou pelo menos o olhar masculino sobre o feminino. Aquilo que era considerado anormal é, aos poucos, normalizado:

- Quando me autorizaram a botar mulher nua, nua de verdade, na revista – conta Ziraldo²³⁰, um dos diretores - , achei que seria muito difícil conseguir modelos brasileiros. Como as m^oças reagiriam ao convite do fotógrafo? Fiquei preocupado.

O Juizado de Menores a principio quis proibir. Depois convocou um grupo de trabalho de doze pessoas - psicólogos, psiquiatras, professores e religiosos – para debater o assunto. A opinião geral: era preferível autorizar a publicação de mulheres nuas, proibindo-se a revista a menores de dezoito anos.

- Minha grande surpresa – Ziraldo afirma – foi a facilidade com que conseguimos esses modelos. Fiquei estarecido. Após seis meses de experiência, elas já se insinuam para aparecer em **Fairplay**.²³¹

Com a possibilidade de publicação de nus brasileiros, a relação entre democracia e nudez começa a se estabelecer, e, do mesmo modo, a curiosidade de conhecer as mulheres brasileiras. As relações editoriais, o governo, os autores, os editores e até mesmo o público começaram a aparecer. Criou-se uma “vontade de saber”, assim como novos hábitos e novos públicos, não só masculino e não só feminino, mas do casal. E a primeira revista nesse segmento foi **Ele Ela**.

Ele Ela (1969)

O Grupo Bloch criado pelo imigrante ucraniano Adolpho Bloch, em 1952, dera início, em 1969, à publicação da revista **Ele Ela**, que buscava um público sofisticado, que possuísse conhecimento científico sobre a vida conjugal, embora a revista fizesse mais concessões para o vulgar do que as concorrentes, como as revistas

²²⁹ No dia 13/08/2012, em entrevista à revista **QUEM**, Livia Mund, que posou para a capa da primeira edição de **A revista do Homem** aos 19 anos, em agosto de 1975, respondeu algumas perguntas relacionadas ao ensaio. “**QUEM**: Ficou nervosa, preocupada com a reação da família quando fez as fotos? **L.M.**: Eu me lembro bem do dia, foi tudo tranquilo, fazia sol em São Paulo. Não fiquei nervosa, não. Lembro que fizemos as fotos em que apareço na moto em um estúdio em um dia ou dois, e depois em mais um dia as fotos externas, de rua, locação. No último dia fizemos a foto de abertura da matéria, que foi em um sítio próximo de São Paulo. Não estava preocupada com a reação da família e dos amigos, porque tive o apoio deles.” **Entrevista de Livia Mund à Revista Quem**. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2012/08/aos-56-anos-1-capa-da-playboy-livia-mund-e-voluntaria-em-centro-jovem.html>. Acessado em: 28-11-2015.

²³⁰ Durante o período da ditadura militar (1964-1984), Ziraldo realizou um trabalho intenso de resistência à repressão, fundando com outros humoristas **O Pasquim**. Em 1968, teve seu talento reconhecido internacionalmente com a publicação de suas produções nas revistas **Graphis**, **Penthouse**, **Private Eye**, **Plexus**, **Planète** e **Mad**.

²³¹ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. São Paulo-SP. Outubro de 1968. p. 36.

Playboy e Status. Ao contrário da **Playboy**, **Ele Ela** não apresentava frequentemente mulheres famosas posando nuas, tinha uma influência de uma revista alemã chamada **Jasmim** e era editada por Carlos Heitor Cony.²³² Todavia, diversas mulheres que vieram a ser famosas posaram nuas para a revista, dentre elas Xuxa, que posou diversas vezes, e também Mirian Rios e Luíza Brunet.

Um dos principais atrativos da revista é a seção de cartas, intitulada “Fórum”, que, depois, se tornou um suplemento destacado da revista, embora fosse vendida com a mesma. No “Fórum”, publicavam-se cartas em que os leitores narravam suas aventuras e fantasias eróticas:

Ele & Ela tentava copiar um dos atrativos de *Realidade*: dar destaque ao comportamento sexual não só do brasileiro, mas de todo mundo, no momento em que só se falava em amor livre, emancipação feminina, orgasmo da mulher e bebê de proveta – que só viria em 1977. Tudo com abordagem médicas ou científicas. Com o subtítulo de “Uma revista para ler a dois”, pretendia abordar, como explicava o editorial, “todos os temas relacionados com o homem e a mulher na sua busca da felicidade comum”. Desde a estreia, prometeu depoimentos, situações e experiências “que talvez revelem desencontros, mas que esclarecerão dúvidas e sentimentos. Esta revista é, enfim, uma imagem otimista e sadia da nossa fascinante aventura humana”. [...] Mesmo assim, três dias depois, a edição só não teve a ordem de apreensão totalmente cumprida porque sua tiragem de 120 mil exemplares já se encontrava praticamente esgotada em todas as bancas do país quando os agentes da polícia receberam a ordem. A acusação: fazer apologia ao pornográfico.²³³

A primeira edição de 1969 apontava como deveria ser a vida do casal, o papel da “nova mulher” e do “Novo Homem” e, por fim, do “novo Casal”. Estes deveriam ser bem informados, ou seja, conhecerem as principais tendências nacionais e internacionais, além de cuidar da saúde e controlar a própria vida e o próprio discurso. Em seu primeiro número, a pílula anticoncepcional é uma das questões mais abordadas, colocando a mulher como “libertas de milenares conceitos e preconceitos.” O “Sumário” é muito esclarecedor já que, nele, podemos ver as

²³² “Eliminando etapas da vida pessoal e da carreira profissional, tomo como ponto de referência os três primeiros anos em que editei a revista “Ele Ela”, nos idos de 1969 a 1973. Era a primeira publicação nacional dedicada àquilo que se dizia na época ser o público masculino, ou seja, uma revista com intenções sacanas. Mas nem tanto. Seu modelo não era a americana “Playboy”, essa sim, já consagrada no mercado e existente até hoje, com diversas e bem-sacadas imitações. O modelo de “Ele Ela” era uma revista alemã, chamada “Jasmim”, do grupo que editava um sucesso internacional, em diversas línguas, e que no Brasil se chamava “Pais & Filhos”, dirigida em seus primeiros anos pelo José-Itamar de Freitas, que mais tarde iria fazer o “Fantástico”, na Rede Globo.” CONY, Carlos Heitor. **Para não dizer que não falei contra a censura.** Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2411200032.htm Acessado em: 22-02-2014.

²³³ GONÇALO JÚNIOR. **Maria Erótica e o clamor do sexo.** Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Edtoractiva Produções Artísticas, 2010. p. 139.

principais preocupações da revista, como: “Porque as mulheres exigem mais do amor?”, “Quando o amor vence a política”, “Dicionário de Educação Sexual”, “Elas estão maduras”, “O que acontece quando a pílula falha?”, “Ele não conversa comigo”, “Ela espera por ele”, “O adultério não compensa”, “Para ler a dois”, “O casamento ainda se usa”, “ÊLE ELA e os outros”, “Jeanne Moreau inteiramente nua” e “Especial: Manual do paquera perfeito”.

O discurso do casamento monogâmico burguês é central, além, é claro, da ideia da riqueza. Na primeira edição, até o “Dicionário de Educação Sexual” que vinha na revista mostra o intuito de afirmar o discurso do normal. Preocupações com o corpo da mulher também se tornam uma constante.

Talvez, uma das maiores normalizações do discurso burguês trazido por essa revista seja a do casamento. Na primeira abertura da revista há o texto escrito por Justino Martins, “O primeiro passo”, e traz a foto de uma mulher vestida de noiva, olhando para o buquê:

Uma vida a dois pode começar com um casamento, um beijo, um olhar. Depois de algum tempo é que surgirão as mais fortes emoções, até mesmo a felicidade, e, paradoxalmente, os problemas mais complexos. Esse tortuoso caminho terá de ser percorrido em seus bons e maus momentos, através de descobertas recíprocas que formarão um universo à parte - e a dois. Esta revista é feita para refletir esse universo. Abordaremos todos os temas relacionados com o homem e a mulher na busca da felicidade comum. Oferecemos depoimentos, situações e experiências que talvez revelem desencontros mas que esclarecerão dúvidas e sentimentos. Essa revista é, enfim, uma imagem otimista e sadia da nossa fascinante aventura humana.²³⁴

Além das palavras “otimistas” e “sadia”, a revista tenta passar um ar de científica. Em “Porque as mulheres exigem mais do amor?”, traz uma entrevista com o Dr. Ralph Romeo Greenson, segundo a revista um famoso analista de Hollywood, decano do Instituto de Psicanálise de Los Angeles, suposto médico de Marilyn Monroe.

A capa da revista possui uma segunda capa colada a ela, e quando você abre, como se fosse um pôster, aparece uma mulher nua deitada com as nádegas à mostra. Essas inovações fizeram com que a revista fosse constantemente vigiada pelo governo. O relatório do SNI, do dia 24 de janeiro de 1970, relacionava a preocupação sobre o decreto de lei com a execução de monitoramento relativo às

²³⁴ Revista **Ele Ela**. Bloch Editores. Rio de Janeiro-RJ. Ano I. Nº 1 de 1969. A revista custava na época NCr\$ 2,50.

imagens pornográficas. A revista **Ele Ela** aparece dentro da classificação do relatório, na parte indicada “Psico-social”, na seção de Educação e Cultura, que indica a necessidade de que a revista seja envelopada:

(26)- A Polícia Federal em SAO PAULO ainda não tomou qualquer atitude frente ao Decreto-Lei que proibiu a abusiva exploração comerciais do erotismo.

- As autoridades ainda aguardam instruções especiais de BRASÍLIA.

Enquanto isso, um diretor de publicidade diz que a medida não atingirá as agencias que já tem sua própria ética. (UHSP).

[...]

2. PSICO SOCIAL;

b»Educação e Cultura;

(3-)- A revista "ELE E ELA" deverá ser doravante envelopada - esta é a primeira determinação do ministro da Justiça» após o decreto do presidente MÉDICI que proibiu publicações "contrárias a moral e aos bons costumes". (FT).²³⁵

Apesar do discurso científico das revistas – essa era uma de suas principais preocupações – elas foram “censuradas”. Além dos sacos hermeticamente fechados, uma censora ficava constantemente na redação:

No quinto número, já sofríamos uma censura oblíqua do regime. Eu era obrigado a levar os layouts para a aprovação no Ministério da Guerra. Mesmo assim, a capa que escolhi, publicada simultaneamente com a "Jasmim" alemã, era sobre o machismo italiano. Um homem, com cara de italiano mesmo, sem roupa, mas apenas de busto, cortado na linha do umbigo, tinha uma coroa de rei na cabeça e, atrás dele, uma mulher, presumidamente nua, o abraçava. Da mulher, só se via o rosto e uma das mãos na altura do peito do homem.

Bem, a revista saiu numa sexta-feira e, no sábado, era apreendida em todo o território nacional. Seria um prejuízo de 400 mil exemplares, tiragem confirmada pelo IVC, que uma publicação recente, da Editora Abril, confirma em belo trabalho sobre o mercado das revistas brasileiras.

Na segunda-feira, dois diretores foram levados de camburão ao gabinete do comandante da Região Militar e eu tive de passar várias semanas depondo num inquérito, cuja finalidade era explicar onde estava a outra mão da mulher que abraçava o "maschio" italiano da capa.²³⁶

Essas relações e táticas eram preocupações constantes da Ditadura Militar. O ideal, a moral e os bons costumes, a nova Mulher e o seu papel social, assim como a sua Identidade²³⁷ passam a ser geridos a partir de vários discursos identitários de grupos e periódicos, como **Ele Ela**. Discussões antes proibidas aparecem como

²³⁵ BRASIL. **Boletim SNI**. 24 de janeiro de 1970, p.5 Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/Deops/Boletins_SNI/Boletim_24_01_1970.pdf Acessado em: 16-03-2015.

²³⁶ CONY, Carlos Heitor. **Para não dizer que não falei contra a censura**. Disponível em: <<www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2411200032.htm>> Acessado em: 22-02-2014.

²³⁷ Somente em 1962, com o Estatuto da Mulher Casada, elas puderam trabalhar sem autorização do pai ou do marido.

elemento central da nova moralidade brasileira. Inúmeros motivos levam a repensar o papel da mulher, como, por exemplo, o desquite (separação), conforme podemos constatar na narrativa de Zuenir Ventura:

Descasadas e descapitalizadas, Marília e Maria Lúcia estavam prontas para ingressar na crescente vanguarda, cujo modelo mais notório ficaria sendo, um ano depois, a atriz Leila Diniz, com uma entrevista-manifesto no *Pasquim* que escandalizou o país. A disposição dessas jovens mulheres era, pelo menos, não repetir o erro de suas mães. Elas não queriam ser tão infelizes quanto julgavam ter sido a geração anterior.²³⁸

A pílula anticoncepcional foi uma das novas formas de sexualidade que também incomodaram o governo. A pornografia estava associada à propaganda e proliferação de venda das pílulas, que trariam liberdade à mulher e também o sexo antes do casamento. As dúvidas presentes entre as meninas estavam estampadas nas revistas de variedade, como na **Realidade**, de outubro de 1968:

Quando a Professôra Marisa Coutinho fala na sua classe a respeito da pílula anticoncepcional e mostra que pode causar mil problemas na adolescência, inclusive a esterilidade, as meninas ficam apavoradas.
- Elas fazem fila para perguntar. Abrem a bolsa e mostram as caixinhas. Indagam, uma a uma: "Esta faz mal, professora? E esta? E aquela? E quela outra?" Exibem todas as marcas possíveis e imagináveis.
Entre 29 anúncios publicados no último número de uma revista de ginecologia, quinze são de pílulas anticoncepcionais. Uma dessas pílulas está acondicionada de tal modo que a mocinha possa escondê-la da mãe. O anúncio declara: "X agora está tão bem apresentado que poderá ser confundido com um estojo de pó compacto. O novo estojo-calendário de X é prático, seguro e discreto, permitindo o seu uso em qualquer lugar."²³⁹

O boletim informativo do SNI de nº 20, do dia 24 de janeiro de 1970, mostra a medida adotada pelo governo para o controle da pílula, na parte "*d) Opinião Pública*". Apresenta, ainda, as principais manchetes de todos os grandes jornais e suas repercussões: "Anticoncepcionais só com receita" - "Decreto proíbe publicações imorais" - "Fraudes no Madureza vão acabar!" (Folha da Tarde); "Pílulas: agora só com receitas" (A Gazeta); "Receita para pílulas e nada de erotismo". "Agora conheça tudo sobre essa pílula proibida". (Jornal da Tarde); "Ministro manda que se envelope revista" (Folha da tarde); "O povo na luta contra a subversão"(Diário de São Paulo); "Combate total à subversão".(Diário da Noite);

²³⁸ VENTURA, Zuenir. **1968**: O ano que não terminou. Edição Revisada. Editora Planeta. p. 15.

²³⁹ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. Outubro de 1968. p.30-31. Na capa aparece em maiúsculo: "O sexo invade tudo".

"pílulas só com receita medica" (Diário Popular); " Pílula sem receita vai dar cadeia". (Notícias Populares).²⁴⁰

Os termos: anticoncepcionais, pílulas, subversão, erotismo e terror se tornaram uma constante nos jornais. Os comentários e as relações entre medicina, médicos e discursos normativos parecem ser importantes para compreender o painel geral da visão sobre o assunto, conforme o mesmo boletim do SNI, "Editoriais e comentários", com comentário à reportagem do **Estado de São Paulo**:

A)- Comentário do ESP: - "AGORA, PÍLULA EXIGE RECEITA – A partir de hoje todas as farmácias e drogarias do estado de São Paulo estão proibidas de vender pílulas anticoncepcionais sem receita medica – e a receita será válida por, no máximo, 3 meses. Crítica -"Uma lei que não tem condições de ser cumprida serve apenas para desmoralizar as outras leis". Esta a frase de uma das maiores autoridades sanitários do Brasil sobre a portaria ministerial que disciplinou a venda das pílulas. ...Dos diferentes pontos do vista, a propósito da regulamentação, foi possível extrair as seguintes opiniões dos médicos 1) Não existe ainda documento científico que comprove os efeitos colaterais dos contraceptivos, como câncer, embolia e outros; 2) O uso da pílula a longo prazo provoca apenas alguns inconvenientes / que desaparecem quando se faz uma estatísticas 3) A exigência de receita médica para comprá-la vai motivar o cambio negro; 4.) E impossível haver fiscalização junto a todas as farmácias, porque não há fiscais na maioria das cidades, e em muitos casos, não há sequer médicos para receitar anticoncepcionais!; 5) Vai aumentar assustadora o número de abortos e a falsificação de receitas médicas, 6) Vai haver uma verdadeira corrida nos postos de assistência médica gratuita para conseguir uma receita. INPS previne - O medico chefe do Postos assistencial do INPS na rua Martins Fontes, Dr Henrique Austregeslio, vai propor 5a. feira, durante a reunião de todos os médicos-chefes do INPS. um exame acurado / da movimentação que a exigência de receita pode causar nos postos do assistência. Ontem, primeiro dia útil após a vigência da portaria (saiu no DO do dia 31) ele não observou nada de anormal na seção de ginecologia do sou posto, mas acredita que no decorrer da semana ja começa a haver maior movimento. "Quando acabar o ciclo das mulheres que estão tomando a pílula, elas vão despertar para o problema. Então, muito provavelmente, se não puderem pagar o médico só para obter uma receita, vão procurar o INPS ou outros postos gratuitos".²⁴¹

A preocupação com a pílula foi apenas mais uma forma de controle por parte do Estado com relação à sexualidade. No entanto, com a venda cada vez maior da revista **Ele Ela**, o governo já não é mais capaz de controlar as informações. A mulher, até então, sem nenhum tipo de informação sobre o assunto, procurou as

²⁴⁰ BRASIL. **Boletim informativo do SNI**. nº 20, 24 de janeiro de 1970. Informava sobre a medida adotada pelo governo no controle da pílula em: d) Opinião Pública mostra as manchetes principais e suas repercussões.

²⁴¹ BRASIL. **Boletim Informativo do SNI**. Nº 28, 2 de fevereiro de 1970.

páginas de **Ele Ela** para se inteirar e, por isso, acabou sendo perseguida pela ditadura.

Para além da pílula, somente com o fim da censura prévia para esse tipo de publicação, **Ele Ela** publica, em 1980, o primeiro nu frontal feminino da história das revistas no Brasil. O resultado é que a edição esgota em 48 horas, elevando sua tiragem de 170 para 420 mil exemplares.²⁴²

A partir dessas constatações chegamos ao início da abertura, quando as personagens se tornam mais explícitas, como o caso da revista da Ideia Editorial, a revista **Homem**.

Revista HOMEM (1978)²⁴³

Fundada em 1975, por Domingo Alzugaray²⁴⁴, a Idéia Editorial foi uma editora conhecida principalmente pela produção de quadrinhos. Assim como os editores, a maioria dos diretores, redatores, desenhistas e demais integrantes da equipe de produção era constituída por ex-funcionários da Editora Abril. Por tratar-se de editora nova, a impressão de quase a totalidade das publicações (em cores) era feita na Companhia Litográfica Ypiranga (CLY), de São Paulo. A distribuição era realizada pela Fernando Chignalia, do Rio de Janeiro.

Apesar da qualidade editorial de suas revistas, comparável à Abril (a mais avançada na produção e impressão de quadrinhos da América Latina, nesta época), a Idéia Editorial teve vida efêmera, pois o monopólio da Abril no mercado editorial dos quadrinhos era abismal. Na década de 1980, editoras mais antigas que a própria Abril (como EBAL, Vecchi e Cruzeiro Infantil) haviam fechado as portas.

²⁴² Cf. Revista **Aqui São Paulo**. "500 mil homens pagam 12 cruzeiros por mulher nua". 14 de abril de 1976.

²⁴³ Há uma edição especial da revista **Homem**, chamada **HOMEM & mulher** de Julho/1982. O responsável pela publicação – Bráulio de Britto. Com imagens de casais e cartuns de Angeli, Érico Santos, Douglas, Galan, Dorinho e Lori Viegas. Há uma edição de mistura de fotonovela explícita, quadrinhos e humor chamada revista **CHIC**.

²⁴⁴ Domingo Cecílio Alzugaray (Victoria, 22 de novembro de 1932) é um ator, jornalista e empresário argentino. Atuou em fotonovelas e, neste meio, foi convidado pela Editora Abril para produzir este tipo de revista. Nessa editora, trabalhou em alguns cargos até ocupar a cadeira de diretor da empresa. Naturalizado brasileiro em 1966, em 1972 deixou o cargo de diretor comercial da "Abril" e fundou a Editora Três neste mesmo ano, e seu primeiro lançamento foi a Revista Planeta. Entre outras revistas que a Editora Três lançou, a Revista **Status** foi a primeira revista brasileira voltada para o público masculino.

A revista **Homem** tornou-se uma das mais lidas no país, no período dos anos 70 e 80, pois trazia uma fórmula que foi adotada por outras publicações do mesmo estilo. A receita era simples: ensaios com modelos conhecidas, entrevistas com personalidades, noticiário sobre pornochanchadas e fofocas sobre as musas do momento. As propagandas sobre a revista eram deveras bizarras, como se vê no começo do capítulo.



Figura 05 – Revista Homem. Agosto de 1971. Entrevista com Lula

Essa revista, em agosto de 1981, lançou uma edição especial de 3 anos, na qual entrevistou o então metalúrgico Lula. Na capa da revista aparece a chamada: “EXTRA! LULA, O METALÚRGICO TAMBÉM FALA DE SEXO”. Em 1980, Lula se juntou a sindicalistas, intelectuais, representantes dos movimentos sociais e católicos militantes da Teologia da Libertação para formar o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual foi o primeiro presidente. No ano seguinte, após a entrevista à revista **Homem**, foi condenado pela Justiça Militar a três anos e seis meses de detenção por incitação à desordem coletiva. A sentença acabou anulada em 1982. Nesse mesmo ano, Luís Inácio da Silva incorporou Lula ao próprio nome. Então, a entrevista abaixo foi feita quando ele era oficialmente só Luís Inácio da Silva.

Na chamada da entrevista:

Quando alguém se torna uma figura pública, e principalmente quando esse alguém se destaca politicamente, acaba virando estátua, um ser inatingível, um líder político e ponto final. Mas como um homem antes de qualquer coisa é um homem, com sexo e tudo, bateu a curiosidade de saber como um “cidadão de vida pública” vive e o que pensa quando é apenas um homem. E quem melhor do que Lula — que liderando os metalúrgicos sacudiu a vida política do País — poderia falar de sexo? Pois ele falou e disse. Com vocês, Lula, o homem.²⁴⁵

Ainda na mesma entrevista:

Homem: Você lê revistas masculinas?

Lula: O quê?

Homem: “Status”, “Homem”, “Privê”...

Lula: Não leio, nem masculinas, nem femininas... quando a gente esteve preso, nós recebíamos de amigos umas revistas pra... curtir um pouco mais a solidão, só isso, mas não tenho por hábito ler.

Homem: E a classe trabalhadora?

Lula: A classe operária, você quer dizer? Acho que não, ela não é consumidora desse tipo de revista, o poder aquisitivo não permite... não que ela não goste.²⁴⁶

A partir da leitura da entrevista na íntegra, podemos observar a importância das discussões que ela produzia, e o alcance de número de pessoas. Lula já havia, em 1979, concedido entrevista a **A revista do Homem**, da editora Abril, e falado sobre essas questões. Podemos perceber que a revista erótica estava longe de se estabelecer como uma leitura essencial às classes populares, ou de criar um hábito de leitura das mesmas, ficando restrito às classes mais abastadas. A situação a que se percebe, é próxima de algo que Freud já apontava em seus escritos:

Os médicos também encontram matéria para reflexão no fato de que os indivíduos vitimados por doenças nervosas são, com frequência, justamente os filhos de casais procedentes de rudes e vigorosas famílias camponesas que viviam em condições simples e saudáveis, e que, fixando-se em cidades, num curto espaço de tempo elevaram seus filhos a um alto nível cultural. Os próprios neurologistas asseveram enfaticamente que existe uma relação entre a ‘alta incidência da doença nervosa’ e a moderna vida civilizada.²⁴⁷

²⁴⁵ Revista **Homem**. Agosto de 1981. Ideia Editorial.

²⁴⁶ Revista **Homem**. Agosto de 1981. Ideia Editorial.

²⁴⁷ FREUD, Sigmund. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. (1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). p. 98.

A realidade, da qual fala Lula, perpassa pelas condições de classes e de tempo utilizado para o lazer, como no caso do tipo de leitor de **Homem** e **Playboy** que agora em pouco tempo, tem que se estabelecer dentro de uma identidade masculina moderna.

Revista Status (1974)

Status é uma revista masculina brasileira, editada desde agosto de 1974 pela Editora Três, de Domingo Alzugaray. Depois de mais de vinte anos fora do mercado, ao deixar de circular no fim da década de 80, voltou a ser relançada em 2011, com uma proposta diferenciada em suas imagens de nus artísticos com relação às suas concorrentes:

Há sempre o grande perigo de entender mal o que as palavras significam [...]. Status significa educação, categoria, saber viver. Significa conquista. Nem sempre significa dinheiro, mas significa sempre respeito, posição. [...] Com a firme intenção de fazer ver o que de bem, de inteligente, de certo o homem deve conhecer. Os Editores.²⁴⁸

O primeiro número da revista foi às bancas em agosto de 1974, com o ensaio fotográfico da atriz Sylvia Kristel, protagonista do filme *Emmanuelle*²⁴⁹, e trazia na capa a atriz e *socialite* Tânia Caldas. A partir de fevereiro de 1980, a censura foi cancelada e, na edição de março de 1980, ocorreu uma edição especial, denominada de “Sem censura”, com 100 páginas que apresentavam as fotos censuradas até então. Na década de 1970, a revista **Status** trazia a seus leitores, em edição mensal, a **Status Humor**, e chegou a ter uma publicação derivada, a **Status Plus**. A revista acabou por sucumbir à concorrência de **Playboy** e demais revistas dedicadas ao sexo explícito, e deixou de circular no fim dos anos 80.

No editorial de estreia, dizia pretender levar ao público masculino toda a fantasia erótica que ele não encontrava no dia a dia:

Uma revista dedicada ao *status*. E muito mais ao seu significado. Mostrar a vida como ela é, possivelmente os seus aspectos melhores e mais profundos, o que todos desejamos ter, conquistar, sem receios de

²⁴⁸ Revista **Status**. Revista Masculina da Editora Três. Editora Três. Agosto de 1974. Nº1.

²⁴⁹ Emmanuelle, ou Emanuelle, é a protagonista da série de filmes eróticos soft core franceses baseados na personagem criada por Emmanuelle Arsan no livro **The Joys of a Woman**. Fez grande sucesso no Brasil.

frivolidades ou sofisticações que somente são mal interpretadas onde existem recalques. Com a firme intenção de fazer ver o que de bom, de inteligente, de certo o homem deve conhecer.²⁵⁰

Uma revista voltada ao caráter perverso burguês para o fomento em um discurso de superioridade branca, urbana, masculina e elitista.

O editor buscou qualidade com colaboradores conhecidos, como Ignácio de Loyola Brandão e Paulo Francis, e importou artigos de nomes consagrados internacionalmente, como do italiano Umberto Eco. Seguiu a mesma estrutura de outras revistas do estilo **Playboy**. Uma seção fotográfica com uma atriz, seção de cartas, entrevistas, críticas, informações sobre a vida sexual, estórias, humor, livros, cinema, e a seção Mulher, na qual existia uma playmate como a da **Playboy**, e também Literatura e Quadrinhos.

Na seção “Cartas” da edição nº 29, de dezembro de 1976, com o título “E agora? Há leitoras pedindo homens nus”:

Meu esposo adora a revista *Status*, mas não só pelas belas mulheres nuas, mas também pelos demais artigos. Como também a leio, gostaria de ver fotos de homens nus. Afinal, nós, mulheres, também somos humanas.
Jussara Menezes da Silva, Porto Alegre, RS

Como estudante de escultura, não posso deixar de apreciar as belas fotos de mulheres nuas, que ilustram *Status*, pois anatomia é uma das matérias mais importantes do curso. Mesmo sabendo que se trata de uma revista masculina, creio que, também, fotos de homens nus poderiam fazer parte dessa revista maravilhosa. Tenho certeza: agardariam a “eles” também.
Tânia V. Bissati, Porto Alegre, RS

Sou leitora assídua de *Status*, mas sinceramente estou farta de tanto ver mulher nua. Eu sei que é uma revista masculina, mas como traz artigos de interesse feminino, também, poderiam nos dar uma colher de chá, com fotos de homens nus.
Neide Maria Garcia, Porto Alegre, RS

Como é que o senhor não providenciou ainda fotos de homens nus, para essa conceituada revista? Homem nu é arte.
Nívia Maria Garcia, Porto Alegre, RS.²⁵¹

A edição com Sylvia Kristel apontou o caminho para o sucesso editorial de **Status**: tirar a roupa das maiores estrelas da televisão, do cinema e da música. Por anos, **Status** disputou a nudez de destaque:

²⁵⁰ Revista **Status**. Revista Masculina da Editora Três. Editora Três. Agosto de 1974. Nº1.

²⁵¹ Revista **Status**. Nº 29. Editora Três. São Paulo-SP. Dezembro de 1976 p.24.

Mas STATUS não tinha só mulher bonita. E muitas vezes desafiou a censura. Como, por exemplo, quando peitou os censores no segundo semestre de 1977 e publicou em capítulos, pela primeira vez sem cortes, o livro integral do Kama-Sutra, com suas posições sexuais. A repercussão na imprensa foi grande e levou à apreensão da primeira parte – editada com as páginas lacradas – em várias cidades do País. Mesmo assim, a editora não recuou. Política também era um tema importante e a revista se transformou numa tribuna para se pregar a abertura e a anistia dos presos políticos que tinham deixado o País. Por suas páginas, desfilaram com contos e novelas os maiores escritores brasileiros, como Jorge Amado, Osman Lins, João Ubaldo Ribeiro e Rubem Fonseca.²⁵²

Um ofício enviado por Rogério Nunes, no dia 26 de fevereiro de 1980, às redações das principais editoras que publicavam revistas com nus, finalmente acabou com a “censura moral e de costumes” na imprensa brasileira. No texto, ele informava que, a partir daquela data, a verificação prévia das revistas de sexo estava suspensa por ordem do ministro da Justiça. Os editores, claro, entenderam que, a partir dali, o nu frontal estava liberado. Até o fim da ditadura, em 1985, a revista amargou apreensões por todo o Brasil por ordem de juízes de menores, e também a intervenção da ditadura através da censura nas revistas:

Os contos “Mister Curitiba”, de Dalton Trevisan, e “O Cobrador”, de Rubens Fonseca, foram vetados previamente pelo DCDP quando venceram concursos de contos da revista Status em 1976 e 1978, respectivamente. A revista Status, assim como as revistas Inéditos (revista mineira de cultura e literatura), Paralelo (de Porto Alegre), Homem (hoje Playboy), Ele e Ela, Nova e Pais e Filhos estavam entre aquelas que, a cada edição, deveriam remeter os originais previamente ao DCDP.²⁵³

A proibição gerou revolta, a qual culminou em uma carta de Manifestação da Associação Brasileira de Imprensa, em nome de seu presidente Pompeu de Souza que foi endereçada ao Coronel Moacir Coelho, na época, Diretor Geral do Departamento da Polícia Federal em Brasília, contra a proibição da publicação do conto “O Cobrador” pela revista **Status**, de 20 de julho de 1978:

[...] cumpro o dever de, em nome da representação em Brasília da Associação Brasileira de Imprensa, apresentar a Vossa Senhoria protesto contra esse ato, que representa um desserviço à cultura do país, além de prejuízo que acarreta a editora da revista.

²⁵² GONÇALO JUNIOR. **As heroínas da resistência.** Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm?idReportagem=134439&txPrint=completo>
Acessado em: 01-04-2015.

²⁵³ REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência: Censura a Livros na Ditadura Militar.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011 p.51

Ninguém ignora que Rubem Fonseca é um dos escritores mais importantes da literatura brasileira contemporânea, já antes atingido por outra medida de obscurantismo, com a apreensão de seu livro “Feliz Ano Novo”, o que, aliás, constitui objeto de ação judicial que o autor move presentemente contra o Ministro da Justiça. Igualmente notório é o alto valor intelectual da comissão julgadora do referido concurso, composta pelos escritores Antônio Houaiss, Ferreira Gullar e Gilberto Mansur, cujo trabalho, nesse particular, consistiu na leitura e seleção de cerca de dois mil contos.

Trata-se – deve ser acentuado, ainda – de um prêmio que, pelo seu valor monetário, representa um dos poucos exemplos de estímulo material à produção literária, no Brasil. O ato da censura – ainda mais tendo em vista que repete proibição idêntica contra o conto vitorioso em concurso semelhante, no ano anterior, de mesma revista, dessa vez de autoria de outro mestre do gênero, o escritor Dalton Trevisan – pode determinar uma retratação da parte da editora prejudicada, como de outras, no sentido de manter ou estender tão louvável empreendimento.

Por todas estas razões, Vossa Senhoria não de concordar que medidas dessa natureza contrapõem-se, na verdade, aos interesses nacionais, na defesa dos quais essa Representação da ABI aqui manifesta o seu protesto, assim como a expectativa de que, de futuro, não venham a repetir-se.²⁵⁴

Com isso, a mais visada de todas, **A revista do Homem** (futura **Playboy**) da editora Abril, abriu não só novos espaços possíveis para a implantação de um pensar sobre as identidades masculinas, como abriu espaços para o desejo de saber dos indivíduos.

²⁵⁴ REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência**. Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011 p.166. Na obra, em um de seus anexos temos a carta de Manifestação da Associação Brasileira de Imprensa sobre o assunto.

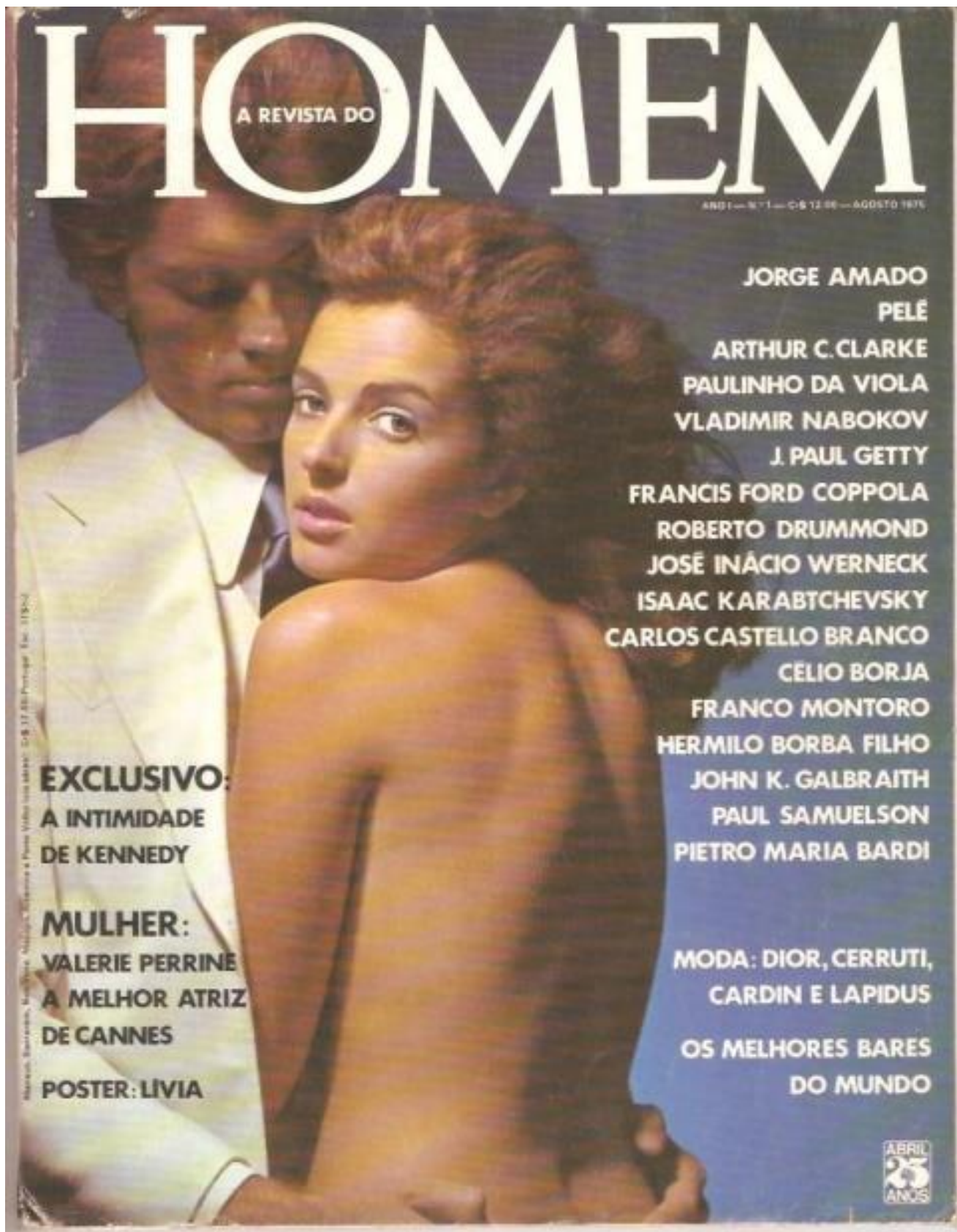


Figura 06 – Revista do Homem. Editora Abril. 1975. 1ª edição

2.3. A revista do Homem. A revista do *Playboy* (1975)²⁵⁵

Para reconstruir a ideia pré-estabelecida de que essas revistas são pornográficas, como acusam jornais e revistas, precisamos fazer emergir as relações de força e suas devidas aparências.

Um ano antes do lançamento da revista, a História do período seria marcada por dois acontecimentos que deram início a um deslocamento progressivo da sociedade brasileira, na defesa e no restabelecimento das instituições democráticas: a posse do general Geisel que propunha a transição controlada à democracia e as eleições de novembro com expressiva vitória do Movimento Democrático Brasileiro/MDB.

As pressões cada vez maiores de políticos e donos de empresas, assim como da Igreja Católica que mudara seu posicionamento em relação à ditadura, a condenar a tortura e o arbítrio, ajudaram a abrir espaço para a abertura política e para a flexibilização dos discursos:

[...] Ou seja, a ditadura, como fórmula política, perdia legitimidade aos olhos de grande parte dos *de cima*: capitalistas, chefes militares, político de expressão, formadores de opinião. Finalmente, mas não menos importante, as próprias esquerdas, no seu conjunto, superavam as diferentes propostas de confronto violento, e passavam a acolher, e a elaborar, perspectivas democráticas e de participação nas lutas institucionais. Diversos movimentos sociais e políticos, animados por essas forças, desempenharam importante papel no processo de redemocratização, mostrando, muitas vezes, rara coragem, pois, se hoje se sabe que a democracia foi reconquistada no país, na época, de modo nenhum esta questão era considerada como *dada*, inclusive porque, como já se disse, ainda havia forças que apostavam na ditadura militar, ou simplesmente se conformavam com a sua permanência por um tempo ainda indefinido.²⁵⁶

Por essa razão, precisamos recompor e impor rupturas, contrastar as evidências que se apresentam, para buscar os sentidos nos discursos das fontes. Torna-se necessário, para isso, averiguar que a revista **Playboy**, em sua versão brasileira, propõe discursos completamente diferentes em relação a outros tipos de

²⁵⁵ “A playboy brasileira faz parte da comissão de frente das revistas da Editora Abril, mas não apenas graças às belas mulheres. Volta e meia traz revelações de peso que só uma revista com decisão de investir pesado em reportagem é capaz de fazer. Seu orçamento anual, entre cachês, reportagens, arte e fotografia, supera fácil a casa de 1 milhão de dólares, sem contar as despesas com gráfica e distribuição.” SOUZA, Roberto. **No seio de Playboy**, 19 anos. Imprensa, São Paulo, ano VII, nº 82, p. 32-37, Jul, 1994. p. 32.

²⁵⁶ REIS, Daniel Aarão. Ditadura e Sociedade: As reconstruções da Memória. In: REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto. (Orgs.) **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)** – Bauru, SP: Edusc, 2004. p. 45.

produção que eram expressamente proibidas, ou constantemente vigiadas, como as revistas em quadrinhos das editoras Edrel e Grafipar, ou mesmo os catecismos de Carlos Zéfiro por contemplar certa proximidade com esses grupos dos *de cima*. Se nos atentarmos à quantidade de nus em revistas, na **Playboy**, o nu corresponde a cerca de 20% da revista, ao contrário das outras que vão de 70 a 80%, em um total de 140 páginas nas primeiras edições. O nu artístico proposto pela **Playboy** é para as classes mais altas e é considerada de bom gosto.

A capa da primeira edição de **A revista do Homem** ostenta as costas nuas de uma mulher abraçada a um homem de terno branco e gravata azul. Enquanto o homem está olhando para a mulher, a mulher olha para o leitor. A tipografia seria conhecida depois com a palavra **HOMEM** acima, e dentro da letra **O** escrito “A revista do”, junto aos nomes de todas as celebridades que participariam da edição.

As divisões das primeiras edições contavam com seções que traziam pessoas conhecidas e respeitadas no meio cultural, e que responderiam a favor da revista, como o editorial de abertura (“Uma Nova revista e seu primeiro número”, por Victor Civita), “Ponto de Vista” (com a participação de diversas personalidades da Tv, do esporte, do cinema e do movimento político e também feminista), “Assessoria” (perguntas e cartas com dúvidas dos leitores), “Cinema” (Francis Ford Coppola), “Futebol” (José Inácio Werneck), “Bazar” (com objetos para venda e preços de brinquedos, cintos de castidade, livros etc.), “Livros” (Roberto Drummond), “Artes Plásticas” (Pietro Maria Bardi), “Música Popular Brasileira” (Paulinho da Viola), “Música Erudita” (Isaac Karabtchevsky), “Dinheiro” (Paul Samuelson), “Ficção” (no primeiro número, um texto de Jorge Amado), “Mulher” (na primeira edição, com a Valerie), “Artigo” (A crise monetária, por John Kenneth Galbraith), “Humor” (Sanguefrio, por Gahan Wilson), “Debate” (Medicina S.A. por L.R. Pinto e Rodrigues Silva), “Poster” (com a Livia Mund), “Lenda” (por Salernitando Masuccio), “Bebida” (os melhores bares do mundo, por E. Greenberg), “Ficção” (Um conto de Fadas, por Vladimir Nabokov), “Opinião” (Confie no MDB, por Célio Borja), “Opinião” (Confie no ARENA, por Franco Montoro), “Artigo” (A história da distensão, por C. Castello Branco), “Moda” (Lapidus, Dior, Cerruti e Cardin), “Sátira” (O respeitável Senador por Hermilio Borba Filho e desenhos de Zivaldo), “Memórias” (Kennedy na intimidade, por Benjamin Bradlee), “Artigo” (A arte de ser patrão por Jean Paul Getty) e, por fim, “Opinião” (Minha Vez - Pelé). A produção dessa revista, voltada

especificamente para o público masculino, proposta pela Abril, fez com que, baseado nos modelos estrangeiros, e em algumas partes adaptados os discursos para o caso brasileiro, abrisse caminho para discussões sobre novas sexualidades.²⁵⁷

No perfil editorial de **Playboy**, as personagens que mais ganharam destaque, seja pela recorrência nas edições da revista, seja pela sua própria história editorial, são as “coelhinhas” – modelos femininas escolhidas para figurar como padrão sexual do leitor imaginado da revista. As coelhinhas de **Playboy** destacam a sexualidade feminina como matriz de sentidos da masculinidade do leitor. Discutindo outra revista masculina de mesma linha editorial, a **Vip Exame**, Marko Monteiro explora as personagens nuas (ou seminuas) como uma matriz de sentidos sobre o leitor. Para ele:

A matriz heterossexual, portanto, é pressuposto básico em se falando de identidades de gênero. A revista ancora-se, permanentemente, na idéia da heterossexualidade “natural” dos leitores. Isso é evidente no recurso da “garota da capa” para chamar a atenção do público masculino, além do uso constante de imagens de mulheres seminuas, com a quase ausência de imagens de homens, apelando ao sensual e ao sexual, mesmo que de forma mais “refinada” ou “inteligente”. [...].²⁵⁸

A construção editorial do leitor imaginado, nesse contexto, explicita um traço particular do leitor de **Playboy**: a heterossexualidade²⁵⁹. Ainda que os interesses temáticos sejam amplos (do automobilismo à gastronomia, do esporte à moda, saúde, beleza e etiqueta), é sempre nessa matriz heteronormativa que o leitor imaginado irá se posicionar. Por exemplo, se observarmos as capas das primeiras edições da revista, aparece sempre um casal heterossexual, mas nunca enfatizando o homem na foto. O homem, quase sempre bem vestido, aparece apenas como suporte para esconder a mulher quase sempre nua.

Podemos notar também que o homem (como leitor) é constantemente vigiado pelas propagandas, como pode ser observado através do número de fotos que

²⁵⁷ Na edição nº2 da **Revista do Homem**, de setembro de 1975, uma sátira de Bráulio Pedroso e com desenhos de Ziraldo exclamava: “Para pior ou para melhor, há muitas e muitas formas de uma lei mexer com a sua vida. Ah, Se tivesse divórcio no Brasil!”. **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril, Setembro de 1975. p. 95.

²⁵⁸ MONTEIRO, Marko. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**, n 16. Campinas: Unicamp, 2001. p. 242.

²⁵⁹ É claro que encontraremos, editorialmente, outros perfis de leitores entre as revistas masculinas. A heteronormatividade é, nesse caso, uma característica observável na revista **Playboy**, e não uma característica deste segmento editorial.

homens e mulheres, nas propagandas, “olham” diretamente ao leitor. O fotógrafo tenta captar a visão de que a mulher (no caso são 15 fotos ou imagens de mulheres olhando diretamente ao leitor) observa o leitor e pede para que entre no universo da revista e dessa forma possa se “juntar” a ela, por isso a necessidade de adquirir os produtos, sem os quais, você não será “esse homem”.

Em 1951, a Abril cria sua primeira gráfica, e em seus primeiros anos, a editora diversificou seu conteúdo e se posicionou como um das mais importantes do país.²⁶⁰ Expandindo os segmentos, Abril passa a publicar revistas masculinas (**Playboy**, **Vip** e **Men's Health**) e amplia suas publicações voltadas para o público feminino, com **Estilo** (versão brasileira da americana **InStyle**), **Nova** (versão brasileira da americana **Cosmopolitan**) e **Elle** (versão brasileira da revista francesa homônima):

Mas o que chama mais a atenção nessas revistas é uma espécie de idéia fixa: a de "descobrir e mostrar o Brasil ao leitor brasileiro". Claudia queria mostrar à mulher a moda e a cozinha brasileiras. Quatro Rodas pretendia traçar um mapa físico do Brasil. O projeto de Realidade era desvendar um país que o noticiário comum não mostrava. O objetivo de Veja era integrar o Brasil através da informação. André de Seguin des Hons já observou este traço em O Cruzeiro. Ela teria sido uma publicação que deixou de ter vergonha do seu país e resolveu **fotografá-lo e mostrá-lo**. Porém, o mais importante na história da Editora Abril nesta fase — ao mesmo tempo um ideal e uma estratégia de mercado — é o abraço de modelos de jornalismo já tradicionais no exterior. As quatro revistas partem de fórmulas européias ou americanas. Claudia, das revistas femininas européias, Quatro Rodas, de sua homônima italiana. Realidade ainda seguia a linha Life, embora mais aprofundada, e Veja significará a implantação de Time no Brasil.²⁶¹

Trata-se de um momento em que a preocupação com a “identidade nacional” ainda é muito forte.²⁶² As revistas se basearam em modelos estrangeiros, mas com o cuidado de sempre abraçar suas fórmulas. Assim, criaram recursos para, aos

²⁶⁰ A Editora Abril inaugurou uma série de revistas para públicos diferenciado e para públicos específicos, o que levava diversas pessoas a colecionarem e acompanharem suas publicações. Revistas que tiveram uma continuidade, como **Cláudia**, **Quatro Rodas**, **Realidade** e **Veja**, conquistaram muitos leitores. Criou-se, assim, uma segmentação do mercado de revistas, conforme aponta Victor Civita, em 1972: "As tiragens no Brasil ainda são pequenas; a única forma de manter uma grande empresa em crescimento é ir ao encontro de todos os segmentos do mercado." Revista **Expansão**. "A incessante criação de mercados", 28 de junho de 1972. A esse respeito ver, por exemplo, o caso da Folha de S. Paulo, in TASCHNER, Gisela, **Folhas ao vento**. Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

²⁶¹ MIRA, Maria Celeste. **Constituição e segmentação do mercado de revistas no Brasil**: o caso da Editora Abril. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8784daf924e0b3abe89731d16fcb0d00.PDF> Acessado em: 19/07/2014.

²⁶² Ver a respeito ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

poucos, deixar de apenas copiar as revistas estrangeiras ou simplesmente traduzi-las. A profissionalização da carreira de jornalista seria o impulso para a modernização, de modo a colocar o Brasil na era da indústria cultural: divisão do trabalho, aprimoramento técnico e padronização do produto.

A divisão da parte administrativa da revista contava com Victor Civita como editor e Diretor, ao lado dos diretores Edgar de Silvio Faria, Mino Carta, Richard Civita e Roberto Civita. Como diretor geral estava Mauro Ivan Pereira de Mello, e na redação: Mário Escobar de Andrade (Redator-Chefe), Hedyll do Valle Jr. e Rui Martins (como editores) e Neusa Pinheiro Coelho (Pesquisa).

Como podemos observar na classificação da revista Playboy, a palavra utilizada para se referir ao que, até então, chamávamos de pornografia era: obsceno.²⁶³ Mas as mudanças que foram trazidas para a confecção de um modelo da revista **Playboy**, como seu diretor, Mauro Ivan Pereira de Mello, explicavam, então, como haviam desenvolvido o projeto da revista para fugir da obscenidade:

A revista mostrou ter atingido seu ideal, que é ser uma boa publicação voltada para o leitor brasileiro, mas usando também matéria editorial da Playboy... E Playboy assinou conosco um contrato inédito em sua história... Ele permite que usemos o material com a maior liberdade. Ficamos com o melhor e abandonamos o que não tem interesse para o leitor brasileiro.²⁶⁴

Quais seriam esses interesses dos brasileiros? Estampadas em suas capas estavam as imagens dos nus femininos, as reportagens com as últimas informações sobre a cultura e o que havia de mais avançado nos produtos voltados ao masculino. Além, é claro, de entrevistas a personalidades do futebol, do cinema e da literatura, e também piadas e cartuns, o que nos leva a aproximarmos da ideia de Llosa, quando fala sobre a **Civilização do Espetáculo**:

Também não é por acaso que os políticos em campanha, assim como no passado queriam ser fotografados e aparecer de braços dados com eminentes cientistas e dramaturgos, hoje procuram a adesão e o patrocínio dos cantores de rock e atores de cinema, bem como de celebridades do futebol e de outros esportes. Estes substituíram os intelectuais como mentores políticos dos setores médios e populares; encabeçam manifestos, que leem nas tribunas, e aparecem na televisão apregoando o que é bom e o que é ruim no campo econômico, político e social. Na civilização do espetáculo, o comico é rei. Além do mais, a presença de atores e cantores

²⁶³ Segundo o Código Penal Brasileiro (1940), a fabricação de revistas com material obsceno, com finalidades comerciais, é proibida, de acordo com o artigo 234.

²⁶⁴ Cf. Revista **Veja**. "Nasce uma revista". Editora Abril. São Paulo-SP. 13 de agosto de 1975.

não é importante apenas nessa periferia da vida política que é a opinião pública. Alguns participaram de eleições e, tal como Ronald Reagan e Arnold Schwarzenegger, chegaram a cargos tão importantes como a presidência dos Estados Unidos e o governo da Califórnia. Evidentemente, não excluiu a possibilidade de atores de cinema e cantores de rock ou rap e futebolistas poderem dar estimáveis sugestões no campo das ideias, mas nego, sim, que o protagonismo político de que gozam hoje em dia tenha algo a ver com sua lucidez ou inteligência. Ele se deve exclusivamente à sua presença midiática e a suas aptidões histriônicas.²⁶⁵

A importância dada a esses setores da cultura de massa passa a tomar lugar dos antigos intelectuais. Apesar de revistas como **Playboy** ainda mostrarem um pouco da cultura erudita, grande parte seus conteúdos tornaram-se massificados. Ao mesmo tempo, vemos que a mudança é a particularidade da modernização conservadora, pois poderia trazer o nu, mas conforme as regras do período. De 1975 a 1980, a Editora Abril viu-se obrigada a submeter mensalmente textos, fotos e até cartuns aos censores de Brasília, que seguiam à risca um manual de conduta que restringia seios e nádegas (apenas uma por página, e de perfil), e vetava categoricamente bicos, mamilos e pelos pubianos.

O proibido era articulado com um novo discurso, tanto em relação ao homem quanto em relação à mulher.²⁶⁶ Maior liberdade é o que vemos nas edições que seguem de **A revista do Homem**. Em sua edição nº2, com o ensaio de Fernanda Bruni, podemos perceber a preocupação em não mostrar nádegas inteiras e esconder os seios, ora com as mãos da modelo, ora com roupas, de modo que não ficassem totalmente explícitas nas fotos. Junto a elas, percebemos afirmações muito interessantes sobre a liberdade da mulher: “[...] porque Fernanda é da geração feminina que sabe o que quer, não está disposta a ir se apaixonando e encerrando uma vida que mal inicia [...]”.²⁶⁷

Responsável pelo lançamento da **Playboy** no Brasil, o editor Roberto Civita descreve o nascimento da revista, em entrevista à Manoel Risério, para o site de **Playboy**, na qual descreve que a negociação com os censores era realizada em almoços e jantares, e que a visão distorcida do governo era de que a **Playboy** seria um mirabolante plano em curso, financiado pelos comunistas soviéticos, para inundar o país com revistas pornográficas:

²⁶⁵ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p. 22.

²⁶⁶ GIORDANO, Verónica. Negócios, Política e Sexo – A Revista Playboy do Brasil. (1975-1980). Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. **Revista USP**, São Paulo: nº 95, pp.150-158, set/out/nov 2012.

²⁶⁷ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril, 1975 nº 2 p. 42.

Quando o senhor percebeu que era o momento de lançar a PLAYBOY no Brasil?

Nos Estados Unidos, eu soube que a revista começava a se expandir pelo mundo. Falei com a direção da PLAYBOY, acertei tudo e procurei meu pai [Victor Civita]. Ele a conhecia e recomendou que devíamos escolher: ou pedir permissão ao cardeal ou ao ministro da Justiça. [Risos.]

E o que o senhor fez?

Preferi ir até o ministro, pois naquela época falar com um cardeal sobre uma revista com mulher pelada, como se dizia, era impossível, e meu pai não queria encrenca. Fizemos um boneco lindo do primeiro número, com o nome PLAYBOY, e nos preparamos para falar com o Armando Falcão. Criamos uma pauta na qual afirmávamos que a revista traria entrevistas e textos de grandes escritores. *Explicamos ainda que não teria mulher pelada, mas garotas sensuais, bem comportadinhas. Era muito mais intelectual e sofisticada que qualquer revista que circulava no país. Tudo para que a PLAYBOY fosse aceita pelos generais moralistas. Ele disse que olharia e daria notícias em breve.*

Vocês estavam otimistas de que conseguiriam?

Sem dúvida, pois nós cuidamos de tudo para deixá-lo impressionado. Uma semana depois, ligou para mim um coronel afirmando, de forma curta e grossa, que o ministro tinha mandado dizer que eu não poderia fazer nenhuma revista com o nome PLAYBOY no Brasil, não importava o conteúdo. E desligou.

Assim, sem maiores explicações?

Sim, tudo funcionava dessa maneira: rápido e claro, em tom de ordem. Não explicou por quê, mas tinha aberto uma brecha. *A revista podia, o nome não. Assim, fizemos uma revista igualzinha àquela que havíamos deixado com o ministro, só que com outro nome: A REVISTA DO HOMEM. Mas a censura não nos deu trégua, colocando nossa publicação na vala comum do que se fazia de mais vulgar.*

O senhor chegou a ser chamado em Brasília para ser repreendido?

Certa vez um general me chamou: “Estamos preocupados. Soubemos por um colega do serviço de inteligência dos Estados Unidos que um navio da Dinamarca está se dirigindo para cá cheio de revistas pornográficas”. Enquanto ele falava, eu pensava: “E o que eu tenho a ver com isso?” E ele prosseguiu:

“O senhor sabe que isso faz parte de um plano comunista para solapar as instituições brasileiras, os alicerces da família brasileira?” Eu perguntei: “Mas por que a Dinamarca quer solapar as nossas instituições?”

Sim, já que a Dinamarca não era comunista...

Pois é. Ele então explicou que o papel das revistas tinha sido fornecido pelos soviéticos e me disse: “Você percebe o que está acontecendo? *A ameaça contra o casamento?* Por isso achei melhor chamá-lo para contar essa história em confiança para que o senhor se preocupe com as implicações disso para as nossas instituições”. Enfim, eu estava ali por causa da PLAYBOY, que ele considerava pornográfica. Eu então respondi: “Sim, general. Muito obrigado, general”. E saí dizendo a mim mesmo: “Não é possível que esses caras acreditem nisso”. Mas acreditavam.²⁶⁸

²⁶⁸ **Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério.** Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. Disponível em: playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/ Acessado em: 25-08-2014.

A partir dos dados da entrevista fica claro que foi possível publicar esse tipo de material, mas foram colocadas determinadas regras que condicionaram as fotos a um regime de censura. Entretanto, é possível perceber a possibilidade de fuga determinada pelos editores da revista, no intuito claro de dar aos homens aquilo que eles queriam: o maior número de nus possíveis.

Nem todos os homens queriam a mesma coisa. Com a expansão da TV e do cinema, com novelas eróticas e filmes cada vez mais explícitos, a luta pela manutenção da tradição e dos bons costumes são defendidas e apropriadas, em certa medida, por um missivista que endereça um reclame ao comandante da Polícia Federal de São Paulo, em uma carta datada de agosto de 1975, mesmo mês do lançamento de **A revista do Homem**, na qual escreve:

Todos nós estamos estarecidos com a generalizada e profunda corrupção nos meios de comunicação social, em especial o cinema e a televisão. Ainda esta semana ouvimos declarações do Exmo Sr Presidente, Ernesto Geisel, sobre essa corrupção em todos os setores da vida nacional. Essa é a tática dos inimigos da Pátria, solapar a família, corromper a juventude, disseminar o amor livre, a prostituição e toda sorte de degradação do povo. Feito isto, nada mais precisa ser feito para se dominar um País.²⁶⁹

Enquanto isso, durante a inauguração, na edição de estreia, Victor Civita assinava a primeira página da revista, com o artigo “De Homem para homem, uma nova revista”, uma clara tentativa de atualizar o sentimento moral e as identidades masculinas:

Um país novo.

Um novo homem.

Homem exigente de um país que se transforma dia a dia. Nunca, como agora, existiram maiores oportunidades para o homem conhecer-se melhor e entender melhor o mundo que o cerca.

Entendendo o seu mundo torna-se exigente, na medida em que vê as coisas com lucidez e idéias arejadas, podendo amar e usufruir o que é bom, sofisticado e belo. Para este homem, esta revista.

Revista que interessa ao homem no seu lazer, no seu prazer intelectual e, também profissionalmente.

Revista para ajuda-lo a tornar-se completo. *Para atualizá-lo em todas as áreas do seu interesse inteligente: política, negócios, esporte, aventuras, ciência, arte, cinema, moda, literatura.*

²⁶⁹ Carta enviada ao Departamento de Polícia Federal de São Paulo, de 1 de agosto de 1975. Fundo “Divisão de Censura de Diversões Públicas”, Arquivo Nacional, Coordenação Regional do Arquivo Nacional do Distrito Federal, Seção “Administração Geral”, Série “Correspondência Oficial”, Subsérie “Manifestações da Sociedade Civil” Caixa 07.

Tudo isso sem desprezar as *boas coisas da vida*: uma bela viagem, o melhor som, boas bebidas, roupa elegante, um belo iate. E, naturalmente, nas doses certas, um outro assunto de grande interesse: *a mulher*. Nada disto quer dizer que a Revista do Homem seja proibida às mulheres. Mas, elas que nos perdoem – desta vez a revista é sua, homem brasileiro. Victor Civita.²⁷⁰

O “novo” aparece como uma constante no discurso das revistas, seja, ele, sobre a mulher, o homem ou mesmo o erotismo. Essa recorrência de termo é apontada como um sinal da modernização dos discursos, e pode ser encontrada nas páginas de **Playboy**. A padronização da ideia de homem torna-se clara. Há o projeto de um novo homem em curso, e somente aquele que ler vai saber agir como tal. O homem heterossexual, rico e bem instruído, seria o mais bem entendido em relação ao masculino e à psique feminina.

Além da criação de um segmento de mercado que ainda não existia no Brasil, a versão de **Playboy**, assim como de **Fairplay**, **Status** e **Ele Ela**, trouxeram novas formas e novas práticas de si, mediante as quais, mulheres e homens as utilizam como modelos para constituírem-se como sujeitos, internalizariam seus discursos influenciados pelos dispositivos de controle como o embelezamento do corpo, sendo necessário transformá-lo e controlá-lo, inclusive os estímulos sexuais. Os discursos de masculino e feminino estão ligados ao discurso heterossexual:

Os discursos que circulam nas revistas sobre sexualidade são efeitos da rede interdiscursiva ou heterogênea de poderes que produzem saberes sobre o sexo e atualizam a obrigação de o indivíduo fazer a confissão (completa e detalhada) da verdade sobre o si ou seja das práticas através das quais se constitui como sujeito de desejo.²⁷¹

A masculinidade como espetáculo está em capas, em assuntos discutidos, em imagens, nas escolhas temáticas, como cultura brasileira. (No cinema, nos esportes, na Música, etc.). Na “invasão estrangeira do sexo”, a influência americana, através da revista **Playboy**, acabou por ser uma marca significativa para a cultura brasileira.

Com essas séries de motivos, percebemos que, a partir da 1ª edição, há uma clara intenção em definir a masculinidade através dos discursos, sugerindo “meios”, “ações” e “comportamentos” para ser homem. Com o tempo, novas formas de

²⁷⁰ CIVITA, Victor. De homem para o homem. In: Revista **Playboy**. São Paulo: Editora Abril. Agosto de 1975, nº 1.

²⁷¹ SILVA, Maria da Conceição Fonseca. **Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em Claudia, Nova e Playboy**. - Campinas, SP: [s.n.], 2003. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. p. 31-32.

críticas ao comportamento masculino podem ser observadas, como as piadas e os cartuns: “O mineirinho, um clássico do Humor Brasileiro”, por Ziraldo e “O Analista de Bagé”, de Luiz Fernando Veríssimo.²⁷² A utilização de nomes conhecidos da **Playboy** americana, e de artistas, atores e literatos brasileiros de renome demonstram, também, uma preocupação com o *status* e a veracidade dos discursos. Há sempre alguém da área específica, e que demanda um alto grau de aceitabilidade da fala.

Quando começamos a folhear a revista, temos a impressão de que o número de imagens de mulheres nuas ou seminuas é bem inferior ao número de propagandas e artigos. Mulheres e beleza são as bases do “fetiche” do consumo, ligadas ao *mass media*²⁷³. O corpo tornou-se um museu a ser contemplado. O homem deveria seguir a norma capitalista “da série”, na era da reprodutibilidade técnica:

[...] Aqueles que visitam uma exposição de arte de vanguarda, que compram uma escultura “incompreensível” ou que participam de *happening* vestem-se e penteiam-se segundo os cânones da moda, usam *jeans* ou roupas assinadas, maquiam-se segundo o modelo de Beleza proposto pelas revistas de capas cintilantes, pelo cinema, pela televisão, ou seja, pelo *mass media*. Eles seguem os ideais de Beleza proposto pelo consumo comercial, aquele contra os quais a arte das vanguardas lutou durante mais de cinquenta anos. Como interpretar esta contradição? Sem tentar explicá-la: essa é a contradição típica do século XX.²⁷⁴

Essa relação entre os ideais de beleza e nudez, na época da cultura de massa e negadas pela arte culta, é incorporada pelas revistas, e tende a criar uma padronização nos discursos que pode criar novas formas de ver, ter e sentir específicas do nosso período histórico:

O *mass media*, por sua vez, não apresentam mais nenhum modelo unificado, nenhum ideal único de Beleza. Podem recuperar, mesmo uma publicidade destinada a durar uma única semana, todas as experiências de vanguarda e, ao mesmo tempo, oferecer modelos dos anos 20, anos 30, anos 40, anos 50, até na redescoberta das formas fora de uso dos automóveis da metade do século.²⁷⁵

²⁷² Ver a relação, por exemplo, do Amigo da Onça da revista Cruzeiro.

²⁷³ BASSANEZI, C. B. **Virando as Páginas, Revendo as mulheres:** revistas femininas e relações homem-mulher - 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996.

²⁷⁴ ECO, Umberto. **História da Beleza.** Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 418.

²⁷⁵ ECO, Umberto. **História da Beleza.** Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 427-428.

Aos poucos, são os corpos magros que aparecem, e a cada edição as roupas vão diminuindo. Ao contrário de revistas da década de 50 e 60, que traziam a mulher como o “sexo frágil”, **A revista do Homem** coloca a mulher como experiente, com um largo conhecimento, inclusive de sua sexualidade. Isso se alia à juventude, que permeia cada página. Já o homem deve ser visto em primeiro lugar, a aproveitar o mundo à sua volta, conhecendo mulheres, em busca de várias. Cria-se aqui uma masculinidade homogênea: o homem é o centro do mundo.

Por essa razão, o corpo deve permanecer sempre jovem. Como viemos nus ao mundo, uma tábula rasa, nos ensinam a importância em se vestir e seguir os códigos morais, entender os tabus, as proibições e os sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento:

A partir do século XVI, um processo de civilização teria imposto – primeiro às classes dirigentes, depois, progressivamente, ao conjunto da sociedade, pelo canal dos modelos educativos (em particular, os inúmeros tratados de “civildade pueril”) – uma atitude de pudor e de autodisciplina em face das funções fisiológicas e de desconfiança em face dos contatos físicos. A ocultação e o afastamento dos corpos seriam a tradução, nas condutas individuais, da pressão organizadora, logo modernizadora, que os Estados burocráticos recentemente constituídos exercem sobre a sociedade; a separação das classes etárias, a marginalização dos que não se enquadram nos padrões tidos normais, o internamento dos pobres e dos loucos e o declínio das solidariedades locais pertencem ao mesmo movimento global, difuso e amplamente inconsciente, de remodelagem do corpo social.²⁷⁶

É interessante observar a existência de várias características na revista erótica como um manual de higiene, muito próximo dos antigos “manuais de príncipes” ou manuais de civildade estudados por Nobeit Elias.²⁷⁷ A própria **Playboy** passou, com o tempo, a dedicar-se, não somente às características de higiene, consumo, comportamento sexual e de conhecimento sobre a Vida Noturna, como também de cuidado de si. Propagandas de Cursos profissionalizantes, Institutos de Ciências e até mesmo de Universidades chegaram, aos poucos, às páginas das revistas. Na edição nº 93, de abril de 1983, sobre o curso profissionalizante com aperfeiçoamento no exterior em Eletrônica, lê-se: “Seja um

²⁷⁶ BURGUIÈRE, André. “Comportamento e organização da sociedade”. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 141.

²⁷⁷ ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.; _____. **O processo civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. II; ROTTERDAM, E. **De Pueris** (Dos Meninos) / A civildade pueril. São Paulo: Editora Escala, s/d.

executivo; estude essa carreira, onde obterá progressivamente o melhor nível universitário de formação profissional e um alto nível empresarial devido ao treinamento prático que receberá no exterior.” E ainda na mesma edição: “ranking Playboy. As melhores faculdades do Brasil. São os cursos universitários nota 10, com o ranking de graduação e pós: uma pesquisa nacional que **Playboy** faz pela segunda vez, ouvindo professores e profissionais”:

Cerca de 2000 questionários foram despachados para que professores e universitários e profissionais de seleção de pessoal apontassem os melhores cursos brasileiros em dezesseis áreas. Além de apresentar os resultados (veja página seguinte), PLAYBOY procurou examinar de perto e por dentro os bastidores e a infra-estrutura desses cursos. Visitamos muitas escolas e entrevistamos professores universitários, reitores, autoridades do Ministério da Educação, empresários, intelectuais e estudantes.²⁷⁸

Através de tabelas, gráficos e pesquisas de opinião, entre professores e universitários (o público alvo), a **Playboy** brasileira marcou uma quantificação de informações sobre como deve ser o homem brasileiro, o que ele quer e o que ele pretende.

Corpos proibidos: Censura à Playboy

A primeira edição da revista Homem, de agosto de 1975, no 25º aniversário da Editora Abril, pelo preço de Cr\$ 12,50²⁷⁹, apontava um *design* semelhante ao da revista **Playboy** americana, já conhecida pelas importações feitas por pessoas “cultas”. Pelo termo em destaque podemos entender jovens universitários e classe média brasileira que aceitavam a pornografia “leve” e artística da revista, com seu recato e muita informação, em oposição às revistas de outra vertente, como a americana **Penthouse** e a sueca **Private**, que seguiam, já nesse período, com um modelo pautado em menos informação e mais pornografia. Essas revistas *hardcore* serviram de inspiração para as revistas paranaenses **Penthouse** e **Peteca** da editora Grafipar.

²⁷⁸ Revista **Playboy**. Nº93. Editora Abril. Abril de 1983. p. 64-65.

²⁷⁹ A revista **Status** (1974) custava Cr\$10,00, a revista **Lui** (1977) custava Cr\$ 25,00. A revista **Homem** da Idéia Editorial (1978) custava Cr\$ 25,00. Apesar do preço da revista ser relativamente barato, comprar um dos carros da propaganda, em 1975 tínhamos o Opala SS, o Maverick GT V8, o Dodge Charger R/T e o Puma GTB. Destes, o mais barato era o Opala SS-6, que custava 64.000 cruzeiros (R\$ 107.800), enquanto o Maverick cobrava 67.900 cruzeiros (R\$ 114.383) por seu V8 302 canadense.

Em entrevista, Roberto Civita conta que produzir a **Revista do Homem** com a censura não era uma tarefa agradável. A normatividade deveria ser expressa por toda a revista. E apesar da revista passar pelos critérios da governamentalidade, em defesa da sociedade, as táticas dos editores faziam com que, a cada edição, as transgressões chegassem a seus leitores:

[...] No início da revista e até 1977, a árdua missão coube ao diretor Waldemar Souza²⁸⁰. “Ele levava os tapas dos censores em Brasília, enquanto a gente fazia uma ginástica tremenda para que sempre saísse um pouquinho a mais de nudez a cada edição”, recorda Mauro Ivan Pereira, na época diretor-geral do Núcleo de Revistas Masculinas da Abril. O diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas era o advogado e jornalista Rogério Nunes. Ele exigia que um boneco – modelo igual à revista que seria impressa – fosse submetido à sua inspeção antes de ser enviado para a gráfica. “Nunes era imprevisível e não admitia ter a autoridade questionada”, lembra o editor Carlos Costa.²⁸¹

Como mencionado anteriormente, as revistas se utilizavam de certas técnicas para esconder a nudez. A imagem abaixo representa uma destas técnicas, pois mostra uma tentativa de esconder o corpo da mulher, normalizando-a. Não podemos esquecer que a imagem fotográfica é também uma representação resultante do processo de criação/construção do fotógrafo, de sua manipulação e interferências ao nível da expressão. A fotografia, então, é uma representação a partir do real. Porém, a cena se cristaliza no papel, através da materialidade do registro, que grava a realidade em dado espaço e tempo. Kossoy toma, também, a fotografia como um documento do real, uma fonte histórica.²⁸²

O documento fotográfico, entretanto, não pode ser entendido dissociado do processo de construção da representação, pois a imagem fotográfica, como produto final, é o resultado do processo de criação do fotógrafo. A imagem fotográfica é registro, testemunho, mas é também criação – ao analisarmos as fontes fotográficas, temos de levar em conta o binômio registro/criação, ou testemunho/criação.

Essas mudanças interferiram no resultado final da revista, conforme podemos observar na imagem abaixo, em que, na foto original, a mulher aparece com suas partes íntimas expostas, e acaba recortada para a composição final da revista:

²⁸⁰ Ele dava curso aos Censores.

²⁸¹ **Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério**. Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. Disponível em: playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/ Acessado em: 25-08-2014.

²⁸² KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Ateliê Ed., São Paulo, 1999.



Figura 07 – Métodos para esconder os bicos dos seios na “A Revista do Homem”

Os cortes de imagens foram feitos pela equipe, mas essas imagens já haviam sido publicadas na **Playboy** americana; no Brasil, elas eram cortadas ao meio, tirando a parte de baixo de mulheres que apareciam de biquínis. Podemos ver também que na imagem original apareciam os bicos dos seios, mas foram retocados na imagem final utilizando um tipo de caneta específica que criou um pedaço de roupa para recriar a fotografia. O elo entre a produção da revista em São Paulo e a ida até os censores em Brasília fazia com que a censura controlasse diretamente as imagens e o que os homens deveriam ver e, em certa escala, também ser:

O diretor-responsável da Editora Abril entre 1965 e 1992, Edgard de Silvio Faria, que, por causa da censura, vivia na ponte aérea São Paulo–Brasília, conta que Nunes pouco ligava para os textos. “Em seu papel de açougueiro, munido de uma régua e uma caneta, Nunes fazia fotos até se dar por satisfeito e liberar um solitário peito para publicação. Os textos raramente mereciam sua atenção. ‘Tenho mais o que fazer do que ler essas baboseiras’, costumava dizer. *Eram as fotos que faziam a diferença*”, conta Faria. As visitas ao censor, que se estenderiam por cinco anos, exigiram a elaboração de uma estratégia de ação. “Eu levava sempre um ‘boi de piranha’, fotos ‘exageradas’ de nus para que eles tivessem o que cortar. Assim conseguíamos aprovar as que queríamos”, recorda Carlos Costa. “Era praxe levá-lo a restaurantes luxuosos. Tratava-se de um jogo de pressão e chantagem.” Nunes, que chefiou o órgão de censura entre 1972 e 1979, gostava de ser bajulado. “Se ele tivesse um colega presente, o protocolo exigia que o convidássemos para almoçar.” Numa dessas ocasiões, o censor liberou tudo, inclusive os “bois de piranha” com nu frontal. “De volta a São Paulo, nós nos reunimos com Edgard de Silvio Faria. Apesar do sinal verde do Nunes, ele aconselhou a não publicar as fotos porque a revista certamente seria apreendida.”²⁸³

Essa preocupação com as fotos, que elas fariam a diferença mais do que o texto escrito, se dá pelo fato de a fotografia ser uma transposição da realidade visual do assunto para a realidade de representação, como transposição de dimensões. Assim, a fotografia não corresponde, necessariamente, à verdade histórica, mas sim a seu registro expresso. Ela tem várias interpretações. As imagens das mulheres nuas trouxeram à tona diversas interpretações, como de que o comunismo poderia acabar com a família e a moral, ou que as tradições (TFP) pudessem ser desorganizadas pela Revolução Sexual. Estratégias foram seguidas para a luta contra as imposições do regime militar, seja através de recortes, roupas transparentes ou poses:

Numa época de escassos recursos tecnológicos, a outra saída era cobrir parcialmente as garotas com véus, roupas estrategicamente acomodadas e intervenções feitas com aerógrafo (caneta de jato de tinta), que esmaeciam mamilos e suprimiam os pelos atrevidos tão temidos pelos generais. Exploravam-se também a composição e a luz no momento da realização das fotos. “Trabalhávamos com uma linguagem visual imposta pela censura, e a criação fotográfica tinha de seguir essa determinação”, explica Grassetti. O fotógrafo Luís Tripoli conta que seu desafio era acatar a cartilha da censura sem que isso interferisse na produção dos ensaios sensuais. “Eu não chegava a utilizar apetrechos para esconder as partes ‘proibidas’ das mulheres. Como sabia o que podia e o que não podia, usava o

²⁸³ **Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério.** Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. Disponível em: playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/ Acessado em: 25-08-2014.

movimento do próprio corpo da modelo para atingir o objetivo desejado.” E funcionava.²⁸⁴

A justificativa do governo militar, nas palavras do então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid (1969-1974), era que as “revistas de mulher pelada” estimulariam a “licenciosidade, insinuariam o amor livre e ameaçariam destruir os valores morais da sociedade brasileira”. Na visão do ministro, elas obedeceriam a um mirabolante “plano subversivo comunista que colocaria em risco a segurança nacional”.

As imagens fotográficas de nudez permitem diferentes interpretações, dependendo das imagens mentais preconcebidas dos receptores. A partir do repertório cultural, ideológico, moral e ético dos receptores, eles poderiam interpretar, adaptando os objetos aos seus valores. A realidade da fotografia se torna uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, sua realidade exterior) e de segredos implícitos (sua história particular, sua realidade interior), documental, porém imaginária.²⁸⁵

A censura em relação a **A revista do Homem** se deu em 13 edições (desde o número 3) e em mais uma edição de Humor: 606 linhas foram vetadas, 30 fotos foram com corte, 35 fotos vetadas, 59 fotos retocadas, 9 cartuns vetados, 3 cartuns retocados e o corte mais grave: um trecho do artigo do senador Teotônio Vilela (Um Modelo para o Brasil, Homem 7, no qual propunha a revogação do AI-5)²⁸⁶

A censura vigorou até fevereiro de 1980, quando foi “suspensa o exame prévio das publicações que abordam temas referentes ao sexo, à moralidade pública, aos bons costumes ou apresentam fotografias de nus, eróticas ou não”. Enfim, estava tudo liberado:

²⁸⁴ **Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério.** Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. Disponível em: playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/ Acessado em: 25-08-2014.

²⁸⁵ Kossoy ressalta que a construção do nacional é um processo dinâmico, em constante movimento. Ela é construída segundo a ideologia do momento, que torna importante certos fatos e não outros. A fotografia está a serviço da ideologia, relevando fatos a fim de confirmá-la. KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** Ateliê Ed., São Paulo, 1999.

²⁸⁶ No site indicado, além da entrevista de Roberto Civita, havia a fotografia de uma folha timbrada com o símbolo da Editora Abril, com os dizeres: “Censura em Homem: em 13 edições (desde o número 3) mais uma edição especial de Humor.” Indicamos que esse papel estaria na DEDOC (Criado em 1968 para dar apoio à redação de Veja, o Dedoc, Departamento de Documentação, é hoje o maior banco de dados da América Latina, com um arquivo de mais de 8 milhões de imagens). In: **Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério.** Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. Disponível em: playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/ Acessado em: 25-08-2014.

“Existia muita censura moral, mas aos poucos, nas discussões internas, fomos conseguindo mostrar que não havia motivo para preocupação com a PLAYBOY, uma vez que não se tratava de uma revista pornográfica. Sabíamos que era um processo sem volta, que a censura logo iria acabar”, diz o delegado federal Manoel Marcílio Nogueira, que chefiou a censura em São Paulo entre 1974 e 1979. “Eu era subordinado ao ministro da Justiça e precisava cumprir ordens”, defende-se. Aos 75 anos, Nogueira lembra que havia decisões contraditórias entre as delegacias do Rio, de São Paulo e de Brasília, mas que sua função era justamente ajudar a acabar com a censura no país. Também jornalista e ator nas horas vagas, ele diz que até hoje é discriminado quando seu passado vem à tona.²⁸⁷

Na primeira fase da revista **Playboy**, quando era **A Revista do Homem**, não ficava explícita a visão do ser **Playboy**. A masculinidade ainda estava presa às condições do governo militar e não veria, ainda, as mulheres em fotos mais ousadas. Aos poucos, a luta entre a visão da editora, a visão da censura e a visão dos leitores se chocariam e encontrariam espaços nas revistas, fosse através das entrevistas, da seção de cartas ou de matérias que indicavam onde encontrar o sexo que não era permitido aparecer nas revistas.

As propagandas nas primeiras edições de **A revista do Homem** tornam-se parte importante no discurso sobre a sexualidade. As atualizações dos papéis do homem e da mulher se fundem na tentativa de acertar o discurso entre o masculino e o feminino. Na edição nº 3, de outubro de 1975, da mesma revista, em uma propaganda do Grupo Financeiro Auxiliar, aparece a chamada: “Todos os homens são iguais perante a lei. E as mulheres, onde é que ficam?”. Trata-se de uma alternativa que visa possibilitar às mulheres a compreensão de aspectos bancários:

[...] O Grupo financeiro Auxiliar tem 120 endereços onde as mulheres podem começar a provar que nada ficam a dever aos homens em matéria de finanças. Em todas as agências do Auxiliar existe um funcionário pronto para descomplicar esse negócio de banco e *deixar tudo tão simples quanto pregar um botão de camisa*.²⁸⁸

Nas primeiras edições de **A revista do Homem**, a mulher aparece de várias formas diferentes. Nas imagens nuas, ela aparece com um discurso libertário, enquanto que, nas propagandas, ainda é apresentada como submissa ao homem, sob uma ótica machista. Isso acabou gerando resposta de seus leitores.

²⁸⁷ **Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério.** Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/

²⁸⁸ **A revista do Homem.** São Paulo: Editora Abril. Outubro de 1975 nº 3 p.8, grifo nosso.

Na revista, a partir da edição número 3, havia uma seção chamada “Correios”, na qual eram apontados os comentários de leitores das revistas, assim como os de pessoas ligadas à Propaganda e Marketing, além de personalidades que mostravam o que achavam sobre a revista e sobre as mudanças que poderiam ser produzidas, sugerindo temas e solucionando suas dúvidas.

Na edição nº3, encontramos alguns elogios à revista pelos seus leitores, desde a edição nº1 e 2:

Quando um Homem é dessa qualidade não há sexo que resista. Finalmente fizeram um Homem como muita gente queria. É como concluiu minha mulher: “Isso sim que é Homem”. Finalmente chegou o Homem que estava para nascer. Este sim é o tipo de Homem que você pode levar para a casa sem susto. Com um Homem destes, resistir quem há de? – Alex Periscinoto (Alcântara Machado, Periscinoto). São Paulo. SP

[...]

Simplemente ótima. Dificilmente terá outra publicação congênere a nivelar-se com ela. Jamais se fez no Brasil um trabalho gráfico de tanta seriedade. Está de parabéns a Editora pelo que nos deu esse mês de agosto. Se de fato houver uma correlação entre os signos e as pessoas, a Revista do Homem já nasceu vitoriosa, pois é do signo de Leão. – L. Rigueira de Brito. Rio de Janeiro, RJ.

Fiquei realmente impressionado. Tenho apenas uma frase a lhes dizer: melhor que Playboy. – Fernando Gracie (Denilson Propaganda). São Paulo, SP.

[...]

Examinando o primeiro exemplar concluímos que Homem é uma revista que orgulhosamente juntamos à nossa bela coleção de publicações inspiradas no Playboy, do mundo todo. Tanto a parte editorial como a produção apresentam uma qualidade excelente e, em certos casos, superior à de nossas próprias edições estrangeiras que já existem há anos. – Richard Koff, Lee Hall e Al Debat (Playboy). Chicago, EUA.

A Revista do Homem é mais uma excelente publicação Editora Abril. – Gen. Bento José Bandeira de Mello. São Paulo, SP.

[...]

O primeiro número de Homem entregou mais do que prometeu. É um belo esforço editorial e um produto final de categoria internacional. Como homem de propaganda, estou feliz pelo novo veículo que os Civita inventaram e em boa hora colocaram nas mãos da equipe dirigida pelo Mauro Ivan. Como leitor, descobri uma oportunidade que vai me forçar a aumentar o tempo dedicado à leitura de revistas. – Mauro Salles (Mauro Salles Internamericana). São Paulo, SP.

[...]

Sensacional a nova revista da Abril, a Revista do Homem. Incrível que vocês possam imprimir uma revista de tal qualidade e conteúdo por este preço. Aqui custaria o dobro pelo menos e, pior, não existe. – Luis Carlos Pereira Gastral. Nova York, EUA.

[...]

Como diretor de uma agência, considero que Homem está se dirigindo a um segmento de mercado crescente que não estava completamente coberto por outros veículos. Como leitor: Homem será um encontro mensal extremamente gratificante para os olhos e de grande interesse intelectual pela qualidade apresentada nas matérias – Carlos Alberto Carmo (Lintas). São Paulo, SP.

Comprei, levei para casa e li. Sinceramente, agradou bastante. Agora nós, homens, podemos ficar tranquilos, pois é uma revista que abrange todas as áreas de interesse masculino, deixando-nos bem atualizados. Meus parabéns: a Revista do Homem chegou e abafou. – José Carlos Morais da Silveira. São Paulo, SP.²⁸⁹

O que podemos perceber dessa seção é a tentativa de demonstrar que **A revista do Homem** inaugurou algo novo. A maioria dos depoimentos dados é de agências publicitárias de grandes empresas brasileiras, justificando assim o “sucesso” da edição. O general Bento José Bandeira de Mello dá sua contribuição sobre a revista como leitor, atestando, assim, o parecer positivo pessoal e sem querer da o parecer do próprio governo também. A necessidade de uma revista nesses moldes no Brasil chamou a atenção de diversas partes da sociedade brasileira, levando-a a condensar diversas discussões sobre problemas relativos à cultura brasileira.

Além dos parabéns e gratulações pelo sucesso da revista, havia artigos e opiniões sobre outras discussões, inclusive corrigindo pareceres e notícias, ou pedindo para interagir com as mulheres que posaram para a revista. Desse modo, os leitores participavam, em certo grau, da edição da revista:

A DISTENÇÃO E SUA HISTÓRIA

Não quero tirar o valor dos outros artigos, mas gostei da opinião de Carlos Castello Branco, a respeito da distenção política, tão discutida atualmente nesse Brasil. – Arnaldo Barbosa. Fortaleza, CE.

[...]

LIVIA

Realmente marcante o pôster de Livia. Ela é um colírio, minha gente. Que mulher!!! Será que Livia poderia receber minha visita? – Laete Fraga. Aracaju, SE.[...]²⁹⁰

Esses artigos, com o tempo, seriam lidos e discutidos em âmbito nacional e internacional, e também nos meios culturais e políticos. Isso levou a um discurso normalizador, utilizado pelos seus leitores, como prova de autoridade, conforme podemos perceber durante a recorrência em diversos setores da sociedade brasileira, da **Playboy** como um “discurso verdadeiro”. A seção “Correio” de **A revista do Homem** nº 3, que foi citada no Congresso Nacional, diz:

²⁸⁹ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. Outubro de 1975 nº3 p. 14.

²⁹⁰ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. Outubro de 1975 nº3 p. 14.

HOMEM NO CONGRESSO

Não sei se vocês já sabem, mas Homem já está no Congresso Nacional, seção I de 21/8/75, página 6118, lá está: o deputado Milton Steinbruch, discutindo a questão dos honorários médicos, recomendou a transcrição nos anais de um trecho do artigo Medicina S.A., publicado no número 1, - Eduardo Romero. Brasília, DF.²⁹¹

Além desse tipo de erotismo da revista ter feito parte das leituras de deputados e governadores, demais produções eróticas eram incentivadas com dinheiro público, como filmes nacionais, no caso das pornochanchadas.²⁹² Porém, essas produções são atacadas pela **A revista do Homem**, no artigo “Chanchada é chanchada, pornô é outra coisa”, na seção Cinema, escrito por Sérgio Augusto:

[...] Todo cuidado é pouco. Incentivados pela exortação cultural, os nossos mais assíduos pornochanchadeiros podem perfeitamente partir para grandiosos projetos do tipo Os Bandeirantes eróticos; Mauá, o Barão Sedutor; O inconfidente Virgem; As Tordasilhas do Amor; A Lei do Ventre... Livre! Ou ainda simplesmente filmar, mais uma vez, A Carne de Júlio Ribeiro. Com Vera Visser, é claro.²⁹³

Devido à intensificação dos discursos eróticos das chanchadas brasileiras, o artigo diz que esses tipos de filmes servem apenas para reforçar velhos tabus e despertar, no espectador, taras reprimidas e atrofiadas. Elas coisificam a mulher e impõem um código moral reacionário e castrador, em que o *status quo* sexual permanece intocado, representando os anseios da classe média brasileira, com uma identidade cultural eroticamente alterada.

Apesar do controle por parte da censura, **A revista do Homem** chegou a todos os cantos do Brasil, incitando o erótico entre homens das mais diversas categorias de trabalho, assim como entre mulheres, políticos, brasileiros e estrangeiros. Em 1978, com o nome **Playboy**, a revista ficaria ainda mais famosa.

²⁹¹ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. Outubro de 1975 nº3 p. 14.

²⁹² Através da EMBRAFILMES.

²⁹³ **A revista do Homem**. São Paulo: Editora Abril. Outubro de 1975 nº3 p. 22.



Figura 08 – Revista Playboy, nº1, 1978

A revista *Playboy* (1978)

Em julho de 1978, a revista sofre reconfiguração e assume que **A revista do Homem é Playboy**. Na capa da primeira edição, a revista exhibe seu novo nome, seguido com o símbolo do coelhinho na parte superior e, do outro lado, o símbolo da Abril, nome da editora, a data e o valor da revista – Cr\$ 30,00; abaixo encontra-se seu antigo nome, "A revista do homem", com letras pequenas, e, do lado direito da página da capa, a foto de uma mulher nua, sentada, com cabelos compridos cobrindo os seios e o órgão genital; no canto esquerdo, escrito de baixo para cima, com caixa alta, lê-se: "Venda proibida para menores de 18 anos".

A edição de Ano III e número 36 mostra que algumas mudanças foram observadas em relação à primeira edição. Em relação à divisão da revista, os artigos são divididos pelas seguintes partes: "EXTRA" (um suplemento com O GUIA DE MOTÉIS do Brasil); "Mulher" (com Debra, a playmate do ano, Kathy Morrison no pôster, "Ensaio", diz-me como ela dorme e *As garotas Gaúchas*); "Humor" (com *Meu álbum de família*, de Wood Allen, e *As piadas de Playboy*); "Ficção" (Como resitir a Jandira?, de Carlos Queiróz Telles, *Lenda – Um triângulo perfeito*, *O desmaio*, de John Updike); "Pesquisa" (*Se a cama virou rotina, mude de lugar!*); "Reportagem" (*Os segredos do tênis*, de Luiz Antônio Nascimento, e *Fazer Vascetomia? Eu?*); "Entrevista" (*As trapaças da CIA*, por William Colby); "Bebida" (misture seu uísque, por Emanuel Greenberg); "Doce Vida", que juntou todos os artigos em um lugar só: "Recado" (Fernando Pessoa Ferreira), "Moda" (Fernando de Barros), "Som" (Pena Schmidt), "Comida" (Panta & Guel), "Noite" (Dionísio Madruga), "Viagem" (Celso Nucci Filho), "Aparência" (Pedrinho Aguiunaga), "Música brasileira" (Tárik de Souza), "Música Internacional" (Ezequiel Neves), "Cinema" (Rubens Ewald Filho) e "Literatura" (Geraldo Galvão Ferraz). Ainda há as seções "De Homem para PLAYBOY", "Pontos de vista", "Bazar", "Em cartaz" e, por fim, "Transas".

Podemos ver, nessa edição, algumas mudanças interessantes também na questão da música. A música erudita perde espaço para uma relação entre música nacional/internacional. Se nas primeiras edições de 1975 se discute a qualidade da música e seu alcance das classes mais altas, em 1978 ocorre algo diferente. A instalação de uma sociedade de consumo faz com que a discussão sobre música se restrinja apenas a polaridade – nacional ou internacional.

Algumas seções continuaram como eram, ou foram ligeiramente modificadas. Os reclames se tornam em sua grande maioria produtos brasileiros e não mais estrangeiros. Aos poucos, a revista passa a destacar conteúdos nacionais.

A primeira página dessa edição tem a seguinte configuração: na parte superior é apresentada a formulação "De Homem para Playboy"; no centro, o símbolo do coelho, com a formulação "A revista do homem cresceu tanto que virou Playboy"; e na parte inferior, a formulação "E para comemorar isso, tenho grandes surpresas para você. Vire a página". Em editorial, a revista dirige-se ao leitor e explica que Homem é **Playboy**, e que esta é a revista masculina de maior circulação no mundo. Apresenta, também, a designação do nome **Playboy** pelo dicionário Aurélio:

É isso aí, amigo: A Revista do Homem cresceu tanto que virou Playboy. Agora passamos a ser a versão brasileira – brasileiríssima da melhor, maior e mais importante revista masculina do mundo [...]. Com a experiência desses três anos da Revista do Homem e com a liderança que conquistamos no mercado. solidificada a partir do momento em que adotamos o símbolo charmoso e vivo do coelho (há 16 meses) e que abrimos muitas páginas às garotas internacionais de Playboy - as mais lindas do mundo/ -, já alcançamos o tamanho certo para passarmos a ser. daqui para frente, Playboy, A revista do Homem. Aliás, a palavra Playboy também já é brasileira. Está até no Aurélio [...]. Na segunda coluna de sua primeira página qualquer um pode ler: Playboy (pleibói). S.m. Homem. geralmente, jovem. rico, ocioso, que se entrega a uma vida social intensa. ao convívio de belas mulheres, aos esportes. etc." Estamos nessa, Aurélio, exceto pelo ócio. que nunca é tanto quanto nós - e você – merecemos.²⁹⁴

A revista atualiza, no editorial, o discurso que define o homem no qual ela investe. Ser *playboy* é ser homem rico ou ter um bom poder aquisitivo, ter preferência sexual por mulheres, gostar do convívio com belas mulheres, gostar de esportes, etc. Define-se, dessa forma, como um segmento de mercado globalizado, pois a proximidade da versão brasileira com a **Playboy** americana é grande.

A versão brasileira, desde as primeiras edições até o início do século XXI, sofre mudanças no que tange ao projeto gráfico interno e externo, ao formato, à inserção ou retirada de seções. Entretanto, a moral sexual da revista não muda. Como padrão, na parte superior da capa, aparece sempre o nome da revista com o mesmo tipo de letra, que muda de cor em cada edição; ora do lado esquerdo, ora do lado direito, ora do direito e do lado esquerdo, são apresentadas formulações linguísticas

²⁹⁴ De homem para Playboy. In: Revista **Playboy**. São Paulo: Editora Abril. Julho de 1978, nº 36 p. 4.

que aparecem como chamadas; no canto superior ou inferior, o logotipo da Editora Abril.

Os discursos de Playboy giram em torno dos temas mulheres (bonitas, sensuais e despidas em poses provocantes), sexo, moda, cuidados corporais, bebidas, viagens, esportes, lazer, carros, motos, economia, fama, política, cultura, gastronomia; e são tratados a partir da visão histórica do momento, orientado-se pelos lemas da "ambição, rigor, qualidade, elegância, bom gosto". Nos discursos, faz-se a apologia da vida de solteiro, livre para fazer o que quiser. O casamento é visto não raramente como uma restrição.²⁹⁵

Um dos mais importantes dispositivos da revista *homem-playboy* foi justamente a parte das entrevistas. Era uma forma de deixar falar abertamente sobre qualquer tema, de modo que o entrevistador pudesse dar impressões claras de suas opiniões do período, apenas organizando algumas falas, contradições e expectativas.

Thomaz Souto Correa, jornalista e vice-presidente do Conselho editorial da Abril, fala sobre as entrevistas da **Playboy**, no texto "Marca registrada de Qualidade":

As entrevistas de PLAYBOY são marca registrada da revista desde 1962, iniciada oito anos depois que a revista foi lançada. O jeito como o fundador Hugh Hefner concebeu a primeira entrevista se mantém até hoje, não só na edição americana, mas também em algumas versões internacionais, como a brasileira. O título é o nome do entrevistado, três fotografias aparecem na parte de baixo a página, cada uma com uma frase provocativa dita pela personalidade do mês.

A marca registrada não é só o layout. A qualidade editorial das entrevistas é buscada sempre pelas longas horas de conversa e pela cuidadosa edição do texto, que preserva as declarações mais reveladoras do entrevistado, sem preocupação com o tamanho do resultado final. Há entrevistas mais longas e outras mais curtas, como você verá neste livro, porque o importante não é fazer caber num tamanho predefinido, e sim dar ao leitor o que de mais interessante disse o entrevistado.

[...] Com declarações que chocam, que surpreenderam e que sempre revelaram algum aspecto inédito da vida e do pensamento do entrevistado. Como todas as entrevistas deveriam ser, mas que em PLAYBOY viraram marca registrada.²⁹⁶

Essa marca registrada se associou ao "universo masculino". Se você era homem, deveria obter essas revistas. A justificativa por parte dos editores era que a

²⁹⁵ SILVA, Maria da Conceição Fonseca. **Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em Claudia, Nova e Playboy**. - Campinas, SP: [s.n.], 2003. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

²⁹⁶ RIVOIRO, Luiz. Uma conversa franca. In: RIVOIRO, Luiz. **Playboy**. As melhores entrevistas. Editora Abril, 2009, p. 11.

revista não consistia apenas em conteúdo de “mulher pelada”, mas sim de um jornalismo sério por agregar cultura e conhecimento científico. O ex-editor-chefe da publicação, Humberto Werneck, corrobora esse posicionamento:

Playboy é hoje o último refúgio da grande reportagem na imprensa brasileira. Nenhuma revista cogita a possibilidade de garantir dez páginas para um grande assunto, e nós fazemos isso com frequência. [...] Já fizemos grandes reportagens com assuntos que a mídia normalmente não vai atrás, até por falta de tempo.²⁹⁷

Entrevistas com possíveis candidatos à presidência da república, com artistas e com políticos ajudam a recuperar uma parte importante das “condições de possibilidade” do discurso. Cardozo, ex-repórter da publicação, conta em seu livro que “[...] Sem favor algum, as entrevistas de **Playboy** acabaram por constituir uma forma única de jornalismo, e uma das razões disso está justamente em que para chegar às suas páginas o entrevistado tem que ser alguém de grosso calibre.”²⁹⁸ Juca Kfourri, ex-diretor da revista, confirma:

Playboy é uma revista de mulher pelada. [...] Muita gente tenta disfarçar por razões morais ou por qualquer outro motivo. Fazemos revista para homens que têm fantasias. O leitor pode até dizer que compra a revista por causa das reportagens, mas é mentira. Ele compra para ver mulher pelada e acaba tendo acesso a um bom trabalho jornalístico.²⁹⁹

É importante observar essa visão dos membros da revista que a classifica como “bom trabalho jornalístico”, ou “boa revista para se informar”. Em nossa sociedade, o domínio discursivo da heteronormatividade e da masculinidade hegemônica ainda é muito forte e sufoca ou desconsidera diversas outras formas de masculinidades. Nesse sentido, Guaciara Lopes Louro nos mostra que o processo de heteronormatividade busca nos tornar compulsoriamente heterossexuais.³⁰⁰ Com isso, a partir de normas e regras anônimas e onipresentes, ela acaba por fundamentar os processos de regulação e controle. A heteronormatividade marca

²⁹⁷ SOUZA, Roberto. **No seio de Playboy**, 19 anos. Imprensa, São Paulo, ano VII, nº 82, p. 32-37, Jul, 1994. p. 34.

²⁹⁸ CARDOZO, Ivo. **Retratos: Entrevistas de Playboy**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1984. p. 10.

²⁹⁹ SOUZA, Roberto. *No seio de Playboy, 19 anos*. Imprensa, São Paulo, ano VII, nº 82, p. 32-37, Jul, 1994. p. 34.

³⁰⁰ LOURO, Guaciara Lopes, *Viajantes pós-modernos II*. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo & BASTOS, Liliana Cabral. **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

até os sujeitos que não se relacionam com o sexo oposto, basta pensar na regulação ativo/passivo entre as relações homoeróticas.

O leitor aos poucos se interessa em participar, se tornar parte do “mundo Playboy”. Na seção “ponto de Vista”, publicaram uma carta do leitor José Vicente de Oliveira de Casa Nova, MG com a chamada CONTISTA À VISTA!:

Venho pedir que me informem se é possível publicar em sua revista contos escritos por mim. São contos genuinamente brasileiros, pendendo um pouco para a minha região de origem; devo dizer também que são contos eróticos e com um pouco de violência.³⁰¹

A resposta dada pela revista demonstra a normalização do que poderia ou não ser publicado, sendo, de acordo com a “filosofia” da revista, do bom gosto:

Se os contos são mesmo do jeito que você descreveu, e além disso tiverem bom nível, pode mandar sem medo, pois serão publicados. Mas, se eles nada tiverem a ver com a ficção que publicamos na revista, poupe o seu tempo. Não vai adiantar nada enviá-los. Nossos leitores são pessoas de muito bom gosto e não aceitam qualquer ficçãozinha.³⁰²

Podemos perceber que a revista dispõe, além das seções de artigos de opinião, de uma parte dedicada às mulheres, não só como “nua”, mas também para dar a sua opinião sobre o masculino. Na primeira edição com o nome **Playboy**, na parte das *playmates*, a escolhida foi Debra Jo Frondren, que como capa da revista que passou por um “colégio eleitoral” de especialistas, os editores da Playboy, referência essa ao sistema eleitoral indireto do Brasil: “[...] E, dessa vez, Debra Jo Frondren, a *garota do nosso pôster de dezembro* último, foi eleita a *playmate* do ano. Como você vê, eles sabem fazer justiça.”³⁰³

Das 136 páginas da revista, 10 são de fotos de Debra, e sendo 8 dela realmente nua. É interessante que, ao longo das fotos, ela confessa: “Isso é muito bom eu acho deliciosamente excitante me sentir desejada.” Ou ainda: “Quando me interesse por um homem, procuro demonstrar isso claramente. E prefiro que ele não faça muitos rodeios para obter tudo o que quer de mim. E que eu quero dele”.

Para esconder o corpo nas fotos, utiliza uma espécie de xale; já em outra, segura uma xícara de café tampando os seios, e sentada de lado escondendo a

³⁰¹ Revista **Playboy**. Nº 36. Editora Abril: São Paulo, 1978. p. 10.

³⁰² Revista **Playboy**. Nº 36. Editora Abril: São Paulo, 1978. p. 10.

³⁰³ Revista **Playboy**. Nº 36. Editora Abril: São Paulo, 1978. p. 10.

vagina. Há uma foto em que usa um *baby-doll* com os seios à mostra, mas sentada de lado em um sofá. Nenhuma das fotos mostra os genitais.

Na seção Ensaio: “*KATHY, Confissões de uma garota cercada de desejo por todos os lados*” apresenta uma série de discursos confusos de liberdade sexual e ao mesmo tempo aspectos de uma moral: “[...] ela é suave, mansa e sente uma enorme dificuldade para dizer não. Isso, evidentemente, já criou algumas dificuldades para Kathy, sobretudo porque ela, até bem pouco tempo, não era muito consciente de sua beleza e de sua aura erótica.”³⁰⁴ A mulher, na revista **Playboy**, tem essas características; sempre tranquila, bela, sexy e submissa, enquanto quer, ao mesmo tempo, liberdade: “Só me sinto atraída por um homem quando ele consegue me dar a impressão de que continuo livre”, relata. Ainda no pôster central, fala sobre o Homem idealizado: “auto-suficiente, independente, sensível, atraente, honesto e com uma mente saudável.”

Em uma sessão de fotos, com a chamada “*As garotas gaúchas. Agora pare e vire as páginas devagar, pois você vai conhecer o que os pampas têm de melhor*”, aparece diversas mulheres posando de forma amadora em fotos sensuais. As modelos são da faixa de 19 anos, grande parte estudantes universitárias: Letras, Medicina, Turismo, Psicologia, Direito, Comunicação (PUC).

Além das imagens, as reportagens tiveram significativa importância para a consolidação do discurso masculino. A reportagem “Fazer Vasectomia? Eu? Se você está em dúvida, veja o que quatro brasileiros sentiram antes, durante e depois dessa cirurgia de esterilização” mostra a medicina em relação ao sexo e as mudanças biológicas do homem moderno. A fala de Eurico Andrade, pernambucano, 39 anos, que havia sido repórter da revista **Realidade**, e que pagou 850 cruzeiros pelo teste, 600 pela primeira consulta, 6 mil para cirurgia, 60 cruzeiros por duas sungas atléticas para usar durante o pós-operatório e mais 30 por um saco de gelo, fala sobre o assunto:

O pior é o teste: não é fácil você se masturbar num banheiro apertado, sabendo que a atendente e vários clientes estão ali do lado – e ainda pagar 850 cruzeiros. Mas é o jeito. Você se esforça, sua, deposita o material no vidro, guarda-o no armarinho que tem embutido na parede e fica achando que o sacrifício é inútil. Que os espermatozoides saíram gritando, desesperados, como na piada antiga. É preciso aguardar um ou dois dias para saber o resultado do exame. Ou seja: ficar sabendo se a vasectomia

³⁰⁴ Revista **Playboy**. Editora Abril: São Paulo, Nº 36, 1978, p. 63.

realmente funcionou, ou se você, depois de tudo, continua apto a ter filhos.³⁰⁵

A masturbação só poderia ocorrer se fosse por uma causa médica, como no caso relatado acima. Ou seja, apenas dentro desse discurso era possível falar abertamente sobre o assunto.

O discurso normalizador pode ser observado também em entrevistas de cunho científico. A pesquisadora e então editora-chefe da Vozes, Rose Marie Muraro, na edição de julho de 1981, pelo editor Ruy Castro, lançava seu livro **A Sexualidade da Mulher Brasileira**, que foi resultado de uma pesquisa iniciada em 1979 e financiada pela Fundação Ford. Nele, a autora traz entrevistas que fez a cerca de 1000 mulheres representativas de todas as classes sociais, em três Estados Brasileiros, e a 200 maridos:

Seus três primeiros livros conseguiram o milagre de ser, quase ao mesmo tempo, best-sellers e malditos: A mulher na Construção do Mundo Futuro, de 1966, teve dez edições até ser proibido em 1974; A Automação e o futuro do Homem, de 1968, teve cinco edições até ser proibido em 1975, acusado de “pornográfico”, embora se tratasse exclusivamente de tecnologia; e A Libertação Sexual da Mulher, de 1970, que está na sua 4ª edição e, surpreendentemente, não chegou a ser proibido. A Sexualidade da Mulher Brasileira, com lançamento previsto para setembro, está destinado a ter o mesmo sucesso das anteriores, com a vantagem de beneficiar-se das aragens da abertura.³⁰⁶

A divulgação de relatórios no estilo Hite sobre a sexualidade brasileira nos mostra que a sexualidade estava de ponta a ponta sendo quantificada no Brasil. Livros de pesquisas, pesquisas de mestrado e doutorado, além de livros de ficção com cunho erótico, exemplificam a quantificação de dados científicos sobre a sexualidade. Ruy Castro ainda completa:

Mais do que nunca na história deste país, o sexo é uma realidade. Está nas bancas de revista, nos outdoors de publicidade, nos comerciais de TV, nos filmes, nas peças de teatro, na cabeça das pessoas e, principalmente, na vida real. *Precisamos entender o que está se passando e, quanto mais as pessoas esclarecidas se pronunciarem a respeito, será melhor para todos nós – porque isso ajudará a sociedade brasileira a garantir um espaço ameaçado pelos retrógrados e moralistas, cujas posições só se sustentam pela repressão ao debate.*³⁰⁷

³⁰⁵ Revista **Playboy**. Editora Abril: São Paulo, Nº 36, 1978, p. 107.

³⁰⁶ Revista **Playboy**. Editora Abril. São Paulo, nº 72, julho de 1981, p. 25.

³⁰⁷ Revista **Playboy**. Editora Abril. São Paulo, nº 72, julho de 1981, p.26, grifo nosso.

A repercussão de matérias da *Playboy* em jornais e outras revistas foi uma constante. Em artigo para o jornal **O Estado do Paraná**, publicado em 22 de janeiro de 1980, intitulado “No campo de batalha”, Aramis Millarch comenta:

Como a série da "Playboy" sobre como - e onde - se faz sexo no Brasil, vai abordar também Curitiba, uma das principais entrevistadas para a reportagem que focalizará a capital paranaense, será a hoje, já antológica "Maria Japonesa", no registro civil Maria Guilhermina de Almeida, proprietária do "Quatro Bicos", nas margens da BR-277, que lhe rendeu o suficiente para se tornar uma das maiores contribuintes do Imposto de Renda ... se tivesse que declarar tudo o que ganha. Aliás, ela acaba de adquirir uma sofisticada boite - o "Castelinho", em Maringá. Mas, em compensação, até agora, não conseguiu vencer o cipoal burocrático (ou intrincados interesses) municipais e policiais, para fazer funcionar o moderníssimo motel que construiu ao lado do "Quatro Bicos" e que, contam os que o visitaram, é digno dos melhores motéis do Rio e São Paulo e mereceria pelo menos 4 coelhinhos na cotação da "Playboy". xxx A propósito: um empresário português, que adquiriu há pouco um motel nas margens da BR-116, está usando a imaginação: cartões numerados, que possibilitam maior discreção na hospedagem de sua clientela. Xxx [...].³⁰⁸

Playboy trouxe a pornografia soft “para a mesa do café da manhã”. E virou motivo de *status*. Ser reconhecido pela **Playboy** era sinal de extrema qualidade, como nas diversas matérias sobre motéis, restaurantes e hotéis. Mesmo assim, pode não ser oportuno lê-la em certos lugares ou na presença de mulheres, por exemplo. Essas informações ficariam restritas apenas ao universo masculino. No entanto, a pornografia *hardcore* continua fora de cena na revista, mesmo após a liberalização dos costumes. Trata-se de algo semelhante ao que formulou Nuno Cesar Abreu:

A distinção entre obras eróticas e obras pornográficas, hoje, pode também atravessar a problemática questão de distinguir cultura de massa de cultura erudita. Sob o rótulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor ‘nobre’, ‘humano’, ‘artístico’, problematizando-os com ‘dignidade’ estética, e de pornográfico, as de caráter ‘grosseiro e vulgar’, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos.³⁰⁹

Em **Playboy**, como vimos, a exposição da nudez feminina é “compensada” pelas matérias “sérias”, nas quais o leitor pode se dizer interessado. Consideradas aquelas que mostram o nu pelo nu — o que, como veremos, não é bem verdade —

³⁰⁸ Jornal **O Estado do Paraná**. No campo de batalha. Seção: Tablóide, 22 de janeiro de 1980, p. 8.

³⁰⁹ ABREU, Nuno César. 1996. **O Olhar Pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado das Letras. p. 41.

as revistas populares são, em geral, reputadas de pornográficas, enquanto uma revista como **Playboy** pode mais facilmente ser admitida entre as eróticas. Em suas páginas, as imagens do nu feminino são consideradas trabalhos artísticos: são registradas, têm autoria, direitos autorais e as modelos, dependendo do tipo de contrato com a empresa, têm direito a receber por cada utilização de sua imagem. Há muito mais dinheiro envolvido nelas.

As pesquisas contidas nas revistas sobre os novos comportamentos sexuais também eram recorrentes. “Se a cama virou rotina mude de lugar!” foi produzida a partir de uma investigação com 120 mulheres de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e Curitiba; são todas da classe A e B, situam-se na faixa de 18 e 30 anos, e, por critério, eram bonitas e sensuais. Com alguns desenhos representando pessoas tendo relações embaixo da cama, no mato, no avião, debaixo d’água, no telhado, na cachoeira e um desenho representando todos esses lugares juntos podemos perceber a estimulação de ideias para os casais que lessem o artigo. Enfatizando a reportagem, em destaque, aparece a frase: “Para muitas mulheres a cama é o último lugar que fariam sexo”. Foram destacadas também “seis opiniões de respeito”, ou seja, comportamentos e falas de atrizes e compositoras conhecidas no cenário nacional:

DJEANE MACHADO, atriz:

“Sexo é bom de se fazer em qualquer lugar que não seja a cama. Gosto de um bom chão. Se tiver água também ajuda, pois o amor, então, é totalmente líquido”.

LADY FRANCISCO, atriz:

“Já curti inúmeras experiências diferentes. Só falta mesmo fazer sexo num paiol... O local que eu mais gosto é o chão – é mais agressivo, fica-se mais na terra. E o melhor é que no chão não há aquele barulho chato da cama, que sempre lembra nosso país.

MARTHA ANDERSON, atriz:

“A cama, para mim, é o último lugar para fazer sexo. O clima é horrível, só falta hino militar. Meus locais preferidos são o banheiro da casa de alguma amiga, pois é mais excitante e a poltrona de avião.”

IRENE RAVACHE, atriz:

“Aprendi, com meu marido, que o melhor lugar é debaixo do chuveiro. Numa piscina é maravilhoso. No mar também é legal. A água se movimenta como se fosse uma carícia.”

SÔNIA BRAGA, atriz:

“Fora da cama eu prefiro sempre a água. Pode ser no mar, num rio ou numa cachoeira”

RITA LEE, cantora:

‘Eu curto demais um jardim. Mas tanto faz que seja no chão ou no telhado da casa. O importante é que seja ao ar livre, com muito cheiro de mato.³¹⁰

³¹⁰ Revista Playboy. Editora Abril. São Paulo-SP, nº 36. 1978, p. 30-31.

Aparentemente, as mulheres e seus comportamentos vão compondo uma parte importante nos discursos de **Playboy**. Apesar das imagens ainda muito conservadoras, os “modos de agir” e a liberdade da expressão sobre o amor e o sexo se tornam recorrentes. Quem poderia imaginar que em plena ditadura poderiam existir “desejos” que poderiam ser sanados? A pesquisa rendeu uma tabela que mostram essa preferência:

Tabela 01 – Os locais preferidos

| LOCAL | QUANTIDADE | % |
|----------------------------------|-------------------|-------------|
| Sob o chuveiro | 21 | 17,5% |
| Na banheira | 11 | 9,1% |
| Na piscina | 7 | 5,8% |
| No rio | 4 | 3,3% |
| No mar | 4 | 3,3% |
| SUBTOTAL ÁGUA | 47 | 39% |
| No chão (com ou sem tapete) | 23 | 19,2% |
| Na praia | 14 | 11,7% |
| No mato | 10 | 8,4% |
| No sofá | 7 | 5,9% |
| No carro | 6 | 5,0% |
| Numa mesa | 5 | 4,2% |
| Outros (almofadas, rede, escada) | 8 | 6,6% |
| TOTAL | 120 | 100% |

Fonte: Revista **Playboy**, nº 36, p.31

Muito do que podemos dizer sobre o real papel do homem e sua construção de identidade é afetado diretamente sobre as mudanças dessa “nova mulher” que tem liberdade para fazer escolhas, e não mais precisa “escutar e obedecer”. Se é possível falar em um “novo homem”, entendemos que em parte se deva a essas mudanças em relação às mulheres; mas não a qualquer mulher, e sim àquela que se dedica à arte, e será atriz, cantora ou modelo. Não são todas as mulheres que têm espaço garantido na revista erótica *softcore* do tipo **Playboy**. Sua fala é limitada à sua condição de classe.

Mas não nos enganemos com as suas “ideologias artísticas”, como se expressaria Bourdieu, ou com as justificativas dos que as fazem e dos que as compram, de que a revista traz artigos sérios, boas entrevistas, etc. Ela se dirige a um homem diferenciado, para quem suas matérias (de Economia, Política, Cultura) compõem mais o seu estilo de vida. Ou, como explicou um produtor de **Playboy**, o “conceito” da revista é o de que “a qualidade [da revista] atenua o choque da nudez”. Esse padrão de qualidade precisa percorrer todas as páginas, “os contos, as entrevistas, os carros, as bebidas, as roupas, e, naturalmente, as mulheres”. Obsceno para as classes médias e altas, o sexo “vulgar” e “grosseiro” das classes populares é afastado, numa atitude que Pierre Bourdieu identificou como “etnocentrismo de classe”.

Essa nova “classe erudita” seria mergulhada no mar da pornografia, levando inclusive a ação, como a de se tornarem modelos para revistas, como constatamos a exportação dessa nova “cultura brasileira do sexo” conforme podemos perceber na matéria “nus masculinos para exportação”, da revista **Playboy**, de julho de 1980:

Mais uma vez a Europa se curva ante ao Brasil: as revistas pornô alemãs estão interessadíssimas em publicar fotos de estudantes brasileiros pelados. Pelo menos é isso o que afirma o professor Luís Sérgio Galdi Ferreira no convite que distribuiu, em centenas de cópias, a os alunos da Universidade Federal do Maranhão, e que, há dois meses, é o assunto do momento em São Luís. Nele, além de salientar as vantagens financeiras da “operação”, o professor acrescenta que “em caso de dúvida”, os interessados poderão se informar com o embaixador de Bonn no Brasil.³¹¹

Os concursos fotográficos também foram importantes ferramentas para o mecanismo de criação de identidades, e para instigar a pornografia amadora. Em uma chamada de Julho de 1980, “As garotas sensuais dos leitores de Playboy-80”, afirmava-se que: “Pela segunda vez, nossos leitores participavam com garra – e muita categoria – da promoção ‘Fotografe uma Garota Sensual’. Entre 7815 fotos concorrentes, elas são as vencedoras.”³¹²

³¹¹ “Transas. Curtições e agito sexuais.” Revista **Playboy**. Nº 60. Editora Abril. São Paulo, Julho de 1980. p. 149.

³¹² O estímulo pela fotografia amadora era uma constante em **Playboy**. Em 1980 havia a existência de uma revista **As garotas de PLAYBOY**. A revista salientava as melhores fotos com os melhores fotógrafos do mundo David Hamilton, Otto Stupakoff, Paulo Rocha, Helmut Newton, JR Duran, Arnaldo Klajan entre outros. Mais algumas matérias sobre os segredos das fotografias eróticas: truques, técnicas, cursos e novos equipamentos.

O primeiro lugar, concedido a Marcelo Augusto Jesuíno dos Santos, do Rio de Janeiro, ganhou na época uma lancha Carbrasmar de 16 pés, com motor Yamaha de 85HP, no valor de Cr\$ 400 mil; o 2º lugar recebeu um veleiro Clan de 19 pés, com cabine, valendo mais de Cr\$ 200 mil; o 3º lugar ganhou um sistema Frata completo de iluminação para estúdio fotográfico (Cr\$ 150 mil); o 4º, um Conjunto de Som Polivox de Cr\$120 mil; o 5º não aparece; o 6º lugar, uma câmera Yashica FR-II (Cr\$ 25 mil); o 7º, uma Câmara Yashica Diary de Cr\$ 12 mil; o 8º, uma Filmadora Chinom Super 8 de Cr\$ 10 mil; o 9º não aparece e, por fim, o 10º, que ganhou uma Yashica ME-1 de Cr\$ 6 mil.³¹³

O humor também aparece como uma ferramenta importante na revista. A partir de 1980 surge “O melhor Humor do Mundo”, com 120 páginas de piadas e cartuns bem mais ousados do que aqueles apresentados nas revistas. No mesmo sentido estão os desenhos que ilustravam o interior das revistas, dentre os quais fizeram muito sucesso o “Mineirinho”, o Comequieto de Ziraldo, e o “Analista de Bagé” por Luís F. Veríssimo e Edgar Vasques, que tiveram participações de diversos outros cartunistas também. Numa sociedade moderna existe o culto dos mitos cômicos, e o divertimento ocupa um lugar fundamental. A ironia e a sátira são tipos de humor recorrentes em uma sociedade moderna.

A revista, portanto, utilizou-se do recurso humorístico quando precisou falar de algo que ofenderia a moral e os bons costumes. Em um reclame da revista nº 60, de julho de 1980, na página 51, se encontra a imagem de um casal nu, de costas olhando pra cama, e a seguinte frase: “PLAYBOY mostra porque os casais mais conservadores do Brasil estão indo juntos para a cama”.

Além do humor, a sexualidade estrangeira é citada em inglês, como no caso do *swinging*: “O SWINGING NO BRASIL. Os casais do interior são mais ‘desinibidos’ e transam muito mais que os das cidades grandes”. A reportagem continua a contar como foram descobertos os Swingings brasileiros, através de uma reportagem da revista VEJA, de 12 de dezembro de 1979.³¹⁴

³¹³ Lembrando que o valor da revista em Julho de 1980 era de Cr\$ 90.

³¹⁴ A reportagem era baseada numa pesquisa de dois estudantes de jornalismo da FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, de São Paulo: Geraldo Santos e Jussara Xavier. Ambos penetram no universo do Swing se apresentando como casal (Às vezes o editor Ruy Castro fazia esse papel) e levantaram um vasto material sobre o tema. “[...] A exemplo dos americanos e europeus, os swingers brasileiros são casais tradicionais, bem-postos na vida, excelentes pais de família e melhores ainda devedores do BNH – alguns dos mais bem-comportados advogados, engenheiros, médicos, gerente de vendas, bancários e comerciantes da praça. Suas mulheres são prendadas donas-de-casa, que

Playboy acabou por estabelecer-se como principal periódico voltado ao masculino no Brasil, e tornou-se parte importante na divulgação da cultura brasileira, além de fazer parte da mesma. Para compreender melhor essa relação, estabeleceremos, em seguida, os principais discursos de consumo das propagandas das revistas, assim como o conceito de homem já apontado.

2.4. Heteronormatividade e o sonho de *Playboy*: consumo e identidade

Desde a primeira edição, a revista pode ser vista como uma tentativa de criar um padrão de homem consumidor brasileiro moderno. A revista toda, com seus anúncios, suas capas, matérias e fotografias, aparece sob a visão de uma masculinidade hegemônica. Não há espaços para a masculinidade plural, e, portanto, o sonho de “todo” homem deveria ser o de tornar-se um *playboy*.

Por essa razão, identificamos nos discursos da revista certa obrigação de padrão de consumo, que não era o padrão nacional. Presos a carros velozes e roupas de grife, o padrão **Playboy** não era para qualquer pessoa e para qualquer homem:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial.

Um paradoxo deve, desde já, ser elucidado: se masculinidade e feminilidade são, ao nível da gramática dos símbolos, conceptualizadas como simétricas e complementares, na arena do poder são discursadas como assimétricas. Isto é patente na ideologia do parentesco e do casamento, em que à ideologia da “complementaridade” de homem e mulher se sobrepõem precedências de autoridade masculina. Mais: a própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos “masculino”), em que se detectam modelos hegemônicos e variante subordinadas (os termos são de Carrigan, Connell e Lee, 1985). Isto só pode significar duas coisas: que a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado

pechinham na feira, travam memoráveis batalhas com a empregada e emocionam-se com o drama de Maria Helena na novela *Água Viva*. Umas poucas trabalham fora, mas dificilmente farão declaração de renda em separado. Enfim, os swingers são os seus vizinhos do lado – mas nada de ter idéias a respeito de espiar pelo buraco das fechaduras ou de colar os ouvidos às paredes do apartamento. Não apenas é feio, como não é assim que se faz. Para penetrar no universo do swinging, é preciso dominar todo um código, seguir as regras do jogo e, mais importante do que tudo, ser como eles. Isso posto, é apenas uma questão de estar afim. Você e sua mulher estão?”. Revista **Playboy**. Editora Abril: São Paulo, nº 60. Julho de 1980 p.125.

natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado.³¹⁵

O universo masculino idealizado pela **Playboy** nos mostra, diversas vezes, essa formulação de padronizar os discursos em torno de uma masculinidade ideal, hegemônica³¹⁶. Propagandas da primeira edição apresentam um homem sofisticado, respeitável e intelectualizado. Na foto da contracapa vemos a fotografia de um homem e uma mulher, ambos bem confortáveis, curtindo um momento juntos, em uma propaganda de fumo de cachimbo. O cachimbo era sinal de sofisticação, estava presente nas edições da **Playboy** americana, e serviu de modelo para o homem brasileiro: “Para momentos como esse um fumo de fina linhagem: Bulldog. Um belo entardecer, a satisfação de criar alguma coisa, uma bela companhia, um bom cachimbo, um belo momento. Bulldog ajuda a tornar tudo isso um prazer que se renova.”³¹⁷

³¹⁵ ALMEIDA, Miguel Vale de. Género, Masculinidade e Poder. **Anuário Antropológico**, 95: 161-190, 1996.

³¹⁶ O inventário estrutural a que Connell procede (como forma de delinear um qualquer momento da política sexual de uma sociedade) baseia-se num conceito tomado de Jill Mathews (1984), o de “ordem de género”: «um padrão, historicamente construído, de relações de poder entre homens e mulheres e definições de feminilidade e masculinidade». Connell usa esse termo para o “inventário estrutural” de uma sociedade no seu todo, e deixa o termo “regime de género” para descrever o estado das coisas numa escala menor, por exemplo numa instituição específica.

³¹⁷ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, nº1. Agosto de 1975. Contracapa.

**Para momentos como esse,
um fumo de fina linhagem:
Bulldog.**

Um belo entardecer,
a satisfação de criar alguma coisa,
uma bela companhia, um bom cachimbo
um belo momento,
Bulldog ajuda a tornar tudo isso
um prazer que se renova.

UM PRODUTO
DUCONDOR

QUALIDADE SOUZA CRUZ

Figura 09 - Propaganda contracapa de A revista do Homem, 1ª edição de 1975

O sonho do consumo é igualmente estimulado (prazer), e o homem moderno possui um novo ser. Palavras (linhagem, dando ideia de tradição, vida de rei) e imagens (o homem bem vestido) definiriam o homem. Das 140 páginas, 40 são de propagandas. Esse homem deseja e é desejado. E a revista é o único jeito de o ser. As mercadorias fazem dele o que ele é: carro novo, cachimbo novo, perfumes novos. Mas as mercadorias o tornam um ser elegante, cordial, distinto:

O vazio deixado pelo desaparecimento da crítica possibilitou que, insensivelmente, a publicidade o preenchesse e se transformasse atualmente não só em parte constitutiva da vida cultural, como também em seu vetor determinante. A publicidade exerce influência decisiva sobre os gostos, a sensibilidade, a imaginação e os costumes. A função antes desempenhada, nesse âmbito, por sistemas filosóficos, crenças religiosas, ideologias e doutrinas, bem como por aqueles mentores que na França eram conhecidos como os mandarins de uma época, hoje é exercida pelos anônimos “diretores de criação” das agências publicitárias. De certa forma era obrigatório que isso ocorresse a partir do momento em que a obra literária e artística passou a ser considerada um produto comercial, cuja sobrevivência ou extinção estaria em jogo nos vaivéns do mercado e nada mais, num período trágico em que o *preço* passou a se confundir com o *valor* de uma obra de arte. Quando uma cultura relega o exercício de pensar ao desvão das coisas fora de moda e substitui ideias por imagens, os produtos literários e artísticos são promovidos, aceitos ou rejeitados pelas técnicas publicitárias e pelos reflexos condicionados de um público que carece de defesas intelectuais e sensíveis para detectar os contrabandos e as extorsões de que é vítima. Por esse caminho, as estapafurdices indumentárias que um John Galliano punha para desfilarem nas passarelas de Paris (antes de descobrirem que ele era antissemita) ou os experimentos da *nouvelle cuisine* alcançam o status de participantes honorários da alta cultura.³¹⁸

Ele voa de aviação “Varig. A maneira mais *elegante* de voar”. Entre as opções estão o carro Maverick:

Tem gente que começa a escolher o carro que vai comprar pelo preço. Outros pela economia da manutenção e de combustível. Outros pelo conforto. E outros apenas deixam-se *emocionar pela beleza* das linhas do carro. [...] Desempenho. Ao ligar o Maverick 4 cilindros você vai ouvir o som ritmado de um motor compacto, leve, robusto redondo, como *dizem os especialistas*. É este motor que ai lhe dar um carro *ágil* e com *desempenho esportivo*.³¹⁹

O homem é viril, atlético e em forma. Sua ligação com o esporte e com a saúde também tem papel importante. A relação entre saúde e saúde financeira é bem estreita; são, pois, aproximações de discursos. Para a imagem de um homem se exercitando, exibindo boa saúde, anuncia-se: “*Não fique parado* [...] Aplique no Fundo Crescimento – Unibanco o seu grupo financeiro”. A questão é: o que o banco tem a ver com exercício?

³¹⁸ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p.19.

³¹⁹ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, nº1. Agosto de 1975. p. 4.

Quanto mais dinheiro você tiver, mais alternativas você terá para fazê-lo ficar maior ainda. Ou ficar menor. Mesmo sendo um homem rico, você não tem nenhuma obrigação de conhecer todas as maneiras de investir. Mas o Banco Real conhece e trabalha com todas elas. Se o dinheiro já colocou você naquela privilegiada minoria de pessoas cheias de problemas com ele, fale conosco. E reserve toda a sua energia mental para o grande dilema de decidir se este ano você vai importar aquele Iso Rivolta que viu em Roma, ou comprar outra fazenda em Mato Grosso.

BANCO REAL
 O banco que faz mais por seus clientes.

Quando você enriquece, você não fica só cheio de dinheiro. Fica cheio de problemas.

Figura 10 – Propaganda do Banco Real em A revista do Homem, 1ª edição (1975).

Os Bancos parecem ser os que mais visavam os leitores d'**A revista do Homem**, como é evidente também em outra página: “Quando você enriquece, você não fica só cheio de dinheiro. Fica cheio de problemas.” E ainda continua:

Quanto mais dinheiro você tiver, mais alternativas você terá para fazê-lo ficar mais rico ainda.

Ou ficar menor.

Mesmo sendo um homem rico, você não tem nenhuma obrigação de conhecer todas as maneiras de investir.

Mas o banco Real conhece e trabalha com todas elas.

Se o dinheiro já colocou você naquela *privilegiada minoria* de pessoas cheias de problemas com ele, fale conosco.

E reserve toda a sua *energia mental* para o grande dilema de decidir se este ano você vai importar aquele Isso Rivolta que viu em Roma, ou comprar outra fazenda em Mato Grosso. BANCO REAL. O banco que faz mais por seus clientes.³²⁰

A relação com as mulheres se dá por intermédio dessas mercadorias: “Aquele impacto! Para ela. Aquela personalidade! PARA ELE. Uma síntese de tudo que a mulher deseja num homem. COLÔNIA HOMBRE”. Em outra propaganda de perfumes, afirma-se: “Para uma linha de homens. Homens seguros de si, que influenciam, tomam decisões. Atinsons criou *Executive*. Uma linha internacional, um perfume seco, másculo e discreto. Colônia, loção pós-barba, espuma de barbear, desodorante.”³²¹

³²⁰ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, nº1. Agosto de 1975. p.23

³²¹ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, nº1. Agosto de 1975. p. 19.

A vintage advertisement for Artez Westerley perfume. The left side of the ad features a black and white photograph of a man and a woman in a close embrace. The man is leaning in to kiss the woman's cheek, and she has her eyes closed in a serene expression. The right side of the ad is white and contains text and images of the perfume products. At the top, it says 'AQUELE IMPACTO! PARA ELA' in a mix of bold sans-serif and elegant script fonts. Below this is an image of a blue perfume box labeled 'HOMME' and a matching blue bottle. In the middle, it says 'AQUELA PERSONALIDADE! PARA ELE' followed by 'UMA SÍNTESE DE TUDO QUE A MULHER DESEJA NUM HOMEM' in bold sans-serif. Below that is 'COLÔNIA HOMBRE' in a large, elegant script font. At the bottom right, there is another image of a perfume box labeled 'HOMME' and a matching clear bottle. At the very bottom, the brand name 'ARTEZ WESTERLEY' is written in a large, elegant script font, with 'RIO - NEW YORK PARIS' in smaller text underneath.

AQUELE IMPACTO!
PARA ELA

artez westerley
HOMME
para quem deseja
de mulher

AQUELA PERSONALIDADE!
PARA ELE
UMA SÍNTESE DE TUDO
QUE A MULHER DESEJA NUM HOMEM
*COLÔNIA
HOMBRE*

artez westerley
HOMME
para
homem

ARTEZ
WESTERLEY
RIO - NEW YORK PARIS

Figura 11 – Propaganda da Colônia Hombre, 1975, 1ª edição

O científico também está presente: “Caspa? Selsun-s Cremoso ou líquido. Elimina a caspa. É a única *solução científica*”. O inglês se torna a língua universal do homem: “Very Personal Service” para comprar a sua moto. Há também a importação de produtos do exterior: “LIDADOR 50 anos de muito prazer neste mundo cada vez mais louco. A maior variedade de importados em vinhos, whiskies e conservas. É HOMEM quem diz. LIDADOR.” O vestir-se aparece como um dos marcos da revista. Para vestir-se como um homem é necessário seguir as tendências: “Um prazer que sempre se renova. Camisas Raphy.”

O homem moderno entende o funcionamento das coisas: “[...] para quem gosta de saber o porquê das coisas a Shell revela o segredo do ASD, seu moderno aditivo para gasolina. [...] Você mesmo nota a diferença no desempenho do motor.” O carro se tornou parte fundamental do homem moderno em oposição ao homem-tradição:

“A vida de um homem bem sucedido é feita de muitos sacrifícios e poucas compensações.” [...] O SP-2 concentra a mais *moderna tecnologia* em construção de veículos. Seu design prova isso. *No Brasil e fora dele*. Seu acabamento é simplesmente perfeito. Enfim, um carro “fuori-serie”. Que certos homens se dão como presente. Merecido.”

O homem que já é casado também deve seguir as regras em relação às mulheres. Nesse caso, ele deve cuidar de sua esposa e enchê-la de luxos, como aponta uma propaganda de joias da H. Sterne:

[...] Desde aquele dia em que você colocou a aliança na mão esquerda da sua mulher, ela vem procurando presentear você com as coisas mais bonitas que uma esposa pode oferecer ao marido: o amor, os filhos, a compreensão, o companheirismo. Portanto, é justo que você retribua com as coisas mais bonitas que um marido pode oferecer à esposa. [...] *Mas para ser considerado um dos melhores maridos do mundo, você precisa de muito menos: talvez um colar de H. Sterne seja suficiente*. E mais o seu carinho, é claro. Pergunte à sua mulher ou simplesmente dê e veja o brilho nos olhos dela.³²²

Conforme Hobsbawm, “[...] a crise da família estava relacionada a mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governavam a conduta sexual, a parceria e a procriação”.³²³ Por isso, vários grupos religiosos e civis não poupam

³²² **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, nº1. Agosto de 1975. p. 27.

³²³ HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**. O Breve Século XX, 1914-1991, São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1994, p. 316.

críticas à revista que, nos primeiros dois anos, veiculam editoriais em que o editor discute os aspectos da censura, o credo da revista, os argumentos dos grupos civis e religiosos, o puritanismo norte-americano, a pornografia, o perfil do leitor.

O *playboy* não é caracterizado como um gastador ou vagabundo elegante, mas sim como alguém que vive os prazeres da vida. Na discursividade desse editorial não cabe o ócio ou desemprego ao *playboy*. Este pode ser qualquer homem que goste de viver os prazeres da vida, goste de viver a vida com intensidade e que possa consumir. Daí a revista aliar a pornografia leve e ao consumo pesado. Além, é claro, de definir um tipo de intelectualização para seus leitores:

A literatura *light*, assim como o cinema *light* e a arte *light*, dá ao leitor e ao espectador a cômoda impressão de que é culto, revolucionário, moderno, de que está na vanguarda, com um mínimo esforço intelectual. Desse modo, essa cultura que se pretende avançada, de ruptura, na verdade propaga o conformismo através de suas piores manifestações: a complacência e a autossatisfação.³²⁴

Apesar de já existir “revistinhas de sacanagem” no Brasil, apenas nesse período aparecem as primeiras revistas organizadas por empresas, com a preocupação de falar no “sexo verdadeiro” do “homem brasileiro”, “homem moderno” e dar a ele um estilo de vida. A influência dos manuais de medicina, que narravam as vantagens de ter um bom aporte físico, colocou o esporte como o modelo viril a ser seguido pelas identidades masculinas. Os heróis das revistas, o homem na dança, nos personagens da TV, os mocinhos de cinema, todos seguiam esse mesmo estereótipo. O corpo ganha visibilidade em relação às mudanças sociais. A cidade exigia, do corpo, velocidade e agilidade para atravessar as ruas, e também no lazer, no teatro, nas festas, na praia. Segundo Mary Del Priore:

Moda, cartazes e luminosos de propaganda já anunciavam a moderna linguagem da publicidade e da comunicação. A fotografia permitiu a contemplação da própria imagem e a multiplicação dos espelhos, antes restritos às salas de jantar ou aos bordéis, também. As páginas de revistas e jornais turbinavam informações no imaginário dos leitores. “Ser moderno” devia significar “ser brasileiro”, e para isso a imprensa não poupava esforços de divulgação de um novo ideário por meio de imagens, crônicas e comentários.

Esse novo modo de vida incluía a exposição física, a busca do prazer e da agitação, a crença na ciência e no progresso, a idéia de multidão, um processo de formação de uma cultura construída no hibridismo urbano do gosto das camadas médias e populares. E também uma abordagem mais

³²⁴ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p.19.

sensual das paisagens que permitiu a invenção de formas de “se dar a ver”: o banho de mar, o de sol ou o de lama nas estações de águas.³²⁵

Durante todo o século XX os corpos do homem e da mulher foram uma importante ferramenta de propaganda e disseminação de ideologias, nos quais, aos poucos, o corpo é utilizado como arma para afrouxar normas e limites morais.

Na primeira edição da revista **Homem**, na sessão « Ponto de Vista », aparece a discussão entre diversas pessoas acerca do papel do homem e da mulher. Para tanto, baseam-se na tese do antropólogo americano Ashley Montagu, que, em seu livro **A Superioridade Natural das Mulheres**, coloca a seguinte questão: “Superior ? Há quem acha até que a mulher é melhor”. Aparentemente, não apenas personalidades da Tv, mas estudiosos como o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre dão a sua opinião sobre o assunto:

Se o homem é superior numas coisas, a mulher é em outros. Por exemplo, a mulher tem mais sensibilidade. O homem é mais capaz de ação do que a mulher. Mas não são poucos os indivíduos que combinam em si especiais aptidões femininas com especiais aptidões masculinas.³²⁶

Essa separação do mundo masculino e feminino ficou explícita a partir das publicações de revistas voltadas aos homens. Na mesma seção aparece ainda: “Ela é inferior [...] A condição da mulher continua inferior [...] A ONU proclamou 1975 o Ano Internacional da Mulher justamente porque sequer existe a igualdade entre homens e mulheres – Antônio Muino Lureda, Diretor do Centro de Informações da ONU no Brasil”. E ainda continuam diversos posicionamentos, com frases como: “Objeto somos nós, porcos chauvinistas, Cada um na sua área, Pra mim tanto faz, Ela é mais feliz, Mais Forte..., ...e vive mais!”. Cada ponto de vista evidencia visões completamente opostas sobre a discussão. A fala de Abelardo Barbosa, o Chacrinha, foi uma das mais radicais:

Alô Terezinha !
A mulher só é superior como dona-de-casa ou na educação dos filhos. No resto é um desastre. Como motorista, então, é uma calamidade. Queira ou não, ela depende do homem, de sua força, inteligência e, é claro, do nosso sexo.³²⁷

³²⁵ PRIORE, Mary Del. **A invenção do corpo**. Disponível em: <<http://historiahoje.com/?p=3111>> Acessado em: 17-08-2014.

³²⁶ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, agosto de 1975. p. 8.

³²⁷ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, agosto de 1975. p. 8.

Importante observar a naturalidade com que tais respostas são dadas. A polarização homem/mulher se sustenta principalmente de que a mulher não seria nada sem o homem. As seguintes afirmações servem como exemplos disso: “Se o homem tivesse a inteligência da mulher, a raça humana estaria extinta. [...] tudo foi o homem que inventou. E não venham com Marie Curie: sem o marido ela não teria inventado nada. [...] Mas acho que nossa legislação devia proteger mais as mulheres, especialmente as desquitadas.” – relata Jorginho Guinle; “A sociedade põe a mulher numa posição desvantajosa e a remunera por isso: o pai, o marido ou o amante a sustentam. Ela só será livre quando ninguém pagar seu aluguel, suas contas.[...]” – posicionamento da atriz Odete Lara.

Mas a questão entre a biologia e a psicologia trata de colocar a diferenciação e justificação das diferenças sexuais em debate, conforme como aponta Delcir Antônio da Costa, psiquiatra e sexólogo:

ELA É MAIS FELIZ

Iguais biologicamente, diferentes psicologicamente; o homem pode fazer sexo pelo sexo, a mulher não. Mas ela é mais feliz, realiza-se mais e usufrui mais, pois tem uma exigência afetiva muito maior: a cada relacionamento sexual, ela sempre espera alguma coisa, sempre espera alguém. Faz sexo sempre em busca definitiva, e nunca simplesmente pelo sexo. (As prostitutas poderiam ser consideradas uma exceção, mas não é certo: fazem sexo por dinheiro, mas fazem também com quem gostam ou estão procurando esse alguém.) Enquanto o homem quer ter orgasmo quando quer, a mulher só consegue se suas exigências de afetividade forem satisfeitas. E se a mulher se realiza ao menos quanto à frequência, isto decorre apenas dos tabus que regulam a atividade sexual, proibindo a mulher a ter a iniciativa nesta área, restringindo-a ao homem.

É importante observar que, ao realizar o estudo da perspectiva de gêneros, a aproximação entre homem e mulher fica cada vez mais evidente, mostrando que os diversos discursos sobre a mulher apontam serem o centro da discussão sobre a importância de « ser homem ». A idealização de uma masculinidade hegemônica será, pois, um elemento central na formação das identidades masculinas ao propor uma ordem de gênero. O “patriarcado”, por exemplo, será a definição de uma ordem específica, na qual a masculinidade hegemônica define a inferioridade do feminino e das masculinidades subordinadas. É a lenta degradação e contestação do patriarcado que tem permitido pensá-lo, ou seja, estamos a viver um período de transição histórica, de transformação da hegemonia, em que os conflitos, “ruídos” e disputas, que sempre existiram, tornam-se mais audíveis e perturbadores.

Por essa razão, os níveis de diferenciações recorrentes nos discursos tentam separar, categorizar e impor determinadas mudanças sociais, justificando-as a partir de conceitos, teorias e pesquisas, levando-nos a atentarmos a esses problemas:

Um ponto importante de se resgatar, a partir da prática política feminista, é justamente a relação entre vida cotidiana e democracia. A radicalização do projeto democrático exige que a vida cotidiana seja tomada como uma questão fundamental da sua agenda política e da reflexão teórica de quem pensa a transformação social. A partir daí, a dicotomia entre esfera pública e esfera privada e a hierarquização da relação entre produção e reprodução podem ser questionadas e repensadas. É bom lembrar que a organização do tempo social é feita a partir dessa dicotomia e dessa hierarquização, as quais são baseadas na desigualdade de gênero, e são fundamentais para reprodução e acumulação do capital.³²⁸

Entretanto, não é só o binômio homem X mulher que aparece na revista. A mulher é dividida entre a mulher brasileira e a americana, a normal (carinhosa) e a feminista (fria). Segundo a deputada federal pela ARENA, Lígia Lessa Bastos :

FRACA, MAS CARINHOSA

Bato-me pela aposentadoria da mulher aos 25 anos de trabalho porque o homem é superior fisicamente. Mas quero deixar claro que o modelo feminista americano não nos serve: a mulher brasileira é carinhosa, afetiva, está longe de ser fria. E se a mulher americana recebe menos que um homem por um mesmo trabalho, isto não ocorre aqui. »

Valores como força física, sentimentos e modelos ideológicos interferem diretamente na questão da identidade. A mulher torna-se, aos olhos dos redatores e entrevistados, um modelo de oposição inferior ao homem. Na tentativa de defender as mulheres, temos a fala de Romy Fonseca, presidente do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil:

NÓS QUEREMOS

Para quem não entende o feminismo no Brasil, eis as nossas reivindicações: acesso de toda mulher aos recursos anticoncepcionais; creches nos bairros, permitindo o trabalho da mulher; fim do poder marital no Código Civil.

A mulher moderna, assim como a feminista, procura o conhecimento sobre seu corpo, noção que não está ligada apenas ao discurso político, social e dos papéis sexuais. A vontade da verdade sobre o ser mulher perpassa as condições de seu

³²⁸ ÁVILA, Maria Betânia "Feminismo e sujeito político". **Revista PROPOSTA**, FASE, Ano 29, nº 84/85, Rio de Janeiro, março/agosto de 2000, p. 7-11.

lugar na sociedade, e chegando ao espaço político, artístico e econômico, trouxe, naquele momento, ao Brasil, discursos médicos sobre a pílula anticoncepcional e outras alternativas de prevenção de doenças, e uma constante preocupação com a saúde. O esporte começou a ser um desses canais de prevenção de doenças, dando à mulher saúde, e aproximando-a da masculinidade, o que também traz benefícios à sua imagem:

GANHAREMOS SEMPRE

Elas não vencerão os homens nas pistas, mas deixarão de ser anêmicas e lânguidas do passado para serem mais saudáveis, fortes. E olhe : o esporte não masculiniza ninguém, as mulheres mais masculinas é que procuram transformar isso numa vantagem através do esporte – Roberto Pavel, técnico de natação da CBD.³²⁹

Existe também uma separação entre os homens pobres, ricos, idosos, jovens e crianças. Corresponde a uma série de classificações que vão desde o corpo biológico à psiquê. Diferenças marcadas pelas escolhas dos produtos das revistas e pelas ações dos indivíduos.

Cada revista propunha uma resolução diferente do “ser homem moderno” e do conhecimento que ele deveria ter do mundo e das mulheres, quais experiências, quais atitudes, o vocabulário a ser usado, tudo que mostrasse ser o “verdadeiro homem”. Na revista **Homem**, em sua primeira edição, encontramos diversas preocupações da vida moderna. Uma delas é em relação ao dinheiro, que é parte essencial da vida desse novo homem no controle de suas finanças, como aponta o artigo “*Guia da Crise Monetária para o leigo*”. Outro aspecto é a saúde – “*Sua vida corre perigo e você não tem escolha: ou paga o que não pode ou se entrega a um frio e burocrático atendimento*”, e ainda uma visão geral sobre o mundo ao seu redor, como em “*MEDICINA S. A.*”. A questão da ostentação da vida burguesa também pode ser observada nos artigos: “*Os melhores bares do mundo*” e “*Antes de jantar pare em Dublin, Nova York, Paris ou no Havaí*”.

As revistas masculinas da editora Edrel, por exemplo, estavam voltadas para o público em geral, principalmente através dos vários *Almanaques de Piadas* que fizeram muito sucesso. Já a editora Grafipar, através da revista **Peteca**, publicava pensando em um público com baixa renda, sendo inclusive apelidada de **Playboy dos pobres**; além disso, publicava quadrinhos de cunho sexual, como: **Zamor, o**

³²⁹ **A Revista do Homem**. Editora Abril: São Paulo, agosto de 1975. p. 9.

Selvagem, Almanaque Faroeste, Clássicos Eróticos em Quadrinhos, Sertão e Pampas, Maria Erótica, As Femeas, Homo Sapiens, Quadrinhos Eróticos, Prótons entre muitas outras. As revistas da Editora Abril e da editora Três eram consideradas para jovens universitários e homens cultos, e cada um tem uma definição e proposta diferente de masculinidade.

Para essa problemática, a tradição dos *men studies*, podemos identificar duas grandes tendências de pesquisas relacionadas aos estudos do gênero, que no conjunto dos trabalhos sobre as masculinidades ajudam a encontrar os discursos proferidos. A partir da leitura, é possível pensar em masculinidades, em múltiplas expressões do masculino. Fazer a problematização de uma suposta identidade masculina, forjada a partir da reiteração constante de elementos hegemônicos de uma masculinidade fechada e fixa, mas que se constata em contraposição com a materialidade dos corpos masculinos nas HQs, para isso fundamenta-se a análise, com o auxílio e questionamento do conceito de performatividade e identidade desenvolvidos por Butler³³⁰; desconstruir o binarismo fundamental masculino/feminino a partir da leitura da agência do masculino e representação polimorfa do feminino, atentando-se às múltiplas e contraditórias atribuições e da construção de um discurso fundamentado nos pressupostos de uma heterossexualidade compulsória. Em vídeo, Butler explica o conceito da seguinte maneira:

[...] nós agimos como se este 'ser um homem' ou 'ser uma mulher' fosse uma realidade interna, ou algo que simplesmente é uma verdade sobre nós, um fato sobre nós. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem sido produzido todo o tempo, e reproduzido todo o tempo. Então dizer que o gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre. Eu sei que é controverso, mas é esta a minha proposta.³³¹

Uma das nossas proposições é a desconstrução das categorias, já que as mesmas se tornam, como percebemos, uma confusão, não havendo nenhum tipo de referência na catologação de erotismo, pornografia e masculinidade. A criação de

³³⁰ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Para a autora, segundo o conhecido epíteto de Simone de Beauvoir – “Não se nasce mulher, torna-se uma” – para fundamentar sua posição de que gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e o tabu, e é nesta característica performativa que reside a sua possibilidade de contestação.

³³¹ Vídeo realizado pelo blog Big Think e traduzido e legendado em português pelo coletivo Safira, via página Facebook das Blogueiras Feministas. BUTLER, Judith. **Seu comportamento cria seu gênero**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9MIqEoCFtPM#t=10>. Acessado em: 18-11-2014.

gêneros e seus policiamentos estão intensamente relacionados a esses problemas. Mostrar os pontos convergentes dos discursos, nas revistas, pode nos ajudar a saber o que era “ser homem”. Essa problemática pode ser identificada no sentido da categoria “Homem”, ou nas palavras utilizadas para designar o sexo masculino, como “Ele”, uma palavra recorrente na definição do público das revistas eróticas. Estampar em letras grandes, aliada à nudez feminina, quase em todas as capas das revistas **Homem (Playboy)** e **Ele Ela**, deixa claro que estas eram publicações voltadas exclusivamente para o público masculino.

O nome comum “Homem” estava na capa, nos editoriais, nas propagandas e, inclusive, como uma referência tanto nacional como internacional. É o caso da revista **Playboy** adaptada no Brasil, da revista **Homem**, da Ideia Editorial e também a **Homem e Mulher**, da mesma editora, ou **Ele Ela** da Editora Bloch, que indicavam o casal, porém, com a palavra “Ele” antes da palavra “Ela”. Sempre com o intuito de explicitar o público desejado, criando, assim, uma identidade masculina de identificação: ou você lê ou você não é homem.

Parece-nos que ajustar a visão do homem moderno coloca em crise o significado de virgindade que está na religião, presa ao discurso da segurança social e moral, que concebe a mãe como um ser virginal, ligado também ao sentimental, assim como a da esposa, para a qual a virgindade aparece como um *status* - casar virgem, vestida de branco é uma questão necessária - e do discusso sobre a prostituta, que, como todos sabem, não é mais virgem e tem uma experiência muito grande com homens diferentes, o que se torna um grande problema moral, como aponta Roberto da Matta no texto “Virgindade : O tabu sobrevive em 1984?”:

E tudo isso revela como a virgindade pode ser um sinal de qualidades morais muito importantes. No caso da religião, da própria Mãe de Deus. No nosso mundo diário, ele é certamente a imagem da segurança social e moral de certos grupos. [...] Hoje sabemos que mesmo neste mundo, onde as mulheres foram oprimidas, elas não deixaram de controlar processos informais por onde podiam passar aspectos básicos da própria condição humana. Assim, se a virgindade pesa nas mulheres, ela pode tornar insustentável a posição moral de uma família, porque, de fato, a honra do grupo repousa também no comportamento correto e controlado de suas mulheres. *Mesmo hoje, sabemos que uma mulher pode desmoralizar um homem pelo seu comportamento, sobretudo por sua conduta sexual.* Se os homens controlam, eles pagam por esse controle. A virgindade, então, seria um modo de demarcar fronteiras morais entre grupos e entre pessoas. No fundo, ela marca a forma pela qual a sociedade concebe seus membros,e

mais, o modo pelo qual eles devem se aproximar. A virgem é alguém que não conhece os homens.³³²

Se lançarmos um olhar histórico sobre as representações de gêneros, constataremos que a verdade sobre o *ser homem* reside na mulher. A moralidade do homem moderno não está ligada somente a ele em si, pois, ainda que tenha todo o conhecimento das revistas, ele não será nada sem a mulher.

Com a influência do cinema, da propaganda e das revistas, o homem moderno foi associado à força viril e a mulher à beleza sedutora³³³. Mas tomada as diferenças, em revistas masculinas eróticas a mulher aparece nesse modelo de conquistadora, a mulher sedutora, que tem consciência de sua sexualidade, ao contrário do pornográfico, para o qual, se a mulher é virgem, ela é uma pessoa ingênua, e deve ceder sua condição de *mulher virgem* ao deleite do homem.

Comparando com a atualidade, as inúmeras revistas masculinas em circulação demonstram ainda uma clara preocupação, não só em divulgar e legitimar novos estilos de vidas, ligadas principalmente ao consumo, mas também em salientar a vinculação destas escolhas à criação de padrões de masculinidade e de posições de *status*.³³⁴

Por essa razão, teremos de deixar claro que a escolha por dividir as fontes em dois tipos diferentes - eróticas e pornográficas – deu-se pela separação entre o discurso possível e o discurso transgressor. Ao contrário do erótico, a pornografia está ligada à animalidade e à anormalidade. Ela é utilizada como um dispositivo:

Embora não se deva reduzir a história social à história dos conceitos, há uma relação entre os dois campos. As transformações vivenciadas “realmente” devem ser percebidas a partir da forma como elas são enunciadas socialmente. A experiência da linguagem e dos testemunhos

³³² DaMATTA, Roberto. Virgindade: o Tabu sobrevive em 1984? In: DaMATTA, Roberto. *Explorações. Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Editora Rocco, Rio de Janeiro – RJ, 1986. P.130-131.

³³³ Aqui, o papel de Marilyn Moree como a principal mudança no perfil da “nova mulher” desejada associada ao cinema, as revistas, ao luxo, ao entretenimento. As fotos que a deixaram conhecida e causaram escândalo na sociedade americana, os direitos das fotos foram comprados por Hugh Hefner e estampou a capa da primeira edição da revista americana *Playboy*.

³³⁴ Palavras como **Playboy** se configuram mais uma vez. Já foi relacionada ao *Metrossexual* e, mais recentemente, ao *Lumbersexual*. Apesar de parecer uma novidade, essa última tendência de comportamento masculino, identificada pela mídia internacional, tem como inspiração a caricatura de uma profissão centenária: a dos lenhadores. Daí o nome, nascido de uma junção entre as palavras “lumberjack” (lenhador) e “sexual”. São, portanto, além da barba – maior símbolo da trend - peças como camisas de flanela xadrez, gorro de malha, calça larga, botas e tatuagens que compõem o look Lumbersexual. Cf. PERCINOTO, Bia. *Lumbersexual é tendência na moda masculina: saiba como adotar o estilo*. Disponível em: <https://estilo.catracalivre.com.br/beleza/lumbersexual-e-tendencia-na-moda-masculina-saiba-como-adotar-o-estilo/> Acessado em: 10-03-2015.

também não é suficiente, embora essencial, para afirmações conclusivas sobre certos aspectos da realidade (KOSELLECK, 1997: 101-119). Assim, independentemente da maneira como é denominado no campo historiográfico o estudo do pensamento, da sensibilidade, do corpo etc., cabe ressaltar a interdependência desses estudos com as relações ditas concretas.³³⁵

Por isso, a leitura é ainda o estágio mais difícil de compreender. Levando em consideração a aproximação dos discursos e suas práticas, o campo semântico se torna um importante instrumento para saber como as pessoas de uma determinada sociedade se reconhecem e entendem os significados das coisas, suas confusões, mal-entendidos e como eles recriam novos significados através da leitura e das práticas da leitura.

É nessa leitura também que a pornografia nos diz como deve ser o enquadramento da sexualidade em uma perspectiva diferente, que cria categorias próprias, longe da formulação científica da medicina, da educação sexual, da psicologia e da psicanálise. As revistas criam identidades, comportamentos, e ensinam o modo de colocar a camisinha, como “chegar em uma mulher”, o processo de sedução, o que é uma mulher bonita, como devemos dar e receber o prazer.

A relação entre imagem, narrativa e leitor traz importantes revelações sobre como o sexo é visto, entendido dentro e fora das catalogações de erótico, sensual, pornográfico, obsceno. O leitor escondido no banheiro, em seu quarto, ou mesmo com a sua mulher ou amante, demonstra outro eu, outra identidade. A necessidade de esconder sua leitura o leva a mostrar aquilo que não devemos ser. Os corpos são vigiados para que não possam usufruir desse momento a sós, com ele mesmo. A sexualidade não é liberdade, e sim uma prisão.

Ao mesmo tempo, o sexo não é mais feito apenas entre corpos, mas entre imagem e pensamento, cria-se um movimento *voyeurista*, onde a pornografia nada mais é do que um produto de mercantilização. A sexualidade cria normas, um poder heteronormativo que impõe, através do casamento, uma única masculinidade possível.

Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo (Foucault, o corpo utópico, as heterotopias). Sentir

³³⁵ FERREIRA, Daniel Wanderson. **Erotismo, libertinagem e pornografia:** notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França moderna. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/53/37> Acessado em: 25-06-2014.

o corpo, existir fora das imagens, mergulhar no real, reconhecer o que é seu e o que é empurrado garganta abaixo (literalmente ou não). Se amamos tanto fazer sexo (ou chamem de amor) é porque esta é uma das melhores formas de presentificar o corpo, 100%, sentindo, tocando, trocando fluidos, ficando arrepiado: no amor, o corpo está aqui.³³⁶

Para Foucault, o termo “sexualidade” (criado no início do séc. XIX) “não marca a brusca emergência daquilo a que se refere”, pois foi apropriado por diversos campos do saber, desde o religioso, até o científico e jurídico, ou, antes disso, se ramificou em diversos campos do saber. Ao invés de remeter ao seu significado, tratava-se de uma experiência de reconhecimento enquanto sujeito desejante através de regras e coerções. “O projeto era o de uma história da sexualidade enquanto experiência”, e, por isso, diferente da história da repressão.

Essa forma de conceber a História da Sexualidade, as correlações entre campos do saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade, estão aplicadas no cotidiano, em busca de um controle, um discurso verdadeiro. Como exemplo é possível pensar em como as confusões demonstradas pela apreensão de uma matéria sobre a mulher na revista **Realidade** nº10 fizera com que uma revista de informação e variedades fosse entendida pelo Juizado de Menores como pornografia. O sexo deve estar em seu lugar. Assim perceberemos as atitudes dos leitores e suas confusões ao tentar traduzir quais informações não podem ser consideradas imorais. A seção de “Cartas” da revista **Realidade**, na edição de número 11, fala sobre a edição apreendida de número 10, de Janeiro de 1967, com a capa “A Mulher Brasileira hoje”:

Sr. Diretor: Os senhores [Juizado de Menores] podem ficar esperando o prêmio que estão procurando, pois quem semeia a prostituição e o adultério no seio das famílias honestas e no coração das mocinhas puras terá de receber respostas à altura, e eu tenho certeza de que o povo brasileiro saberá separar o joio do trigo, para lançar tudo o que é *repulsivo* e *imoral* ao fogo *sagrado* da *Justiça* e da *Verdade*.

Luiz André Jr.
São Paulo-SP

Sr. Diretor: Estão vendendo pornografia, mas isto vai acabar. Palmas para os srs. Juizes de Menores que saíram em *defesa da Moral brasileira*.
Clementina Soares Mintori.

³³⁶ FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. Texto inédito de Michel Foucault. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault> Acessado em: 17-08-2014. A conferência “O corpo utópico”, de 1966, integra o livro *El cuerpo utópico. Las heterotopías*, cuja versão espanhola acaba de ser publicada (Ed. Nueva Vision). Esta versão está publicada no jornal argentino *Página/12*, 29-10-2010. A tradução é do Cepat.

São Paulo-SP³³⁷

Palavras como repressivo, imoral, moral, defesa da moral, fogo sagrado, Justiça, Verdade criam uma ilusão de que suas palavras são verdadeiras, que a partir do momento em que estão ali escritas, em uma revista de grande tiragem como o caso da revista **Realidade**, estariam sendo criadas novas significações dos termos para seus leitores.

Essas definições criaram uma guerra semântica, em que o consumo da pornografia e do erotismo diferencia a classe média burguesa das classes populares; seja na escolha do público pelas revistas, pela qualidade de impressão e seus preços, seu valor estético de imagens mais ou menos explícitas, pelas fotografias de alto padrão em relação às baixas reproduções, palavrões, etc.

Mas a feminilidade não cumpre, em **Playboy**, apenas o traçado da sexualidade do leitor imaginado. No imaginário sobre a masculinidade, a mulher cumpre um papel fundamental – um papel relacional e/ou dual:

A masculinidade hegemônica pressupõe a predominância de uma certa configuração de feminilidade, que estabelece uma bipolaridade linear e gera um diálogo difícil e tenso entre a complexidade polimorfa das experiências femininas e o simplismo autoritário dos padrões orientadores.³³⁸

É no interior dessa polaridade que os sentidos sobre a mulher são operados: a mãe, a namorada, a mulher, a independente, a engraçada, a companheira, a sedutora, a sofisticada. Em **Playboy**, essa “outra” mulher (aquela que não é a “coelhinha”), é representada como “doce”, “caseira”, aquela que “demorou a virar mulher”, sabe o que quer – por isso é “dura na queda”, empreendedora, “inteligente”, “corajosa”, “divertida”, de “sucesso”. A sensualidade da mulher, nesse contexto, é romântica – a bailarina, a princesa – ou está centrada na sedução e no mistério. Esses atributos da mulher apontam, enfim, para os valores sobre o feminino, que servem de norteadores para o universo masculino. Se a mulher que “desejo” é engraçada e sofisticada, esse é o modelo de homem no qual eu, leitor, também me reconheço – e que poderia estar ao lado dessa mulher.

³³⁷ Revistas **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. São Paulo-SP. Fevereiro de 1967 p. 11.

³³⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade*. Revista História, **Questões e Debates**, v 34, n 0. Curitiba: UFPR, 2001. p. 50.

O homem-*playboy* torna-se um homem com uma identidade forjada no consumo, e operante da civilização do espetáculo. Como observou Octaviano Paz: “Mas a civilização do espetáculo é cruel. Os espectadores não têm memória; por isso também não têm remorsos nem verdadeira consciência. Vivem presos à novidade, não importa qual, contanto que seja nova.”³³⁹

Mas essa realidade torna-se completamente diferente quando analisamos as publicações de caráter *hardcore*. Seja nas obras de Zéfiro, seja nos quadrinhos Edrel/Grafipar, podemos observar que o papel e as identidades masculinas e femininas nos dão outro lado do “ser homem”, possibilidade nova que a pornografia não dava. O homem pode ser o que ele quiser.

³³⁹ Octavio Paz apud. VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p. 26.

CAPÍTULO 3 – DESNUDANDO A DITADURA MILITAR : O SEXO Hardcore E A TRANSGRESSÃO DOS DISCURSOS

Quanto mais um indivíduo cultiva as artes, menos trepa.
Acentua-se o divórcio entre o espírito e a bestialidade.
Só o bruto trepa bem: a trepada é o lirismo do povo.
Charles Baudelaire, **Meu coração desnudado**. XXXIX

Neste capítulo retomamos as análises das histórias eróticas e pornográfica de cunho *hardcore*. Inspirados nos apontamentos de Robert Darnton sobre as grandes perguntas da história que parecem irrespondíveis, podemos problematizar, aqui, uma questão que nos parece importante para entender a construção das identidades e o nível de relevância dessa fonte histórica: “Quais tipos de revistas os brasileiros liam durante a ditadura militar?”. A experiência do passado fez com que diversos periódicos de sucesso no período, que levaram muitas pessoas a lerem, a se identificarem com seus textos e a desejarem suas imagens, não pudessem mais ser encontrados e se tornaram quase que irrecuperáveis seus discursos. Hoje, praticamente perdidos, não estão localizados em bibliotecas ou em arquivos públicos, o que torna quase impossível serem resgatados, ficando restritos apenas a acervos particulares, demonstrando ser um artefato cultural deprezado pela academia. Neste momento, a tese entra em um terreno complicado, já que busca refletir e pensar sobre esse tipo de documentação de complexo padrão: as revistas erótico-pornográficas *hardcore*.

As revistas *hardcore* apresentam problemas de toda natureza. À falta de dados completos sobre sua publicação, problemas na identificação de seus editores, seus autores, seus fotógrafos e seus desenhistas, já que muitos usavam pseudônimos (ser reconhecido poderia levar à prisão), devido à legislação do período, levaram os editores a suprimir o básico da informação sobre esses periódicos.

Apesar disso, essas revistas foram publicadas, tiveram um grande número de leitores, que encontravam em suas páginas diversos níveis de nudez (do recato às poses ginecológicas) e de discursos de masculinidades que podem ser reconhecidos e que trouxeram importantes contribuições sobre o que era pensado na época, possibilitando, assim, desnudar essas identidades. A grande maioria dessas revistas era vendida clandestinamente, mas algumas ainda tinham seu registro na Polícia Federal. Dessa forma, eram legais, mas não seguiam a cartilha do governo nos requisitos do que poderia ser publicado, fugindo da legislação e das

regras, como quando escapavam de serem vendidas em sacos pretos hermeticamente fechados, por exemplo.

Como podemos perceber, não foi apenas com a abertura política que a produção de revistas masculinas se deu. Na década de 60 já tínhamos os catecismos quase artesanais de Carlos Zéfiro, e diante disso percebemos que, para entender melhor o período exposto, precisamos retomar algumas considerações sobre masculinidade nesse tipo de material, porque ele ainda vai permanecer durante a década de 70 até o fim da década de 80.

As revistas eróticas e pornográficas trouxeram uma visão da “masculinidade tradicional”, ou seja, viril, para a qual “ser homem” é ser machão, enquanto as mulheres deveriam comportar-se como presas fáceis. O homossexual era visto como uma aversão, um anormal, na maioria das vezes. O antropólogo inglês Peter Fry³⁴⁰ no que tange à categorização do atributo de homem através da “atividade” ou da “passividade” na relação sexual, onde só é legítimo o homem que penetra, independentemente de qual corpo, podendo inclusive penetrar outro homem, e manterá sua masculinidade – já o penetrado perde seu status de “homem” nos mostra a importância do reconhecimento do indivíduo com esse atributo de masculinidade. Trata-se de uma hierarquia de dominação e submissão, onde um índice de atividade/passividade permeia a definição do “ser ou não” masculino.

Ao mesmo tempo, as revistas eróticas *hardcore* criam condições, identificações, e difundem em seu texto narrativas de conhecimentos mais explícitos sobre o sexo e dão suporte à imaginação e às práticas sexuais: temas, lugares, posições, narrativas, tipos de comportamentos, pensamento e informações. Esse tipo de publicação conseguiu trazer do inconsciente diversos desejos escondidos, e mostrar aos homens o que eles já desejavam ou que deveriam desejar.

Estabelecidos principalmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, o local de produção tornou-se espaço de criação de revistas e quadrinhos eróticos e/ou pornográficos que se ligariam à ficção, à psicologia e ao terror. Através das editoras Edrel (em São Paulo) e Grafipar (em Curitiba), e, do mesmo modo, com os catecismos de Zéfiro (Rio de Janeiro), a produção de quadrinhos eróticos, junto às publicações mais *hardcore* abriram o caminho para cenas de sadomasoquismo,

³⁴⁰ FRY, Peter. **Pra inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

violência, lesbianismo, sexo grupal, zoofilia e de outras formas que até então eram proibidas de serem ditas, desenhadas e verbalizadas, apontando manifestações que poderiam ser categorizadas na psicanálise como perversões. Com a revogação do AI-5 começou uma enxurrada de publicações transgressivas, como as fotonovelas, que ultrapassariam de vez os limites do permitido em relação ao sexo. Em vez de uma “abertura lenta e gradual”, a abertura da sexualidade foi penetrando de vez na cultura brasileira, culminando, assim, na preocupação apresentada no início da tese, da escritora Cassandra Rios: “É preciso abrir sem arreganhar!”.

A abertura colaborou para criar um tipo diferenciado do estilo **Playboy**, com preços mais baixos, e de discursos mais próximos do cotidiano, ajudaram não só a multiplicar os discursos sobre o sexo das editoras mais conhecidas, mas a de abrir possibilidades para novos editores, desenhistas, escritores e também abriu a possibilidade de confissões de leitores de seus problemas, seus desejos, suas frustrações, suas doenças e sua vida real.

3.1. Carlo Zéfiro e seus herdeiros: O grande catequista

“Quem é, afinal, Carlos Zéfiro? Todos nós, respondemos em coro, com aquela convicção formidável.”

Roberto da Matta, **Para uma Teoria da Sacanagem: Uma Reflexão sobre a Obra de Carlos Zéfiro**

Carlos Zéfiro era o pseudônimo do carioca Alcides Aguiar Caminha (1921-1992), funcionário do Departamento de Imigração do Ministério do Trabalho, e também compositor, ao lado de Nelson Cavaquinho, da música “Notícia”, e, junto a Guilherme de Brito, da música “A flor e o espinho”. Até 1991 ele era totalmente desconhecido, devido à preocupação do senhor Alcides em não ter seu nome envolvido em nenhum tipo de escândalo, ainda mais como autor de uma “*revistinha* pornográfica”. Isso porque, a **Lei 1.711 de 1952**³⁴¹ estabelecia severa punição para funcionário público que viesse a ser enquadrado por “*incontinência pública escandalosa*”, o que poderia acarretar a demissão e, assim, ficar sem dinheiro para manter sua família.

³⁴¹ Em entrevista ao programa de Jô Soares, ele fala abertamente do medo de ser descoberto e perder o cargo público. A lei que rege o funcionalismo público prevê suspensão do pagamento da aposentadoria ao ex-funcionário que for objeto de escândalo.

Dois de seus ex-editores, Hélio Brandão (Hélio Gordo) e José Eduardo de Souza (dono da editora *New Wave*, no Brás em São Paulo), relataram diversas histórias que confirmaram a sua autenticidade como verdadeiro Zéfiro, e ao mesmo tempo deram demonstrações de que diversos imitadores estavam tentando se passar por Zéfiro. Segundo Hélio, existia uma caça a esse tipo de literatura:

Foi exatamente no dia em que o Brasil ganhou da Romênia na Copa do México. A Polícia Federal me levou preso porque haviam apreendido cerca de 50000 exemplares de catecismos em Brasília. Depois que me livreí, felizmente sem maiores problemas, resolvi que nunca mais editaria o Zéfiro. Queimei tudo o que tinha e desisti”, conta ainda magoado e, por incrível que pareça, ainda tenso.³⁴²

Ainda de acordo com seu relato, distribuía os catecismos pessoalmente, banca por banca no Rio de Janeiro: “Tudo começou numa loja em cima do velho cine Presidente, onde funcionava a editora Ouro. Nos reuníamos lá à noite, discutíamos os roteiros e o Caminha desenhava. Ele fazia duas histórias por semana e deve ter produzido umas 600 revistas”, calcula. Conforme veremos nos jornais da época, Zéfiro pode ser considerado um grande e importante criador de discursos sobre a sexualidade. A busca por informações sobre o sexo fez com que os catecismos de Zéfiro se transformassem em leitura quase que obrigatória para os homens do período: se você era homem, precisava ser leitor de Zéfiro. Em um artigo de Aramis Millarch³⁴³ para o jornal **Estado do Paraná**, “Quem diria, Zéfiro ganhou dois livros”, publicado em 21 de novembro de 1984, temos:

O vereador Moacir Tosin, presidente da Câmara Municipal, está preocupado com a escalada da pornografia. Não apenas a programação dos cinemas espanta o vereador, mas, especialmente, os cartazes dos filmes e, nas bancas de revistas, as publicações que apelam para o sexo. [...] Nos anos 50, quando apareciam os "catecismos" pornográficos escritos pelo misterioso Carlos Zéfiro - precursor do erotismo, numa linguagem de quadrinhos que hoje é reavaliada, as bancas de jornais e revistas vendiam clandestinamente estas publicações - perseguidas pelas autoridades policiais. [...] ³⁴⁴

³⁴² KFOURI, Juca. O fim de 30 anos de mistério. A verdadeira identidade de Carlos Zéfiro. Revista **Playboy**. N 196. Editora Abril. São Paulo. Novembro de 1991. p. 96.

³⁴³ Aramis Millarch (Curitiba, 12 de julho de 1943 - Curitiba, 13 de julho de 1992) foi um jornalista e pesquisador paranaense. Também foi crítico de música popular do sul do Brasil. Ele foi um dos jornalistas que deram visibilidade as revistas eróticas e pornográficas, conferindo diversos artigos sobre o assunto.

³⁴⁴ MILLARCH, Aramis. Quem diria, Zéfiro ganhou dois livros. **O Estado do Paraná**. Seção: Tablóide, 21 de novembro de 1984, p. 20.

Zéfiro foi aclamado e lembrado ainda muito tempo depois (1984, quase fim da ditadura), tanto pelos jornais e pelas diversas revistas, quanto pelas pesquisas acadêmicas que deram a ele a alcunha de iniciador dos brasileiros na matéria do sexo a partir da década de 50. Como muitos de seus catecismos não sobreviveram, a cada ano cresce a importância dos colecionadores e estudiosos de sua obra.

Otacílio (Ota)³⁴⁵ foi um dos primeiros a pesquisar e analisar a obra de Zéfiro, e obteve uma importância fundamental, pois deu bases para reconhecer um verdadeiro “Zéfiro”. Suas análises estão embasadas em uma coleção própria dos catecismos, demonstrando nele um estilo peculiar desse desconhecido autor, tentando diferenciar suas obras com a de seus herdeiros, e esclarecer que Zéfiro não foi o primeiro a produzir tais revistinhas, mas acabou sendo o mais reconhecido. Outro pesquisador que contribuiu para as pesquisas sobre o autor é Joaquim Marinho, que organizou diversos livros com a reedição de algumas histórias zeferianas, e as aliou com estudos antropológicos e sociológicos do impacto desse autor na sociedade brasileira:

[...] No livro que organizou para a Editora Marco Zero, além de sua introdução, incluiu três apreciações teóricas: "Sonhos Eróticos de uma Década", de Domingos Demasi; "O Naif da Sacanagem: Uma Reflexão Sobre a Obra de Carlos Zéfiro", do antropólogo Roberto da Matta - um respeitado professor e autor de livros importantes - inicia seu texto com uma colocação tão lúcida que merece ser transcrita: "Falar da sexualidade e do erotismo é como discursar sobre o pecado, a pobreza, o tabu, o incesto, a violência e todos esses temas onde sempre se exige a tomada de uma posição e a definição de uma linha. Quer dizer: o discurso sobre o erotismo e a pornografia deve ser um discurso datado e feito de uma certa posição. Ou ele é contra ou é a favor. Tudo indica que não há outra posição senão aquelas já determinadas por quem tira o material de letra dando uma volta por cima; ou por quem considera esse material algo pernicioso, capaz de indução ao crime ou, o que seria muito pior, a perversão e pecado. Conforme já disse num trabalho devotado ao estudo sociológico da violência no Brasil, trata-se sempre de um "discurso escandaloso" que elimina uma série de problemas cruciais em nome de uma evasão de caráter moralista, pois defensores e atacantes estão sempre como os times de um jogo de futebol e ambos querem vencer a partida de qualquer maneira". Ao longo de 17 páginas, o autor de "Carnavais, Malandros e Heróis" faz uma lúcida análise da sexualidade e do erotismo que Zéfiro colocava em suas estórias - de um prisma bem brasileiro.³⁴⁶

³⁴⁵ Caminha chegou a receber um troféu **HQ MIX** pela importância da sua obra, entregue pelo cartunista Ota, editor da revista MAD, naquela época, mas, por ironia do destino, Zéfiro faleceu um dia depois da entrega do prêmio, em julho de 1992, aos 70 anos de idade. Um desenho de Zéfiro já foi capa de CD da cantora Marisa Monte, “Barulhinho Bom” e já foi enredo de escola de Samba.

³⁴⁶ MILLARCH, Aramis. **Quem diria, Zéfiro ganhou dois livros**. O Estado do Paraná. Seção: Tablóide, 21 de novembro de 1984.

Com as pesquisas historiográficas e análises críticas publicadas em jornais e revistas deram mais visibilidade ao autor, nesses estudos demonstraram as diversas técnicas utilizadas para esconder esse tipo de publicação, como a chamada “técnica do Avestruz”, ou seja, os donos das bancas de jornal escondiam as revistas em outro lugar, e o catecismo era vendido somente para quem era conhecido do dono, assim as edições não seriam apreendidas, conseguindo vender praticamente todo o seu estoque. Da mesma forma, durante décadas, Caminha escondeu até de sua família seu alter ego pornográfico. Num célebre episódio em que o jornalista Eduardo Barbosa, conhecido de Caminha e, na época, com sérios problemas financeiros, tentou passar-se por Zéfiro, pedindo 25 mil dólares para dar uma entrevista bombástica, um jornal carioca embarcou nessa e publicou um artigo, mas a reportagem de Juca Kfoury, na revista **Playboy**, em 1991 demonstrou que o “verdadeiro” Zéfiro era Caminha.³⁴⁷

Sua produção começou no final da década de 50, e fazia de 3 a 4 catecismos por semana. Ele não ficou com nenhum original e afirma que era perigoso conservar o material obsceno, pois ficava com medo de alguma denúncia levar a polícia a revistar sua casa. A inspiração para a criação das histórias veio de seu trabalho, já que era datilopista do governo, no Departamento Nacional de Imigração, e viajava muito. “Uma aventura em cada porto”, segundo ele.³⁴⁸

No documentário **Zéfiro Explícito**³⁴⁹ temos alguns artistas e ex-leitores de Zéfiro, assim como jornalheiros, que dão vários depoimentos sobre os catecismos do autor e os meios de obtê-los, conforme relata o ator Marcos Nanini: “Lembro da excitação que era conseguir aquela revistinha que os jornalheiros vendiam as escondido. Você tinha que saber qual jornalheiro que vendia”. No mesmo

³⁴⁷ Virou instantaneamente uma celebridade, concedendo dezenas de outras entrevistas e sendo homenageado por eventos ligados aos mundos dos quadrinhos. Segundo entrevista, retirou o nome Carlos Zéfiro de Carlos Magno de um livro que ele estava lendo na época, e a palavra Zéfiro apareceu por acaso e nem sabia seu significado, que o levou a procurar depois em um dicionário. **Entrevista de Carlos Zéfiro ao Programa Jô Soares.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iAAgXgX3w2Y>> Acessado em 18-08-2014.

³⁴⁸ Em “A expedição”, Zéfiro conta a história de um arqueólogo inglês que, com sua esposa e filha (Mary), procura Marcos para uma expedição nas selvas de Mato Grosso, e Marcos acaba por transar com a mulher do arqueólogo, que em um quadrinho diz: “– “Ai... Marcos... my love...This is wonderful!””. Marcos dorme com a filha também (no começo ela queria, mas acaba violentando-a e ameaçando-a com uma faca) e quando sai da selva, ela o denuncia às autoridades, e ele acaba sendo preso em seguida. Uma das poucas histórias na qual o homem se dá mal no final.

³⁴⁹ **Zéfiro Explícito.** Documentário, de Gabriela Temer, Sergio Duran, Duração: 15 min, Gênero: Documentário. Ano: 2012, Formato: Digital País: Brasil Local de Produção: RJ Cor: Colorido. Esta é história de sua descoberta

documentário, Paulo Betty aparece interpretando Carlos Zéfiro, em uma dramatização ambientada na época, com uma atriz representando uma mulher do catecismo e interagindo com o ator. Ainda no documentário, os artistas falam ainda sobre os temas, incitam o governo a aderirem as obras como cartilha sexual e a mostrar aquilo que não se podia dizer na época dos catecismos. Segundo a antropóloga Maria José Silveira, apesar do universo das “revistinhas de sacanagem” ser voltado ao sexo masculino, há algumas mulheres que tiveram esse acesso: “Se, nos dourados anos 50, a menina teve um irmão mais velho ou uma amiga com irmão mais velho, é possível que ela tenha tido também o privilégio de conhecer, ainda que fugazmente, as famosas revistinhas de Carlos Zéfiro e seus alunos”.³⁵⁰

Zéfiro e seus herdeiros inovaram trazendo o erotismo e a pornografia para um grande público, como as diversas classes sociais e todos os gêneros, mas, principalmente, implementaram no Brasil discussões sobre novos temas eróticos que não encontraríamos em nenhuma revista, a não ser nas *hardcore* quase no fim da ditadura. Temas controversos, como o de zoofilia, podem ser observados, por exemplo, na história “Lampião e a Cabra”³⁵¹ e “Tarzan”. Encontramos nesse tipo de material, uma diversidade muito grande de objetos citados, com histórias que beiram o regional, quase sempre inseridos em uma história nacional:

Um dado interessante a assinalar ainda é que a ambientação das histórias de **Zéfiro** era praticamente toda nacional. Enquanto os outros desenhistas de sacanagem costumavam variar os cenários, que remontavam até as civilizações mais remotas, e em muitos casos, usavam personagens históricos como Cleópatra, Júlio César, Napoleão, etc. Zéfiro mantinha quase todos os seus personagens em solo brasileiro, vivendo situações corriqueiras da época presente. Umas pouquíssimas vezes ambientava os enredos em épocas e lugares remotos: na amostragem analisada, apenas duas histórias fugiram a essa regra: *Amor* (passada na Grécia antiga, e coincidentemente uma história muito fraca) e *Viagem* (num cenário de faroeste, começando com uma viagem no rio Mississipi e terminado em um rancho). De resto, as histórias eram todas brasileiras. Às vezes aparecia algum cenário internacional, como parte de uma viagem do protagonista, mas só isso.³⁵²

Na questão referente à sua produção, podemos perceber um material de qualidade questionável, devido a diversas formas pelas quais ele copiava imagens

³⁵⁰ SILVEIRA, Maria José. O tamanho do pecado. In: MARINHO. Joaquim. (Org.) **Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro**. Editora Marco Zero: São Paulo, SP, 1986 p.13.

³⁵¹ É bom lembrar que essa história pertence não ao Zéfiro, mas um de seus contemporâneos. O traço é bem diferente, mas os temas são parecidos e o estilo copiado.

³⁵² D’ASSUNÇÃO, Otacílio. **O Quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**. – Rio de Janeiro: 4 ed. Record, 1987 p. 34.

de rostos de outras revistas. No entanto, nem por isso foi menos adquirido do que outras revistinhas de sua época:

O estilo zeferiano era torto e suas histórias é direta (cerca de 36 páginas, frente e verso, sem propagandas). Ele usava diversas táticas como uso de cenas já utilizadas, mudando alguns traços, como cor de cabelo, ou mesmo um simples bigode. Copiou manuais de anatomia, fotonovelas, criando um “anti-estilo” que foi extensamente copiado.³⁵³

Sua produção ainda é incerta, mas, de acordo com os levantamentos feitos por colecionadores, são mais de 800 catecismos datados entre 1950 a 1970. Era uma das únicas literaturas erótico-pornográfica da década de 60 em português, já que havia sim a existência de outras revistas, mas na maioria em língua estrangeira, importadas, vindas do exterior. Não havia uma produção nacional de revistas pornográficas. Depois Zéfiro iria reinar quase que sozinho durante muito tempo, só vendo seu fim com a chegada das revistas explícitas suecas e dinamarquesas com papel de alta qualidade e coloridas, que deixaram para trás o traço simples e conteúdo narrativo. Mesmo assim, os catecismos sobreviveram, porém, em menor escala, pois reimpressões piratas continuaram a ser produzidas por pessoas que tinham as edições originais e davam um jeito de reproduzi-las. Até a década de 80 (já quando houve a abertura política) era possível comprar as reedições piratas em feiras populares.

Inicialmente publicado de forma independente (e sendo constantemente pirateado), a partir da década de 1980, os quadrinhos de Zéfiro passaram a ter reimpressões pelas editoras Maciota, Record (revistas editadas por Ota) e Marco Zero (editadas por Joaquim Marinho). Nos anos 2000, a editora **Cena Muda** publicou o primeiro quadrinho erótico de Zéfiro, “Sara”, criado em 1949, no formato 16 x 23 cm:

O sistema “off-set”, de impressão a frio, por processo fotográfico, só começou a ser implantado no Brasil no final da década de 60. Antes desse processo rápido e simples, imperava a impressão a quente, que utilizava o chumbo para o texto e os serviços de clichê para as ilustrações. Desenhados inteiramente, os “catecismos” eram graficamente tratados como ilustração a traço e reproduzidos em serviços de clichê. Embora a qualidade do clichê fosse boa, eles eram montados em blocos de madeira e impressos em pequenas impressoras formato ofício, nem sempre

³⁵³ D’ASSUNÇÃO, Otacílio. *O Quadrinho erótico de Carlos Zéfiro*. – Rio de Janeiro: 4 ed. Record, 1987 p. 34.

automáticas, geralmente utilizadas por gráficas modestas para serviços triviais. Essas impressoras, ainda largamente em uso, costumam dar bons registros em pequenas linhas de chumbo ou tipográficas, em impressos do tipo cartões de visita ou formulários simples, mas tendem a borrar e a tornar o registro impreciso, se o clichê não for devidamente calibrado. Acredito que este era o caso dos “catecismos”.³⁵⁴

A criação era feita pelo trabalho solitário do criador, sempre artesanal, com os desenhos feitos com pincéis e tinta nanquim³⁵⁵, além da utilização de bico de pena em outras.³⁵⁶ Em algumas vezes, a máquina de datilografia³⁵⁷ também foi utilizada, o que nos faz observar que já se iniciava uma “industrialização dos gibis”.

Além disso, com o abrandamento da censura, no final dos anos 70, editoras profissionais começaram a produzir publicações com quadrinhos eróticos. Elas não continham cenas de sexo explícito, mas traziam enredos inovadores e desenhos complexos, produzidos muitas vezes por jovens artistas com influências de escrita e desenhos nipônicos. As novas revistas tinham qualidade gráfica e artística mais elevada e eram mais fáceis de ser compradas, pois ficavam expostas em todas as bancas. Eram revistas registradas nos órgãos de censura, e por essa razão eram vendidas legalmente para maiores de 18 anos, como poderemos observar mais adiante com a produção da editora Grafipar de Curitiba.

Mesmo assim, ainda sobreviveram os herdeiros e alunos sacanas de Zéfiro, o que atesta que sua obra foi e continua a ser um elemento criador de discursos. Não discurso científico, mas um discurso do diferente, vindo de outro lugar, como define Foucault sobre outros tipos de discursos.³⁵⁸ Worney Almeida Souza, em uma reedição dos catecismos, uma série de caixas com o nome de **Quadrinhos Sacanas**, afirma:

Embora tenha sido o mais lido, cultuado e produtivo nesse ramo, Zéfiro não foi o único a desenhar catecismos: havia diversos outros autores menos conhecidos. Muitos foram influenciados pelos seus trabalhos e alguns de seus colaboradores acabaram seguindo caminhos próprios. Um deles,

³⁵⁴ MARINHO, José Joaquim. (Org.) **Os Alunos Sacanas de Carlos Zéfiro**. 5 Histórias Completas. Editora Marco Zero. São Paulo-SP, 1986 p. 6-7.

³⁵⁵ ZÉFIRO, Carlos. **A História o Índio quer apito**. (aproximadamente em 1958).

³⁵⁶ ZÉFIRO, Carlos. **A pagadora de promessa**. Inspirado no filme de Anselmo Duarte, o pagador de promessas. (Anos 60).

³⁵⁷ Exemplo da história de Carlos Zéfiro, Clara e Vera, o homem é visto como mero objeto sexual. Conta a História de duas colegas insaciáveis.

³⁵⁸ Apesar da afirmação da historiadora Lynn Hunt em **A Invenção da pornografia** (1999) de que Foucault, não havia analisado a pornografia, encontramos uma entrevista no Japão, em que ele fala sobre a pornografia ocidental e oriental. Ver: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 5.

famoso nos anos 60, assinava Chang e criou a série “Criolo Doido”. Outros nomes que merecem destaque são William, Drago, JJ&Cia e Califa, que só são identificados pelos títulos das séries como “Coleção Galante”, “Diário de Uma Pecadora”, “Coleção Viking” e “Edições Rizuel”. Nos anos 80, vários desenhistas profissionais como Sérgio Lima, Gilvan Lira, Sebatião Seabra, Octopus e Alvarenga expuseram sua arte nos catecismos. A maioria, no entanto, atuava na clandestinidade e jamais chegou a assinar seus trabalhos. O próprio Carlos Zéfiro, durante os anos em que manteve sua produção, era apenas um pseudônimo cuja identidade real ninguém conhecia.³⁵⁹

Além do anonimato, Zéfiro foi um criador de discursos, assim como Sade e Sach Masoch, que também o fizeram ao criarem textos pornográficos. Em artigo publicado por Aramis Millarch no jornal **O Estado do Paraná**, em 09 de outubro de 1983, com nome “Zéfiro, o pioneiro de nosso erotismo”, declara-se:

- Quem é Carlos Zéfiro? O nome identifica um pioneiro do erotismo brasileiro. Nos anos 50 e, mesmo, início da década passada, quando ainda não existia a permissividade sexual dos anos 80 - com filmes e revistas de sexo explícito, sex-shops, boates como a Country Nice e safari, onde Ronaldo Pimenta apresenta incrível espetáculos pornô - milhares de adolescentes (e também muitos adultos) davam vazão às suas fantasias sexuais folheando pequenas revistas de histórias em quadrinhos, produzidas quase que artesanalmente em uma gráfica do Rio de Janeiro, com textos e desenhos de um artista que se assinava Carlos Zéfiro. Há mesmo quem diga que estas histórias, ingênuas e tecnicamente primitivas, eram, entretanto, mais excitantes do que as requintadas revistas coloridas de pura sacanagem que nos últimos anos inundaram as bancas do País - para desespero de pessoas conservadoras como o assustado vereador Luís Gil Leão. [...] ³⁶⁰

Retomando a obra de Foucault, observamos que Zéfiro criou algo que ultrapassava as regras de sua época, mas ao mesmo tempo ficou preso a certas modalidades e “episteme pornográfica” do período estudado:³⁶¹

A respeito do princípio do autor, Foucault esclarece que não se trata do autor como indivíduo que fala, pronunciou ou escreveu um texto. Reconhece, entretanto, que seria absurdo negar a existência do indivíduo que escreve e que inventa. Mas o autor interessa a Foucault "como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem das suas significações, como foco de sua coerência" (p.26). Nesse sentido, ele fala do autor como uma função que não está em toda parte e nem de modo constante, pois há textos que precisam de signatários (conversas cotidianas, decretos, contratos), mas não de autores. Além disso, a função

³⁵⁹ SOUZA, Worney Almeida. Os catecismos e o sexo espacial. In: MENDES, Toninho. **Quadrinhos Sacanas**. Sexo Espacial. Livro 1. Editora Activa, São Paulo, 2010

³⁶⁰ MILLARCH, Aramis. Zéfiro, o pioneiro de nosso erotismo. **O Estado do Paraná**. Seção: Tablóide, 09 de outubro de 1983 p. 1.

³⁶¹ FOUCAULT, Michel. 1969. O que é um Autor?. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos**. Volume III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2000.

autor não se exerce em todos os domínios e em todas as épocas da mesma forma. Na ordem do discurso científico, por exemplo, a atribuição de um autor era um indicador de verdade, na Idade Média; mas, a partir do século XVII, a função autor é enfraquecida e o autor só funciona para dar nome a um teorema, um efeito, um exemplo, uma síndrome. Por outro lado, ordem do discurso literário, a partir do século XVII, a função autor ganha relevância e o autor passa a funcionar como aquele "que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real" (p.28). Esse princípio limita o acaso do discurso com o jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu.³⁶²

A função autor então aplicada a Zéfiro, que comporta sua assinatura e o indivíduo Alcides Caminha, não era importante, e sim sua obra. Por isso a análise não levava em conta o autor, apenas seus catecismos.

Catecismos



Figura 12 – Formato dos catecismos

No final dos anos 1950 e durante praticamente toda a década de 1960 circularam clandestinamente por todo o Brasil os chamados catecismos, pequenas revistas de 32 páginas em formato aproximado 10x14cm que contavam histórias de sacanagem.³⁶³ O principal autor desse gênero, e considerados por seus continuadores dos catecismos (seus alunos) também o melhor, assinava como Carlos Zéfiro. Sua obra é permeada de significações do período que hoje é qualificado como um tipo de literatura de valor:

³⁶² SILVA, Maria da C. F. **Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em Claudia, Nova e Playboy**. 354 págs. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Análise do Discurso). Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p.69

³⁶³ Chegaram a experimentar o formato 14x21, mas houve pouquíssimas edições nesse formato.

A obra, como individualidade que, supostamente deve se conservar sua fisionomia através dos tempos, *não existe* (só existe sua relação com cada um dos interpretes), mas *ela é algo*: ela é determinada em cada relação; a significação que teve em seu tempo, por exemplo, pode ser objeto de discussões positivas. O que existe, em compensação, é a *matéria* da obra, mas essa matéria não é nada enquanto a relação não faz dela isso ou aquilo. Como dizia um mestre scotista, a matéria é um ato, sem ser o ato de nada. Essa matéria é o texto manuscrito ou impresso, enquanto esse texto é *susceptível* de tomar *um* sentido, é feito para ter *um* sentido e não é uma algaravia datilografada ao acaso por um macaco.³⁶⁴

Naqueles tempos não havia revistas eróticas vendidas livremente como hoje. Todas eram clandestinas. Elas eram consumidas por diversos métodos: pela venda às escondidas em bancas de jornal, passadas de mão em mão, em circuitos de leitores (pais, irmãos, amigos). Para comprar os catecismos era necessário ser da confiança do jornaleiro:

De fato, vendido de modo clandestino, produzido de forma artesanal, desenhado com técnicas bisonhas e relatando histórias que tinham (e ainda têm) um enorme apelo, os livrinhos de Zéfiro faziam a ponte perfeita entre as conversas na roda de amigos e aquilo que se suspeitava que ocorria nas alcovas. Quer dizer: os livros de sacanagem apresentavam um pouco essa possibilidade de ter o sexo e a sexualidade como algo destacado e individualizado, alguma coisa que poderia ser vista quando se desejava e que era guardada numa gaveta e não na igreja, prostíbulo ou quarto de dormir como era o caso do sexo da vida real. Neste sentido, é também claro que parte do sucesso desta literatura estava precisamente no seu desenho igualmente ambíguo que, aliado a uma reprodução gráfica deficiente, criava uma impressão estranha, exótica. Uma impressão, enfim, de desfamiliarização que era precisamente o máximo que esse gênero de narrativa poderia esperar!³⁶⁵

Seus quadrinhos eram inspirados em quadrinhos românticos mexicanos, publicados pela editora Editormex, cujas histórias possuíam apenas dois quadros por página, e em fotonovelas pornográficas de origem sueca. O formato fino das revistinhas facilitava a ocultação, podendo ser escondidas em livros, cadernos e em outras revistas que eram compradas exclusivamente com este propósito, para a felicidade dos jornaleiros que sempre lucravam em dobro.

Com o tempo, Zéfiro ganhou conotação e reconhecimento entre os brasileiros, levando sua obra a ser conhecida pelos dicionários, da palavra

³⁶⁴ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história/** Foucault revoluciona a história. 3ª. ed. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: UnB, 1995 p.178-179.

³⁶⁵ DAMATTA, Roberto. Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro. In: MARINHO, Joaquim (org.). **A Arte sacana de Carlos Zéfiro: 7 histórias completas.** 3 ed. São Paulo: Marco Zero, c.1983. 165 p., il. (Imoralidades diversas). p. 29-30.

“catecismo” como sinônimo de “revistinha de sacanagem”. O sentido não tinha nada a ver com preceitos religiosos ou católicos, e sim com *iniciação*. No caso, iniciação da educação sexual:

Repitamos, o livro erótico, no sentido em que foi definido, sem que, por esta designação, se emita sobre ele um julgamento moral ou qualitativo, tem uma finalidade fisiológica: despertar no leitor o desejo de gozar, deixa-lo num estado de tensão e de falta do qual ele deverá se libertar por um recurso extra-literário.³⁶⁶

Essa iniciação sexual não era apenas dos adolescentes e jovens. Trabalhadores operários não tinham informação a respeito do sexo e da sexualidade. Aos poucos, foram surgindo vozes, e essas vozes foram ouvidas sobre a sexualidade da classe operária ou da falta de uma. Uma mudança significativa trazida para a cidade através do êxodo rural levou os trabalhadores das fábricas e inúmeras pessoas que nem imaginavam existir um discurso sobre o sexo ou sobre uma “sexualidade” a se questionar da possibilidade de conhecimento ou não, de se transformar em um “novo homem”. O então operário, Luiz Inácio “Lula”, em entrevista à revista **Homem**, detalha, em 1981:

Homem: E fantasias sexuais do tipo transar dentro da banheira, debaixo da cama, dentro do avião, você tem alguma?

Lula: Sabe o que acontece? Esse tipo de pergunta é distante da minha realidade, e eu nunca imaginei sequer que alguém tivesse fantasias sexuais. O trabalhador não tem tempo para isso, ele levanta às quatro horas da manhã, volta às oito da noite e já tem que dormir pra acordar cedo no dia seguinte. Não tem tempo pra isso. Então é difícil responder porque eu mentiria pra você.³⁶⁷

Se pegarmos essas entrevistas do período, teremos uma ideia de como a modernização do Brasil se tornou também uma necessária formulação de teses e discursos sobre o sexo, conforme apontado pelas diversas revistas aqui estudadas. Mas, ao mesmo tempo, havia os discursos *underground* através de revistinhas de Zéfiro que dariam outra visão, uma visão mais transgressora dos discursos, sem ser a visão do *playboy* das revistas *softcore*.

³⁶⁶ GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão** – Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000, p. 149.

³⁶⁷ Entrevista de Luís Inácio “Lula” da Silva à Revista **Homem**. Ideia Editorial. Agosto de 1981. Disponível em: <http://fubap.org/borae/entrevista-de-lula-o-metalurgico-na-revista-homem-em-agosto-de-1981/> Acessado em: 25-05-2016. Como vozes da classe trabalhadora são difíceis de serem encontradas no período, a entrevista pode ser lida na íntegra no *link* acima.

A inocência (se é que existia) entre essas classes torna-se o lugar propício para a expansão das variadas formas das práticas sexuais e das relações ficcionais do sexo, como podemos perceber pelas temáticas introduzidas por Zéfiro:

O império de Zéfiro, portanto, esplendia num meio pré-revolução sexual-comportamental, em que a virgindade, por exemplo, tinha um valor de mercado incomensurável hoje (na era da camisinha, do anticoncepcional, da gravidez de adolescentes, do sexo experimentado pelas meninas a partir de 13, 14 anos). Então, o hímen (essa película mais ou menos resistente) era depositário da honra feminina e quantas moças, por esse Brasilão afora, não foi expulsa de casa por pais rígidos, as mais afortunadas ingressas à força nos conventos católicos, as mais infelizes (ou felizes?) procurando abrigo e sobrevivência nos prostíbulos de lâmpada vermelha na fachada, tão presentes nas cidades brasileiras quanto as torres das igrejas católicas.

Os meninos se iniciavam sexualmente em suas próprias casas, com as empregadas domésticas residentes, resquício até hoje não apagado da escravidão institucional, explicitado nas famigeradas senzalas contemporâneas, eufemisticamente denominadas dependências de empregada e, depois, nas zonas (de meretrício, diziam os mais empolados).³⁶⁸

Em um momento em que os relacionamentos amorosos estavam presos a uma relação moral muito intensa, fechada, próximo a uma moral em que o desenho quase realista de Zéfiro, ajudou a implodir, destruir qualquer ordem social estabelecida, tornou-se uma literatura perversa, e por esse motivo, importante de ser combatida. Segundo Freud em **Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna** aplica a função dos quadros gerais dos perigosos da vida moderna em relação a essa moral recatada:

[...] Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo, e só reunindo todos os seus poderes mentais ele pode atendê-las. Simultaneamente, em todas as classes aumentam as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais; um luxo sem precedentes atingiu camadas da população a que até então era totalmente estranho; a irreligiosidade, o descontentamento e a cobiça intensificam-se em amplas esferas sociais. O incremento das comunicações resultante da rede telegráfica e telefônica que envolve o mundo alteraram completamente as condições do comércio. Tudo é pressa e agitação. A noite é aproveitada para viajar, o dia para os negócios, e até mesmo as 'viagens de recreio' colocam em tensão o sistema nervoso. As crises políticas, industriais e financeiras atingem círculos muito mais amplos do que anteriormente. Quase toda a população participa da vida política. Os conflitos religiosos, sociais e políticos, a atividade partidária, a agitação eleitoral e a grande expansão dos sindicalismos inflamam os espíritos, exigindo violentos esforços da mente e roubando tempo à recreação, ao sono e ao lazer. A vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquã. Os nervos

³⁶⁸ FONSECA, Homero. **A ingênua pornografia de Carlos Zéfiro**. Disponível em: <http://www.achanoticias.com.br/noticia.kmf?noticia=8752441> Acessado em: 18-08-2014.

exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão. A literatura moderna ocupa-se de questões controvertidas, que despertam paixões e encorajam a sensualidade, a fome de prazeres, o desprezo por todos os princípios éticos e por todos os ideais, apresentando à mente do leitor personagens patológicas, propondo-lhe problemas de sexualidade psicopática, temas revolucionários e outros. Nossa audição é excitada e superestimada por grandes doses de música ruidosa e insistente. As artes cênicas cativam nossos sentidos com suas representações excitantes, enquanto as artes plásticas se voltam de preferência para o repulsivo, o feio e o estimulante, não hesitando em apresentar aos nossos olhos, com nauseante realismo, as imagens mais horríveis que a vida pode oferecer.³⁶⁹

Essas mudanças significativas transformaram o homem moderno e o levou a uma recapitulação de como se comportar em sociedade, e de como agir em relação a sua sexualidade. Em geral nos catecismos, a história começava com algum comportamento em que a mulher tomava a iniciativa de um problema anterior com o marido, ou era uma insatisfeita ou apenas por curiosidade a levaria a transar com seu amante, tornando assim o desejo do homem sanado, transformando-o em realidade. Na temática geral, as narrativas continham história de mulheres que pareciam ingênuas, que eram cortejadas por homens nos enredos das histórias, nas quais, cada quadro que se seguia, deveria ser preenchido pela elipse da leitura.³⁷⁰

Esses folhetins contavam histórias de todo tipo: transas com a empregada, dentro de automóveis, caminhões, no meio do mato, mostrava traições, histórias de “cornos”, tudo isso mostrada de forma clara, com desenhos dos órgãos sexuais e as personagens em diversas posições sexuais, evidenciando mais orientação sexual do que qualquer Kama Sutra. A pluralidade de posições sexuais fez com que as escolhas preferidas fossem aquelas com o sexo interdito, como o sexo anal ou oral. Na história “A amostra”, Zéfiro conta a respeito de uma menina, aparentemente ingênuas, que entrou no quarto de sua mãe e viu-a com outro homem que não era o seu pai; nos quadros seguintes, narra as falas e os sons que não saíram de sua cabeça, e devido a isso ela confessa ao seu namorado o que viu, assim:

³⁶⁹ FREUD, Sigmund. *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*. (1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). p. 99

³⁷⁰ Para a questão da leitura indicamos o texto: CARDOSO JR., Hélio Rebello. ‘História da leitura’ e ampliação do questionário historiográfico – considerações acerca do eclipse da materialidade do livro. In: **Tramas de clio**; convivência entre filosofia e história. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001. E Sobre a elipse da leitura: JOANILHO, André Luiz. JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. **Sombras literárias**: a fotonovela e a produção cultural. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 28, nº 56, p. 529-548 – 2008.

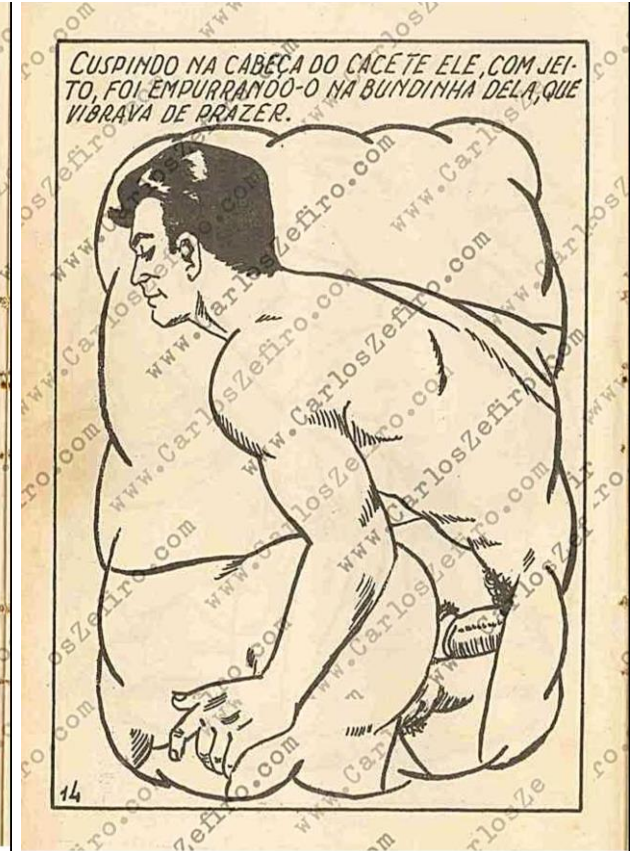
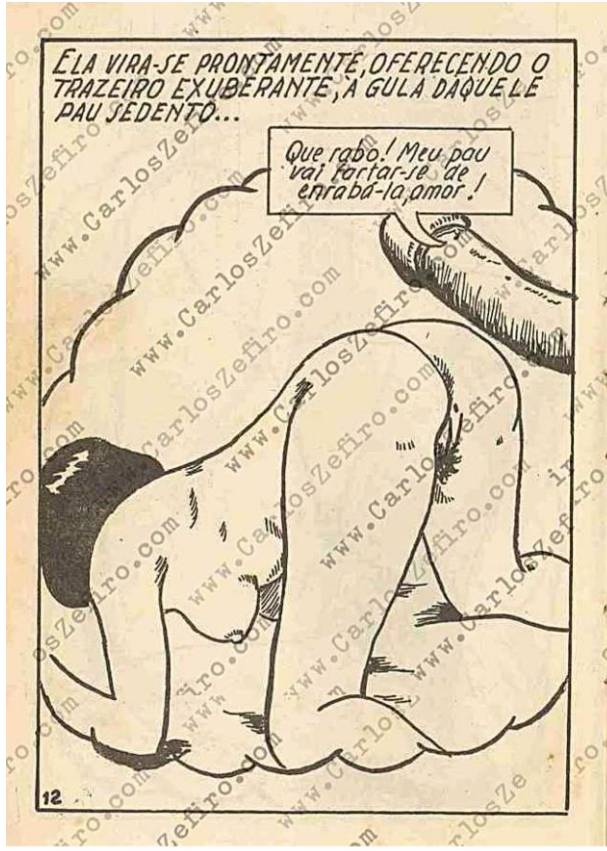


Figura 13 – A amostra. Carlos Zéfiro.

A história se desenrola com a mãe da personagem Diana a fazer sexo com seu amante em várias posições, e a descrever o prazer sentido, usando palavras e palavras grotescas, expressões faciais que podem ser interpretadas como prazerosas até que se chega à cena final, quando a narradora interrompe seu relato, pois estava excitada com a cena e necessitaria da ajuda do namorado para fazer a mesma coisa, e as mesmas posições. Então, a noite ele daria “uma amostra” a Diana, como sugere o título da história.

Convém lembrar que, nos anos 50 a 70, eram raríssimas edições de revistas de sexo, como podem ser encontradas hoje em dia e também havia uma enorme repressão cultural e social em relação ao sexo. Tudo era proibido e era considerado pecado. O moralismo imperava em todas as classes sociais. Num mundo tão repressivo como eram aqueles tempos, a "*revistinha do Zéfiro*" servia como uma boa "*válvula de escape*" para as fantasias sexuais e liberar seus instintos sexuais. Com uma linguagem popular para a época, em um modo cru de escrever, retratava o sexo como na vida real, sem hipocrisia ou falsos pudores e liberto de qualquer tabu. Com isso, fizera com que algumas definições de masculinidades fossem estabelecidas. Por esta razão, seus quadrinhos eróticos foram amados pelos jovens e odiados pelas senhoras da classe média.

O Homem viril de Zéfiro

A maioria dos narradores de Zéfiro é homem. Em alguns poucos casos, mulheres também narram e até mesmo um sofá, conforme citado no início da tese. As histórias ficcionais de Zéfiro funcionavam como uma fantasia que “qualquer homem” do período deveria ter, ou o desejo necessário para tornar-se um homem. Este homem da década de 50 deveria pensar em viajar e conhecer mulheres, ter diversas experiências sexuais e confessá-las para si, no intuito de dizer que é homem. Aos poucos, alguns de seus leitores, além de se identificarem com esses discursos, também se tornariam alunos “sacanas” de Zéfiro:

Nesse ambiente onde a repressão era tão bem feita e articulada que conseguia até fazer de conta que o objeto reprimido não existia, não havia o menor espaço para a crueza de Carlos Zéfiro. Os ardores e os desmaios das heroínas de M. Delly eram apenas isso: ardores e desmaios. Nas fotonovelas água-com-açúcar, o que havia por trás dos beijos inocentes, era simplesmente inimaginável. Mesmo para imaginar é preciso saber o que imaginar. E a ignorância das meninhas católicas apostólicas romanas dos

anos 50 era abismal: por trás da água-com-açúcar, é claro que a imaginação voava... mas era atrás de mais água e mais açúcar.³⁷¹

O mundo de Zéfiro era diferente do mundo conservador da ditadura militar. O “Mundo de Zéfiro” instigaria o pensamento a ir além do permitido. Retomando o conceito de transgressão, Zéfiro tornou-se o criador de algo, esse algo era a iniciação sexual. Deixou à nu a visão distorcida da realidade sem sexo:

Nesse mundo suave, tão cheio de desmaios e ardores inexplicáveis, Carlos Zéfiro não existiu. A não ser para as meninas garimpeiras que descobriam insuspeitados tesouros debaixo dos colchões dos irmãos. E que tiveram assim a sorte de descobrir também que:

1º O sexo existe!

2º Além de existir, é grande!

3º Além de existir e ser grande, é bom demais!

[...] Pois o fato é que hoje, depois desses anos 60, onde a prática mais livre da sexualidade foi redescoberta como parte fundamental de qualquer vida humana, é curioso rever essas revistinhas e perceber como, na prática, Carlos Zéfiro foi um autêntico precursor do feminismo, no que o feminismo tem de bom. Pois não é o rapaz, já nos anos 50, não se acanhava de mostrar que: as mulheres têm prazer [...]; as mulheres sabem tomar iniciativa [...]; Salvo raras exceções, o moralismo passa longe dessas histórias. [...]; De um jeito ou de outro, a mulher sempre reveste de paixão o ato sexual.³⁷²

A afirmação acima trás uma importante descoberta. Não só o homem estava liberto, como a mulher também teria direito à vontade da verdade do sexo. A imaginação torna-se real, não por ser real, mas devido aos efeitos que provoca em seus leitores. Na mesma medida, a ficção torna-se realidade a partir do palavrão e do realismo grotesco, em linguajar das classes populares. Diante disso, no caso em que nos atemos, essa forma ficcional tornava visível o que era dito entre as quatro paredes. Lucienne Frappier-Mazur indica que:

[...] A palavra obscena representa o contraste entre diferentes registros sociais da linguagem – rude e elegante, proletária e aristocrática, masculina e feminina. Ao representar a transgressão social, além de uma espécie de hiper-realismo, a multiplicam-se e o ato sexual é uma espécie de frenesi improvável. Isso linguagem obscena cria o fetichismo de certo vocábulo relacionados ao sexo. Ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o status de fetiche. Em consequência, a ênfase no realismo transforma-se, paradoxalmente, em uma forma grotesca, os falos são

³⁷¹ SILVEIRA, Maria José. O Tamanho do Pecado. In: MARINHO, Joaquim (org.). **Os Alunos sacanas de Carlos Zéfiro**. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1986. 188 p., il. p&b. (Imoralidades Diversas). p. 14-15.

³⁷² SILVEIRA, Maria José. O Tamanho do Pecado. In: MARINHO, Joaquim (org.). **Os Alunos sacanas de Carlos Zéfiro**. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1986. 188 p., il. p&b. (Imoralidades Diversas). p. 14-15.

sempre imensos, as vaginas resulta em uma pornografia imaginária e, às vezes, fantástica, ainda que os efeitos sobre os leitores fossem bastante reais.³⁷³

Podemos perceber que o realismo de Zéfiro está ligado com essa transgressão social, com a representação exagerada por muitas vezes de aspectos corporais das mulheres como seios, nádegas e também na anatômica do pênis dos amantes. Além das imagens, a obra de Zéfiro tornara-se importante por falar uma linguagem real, em um roteiro que retoma a narração e descrição dos órgãos sexuais e as palavras ditas dentro da intimidade, como os palavrões, que com aponta o escritor libertino Aretino, mostrando a mulher comum e a prostituta fala os nomes “reais” que eram dados ao pênis e a vagina no cotidiano. O homem torna-se um importante sujeito de análise da situação, dizendo a “coisa em si”, dos passos a seguir, daquilo que realmente deveria acontecer:

Se a questão da nomeação torna-se central na compreensão do fenômeno, isso se deve ao fato de que os elementos decisivos para a formação da cultura pornográfica foram dados pela literatura. Ou, mais precisamente, pelos escritos licenciosos de Aretino que, segundo a historiadora Paula Findlen, forneceram um modelo para moderna ficção erótica ao adotar a forma do diálogo entre mulheres, com especial atenção ao comportamento das prostitutas. Livre das restrições temáticas e das imposições estilísticas dos humanistas, em consonância com a forte corrente anticlassicista em voga no século XVI, o poeta italiano destacou-se entre os pornógrafos renascentistas que pretendiam expor “a coisa” em si. “Fale claramente” – aconselha uma das prostitutas dos *Ragionamenti* – “e, se você quiser alguém, diga ‘foda’, ‘pau’, ‘boceta’ e ‘cu’; só os sábios da Universidade de Roma não vão entendê-la”.³⁷⁴

³⁷³ HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia** - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999 p. 39.

³⁷⁴ FINDLEN, Paula. O sentido político e cultural mais antigo. In: HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia** - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999, p. 44.



Figura 14 - Carlos Zéfiro. Brasília. s/d. Linguagem popular.

Falar claramente a linguagem popular influenciou o modo como fazemos o sexo hoje no dia-a-dia e pode ser encontradas no teatro, no cinema e na TV. O palavrão tornou-se comum e é falado com frequência devido a seu alto grau de excitação, de sensualidade ou sexualidade. A utilização tornou-se cotidiana a ponto de alterar a maneira como reagimos aos “duplos sentidos”, como por exemplo o uso da palavra gato em inglês, *pussy*³⁷⁵ (xoxota), e como se articula nos discursos:

Em muitas práticas e provérbios supersticiosos, os gatos estavam relacionados com os lares, principalmente com a dona da casa, e especificamente com seus órgãos genitais. *Pussy* [xoxota] – em francês, *le chat* e em particular o feminino *la chatte* – significava a mesma coisa na gíria francesa do século XVIII que significa hoje no inglês coloquial. Uma moça que engravidasse tinha —deixado que o gato fosse até o queijo. E os homens que gostavam de gatos tinham um jeito especial com as mulheres: —Se ele ama o seu gato, ama sua mulher.³⁷⁶

³⁷⁵ A história o Gato de Botas tornara-se um problema devido à interpretação da palavra *Pussy*.

³⁷⁶ DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Séverin. In: _____. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 296 Importante ler o capítulo de Geertz sobre a Briga de galos em Bali. GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

O gato ainda hoje no Brasil tem certa conotação sexual. A mulher bonita é considerada uma “gatinha”, e o homem bonito, um “gato”. Na imagem acima, as palavras recorrentes ao texto, como punheta, siririca e boceta, pertencem ao universo cotidiano como algo que é “realmente” dito no meio privado. Há ainda outros palavrões que fazem parte das revistas de Zéfiro: “Rego”, “cu”, “boceta”, “chupada”, “pica”, “pau”, “olhota”, “porra”, etc., e trata-se de um importante papel para delimitar o pueril e o grotesco, aplicando uma divisão entre o que pode e o que não pode ser dito.³⁷⁷

Para completar o quadro, as histórias de Carlos Zéfiro, na maioria das vezes, apresentam mulheres de peso médio, lindas e comprometidas com o ato sexual, sempre cedendo aos desejos masculinos, enquanto os homens são, em geral, representados como musculosos e viris, que conseguiriam realizar todas as suas fantasias. Exceções à regra, há alguns personagens que fogem do padrão, como um corcunda, por exemplo. Curiosamente, uma de suas historinhas mais conhecidas, a “aventuras de João Cavallo”, trazia como protagonista um nordestino de comportamento esquisito, mas que possuía um dote peculiar: um pênis grande, o que compensaria sua falta de beleza e justificaria tal denominação de “bem dotado”.

Em outras palavras, os livros de sacanagem apresentavam um pouco dessa possibilidade de ter o sexo e a sexualidade como algo destacado e individualizado, alguma coisa que poderia ser vista quando se desejava, e que era diferente dos casos do sexo da vida real. As feministas, não sem-razão, poderão objetar que quase todas as histórias do quadrinista são narradas do ponto de vista masculino e, nelas, a mulher não passa de um objeto de prazer:

O herói de Zéfiro era nada mais que uma projeção do próprio Zéfiro, ou melhor, do homem brasileiro médio. Isso permitia uma imediata identificação do leitor com o personagem. Logicamente, o tipo “mocinho” que ele escolhia para estrear as histórias refletia os anseios do leitor, e conseqüentemente tinha uma situação semelhante à dos consumidores das revistas de sacanagem.

O herói de Zéfiro geralmente era um homem solitário como o leitor que o acompanhava sua aventura. Zéfiro não colocava homens casados como protagonistas de suas histórias. Ou então, se colocava, era porque o personagem estava passando por uma situação temporária de solidão: uma

³⁷⁷ Importante contribuição da obra de Mikhail Batkhtin sobre o palavrão em praça pública. Cf. BATKHTIN, Mikhail. O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais. In: BATKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo-SP. Editora Universidade de Brasília. Hucitec, 1989.

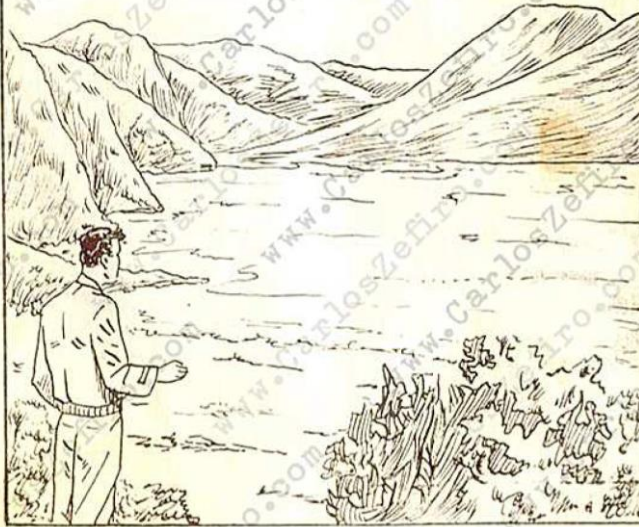
viagem, uma separação passageira da esposa, uma viuvez, uma insatisfação sexual com a mulher, enfim, algo que o colocasse na categoria dos “disponíveis”. Sem mulher, o herói partia em busca de uma aventura sexual.³⁷⁸

Tanto o homem quanto a mulher zeferianos têm suas fantasias eróticas sanadas. Mesmo quando existe uma chantagem, ou algo parecido no final, ambos sentem-se confortáveis e satisfeitos com o sexo. Na maioria das narrativas, o personagem masculino inicia a sedução durante as primeiras páginas, para chegar a um lugar reservado e poder consumir a cantada. Observada a necessidade de um lapso de tempo entre uma página e outra, o homem começa o ato sexual, geralmente um por quadrinho. Seguia-se então sexo oral, anal, 69, para instigar o leitor a continuar a ler a história e recriar os cenários desenhados e as falas proferidas pelas personagens. A realidade parava por aí. Moças virgens eram dadas a beijos ardentes até que se consumisse o ato, que na verdade era demonstrado como um caminho fácil a ser percorrido, e depois ela agradecia por sentir o prazer proibido e que ainda não havia experimentado: “Vimos a fórmula básica da história de sacanagem da sedução de uma virgem: carinhos, carícias, chupadas, cópula anal e outras modalidades para excitar as donzelas ao extremo. Isto dava para preencher as 32 páginas.”³⁷⁹

³⁷⁸ D'ASSUNÇÃO, Otacílio. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**: uma análise da obra do mais genial desenhista pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1984.p. 50.

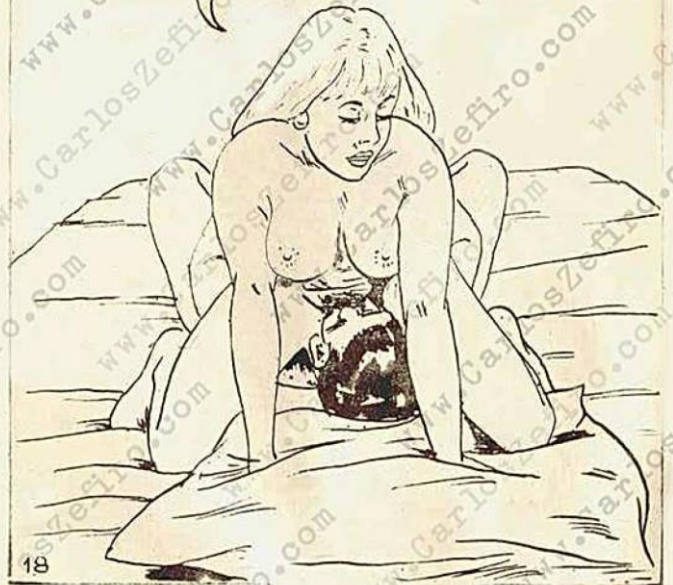
³⁷⁹ D'ASSUNÇÃO, Otacílio. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**: uma análise da obra do mais genial desenhista pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1984.p. 54.

◊ EXCESSO DE NOITES PERDIDAS EM ORÇIAS DESENFREADAS, LEVARAM-ME A UM SANATÓRIO, VÍTIMA DE PERTINAZ MOLESTIA. LIBERTO DO MAL, APÓS LONGO TRATAMENTO, RECOMENDARAM ME UM PERÍODO DE REPOUJO EM BARILOCHE, NA ARGENTINA. ESCOLHI O LAGO HESS E LA INSTALEI-ME EM UM SOZIEGADO E CONFORTAVEL HOTEL.



POUCAS SÃO AS MULHERES QUE PODEM SE VANGLÓRIAR DE TER PROVADO A MINHA LÍNGUA, MAS, NÃO SEI PORQUE RESOLVI PREMIAR AQUELA ARGENTINA E LHE FIZ UM FURIDJO MINHE!

Querido... como você... chupa bem... que gostosa... é... tua... língua... vai lá... no fundo... bem... lá dentro... dentro...



EM DADO MOMENTO, NUM MOVIMENTO MAIS BRUSCO, MEU PAU EICAPOU DE SUA BUCETA E APROVEITEI O ENJEJO PARA PEDIR QUE ELA O METESSE EM OUTRO BURACO.

Como brasileiro, você estava demorando muito em pedir isso!



BEM... PARA TERMINAR DEVO DIZER QUE UM MÊS DEPOIS EU RETORNAVA A UM SANATÓRIO EM CAMPO DO JORDÃO...

É... parece que os ares argentinos só pioraram a sua situação... se você não voltasse depressa, seria o seu

FIM

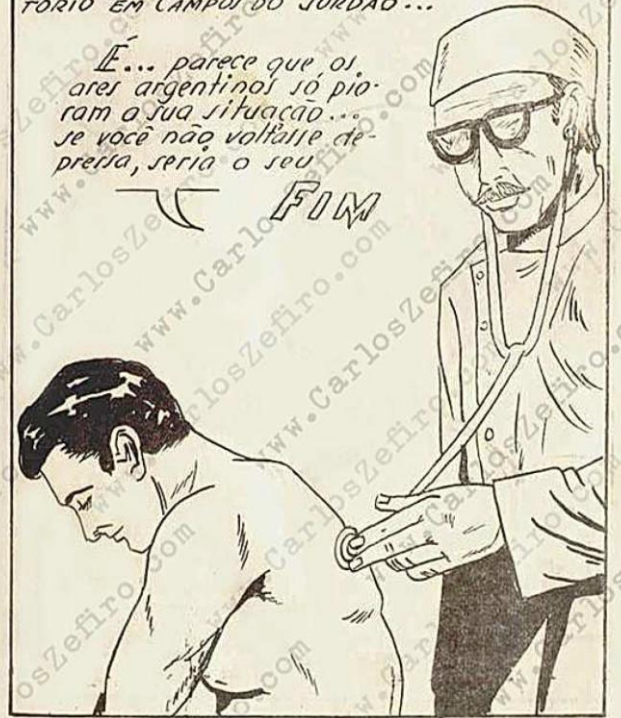


Figura 15 – Carlos Zéfiro. A cura. Homem vai a Bariloche na Argentina para curar seu vício pelo sexo, mas não dá certo

Quadrinhos Sacanas: Da virgem à prostituta

A mulher é a base dos quadrinhos de Zéfiro. Os títulos, em sua maioria, são nomes de mulheres: “Suzete”, “Nancy”, “Paula”, “Celita”, “Matilde”, ou tem relação com a mulher, sempre com um adjetivo: “Domada pelo sexo”, “Três mulheres e uma virgem”, “A desflorra”, “a 1ª vez”, e também em correlação à religião, como: “Minha vida no Convento”, “O confessor”, “No retiro”, “A Pecadora” e “Adão e Eva”, ainda situações corriqueiras de vizinhança, viagens e festas: “A Vizinha”, “Copacabana 1967”, “Carona”, “Carnaval 2”, “História do Meu casamento 1 e 2”, e “Férias no Guarujá”.

As mulheres, mesmo as virgens, aparecem na obra como alguém que tem o “prazer” como problema, e este precisa ser resolvido pelo homem. Ao contrário das revistas normalizadoras, Zéfiro abre um caminho diferente do homem-casal-heterossexual de **Ele Ela**, ou do homem-consumidor de **Playboy**. Hoje, os casais têm uma experiência maior, que não existia na década de 60 e 70. As experiências sexuais conhecidas eram passadas de pai para filho ou de mãe para filha em forma de segredo. Na nova geração, “[...] Os casais recém-casados de hoje são em sua maioria experiente sexualmente, e não há período de aprendizado sexual nos primeiros estágios do casamento, mesmo quando os indivíduos envolvidos não viveram um com o outro previamente”³⁸⁰.

Os quadrinhos de Zéfiro foram importantes para o desenvolvimento de uma sexualidade de margem, já que o sexo era tratado como um segredo, tornando os catecismos, na maioria das vezes, o único local onde encontrar a “verdade” do sexo.

Um importante elemento nessas narrativas é seu traço simples, descritivo, limitado a um mínimo de recursos plásticos, como se estivesse restrito a apresentar o referente (acontecimentos eróticos) de forma imediata. Em vez de índice de erotismo ingênuo, parece-me que essa simplicidade é uma forma de integrar o leitor no universo desenhado, onde ele se localiza como personagem de aventuras similares ou Autor de desenhos com mesmo teor. Esse componente erótico se fez de forma direta e rápida, que não dispensou rituais de desnudamento, exibição e contemplação (o último

³⁸⁰ GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo, UNESP, 1993 p.21. Nesse trabalho, Giddens focaliza, com certo desapego teórico, a questão da intimidade, valendo-se de categorias e problemas em boa parte já delineados em livro anterior, marcado por maior rigor conceitual e analítico (ver *Modernity and Self-Identity*, Stanford, Stanford University Press, 1991). Apesar do diferente estatuto teórico de ambas as obras, nossa reconstrução do argumento de Giddens baseou-se mais no primeiro trabalho, por ser aqui onde ele focaliza em profundidade o tema da intimidade, permitindo assim que os problemas de sua visão apareçam de forma mais evidente. Nessa obra, ele mostra que discorda de alguns posicionamentos de Michel Foucault sobre o quesito da sexualidade.

passo exigia a inclusão do leitor). Seu universo masculino de leitura não dispensou uma cuidadosa ênfase em aspectos didáticos da sexualidade - como iniciar uma abordagem, quais as etapas de excitação a serem percorridas - visando ao prazer masculino, sem desprezar minimamente seu correspondente feminino.³⁸¹

A verdade da identidade masculina nos textos de Zéfiro está, não só na narrativa do homem, mas também na narrativa da mulher. A virgem e a prostituta são diferentes, mas estão dentro da mesma narrativa na obra, em alguns casos são as de narradoras, seguindo um padrão da produção pornográfica de Pietro Aretino:

Zéfiro foi importante como contraponto à “sexualidade oficial”, que respondia a interesses políticos e econômicos. Sua obra continha representações distintas daquelas permitidas, e era manifestação cultural autêntica. Apontou novas formas de seduzir, novos espaços para amar, práticas não-saudáveis, enfim, possibilidades além das “regras oficiais” do jogo erótico.³⁸²

Como os quadros eram a página inteira, com poucos escritos, isso abria a imaginação pornográfica, dando espaço para a elipse da leitura entre uma imagem e outra; muitas vezes, a leitura era feita com apenas uma mão, sendo a outra utilizada para a masturbação.³⁸³ Seu formato menor apresentou vantagens como a visualização do plano em detalhe da penetração; também temos de lembrar que parte dos desenhos era copiada de revistas de fotonovelas, criação que fizera muito sucesso na época.

A narração das histórias, por sua vez, ganhava um tom poético ou mesmo lúdico, que conferia uma sensibilidade única às histórias; em seu meio, eram colocadas palavras obscenas, que também surgiam dentro dos diálogos das personagens:

“A palavra obscena representa o contraste entre diferentes registros sociais da linguagem [...]. Ao representar a transgressão social, além de uma espécie de hiper-realismo, a linguagem obscena cria o fetichismo de certos vocábulos relacionados ao sexo. Ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o status de fetiche.”³⁸⁴

³⁸¹ SILVA, Marcos Antonio da. Outros homens e mulheres. In: _____. **Prazer e poder do amigo da onça: 1943-1962**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 148-149.

³⁸² BRUM, Fabiano. **A poética da pornografia de Carlos Zéfiro**. Departamento de comunicação visual – EBA/UFRJ. 2003. p. 2.

³⁸³ GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

³⁸⁴ HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**, São Paulo, Hedra, 1999 p. 39.

A virgindade tem um papel muito diferente entre as revistas masculinas voltadas ao mercado consolidado e a liberdade de Zéfiro. Na história “A dívida”, Zéfiro apresenta a história da dívida de um tio que é paga com sexo pela sua sobrinha, que se entrega ao então “dono da dívida”, para que esta seja quitada. A moça pensava tratar-se de um velho, e, quando viu que era um cara bonito e novo, acabou por entregar-se aos seus desejos. Mas Zéfiro coloca uma tensão na narrativa: ela não sabia que o “dono da dívida” era um amigo se passando pelo dono da dívida original e que a mulher aparentemente experiente, na verdade era uma mulher virgem. Em várias revistas, o homem, ao encontrar a mulher virgem, se espanta e diz que não irá continuar, mas a mulher insiste para que continue, ou por estar apaixonada, ou porque criou desejos pelo homem, e assim acabam consumando a relação sexual. É sempre a mulher que dá a última palavra na história; o homem espera a mulher tomar a iniciativa.

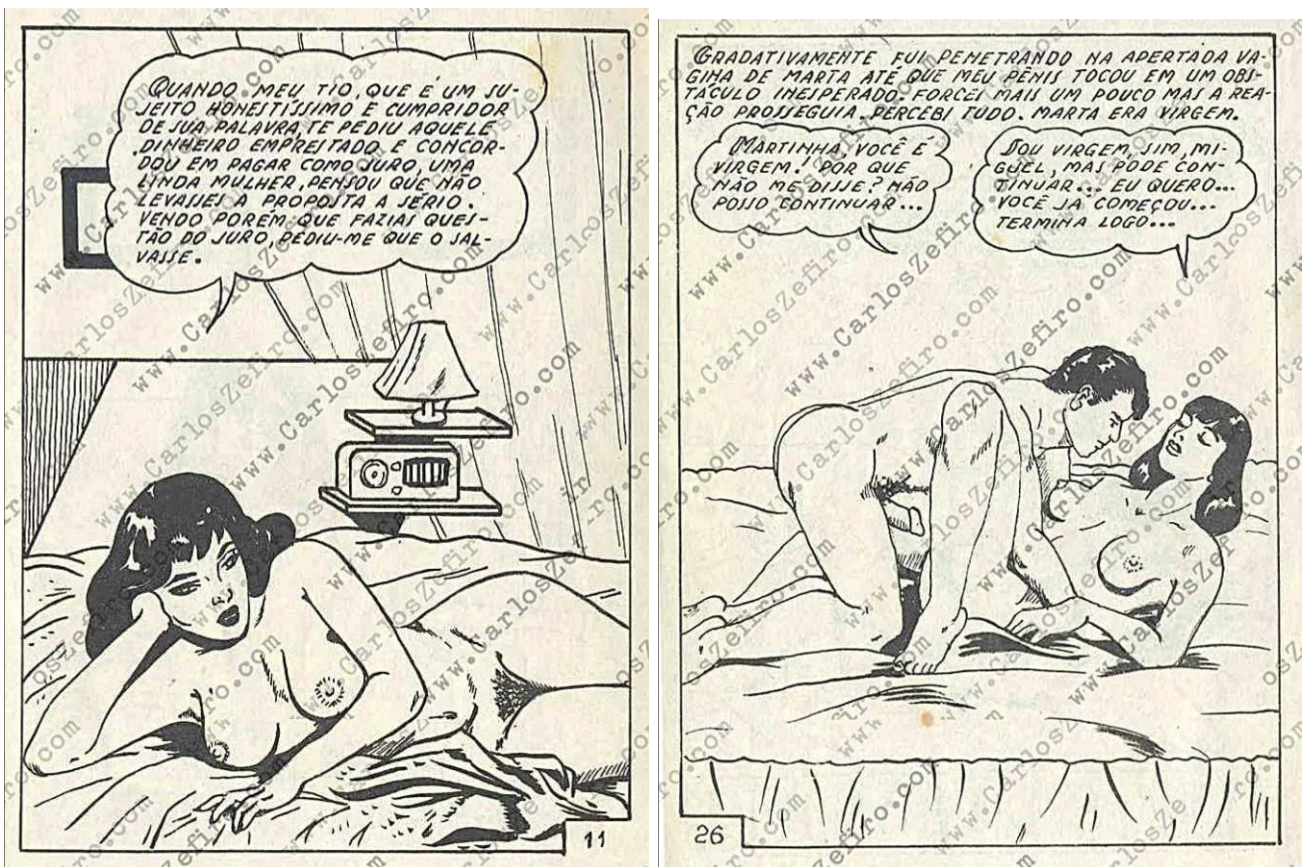


Figura 16 – A dívida

Em contrapartida, a mulher prostituta é mostrada como independente, determinada, bem sucedida financeiramente e desdenhosa dos novos ideais femininos de virtude e vida familiar tradicional. Os leitores dessas revistinhas, curiosos por saberem sobre esse mundo, tornaram-se **voyeurs** e criaram uma vontade de saber sobre o sexo, através do mundo observado através dos buracos das fechaduras.

Do palavrão aos temas, são produções que nos mostram a visão de Zéfiro acerca de como o homem deve se comportar em relação à mulher; como deve ser. Da virgindade ao *voyeurismo*, as posições sexuais, a beleza e a feiura, tudo isso ajudou a criar um autor, um estilo pornográfico de Zéfiro. Ser viril era ser o mocinho das histórias, ser vilão, no entanto: “Vilão não é quem mata ou agride, mas quem não tem competência sexual. Tanatos sifu. Os vilões de Zéfiro não apelam para a violência, apenas brocham.”³⁸⁵

No caso das mulheres mais experientes sexualmente:

Como fazia Zéfiro para recheiar as histórias das não-irgens? Qual o obstáculo que o comedor teria que transpor! Muito simples: a mulher era uma insatisfeita sexual. Já havia provado anteriormente um ou mais homens, mas não se sentira realizada. Ou por qualquer motivo não estava mais alcançando o orgasmo. Era preciso que um macho de verdade chegasse para por fim a esse suplício. Vemos então, na categoria das não-irgens, uma sucessão interminável de viúvas atrasadas, esposas mal aproveitadas pelos maridos, moças solteiras já com uma certa experiência que no entanto , ainda não chegaram ao prazer total, lésbicas que nunca experimentaram alguém do sexo oposto, etc. Ou então ninfomaniacas incuráveis.³⁸⁶

Essa visão de um mundo sexual não repressivo, ou que admitia uma certa liberdade de ações, comportamentos e discursos, podem ser retomados na leitura de *Madame Bovary*, o tédio na família burguesa é recorrente, e a mulher é uma frustrada sexualmente e o *Spleen* baudelairiano que se tornou uma constante referência a esse tédio da sociedade controlada por uma moral sexual fechada. A mulher insatisfeita da ditadura militar era demonstrada na obra de Zéfiro. Elas ganham vozes através das personagens femininas, mostrando o que queriam e

³⁸⁵ AUGUSTO, Sérgio. O *naif* da sacanagem. In: MARINHO, Joaquim (org.). **A Arte sacana de Carlos Zéfiro**: 7 histórias completas. 3 ed. São Paulo: Marco Zero, c.1983. 165 p., il. (Imoralidades diversas). p. 19-20.

³⁸⁶ D'ASSUNÇÃO, Otacílio. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**: uma análise da obra do mais genial desenhista pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1984.p. 56.

como queriam. Em uma história chamada “Suzete”, uma mulher desquitada entra em uma loja e vê um homem:

Há três meses eu estava desquitada e durante todo este tempo não tivera contacto sexual com nenhum homem. Minhas noites eram longas e melancólicas. [...] Aquêlê rapaz, ao atender-me tão gentilmente naquela loja, causou-me forte impressão. Alegre, sádio e sobretudo respeitador, fascinou-me.³⁸⁷

Os aspectos apontados pela mulher é que ela era insatisfeita sexualmente e socialmente. A mulher, na sociedade brasileira, estaria marcada como alguém que deveria apenas cuidar da casa ou dos filhos. A mulher, nesse sentido, não teria voz sobre os assuntos do cotidiano. Zéfiro, portanto, abriu a possibilidade de ouvir (de certa forma) essas problemáticas. Indubitavelmente, depois dele, o quadrinho erótico nacional nunca mais seria o mesmo. Zéfiro trouxe o conteúdo que faltava. Seu texto era interessante, rico em detalhes e, sobretudo, excitante. O maior trunfo de Zéfiro era saber criar um enredo com a cara do Brasil.



Figura 17 – Suzete – Em Zéfiro encontramos um manual de posições sexuais

387

ZÉFIRO,

Carlos.

Suzete.

Disponível

em:

<http://www.carloszefiro.com/buildframe.php?mag=Suzete&pg=0&pgmax=32&thetitle=Suzete>
 Acessado em: 18-08-2014.

Em suas histórias não faltavam as fantasias e situações típicas que começavam a passar pelo pensamento do brasileiro, como o sujeito que transa com a mãe e a filha ao mesmo tempo, o que casa e depois transa com a cunhada, o caminhoneiro que transa na boleia, o patrão que faz sexo com a empregada, zonas e “puteiros”, o caipira ingênuo que faz sexo com a universitária de classe, homem com homem, mulher com mulher, surubas e, principalmente, muitos homens traídos, os famosos “cornos” que inclusive inspirariam várias estórias.

Era um “verdadeiro guerrilheiro erótico invisível”³⁸⁸, crítico ao conservadorismo, que fez o brasileiro questionar a sua própria sexualidade e subjetividade. Zéfiro retratava um sexo livre e sem culpa, e se tornava uma importante ferramenta para que não os indivíduos não adquirissem problemas psicológicos, como apontavam pesquisadores da época, a pornografia teria um importante papel de curar doenças e resolver conflitos da mente:

Cura da Impotência – Pelo menos três livros eróticos lançados este mês citam o sexólogo Havelock Ellis: “A obscenidade é um elemento permanente da vida social humana e corresponde a uma necessidade profunda da mente humana. [...] Os adultos precisam de literatura obscena tanto quanto as crianças precisam de contos de fada, como um alívio de força opressiva das convenções”. Um livreiro de Curitiba cita o caso de um cliente que se curou da impotência sexual através da leitura de romances eróticos. Na Suécia, alguns médicos utilizam a pornografia como receita para casos de impotência. Num congresso de estudantes desse país, uma jovem afirmou: “Numa sociedade livre de tabus sexuais, a pornografia deve estar também a serviço da mulher”.³⁸⁹

As revistinhas serviam não só como manual de posições sexuais, mas também como uma “cura” médica para a impotência sexual. Podemos perceber que os catecismos do Zéfiro, longe de serem apenas revistinha pornográfica, criaram novas formas de se relacionar com si mesmo e de entender melhor os papéis conferidos ao homem e à mulher. Paradoxalmente, a cura dos anormais viciados em sexo era “O sexo total”.

³⁸⁸ BARALDI, Marcio. **Carlos Zéfiro**: Guerreiro Erótico Invisível. Disponível em: <<Bigornat.net>>. Acessado em: 01/12/2012.

³⁸⁹ Revista **Veja**. Editora Abril. São Paulo-SP. 30 de novembro de 1968 p. 61 nº11.

O sexo total: Kama sutra para o povo

As posições sexuais em Carlos Zéfiro têm uma importância fundamental. Já que os formados no período da década de 50 e 60 não obtiveram formas de conhecer o sexo “científico”, normalizador, eles se mantiveram firmes na arte erótica de Carlos Zéfiro. Copiavam posições e falas para uma futura conversa, utilizando os catecismos como um “guia” para ser um homem e comportar-se com um. Em tempos que o Kama Sutra pousava nas estantes de intelectuais e era lido por pouquíssimas pessoas, o saber sexual ficou restrito a uma determinada classe social. Além disso, o material sobre o assunto era escasso e apresentava diversas dúvidas para o entendimento da questão. A obra de Freud foi considerada de alto prestígio entre os psicanalistas e psicólogos, mas acabou por ser pouco lida e entendida inclusive pelos médicos e sexólogos do período, que aliaram a uma visão distorcida sobre a sexualidade humana, principalmente sobre a sexualidade infantil.

Nessa definição, nada pode ser desconsiderado, já que a perversão era considerada uma moléstia a ser curada. Ainda existia certa “zona de desconforto moral” que eram ultrapassados com as histórias de Zéfiro. Sexo com animais, com homens, em público, em casas de prostituição, etc. A sexualidade muda, como podemos perceber, para se adaptar às transformações ocorridas na sociedade moderna, que passa do lar para a rua:

Um lado das transformações dos nossos dias é o desemaranhamento do sexo do denso tecido de direitos adquiridos e deveres assumidos. Nada retém melhor esse aspecto do que os conceitos de “sexualidade plástica”, “mero relacionamento” e “amor confluyente”, todos cunhados por Anthony Giddens. Nada resulta do encontro sexual, salvo o próprio sexo e as sensações que acompanham o encontro; o sexo, pode-se dizer, saiu da casa familiar para a rua, onde apenas os transeuntes acidentais encontram quem – enquanto encontram – sabe que mais cedo ou mais tarde (antes mais cedo do que mais tarde) seus caminhos são obrigados a se separar novamente. Como Henk Kleijer e Ger Tillekens resumiram a nova situação, “as práticas sexuais não unidas pelo dever, mas pelo prazer, são exportadas para o domínio entre a casa e o local de trabalho”. Somos tentados a tomar por hipótese que testemunhamos, atualmente o divórcio entre o sexo e a família, semelhante ao divórcio entre família e o negócio, detectado por Max Weber como um dos principais processos constitutivos do início da modernização. Como os Beatles cantaram profeticamente em 1965, “Não estou querendo dizer que ando infeliz com você/Porém, a partir de hoje, bem, conheci uma pessoa nova/Não sou boboca nenhum: não aceito o que não quero/pois achei outra garota.”³⁹⁰

³⁹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 184. Para Bauman, citando Freud, “A civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto” e impõe

A despreocupação com a família como elemento central da sociedade é sentida nas diversas narrativas de Zéfiro. O sexo não está relacionado ao casal ou ao casamento, mas aberto para que dois estranhos possam ter prazer. As posições sexuais estavam guardadas às amantes e não às esposas. O sexo oral, por exemplo, foi encarado pelas revistas como algo normal, e com certeza ele teve papel preponderante para a libertação sexual das formas ditas convencionais, porém, longe do quarto conjugal. Em muitos países há proibição ou vistas grossas a este tipo de relacionamento libertário, inclusive passível de multa e prisão, e em alguns casos pena de morte. Não é descrito ou falado abertamente, pois ainda é um tabu por questões relacionadas à legislação do período moderno, conforme podemos ver na obra de Anthony Giddens, **A Transformação da Intimidade**, em que demonstra as mudanças ocorridas na sociedade ocidental em matéria de saber sexual:

Um dos achados mais notáveis da pesquisa de Rubin, confirmado por outras pesquisas e que se aplica a todas as faixas etárias, é a ampla variedade das atividades sexuais em que a maior parte das pessoas se engaja ou julga apropriado que outro participem, se este é o seu desejo. Assim sendo, entre as mulheres e os homens acima de 40 anos, menos de um entre dez teve relação oral durante a adolescência; para cada geração de adolescentes, embora não universalmente praticado, o sexo oral é encarado como uma parte normal do comportamento sexual. Todo adulto entrevistado por Rubin já teve pelo menos alguma experiência nesse sentido – isso em uma sociedade em que o sexo oral é ainda descrito como “sodomia” nos códigos civis e é, na verdade, ilegal em 24 Estados.³⁹¹

Das primeiras posições sexuais que aparecem nos catecismos, quase sempre, o sexo oral é a iniciação de que a relação sexual estava acontecendo. Em uma delas, na paródia “Tarzan”³⁹², encontramos a importância do sexo oral, conforme mostra a macaca chita praticando em “Tarzan”: “Quem salvava a situação nestes momentos de terror era a Chita. Tarzan fizera a aprender a chupar o seu membro”.

“grandes sacrifícios” à sexualidade e agressividade do homem. “O anseio de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências particulares da civilização ou contra a civilização como um todo”. Trata-se de uma troca entre as possibilidades de gratificação por um quinhão de segurança, ao mesmo tempo em que há dificuldades inerentes à natureza da civilização que impedem qualquer tentativa de reforma.

³⁹¹ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo : Unesp, 1993. p.20

³⁹² ZÉFIRO, Carlos. **Tarzan**. Disponível em: <http://www.carloszefiro.com/buildframe.php?mag=Tarzan&pg=0&pgmax=32&thetitle=Tarzan>
Acessado em: 18-08-2014.

A adaptação literária era recorrente nos catecismos também. Livros da cultura erudita eram transformados em versões eróticas por Zéfiro.

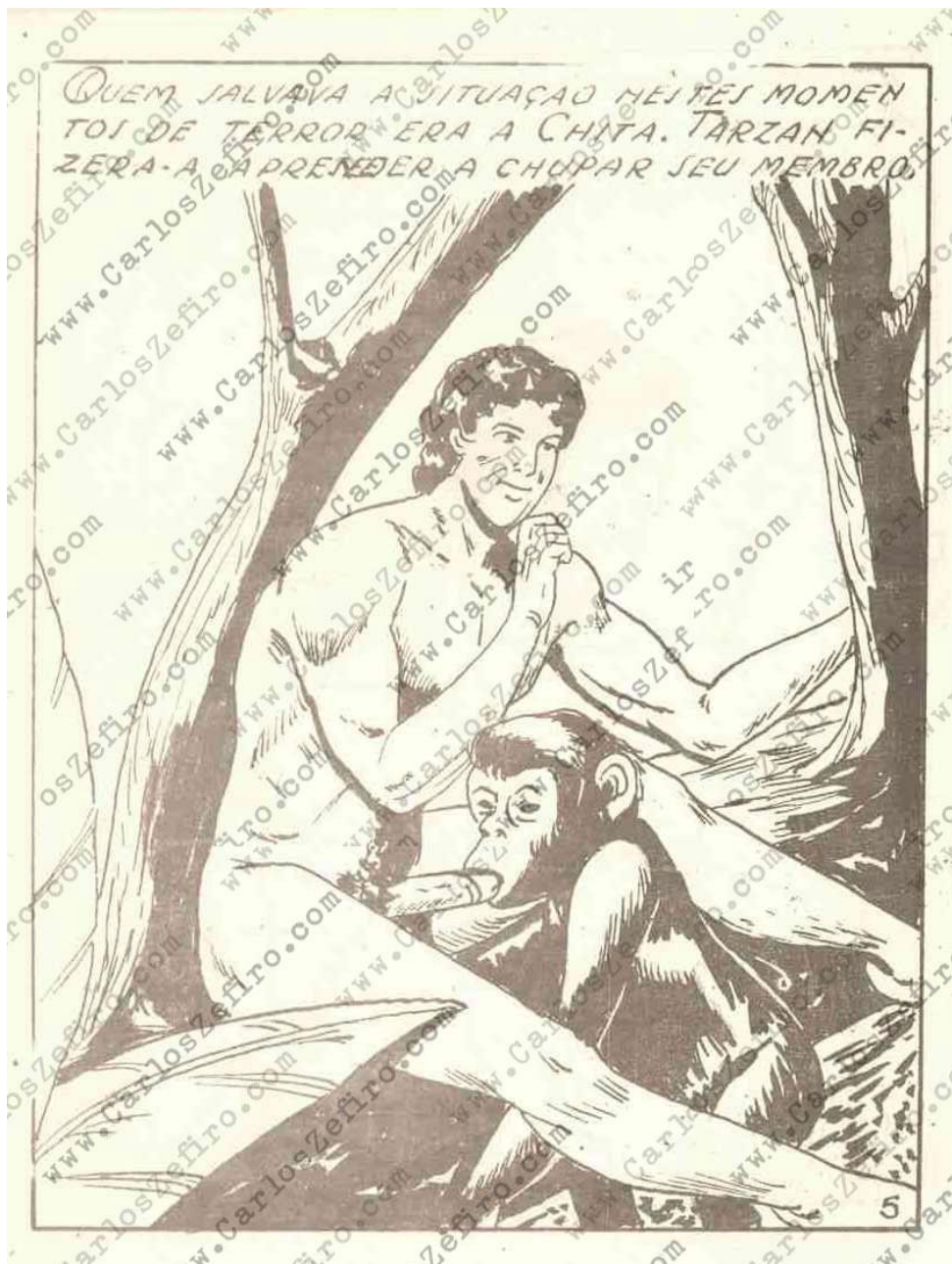


Figura 18 – Tarzan. Sexo oral da chita

A obra de Zéfiro, como pudemos demonstrar através das imagens e discursos cria uma série de discursividades. Elas estão interligadas as citações nos jornais, nas revistas, na literatura, nas pesquisas, o que torna Zéfiro uma possibilidade de pesquisa. Historicamente, a fotografia, assim como a imagem e outros tipos de texto

de caráter verbal e não verbal, compõe a textualidade de uma determinada época. Por essa razão é passível de ser descrita e analisada.

É necessário criar ferramentas específicas para analisar esse tipo de material. Apontaremos a história chamada “Escândalo”, na qual Zéfiro fala da história de um diário contendo narrativas dos relacionamentos amorosos com a Côrte. Apesar de situada em um reino, podemos perceber uma clara crítica ao Brasil do período de Zéfiro.

O quadrinista acabou por tornar-se o iniciador dos brasileiros na matéria de sexualidade, e por essa razão transitou tanto pela definição de pornografia, quanto de erotismo:

Os *catecismos* são, portanto, pornografia e erotismo, na medida em que tais termos, quando destituídos de seu caráter valorativo, podem designar a mesma coisa. [...] Se hoje os catecismos são expostos em balcões de livrarias renomadas é porque o gosto os destituiu de seu caráter excitante e transgressor, convertendo-os em artefato artístico e cultural e seu consumo pode, inclusive, significar uma marca distintiva, na medida em que, hoje, Zéfiro é *cult*. Os usos, portanto, foram recodificados. Se em um momento os catecismos eram consumidos por colegiais e indivíduos considerados ignorantes e até mesmo depravados, em outro, se tornaram artefatos artísticos. Os objetos continuam os mesmos, seus usos, sua apropriação é que se transformou, revelando que o que classifica uma obra como popular ou erudita não é exatamente o seu conteúdo, mas os seus usos.³⁹³

Até meados dos anos 80, alguns distribuidores, pequenas gráficas e editores alternativos se aventuraram na produção de quadrinhos nos moldes do velho catecismo, inclusive publicando dezenas de reproduções dos clássicos do Zéfiro. Mas logo abandonaram a atividade. Ficou a curiosidade dos mais jovens e a fidelidade dos colecionadores para as charmosas e excitantes revistinhas de sacanagem. Em 1985, no Parque Lage, na exposição “Velha Mania” foram expostos 112 desenhistas brasileiros, e o banheiro do evento ficou reservado a 10 desenhos de Zéfiro ampliados em Xerox, espaço que foi considerado pelo Jornal do Brasil como “chamariz” e a “grande vedete da exposição”.³⁹⁴

A obra de Zéfiro também abriu espaço para outras editoras, como a EDREL e a GRAFIPAR para novas modificações discursivas, inovações técnicas que fizeram

³⁹³ CARDOSO, Erika. **Carlos Zéfiro e os discursos morais no Brasil (1950-1970)**. Dissertação de Mestrado em História. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014. p. 30-31.

³⁹⁴ **Jornal do Brasil**. Caderno B. 09/08/1985 p. 8.

com que a produção pornográfica se multiplicasse e apresentasse novas definições para a construção das identidades masculinas.

3.2. Edrel e Grafipar: Fábricas de desejos

“Eu disse que não éramos troncos nem pedras – está muito bem. Deveria ter acrescentado que também não somos anjos, gostaria que fôssemos – mas homens revestidos de corpos e governados por nossas imaginações.”
(Laurence Sterne, **A vida e as Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy**³⁹⁵)

O fim da década de 70 e início da década de 80 constituiu um período de amplas mudanças estéticas, narrativas e temáticas, observáveis principalmente em publicações “alternativas” (revistas produzidas por pequenas editoras). Sem isso, hoje não poderíamos ver, nem assistir heroínas em roupas apertadas e sensuais. O início dessa visão se deu principalmente pelas edições de pequeno e médio porte que “inventaram” as características que depois seriam vista em editoras maiores dos E.U.A, estas que ainda seguiam com rigor seu Código de ética dos anos 50.

Algumas das editoras menores alcançaram certa visibilidade pelas suas publicações, e também criaram modos alternativos e independentes, longe do controle editorial das grandes editoras. De acordo com Mostaço³⁹⁶, as ideias de independente e alternativo recortam-se como conceitos que oferecem uma dada relação com o poder. Dado o domínio de certo poder instituído, que impera sob a ação de uma hegemonia, posta-se como uma oposição a ele, como uma soberania própria e isenta de seu controle. Se a Editora Abril era a “rainha das publicações” no Brasil, as editoras Edrel, de São Paulo, e Grafipar, de Curitiba, ficariam em um meio termo em relação a esse circuito “Alternativo”. Além de publicações de outras editoras, que traziam personagens e revistas consideradas alternativas e subversivas como a “Rê Bordosa”, o “Fradim”, os “Piratas do Tietê”, a “Casseta Popular”, entre outras, mostraram que era possível “fugir” do controle da informação e utilizar de liberdade de expressão.³⁹⁷

³⁹⁵ STERNE, Laurence. **A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy**. Tradução e notas José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³⁹⁶ MOSTAÇO, Edélcio. Alternativa: independência ou morte notas sobre o circuito da ideologia. In: **Arte em Revista** Ano 6, Número 8. São Paulo: CEAC, out./1984. p. 4.

³⁹⁷ “Durante os dois anos que vivi em Nova Iorque (73-74), eu escrevi perto de 600 cartas para os amigos e família. Nelas eu contava minha traumática via-sacra pelos hospitais americanos e os detalhes de minha experiência num sindicato distribuidor de quadrinhos. As cartas foram recuperadas e sairão com todas as imperfeições do meu subdesenvolvimento intelectual e gramatical.” HENFIL.

Apesar de hoje a presença e a influência dos *mangás* nas publicações de quadrinhos nacionais e internacionais ser algo muito comum³⁹⁸, no início da ditadura era quase inexistente. Com a chegada de imigrantes japoneses no Brasil, veio junto deles a influência desse estilo característico de publicação. Quando nos referimos à influência dos *mangás* estamos privilegiando, não apenas o estilo visual, mas todos os elementos constituintes de sua estrutura narrativa, que neste texto será compreendido por sua estética. A designação de *mangá* - palavra japonesa formada pela união de dois *kanjis*: *man* (humor) e *gá* (imagem ou desenho) -, explorada no trabalho, engloba não somente as histórias em quadrinhos, mas também em cartum, caricatura e até desenho animado³⁹⁹.

Foi através da editora Edrel, fundada em 1967, que o editor Minami Keizi pode difundir no mercado do quadrinho nacional as influências recebidas do Japão, lugar onde nasceu e onde teve seu primeiro contato com esse tipo de produção. Através de uma entrevista concedida à revista **Herói**⁴⁰⁰, Keizi relatou sua trajetória protagonizada na editora quanto à grande dificuldade que enfrentou em publicar algumas obras consideradas genuinamente mangás, como: **Ninja, Estórias Adultas, Gibi Moderno, O Samurai**, entre outras. No livro **Maria Erótica e o clamor do sexo**, Gonçalo Jr. (2010) apresenta um trabalho que mistura história, jornalismo e entrevistas, no qual conta a história dos editores da Edrel e Grafipar, a história de Minami, seus primeiros contatos com esse tipo de escrita japonesa, e como foi desenvolvendo a técnica do seu trabalho:

Minami descobriu também que os quadrinhos dos pais [Sazar-San, de Hasegawa Machiko (1920-1992)] eram criados e desenhados por profissionais denominados “mangakas”, que trabalhavam com pequenas equipes para ajuda-los na finalização das histórias. Cada um deles tinha um editor que se encarregava de ajuda-lo no possível para que o trabalho fosse entregue no prazo previsto – muitos eram mulheres, que cuidavam da construção das molduras, das letras e no preenchimento de espaços negros. Aprendeu também que os mangás eram classificados em cinco gêneros predominantes no mercado: Shonen (para meninos), Shojo (para

Cartas de um subdesenvolvido. **Fradim**. Editora Codecri. Rio de Janeiro-RJ. Dezembro de 1980 nº 30, p.15. Foi publicado no Fradim essa cartas, nas quais, Henfil conta que, mesmo sem saber inglês foi aos Estados Unidos para vender os seus quadrinhos para a **Playboy, Penthouse e Mad**, que acabaram não aceitando os quadrinhos, decepcionando o autor.

³⁹⁸ Recentemente, até o Maurício de Souza, concorrente das editoras Edrel e Grafipar, começou a publicar em versão Mangá, a “Turma da Mônica”, com o nome de “Turma da Mônica Jovem”.

³⁹⁹ LUYTEN, S. M. B. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. 2 ed. São Paulo, Hedra, 2000 p.43

⁴⁰⁰ JÚNIOR, Gonçalo: “Minami Keizi. (O pai do mangá no Brasil)”, In **Herói** nº 3. Conrad, São Paulo, 2002. p. 42-47.

meninas), Seinen (para rapazes), Redisu/Redicome (para moças) e Sejin (para adultos).⁴⁰¹

A editora Edrel acabou sendo a responsável por difundir essa cultura japonesa através dos seus quadrinhos com a publicação de temáticas não convencionais, por retratar histórias de samurais, questões psicológicas, terror, aventura, erotismo e cultura LGBTT. Dentre alguns lançamentos da editora Edrel, a revista **Ídolo Juvenil** publicada por volta de 1966 e 1967, com arte de Seto, foi a primeira publicação estilo *mangá* do Brasil.

Minami Keizi e Claudio Seto, descendentes da imigração japonesa, tinham o mesmo desejo: a realização profissional por meio da criação artística de quadrinhos. Não se conheciam e provinham do interior paulista. Ambos, entretanto, foram influenciados pelos mangás que leram na infância e buscaram em São Paulo alguma editora que soubesse reconhecer o talento que acreditavam possuir. Segundo Franco da Rosa:

Seto mudou o rumo da criação dos quadrinhos em nosso país. Tínhamos uma linguagem americanizada, quadrada, presa aos padrões pasteurizados pelo código de ética dos anos 50. A partir de 1968, Seto foi fundindo seu estilo japonês com as tendências psicodélicas, literárias e plásticas emergentes da época, somando-se a linguagem despojada criada pelo tablóide de humor O Pasquim. Foi assim que se acabou por criar no leitor brasileiro um gosto pelo quadrinho adulto que, censurado no Governo Médici, só pode voltar as bancas em 1978, com a editora paranaense Grafipar. Eles reapareceram nos gibis Eros, Neuros e Próton, todos dirigidos por adivinhe quem? Cláudio Seto. [...]⁴⁰²

Apesar das muitas dificuldades, conseguiram se estabelecer, dedicando suas vidas à produção de histórias em quadrinhos e revistas populares, principalmente de sexo. Os caminhos de Minami e Seto se cruzaram depois que o primeiro, então proprietário da Editora Edrel, viu, em uma publicação publicitária, as ilustrações daquele que seria seu principal colaborador e resolveu contratá-lo, em 1967. Na década de 1980, Seto tornou-se um dos mais reconhecidos quadrinistas no Brasil.

⁴⁰¹ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010 p. 27.

⁴⁰² ROSA, Franco de. **As taradinhas dos quadrinhos**. Editora Ópera Graphica.Vinhedos-SP, 2003 p. 68

EDREL

Uma das maiores dores de cabeça da censura militar foi a editora Edrel, fundada pelo nipo-brasileiro Minami Keizi no interior de São Paulo, em 1960.⁴⁰³ Considerado o pai do *mangá* no Brasil por Cláudio Seto, ele começou a carreira editando a revista **Garotas e piadas** e mais tarde lançou a revista **Cinema em close up**, que tornou-se uma revista de atores e diretores da pornochanchada.⁴⁰⁴ Minami foi o porta-voz, usando a revista para promover garotas que queriam virar estrelas. David Cardoso, ator do período, conhecido como “Homem Linguíça”, conta que: “Na Boca do Lixo (região que concentrava produtoras de filmes eróticos em São Paulo), atrizes viravam putas e putas viravam atrizes”.⁴⁰⁵

Esse ambiente, onde o sexo começava a ter um grande espaço, o qual levou Cláudio Seto a encontrar, no início, diversos problemas para se enquadrar no estilo de quadrinhos a que os brasileiros estavam acostumados, aos poucos, tentou se adaptar à cultura de modo geral:

Fiz muitos desenhos que as pessoas não aceitavam que fossem feitas em histórias em quadrinhos. E muitas histórias que ninguém entendia, pois acabava sem mais nem menos. Vendo agora, começar pelos títulos eram esquisitos: “A Vida Como Um Pingo D’água Numa Torneira Velha”, “690”, “O Meu Doce Pé de Caqui Amargo”, “Dinheiro Toca no Corpo Mas, Não Compre a Alma”, “Riá, Riá, Riá, É Porre” e “Rastros Viscosos de Um Mundo Psicodélico”, assim por diante. Já o experimentalismo era a coisa que eu mais adorava. [...].⁴⁰⁶

Minami Keizi⁴⁰⁷ também foi jornalista, escritor, desenhista e astrólogo com colaboração regular no jornal *Nippo-Brasil*. É hoje reconhecido como um dos

⁴⁰³ O apelidado “decreto Leila Diniz” mandou para os fornos da ditadura, nos quatro anos em que esteve vigente, mais de 500 publicações sobre sexo. Pelo menos um quinto desse número pertencia à Edrel. Como prova, o senhor Keizi, falecido em dezembro de 2009, deixou de herança mais de 300 correspondências que a censura lhe enviou durante os anos de chumbo.

⁴⁰⁴ **Minami em Close-Up** - a Boca em Revista. Gênero: Documentário. Sub-Gênero: Cultural. Diretor: Thiago Mendonça. Duração: 19 min. Ano: 2008 País: Brasil UF: SP.

⁴⁰⁵ CARDOSO, David. **Autobiografia do rei da pornochanchada**. Campo Grande/MS: Letra Livre, 2006. 437 p. Recentemente o canal HBO produziu uma série inspirada nesse período, **Magnífica 70**, que conta a história de uma produtora de vídeos eróticos e suas relações com um censor federal na Boca do Lixo.

⁴⁰⁶ **Entrevista de Cláudio Seto a Gian**. Disponível em: <<http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html>> Acessado em: 19-08-2014

⁴⁰⁷ O reconhecimento de seu trabalho, no entanto, é bastante recente e um dos sinais que o expressam é o fato de Minami Keizi ter sido agraciado no ano de 2004, com o Troféu Ângelo Agostini na categoria de Mestres do Quadrinho Nacional, premiação promovida pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-SP) mediante votação aberta para diferentes categorias.

primeiros produtores dos quadrinhos brasileiros, principalmente por ser um dos principais introdutores do estilo *mangá* do país, além de ter colaborado para a constituição de novos gêneros de histórias em quadrinhos voltadas para o público adulto. Também ajudou, seja como editor e mesmo como desenhista, a abrir espaços para novos talentos e a formar desenhistas e roteiristas para as histórias em quadrinhos no Brasil.

Podemos observar que o papel do editor não era fácil, já que composições técnicas não dependiam dos autores, mas sim de distribuidores, vendedores que dificultavam o processo de distribuição das revistas da Edrel. Em resposta a uma pergunta de Elydio dos Santos sobre as grandes dificuldades em ser editor, principalmente no campo dos quadrinhos, Minami responde que:

M.K. : A grande dificuldade até hoje continua sendo a distribuição. Temos apenas duas distribuidoras: a Dinap e a Chinaglia. Se no meu tempo as minhas publicações vendiam cerca de 70%, hoje em dia os editores acham a venda de 30% ótima. A Edrel distribuiu pela Chinaglia – havia um chefe de expedição (Santoro) que, se a revista vendesse 70%, reduzia a tiragem para 80%, em vez de aumentá-la pelo menos 10%.⁴⁰⁸

A editora **EDREL – Editora de Revistas e Livros**⁴⁰⁹ nasceu em dezembro de 1966⁴¹⁰, através de operações de negociação e agiotas. “Pagamos muito caro o que Salvador devia e, assim, pude ter contato pela primeira vez na vida com agiotas”, diria Minami:

Na prática, os agiotas eram os principais emprestadores de recursos dos pequenos editores de quadrinhos de São Paulo das décadas de 1950 e 1960. A informalidade desse tipo de negócio – algumas editoras nem registro na Junta Comercial tinham – estabeleceu essa prática. Não há registro de métodos violentos que eles tenham usado para receber seus empréstimos, que serviam para fazer revistas em quadrinhos. Muito menos de seus verdadeiros nomes. Alguns ficaram bem conhecidos no meio editorial por apelidos. Como Chico da Dina, dono da banca de revistas da rodoviária, e seu sócio, um tal de Zambardino. Tedeschini, do Rio de Janeiro, também emprestava dinheiro ao pessoal de gibis de São Paulo.

⁴⁰⁸ **Depoimento de Minami Kenzi a Elydio dos Santos Neto.** NETO, Elydio dos Santos. Minami Keizi, a Edrel e as HQs brasileiras: Memórias do desenhista, do roteirista e do editor. Disponível em: [www.eca.usp.br/qibiusp/downloads/MinamiKeizi%20-%20Artigo%20INTERCOM%20\(por%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto\).pdf](http://www.eca.usp.br/qibiusp/downloads/MinamiKeizi%20-%20Artigo%20INTERCOM%20(por%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto).pdf) Acessado em: 19-08-2014 p. 8.

⁴⁰⁹ O nome EDREL foi sugerido por João Hermes Fedatto, 20 anos que trabalhou com Jinki e que morreu afogado com a noiva na festa de inauguração da EDREL no Natal de 1966.

⁴¹⁰ “Abrimos a editora oficialmente no dia 20 de março de 1967 [...] Nossos parceiros diziam que o casamento era perfeito, que a editora ia dar certo pela combinação: Jinki, no fotolito; Minami, na criação; e eu, na administração”, Marcílio. A firma foi registrada no nome dos três sócios.

O mesmo faziam Ianny, De Gobbi, Victor Chiodi, Estevão La Selva, José Karaix e um gerente de banco que trabalhava também como agente do Deops. O mais famoso deles era Ari dos Santos, que tinha um homônimo, um dos diretores da distribuidora Fernando Chinaglia na capital paulista. A relação com essa distribuidora, aparentemente, aliás, permitia aos pequenos editores algum capital de giro, uma vez que a Chinaglia deixava faturar antecipadamente 50% dos produtos a serem entregues em 30 ou 60 dias. O restante seria acertado depois do recolhimento. Como as duplicatas que recebiam para 60 ou 90 dias eram considerados dinheiro em caixa, ficava fácil descontá-las com agiotas – que procuravam ao máximo barganhar uma comissão maior, de acordo com o desespero do editor.⁴¹¹

Nesse embate, a produção começa a mudar a partir de janeiro de 1967 com a proposta de fazer revistas para o público infanto-juvenil. Marcílio Valenciano⁴¹² foi chamado para a contabilidade e a empresa começa a se profissionalizar. As grandes editoras cariocas, Ebal, RGE e **O Cruzeiro** dominavam. Circulavam cerca de 120 títulos, que alcançaram aproximadamente 50 milhões de exemplares vendidos no ano – pouco mais de 4 milhões por mês.⁴¹³

O projeto da EDREL, contava com uma gama muito grande de agentes culturais, e para isso conseguiu o auxílio de muitos colaboradores entre os anos 60 e 70:

E: Havia algum conflito entre os projetos dos fundadores da Edrel? O Projeto que você tinha era o mais forte e que, de fato, orientou a criação da Edrel? Qual era o seu projeto pessoal para a Edrel?

M.K. : O carro-chefe da Edrel era quadrinhos (piadas). Salvador saiu da empresa depois que todas as duplicatas foram quitadas. Jinki⁴¹⁴ passou a dirigir a gráfica que montamos. Todavia, Jinki era um editor frustrado: em 1971 cismou que a Edrel tinha que mudar a sua segmentação. E eu achava que não. Para que mexer num time que estava ganhando? Em 1972, Jinki resolveu montar uma redação a parte e colocou o “Projeto Lar Moderno” (dele) em prática. Desgostoso, eu deixei a editora. O dinheiro que estava sendo economizado para compra de prédio próprio foi gasto para pagar a minha parte da Edrel.⁴¹⁵

⁴¹¹ **Depoimento de Minami Kenzi a Elydio dos Santos Neto. NETO**, Elydio dos Santos. Minami Keizi, a Edrel e as HQs brasileiras: Memórias do desenhista, do roteirista e do editor. Disponível em: [www.eca.usp.br/gibiusp/downloads/MinamiKeizi%20-%20Artigo%20INTERCOM%20\(por%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto\).pdf](http://www.eca.usp.br/gibiusp/downloads/MinamiKeizi%20-%20Artigo%20INTERCOM%20(por%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto).pdf) Acessado em: 19-08-2014 p. 8.

⁴¹² Nascido em Guaimbê, em 31 de janeiro de 1946. Foi a São Paulo em 1964, depois de concluir o curso básico de contabilidade no Instituto Americano de Lins. Ex-colega de Minami do Colégio de Lins.

⁴¹³ Existe certa dificuldade em torno do número de exemplares vendidos, a estimativa aqui colhida se dá pela fala de ex-editores destas revistas.

⁴¹⁴ Jinki era natural do município de Guarulhos, Grande São Paulo. Nasceu em 4 de janeiro de 1939. Como Minami, veio de uma família de japonês que migrou para o Brasil – no seu caso, na década de 30.

⁴¹⁵ **Entrevista de Minami Keizi a Elydio dos Santos Neto**. 17/04/2011. Disponível em: <http://www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1303069323> Acessado em: 01-12-2015. O *mangá* no Japão é lido de trás para frente.

Essa estruturação da Edrel teve como objetivo sanar problemas estruturais e também realizar alguns sonhos de Minami. De acordo com a entrevista, ele ainda diz que ia com frequência à Polícia Federal, mas nunca havia sido tratado mal. Porém, quando Fukue assumiu o posto, depois da sua saída, foi detido e torturado nas dependências da Polícia Federal por algo que tinha sido publicado. E depois de alguns meses, o Jink. Esse período é denominado por ele como o período de “Decadência da Edrel”.

A estrutura formada por equipes de desenhistas acabara sendo um diferencial da editora, que ajudaria na composição de três equipes fixas com Seto, Ikoma e Fukue. A Edrel começou com dívidas e foi formando estrutura e caixa e seus investimentos foram maquinários. Eles tinham fotolito, gráfica e até granulavam as chapas, só não fabricavam tinta e papel, e havia planos para montar distribuidora própria. Mas o que mais se destacava era o reembolso de livros, segundo Minami: “[...] Reembolso de livros. A gente tinha linha própria de livros com venda exclusiva pelo reembolso postal. O reembolso pagava toda a folha de pagamento da Edrel”.⁴¹⁶

Entre os colaboradores estavam Carlos Magno, Lucaz, Ral, Liesenfeld, Nelson Cunha, etc, e a lista crescia com os nomes de artistas que queriam trabalhar na Edrel. As publicações que o Seto produzia estavam: “O Samurai”, “Flavo”, “Ninja”, “Maria Erótica”. Ikoma: “Cibele, a Espiã de Vênus”; “Satã, a Alma Penada”; “Fikom”, “Play Boy”, “A Turma da Cova”. Fukue: “Tarun”, “Super Heros”, “Pabeyma”, histórias avulsas de Faroeste e de Terror.

Com a parte administrativa e com o maquinário funcionando, a publicação de revistas de cunho cômico, como os “Almanaques de Piadas”, foram a solução encontrada pela Edrel. Havia um interesse muito grande do público leitor por esse tipo de produção. Em entrevista, Cláudio Seto aponta as mudanças das revistas para os almanaques:

[...] Em 1970 o Minami resolveu acabar com todas as revistas individuais de 34 páginas e fazer revistas grossas de 140 páginas. Isso porque ele descobriu que o almanaque de encalhes vendia mais que as edições normais. Pelo menos foi o que argumentou. Havia duas linhas de revista: a de humor e a séria. Na linha humor havia as revistas Garotas e Piadas, Mil Piadas, As mais Quentes Piadas da Edrel, Seleção de Piadas, Rir vistinha, Evas Sem Censuras, Paquera e Fotohumor. E os personagens mais constantes eram: Paquera, Zé Experimentadinha, Turma da Cova e Maria

⁴¹⁶ **Entrevista de Minami Keizi a Elydio dos Santos Neto**. 17/04/2011. Disponível em: <<http://www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1303069323>> Acessado em: 01-12-2015.

Esperançosa do Fernando Ikoma e Maria Erótica, Beto Sonhador, Mata Sete, Zero Zero Pinga, Mandrácula e fotonovelas produzidas no nosso estúdio em Guaíçara. Na linha “séria” haviam as revistas: Estórias Adultas, Young Comic, Only Men e Revista de Terror. Grande parte das histórias eram avulsas e de gênero bastante variado. Tanto meu estúdio como o do Fukue produzimos várias histórias no estilo mangá. Foi uma época gostosa, prazer nosso era fazer experimentalismo, tanto no gênero como nos desenhos.⁴¹⁷

As experimentações de misturar humor e mulheres quase nuas foram publicadas nessa linha editorial como: **Garotas & Piadas**, **RirVistinha**, **Estórias Adultas** e, a famosa, **Maria Erótica**.

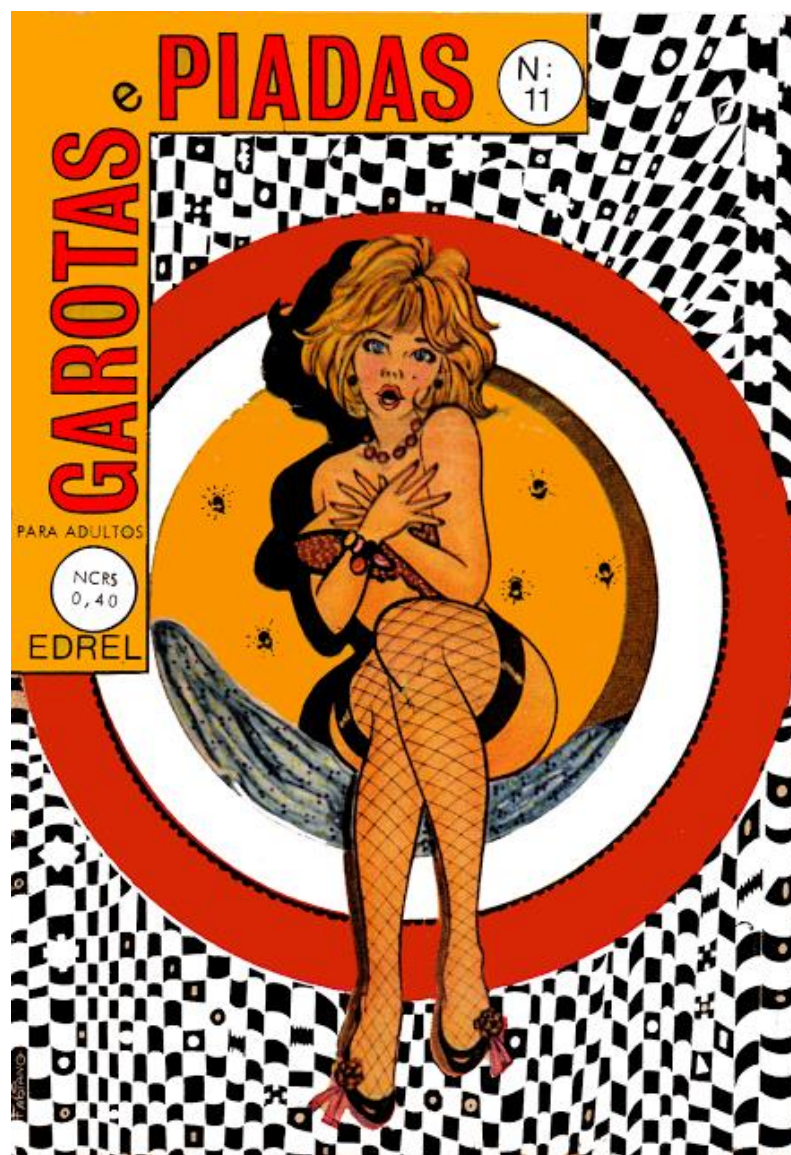


Figura 19 – Garotas & Piadas nº 14

⁴¹⁷ Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton. Disponível em: <http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html> Acessado em: 01-12-2015.

Garotas & Piadas

A revista **Garotas & Piadas**, ex-projeto de 1967, quando Minami ainda estava na Pan-Juvenil como desenhista e colaborador, acabou por se tornar proprietário da ideia:

[...] Uma das primeiras medidas tomadas por Minami para tentar ampliar o capital de giro da Edrel foi relançar a revista *Garotas & Piadas*, como novo projeto editorial e gráfico e melhora na qualidade das fotos e das piadas. Mesmo que significasse uma provocação aos juizes de menores que, em diversas cidades do país, não desgrudavam os olhos das bancas de jornal, prontos para mandar recolher revistas que considerassem ofensivas à formação de crianças e de adolescentes – mesmo com a venda proibida para essas faixas de público.⁴¹⁸

A revista misturava piadas picantes com fotos de garotas de biquíni compradas em agências internacionais. Elas tinham circulação de forma bem marginal – eram lidas em barbeiros, escondidas nas bancas, trocadas e lidas nas escolas por grupos de estudantes, etc. **Garotas & Piadas** inovou com o uso de *letraset*, e com imagens com uma qualidade bem superior ao que vinha sendo publicado, e por essa razão se transformou no principal título da editora. E em 1967 se expande para mais três revistas: **As mais quentes piadas**, **Calmante** e **RIRvistinha**:

Revistas como *Garotas & Piadas* traziam o que se chamavam de material de “carregação”, isto é, piadas compradas de agências, pirateadas de similares estrangeiros – principalmente argentinos – ou de artistas brasileiros em início de carreira. Muitas tinham qualidade mediana. Como complemento, eram colocadas fotos de garotas mais ou menos ousadas, de acordo com a disposição dos editores em arriscar a ter a edição apreendida. Ousadia, no caso, significava deixar um seio à mostra. Eram títulos montados às pressas, com venda fácil, dirigidos a um público que se acreditava ser pouco exigente – queriam apenas se divertir. Havia, porém, uma série de limitações morais quanto ao conteúdo das piadas, dos desenhos e das fotos das garotas. Embora muitas piadas explorassem o preconceito ligado a deficiências físicas, machismo e homossexualismo, tudo tinha de ser bem contido, sem desenhos de órgãos sexuais ou exposição dos pelos pubianos das mocinhas.⁴¹⁹

Podemos perceber que as piadas dirigiam-se principalmente a estereótipos, que ficaram durante muito tempo como uma questão recorrente em conversas cotidianas e espaços públicos: a loira burra, o homem afeminado, gordos, magros, feios, CDF’s, entre outros tipos sociais eram relatados em tais revistas. Criou-se

⁴¹⁸ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010, p. 80.

⁴¹⁹ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010, p. 81.

uma representação própria entre imagens cômicas e piadas esparsas em papel. Devemos nos atentar à importância do caráter histórico do humor e do cômico nesse sentido:

[...] o recurso cômico era não apenas pouco difundido devido à inexistência dos próprios meios de difusão, mas também havia um mal disfarçado desprezo da cultura em geral pela produção humorística, a não ser quando esta se mostrava suscetível de ser incluída — ou classificada — nos moldes estéticos consagrados do romance, do drama ou da epopeia.⁴²⁰

Essa estrutura seria seguida por diversas publicações, sendo a revista **Garotas e piadas** uma das mais conhecidas, que aliavam comédia, cartum e garotas nuas:

No começo de 1968, o único sucesso de vendas da editora EDREL, *Garotas & Piadas*, sinalizava a avidez do público por imagens de garotas seminuas, nem sempre tão sensuais como se prometia. [...] No primeiro semestre de 1968, Minami chegou à conclusão de que a Edrel precisava de uma identidade como publicadora de histórias em quadrinhos. “Assim que tive a oportunidade, comecei a fazer com que nossas publicações para adultos ficassem recheadas de sexo, uma vez que havia demanda, pois o erotismo era evidenciado na mídia, inclusive na publicidade. Mas procurava fazer isso sem cair na pornografia”, observou. [...] A identidade que Minami queria acabou por se definir esse ano, com a Edrel como uma editora de quadrinhos de sexo. Ele sabia que estava se metendo num terreno pantanoso e procurou tomar alguns cuidados.⁴²¹

O mercado da Edrel começou a especializar-se em erotismo, como podemos notar nos diversos tipos de publicações, e a mudança de imagens (desenhos) para as fotografias, tanto nas capas, quanto no interior das revistas, começou a dar um ar mais profissional para as publicações. Isso nos leva a pensar sobre a epígrafe do trabalho de Elias Thomé Saliba, **As Raízes do Riso**, na qual ele aponta que: “O humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo”.⁴²² A expansão começou rápida e levou Minami a utilizar diversas táticas para poder produzir seu material (imagens):

[...] Para *Garotas & Piadas*, conclui que precisava de um fornecedor com garotas mais modernas e sensuais e não aquelas de biquínis antiquados de uma ou duas décadas atrás. Por coincidência, quando pensava numa solução para o problema, recebeu a carta de um leitor que se oferecia para

⁴²⁰ SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 366 p. 43.

⁴²¹ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010, p.133-134.

⁴²² SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 366 p. 15.

ser fornecedor de fotos de garotas sensuais. Curioso era que, do mesmo modo como acontecera com Seto, a pessoa escrevia-lhe de Lins.

Chamava-se Luis Barreiros e se dizia representante de agências internacionais europeias que forneciam material fotográfico erótico. Ao procura-lo pessoalmente, numa viagem familiar a Lins, Minami encontrou um senhor meia-idade, que parecia ter bastante experiência em viagens internacionais. Barreiros disse que voltara recentemente ao Brasil e pretendia montar uma agência de notícias. Contou que fora correspondente de guerra da revista Manchete em vários países, inclusive no Vietnã, e se cansara daquela vida de repórter.

Barreiros afirmou ainda que tinha um contrato de representação de uma agência sueca para venda de fotos de garotas seminuas e até de fotonovelas de sexo explícito, se ele quisesse (e tivesse coragem de publicar). “Ele tinha umas pinups fabulosas, de encher os olhos, e fechamos ali um acordo verbal.” Minami saiu com uma quantidade razoável de cromos e, desde então, só publicaria mulheres europeias que seu colaborador fornecia – jamais procurou saber como as conseguia ou de que forma elas cruzavam o Atlântico e chegavam até ele. O editor também passou a usar beldades japonesas que pirateava de revistas adultas importadas compradas no bairro da Liberdade.⁴²³

Além das fotografias compradas ou pirateadas, aos poucos foram incorporados desenhistas, principalmente alguns descendentes de japoneses, que iriam desenhar as mulheres nuas e construir novas identidades a partir de uma visão mais nacional e menos tradicional. Um desses desenhistas seria Claudio Seto:

Um belo dia apareceu um cidadão do tipo descobridor de talentos, e arrumou emprego na seção de desenho de tecido e fotolito da Fábrica de Tecidos Votorantin. Influenciado por um amigo chamado Wilson de Campos que era desenhista da Votorantin, e que sonhava fazer quadrinhos e desenhos animados, enviei uns passatempos já diagramados em páginas inteiras para a Indústria Gráfica Bentivegna que foram logo publicadas. Isso em 1966 na revista Garotas e Piadas, Nº 6. Anos depois fiquei sabendo pelo Minami Keizi que o Salvador Bentivegna publicava porque eu mandava já fotolitado. Como na época os filmes de fotolito custavam uma nota, ele publicava por questão de economia.⁴²⁴

Podemos colocar que, para o desenvolvimento da editora, a revista tentaria facilitar a relação entre editoras e leitores. Nas páginas de **Garotas e Piadas**, especificamente em seu número 14, de 1968, há uma seção chamada “Opinião”, que contém algumas perguntas a serem respondidas pelos leitores, na qual, interagindo com a publicação, poderia enviar sua contribuição, e com isso ganhar alguns prêmios: “Envie-nos a sua opinião e ganhe grátis “O Samurai” – Segundo volume da fabulosa coleção **As Gatinhas**: É fácil ganhar; preencha as respostas

⁴²³ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010 p. 120.

⁴²⁴ **Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton**. Disponível em: <<<http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html>>> Acessado em: 19-08-2014.

abaixo e envie-nos juntamente com 5 (Cinco) recortes de capas (Títulos das revistas de nossas publicações).”

Na enquete, as perguntas são muito significativas:

1 – Onde você comprou essa revista? Cite o nome da banca ou da livraria com seu respectivo endereço.; 2 – Qual a outra revista ou revistas de nossa publicação que lá encontrou?; 3 – O que você achou desse número de Garotas e Piadas? Ainda falta algo?; 4 – Você gosta de livros de ficção ou realista?; 5 – Onde você costuma comprar seus livros? Cite o nome da livraria e endereço.; 6 – O que você acha das obras de Nelson C. Y. Cunha? Já leu “Origem dos deuses e semideuses”? E dos contos publicados nessa revista?; 7 – O que você acha das capas de Garotas e Piadas? Em sua opinião qual foi o número que teve a melhor capa? De que desenhista?; 8 – Qual(is) a outra (s) revista(s) que você compra mensalmente?; 9 – Poderia opinar algo sobre a revista Mil Piadas e RIRvistinha?; 10 – Qual a sua sugestão para o próximo número de Garotas e Piadas?⁴²⁵

Curiosamente, além de dados como “Nome”, “Endereço”, “Cidade”, “Idade”, “Sexo”, perguntava-se o “Grão de Cultura”. Essas facilidades fizeram com que a editora abrisse outras frentes para a produção de quadrinhos mais adultos, como histórias mais complexas e pitadas de terror e psicologismo, como a publicação de **Estórias Adultas**.



Figura 20 – Estórias Adultas, gibi moderno. 1ª edição, 1969.

⁴²⁵ Revista **Garotas e Piadas**. Editora Edrel. SãoPaulo-SP, Nº 14, 1968 p.18.

ESTÓRIAS ADULTAS

No segundo semestre de 1969, apesar do período de intensas vendas no campo do quadrinho brasileiro, as editoras passavam por uma séria crise: inúmeros títulos haviam sido cancelados, e vários desenhistas estavam deixando de fazer histórias em quadrinhos para se dedicarem a atividades mais lucrativas como marketing, publicidade e ilustrações de livros didáticos. Foi justamente nessa época que a Editora Edrel, sob a direção de Minami Keizi (diretor editor), Marcílio Valenciano (diretor administrativo) e Jinki Yamamoto (diretor responsável), lançou um gibi que estava muito à frente de seu tempo: **Estórias Adultas**:

A História em Quadrinhos nacional não [...] evoluiu muito nestes últimos 25 anos. Os mesmos gibis de outrora saem, talvez até com regressão. Isso porque são os mesmos editores, as mesmas idéias e conceitos, que editam o gibi nacional.

Muitos preferem editar gibis com materiais importados. Em consequência disso há a falta de trabalhos para os desenhistas nacionais, desistência de grandes artistas do pincel e muitas outras coisas.

– Não há bons desenhistas nacionais... – diriam alguns.

Bem, leitores, a nossa única prova é esta: o gibi que vocês estão folheando. É produzido inteiramente pelas equipes Edrel. Não é uma prova suficiente?

As nossas revistas são diferentes porque mantemos diversas equipes com exclusividade, isto é, somos uma família unida na concretização de um ideal. O nosso pessoal entende de gibi [...]. E nós estamos trabalhando para que vocês, leitores, tenham sempre as melhores revistas e retomem o otimismo pelo gibi nacional.⁴²⁶

As palavras acima foram extraídas de “Quadrinhos ou Rodinhas?”, o editorial do primeiro número de **Estórias Adultas**. Com a chegada de quadrinhos e heróis de sucesso dos E.U.A. , surgiu uma preocupação na produção nacional. A importação da editora Abril e pelas grandes editoras, de histórias em quadrinhos de personagens, temas e narrativas de fora fez com que os leitores abandonassem as revistinhas nacionais. As discussões feitas na primeira edição podem ser complementadas pelo seguinte trecho de “A Hora da Decisão”, o editorial do segundo número da revista:

Não criticamos ninguém e nem tampouco desprestigiamos aqueles que produzem e editam o gibi nacional. No entanto, as coisas estavam tomando um ritmo crítico e acima de tudo negativo; era preciso tomar uma decisão nua e crua para salvarmos o que é nosso, mesmo que isto viesse magoar ou ironizar alguns editores, que se julgam os pais das histórias em

⁴²⁶ Revista **Estórias Adultas**. Editora Edrel. São Paulo-SP, Nº 1, 1969.

quadrinhos nacionais e que na realidade são os que menos entendem de quadrinização de histórias [...]. Ninguém se importava em renovar, oferecendo melhor qualidade aos leitores; pelo contrário, continuavam a fazer aquilo que vinham fazendo [...] dezenas de anos atrás, um emaranhado de revistas fúteis e grotescas, uma concorrendo com a outra sem resultado positivo [...]. O gibi nacional atingia o clímax do caos, pois distanciava-se dia a dia dos materiais importados [...]. Os leitores já estavam perdendo a confiança nos destinos do nosso gibi nacional, não o prestigiando mais e se desinteressando pelos ditos cujos, tudo isso pela falta de equipe, compreensão mútua entre o produtor e editor. Era então chegada a hora de iniciarmos uma guerra em que o grande beneficiado seria o leitor, porque teria menos revistas e mais qualidade [...]. As revistas da 'EDREL' levam o boneco do 'TUPÃZINHO', como logotipo em suas capas [...]. Comprando as revistas da 'EDREL', você estará não só prestigiando os artistas e editores nacionais, como também estará comprando as melhores revistas do gênero existentes na praça."⁴²⁷

Pelo que está dito nesses dois editoriais, percebe-se que a principal intenção da Edrel, ao lançar **Estórias Adultas**, era editar um gibi totalmente diferente daqueles que estavam sendo publicados na época, como a Editora Abril que publicava gibis internacionais. Esse objetivo foi, sem dúvida alguma, alcançado, porque:

- 1 – os primeiros números de **Estórias Adultas** foram publicados com 132 páginas (até então, a maioria dos gibis com material nacional tinha apenas 36 páginas);
- 2 – ao contrário dos demais gibis que só publicavam histórias em quadrinhos de um único gênero, **Estórias Adultas** apresentava histórias em quadrinhos de diversos gêneros;
- 3 – diferentemente da maioria dos outros gibis, que se destinava às crianças ou aos adolescentes, **Estórias Adultas** destinava-se a um público adulto, inteligente e sofisticado (seu público alvo era o mesmo que lia a francesa *Charlie* e a italiana *Linus*);
- 4 – fortemente influenciadas pelos quadrinhos japoneses e pelos trabalhos de alguns quadrinistas estrangeiros de vanguarda (Enric Sió, Esteban Maroto, Guy Peellaert, Jean-Claude Forest, entre outros), as histórias em quadrinhos publicadas em **Estórias Adultas** têm uma originalidade, uma ousadia e uma modernidade que não existe na maior parte da produção quadrinhística brasileira do mesmo período.⁴²⁸

Enfim, **Estórias Adultas** era um gibi moderno – portanto, não é à toa que teve estampado na capa de diversos de seus números o subtítulo de “gibi moderno”. E era um gibi que dava total liberdade a seus autores.

⁴²⁷ Revista **Estórias Adultas**. Editora Edrel. São Paulo-SP, N°2, 1969

⁴²⁸ LUCCHETTI, Marco Aurélio. **Estórias Adultas**: uma revolução nos quadrinhos brasileiros. Disponível em: <http://www.jornaldocinema.com.br/NUMERO%208/estoriasadultas.html> Acessado em: 26-08-2014.

E: E sobre o gênero de Estórias Adultas? Como surgiu a idéia de publicar uma coleção com este gênero? Quais as dificuldades de trabalhar com ele? Por exemplo, dos pontos de vista da moral, da política e da educação tradicional?

M.K. : No Japão há uma divisão em publicações: mangás para moças, mangás para rapazes, mangás para meninas, mangás para menino, e mangá para adultos. Resolvi seguir o exemplo e lançar um gibi para adultos, com estórias fortes, encorpado e nasceu “Estórias Adultas”. Muito trabalho com a censura.⁴²⁹

Estórias Adultas se tornaria o efetivo sucesso na primeira fase do erotismo brasileiro através dos quadrinhos, inclusive com a intensão de criar uma classe de leitores e também de desenhistas. Nela, havia um curso de *Comics* por correspondência, no qual passaram cerca de 2 mil alunos. Sua ideia era lançar um estilo diferente, história em quadrinhos para adultos simplesmente para entretenimento. Para que o sucesso se tornasse completo, a editora só necessitava de um herói, ou melhor, de uma heroína. E o nome dela era **Maria Erótica**.



Figura 21 – Primeira aparição de Maria Erótica, Edrel

⁴²⁹ Entrevista de Minami Keizi a Elydio dos Santos Neto. 17/04/2011. Disponível em: <<http://www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1303069323>> Acessado em: 01-12-2015. O curso Comics a pessoa fazia via postal e de graça. Um das propagandas estão no Anexo em Revistas da Edrel.

Maria Erótica e o clamor pelos homens

A personagem que estampa diversos livros sobre quadrinhos brasileiros, Maria Erótica, pode ser considerada a marca registrada dessa geração de quadrinistas. Cláudio Seto, seu criador, tornou-se articulador da Edrel e acabou levando Maria Erótica para a Grafipar. Essa heroína apareceu como personagem coadjuvante da série Zero-Zero Pinga, uma sátira de James Bond e depois ganhou uma revista própria que foi publicada de 1970 a 1972, e misturava erotismo, humor, mistério e aventura.

No livro **As taradinhas dos quadrinhos**, Franco de Rosa, que também trabalhou para a Grafipar, assim a define: “A loura Maria é peituda, de pernas compridas e quadris largos, e desnuda-se com frequência”⁴³⁰. Paulo Fukue, editor da personagem diz:

Maria Erótica é uma garota cercada pela extrema moral beata. Por outro lado, pelos instintos naturais de seus hormônios. Nessa luta entre a castidade e o prazer, ora dando vazão traumática aos seus recalques, ora atuando em sua moral conservadora, faz nascer as mais mirabolantes situações. Maria Erótica é pura, ingênua e fria e, ao mesmo tempo, sexy, maliciosa e quente.⁴³¹

Nas histórias publicadas entre 1970 e 1972, que misturavam um lado cômico com um lado sensual, Maria Erótica sempre tentava preservar a sua castidade. Porém, sempre acontecia algo que a fazia sair em busca do prazer sexual. O homem que lia essas estórias estava condicionado a sanar seus instintos, conforme aponta Freud:

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado ‘santo’ o proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com

⁴³⁰ ROSA, Franco de. **As taradinhas dos quadrinhos**. Editora Ópera Graphica. Vinhedos-SP, 2003 p.

60.

⁴³¹ DANTON, Gian. **Grafipar. A editora que saiu do eixo**. Kalaco, São Paulo, 2012 p. 21.

a supressão do instinto, torna-se um 'criminoso', um 'outlaw', diante da sociedade - a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um 'herói'.⁴³²

Esses quadrinhos seguiam o estilo *gekigá*⁴³³ (Histórias dramáticas, mangá para Adultos), na qual Cláudio Seto a colocava em situações nas quais ela sempre passava por algum tipo de trauma, ocasionando grandes problemas psicológicos, como a perda de memória. Quando ficava nua, era por algum descuido ou algum lugar onde acabou por rasgar sua roupa. O homem tomava para si a tarefa de se imaginar com Maria Erótica. Seria ele, o leitor, um herói ou um vilão?

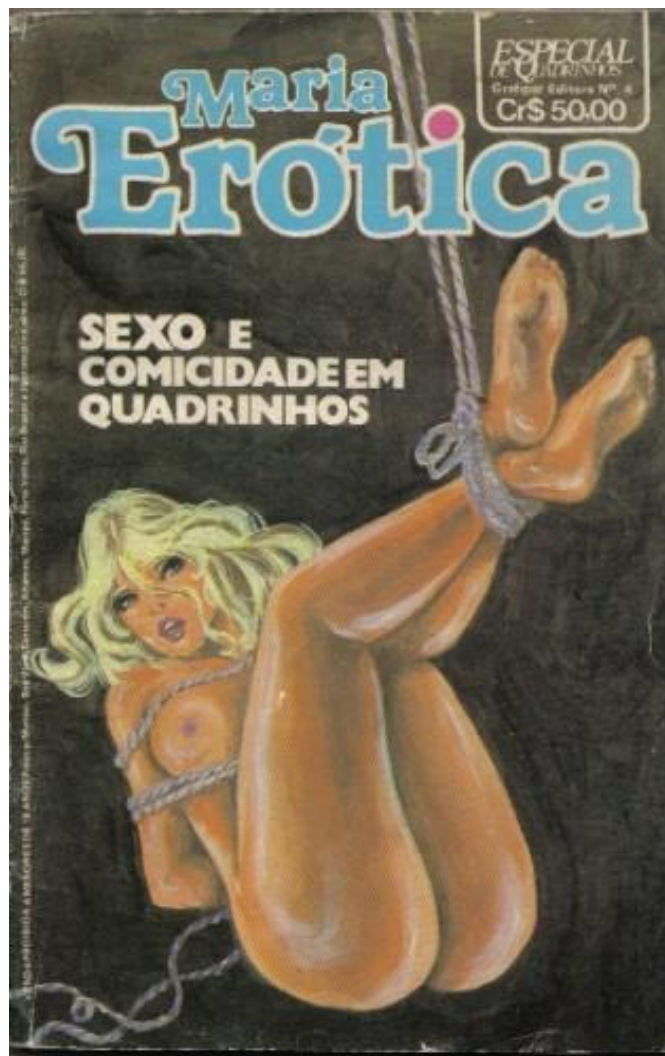


Figura 22 – Maria Erótica e o Sadomasoquismo, Grafipar, nº4

⁴³² FREUD, Sigmund. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna.(1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). p. 101.

⁴³³ Tem um toque violento e realista. São *gekigás* conhecidos as séries Lobo Solitário, Crying Freeman, Mai e Akira.

Transição e transações: Maria Erótica vai à Curitiba

Vale lembrar que Edrel e Grafipar, apesar da grande quantidade de títulos e exemplares que publicaram, nunca alcançaram o prestígio e capital político das grandes editoras com as quais concorriam. No caso da curitibana Grafipar, a situação era ainda mais peculiar, já que se constituiu fora do eixo Rio-São Paulo. Ainda assim, no início da década de 1980, reuniu alguns dos melhores quadrinistas brasileiros.

Daí a importância do trabalho de Gonçalo Júnior, **Maria Erótica e o clamor do sexo**⁴³⁴. Ao escrever sobre as personagens participantes das editoras até certo ponto marginais no mercado editorial, recuperou também publicações que corriam o risco de desaparecer, já que dificilmente encontraram o interesse dos arquivos públicos e se perdem dispersas pelas poucas coleções particulares que ainda as preservam.

Outro elemento que chama a atenção em “Maria Erótica” é o cuidado e dedicação dos profissionais que trabalhavam para estas pequenas editoras. Ainda que mergulhados numa lógica de trabalho fabril de textos e ilustrações, com prazos apertados e conscientes de estarem produzindo publicações que visavam o consumo imediato, e, na maioria das vezes, descartável, preocupavam-se por apresentar inovações, tanto no estilo do traço, quanto no conteúdo. Para além do mercado, do descartável, Minami, Seto e muitos outros quadrinistas praticamente anônimos buscavam realizar arte e oferecer ao público um produto cultural legítimo.

Com essa produção veio o reconhecimento dos leitores, e por conseguinte dos críticos. Em entrevista com Cláudio Seto, criador da personagem Maria Erótica Danton pergunta da influência dos quadrinhos internacionais:

A pergunta é a seguinte: sua Maria Erótica tinha influência dos desenhos de Guido Crepax?

Seto – Não. Tomei conhecimento dos desenhos do Crepax na “Grilo”, fiquei fascinado. Adorava os desenhos dele, mas Valentina não servia para modelo de Maria, porque era muito magra e elegante. Maria tinha que ser gostosona, bundinha redonda e seios fartos. Podemos dizer que Maria Erótica está mais para a Paulete do Pichard do que pra Valentina do

⁴³⁴ GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010.

Crepax. Essa coisa da Maria ser uma “loira burra” e gostosa, também tem muito de Paulete.⁴³⁵

Por fim, resta dizer que poucos são os trabalhos que conseguem dimensionar a gravidade da censura prévia no Brasil através das revistas eróticas. “Maria Erótica e o clamor do sexo” consegue, e só por isso já mereceria nossa leitura atenta. No saldo, Gonçalo Júnior, ainda que bastante descritivo e sem atentar-se para a historiografia do período em suas análises, tem o mérito de instigar o interesse e apresentar elementos para pesquisas que se proponham a também olhar para estas publicações aparentemente de pouco valor, mas importantes para a constituição de um olhar inédito a respeito de nossa história política e cultural.

Mesmo com todas estas inovações, temas e mulheres, a editora Edrel chegou ao fim. Para Cláudio Seto, a última nota foi tirada em dezembro de 1973. Uma página de quadrinhos custava 70 cruzeiros, e a página de piadas, 30 cruzeiros, mudanças que podem ser observadas no passar dos anos:

– Quanto ganhava um quadrinhista da Edrel?

Seto – Não faço idéia quanto seria se fosse hoje, mas a título de curiosidade, pelo bloco de notas dá para ver que já existia inflação: No dia 22 de março de 1972, uma página de quadrinhos custava 40,00 cruzeiros. Produzimos neste mês: 16 páginas da personagem Psikuy (Julgamento), 17 páginas da personagem Ninfeta Fantástica, 19 páginas de Samurai (Vingança Frustrada) e 8 página de uma história chamada Falso Mundo. Já em dezembro deste mesmo ano, a página custava 60,00 cruzeiros, e nosso estúdio produziu 88 páginas, sendo: 16 paginas de “Sonhos Vão”, 16 páginas de “Rastos Viscosos” (histórias psicodélicas), 9 páginas de “Iniciação”, 22 páginas da personagem Psykui, 17 páginas de “Tristeza não tem fim” e 8 páginas de “Fotohumor”. Em julho de 73 pagavam 70,00 por página.⁴³⁶

As oscilações econômicas traduziram também em problema e solução. Se os custos dos quadrinhos aumentavam, aumentava o valor nas bancas. O processo de crise econômica afetou também a produção de roteiristas, compras de papel e custos finais.

A Edrel contribuiu para que houvesse no Brasil, ainda na década de 70, a publicação do estilo *Shojo Mangá*. Cláudio Seto confirmaria quando diz: “Lembro publiquei duas histórias nesse estilo: “Lágrimas do Céu” e “Cinderela do Paraná” no Estadinho, além de várias ilustrações e passatempos também nesse estilo. Ainda

⁴³⁵ **Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton.** Disponível em : <http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html> Acessado em: 01-12-2015.

⁴³⁶ **Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton.** Disponível em: <http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html> Acessado em: 01/12/2015.

tenho alguns originais da época.” O “Estadinho” era suplemento do jornal **O Estado do Paraná**. Em 1975, Cláudio Seto se muda para Curitiba a trabalho, torna-se ilustrador de um jornal em setembro de 1976 e termina na Grafipar, tradicional publicadora de livros para venda de porta em porta, lançando a revista **Peteca**. Como podemos perceber, a mudança que irá ocorrer é a transição de um tipo de erotismo para a pornografia, uma mudança já corrente nas publicações do período e que se intensificam com a nova editora, conforme apontado por Vargas Llosa, em **A civilização do espetáculo**:

O erotismo desapareceu, tanto quanto a crítica e a alta cultura. Por quê? Porque o erotismo, que transforma o ato sexual numa obra de arte, num ritual que a literatura, as artes plásticas, a música e uma refinada sensibilidade impregnam de imagens de elevado virtuosismo estético, é a própria negação desse sexo fácil, expeditivo e promíscuo no qual desembocou paradoxalmente a liberdade conquistada pelas novas gerações. O erotismo existe como contrapartida ou como desacato à norma, é uma atitude de desafio aos costumes estabelecidos e, por isso mesmo, implica segredo e clandestinidade. Trazido a público, vulgarizado, degrada-se e eclipsa-se, não realiza a desanimalização e a humanização espiritual e artística da atividade sexual que outrora possibilitou. Produz pornografia, barateamento insolente e canalha daquele erotismo que, no passado, irrigou uma corrente riquíssima de obras na literatura e nas artes plásticas, que, inspiradas nas fantasias do desejo sexual, produziam memoráveis criações estéticas, desafiavam o status quo político e moral, lutavam pelo direito dos seres humanos ao prazer e dignificavam um instinto animal, transformando-o em obra de arte.⁴³⁷

Esse espetáculo da civilização fez com que, aos poucos, quase todas as publicações da editora fossem vertidas de erotismo para a pornografia. O êxito estimulou o editor Faruk El Kathib a convidar Seto a montar um núcleo de quadrinhos em 1978. Daí nasceu revistas 100% nacionais, como **Eros, Quadrinhos Eróticos, Sexo em Quadrinhos, Aventura em quadrinhos, Perícia, Neuros, Próton** etc.⁴³⁸ Quase dois anos depois, em março de 1980, **Maria Erótica**, a personagem que Seto consagrou na Edrel, ganhou revista própria com 32 páginas mensais. Antes, saíra no volume 2 de **Homo Sapiens** e de **As Fêmeas**, e tivera um número especial de 96 páginas na série Especial de quadrinhos – Volume 4.

⁴³⁷ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p. 58.

⁴³⁸ No final da tese nas referências das fontes apresentamos os nomes das obras, ano e o número de edições.

A mocinha ingênua, com traços humorísticos do passado, mudou ao menos no visual e deu lugar a uma bela mulher, voluptuosa, de curvas generosas – quadris largos, cintura fina e seios maiores.



Figura 23 – Maria Erótica, Grafipar , nº1/80

A capa do número de estreia é bastante simbólica para o que pretendia Cláudio Seto ao ressuscitar Maria Erótica. Vê-se uma garota loira nua deitada e com o bumbum levantado, enquanto diversas personagens da literatura, do cinema e dos gibis correm em sua direção com vontade de possuí-la. Pode-se identificar desde o coelho de Alice no País das Maravilhas, até o Pinóquio e o Pequeno Príncipe. Há

ainda Tarzan, Zorro, Tonto, Robin Hood e o Corcunda de Notre Dame, dentre outros⁴³⁹.

Maria deixou de ser quase morena, ficou mais sexy e com traço sofisticado, mas não perdeu sua essência de garota ingênua que está sempre nua nas mais inusitadas situações e não percebe que todos os machos que cruzam seu caminho querem apenas fazer sexo com ela:

Todos tentaram, principalmente Beto Sonhador [personagem recorrente das histórias de Maria Erótica], mas nunca conseguiram tirar a sua virgindade. Porém, Cláudio Seto deu um jeito de mostrar Maria Erótica trepando à vontade no mundo da fantasia. Isso porque as aventuras de Maria Erótica se passavam em dois planos. Nas histórias que se passam no mundo real Maria mantém sua característica de virgem moralista, no mundo da fantasia ela é uma libertina. É dessa fase, uma aventura que se tornou obra-prima do gênero, com Maria Erótica sendo seduzida por um depravado Pinóquio, um boneco de madeira que adora contar mentiras porque a cada mentira seu pau cresce. E, assim, Maria Erótica passa a sacanear Peter Pan, Sininho, a Bela Adormecida, Alice, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, entre outras heroínas das histórias infantis. Nem mesmo Drácula escapa. Pois surge o Conde Ejácula, um vampiro que em vez de pescoço, gosta de morder a bunda.⁴⁴⁰

Os personagens masculinos das revistas da Grafipar saem todos em busca de tirar a virgindade, a todo custo, de Maria Erótica. Apenas em meio ao sonho e a fantasia era possível ver a “verdadeira” Maria Erótica. Ela seria uma “devoradora de homens”. Para essa reinvenção da personagem, Seto recorreu a Nelson Padrella, um dos melhores roteiristas da editora, que abriu a revista com a aventura “No mato sem cachorro”, uma delirante experiência em que satiriza o livro **Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll.

Com pouca roupa e sempre em fuga, Alice encontra outras figuras conhecidas, como o Pinóquio. Porém, é vigiada o tempo todo pelo coelho, que lhe repreende, afinal, libidinagem era algo inadmissível pela rainha. Essa edição traz a estrutura que marcaria a coleção **Maria Erótica**, uma das mais bem-sucedidas da Grafipar, com 18 números publicados até 1982. Depois, saíram mais dois volumes da série **O diário íntimo de Maria Erótica**. Nestes, a personagem narrava suas experiências

⁴³⁹ É interessante a tentativa de adaptação de histórias infantis para o universo adulto.

⁴⁴⁰ ROSA, Franco de. **As taradinhas dos quadrinhos**. Editora Ópera Graphica. Vinhedos-SP, 2003 p.65-66.

sexuais numa história que trocou o humor característico por um texto adulto, com cenas de sexo sadomasoquista e *shibari*.⁴⁴¹

A ideia de adentrar nos relatos da personagem inspirou Mozart Couto a criar **O diário de Nara**, uma novela de muito erotismo com 40 páginas, que abriu o número dois da revista.⁴⁴² Fechava a edição uma história de Minami Keizi, assinada por Rose West, com desenhos de Julio Shimamoto.

Além dessas publicações Cláudio Seto foi considerado, por um grupo de Curitiba, o pioneiro do Shibari no Brasil.⁴⁴³ Diferentemente do que pensavam, o Shibari estava ligado às técnicas de samurais e de *bonsai*, e não a mulheres amarradas:

– Então você é praticante do shibari mesmo?

Seto – Atualmente as únicas coisas que amarro agora são galhos de bonsai para entortar. Antes eu amarrava mulheres, mas só nas histórias em quadrinhos. Na verdade tenho conhecimento da arte do shibari porque eu tinha um livro antigo, que mostrava todos os tipos de nós e amarras, que os samurais aplicavam para imobilizar os prisioneiros de guerra. Então eu aplicava essas técnicas nos quadrinhos eróticos.⁴⁴⁴

Na primeira edição da revista **Maria Erótica**, os diretores da Grafipar, Grafica Editora Ltda, eram Faissal El-Khatib e Faruk El-Khatib. Sob a “Coordenação Geral do Grupo Quadrinhos”, ficou a direção de Cláudio Seto, e a “Redação” ficou a cargo de Ataíde Braz, e por fim, a “Arte” ficou para José Victor Citt que acabaram por fazer um trabalho muito profissional, próximo das publicações estrangeiras. Além é claro,

⁴⁴¹ Shibari (しばり) é um verbo japonês que significa literalmente amarrar ou ligar, e é usado no Japão para descrever o uso artístico na amarração de objetos ou pacotes. Kinbaku (緊縛?) é a palavra japonesa para "bondage" ou ainda Kinbaku-bi, que significa "o bondage bonito". Kinbaku (ou Sokubaku) é um estilo japonês de amarração sexual ou BDSM, que envolve desde técnicas simples até as mais complicadas de nós, geralmente com várias peças de cordas (em geral de 6mm ou 8mm) e que podem ser de materiais diferentes, sendo a tradicional corda japonesa utilizada para o Shibari, a de cânhamo. A palavra Shibari tornou-se comum no ocidente, em meados dos anos 1990, para denominar a arte de amarração chamada Kinbaku.

⁴⁴² No trabalho de pesquisa da tese foi encontrada uma revista chamada **Ninfeta** com desenhos de Mozart Couto, e que não foi encontrada referência em nenhum trabalho e nem revista.

⁴⁴³ “Cerca de quatro ou cinco anos atrás, quando houve aniversário da Gibiteca de Curitiba e deram uma sala especial para Maria Erótica, um bando de doidos que são adoradores da arte japonesa do shibari, me descobriu como morador em Curitiba e fizeram uma festa em minha homenagem. Qual não foi minha surpresa chegando naquele porão e descobrir que além de correntes e engenhoca de tortura, existiam pelas paredes várias ampliações de meus desenhos, muitos da Maira Erótica amarrada, e com datas de quando foram publicadas e com denominação dos estilos das amarras. Dizem que antes de mim ninguém no Brasil desenhou o shibari nas histórias em quadrinhos. Recebi um diploma de “Mestre e Pioneiro do Shibari no Brasil”, desse bando de malucos.” **Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton.** <<http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html>> Acessado em: 01-12-2015

⁴⁴⁴ **Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton.** <<http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html>> Acessado em: 01-12-2015.

dos diversos colaboradores e do grande número de pessoas ligadas à produção editorial que ajudaram a compor a publicação das revistas.

Na página editorial do primeiro volume, a volta de **Maria Erótica**, que havia sido publicada pela Edrel, e agora estava sendo publicada pela primeira vez pela Grafipar com o título: “Enfim Maria...”

enfim, maria...

Depois de sete anos encalourada na gaveta do autor, Maria Erótica foi para as bancas no formato de livro/Quadrinhos-Grafipar e no editorial deste pedimos a opinião dos leitores sobre como ela deveria voltar, se seria trimestral ou mensal em formato gibi. De pronto, inúmeros fãs e leitores da Maria Erótica responderam sugerindo, incentivando e alguns criticando. Mas a maioria concordava: a Maria tinha que ser mensal. Então, como não poderia deixar de ser, a Maria

Erótica passa a circular mensalmente. Isto quer dizer que agora você pode acompanhar as aventuras e desventuras dela no encantado da Fantasia, todos os meses! Este número trouxe, além de uma história da Maria Erótica, uma Aventura Secreta de King Kong de Padrella/Shimamoto) e também mostrou O Estranho Comportamento de Uma Ninfa do Bosque (de Nickel). O grupo quadrinhos e Cláudio Seto agradece a todos que escreveram sugerindo, elogiando, criticando, etc. Esperamos que não parem e continuem a nos enviar suas opiniões sobre a Maria Erótica.



Gráfica Editora Ltda.
Diretores:
Faissal El-Khatib
Faruk El-Khatib

Maria Erótica

Diretor e Editor:
Faruk El-Khatib
Coord. Geral do Grupo Quadrinhos:
Cláudio Seto
Redação:
Ataíde Braz
Arte:
José Victor Citt
Colaboradores:
Carlos Magno, Câmara, Colin, Eros Maichrovic, Franco de Rosa, Fischer, Kussumoto, Mozart Couto, Noriyuki Padrella, Rodval Matias, Shimamoto, Seabra, Valfes, Veneza, Vilachã, Wilde Portel
Produção Editorial:
Dorides Cuiñ (gerente), Ângela Pereira (coordenadora), Lara Regina, Edinéia Bui da (assistentes), Wilmar Klein (documentação), Rosely A. R. Salazar, I. de Andrade (revisores).

Maria Erótica é uma publicação mensal da Grafipar Gráfica Editora Ltda. Redação: Av. 7 de Setembro, 5500 Publicidade, Administração Correspondência: Rua Jordânia, 411 - Tel: 263-2122 Caixa Postal 1716, Curitiba PR. Os artigos assinados não representam necessariamente opinião da revista. Todos os direitos reservados. Matéria submetida à aprovação dos editores não serão devolvidas mesmo quando não forem publicadas. Números atrasados pelo reembolso postal ao preço da última edição em bancal. Composição, impressão e acabamento em oficinas próprias. Distribuição nacional.

Figura 24 – Maria Erótica, Grafipar, nº 1, Editorial, 1980

Com a retomada da publicação de **Maria Erótica** pela editora Grafipar, em 1980, surgiram importantes contribuições para a discussão sobre sexualidade. Misturando quadrinhos com a publicação de adaptações da literatura mundial, de textos eróticos e novas formas de sexualidade como sadomasoquismo, *bondage*, *shibari*, etc.

A liberdade dos discursos começou a extrapolar todos os limites. Até a personagem pequeno príncipe (do autor Antoine de Saint-Exupéry) aparece na história, com a alcunha de que de “pequeno só tem o nome” aparece nas revistas, assim como o índio (Do catecismo, **o Índio quer apito** de Zéfiro), assim como o pinóquio (história de Carlo Collodi), que na adaptação desta história, a cada mentira dita não é o nariz que cresce, e sim seu “pau”. Na imagem abaixo, podemos observar as suas mentiras contadas pelo Pinóquio que está atrás Maria Erótica que se encontra presa em um buraco: “A inflação será contida”, “gasolina vai abaixar”, “o próximo presidente será civil”, “O operário ganha o suficiente para viver bem”, “Maluf achou petróleo”, indicando questões políticas relacionadas a economia e a política nacional, como apontado na revista:



Figura 25 – Maria Erótica (nº1-80) fica emperrada no buraco e o Pinóquio tarado está atrás dela

Essa dupla moral, uma moral sexual “natural” e uma moral “civilizada” levam-nos a pensar sobre o papel do homem e da mulher. As consequências dessa moral ambígua nos leva a perceber que a procura por esse tipo de literatura se deve em grande parte a imposição de um casamento monogâmico, que em muitas vezes, o casal é totalmente inexperiente e não entende sua própria sexualidade. Como aponta Freud sobre o assunto, podemos constatar que:

Não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais. Von Ehrenfels atribui, de fato, à moral sexual que hoje rege a nossa sociedade ocidental numerosos prejuízos, pelos quais responsabiliza diretamente essa moral; embora reconheça plenamente sua vigorosa influência no desenvolvimento da civilização, não pode deixar de concluir da necessidade de uma reforma. Em sua opinião, a singularidade da moral sexual civilizada a que obedecemos é que as restrições feitas às mulheres por tal sistema são estendidas à vida sexual masculina, sendo proibida toda relação sexual exceto dentro do casamento monogâmico. No entanto, as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma moral *dupla*. Contudo, uma sociedade que aceita essa moral ambígua não pode levar muito longe o ‘amor à verdade, à honestidade e à humanidade’ (Von Ehrenfels, *ibid.*, pág. 32 e segs.), e deverá induzir seus membros à ocultação da verdade, a um falso otimismo, e a enganarem a si próprios e aos demais. A moral sexual civilizada traz consequências ainda mais graves, pois, glorificando a monogamia, impossibilita a *seleção* pela *virilidade* - único fator que pode aperfeiçoar a constituição do homem, pois entre os povos civilizados a *seleção pela vitalidade* foi reduzida a um mínimo pelos princípios humanitários e pela higiene (*ibid.*, 35).⁴⁴⁵

Essa “moral” é questionada, o que abre a possibilidade de que podemos definir que poderiam ser aceitos determinados comportamentos perversos, desde que ligados à ficção como é o caso dos quadrinhos da Grafipar.

GRAFIPAR e Faruk El-Katib, o “Hugh Hefner das Araucárias”

Em sentido contrário à **Playboy**, com mais nudez e menos teor cultural elitista, a Editora Grafipar (Curitiba-Paraná), durante os anos de 1979 a 1983, publicou muito material erótico e de outros temas, com cenas de sexo explícitas, tendo inclusive revelado, para o panorama das HQs brasileiras, novos autores.

⁴⁴⁵ FREUD, Sigmund. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna.(1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). p. 98.

Entusiasmados com o sucesso da editora, vários desenhistas mudaram-se para Curitiba, entre eles Bonini, Franco de Rosa (que depois viraria editor da Press, Nova Sampa e Mythos), Gustavo Machado, Watson, Flávio Colin, bem como Cláudio Seto, que era o responsável pelo setor de quadrinhos. Os artistas ganhavam mais, isso também chamou a atenção dos escritores. O time de roteiristas da casa tinha nomes como Carlos Chagas, Nelson Padrella, Ataíde Brás, Júlio Emílio Brás e os poetas Paulo Leminski (1944-1989) e Alice Ruiz.⁴⁴⁶

Fundada por Faruk El-Katib⁴⁴⁷, o “Hugh Hefner das araucárias” conforme algumas pessoas acreditavam na época, iniciou suas atividades em Curitiba, no ano de 1977, com a revista **Peteca**. Lançou, em seguida, a revista **Personal**, que publicava algumas HQs eróticas nacionais. Estes quadrinhos fizeram sucesso e a editora resolveu investir na produção nacional, lançando a revista **Eros** (que mudaria de nome para **Quadrinhos Eróticos**) e mais três títulos: **Proton**, **Neuros** e **Perícia**, transitando em torno das chamadas HQ’s Eróticas:

A HQ erótica tem uma apresentação gráfica sofisticada, em formato álbum, seu ponto de venda é a livraria, seu leitor é qualificado de classe socioeconômica A-B, o que permite uma política de preço com maior margem de lucro, porém, com menor tiragem, entre dois a três mil exemplares, este leitor tem necessidades de Self-auto-realização. Já a HQ pornográfica é impressa em papel imprensa barato, formato catecismo ou revista com lombada canoa grampeada, seu ponto de venda é a banca de jornal de bairro ou o trem de subúrbio, seu leitor é desqualificado ou migrante (mão de obra da construção civil) de classe socioeconômica C-D e dá pouca atenção ao roteiro ou diálogos dos balões por ser semi-alfabetizado, suas necessidades são fisiológicas-masturbatórias.⁴⁴⁸

Não concordando totalmente com a questão acima, podemos ver que a Grafipar, na disputa lógica entre o erótico e o pornográfico, levou a empresa a apostar em um meio termo entre uma produção sofisticada, mas que atendesse as classes mais baixas, colocando seus preços a um valor mais em conta. Podemos perceber que, não só a obra de Carlos Zéfiro, mas também da editora Edrel e, por

⁴⁴⁶ No ano de 2015 foi lançada pela editora Veneta uma coleção de histórias em quadrinhos escritas por Paulo Leminski e Alice Ruiz, com o nome de **Afrodite**. Ver: LEMINSKI, Paulo; RUIZ, Alice. **Afrodite**. Quadrinhos Eróticos. De Alice Ruiz e Paulo Leminski. Editora Veneta, 2015.

⁴⁴⁷ Em 1954, mudou-se para Curitiba, cidade na qual fundou a distribuidora de livros Garantia Cultural. Tratava-se da compra e venda de livros pelo sistema “porta a porta”. Mais tarde, resolveu editar seus próprios livros. Foi aí que, junto com seus filhos Faissal e Faruk, criou a Paraná Cultural, que logo após adquirir uma gráfica própria recebeu o nome de Grafipar Gráfica Editora LTDA.

⁴⁴⁸ CALAZANS, F. M. A. As histórias em quadrinhos do gênero erótico. in Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, vol. XXI n° 1, jan - jun./1998. p.12.

fim, as pornochanchadas começaram a criar mecanismos que possibilitaram a escrita e a narrativa erótico-pornográfica:

[...] A experiência de editor de Faruk El Khatib, na Grafipar, como editor de publicações eróticas, já foi citada em uma tese publicada há alguns meses - conforme aqui registramos. Carlos Zéfiro, quem diria, tem dois livros interpretativos de sua obra. E o cinema pornográfico que nos últimos cinco anos cresceu em progressão geométrica a partir da Boca do Lixo, em São Paulo, também começa a interessar estudiosos. Portanto, a pornografia é mais ampla do que podem pensar os guardiões da moral pública. E uma realidade a qual a técnica do avestruz de nada adianta.⁴⁴⁹

Estas revistas traziam histórias de vários gêneros, misturados com erotismo. Eram produzidas por Claudio Seto, Liessenfeld, Kussumoto, Ataíde, Shimamoto, Magno, Eros Maichrowicz, Val Ferreira e Seabra. O sucesso destas revistas entre 1979-80 abriu as portas para novos colaboradores, como Franco de Rosa, Flávio Colin, Walmir Amaral, Itamar, Imamura, Rodval Matias, Mozart Couto, Sakita, Marcio Calesco, Gustavo Machado, Luis Saidemberg, Paulo Lima, Fisher, Josmar, Maurício Veneza, Drumond, Paulo Hamasaki, Oz, Kozo, Jordi, Novaes, Bonini, Zenival Esteves, Sergio Lima e Watson Portela.

A partir de 1980, o departamento de arte passou a ser comandado por Seto, e os gibis passaram a ostentar o selo “Bico de Pena” nas capas. Nesse período a produção alcançou bons níveis de qualidade e quantidade. Infelizmente, em 1984, após uma série de dificuldades econômicas e má administração, a editora encerrou as atividades⁴⁵⁰.

Apesar de centrarmos a análise das fontes na revista **Playboy**, devido à sua circulação nacional e ao número elevado de exemplares vendidos, selecionaremos também outras revistas de cunho pornográfico, como as revistas da Editora Grafipar: a revista **Peteca**, a revista **Quadrinhos Eróticos** e a revista **Sexo em Quadrinhos** que, como já apontado, foram produzidas para um grupo social diferente da revista **Playboy**. Em um texto da jornalista Aramis Millarch, publicado no jornal **Estado do Paraná**, na página 4, no dia 05/09/1976, percebemos a importância não só no cenário nacional, mas também internacional da Grafipar:

⁴⁴⁹ MILLARCH, Aramis. **Quem diria, Zéfiro ganhou dois livros**. O Estado do Paraná. Seção: Tablóide, 21 de novembro de 1984.

⁴⁵⁰ Uma “crise do papel” na época da ditadura e ao adquirir os direitos de publicação da revista **Penthouse**, a Grafipar ficou em sérios problemas financeiros que levariam a fechar a editora.

Única editora a manter uma atividade regular no Paraná, a Grafipar vem sendo contratada, nos últimos 3 anos, para imprimir grandes quantidades de livros para algumas das maiores empresas editoriais brasileiras, inclusive a Abril Cultural. Assim, livros que estão sendo comercializados em todo o País - e mesmo alguns no Exterior - saem das oficinas da empresa da família El Khatib, na Rua Jordânia. Independentemente, entretanto, destes grandes contratos, a Grafipar continua a fazer suas próprias edições. Embora, as experiências de coleções voltadas à história do Paraná e Santa Catarina, bem como uma sobre problemas da família, não tivessem dado os resultados econômicos desejados (muito pelo contrário), o Dicionário Cultural da Língua Portuguesa, lançado em 1967, já teve mais de uma dezena de edições, [...]⁴⁵¹

Entre as pessoas que fazem parte desse processo de criação, temos nomes como: Nelson Farias, que era responsável pela redação, e colaboradores: Nina Fock, Luiz A. Stinguen, Eduardo Prugner, Vera S. Keppen, Marília Guasque, José Vitor Citt, Rettamozo e Elliot Pynus (Pseudônimo). Em "Eros", a equipe se ampliou com Solda, Cláudio Seto, Bellenda, Fernando Ikoma, Liesenfeld:

Nunca o brasileiro teve tantos sonhos eróticos. A conclusão é do editor Faruk El Khatib, 33 anos, executivo de marketing da Grafipar. Extrapolando seus lançamentos para publicações mensais, voltadas ao consumidor masculino, na faixa entre os 16/40 anos, classes B e C, as publicações da Grafipar estão vendendo como pão quente em todo o País. "Peteca", agora quinzenal, já passando dos 90 mil exemplares; "Personal" atinge os 50 mil e duas novas revistas, na mesma linha de erotismo, estão ainda: "Eros", exclusivamente em [quadrinhos], e "Rose", esta destinada ao público feminino. Publicações paralelas também são lançadas: "Personal Humor", editada inicialmente apenas bissextamente, passa agora a ter uma periodicidade mensal, e "Peteca-Contos" também vai ganhar lançamento regular - nesta reunindo contos eróticos, curtos, através de concursos que a própria editora promove.⁴⁵²

Com a ajuda de amigos conseguiu criar uma editora capaz de absorver uma parte do mercado que ainda não havia sido explorada: revistas voltadas para as classes populares:

Nelson Faria de Barros, veterano jornalista, ex-colunista social e crítico de teatro, ligado a mais de uma dezena de experiências editoriais feitas em Curitiba nas décadas de 50/60 ("Planalto", "Clube" etc.) é um dos responsáveis pelo sucesso desta fase de erotismo editorial da Grafipar, junto com um grupo de jovens desenhistas. Entendendo que o leitor classe A já é disputado por caras publicações ("Status", "Vogue Senhor", "Ele & Ela", "Playboy" etc.), procurou dar a "Peteca" e "Personal" uma linguagem descontraída, simples - **voltada ao leitor de menor poder aquisitivo**. E a fórmula está funcionando de forma acima do que esperava o editor Faruk El Khatib, vários cursos de marketing, experiência internacional - e que

⁴⁵¹ MILLARCH, Aramis Millarch. **Estado do Paraná**, na página 4 no dia 05/09/1976.

⁴⁵² MILLARCH, Aramis Millarch. **Estado do Paraná** Seção: Tablóide, 15/09/1978, grifo nosso.

conseguiu, através de muito esforço, dar uma dimensão nacional às suas publicações.⁴⁵³

As curvas das garotas da capa às vezes eram misturadas a dinoussauros, com temas estranhos e fusões entre literatura, terror, crime e sexo, e, assim, a Grafipar inovou o mercado brasileiro. A história em quadrinho nacional tinha uma qualidade de impressão que se igualava com a das revistas de super-heróis importadas, lidas na época. Os desenhos de Mozart Couto e Rodval Matias eram muito diferentes nos traços e nas personalidades, o que fez com que seus leitores criassem uma procura por revistas que tivessem obras de determinado desenhista.

⁴⁵³ MILLARCH, Aramis Millarch. **Estado do Paraná** Seção: Tablóide, 15/09/1978, grifo nosso.



Figura 26 – Máscaras de um samurai, Clássico Eróticos em Quadrinhos, vol. I, desenhado por Cláudio Seto

Na Grafipar, além das diversas mulheres da capa, havia uma liberdade maior de produção de discursos devido à ferramenta da ficção, que conferia ao artista, desenhista, uma relação com o onírico que as fotografias de **Playboy** não permitiam, conforme atesta Franco da Rosa:

- O fato da editora trabalhar essencialmente com quadrinhos eróticos era um incômodo para os desenhistas ou roteiristas? Ou não? Todo mundo gostava de fazer erotismo?

Não era um incômodo todos gostavam do que faziam a convivência com a turma de Curitiba que tinha também Paulo Nery, Eros Maichrowicz e Toninho Lima, que moravam na cidade ou em cidades próximas, além da frequente presença de Ataíde, Josmar Feveteiro, Seabra, Rodval Mathias, Kimio e Mozart Couto (só por telefone- ele não sai de Juiz de Fora) – era um estímulo muito grande. *A Grafipar e a Vecchi surgiram num período em que estavam abrindo-se novos horizontes. Nós éramos novos autores. Havia uma nova geração em ação. Queríamos marcar nossa presença. A sexualidade também estava aflorando em nós.* Tínhamos 22 anos de idade em média. Seto e Watson eram os mais velhos, na casa dos 30. Havia a abertura. E a revolução sexual comendo solta. Naumin Aisen da Ebal achava nosso trabalho ótimo apesar do “Seu” Adolfo Aisen repudiar... Um dia fui ao Rio entregar um lote de trabalhos e ele me chamou para um particular. E só ficou falando que havia trazido os quadrinhos para o Brasil como uma coisa saudável para as crianças. Que os quadrinhos era uma arte pura e que “certos jovens” estavam deturpando o objetivo das histórias em quadrinhos. Ele realmente estava muito magoado. Eu me senti como um coroinha que traíra a confiança do clero. Afinal “seu” Aisen sempre foi o papa dos quadrinhos no Brasil.⁴⁵⁴

Esse sentimento de “recalque” levou Grafipar a “juntar” todos aqueles que traíram a aura que os quadrinhos tinham, o que fez com que, aquele que tivesse essa veia do erotismo e da subversão, se juntasse à equipe. Foi dessa forma que se deu a criação da “vila de quadrinhistas” em Curitiba, que além de morarem perto um do outro, viviam uma vida voltada aos quadrinhos e à editora, e aqueles que não puderam morar em Curitiba, tinham contato direto por telefone com desenhistas e roteiristas. Isso acabou gerando uma confiança entre os produtores de revistas eróticas no Brasil.

“Vila dos desenhistas”

A Grafipar foi a primeira grande editora de quadrinhos a sair do eixo Rio-São Paulo.⁴⁵⁵ Além disso, com o sucesso da editora, vários desenhistas se mudaram

⁴⁵⁴ **Entrevista de Franco da Rosa ao Bog Baú da Grafipar.** Agosto de 2006. Disponível em: <<http://blogmaniadegibi.com/2012/05/conheca-franco-da-rosa>> Acessado em: 01-12-2015.

⁴⁵⁵ A empresa paranaense PBB Entertainment recentemente adquiriu os direitos de publicação da revista **Playboy** no Brasil, colocando o Paraná de novo em um lugar de destaque na publicação de obras eróticas e pornográficas.

para Curitiba, em uma colônia de quadrinistas no bairro de Três Marias. Entre estes estão Bonini⁴⁵⁶, Franco de Rosa⁴⁵⁷ (que depois viraria editor da *Press, Nova Sampa e Mythos*), Gustavo Machado⁴⁵⁸, Watson⁴⁵⁹, Flávio Colin⁴⁶⁰ e Cláudio Seto, que era o responsável pelo setor de quadrinhos:

Se houve um ano marcante em minha vida, foi o de 1982. Um ano memorável. Faz exatamente 30 anos. Eu tinha 27 e minha filha Carolina acabara de nascer. Eu respirava histórias em quadrinhos e criava páginas e páginas para a Grafipar. Estava morando fazia poucos meses em Curitiba na “Vila dos Desenhistas”, juntamente com Watson Portela, Gustavo Machado, Itamar Gonçalves e Fernando Bonini, um vizinho do outro. Muro com muro, no bairro periférico que ficava além do Clube de Campo Três Marias, onde Claudio Seto, nosso mentor e tutor, nos levou para residir. Os muros que dividiam nossas casas eram o tempo todo escalados. Dia e noite a gente pulava pra conversar, jogar baralho, fazer uma roda de música, mostrar uma página recém-desenhada. Um gibi novo. Um disco descoberto. Empinar pipa. Pedir algo emprestado. Enfim, vivíamos em comunidade. Íamos juntos ao clube nos finais de semana, à piscina pública, e fazíamos piquenique no Parque Barigui, com esposas, filhos, parentes e namoradas. Uma vida de festividades e muitas horas na prancheta. Aprendemos muito um com o outro. Tanto no lado profissional quanto pessoal. Fizemos muitos trabalhos em conjunto. Assim como brincamos e festejamos muito conjuntamente. E as histórias são muitas e inesquecíveis. [...] ⁴⁶¹

Esse lado do cotidiano dos artistas, vivendo como uma grande família, levou a uma grande produção por parte da Grafipar. Com os altos rendimentos da venda das revistas, a Grafipar pagava muito bem. Os artistas ganhavam em torno de quatro vezes a mais que o salário de um jornalista. Isso também chamou atenção

⁴⁵⁶ Nascido em Niterói, no Rio de Janeiro, Fernando Antônio Bonini da Silva (1955-2005) se tornou conhecido como um dos principais desenhistas de “Urtigão” e “Zé Carioca. Além da Grafipar, Bonini trabalhou também para a Vecchi, onde desenhou diversas histórias de terror e humor negro.

⁴⁵⁷ Em 1979, seu amigo Ataíde Brás veio de Curitiba e comentou sobre a editora paranaense Grafipar. Após contatar a empresa, Franco produziu uma HQ para a revista “Personal” nº 23. Foi o início de uma parceria em que ele e Seabra publicaram regularmente na Grafipar, a ponto de mudar-se para Curitiba em 1981. Com o fim da Grafipar, voltou para SP, se juntando a Paulo Paiva para criar a Press Editorial em 1983. Cláudio Seto, chefe dos gibis da Grafipar, já vinha há algum tempo incentivando Franco a editar, mas foi apenas na Press que ele assumiu a função oficialmente. No ano seguinte, Franco manteve uma coluna de HQ na “Folha da Tarde”.

⁴⁵⁸ Machado, por exemplo, optou por aceitar a proposta de trabalho de Claudio Seto: mudar-se para Curitiba e trabalhar na editora Grafipar. Assim, no final da década de 70, Machado já estava fazendo quadrinhos pornográficos para a Grafipar.

⁴⁵⁹ Em 1979, publicou em “Spekro”, da Vecchi. Então não parou mais. Fez terror, erotismo, western, humor e super-heróis para Grafipar de Curitiba (para onde se mudou na época), Press entre outros. Watson era um fenômeno nas artes gráficas brasileiras. Dono de traço ímpar, seus desenhos fizeram a cabeça de toda uma geração. Foi o papa do quadrinho de ficção brasileira dos anos 80. Logo, foi contratado pela Editora Abril. Passou a desenhar “Os Trapalhões”, Disney, “He-Man” e “Jovem Radical”.

⁴⁶⁰ Flávio Barbosa Mavignier Colin (Rio de Janeiro, 20 de junho de 1930 — 13 de agosto de 2002) foi um ilustrador e autor de histórias em quadrinhos brasileiro.

⁴⁶¹ ROSA, Franco. **Era Uma Vez**. Era uma vez na Grafipar. Disponível em: <<http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/era-uma-vez>> Acessado em:01-12-2015

dos escritores. Entre os roteiristas estavam Carlos Chagas, Nelson Padrella, Ataíde Brás, Júlio Emílio Brás e o poeta Paulo Leminski.

Em Curitiba, ainda contavam Eros Maichrowicz, Carlos Magno, Seto, Padrella, Fisher, o ilustrador e capista Jan Bodaski, Valden Takeguma (irmão de Seto), Paulo Lima e Antonio Lima. Nesse período foram lançadas as revistas de humor **Homo Sapiens** e **Contos de Safadas**, e os tabloides **Vaca Amarela** e **Batata Quente**. Também as revistas de personagens mais aventureiras como **As Fêmeas**, **Maria Erótica**, **Sertão & Pampas** em sua segunda fase, com o subtítulo **Sexo Selvagem**, e os super-heróis de **Aventuras Eróticas**, incluindo **Zamor**.

Cláudio Seto se pôs ainda a desenhar fantasias plásticas, repletas de personagens femininas, com as famosas **Kate Apache** e **Maria Erótica**. Ataíde Braz e Kussumoto realizavam romances gráficos de natureza brega. **Laura**, **Janice** e **Mulheres de A a Z** são alguns exemplos. Rodval Matias, além das capas, destacou-se pelas suas personagens **Zora** e **Dia**, e pela adaptação do clássico **Decamerão**. Seabra desenhava os personagens machões, como o bárbaro **Dagor**. Josmar Fevereiro, ficou a cargo do estúdio Octopus, com Vilachã, Ronaldo Antonelli (textos), Seabra. Watson primou por seus super-heróis e ficções, como **Rex**, **Supergay**, **Leiser** e **Robô Gigante**. Itamar trabalhava com sexo hardcore, as mais brutas e violentas cenas de sexo.

Mozart publicou muita ação e drama como **Maura**, **Os Sonhos de Saara**, **Hiania** e **Jackal**. Franco da Rosa desenhou e escreveu em parceria com quase todos os artistas da casa, e editou a **Vaca Amarela** e **Zamor**. O escritor Nelson Padrella, Carlos Magno e Jorge Fisher eram os roteiristas na linha "humor". Havia ainda os traços do carioca Valfes e Maurício Veneza. Eros Maichrowicz era ligado à temática ecológica curitibana. Gustavo Machado cuidava da personagem **Malícia**, na revista de mesmo nome.

OS ROTEIRISTAS

A relação entre desenhistas e roteiristas nem sempre foi cordial. "Muitas vezes os desenhistas não queriam fazer certa história e jogavam o roteiro fora", conta

Cláudio Seto. "O que mais tinha roteiros publicados era o Carlos Chagas.⁴⁶² Ele já havia trabalhado para a Edrel e conhecia todos os macetes de roteiros.

A relação dos roteiristas com seus textos também era bastante diversa. Enquanto Júlio Emílio Brás – que morava no Rio de Janeiro – mandava o roteiro, Carlos Chagas produzia dezenas de histórias. Uma grande surpresa para a maioria do público é saber que Paulo Leminski⁴⁶³ escreveu quadrinhos. Na época, a sua esposa, Alice Ruiz, editava uma revista astrológica, **Horóscopo de Rose**, para a Grafipar, e Leminski⁴⁶⁴ acabou fazendo alguns “textos-ninjas” (como ele chamava os artigos):

O ano de 1978 traria a perspectiva de mudança de emprego para o casal. Alice se afastaria da agência de publicidade para escrever nas revistas da Grafipar, a mesma editora onde o Catatau fora impresso. A gráfica editava uma profusão de pequenas publicações, sendo que uma delas, chamada Peteca, permitia contos eróticos e horóscopos picantes. Alice passou a escrever ensaios e histórias em quadrinhos, contando com os desenhos de Solda e Rogério Dias — que editavam também Passarola, então a revista de bordo da Varig. Leminski voltaria a trabalhar na P.A.Z. [agência publicitária] com Retamozo e Mirandinha, o que significava uma aproximação maior do jornal Raposa, onde era um dos editores.⁴⁶⁵

Ele adorava o trabalho de Shimamoto, e conhecidas mesmo, o poeta só escreveu quatro histórias: duas para Cláudio Seto e duas para Rodval Matias.

⁴⁶² Chagas chegou a trabalhar para a LTB, uma agência de publicidade ligada a Companhia Telefônica do Rio. Lá, conheceu o desenhista Claudio Almeida, com quem fazia parceria nos anos seguintes. Em meados dos anos 70, Chagas, Almeida e o desenhista Roberto Azevedo já faziam seus trabalhos através do Estúdio CRC do Rio. Foi naquele estúdio que o trio criou o primeiro número de uma nova revista de humor (a primeira experiência profissional de Chagas com quadrinhos). Porém, eles não ficaram muito tempo ligados a ela. Isso porque eles abandonaram o projeto para se concentrar numa revista parecida, a “Crazy”, para a Bloch Editores do Rio (mais tarde, a primeira revista, já batizada de “Klik”, foi continuada por uma equipe paulistana encabeçada por Chico Osório, Negreiros, Claudio, Munhoz, Farias e Paulo Paiva).

⁴⁶³ Paulo Leminski Filho (1944-1989) foi escritor, poeta, compositor, contista, tradutor, biógrafo, publicitário e professor brasileiro.

⁴⁶⁴ Em entrevista ao jornal **Diário do Paraná** do dia 28 de setembro de 1975 Leminski mostra sua visão sobre o período: “— Como dizem os poetas concretos, a cultura brasileira é periférica pois é um setor da cultura latino-americana que, por sua vez, é um pequeno setor da cultura do Terceiro Mundo. Então, ou você está colonizado ou você está atrasado, se recusar as informações de fora. Um dos nossos intelectuais da Boca Maldita, dito engajado, se recusa a aprender o idioma inglês porque, se assim o fizer, acredita, ficará à mercê de revistas como Playboy, Newsweek, Times etc.... Ele escolheu o atraso, preferindo ser topeira. Eu optei, estrategicamente, por ser colonizado. Falo várias línguas, principalmente o inglês. Ou seja, eu sou antropofágico.” Leminski apud. VAZ, Toninho. **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim.** — Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 187.

⁴⁶⁵ VAZ, Toninho. **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim.** — Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 233.

OS DESENHISTAS

Vários desenhistas começaram suas carreiras na Grafipar. Dentre os talentos revelados pela editora, destacam Rodval Matias, Mozart Couto⁴⁶⁶ e Watson. Mozart Couto⁴⁶⁷ vinha de uma família conservadora do interior de Minas Gerais. Segundo Seto, não desenhava erotismo, que era a principal fonte de renda da editora. Os outros desenhistas reclamavam, já que ele era único o que fazia exclusivamente história de terror e fantasia. Mas depois, com o tempo, publicou também este estilo. Outro desenhista conhecido era Watson, a quem Seto descreve: "O Watson, nordestino, era baixinho, mirrado e vivia com frio. O frio era tão grande que ele mal saía de casa. Passava o dia inteiro deitado na cama, embrulhado no cobertor, vestindo uma toca de lã e desenhando numa mesinha de sala."⁴⁶⁸

O trabalho de Seto na Edrel (que lhe rendeu o convite para organizar a área de quadrinhos da Grafipar) não se limitava só a desenhar. Ele fazia quase tudo, inclusive produzia fotonovelas eróticas, realizadas na cidadezinha de Guaiçara. "Certa vez as senhoras católicas resolveram denunciar a minha personagem, a Maria Erótica, e a polícia baixou na editora em São Paulo", lembra o desenhista. "Como eu morava no interior, não me encontraram e acabaram levando presos os originais e os prenderam numa cela".⁴⁶⁹

Os quadrinhos eram constantemente vigiados por pais, professores, diretores, padres, pois ler quadrinhos estava associado à ideia de: "Hoje mocinho, amanhã bandido", numa referência ao gênero faroeste, um dos prediletos dos leitores de quadrinhos.

⁴⁶⁶ Claudio Seto afirma que, certo dia, um jipe cheio de militares parou na frente da editora. Uma visita bastante assustadora para quem publicava quadrinhos eróticos em plena ditadura. Para surpresa de todos, não era nenhuma batida policial. Mozart Couto, filho de militar, resolvera visitar a editora e pegara carona em um avião do exército. "Era muito estranho", afirma Seto. "Os militares levavam o garoto de jipe para todos os lugares".

⁴⁶⁷ Nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, Mozart Cunha do Couto, ou Mozart Couto, como é conhecido, começou a atuar profissionalmente em 1979, como ilustrador e autor (desenhista e argumentista/roteirista) de histórias em quadrinhos. Produziu para diversas editoras do eixo Rio-São Paulo recebendo, em 1986, o Troféu Ângelo Agostini, da Associação de Quadrinhistas e Cartunistas de São Paulo, como melhor desenhista.

⁴⁶⁸ **Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton.** <<http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html>> Acessado em: 01-12-2015.

⁴⁶⁹ Gian Danton fala sobre o episódio no seu livro: Grafipar: a editora que saiu do eixo.

AS REVISTAS

A Grafipar começou com uma revista chamada **Eros**, mas como outra editora tinha direito sobre o nome, a publicação mudou para **Quadrinhos Eróticos**. Com a mudança, a venda começou a crescer. Depois de **Quadrinhos Eróticos** vieram **Fargo**, sobre faroeste, **Sertão e Pampas**, com histórias que se passavam no sul do país, **Perícia**, sobre crimes, **Neuros**, de terror, e **Próton** sobre ciência e tecnologia. Esta última pretendia seguir a linha **Heavy Metal**, misturando fantasia com ficção científica. Quase todas as histórias, incluindo as policiais e de terror, tinham toques de erotismo. Não era propriamente pornografia, mas, abusavam do número de mulheres nuas.

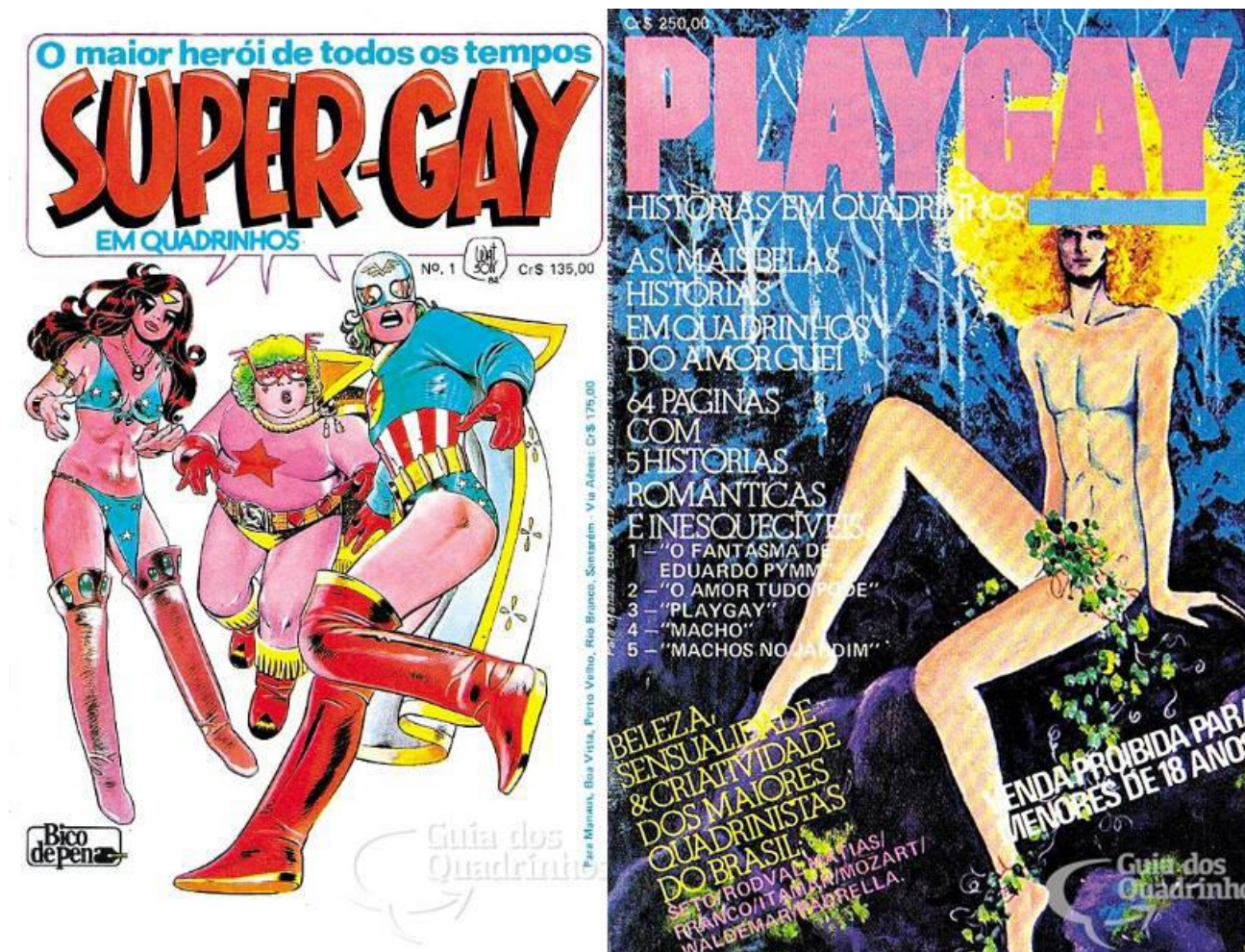


Figura 27 – Supergay e Playgay

A revista **Horóscopo do Rose** publicava quadrinhos baseados nos deuses do Olimpo. E Roberto Kussumoto, o desenhista, fazia Plutão com a cara do poeta Paulo Leminski, marido da editora da revista, Alice Ruiz. Outra revista curiosa era a **Supergay**, um descarado plágio do **Capitão Gay**, criado pelo humorista Jô Soares. Na revista, boa parte das personagens da DC e da Marvel ganhavam sua versão rosa-choque, e tínhamos heróis como o **Aquagay**, o **Thorvelhinho**, o **Húlia** e o **Flashhomo**. As poucas mulheres que apareciam eram homossexuais. O desenho era de Watson.



23



31

Figura 28 – As fêmeas nº16 – História Maira (Bolação de San Diablo e Rabiscação de Maurício Veneza) e Os sonhos de Ssara – A fonte dos orgasmos por Mozart C.Couto

Fêmeas apresentava histórias de aventura no estilo de Frank Frazetta. **Fêmeas** eram as heroínas bárbaras, como Ulla, Maíra, Ssara e Hyania, que, entre uma aventura e outra, transavam com vilões, heróis e qualquer um que aparecesse pela frente. O mundo de **Fêmeas** era aquele no qual todo garoto gostaria de viver: muita aventura e mulheres bonitas. Na história do número 16º da revista **Fêmeas**,

“Os sonhos de Ssara – A fonte dos orgasmos”, a mulher desenhada tem um estranho sonho, no qual ela faz sexo com um homem-peixe e um tubarão, conforme podemos ver na figura acima. Relações sexuais oníricas são uma constante nessa fase da Grafipar.

Sempre que aparecia uma nova revista estrangeira, o dono da Grafipar, os editores faziam um similar nacional e apresentavam a Faruk. Com essa estratégia, conseguiram que a editora publicasse apenas HQB:

Mas o público queria mais quadrinhos e logo começou a produção nacional. O sucesso constante das HQs nacionais fez com que os editores Luiz Rettamozo e Rogério Dias procurassem artistas nacionais com mais experiência. Foi quando se descobriu que Claudio Seto, uma das figuras mais importantes da revolucionária editora Edrel, estava morando em Curitiba. Seto logo deixou de ser um simples colaborador para se tornar a figura central do núcleo de quadrinhos da editora. Sob sua batuta, ela começou a lançar mais e mais gibis nacionais. Para evitar que a Grafipar fosse invadida por quadrinhos estrangeiros, ele usava uma estratégia marota: sempre que um material estrangeiro era apresentado ao dono da editora, Faruk El-Khatib, Seto pedia à equipe que produzisse algo semelhante. Assim, a editora começou a publicar faroeste, aventura, terror, super-heróis, histórias policiais, ficção científica, sempre com toques de erotismo. A Grafipar inundou as bancas brasileiras com as mais variadas revistas, revelando grandes artistas, como Mozart Couto, ou resgatando mestres que haviam se afastado da nona arte, como Flávio Colin e Julio Shimamoto.⁴⁷⁰

Para aproveitar o sucesso do filme Heavy Metal, por exemplo, Seto bolou o **Almanaque Xanadu**, que trazia histórias de Mozart Couto, Watson, e matérias sobre a revista e o filme Heavy Metal. Nessa época as revistas já traziam na capa o selo "Bico de Pena", que era para ser uma subdivisão da Grafipar, especializada apenas em quadrinhos. Mas o projeto não foi em frente, pois a editora acabou antes.

Um pouco antes da Grafipar completar cinco anos, a crise econômica acabou com a editora. As últimas revistas foram publicadas em 1983. Muitos desenhistas foram para São Paulo ou Rio de Janeiro, e os roteiristas foram trabalhar com publicidade ou jornalismo. Os ilustradores que ficaram tornaram-se chargistas de jornais ou pintores. Alguns, como Rogério Dias, tornaram-se pintores famosos e reconhecidos.

Aos poucos, Curitiba deixa de ser o ponto de referência dos quadrinhos nacionais. Atualmente há um movimento de quadrinhos em Curitiba cuja produção

⁴⁷⁰ DANTON, Gian. **A Editora**. Uma editora fora do eixo. Disponível em: <<http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/a-editora>> Acessado em: 02-12-2015.

principal foi a revista Manticore, vencedora de vários prêmios, e, mais recentemente, o álbum **O Galha**, publicado pela Via Lettera Editora.⁴⁷¹

Essas contribuições de diversos artistas ajudaram a difundir a cultura japonesa, aliada ao erotismo e à pornografia.

Peteca, Penthouse e Sexo em Quadrinhos

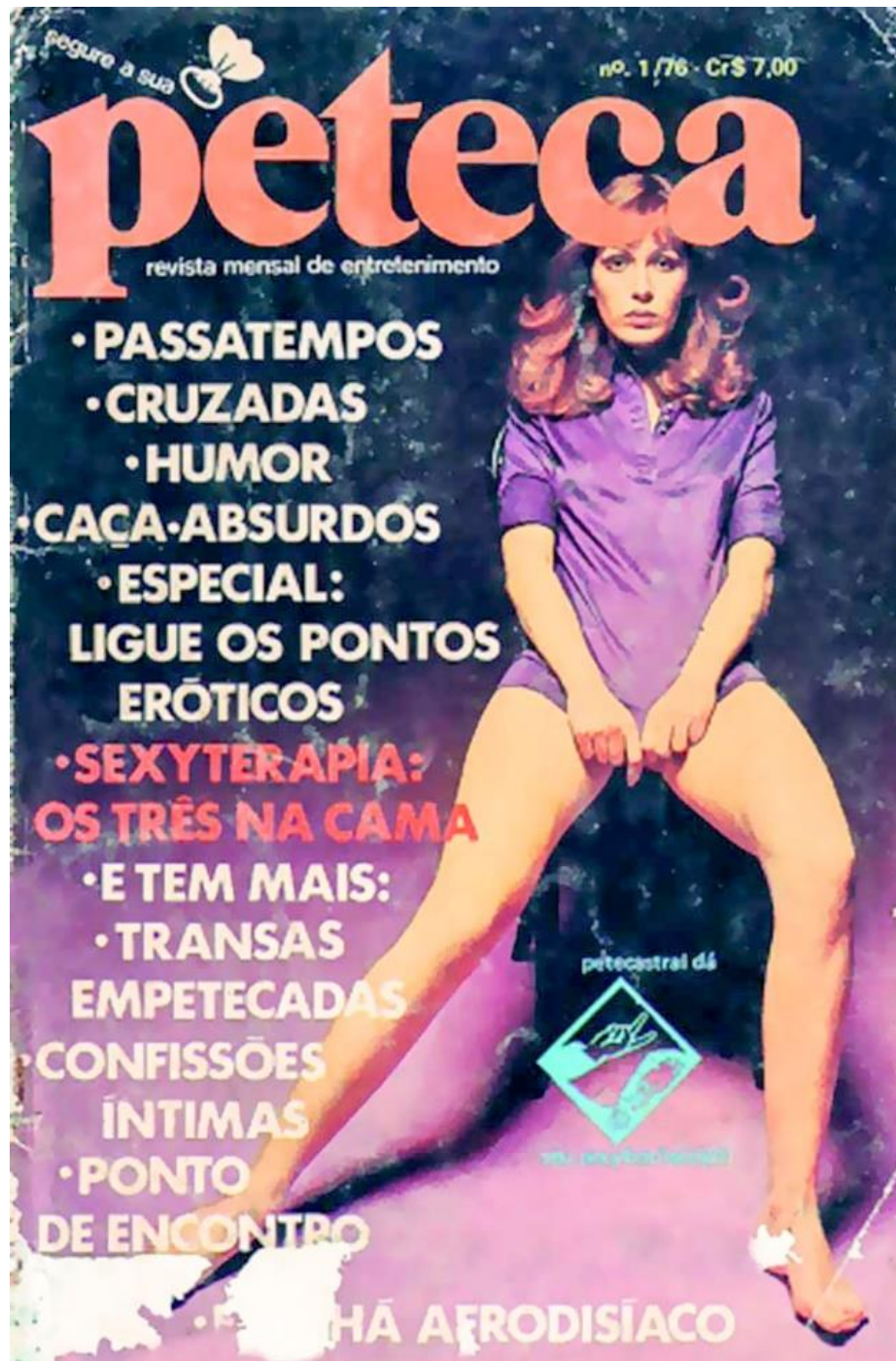


Figura 29 – Revista Peteca, 1976, nº 1, GRAFIPAR

⁴⁷¹ Com a arrecadação conseguiram o dinheiro suficiente para a produção da revistinha **O Galha**.

Peteca

Espécie de consultório sexual, **Peteca** trazia garotas seminuas, notícias e humor. Primeira publicação masculina nacional editada fora do eixo Rio-São Paulo, esse título era feito pela Grafipar, editora curitibana. O *slogan* da publicação (“*Peteca. Segure. Não deixe cair*”) e as hilárias seções (*Sexyhoróscopo* e *Sexyterapia*) caíram no gosto popular. O símbolo da revista era uma peteca no formato de bumbum.



Figura 30 – Símbolo da revista Peteca

A parte administrativa da **Peteca** contava com Nelson Faria como Diretor da Redação, e Nina Fock, Aramis Millarch, Camila De Conti e Wilson Bueno na Redação. Na Arte estavam Luiz A. Strighen como chefe, além de Saulo Korsel, José Victor Citt, Ney G. Vaz, Jefferson S. Mion.

As imagens de mulheres eram de fotos de agências internacionais, mas às vezes a revista abria a oportunidade de nus brasileiros, com concursos realizados, nos quais, as mulheres poderiam mostrar seus corpos e novos talentos de fotógrafos serem descobertos. Nas seções de carta, várias mulheres enfatizaram o desejo de fazer parte da revista:

“PROFISSÃO MODELO”

“Tenho uma amiga que o maior sonho dela é ser modelo de alguma revista. Peço, se for possível, dar uma chance pra ela. Ela é muito bonita, seu corpo uma grande figura. Estou enviando esta carta para saber se podemos mandar fotos tiradas de paisagens e o corpo dela, naturalmente despida, em várias posições. Aguardamos respostas.” (Gilson C. L. S. – Mata de São João / BA)

“Tenho conhecimento desta revista, gostaria de posar para a mesma. Gostaria que me dessem informações detalhadas sobre o que devo fazer para conseguir posar. Mando junto os meus dados.” (Marilu L. Pantoja – Brasília/DF)

“Adoro ser fotografada; só tem um problema: não sei como fazer para entrar no concurso. Meu sonho é ser maneca de Peteca.” (Lisa Porto – Vila dos Telles / RS).⁴⁷²

Em resposta, a revista diz: “Infelizmente, não contratamos garotas para serem fotografadas por nós.” Mesmo assim as mulheres continuavam enviando fotografias, como podemos perceber em outras cartas de outros números da revista.

Além das seções como “Invente Moda”, na qual apareciam fotos de mulheres nuas com tipos diferentes penteados (tranças de contas, curtos, altos ou encaracolados), e posições do Kamasutra e poses sensuais, havia a seção “Garota Peteca”, que trazia fotos em preto e branco de uma mesma garota, em diversas poses; assim como os quadrinhos de “Oh, Afrodite!”, por Leon, e a seção “Jogando Peteca”, com informações sobre música, cinema e pesquisas, que dava um painel geral do que estava rolando na cultura brasileira. A revista ainda intercalava algumas páginas com fotos de mulheres nuas, mas coloridas, como no número 22, “Lady Zu fala do amor” e “Rocio” – “Rocio é menina tropical, bahianinha, brejeira e da graça que tem. De sarongue, pareô ou sem, tropicalíssima”.⁴⁷³ Página de humor também não faltava: a seção “Humor petecal” trazia piadas no estilo que se fazia na Edrel. Na revista ainda havia uma seção “Concurso permanente de contos”, premiando diversos contos eróticos dos lugares mais distantes do país. Como todas as revistas eróticas, também tinha o pôster central com uma mulher nua, geralmente para que fosse destacado e colado na parede da casa.

Além de análises astrais, a **Peteca** ainda tinha uma seção com Nina Fock, chamada “Peteca Astral” e “Sexyterapia”. Pessoas enviavam perguntas para serem respondidas e analisadas por Nina Fock. Cartas com os títulos: “Rapaz feio pode ser ator?”, “Sofro de estomatite”, “Meu sexo é pequeno e fino”, “Sou muito magro”, “Aos 28 anos nunca tive relação”, “Este amor dá certo” eram analisadas a partir do mapa astral da pessoa.

Uma análise interessante é da seção “De cabo a rabo”, dentro da revista, dedicada à cultura gay. Notícias de pessoas que trocaram de sexo, escritores LGBTT, espetáculos com *strips* masculinos e também atrizes/atores e uma pequena seção de Cartas. O responsável era o Celso Curi, que veremos em uma destas seções de cartas:

⁴⁷² Revista **Peteca**. Editora Grafipar. Curitiba-PR, Nº 85.1980 p. 44.

⁴⁷³ Revista **Peteca**. Editora Grafipar. Curitiba-PR, Nº 22, 1978 p. 12.

Como representante da maioria “gay” de São José dos Campos quero externar-lhes nossos sinceros parabéns pela “Peteca”. É sensacional! É incrível! Finalmente temos algo para nós. A Gay Corner já nos proporcionou amizades sensacionais. Uma sugestão: porque não colocam fotos do Leão (goleiro), Antônio Fagundes e outros “pães” em trajes de Adão? Nós também merecemos deliciar-nos com essas coisas. Que tal? Os gays de São José liquidam a Peteca praticamente no dia que ela chega. Aqui no meu bairro é preciso até subornar o cara da banca. Por favor publiquem sempre coisas que interessem ao movimento gay que, diga-se de passagem, é imenso aqui em São José. Milhões de abraços. Toda a turma gay joseense vibra com vocês. (Carlos)⁴⁷⁴

A resposta da revista foi: “Nós de Peteca agradecemos muito os elogios. Pode ter certeza de que em breve estaremos satisfazendo seus pedidos. Aguarde apenas um pouquinho mais. _____”⁴⁷⁵ Pouco tempo depois foi lançada a revista **Rose**⁴⁷⁶, então voltada para as “mulheres”, que acabaram sanando esses desejos também masculinos. Ainda na mesma revista os leitores pedem nus de travestis como a Rogéria.

O movimento de compra e venda de revistas é constantemente destacado nessa seção de cartas. Podemos ver também a troca de informações, como endereços e telefones para encontros entre casais, grupos ou solteiros que procuravam diversão. Nas “Cartas a Redação”, intitulada “recado Guei”:

Antes de mandar meu recado, quero parabeniza-los e agradecer pelo anúncio que fizeram de mim em Peteca 75/80. Quero dizer que guei também é gente, tem sentimento. Ser guei é mostrar a pureza através de atos delicados, amáveis e gentis, e não ser objeto de uso pessoal, usou jogou fora. Não! Guei também é gente [...] É muito triste não responder a uma carta, mas é decepcionante as cartas sujas, interesseiras e cheias de podridão que nos mandam. Somos gente. (D’Jésey – São Paulo-SP).⁴⁷⁷

⁴⁷⁴ Revista **Peteca**. Editora Grafipar. Curitiba-PR, Nº 22, 1978 p. 28.

⁴⁷⁵ Revista **Peteca**. Editora Grafipar. Curitiba-PR, Nº 22, 1978 p. 28.

⁴⁷⁶ Além da Revista **Peteca**, direcionada aos homens, temos a revista **Rose**, que era destinada às mulheres e aos homossexuais. Publicação: *Grafipar Gráfica Editora*. Curitiba, s/d. *Variedades; conto erótico; charge; quadrinho; ensaio erótico*. “Rose, a revista que informa e despe os homens”. Edições no formato de bolso, ou melhor, de bolsa - eram direcionadas para as mulheres ou casais heterossexuais, no início da década de 80. A revista em P&B (preto e branco) trazia uma única parte a cores. O papel usado no centro da revista era usado para um pôster e duas fotos coloridas. Algumas edições tinham jogos com essas imagens principais, como quebra-cabeça, tarja adesiva/striptease... Além de manter um shopping clube por correspondência, com produtos da marca Peteca (gíria do tipo pussy, da época). As reportagens traziam a atualidade dos fatos, comentando a vida dos famosos, a agenda cultural, TV, fatos históricos e jornalísticos. Revista interativa, com páginas dedicadas aos leitores, com suas perguntas, contos e fotos. Havia sempre concurso do tipo “gato do mês”, etc.

⁴⁷⁷ Revista **Peteca**. Nº 85. Editora Grafipar. Curitiba-PR, 1980 p. 44.

Nas cartas podemos perceber que a seção “Ponto de Encontro” funcionava, mas não tão bem quanto o esperado. A relação das cartas que eram enviadas sugere que pessoas com más intenções se aproveitavam dos endereços para noites de um dia só, ou mesmo para destratar a comunidade LGBTT.

Outra seção era a “petecateca”, com mais imagens de nus femininos e algumas palavras sobre as modelos. Havia ainda a seção “Confissões Íntimas”, com casos de doenças sexuais, incesto, complexo de Édipo, timidez sexual, masturbação, satíriase (homem obscecado por sexo), ninfomania (mulher obscecada por sexo) etc. Podemos observar que a idade dos homens que mandavam cartas para a redação vai dos 15 aos 21 anos.

Na seção “Ponto de Encontro”, os casais e pessoas solteiras enviavam o endereço para se corresponder com outros casais ou mesmo pessoas solteiras. Depois de um tempo a seção ganhou revista própria, segundo seu slogan: “Uma

revista para marcar, conquistar e amar”, dizia a frase que acompanhava o título:



Figura 31 – Revista Ponto de Encontro nº 1 /80

Em 1977, mesmo com o regime ditatorial, as bancas vendiam para o “público masculino” revistas como **Status**, **Homem** e **Lui** com tímidas pin-ups censuradas, no máximo com um seio à mostra. Foi então que surgiu uma revistinha com fotos ousadas, poses e com o sugestivo nome de **Peteca**. Quando foi lançada, logo se tornou visível entre os leitores desse tipo de periódico. Jornais e revistas começaram a se mostrar como uma “nova publicação”, diferente de outras que estavam disponíveis nas bancas:

A publicação era quinzenal, formato 14 x 21 cm e continha palavras cruzadas e outros passatempos para adultos com muitas frases de duplo sentido. Os adolescentes seguraram firme aquela Peteca, que logo se tornou uma das mais vendidas do mercado. Logo mudou seu conteúdo para o de uma revista masculina com artigos, fotos de garotas (cada vez mais nuas), cartuns e quadrinhos do espanhol Leon, com sua série “Oh! Afrodite”. Personal, a segunda revista da Grafipar, chegou meses depois, acendendo uma pequena fogueira dentro da história dos quadrinhos brasileiros. Isso porque a Personal nº 14, de 1978, apresentou a HQ Bilhete Íntimo, uma adaptação (não assinada) de Rettamozo sobre desenhos de uma HQ sadomasoquista do americano Nick Cardy. Foi a semente de um novo movimento quadrinístico que se iniciou com Um Estranho Sonho, obra escrita e desenhada pelo mesmo Rettamozo (in Personal nº 15), a primeira história erótica brasileira da Grafipar. A Pílula Sexual, também do Retta (como ele assinou) veio a seguir. O Hermafrodita, de Roberto Câmara (in Personal nº 18), foi a primeira HQ de autor freelancer, enviada de Recife. Mas, na Personal nº 19, com A Vizinha Adolescente, de Noriyuki (textos) e Roberto Kussumoto (arte) é que se iniciou a aquisição de histórias avulsas de jovens autores brasileiros em grande escala. Uma verdadeira corrida às pranchetas. Rettamozo e Rogério Dias, dois artistas plásticos residentes em Curitiba, cuidavam da parte artística de Peteca e Personal. E, como a seção de quadrinhos da Personal agradou de forma surpreendente, resolveram contatar quadrinistas de todo o país. E, por total acaso, a dupla de artistas descobriu que Claudio Seto, o criador da personagem Maria Erótica, concebida por ele em 1969 para a Editora Edrel de São Paulo, estava residindo em Curitiba, assim como o escritor Wilson Carlo Magno, também autor da antiga Edrel.⁴⁷⁸

Contudo, em 1983 uma crise econômica assolou o Brasil, e a espinha dorsal da Grafipar foi quebrada. Desesperado, Seto encerrou a carreira dos quadrinhos da Grafipar com edições pornográficas, com a série **Kat Sismo**. Até então, as revistas da casa não apresentavam cenas de sexo explícito. Deixou legado de uma enorme obra para a história dos quadrinhos brasileiros, formando uma verdadeira geração de autores.

Em um artigo de Aramis Millarch, originalmente publicado em 15 de setembro de 1978, **Quadrinhos eróticos**, o editor Faruk El Kathib demonstra que:

⁴⁷⁸ ROSA, Franco de. **A Era Grafipar**. A Era Grafipar. Disponível em: <http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/a-era-grafipar/> acessado em: 16-03-2015.

Nunca o brasileiro teve tantos sonhos eróticos. A conclusão é do editor Faruk El Khatib, 33 anos, executivo de marketing da Grafipar. Extrapolando seus lançamentos para publicações mensais, voltadas ao consumidor masculino, na faixa entre os 16/40 anos, classes B e C, as publicações da Grafipar estão vendendo como pão quente em todo o País. "Peteca", agora quinzenal, já passando dos 90 mil exemplares; "Personal" atinge os 50 mil e duas novas revistas, na mesma linha de erotismo, estão ainda: "Eros", exclusivamente em [quadrinhos], e "Rose", esta destinada ao público feminino. Publicações paralelas também são lançadas: "Personal Humor", editada inicialmente apenas bisextamente, passa agora a ter uma periodicidade mensal, e "Peteca-Contos" também vai ganhar lançamento regular - nesta reunindo contos eróticos, curtos, através de concursos que a própria editora promove. xxx Nelson Faria de Barros, veterano jornalista, ex-colunista social e crítico de teatro, ligado a mais de uma dezena de experiências editoriais feitas em Curitiba nas décadas de 50/60 ("Planalto", "Clube" etc.) é um dos responsáveis pelo sucesso desta fase de erotismo editorial da Grafipar, junto com um grupo de jovens desenhistas. Entendendo que o leitor classe A já é disputado por caras publicações ("Status", "Vogue Senhor", "Ele & Ela", "Play boy" etc.), procurou dar a "Peteca" e "Personal" uma linguagem descontraída, simples - voltada ao leitor de menor poder aquisitivo. E a fórmula está funcionando de forma acima do que esperava o editor Faruk El Khatib, vários cursos de marketing, experiência internacional - e que conseguiu, através de muito esforço, dar uma dimensão nacional às suas publicações. [...].⁴⁷⁹

A diversificação de publicações, aliada à expansão do mercado fez com que a Grafipar entrasse de vez para o mercado erótico e das publicações masculinas, produzindo assim, além da revista **Peteca**, diversas outras revistas de cunho sexual. Em artigo do **Estado do Paraná**, publicado em 13 de junho de 1979, com o nome de "Visita da Censura", Aramis Millarch nos diz que:

Apesar a exiguidade de seu tempo em Curitiba, o novo diretor-geral da Divisão de Censura e Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, José Madeira, não só esteve jantando com o editor Faruk El Khatib, como fez questão de visitar a Grafipar, na tarde de segunda-feira, junto com o chefe do serviço no Paraná e Santa Catarina, José Augusto. Considero como um dos mais liberais censores brasileiros - e que foi justamente escolhido para substituir a Rogério Nunes nas delicadas funções de chefe daquele organismo por sua capacidade de diálogo e compreensão dos problemas do setor, Madeira - que anteriormente exerceu as funções de chefe da censura em São Paulo, estava interessado em conhecer a editora paranaense que tem hoje uma tiragem de 750 mil exemplares de revistas por mês - e mais 100 mil exemplares de livros, sendo já a oitava casa publicadora brasileira. A partir basicamente de duas publicações - "Passarola", editada exclusivamente para ser distribuída a bordo dos vôos internacionais da Varig, e de "Peteca", quinzenal, 100 mil exemplares, a editora da família El Khatib apresentou um vertiginoso crescimento - ampliando suas publicações em vários setores - inclusive uma revista de atualidades, "Atenção", que, a partir de setembro, terá periodicidade

⁴⁷⁹ MILLARCH, Aramis. Quadrinhos eróticos. **Estado do Paraná**. Seção: Tablóide Página: 4 Data: 15/09/1978.

semanal. A revista "Peteca", numa linha de erotismo e orientação sexual, cresceu em poucos meses, levando Faruk El Khatib a fazer uma série de outras publicações na mesma linha - mas sem esquecer também outros gêneros, inclusive de publicações destinadas a criança. Também na área de livros, a Grafipar tem feito edição com elevadas tiragens, colocadas pela Distribuição Abril, que atem hoje como uma de suas principais clientes, em todo o Brasil. [...]. Para uma editora que começou a deslanchar há menos de 4 anos, o crescimento da Grafipar é impressionante - e abriu mais de 100 empregos para escritores, jornalistas, artistas gráficas e, principalmente, desenhistas de histórias-em-quadrinhos, já que produz 5 revistas de HQs, exclusivamente com estórias criadas por artistas brasileiras - a maioria do Paraná.⁴⁸⁰

Já apontada por Gonçalo Jr, em **Maria Erótica e o clamor do sexo**, Faruk não ficou com medo da Censura. Trabalhava em contato com ela e remetia as revistas para a apreciação da DCDP. O sucesso da Grafipar, elencada principalmente pela revista **Peteca**, fez com que tivesse sua melhor fase nesse período.

Devemos nos atentar que essas revistas eram também odiadas por parte da população. Diversas cartas foram encaminhadas à DCDP, como uma de 1977, na qual um padre se dirige à censura para reclamar contra a revista **Peteca**, por ele definida como pornográfica. Segundo Carlos Fico⁴⁸¹, a DCDP, em resposta, incluiu a revista no rol das que deveriam ser previamente censurada, e o diretor da Divisão informava ao padre sobre as reações que poderiam advir:

Essa medida, como todas as outras que buscam impedir a derrocada da moral e dos bons costumes, no entender da "elite intelectualista", tem caráter repressivo, castrador da liberdade criadora do artista brasileiro. Contudo, diante das chocantes evidências, não podemos nos furtar à aplicação de tal medida, embora sabendo, de antemão, quão duros serão os ataques e críticas desferidos pela imprensa e meios artísticos.⁴⁸²

A DCDP não recebia um número muito grande de cartas, embora tenha se tornado bastante conhecida do público nos anos 1970, em função da obrigatoriedade de exibição, nos cinema, nas TVs e nos teatros, do certificado de censura. Era possível saber de sua existência, do nome de seus diretores e do jargão utilizado pela repartição pública:

⁴⁸⁰ MILLARCH, Aramis. Visita da Censura. **Estado do Paraná**. Suplemento: Almanaque. Coluna ou Seção: Tablóide Página: 1 Data: 13/06/1979.

⁴⁸¹ FICO, Carlos. "Prezada Censura". Cartas ao Regime Militar. **Topoi - Revista de História**, Rio de Janeiro: UFRJ. n. 5, pp. 251-286, set. 2002.

⁴⁸² Carta ao ministro da Justiça, encaminhada à DCDP, de 12 de março de 1977 e ofício do diretor da DCDP de 18 de abril de 1977, Caixa 2.

Registre-se pois, mais uma vez, o contraste com o caráter oculto da censura da imprensa. Entre 1968 e 1985 a DCDP recebeu – ou foram encaminhadas a ela – pouco mais de 200 cartas, em maior número entre os anos de 1976 e 1980. Várias, sobre o tema da censura, eram encaminhadas ao presidente da República ou ao ministro da Justiça, mas suas assessorias as direcionavam ao diretor da DCDP. A maioria dos missivistas era constituída por homens, vindo em segundo lugar entidades diversas, como associações cívicas, clubes de serviços e as próprias empresas atingidas, como as emissoras de TV, produtoras de filmes ou editoras de livros e revistas.⁴⁸³

Na revista **Peteca** nº 45, de 1980, já exibida se exibiu a capa com uma garota de perfil com seus seios à mostra e os dizeres: “SEM CENSURA”!, mas ainda com o aviso “Impróprio para menores de 18 anos”. Em Cartas à redação vemos um leitor PEDINDO ABERTURA:

Nas fotos que as modelos tiram, mostrando tudo, as fotografias estão saindo muito mal. No pôster da Ponto de Encontro nº 2/80 saiu mal a fotografia da vagina da garota Clarinha. O que eu e milhões de leitores queremos ver é tudo bem feito e bem dosado. Afinal, isso é abertura. (F. S-Natal/RN)

Pedidos de imagens mais hardcores fizeram com que se repensassem toda a estrutura dos quadrinhos e da própria **Peteca**. Não adiantava mais pedir para “abrir sem arreganhar!”. O nu havia chegado e estava pronto para aparecer. Em resposta, a revista aponta certa preocupação com os limites: “Achamos que o que você está querendo ver é uma abertura grande demais, não é mesmo? Assim como se estivesse vendo a própria pessoa. É quase impossível, mas já anotamos sua sugestão. E passamos para o pessoal da arte”.⁴⁸⁴

Com o seu grande sucesso, a revista tornou-se quinzenal.⁴⁸⁵ A impressão e acabamento eram feitas em oficinas próprias. A distribuição nacional era feita pela Distribuidora Abril S.A. e chegava para todo o país.

Com o estabelecimento da revista, se inicia o processo de identificação do leitor com a revista. A classe de leitores da revista era chamada aqui de “Petequeiros”:

[...] A acolhida de Peteca quinzenal superou todas as expectativas, comprovando assim a validade dos milhares de pedidos que recebíamos de ansiosos petequeiros de todo o Brasil... Agora, além da revista normal,

⁴⁸³ FICO, Carlos. “Preza Censura”: Cartas para o Regime Militar. **Topoi** - Revista de História, Rio de Janeiro: UFRJ. n. 5, pp. 251-286, set. 2002.p.16-17.

⁴⁸⁴ Revista **Peteca**. Editora Grafipar. Curitiba-PR, Nº 75. 1980.

⁴⁸⁵ A revista estava registrada no DCDP do DPF sob o nº1699 – P.209/73.

quinzenalmente nas bancas de todo o país, vocês têm uma *Peteca* especial, alternando-se entre os títulos *Contos Eróticos*, *Confissões Íntimas* e *Astral*. Todas nascidas também sob o signo do sucesso, esgotando-se rapidamente nas bancas. Não poderíamos deixar de destacar o sucesso da primeira edição de “*Confissões Íntimas*”, inclusive o pedido de alguns leitores para que essa publicação isolada de *Peteca* tenha circulação mais contínua, mensal. Idênticos pedidos chegam para *Contos Eróticos*, especialmente agora que o prêmio foi dobrado para Cr\$ 2.000,00. *Escrevam dando também a sua opinião a respeito, pois como já dissemos e sempre afirmamos, nosso único objetivo são vocês, os leitores. Portanto, a palavra dos petequieiros é lei.* [...] Esperamos que *Peteca* quinzenal esteja agradando cada vez mais a todos vocês. Escrevam sempre dando o recado: estaremos atentos às solicitações dos leitores.⁴⁸⁶

A criação de mais revistas como **Penthouse**, **Confissões Íntimas**, **Contos Eróticos**, **Ponto de Encontro** e **Rose** levaram Grafipar ao ápice do erotismo dentro da ditadura. Cada qual era destinada a um público diferente, que foi surgindo a partir da **Peteca**. A revista, então, procurou aos poucos criar novas formas de sensibilidades. Os contos, por exemplo, na edição de número 64, o ganhador do mês no concurso permanente de contos foi o escritor Paulo Leminski, em 1980. Em sua edição nº 34 a revista chamava o leitor para contribuir com seus próprios contos: “Continue acompanhando com aquele carinho de sempre a sua revista *Contos Eróticos*. [...] E contribua você também: escreva o seu conto erótico e descubra aquela veia literária que quase todo mundo possui [...]”.⁴⁸⁷

A revista contava com uma seção de contos eróticos, com ilustrações de algum artista da revista, como na edição de nº 34 de Mohamed Ali Assal. Com nove contos publicados, reunindo escritos de todo o país: Nazaré/BA, Rio Grande/RS, Irecê/BA, Canoinhas/SC, Amparo/SP, Belém/PA, Fortaleza/CE, Januária/MG e Curitiba/PR. No mesmo número, aparecem algumas piadas ilustradas relacionadas ao sexo. Há também a existência de propagandas, mas sempre relacionadas às revistas e produtos **Peteca**. Na última página consta foto de uma mulher nua, com os seios à vista e, nela, uma propaganda do Concurso de Contos:

Ganhe Cr\$ 2.000,00 mandando seus contos eróticos

Concurso permanente de Conto Eróticos – Você envia de 1 a 3 trabalhos. Cada conto deverá conter de 1 a 4 laudas datilografadas, espaço dois. Os contos publicados (sendo 20 em Conto Erótico e 2 em *Peteca*) receberão cada um Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros). Você pode concorrer todos os meses. Mãos à obra. Não esqueça de enviar o nome completo, CPF e endereço. Envie suas histórias para Caixa Postal 1716 – Curitiba-PR.

⁴⁸⁶ Revista **Peteca**. Para você ler na cama. Grafipar Editora. Nº 22/78 Cr\$ 13,00.

⁴⁸⁷ Revista **Contos Eróticos**. Grafipar Editora. Curitiba – PR, nº 34, 1973 . p. 3.

As revistas da editora Grafipar se dividiram então entre a **Penthouse** para a classe média, a **Peteca** para as classes populares, as **Confissões Íntimas** para os leitores que queria ter experiências entre os leitores, o **Ponto de Encontro** para marcar encontro entre homens, mulheres, e a revista **Rose** para o público feminino e homossexual.



Figura 32 – Revista Penthouse, nº2, 1982

PENTHOUSE

Em 1982, o empresário Faruk El-Khabit, dono da editora Grafipar, realizou um sonho: conseguiu editar a versão nacional da **Penthouse**. Os ensaios eram criativos, e o diretor de redação, Sílvio Lancelotti, conseguiu trazer nomes expressivos do jornalismo. As entrevistas eram feitas pelo chargista Jaguar que entrevistou Fernanda Montenegro (nº2), Darcy Ribeiro (nº4), Brigitte Bardot (nº8) e Jimmy Carter (nº 8). No entanto, a **Penthouse** brasileira não teve vendas expressivas, e sobreviveu por apenas dez edições.

A proposta que a revista trazia era a de que “PENTHOUSE. A revista Internacional para o homem. 5.350.000 exemplares vendidos em todo o mundo”⁴⁸⁸ agora estaria disponível para o público brasileiro, que também se transformaria em um leitor de **Penthouse**. Essa tentativa de colocar o homem brasileiro em contato com essa nova ideia, a de uma “globalização” se daria pelo conhecimento do mundo através desta revista. Em artigo publicado em 1983, com o nome “Do you speak english?”, de Aramis Millarch no jornal **Estado do Paraná** apresenta a importância do inglês para os negócios, colocando Faruk como exemplo a ser seguido:

[...] no Paraná, contou o exemplo de Faruk El Khatib, como exemplo de um brasileiro que mesmo tendo um limitado conhecimento de inglês conseguiu convencer a Bob Guccione, da << Penthouse>>, a assinar o contrato para que editasse a revista no Brasil - temporariamente suspensa desde setembro último. Diz << Veja >>: << Evidentemente, é sempre mais difícil, mas os ousados chegam lá. assim foi com Faruk Khatib, dono da Grafipar, editora baseada em Curitiba, Persistente, El Khatib tentou o Fisk, o Yázigi, o Cebel, o Interamericano, depois contratou professores particulares, mas admite, com honestidade, que seu inglês ainda é << meia-boca >>. Talvez por isso, só em agosto de 1981 ele concluiu as negociações iniciadas em junho de 1980 com Bob Guccione, dono da << Penthouse >> americana para publicar a edição brasileira da revista. Por nove vezes ele foi a Nova Iorque e abriu a rodada de negociações com executivos americanos com a mesma frase: << My name is Faruk, speak slowly, please >> (<< Meu nome é Faruk, falem devagar, por favor >>). a << Penthouse>>. brasileira deixou de circular em setembro passado, baleada por uma brusca queda na tiragem. [...].⁴⁸⁹

Podemos perceber que o inglês como segunda língua torna-se essencial para a comunicação, inclusive entre produtores de erotismo e pornografia. Na primeira edição da revista, acompanhamos estampado em letras garrafais, o título **Penthouse**, com o custo de Cr\$ 550, em 1982, na capa a chamada “Chico Anísio é

⁴⁸⁸ Revista **Penthouse**, Grafipar. Curitiba-PR. 1982, nº 1.

⁴⁸⁹ MILLARCH, Aramis. Do you speak english?. 20 de outubro de 1983. **Estado do Paraná**. Suplemento:Almanaque. Seção:Tablóide Página:1 Data:20/10/1983.

o entrevistado”, “tem gente votando no sexo”, “Xuxa e Vera Fischer”, “O que os homens não sabem sobre as mulheres”, “Corinne: A garota do mês e mais 3 ensaios reveladores”, e em destaque: “A ousadia e o requinte Penthouse agora no Brasil” demonstrava que essa nova revista mudaria a visão do homem e da sociedade brasileira.

Em carta do editor:

Esta edição representa não apenas o surgimento de mais uma publicação masculina no mercado. Estamos lançando no Brasil a revista internacional para homens que não só alcançou o maior sucesso, como ainda continua crescendo, enquanto outras estacionam ou decaem.

Fundada por Bob Guccione, em 1965, na Inglaterra, PENTHOUSE vende hoje mensalmente, 4 milhões de exemplares apenas em sua edição americana. Somadas as edições de Inglaterra, Itália, Austrália e República Federal da Alemanha – que circula também na Áustria e na Suíça - ,a tiragem mensal sobe para perto de 5,5 milhões de exemplares. Estamos ingressando nessa cadeia de sucessos, à qual estará integrada, em breve, também uma edição para o Japão.

Nascida na metade “da década da rebeldia”, PENTHOUSE é bastante conhecida por sua atitude sem tabus em relação ao sexo. Mas seu maiúsculo êxito mundial não se deve apenas à alta qualidade das fotografias e ilustrações que publica. Além de aprimorar-se na criação e na elaboração desses atrativos, ela procura ser – com artigos, reportagens, entrevistas – uma revista sintonizada com o seu tempo, capaz de compreender e refletir as transformações em curso na complexa sociedade em que vivemos.

PENTHOUSE não pretende modelar ou massificar o comportamento de seus leitores, aprisionando-os em qualquer espécie de clube. Dirige-se a eles de modo franco, correto, profundo e sem preconceitos. Nossos leitores são pessoas inteligentes, de mente aberta aos avanços da humanidade nos vários campos do conhecimento.

Representar no mercado brasileiro esta proposta de trabalho não é missão fácil, nem para os maiores editores. Mas nós estamos confiantes; o público brasileiro merece PENTHOUSE.

Faruk El-Khatib⁴⁹⁰

A revista tinha 130 páginas em sua primeira edição e contava com as seções “Fórum” (Confissões Íntimas) e “Querida Xaviera” (Consultório) – que era escrita por Xaviera Hollander - “Panorama” (Tendências), que mostrava o que estava rolando nos filmes, televisão, discos, artes visuais, livros, idéias – com a ajuda de Luís Pellegrini, Carlos M. Motta, Walter Contrêra, Isa Cambará, Federico Mengozzi, J.C. Ismael e J. Alexandre.

Na reportagem, com a matéria sobre política e sexo, Renato Faleiros, em “Tem gente votando no sexo” fala sobre os problemas da sexualidade na questão política, as escolhas sexuais interferem diretamente:

⁴⁹⁰ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982.

O tradicional voto de boas festas foi substituído, pelo deputado João Batista Breda, do PT, por uma insólita declaração no plenário da Assembléia Legislativa de São Paulo, no final do ano passado. “Feliz orgasmo para todos, não importa como”, disse ele, para escândalo dos circunspectos parlamentares presentes. A histórica ousadia não figura, porém, nos anais do Palácio 9 de Julho, a sede do Legislativo Paulista. Foi *suprimida dos arquivos oficiais da casa por zelosos guardiães da moral e dos bons costumes – os representantes do PDS que dirigiam os trabalhos no momento em que Breda pronunciou a frase.*⁴⁹¹

A reportagem trazia a busca dos partidos políticos pelo eleitor jovem, abrindo em seus programas temas como aborto, homossexualismo (homossexualidade) e todas as imbricações da sexualidade. A reportagem trazia uma análise sobre a função das experiências sexuais antes do casamento, tomados de cautela até pelos políticos mais experientes:

Num país em que 69% dos 52 milhões de eleitores estão concentrados nas cidades e em que 30 milhões votarão pela primeira vez para governador, já era tempo de temas como o da sexualidade frequentarem as plataformas políticos-eleitorais. Embora os partidos ainda estejam cautelosos nessa discussão, em relação aos grupos organizados de feministas e homossexuais, por exemplo – que avançaram na brecha da transformação geral dos costumes -, o fato é que muitos políticos já descobriram que o sexo rende votos.⁴⁹²

A reportagem aponta que Ulysses Guimarães, então presidente do PMDB na assembleia geral da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), em Campinas, durante as discussões sobre sexualidade, aproveitou a ocasião para manifestar seu apoio à campanha dos homossexuais contra a discriminação que enfrentam em relação à legislação. A reportagem cita que a **Folha de S. Paulo** abriu espaço para as discussões da cobertura política ao tratar da evolução dos costumes. O petebista Jânio Quadros, devido à proibição dos biquínis feita quando era presidente da república, é citado na reportagem, que reconhece: “Nos tempos modernos, com o automóvel, o prédio de apartamentos, a pílula, as mulheres estão cada vez mais livres!”⁴⁹³

Ainda nessa reportagem aparece o candidato a senador Franco Montoro do PMDB: “O casamento”, admite ele, “é uma instituição que sofre modificações ao longo da história.” Quanto à transformação dos costumes, propõe: “A educação deveria acompanhar essas mudanças, mas não o faz. Continua anacrônica, fora do

⁴⁹¹ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº 1, 1982 p. 29.

⁴⁹² Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 30.

⁴⁹³ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 30.

tempo”. Em São Paulo, cerca de 1,2 milhão de homossexuais, segundo cálculos modestos, fazem a diferença nos votos. A reportagem ainda esclarece que grupos como “Somos” e a “Ação Lesbico-Feminista” se apresentavam em convenções, comícios e manifestações de partidos, sem apoiar um candidato oficialmente. Entre as reivindicações:

[...] a principal refere-se à luta pela revogação imediata do parágrafo 302.0 do Código de Saúde do INAMPS, que rotula o homossexualismo como “desvio e transtorno sexual”. Trata-se, como assinalou o deputado João Batista Breda em documento enviado ao Ministério da Previdência e Assistência Social, de uma “absurda discriminação, que agride os mais elementares princípios da ciência estabelecida e que representa uma inaceitável violência contra os direitos individuais”. Recentemente, uma abaixo assinado neste sentido foi subscrito por mais de 15.000 pessoas.⁴⁹⁴

Contrariamente, PDS ao ser questionado afirma que “o PDS está de pleno acordo com o parágrafo 302.0 do Código de Saúde do INAMPS”. O candidato Reynaldo de Barros, que concorreu pela sigla PDS, declara: Sou categoricamente contra. Homossexualismo é mais falta de vergonha do que necessidade sexual.” A luta pelos direitos dos homossexuais é pautada pelos artistas, dentre os quais Darcy Penteadado, do movimento *gay* paulista. O próprio Breda, como parlamentar e médico-psiquiatra, aponta:

[...] “alguns pontos não devem ser discutidos agora” observando ; “A visão de sexualidade não vai mudar por decreto. Não adianta termos uma lei que permita a sexualidade, por exemplo, entre jovens de 11 a 15 anos”. Para ele, “a sexualidade, será mais bem transada a partir das informações e do conhecimento que as pessoas passarem a ter. Nesse sentido, a abertura dos meios de comunicação ajuda. A masturbação já começa a ser vista hoje como uma iniciação ao prazer.”⁴⁹⁵

No final de julho de 1982 ocorreu o 1º Encontro Científico de Medicina, reunindo 3000 jovens em Recife, no qual, durante 3 dias de discussões de vários aspectos sobre a sexualidade levou diversos médicos a repensar alguns posicionamentos sobre o assunto. Esse tipo de evento fez com que muitos políticos se apresentassem a discutir que a questão da sexualidade era realmente importante.

Nessa primeira edição, na seção “A entrevista do Jaguar”, o escolhido foi Chico Anisio, que fala de sua vida e do trabalho (dos programas Chico Anisio Show,

⁴⁹⁴ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 30.

⁴⁹⁵ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 30.

Fantástico, e programas diários da rádio), do Clube de Campo (que tornou-se sua casa e tinha 6800 sócios) e de cavalos (que ele gostava muito). Chico fala que nunca tivera problemas com a Censura, mas que um de seus quadros – Canavieira e sua mulher – foi questionado, pois os prefeitos das cidades pequenas pediram para que retirasse o quadro porque as pessoas os chamavam de Canavieira (Jaguar chegou a perguntar se era o Jango, mas o Chico disse que não era). Ele ia a Brasília e apresentava aos Censores porque pela escrita poderiam não entender as inflexões que ele dava.⁴⁹⁶

A revista contava ainda com uma seção de “Artigos”, que no primeiro número, “A derrota da loucura”, escrito por David Rorvik, dava atenção aos problemas psiquiátricos e aos novos métodos de tratamento; com a matéria “O videotexto está chegando”, sobre uma nova tecnologia que iria revolucionar já que notícias, a serviços bancários e a possibilidade do tele-shopping (compra direta) pela televisão seriam possíveis; com uma seção sobre “Sonhos Eróticos” e um teste de “Psicoteste de Auto-Avaliação” para ver se você é um menino ou um homem. Além de uma seção de “Moda” (Primavera-verão) de algumas páginas; e, por fim, uma seção de “Opinião” que na estreia falava sobre o Método Coué (cura de doenças pela autossugestão), escrita por Karlos Rischbiter, ex-ministro da Fazenda (1979/80).



Figura 33 –Fotos de Corinne por Bob Guccione

⁴⁹⁶ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR N°1, 1982 p. 44.

No ensaio fotográfico produzido por Bob Guccione, a revista tem como “garota Penthouse do Mês” a atriz Corinne Alphen, com muitas fotos ousadas, em que aparecia seus seios e também sua vagina. Na abertura, com uma foto em que a modelo olha para a câmera e mostra a língua, como se ela tivesse consciência da mesma, há a declaração: “As regras foram feitas para ser quebradas. E eu mesma já andei quebrando várias.” Entre as fotos, ela aparece com um hamster, com os seios nus, assim como em poses “comuns” bem diferentes da **Playboy**. Algumas fotos com roupas diferentes mostram um ambiente bem ordinário, como um quarto normal. Em contrapartida, há também fotos com espartilhos e saias, com algumas penas, que remetem ao Cabaré. As últimas fotos são bem explícitas, e mostram a sua vagina com pelos pubianos. Além desse, mais dois ensaios fotográficos, um com a da Brenda Holliday (fotografada por Copelland) e a de um casal fotografado por David Schoen.

Na seção de Contos encontramos: “A bonita morte do senhor Marçal”, escrita por Marcos Rey e ilustração de Scatamacchia. A seção “Depoimentos” traz Walter Hugo Khouri, famoso pelo filme “Amor, Estranho, Amor”, com Xuxa Meneguel e Vera Fischer: “No caso de Amor, Estranho, Amor, tudo nasceu do convite do produtor paulista Aníbal Massáini para a realização de um filme sobre o amor visto pelo prisma de um menino”.⁴⁹⁷ Em seu depoimento, Khouri afirma que trabalhar com a Xuxa era muito interessante porque ela ainda era uma novata, e Vera Fischer era um sonho de qualquer diretor.

Na seção “Proposta (Vida Sexual)”, Shere Hite, a autora do Relatório Hite, desfaz os mitos e mostra a realidade do orgasmo feminino no artigo: “O que os homens não sabem sobre as mulheres”:

O Relatório Hite sobre a sexualidade feminina, meu primeiro trabalho (agora plagiado em outros três países), mostrou que quase todas as mulheres podem se masturbar e gozar sempre que têm vontade – facilmente, depressa e com grande prazer físico. O esteriótipo, na nossa sociedade, segundo o qual as mulheres têm um “problema” para atingir o orgasmo é falso: não é que as mulheres tenham um problema para chegar ao orgasmo, mas sim que a sociedade tem um problema para aceitar a verdade.⁴⁹⁸

⁴⁹⁷ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 71.

⁴⁹⁸ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 30.

As discussões e repercussões desses artigos e nus aparecem em matérias de jornais e revistas do período estudado. Com uma estrutura semelhante à da revista **Playboy**, mas com um número bem menor de propagandas, a revista **Penthouse** acertava em cheio com a qualidade dos nus e das fotos mais realísticas (com cenas do cotidiano), além de oferecer maior número de nus do que a revista **Playboy** (e mais explícito também). A revista em si trazia a sofisticação da revista **Playboy** com a nudez prometida em **Peteca**. Uma revista produzida para homens que queriam nudez e não nu artístico. A primeira edição teve uma rápida e grande repercussão, devido a grandeza da fama da revista:

A imediata e ampla acolhida do público leitor (esgotando o primeiro número da revista), as cartas e telefonemas de aplausos dirigidos à redação, definem o sucesso de lançamento de PENTHOUSE no Brasil.

Para nós, essa é a melhor recompensa aos esforços iniciados mais de um ano atrás, quando nosso editor, Faruk El-Khatib, iniciou entendimentos com o fundador e diretor de Penthouse International, Bob Guccione. Em julho último, o acordo foi finalmente americana, esteve em São Paulo nas semanas seguintes, acompanhando nosso diretor de arte, Irineu Schwab, no detalhamento gráfico final do número de lançamento. Felizmente o público premiou, com sua acolhida, essa conjugação de esforços para lhe oferecer o melhor.⁴⁹⁹

Nos próximos números tentou-se estabilizar esse discurso do homem-moderno. A questão maior seria a de que os homens não queriam se ajustar à nova realidade: a de que a mulher teria direito ao prazer tanto quanto o homem. Segundo Shere Hite, ainda na **Penthouse** número 1:

Na verdade meu estudo incluiu todo tipo de homem – homens de todas as regiões do país, de todas as camadas, raças e profissões, de grupos tão diversos quanto universitários, aposentados e leitores de PENTHOUSE. O dr. Robert McIlvenna, presidente do Institute for the Advance Study of Human Sexuality, explica assim a reação de alguns homens: “Embora o trabalho de Hite tenha-se baseado em pesquisa extensiva e em método científico, algumas pessoas o estão atacando porque não querem ouvir as coisas que os homens dizem no livro. As mulheres raramente atacam a obra de Hite; são os homens que o fazem, porque o livro diz coisas sobre eles que muitos não querem ouvir. Outros, ainda não estão dispostos a ouvir e apreender, sobretudo de uma mulher”.⁵⁰⁰

A revista então endossa essa falta de conhecimento por parte dos homens sobre os aspectos da mulher na intimidade, o que fez com que as críticas ao

⁴⁹⁹ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº 2, 1982 p. 6.

⁵⁰⁰ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 89.

relatório Hite também se estendesse às revistas eróticas e pornográficas. A revista traz diversos conhecimentos sobre o “saber-sexual”, o que não é necessariamente algo ruim. As informações contidas poderiam ajudar aos casais com problemas sexuais ou poderiam incorporar, a essas informações, novos dados em seus namoros e casamentos.

Na edição número 4 de **Penthouse**, na matéria de Paulo Sérgio Markun (“Os jovens rompem o tabu do sexo”) podemos perceber que em 1982 as coisas já haviam mudado em relação à sexualidade: “Muitos adolescentes praticam hoje um relacionamento sexual frequente e encontram da parte dos pais uma atitude de compreensão e interesse por mais essa etapa de crescimento”.⁵⁰¹ Na matéria, afirma-se que os alunos já reconhecem psicólogos e psicanalistas, e já possuem uma visão diferente sobre o sexo. Os próprios alunos, inclusive, fizeram uma pesquisa para o jornal da escola (no tradicional Colégio Santa Cruz de São Paulo) sobre esse assunto. Para desenvolvê-la, o jornal ouviu 118 alunos e 112 alunas das três últimas séries, e foram feitas perguntas sobre virgindade, relações homossexuais, prostituição e masturbação. Em relação à virgindade antes do casamento, foi contestado pela maioria das meninas, numa proporção que vai de 64% a 88% do primeiro para o terceiro ano. Em meio aos rapazes do primeiro ano, 52,5% admitiam frequentar prostíbulos. Essa pesquisa chegou às mãos de **Penthouse** por meio de uma das alunas de 16 anos, que procurou a revista e entregou-lhe os dados. A mãe que foi entrevistada pela reportagem admite que a maior preocupação dela é que a filha e o namorado fumem maconha, e que “vá àqueles barzinhos da Henrique Schauman, por exemplo”. Outra mãe explica que:

Segundo a mãe de Patrícia, todas as garotas de 16 anos são moralistas nesse sentido. “Minha filha já comentou comigo sobre uma amiga que dorme com os namorados. Ela chama a menina de *galinha*. E critica mesmo, junto com as colegas, acha um absurdo.”⁵⁰²

Ela fala que a filha já viajou em turma, mas que segundo esta, não aconteceu nada. A relação mãe e filha através de trocas de experiências e de conhecimentos estavam mais abertas entre elas, conforme podemos ver no resto da entrevista, ao contrário do que acontecia com os meninos:

⁵⁰¹ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº4, 1982 p. 29.

⁵⁰² Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº4, 1982 p. 29.

Vera não sabe muito nem mesmo sobre o filho mais velho, que está cursando Engenharia e volta e meia viaja sozinho. “Ele fala pouco. Sai em um grupo, com os amigos para jogar futebol. Na escola dele não tem mulher. Mas, quando tem aula de manhã, ele vai vestido diferente: se arruma todo, se perfuma, escolhe calça e camisa. É que de manhã tem as meninas dos outros cursos. Não sei quase nada sobre ele. Acho que não tem namorada, ele sempre namora as meninas erradas – a última era manequim, sabe? Dele, até que eu gostaria de saber as aventuras sexuais. Mas ninguém vai perguntar nada, não é mesmo? Tem pais que valorizam os filhos machões. Aí eles contam suas façanhas. Mas aqui nunca foi incentivado esse tipo de coisa.”⁵⁰³

Em outra entrevista, a mãe admite que a filha (16 anos) durma com o namorado em casa. No entanto, segundo ela, o pai não sabe de nada: “Ele é muito conservador”, explica Joana. “Ele se acha frustrado sexualmente. Um dia, resolveu que precisava discutir essa questão com a filha. E comprou uma enciclopédia sexual ilustrada, dessas que vendem nas bancas, aos fascículos”. A mãe Joana teve que explicar sobre o sexo para os filhos (ela tem mais dois), o que era uma recorrência devido a falta de interesse do homem da casa, como o caso do seu ex-marido (que haviam se separados há poucos meses) nunca tocava no assunto. Ainda na reportagem, um psicanalista endossa o texto:

Muitos garotos sofrem de grande ansiedade em relação a primeira experiência sexual, por causa da pressão de seus pais. Ir para a cama com alguém é como uma prova de fogo: eles precisam mostrar aos pais que seu pênis funciona. Frustrar o pai é como brochar para o resto da vida. O pai e seus agentes – irmãos mais velhos-por exemplo – cobram essa prova de masculinidade. E isso só reforça a inibição e a insegurança normais nessa idade. Sem clima erótico, o sexo não funciona mesmo.⁵⁰⁴

No relatório, assim como nas revistas, o que fica claro é que as mulheres não querem fazer sexo na mesma frequência com que querem os homens, pois o homem não conhece as suas vontades, seus desejos, e por essa razão, a mulher não chega ao orgasmo e não tem uma participação igualitária no sexo. Esse problema das mulheres pode ser observada pela falta de conhecimento sobre o sexo. O homem também sofre de problemas na área sexual pelo mesmo motivo. Os homens ficam ansiosos em relação à primeira vez, correndo, muitas vezes, o risco de brochar. Tudo isso pela super estimulação, e a necessidade de afirmar a sua

⁵⁰³ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº4, 1982 p. 119.

⁵⁰⁴ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº4, 1982 p. 120.

masculinidade. Por isso, o homem em vez de procurar uma mulher real, acaba por preferir a ficção à realidade, nesse caso nos **Quadrinhos Eróticos**.



Figura 34 – Eros, nº2, e Sexo em Quadrinhos, nº 11/1979

Eros/Sexo em Quadrinhos e Quadrinhos Eróticos

Faruk, com a revista Eros/Sexo em quadrinhos, acertou em cheio. Para colaborar em "Eros", Retamozo e Moura trouxeram desenhistas como Solda, Cláudio Seto, Bellenda, Fernando Ikoma, Liesenfeld, Eliot Pinus, José Victor Cit. e Fernando Ikoma (da editora Edrel). Hoje, Ikoma vem dedicando-se quase que exclusivamente às artes plásticas, com óleos de grande força, paisagens abstratas de muita comunicabilidade - para alguns críticos, lembrando bastante Érico da Silva. Como já dito, Cláudio Seto é outro pioneiro do erotismo em HQ no Brasil, voltando-se ao gênero como as histórias selecionadas para o primeiro volume de **Eros/ Sexo em Quadrinhos**: "Histórias do Espectador: Satiríase Fatal". Bellenda mostra sátira e

humor na história "Os homens assim como os macacos preferem as louras". "Presente de Aniversário", de Cláudio, terceira das estórias do número inaugural de "Eros", tem uma linguagem direta, montagem em ritmo cinematográfico - dentro da melhor tradição dos quadrinhos.

A tradição dos quadrinhos eróticos em termos internacionais é grande. Entretanto, como frisa Retamozo na nota introdutória da revista, "o sexo em quadrinhos até hoje descansou no leito dos preconceitos: confundir erotismo com pornografia é uma das tônicas preferidas pelos donos da verdade":

"Eros/Sexo em Quadrinhos" (34 páginas, Cr\$ 15,00, número 1 agora nas bancas de todo o País) é a mais audaciosa de todas as experiências da Grafipar, na busca de uma ampla faixa de mercado. De certa maneira, trata-se de colocar, dentro daquilo que a Censura permitir, as idéias e soluções que há anos vêm sendo empregadas por desenhistas e roteiristas de HQ realmente undergrounds. [...] Retamozo e Rogério Dias, veteranos desenhistas e publicitários, responsáveis pelo texto/arte de "Eros", não pretendem obviamente chegar àquilo que Carlos Zefiro faz (ou fazia, já que há muito tempo que suas revistas desapareceram do mercado paralelo) uma vez que a publicação da Grafipar tem vida legal, devidamente registrada junto ao Departamento de Censura e Diversões Públicas da Polícia Federal. Só que com imaginação, bom gosto e inteligência, vão tentar desenvolver nos quadrinhos nacionais - tão necessários de serem estimulados por nossos editores - toda uma temática e linguagem voltadas para o erotismo. [...].⁵⁰⁵

Uma das publicações que inovou e foi importante para esse universo foi **Eros/Sexo em Quadrinhos** da Grafipar. Com o número de vendas cada vez maior, a edição mensal passou a ser quinzenal, e foi uma das revistas com maior número de edições.

A partir da aceitação, depois do surgimento das heroínas sensuais na década de 60, as coisas mudaram. A mulher saía de seu papel de eterna noivinha do herói para destacar-se e conquistar seu lugar no paraíso dos quadrinhos. Apesar de vários cartuns em jornais do início do século trazer algumas caricaturas de mulher, a primeira personagem a assumir verdadeiramente sua condição de mulher foi a "Mulher Maravilha". Com isso, as heroínas, pouco a pouco, foram sendo despidas: Sheena, a rainha da selva, criada em 1937 por S.M.Igger/Will Eisner, também levou adiante algumas liberações.

⁵⁰⁵ MILLARCH, Aramis. **Quadrinhos eróticos**. Texto de Aramis Millarch, publicado originalmente em: Veículo: Estado do Paraná Caderno ou Suplemento: Nenhum Coluna ou Seção: Tablóide Página: 4 Data: 15/09/1978.

Ao chegar os anos 60, ocorre a grande explosão de sensualidade das heroínas: Barbarella, criada no mesmo período, nas páginas do "Y. Magazine", por Jean-Claude Forest (e cujo êxito chegou até ao cinema, com Jane Fonda vivendo a personagem, sob direção do então marido Roger Vadim, em 1967); Modesty Blaise, criada nas páginas do "Daily Express", de Londres, com roteiro de Peter O'Donnell e desenhos de Jim Holdaway (igualmente levada ao cinema, em 1965, por Joseph Losey, com Mônica Vitti no papel-título); Valentina (Malaverde), criada por Grazia Nidasio em 1968, e cujas primeiras tiras apareceram no "Il Corriere dei Ragazzi"; Jodelle, desenhos de Guy Pellaert, roteiro de Pierre Bartier, lançada pelo editor Eric Loesfeld em 1966; Paulette, e também heroínas socialistas: como Pravda e Octobriana⁵⁰⁶, além das menos conhecidas Scarlet Dreamm, Blanche Epiphanie, Xiris, entre outras.

Como se vê, a representação das mulheres em personagens femininas deixou de ser passiva, decorativa, relegadas a companheiras fiéis e acomodadas de heróis, como Narda, noiva de Mandrake ou Diana Palmer, que, finalmente, acabou sendo levada ao altar pelo Fantasma - 42 anos depois de a estória de Lee Falker ter sido criada (no Brasil, a estória do casamento do Fantasma foi lançada pela Rio Gráfica Editora).

Com a mudança no papel das heroínas, o homem perde um pouco de seu espaço, e acaba cedendo às mulheres, como podemos notar na primeira edição, com o nome de **Quadrinhos Eróticos**. Na capa de Cavaleiros da Arma DURA:

Por solicitação dos leitores brasileiros, QUADRINHOS ERÓTICOS que era mensal, passou a ser quinzenal. Na nossa inocência pensávamos que os pedidos estivessem atendidos e o leitor satisfeito. Uma grata surpresa nos esperava: esses insaciáveis leitores de quadrinhos-Grafipar queriam mais! Exigiam que a revista fosse semanal! Para satisfazer esses inúmeros tarados (por quadrinhos), a Grafipar está lançando SEXO EM QUADRINHOS, que será quinzenal revezando semanalmente com Quadrinhos Eróticos, e em outra Sexo em Quadrinhos, para saciar os instintos mais viris do leitor brasileiro.

SEXO EM QUADRINHOS pretende abordar em cada edição um tema que vai desde o tempo da armadura até nas *modernas variantes sexuais, passando por fadas, sádicos, masoquistas e toda essa fauna de temas atuais que possa despertar a curiosidade dos malandros!* Escrevam sugerindo temas que vocês gostariam de ver quadrinizados em nossas edições e juntos vamos fazer a festa do SEXO EM QUADRINHOS cada vez melhor! Grupo Quadrinhos-Grafipar. Caixa Postal 1716 – Curitiba – PR⁵⁰⁷

⁵⁰⁶ Não há indício de que realmente tenha existido essa heroína, apesar de ser citada por alguns estudiosos dos quadrinhos.

⁵⁰⁷ Revista **Quadrinhos Eróticos**. Nº1. Editora Grafipar. Curitiba-PR, 1978 p. 3, grifo nosso.

Entre as táticas e operações, foram utilizadas diversos meios para que as revistas chegassem a seu destino. Dentro da revista há uma propaganda sobre o sistema.

A revista **Sexo em Quadrinhos** em sua 2ª edição, “Conto de safadas”: Branca de Neve e os 7 Ah! não!”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, e a “Bela Adormecida” mostra a ação de misturar o infantil ao mundo adulto:

ESSA ARTE MARAVILHOSA E SEUS QUADRINISTAS BRASILEIROS!

Em agosto de 1978, o leitor Reinaldo Amorim Castilho de Mantuá – São Gonçalo-RJ pedia, numa carta enviada à redação do Grupo Quadrinhos, a volta de Maria Erótica. E após quase um ano seu pedido foi atendido (assim como o de muitos outros). Depois de sete anos de exílio forçado, ela voltou; aconteceu o comovente reencontro da MARIA ERÓTICA com o LEITOR BRASILEIRO!

Mas, em um trecho da mesma carta, o missivista solicitava também, que fossem feitos contos de fada, quadrinizados, para adulto.

A sugestão foi anotada, mas na época era impossível de atender devido a diversos fatores que prejudicavam e tornavam difíceis de se realizar planejamento de tal natureza.

Um destes fatores era a impossibilidade de se encontrarem para combinar tais edições especiais, já que um mora no Rio de Janeiro, em Recife e em São Paulo. E apesar dessa dificuldade e de outras que teimavam em aparecer, o Grupo Quadrinhos reuniu os quadrinistas e juntos planejamos e executamos esta edição de SEXO EM QUADRINHOS, apresentando os CONTOS DE SAFADAS! E nos sentimos orgulhosos por termos conseguido mais uma vez realizar uma sugestão do leitor. E não paramos aqui: vamos além; daí o nosso orgulho.

Em março, MARIA ERÓTICA estará nas bancas, vivendo o maravilhoso mundo sexual dos CONTOS DE FADAS! Quem comprar verá.⁵⁰⁸

As revistas foram sendo criadas para satisfazer as mais estranhas vontades dos leitores, adicionando aos quadrinhos temas como sadomasoquismo, necrofilia, zoofilia, etc. Mas a base ainda seria a Maria Erótica, que é citada em quase todas as edições da Grafipar:

Prezado Grupo Quadrinhos: parabéns pela Maria Erótica e parabéns a vocês por lançarem a Maria Erótica, principalmente na última história e com o velho, pois cada qual tem a sua fantasia. Acho, pelo que vi e gostei bastante, que a Maria Erótica deveria ser uma heroína SM. Coisa bastante difícil aqui para nós e tudo é só uma fantasia difícil de se encontrar.

Seria a primeira publicação brasileira a respeito disso e talvez a única. Vocês devem ter pelo que já vi nas HQ, alguma coisa por aí, muita coisa por aí, muita coisa por aí! Publiquem-nas...! Junto com a Maria. Espero suas próximas aventuras mensais ou trimestrais, indiferente para mim, mas de preferência neste estilo. (Paulo – Amparo/SP)

⁵⁰⁸ Revista **Sexo em Quadrinhos**. Grafipar. Curitiba-PR. Nº2 , 1978 p. 34.

Pois é, Paulo, talvez você não acredite, mas ao abrir a sua carta, dois temas saltaram para fora e tomaram corpo. Um dos temas era Fantasias Eróticas e o outro sadomasoquismo. Para nossa surpresa constatamos que diversas cartas sugeriam o mesmo, ainda que não especificamente, mas suficientemente claro o desejo; fantasias, SM, adultério, estripolias mil. Sempre atento, o Grupo Quadrinhos realizou esta edição de SEXO EM QUADRINHOS abordando as FANTASIAS ERÓTICAS e logo, logo entraremos de sola no SADOMASOQUISMO!

Agora, mudando de assunto, a Maria Erótica vai causar uma surpresa agradável aos leitores, pois, cansada desta realidade cruel e erotizada que nos cerca, ela se “Quadrtransportou” para o encantado e maravilhoso mundo dos contos de fadas, pois lá ninguém pensa em sexo. (Faz.)

Mas o melhor de tudo é que a Maria Erótica vai ser mensal; todo mês os leitores acompanharão as aventuras e desventuras da Maria no mundo de fadas, onde existem muitas safadas, virgens princesas (no signo), principais sacanas, reis cruéis, madrastras cafetinas, etc. De encantado e maravilhoso, só existe o corpo virgem de Maria! Resistirá?

Tcham!Tcham!

Que destino cruel está reservado à virgindade da Maria, exposta as crueldades eróticas dos fados, bruxos e magos? Resistirá ela aos “trabalhos” e “mal-olhados” Está lançada a semente da dúvida (he,he,he)! “Taí, Paulo, a Maria Erótica já está nas bancas; peça ao seu jornaleiro, e depois nos escreva dizendo o que acha do novo estilo. Um abraço de todos e até a próxima quinzena.”⁵⁰⁹

Os pedidos de determinados tipos de histórias tornaram-se cada vez mais recorrentes, e estas vão sendo implatadas pela revista. A preocupação com novos temas pode ser entendida também pelas mudanças em relação à perda do controle dos discursos e com a perda da tutela infantil dos pais e dos padres, em detrimento ao profissional especializado, o médico (e depois o psicanalista). O médico que toma o lugar do pastor e do padre no tratar da sexualidade infantil, muda a busca do registro da moralidade para o registro da doença. Para ter o diagnóstico e a proposta de “cura”, o paciente deve confessar seus atos doentios e sujeitar-se ao tratamento. O medo pela prática do incesto e outras questões relacionadas ao sexo fez com que as revistas permitissem a exposição destes desejos.

Os desejos não convencionais como “fetiches” podem ser vistos na edição da revista **Sexo em Quadrinhos** Nº5, “Sexo fora da cama”, que continha temas pedidos pelos leitores:

Senhores:

Sexo em Quadrinhos é ótima! Gostei demais dos nº 1 e 2, espero que o número 3 mantenha o nível. [...] Os temas que eu gostaria de ver em quadrinhos são: fantasia sexuals, fetiches, orgias gregas em homenagem a Baco[sic], masoquismo, sadismo, sexo fora do comum, altas transações etc.
Reinaldo F. Matto – Rio de Janeiro/RJ

⁵⁰⁹ Revista **Quadrinhos Eróticos**. Nº3. Editora Grafipar. Curitiba-PR, 1978, p. 34.

Sr. Editor:

(. . .) Eu queria que fizessem histórias em quadrinhos dos seguintes filões: relações sexuais que pintam de repente, sexo no mato, adultério, sadomasoquismo, orgias antigas, fantasias sexuais etc.

Adonis Bastos D. O. Lima
Salvador/BA

Caro Grupo de Quadrinhos:

Quase morri de rir e de tesão ao ler a *Sexo em Quadrinhos* nº 2, genial! O Seto, R, Matias e até mesmo o Eros estão de parabéns.

(. . .) Quero sugerir o seguinte: uma edição com o “papai e mamãe” (sem as aspás!), pois acontecem coisas incríveis entre um casal que se ama e é preciso acabar com o preconceito, mostrar que o injustiçado “papai e mamãe” é muito mais do que pensam estes pobres coitados sem imaginação e deslocados no tempo (não percebem que o “papai e mamãe” hoje em dia é bem diferente!). Outros assuntos que ficariam ótimos nos quadrinhos são: adultério, fetichismo, topless, sadomasoquismo, sexo longe da cama (no mato, no elevador, no mar, onde der!), orgias, fantasias etc. Márcio Oliveira Barbosa – São Paulo/SP.

Tantas e tantas sugestões! Escolher um tema já está se tornando um martírio, entre tantos que os leitores enviaram, é difícil selecionar um ótimo meio de vários ótimos! Mas não pensem que isso não nos agrada, pelo contrário, ficamos contentes pela atenção dos leitores e esperamos continuar a merecer tanta consideração. Agradecemos o carinho de vocês e aguardamos novas sugestões.

Nesta edição de *Sexo em Quadrinhos*, abordamos o Sexo fora da Cama, pois quem não gosta de curtir um “cardápio” diferente? Um abraço e até a próxima quinzena.⁵¹⁰

Aos poucos, a revista **Sexo em Quadrinhos** incorpora e vai lançando diversos temas, posições sexuais, tipos sociais, e acabam por lançar diversas revistas que pudessem incorporá-las. No nº6, com o tema de “Sexo Terapia”, na capa “Dr, Idelfindo e a pílula” mostra a relação entre a medicina, psicologia, a psicanálise o sexo:

SEXO TERAPIA

É o tema desta Edição de *Sexo em Quadrinhos*, que de número em número vem esmiuçando o sexo e suas variantes, assim como, também, todas as loucuras sadias que se possa imaginar num relacionamento sexual.

A criatividade e o volume de cartas dos leitores aumentam, alguns ávidos para verem seus temas quadrinhizados, escrevem diversas cartas, umas sugerindo e outras reclamando. Mas como o tempo todos ficarão satisfeitos, pois a festa do sexo em quadrinhos continua!

Para aqueles que perguntaram o Mozart Couto está desenhando para a revista *Katy Apache*, o Rodval Matias está nas *Aventuras em Quadrinhos* e em outras; o Seto pode ser encontrado na *Maria Erótica* (agora mensal). Por enquanto é só. Um abraço e até a próxima quinzena.⁵¹¹

O ponto alto dos pedidos saiu na capa do número 07 da revista **Sexo em Quadrinhos**, “SM (Sade e Masoch)”, em que aparece um homem com cara de

⁵¹⁰ Revista **Quadrinhos Eróticos**. Nº5. Editora Grafipar. Curitiba-PR, 1978, p. 34.

⁵¹¹ Revista **Quadrinhos Eróticos**. Nº6. Editora Grafipar. Curitiba-PR, 1978 p. 34.

insano, de chicote na mão, pronto para entrar em ação, puxando os cabelos da mulher que está na posição cachorrinho, “de quatro” (que pode sugerir sexo anal também) que está gostando, aonde seu rosto apresenta a expressão de prazer. Na capa, histórias como “mister hyde”, “Marido Bonzinho”, “Doloroso prazer sadomasoq”, “Violência sexual” revelam os desejos inconscientes dos leitores:

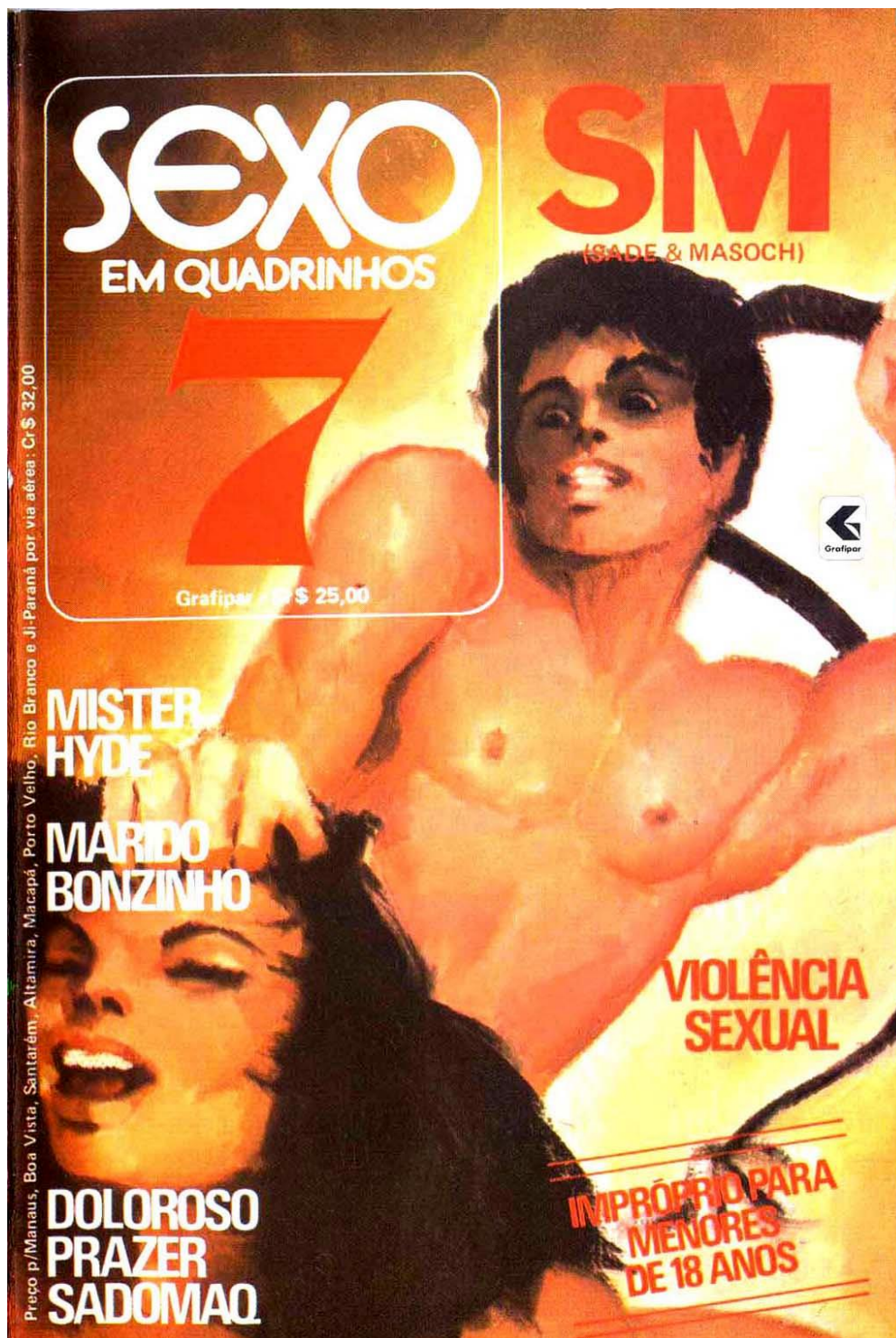


Figura 35 – Página da revista Sexo em Quadrinhos.
SM (Sach & Masoch) (GRAFIPAR) 1 ed. N°7

Nesse número aparecia uma propaganda do produto **The Arab Strap**. Ele está ligado ao sadomasoquismo e era uma ferramenta presa aos testículos com a promessa de alongar o tempo do sexo. A empresa que fabricava se chamava Produtos Paradise Ltda, de São Paulo e fazia a comercialização de vários produtos sexuais. Com os dizeres: “Por favor, enviem-me o mais rápido possível meu “Arab Strap” em embalagem inviolável e discretíssima” colocava a possibilidade de adquiri-lo sem que os vizinhos soubessem. O homem que lia nas revistas histórias de sadomasoquismo, agora poderia adquirir os produtos para partir não mais só dos desejos, mas agora para a ação. Não só a leitura da pornografia, mas também o uso de acessórios como uma nova prática cultural:

Aqui está o que todo homem esperava. Este maravilhos complemento ajuda a manter-se em forma por horas a fio. Ela ficará excitada só de olhar para você. O “arab strap” não apenas vai tomar você uma pessoa mais “proeminente” quando usá-lo embaixo das calças, como também a combinação com o anel do pênis ajudará você a mantê-lo grosso e comprido. E quando ela vir você usando o “arab strap”, imediatamente pedirá para entrar para o seu harém. Apenas Cr\$ 890,00.

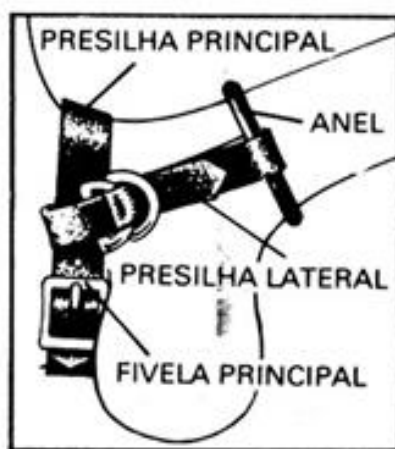


Figura 36 – Página da revista **Sexo em Quadrinhos**.
Fora da Cama (GRAFIPAR) 1 ed. Nº20

Além das imagens, discursos e produtos foram sendo incorporados nas revistas. Em **Sexo em Quadrinhos** nº 20, com o tema “Fora da Cama”, podemos ver que os gays pedem uma revista específica:

A Vida do homossexual já é tão cheia de preconceitos que não seria de admirar que uma revista como esta também nos marginalizasse. Por quê, eu pergunto, não se pode colocar histórias singelas, puras espelhando os problemas por nós vividos, os amores por nós sentidos, a felicidade em que

vivemos? Seria a glória ver a história de um guei, como eu, desenhada pelos traços finos e limpos de um Watson, pela virilidade que se percebe nos desenhos do Itamar, pelos traços históricos de um Rodval. Confesso: sou gamado nos traços deles. Respondam-me: quando nós também teremos a mesma chance dos outros. . .(Guilhermino K. – Brasília/DF)
Esta já é uma sugestão em estudo na Editora. O problema não é de preconceito, mas sim de viabilidade econômica. Estamos a disposição de todos os que desejarem se manifestar a favor de tal idéia.⁵¹²

Aos poucos as revistas em quadrinhos tornam-se tão conhecidas que os desenhistas e roteiristas acabavam também sendo conhecidos e solicitados, já que os leitores tinham certa predileção por um determinado traço ou porque esse artista utilizava mais ou menos nus nas cenas desenhadas. No excerto acima vemos que a comunidade homoerótica já dispunha de uma leitura tenta, e conhecia bem a revista.

Na página da revista **Eros Quadrinhos Eróticos**, número 6, podemos encontrar uma página dedicada aos leitores e suas vontades e desejos:

Ação entre amigos dos quadrinhos nacionais

Estamos procurando reunir informações a respeito do nosso leitor: o que ele lê e curte ler. Então resolvemos partir para uma pesquisa. Nossa proposta implica principalmente em ir de encontro ao interesse do leitor, em matar sua sede de HQ, mas sempre atentos em desenvolver e consolidar perspectivas criadoras que inovem e acrescentem em termos de quadrinhos nacionais.

Para isso é indispensável sua participação como leitor, opinando, sugerindo e quebrando o pau.

Portanto, participe. Não perca a oportunidade e vote! Responda às questões abaixo, depois dobre a cédula-resposta e mande para cá.

Você é leitor habitual de História em Quadrinhos? Sim Não

Qual (s) a(s) revista(s) em quadrinhos que costuma comprar?

Você já () comprou () leu () Neuros (Quadrinhos Eróticos (ex-Eros)

Quais as histórias que você mais gostou?

Neuros Q. Eróticos

Quais as que não gostou?

Neuros Q. Eróticos

Em HQ, você prefere o gênero:

() erótico

() terror

() ficção espacial

() ficção astral(parapsicológica)

() policial

Você já desenhou História em Quadrinhos?

(sim) (não)

Você, que topou participar dessa nossa primeira pesquisa de interesses, assinale:

Sua idade () e sexo (mas.) (fem.)⁵¹³

⁵¹² Revista **Sexo em Quadrinhos**. Grafipar. Curitiba-PR, Nº 20. p. 34.

⁵¹³ Revista **Eros Quadrinhos Eróticos**. Grafipar. Curitiba-PR, 1978. Nº6 p. 33.

A cada nova edição, percebemos certa abertura para que o leitor interagisse diretamente com os editores ou com os artistas. Com a possibilidade de se publicar o *hardcore* das revistas internacionais, a invasão da pornografia:

Não deixa de ser tragicômico, entretanto, que essa mesma liberdade pleiteada pela Grafipar seria também a sua sentença de morte. Problemas administrativos à parte, o erotismo moderado e de bom gosto que seus bravos jornalistas e artistas defendiam foi engolido pela pornografia meramente exploradora de um mercado que entrou em explosão de vendas entre 1980 e 1984. De repente, seus gibis se tornaram pouco competitivos, desinteressantes diante de fotos e fotonovelas quase ginecológicas que chegavam de todos os cantos do mundo. Mas ficou a história. A história da Grafipar. E a Grafipar na história da imprensa e das lutas pela liberdade de expressão.⁵¹⁴

As fotos explícitas estavam em todas as bancas de jornal. O balanço que podemos fazer é da Edrel para a Grafipar:

- Na sua opinião, quais foram os grandes momentos da Grafipar?

O melhor período da Grafipar é em 1981/82 quando os autores estavam maduros e a estrutura de produção azeitada. As histórias de Maria Erótica do Seto são geniais, Watson fez os melhores trabalhos “heavymetalanicos”, Itamar atingiu um traço impecável, Mozart criou historias sombrias com muito ritmo. Kussumoto desenhou como nunca, Seabra abusava da anatomia feminina, Vilachã brincava com música e quadrinhos, Josmar fevereiro pode revelar seu talento oculto no anonimato dos trabalhos na publicidade, ou sob a assinatura de Nico Rosso de quem fora assitante quando garoto. Shimamoto apresentava um novo estilo de desenho e narrativa. Colin transbordava humor, Padrella nascia como um Neal Gaiman antecipado e Magno escrevia short-storys impagáveis. Na Grafipar eu pude brincar com meus ídolos preferidos. Como sempre fui estudiosos de quadrinhos, nos quadrinhos eróticos da Grafipar pude realizar histórias imitando o traço de vários autores como Alex Toth, Jeff Jones, Guy Pelaert, Garcia Lopez, Crepax, Barry Smith, Neal Adams, Joe Kubert e Enrique Breccia. Eu decalcava os desenhos deles. Dá até para publicar um livro só com estes pastiches. Fazer aquelas homenagens era um grande prazer para mim e também um grande aprendizado. Porque observando a forma como cada um resolvia os detalhes em suas artes me ensinaram muito.⁵¹⁵

Essas publicações, além de criar identidades, também abriram espaço para a liberdade de expressão, para o compartilhamento de novas experiências sexuais, novos desejos (a possibilidade de homens poderem desejar homens também), a possibilidade de encarar a ficção como um espaço de desejos não-realizados, tudo

⁵¹⁴ Gonçalo Jr. **A Guerra do Sexo**. Grafipar na Guerra do sexo. Disponível em: <<http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/a-guerra-do-sexo/>> Acessado em: 01-12-2015.

⁵¹⁵ ROSA, Franco da. Conheça Franco da Rosa. Disponível em: <<http://blogmaniadegibi.com/2012/05/conheca-franco-da-rosa>> Acessado em: 01-12-2015.

isso através de desenhos e fotografias. Essas novas modalidades de construção do masculino abriria espaço para novas revistas, que ultrapassariam todos os limites do que era possível ser pensado em uma época dividida entre uma ditadura militar e uma revolução sexual. O poder do desejo *hardcore* que ameaçava não só a moral e os bons costumes, mas também revelaria os desejos inconscientes dos homens brasileiros.



Figura 37 – Kabash e o prazer *hardcore*

3.3. A ditadura desavergonhada: transgressão *hardcore*

“Oh! Sejamos pornográficos,
(Docemente pornográficos)”
Carlos Drummond de Andrade

Aquilo que definimos aqui como transgressão *hardcore* consiste em um movimento iniciado a partir da década de 70, que contou com publicações de sexo explícito, sexualidades desviantes e toda perversão que o homem poderia desejar. Tudo aquilo que não seria considerado normal pelo resto da sociedade no quesito sexual, poderia ser encontrado nessas revistas. Nada estaria fora do alcance desse tipo de pornografia. Histórias que se passavam em diversos contextos e fotos explícitas elevaram os ânimos de seus leitores ao máximo. Podemos encontrar o sadismo, masoquismo, sadomasoquismo, zoofilia, *anus gapping*, defloramentos e todo tipo de sexo *hardcore* (inclusive de violência explícita e BDSM⁵¹⁶).

Outras revistas tentaram criar esse discurso, mas eram bem mais comportadas, vendendo uma produção *softcore*, de acordo com as fontes observadas. A problemática das revistas *hardcore* se dá por essas revistas, geralmente coloridas, não terem numeração, ou não se seguia a numeração original, ou ainda não possuía registro na Polícia Federal, e dessa forma não pudemos encontrar muitas referências sobre elas. Algumas não tinham nome de editoras e ainda tinham a mesma capa, mas com conteúdos diferentes. Não há também nomes de editores e muito menos dos fotógrafos, o que tornava difícil encontrar os rastros de publicação.

Entre outros problemas está a atividade dos leitores, já que também são uma incógnita, pois foram poucos os traços deixados e muitas dessas publicações foram queimadas, rasgada, jogadas no lixo e dessa forma já não existem mais. Poucos números podem ser encontrados em sebos e acervos particulares, porque não tinham a fama como a da revista **Playboy**. Mesmo assim, essas revistas venderam muito e tiveram diversos números, chegando a compreender um grande mercado de pornografia no Brasil. Os indivíduos que não se contentavam com a revista *softcore*, adquiriu algo que realmente sanasse sua curiosidade e seus instintos sexuais:

⁵¹⁶ BDSM é um acrônimo para a expressão "Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo".

Quando o instinto sexual é muito intenso, mas pervertido, existem dois desfechos possíveis. No primeiro, que não examinaremos, o indivíduo afetado permanece pervertido e sofre as consequências do seu desvio dos padrões de civilização. No segundo, muito mais interessante, o sujeito consegue realmente, sob a influência da educação, e das exigências sociais, suprimir seus instintos pervertidos, mas essa supressão é falsa, ou melhor, frustrada. Os instintos sexuais inibidos não são mais, é verdade, expressos como tais - e nisto consiste o êxito do processo -, mas conseguem expressar-se de outras formas igualmente nocivas para o sujeito, e que o tornam tão inútil para a sociedade quanto o teria inutilizado a satisfação de seus instintos suprimidos. Aí reside o malogro do processo, malogro que um cômputo final mais do que contrabalança a sua parcela de êxito. Os fenômenos substitutivos surgidos em consequência da supressão do instinto constituem o que chamamos de doenças nervosas ou, mais precisamente, de psiconeuroses. Os neuróticos são uma classe de indivíduos que, por possuírem uma organização recalcitrante, apenas conseguem sob o influxo de exigências culturais efetuar uma supressão *aparente* de seus instintos, supressão essa que se torna cada vez mais falha. Portanto, eles só conseguem continuar a colaborar com as atividades culturais com um grande dispêndio de energia e às expensas de um empobrecimento interno, sendo às vezes obrigados a interromper sua colaboração e a adoecer. Defini as neuroses como o 'negativo' das perversões (ver em [1]) porque nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente - porque as neuroses contêm as mesmas tendências, ainda que em estado de 'repressão', das perversões positivas.⁵¹⁷

Algumas características se tornam interessante para entender como alguns leitores masculinos tornaram a leitura destas revistas uma prática quase que cotidiana, em algumas vezes, fugiam do normal, e buscariam as perversões em meio as transgressões sociais. Essas escolhas nos mostram que algumas eram mais fáceis de adquirir, já que tinham até aprovação social, já que contos eróticos de literatos reconhecidos deram aporte para a sua venda. Isso nos ajudou a rastreá-las, como no caso da revista **Club dos Homens** com os enunciados: “Julian Gray, entendendo os entendidos”, “Conheça aphyllóphilus e seu clube”, “Desejo e Nudez de Kátia e Bebel”, “A melhor literatura erótica”, “Os segredos do orgamos de uma mulher”, “Madame Fru-fru, A Necrófila”, “Débora Nua no Cemitério”!, “Por tras de uma saúna mista”, e no rodapé da página “Sadomasoquismo e as confissões dos leitores”.

As revistas nos mostram que o erótico e o pornográfico começaram a ser difundidos rapidamente, com misturas das quais não conseguiriam mais separá-las, seriam consideradas apenas como revistas *hardcore*. Dentre várias, **A Club dos Homens** se tornou uma das mais famosas. Nela se encontrava nudez recatada e

⁵¹⁷ FREUD, Sigmund. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna.(1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). p. 103.

entrevistas no estilo **Playboy**, com pessoas consideradas parte da Cultura Nacional: Luiz Fernando Veríssimo, Raul Cortez, e inclusive a dupla sertaneja Tonico & Tinoco. Um dos repórteres que mais atuaram na **Club** foi o jornalista Marcos Faerman (1943-1999). A capa da edição nº 10, ao preço de Cr\$ 3.000, trazia uma modelo seminua, com as mãos em cima dos seios, vestida da cintura para baixo, deixando transparecer sua roupa íntima transparente e seus pelos pubianos.

A análise das revistas até aqui, tanto eróticas, quanto pornográficas mostram que os elementos para classificar, nomear e fazer com que pudessem ser proibidas nos mostram uma diferenciação de projetos de homens. Por um lado temos o rico *playboy*, do outro o pervertido, o anormal:

E a rotulação certamente é um desses recursos: “a rotulação, que é o equivalente ‘científico’ do insulto, também é uma estratégia comum, e quanto mais estigmatizante e vago, logo, irrefutável, for o rótulo [...], mais poderoso o insulto se torna.”⁵¹⁸

Além das clássicas revistas **Playboy** e **Penthouse**, foram criadas novas revistas, formando novos núcleos de desejos, novos domínios, novas artes que aliaram o erotismo e o cinema com o sexo, ao dar voz e “corpo” às novas manifestações culturais. Um destes casos é a revista **Fiesta**, uma espécie de “*Playboy* dos pobres”, que compilava ensaios de atrizes iniciantes e musas secundárias. Com o êxito de vendas, a publicação teve vida longa e cobriu a abertura sexual na década de 80. Durante o período de maior prestígio, **Fiesta** teve colaboradores especiais como Amaury Júnior e Décio Piccinini. **Fiesta** contava ainda com uma versão mais barata, a revistinha **Mini fiesta**, que tinha público certo durante o período da abertura sexual: os mais pobres. As edições traziam fotos de garotas estrangeiras, com poucas matérias. Percebemos que havia uma manifestação sexual que foi, aos poucos, banalizando o sexo:

No âmbito do sexo nossa época passou por transformações notáveis, graças à progressiva liberalização dos antigos preconceitos e tabus de caráter religioso que mantinham a vida sexual dentro de um torniquete de proibições. Nesse campo, sem dúvida, no mundo ocidental houve progressos, com a aceitação das uniões livres, a redução da discriminação machista contra mulheres, gays e outras minorias sexuais que pouco a pouco vão sendo integradas na sociedade que, às vezes a contragosto, começa a reconhecer o direito à liberdade sexual entre adultos. Está claro

⁵¹⁸ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 7ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004, p. 171-172.

que a contrapartida dessa emancipação sexual foi, também, a banalização do ato sexual, que, para muitos, sobretudo nas novas gerações, se converteu em esporte ou passatempo, numa atividade compartilhada que não tem mais importância que a ginástica, a dança ou o futebol, quando não menos. Em termos de equilíbrio psicológico e emocional, essa frivolição do sexo talvez seja saudável, embora devêssemos refletir sobre o fato de que, numa época como a nossa, de notável liberdade sexual, mesmo nas sociedades mais abertas não houve diminuição no número de crimes sexuais e talvez tenha havido aumento. O sexo *light* é o sexo sem amor e sem imaginação, o sexo puramente instintivo e animal. Desafoga uma necessidade biológica, mas não enriquece a vida sensível e emocional, nem estreita a relação do casal para além do embate carnal; em vez de livrar o homem ou a mulher da solidão, passado o ato urgente e fugaz do amor físico, devolve-os à solidão com uma sensação de fracasso e frustração.⁵¹⁹

As revistas *hardcore* seriam esse *light* de que fala Vargas Llosa, e que seriam constantes com a abertura política. O consumo desenfreado deste tipo de publicação criou senão, uma série de revistas com fotografias de péssimo gosto, e em muitas vezes sem preocupação técnica alguma. Muitas vezes sem o mínimo de qualidade conforme pode ser atestado nas revistas antes e depois com o início da abertura política em plena ditadura.

Entre as revistas conhecidas, encontramos a revista **MasterSex**, ela compilava fotonovelas eróticas, contos, quadros eróticos, fotos de modelos gringas e resenhas de boates, publicada pela editora Ki-Banca e durou pouquíssimos números. As vendas eram feitas por reembolso postal, como indica o anúncio: “Não mande dinheiro agora, pague na agência do correio quando receber o aviso de chegada”.

Entre as menos conhecidas estava a **Privé**, um catecismo que se tornou conhecido por seus especiais de massagistas, carnaval, “os mais perfeitos bumbuns do planeta Terra” e até atletas olímpicas (“o recorde mundial de mulheres: 100 páginas livres de censura”, dizia a publicidade). Além dos ensaios, as edições tinham dicas sexuais, quadrinhos, passatempos eróticos e colunas sobre cinema.

Outra revista, a **Humor Privé** tinha uma edição especial chamada **CHIC**. Lançada pela Ideia Editorial, ela misturava fotos de mulheres nuas com interferências de quadrinhos nas fotos, principalmente pelos personagens “Zé” e “Jão”. Contava também com histórias em quadrinhos em preto e branco e passatempos, como uma parte de cartum e sistemas de jogos do tipo “liga pontos” (a imagem formava uma mulher nua). Artistas e cartunistas como Nani, Belizário,

⁵¹⁹ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013. p. 26.

Carmo, Flávio, Lori Vegas e Angeli participaram da revista. Na seção “Conversa Mole” eram publicadas pequenas histórias cotidianas que no fim acabavam em sexo, seja em um escritório ou em um ônibus, com todo mundo dormindo, menos os amantes:

[...] Meu pênis já estava ereto e com as suas carícias crescia cada vez mais. Em retribuição abri os botões da blusa dela, soltei seu sutiã e cai de boca em seus seios, descendo aos beijos e acariciando todo o seu corpo. Ela delirou de prazer quando a livre de suas calças e enfiei a língua em sua xota quente e úmida. [...] ⁵²⁰

Depois do ápice do prazer, eles voltavam ao normal para que ninguém pudesse pegá-los em flagrante. Histórias como essas povoavam a imaginação dos leitores e incentivava casais a terem esse tipo de comportamento, conforme indicado na seção de cartas.

[...] no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. ⁵²¹

Essas mudanças nos comportamentos e nas ações começaram a ser questionadas por revistas e jornais. A abertura estava a ocorrer rápido demais. Até hoje podemos perceber o papel da pornografia nos conflitos entre ações e gerações. No livro **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**, a antropóloga Maria Elvira Diaz-Benitez destaca a relação entre sexualidade e pornografia:

A espetacularização da sexualidade e a aparente abertura dos costumes não significam, contudo, que estejamos diante do fim da “obscenidade”. O sexo existe em-cena, em meio a constrangimentos e controvérsias. A pornografia permanece entre discursos e juízos de valor, entre jogos de verdade e regulamentações, continuando a marcar uma tensão entre o nominável e inominável, habitando fronteiras movediças entre o que se considera “bom” ou “ruim”. ⁵²²

Isso levou a experimentações e junções de gêneros dentro das revistas masculinas. Muitas delas, por não agradar ao público, duravam não mais que

⁵²⁰ Revista **Chic**. Nº 3. Ideia Editorial. São Paulo-SP, 1973 p. 30.

⁵²¹ CHARTIER, Roger. **História cultural, entre práticas e representações**. Trad. Maria Mauela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. p. 24.

⁵²² DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 12.

apenas um número, ou então mudavam os nomes das revistas para ver se deslanchavam em suas vendas. Um exemplo disso foi Farah Abdalla, que era dono de uma distribuidora especializada na venda clandestina de revistas de sexo. Investidor inveterado, produziu alguns filmes da Boca do Lixo. Em 1978, o empresário tentou bancar sua própria revista, que recebeu o nome de **Stars Sexy**. A publicação durou um único número.

Close foi uma interessante publicação, que mesclava erotismo com humor. As entrevistas eram com personalidades como o sambista Cartola, o cantor Juca Chaves e a atriz Wilza Carla. Esta última, segundo a revista chegou a declarar: “Tive dez homens num único dia”. **Close** se definia como a “a revista da grande abertura”, como pode ser visto nesta propaganda:

Figura 38 – Capa e propaganda revista Close

Algumas revistas abordavam e davam lugar às experiências sexuais de seus leitores. Como seu público era muito específico, **Fórum Íntimo**, revista voltada para as experiências sexuais de seus leitores nunca decolou. Mesmo assim, a

publicação teve seus anos dourados, inclusive sendo copiada por outras revistas do mesmo gênero.

Título especial da revista **Homem** da Ideia Editorial, **HOMEM Macho** circulou nas bancas durante um período expressivo. A publicação trazia ensaios de modelos internacionais, contos eróticos e novidades sobre as estrelas do cinema pornô.

Pioneira na publicação do *hardcore* brasileiro, **Internacional** marcou época. Baseada na **Hustler** norte-americana, seu conteúdo não se restringia aos ensaios eróticos. Pela primeira vez, assuntos como bissexualidade, hermafroditismo, homossexualidade e sadomasoquismo eram discutidos. Sua tiragem chegou aos 150 mil exemplares. Alguns anos depois, a revista passou a chamar-se **Big Man Internacional**.

Dessa forma, podemos perceber que houve uma cisão entre dois tipos de revistas erótico-pornográficas: um tipo considerado normal pela sociedade e outro denominado anormal. A necessidade de criminalizar a pornografia, e transformar o indivíduo em um desviado, com certo grau patológico serviu para os setores mais conservadores da sociedade justificarem que poderia haver um tipo de pornografia legalizada, desde que fosse de bom gosto, de requinte, cultural. Desse modo, publicações *hardcore* estariam banidas dos circuitos públicos, mas ainda seriam produzidas, e novas edições seriam lançadas a cada ano, assim como a abertura que iria se concretizando. O intenso debate sobre a pornografia pode ter contribuído para uma aproximação também com a política, como forma de reforçar o “espectro do comunismo”, que rodeava a cultura brasileira.



Figura 39 – Capa da revista Sueca. Podemos notar que não existe nada que possa indicar quem produziu esta revista

Como podemos perceber o homem brasileiro dispunha de uma série de publicações com caráter informativo, com erotismo ou mesmo pornográfico. Algumas revistas vendiam não apenas o desejo por mulheres nuas, mas um “estilo de vida”, e esse diferencial fez com que a algumas publicações continuassem enquanto outras ficaram a mercê do tempo.

Por que criminalizar a pornografia, mas aceitar a publicação de certa forma leve? O que podemos perceber é que a invasão estrangeira do sexo teve seu início no mesmo período em vários países de continentes diferentes, e que rapidamente tiveram contato e influências desses discursos. A Suécia, que tinha um sistema político, econômico e psicológico aparentemente mais livre, contribuiu de forma efetiva para com o início da pornografia explícita. Exemplo disso pode ser constatado com Kristina Orfali, em “Um modelo de transparência: a sociedade sueca”:

[...] a liberação sexual dos anos 1960 e 1970 foi em parte fictícia; ela eliminou proibições formais, mas sem com isso modificar em profundidade os esquemas tradicionais. Em todo o caso, é esta tese defendida pelas feministas suecas, que denunciaram vivamente a maneira como a literatura pornográfica ilustrava as relações homem-mulher. A esse respeito, vale a pena citar um episódio. Em 1964, foi criada a revista *Expédition 66*, que se pretendia o equivalente feminino de *Playboy*, oferecendo a suas leitoras alguns *pin-up* masculinos. Na verdade, a revista durou pouco, por falta de leitoras e, principalmente, de modelos (Nina Estin, a redatora-chefe, se recusou, com uma honestidade bem sueca, a recorrer aos arquivos de revistas homossexuais). Depois dessa data, a pornografia visa apenas a uma clientela essencialmente masculina.⁵²³

A aparente modernização, podemos dizer que foi até em certo ponto muito conservadora, fez com que a pornografia ficasse restrita apenas aos setores masculinos, criando uma oposição entre homens e mulheres. Apesar de diversos grupos tentarem criar revistas pornográficas voltadas às lésbicas, não obtiveram muito retorno. Os jovens homens estariam aptos a comprar e consumir pornografia, ao contrário das mulheres, que deveriam ficar afastadas desse convívio.

Mesmo no Brasil foi difícil essa disparação, já que ela avançava rapidamente em todos os aspectos da vida social. No cinema, na televisão, no teatro, a pornografia havia se consolidado.

Na matéria da revista **Realidade** sobre o *Sexo (Invade tudo)*, especificamente na parte da conclusão que aparece com o nome “O nu no teatro: a exibição do corpo já não tem sentido pornográfico” podemos perceber quem eram esses leitores das revistas:

A Editôra José Álvaro, no Rio, a Coordenada, em Brasília, e a Hemus. Em São Paulo, lançaram, de um ano para cá, coleções de romances eróticos com grande saída. Na orelha desses livros, frequentemente, é citado o sociólogo Havelock Ellis: “Os adultos precisam de literatura obscena tanto quanto as crianças precisam de contos de fadas, como alívio de fôrça opressiva das convenções”. Resultado desse fenômeno de venda: a Editôra Record está incentivando o surgimento dos primeiros autores eróticos brasileiros. Estão aí Aguinaldo Silva, com **Geografia do Ventre**, e Hernâni de Irajá com **Confissões de um Conquistador de Criadas**.

- O consumidor de literatura erótica – diz o editor João Rui Medeiros, da José Álvário – situa-se na faixa da classe média frustrada, aquela que deita cedo por não ter dinheiro para gastar nas boates. São aposentados e funcionários públicos que vivem no mundo da fantasia e arriscam na loteria.⁵²⁴

⁵²³ ORFALI, Kristina. Um modelo de transparência: a sociedade sueca. In: PROST, Antoine. (org.) **História da Vida Privada, 5: Da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 p. 553.

⁵²⁴ Revista **Realidade**. Uma publicação da Editora Abril. Outubro de 1968. p. 38.

A justificativa através da Sociologia usada pela revista **Realidade** é que esse tipo de produção barra nas explicações filosóficas e psicológicas da necessidade do erótico. A permissividade do erotismo transformou a forma como a sociedade em geral via as revistas eróticas e pornográficas. Poderiam ser lidas e compradas, desde que fossem seguidas algumas normas. Revistas de discursos transgressores estariam fora das listas, e tudo o que se relacionasse à anormalidade deveria ser excluídos, julgados e muitas vezes queimados. Seus leitores eram desqualificados com a alcunha de “doentes mentais” que viviam em um mundo de fantasia.

A problemática que se apresentou era a de que a sociologia e a literatura eram criadoras de definições de comportamentos, de explicação para a mudança da normalização do erótico. E essa literatura erótica trouxe não só a possibilidade de novas formas de sexualidade, como também foi apropriada em discursos de psiquiatras e médicos. Nomes de autores como Marquês de Sade⁵²⁵ e Sacher-Masoch⁵²⁶ foram transformados de literatura a categorias de perversão, o primeiro com o termo sadismo e o segundo com o termo masoquismo, perdendo assim toda a riqueza do texto literário. Da mesma forma que aconteceu com as revistas eróticas, como **Playboy**, ou *hardcore*, como os catecismos de Zéfiro, tornaram-se sinônimos de perversão:

Do ponto de vista literário, essas transformações se traduziram no aparecimento de uma série de novos personagens, temas e formas narrativas que vieram somar-se aos antigos diálogos entre mulheres voltados para a vida das prostitutas. [...] A obra de Sade é, nesse sentido, o melhor exemplo: além de tematizar as mais estranhas práticas sexuais, colocando em cena um panteão inclassificável de personagens, ela se vale de uma pluralidade de gêneros literários, tais como o romance epistolar, o panfleto político, os diálogos, o *roman noir*, entre tantos outros. Levando essa pluralidade à exaustão, o Marquês chegou a criar formas narrativas próprias, como é o caso do “catálogo das perversões” a que deu o título *Les 120 Journées de Sodome*, de 1785. Sade representou, para a nova pornografia que se inaugurou na passagem do século XVIII para o século XIX, o mesmo que Aretino para o erotismo literário do Renascimento, e até um fato biográfico, que escapou a Lynn Hunt, confirma sua exemplaridade: 1740 também foi o ano de seu nascimento.⁵²⁷

Marques de Sade inovou em diversas áreas e influenciou de certo modo o aparecimento de diversos tipos de panfletos políticos e satíricos de sua época. Em

⁵²⁵ Marquês de Sade (1740-1814) foi um aristocrata francês e escritor libertino.

⁵²⁶ Leopold Ritter von Sacher-Masoch (1836-1895) foi um escritor e jornalista austríaco, que teve seu nome como referência ao termo masoquismo. O termo deriva de seu nome graças ao seu romance **A Vênus de Peles** (1870).

⁵²⁷ MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Revista Cult**. Janeiro de 2000 p. 52.

sua obra, o estupro, o incesto, o parricídio, a profanação, a sodomia, o tribadismo, a pedofilia e toda forma de tortura e assassinato eram associados à excitação sexual. Sade colocou à disposição do público algo que muitas pessoas conheciam, mas tinham “medo” de falar ou de confessar: o sexo. Entretanto, não se trata apenas do sexo cortês, mas das diversas formas de encarar o sexo, até mesmo aproximando-o da morte:

[...] Ninguém foi capaz de superar Sade, pois ele explorou realmente a derradeira possibilidade lógica da pornografia: a aniquilação do corpo – base real do prazer – em nome do desejo. Essa *reductio ad absurdum* da pornografia não seria possível sem o estabelecimento prévio da tradição pornográfica. Quando, no início do século XIX, os esforços pela regulamentação com propósitos morais expandiram-se dramaticamente, a polícia, os escritores, os editores e os leitores sabiam quais eram os modelos.⁵²⁸

Todavia, esse papel de modelo não ficou preso ao Marques de Sade, ele se expandiu também ao pensamento e obra de Masoch, que segundo Gilles Deleuze, em **Sacher Masoch: O frio e o cruel, a obra de Masoch** foi um desmontada pela ciência da época, e suas ideias originais foram apenas reduzidas a um contraponto da obra de Sade:

Chama-se literatura pornográfica uma literatura reduzida a algumas “palavras de ordem” (faça isso, aquilo...), seguidas de descrições obscenas. Violência e erotismo estariam nelas reunidas, então, mas de maneira rudimentar. Em Sade e em Masoch, as palavras de ordem são abundantes, proferidas pelo libertino cruel ou pela mulher despótica, assim como as descrições (apesar de, comparativamente, não terem o mesmo sentido nem a mesma obscenidade nas duas obras). Parece que, tanto para Masoch quanto para Sade, a linguagem adquire seu pleno valor agindo diretamente sobre a sensualidade. Em Sade, *Os 120 dias de Sodoma* organiza-se a partir das narrativas que os libertinos ouvem de “historiadoras”; e nenhuma iniciativa dos personagens, pelo menos em princípio, deve preceder as narrações. Pois o poder das palavras culmina quando comanda a repetição dos corpos, e “as sensações comunicadas pelo órgão da audição são as que mais agradam e cujas impressões são mais vivas”. Em Masoch, tanto em sua vida como em sua obra, é preciso que os casos amorosos sejam desencadeados por cartas anônimas ou pseudônimos e anúncios classificados; é preciso que sejam regulamentados por contratos que o formalizem, que os verbalizem; e as coisas devem ser ditas, prometidas, anunciadas, cuidadosamente descritas antes de se realizarem. No entanto, se a obra de Sade e a de Masoch não podem passar por pornográficas, merecendo um nome mais alto, como o de “pornologia”, é porque, em ambas, a linguagem erótica não se reduz às funções elementares de mando e descrição.⁵²⁹

⁵²⁸ HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia**. A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999 p. 36-37.

⁵²⁹ DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 19-20.

Como propõe Gilles Deleuze, a pornografia de Sade e de Masoch não é apenas literatura pornográfica, pois criaram novos discursos, nos quais, não podem apenas simplificar como mera narrativa; elas criaram práticas, e descreveram cuidadosamente o sexo e a sexualidade, necessitando criar uma nova classificação para essas obras. Não são pornografia simplesmente, mas uma *pornologia*, ou seja, ganham atributos de uma epistemologia, de uma ciência bem delimitada, com regras e teorias próprias.

De certo modo, o estudo da pornografia se esbarra em uma série de problemas de toda ordem: de classificação, de tipos de narração, de imagens, de palavras, de personagens, levando a considerar que a pornografia está à margem da literatura (quanto à narração e personagem), à margem das Ciências Humanas (quanto à reação das sociedades) e até das Ciências Biológicas (quanto aos domínios dos corpos). A literatura de Sade e Masoch transformou a forma como definimos o modo de se relacionar com o erotismo e com o pornográfico e podem revolucionar o modo como nos vemos no âmbito privado:

Seriam Sade e Masoch, nesse sentido, grandes clínicos? É difícil considerar o sadismo e o masoquismo como se considera a lepra, a peste, o mal de Parkinson. A palavra “doença” não convém aqui. Mas não resta dúvida de que Sade e Masoch apresentam a seus leitores quadros inigualáveis de sintomas e de signos. Quando Krafft-Ebing fala de masoquismo, está dando o mérito a Masoch pela renovação de uma entidade clínica, definindo-a menos pelo vínculo dor-prazer sexual que por comportamentos mais profundos de escravidão e de humilhação (e, afinal, existem casos de masoquismo sem algolagnia e até algolagnia sem masoquismo). E devemos ainda nos perguntar se, comparado a Sade, Masoch não define uma sintomatologia ainda mais refinada, tornando possível uma dissociação de distúrbios antes confundidos. Em todo caso, “doentes” ou clínicos, e as duas coisas ao mesmo tempo, Sade e Masoch são também grandes antropólogos, à maneira daqueles que sabem incluir em suas obras toda uma concepção de homem, da cultura e da natureza, toda uma nova linguagem – grandes artistas, à maneira daqueles que sabem extrair **novas formas e criar novos modos de sentir e pensar.**⁵³⁰

Essas obras ficam no limiar da História, da Antropologia, dos manuais de Psicologia e até mesmo da Psicanálise. Catalogar as práticas possíveis, entender a formação de grupos de leitores, mostrar a criação de novos modos de sentir e pensar.

⁵³⁰ DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 18.

Essas narrativas foram importantes leituras para a produção pornográfica. Seja ela *soft* ou *hardcore*, erótico ou pornográfico, elas criaram as diversas fantasias, como poderemos constatar principalmente na pornografia *hardcore*. O “homem brasileiro” foi alvo dessas leituras que transformaram o homem em ativo e passivo das relações. Dividiu as relações entre homens diferentes, em graus de conhecimento sobre o homem e seus desejos, através de suas fantasias, delegando ao homem novos desejos como o salto fino, os chicotes, a submissão, as roupas de couro, e as cordas para prender sua amante. Como sugere Deleuze e que podemos encontrar na história de **A Venus das Peles** de Masoch:

A curiosa história de Severin, que se faz escravizar por Wanda, contém os mais diversos ingredientes da paixão encerrada pelo sofrimento físico e moral. Descerra, de maneira explícita e detalhada, o universo das fantasias poderosas que nutrem a paixão e regem aquela excitação que se condiciona aos sofrimentos *físico* e *moral*. Deixar-se amarrar e ser chicoteado pela amante corresponde ao primeiro; obedecê-la cegamente, deixar-se humilhar por ela, entregar-se-lhe como posse, requinte da fantasia, assisti-la entregar-se a outro amante, correspondente ao segundo. Mais do que retirar o véu que costuma cobrir as fantasias mais estranhas e secretas, o texto de Masoch põe em marcha as ações necessárias a sua consubstanciação, ali condensadas no instituto emblemático do *contrato*.⁵³¹

Esse novo homem, nascido dos problemas da vida moderna, com a necessidade de se adaptar em um novo mundo, de novas tecnologias, fizeram nascer uma nova rede de leitores, que com essa pornografia, na forma de literatura erótica e mais tarde no romance erótico também iriam contribuir, para que se torna um sujeito normalizado.

A preocupação não é com quem produz a pornografia, mas sim com quem a consome, e de que modo consome. A massa de pessoas leitoras deve ser controlada, e, assim, o leitor da pornografia é transformado em monstro, em pessoas anormais, sendo necessário esconder as leituras. A necessidade de compreender, organizar e codificar a suspeita e a sua identificação, pois o “perigo social” da cidade está interligado à pornografia e às condições insalubres de vida, como a superpopulação, a prostituição, a promiscuidade, a vida urbana, o alcoolismo e a libertinagem.

Uma revista do período chamada **SM. O prazer do sadomasoquismo**, que foi produzida em um papel de ótima qualidade, trouxe na capa os dizeres: “Meu Marido,

⁵³¹ FERRAZ, Flávio Carvalho. Introdução. In: SACHER-MASOCH. **A vênus das peles**. Tradução Saulo Krieger – São Paulo: Hedra, 2008, p. 10.

meu senhor – “eu me excito só em pensar nos castigos que receberei...”, e ainda “Objeto Sexual – um homem submisso descreve sua humilhação e excitação quando sua SENHORA o empresta para servir sua melhor amiga”. E no fim da página “Oh rainha, os que vão sofrer a dor do prazer saudam-te!”. Na revista não há nenhuma informação sobre a editora, editores ou fotógrafos. A contracapa de trás está apenas amarela, sem nenhuma propaganda ou informação.



Figura 40 – Revista SM O prazer do sadomasoquismo. ANO III nº 5

Seus leitores tornaram-se fontes de perigo para si mesmos e para os outros, para o meio e também para a decência, através da hereditariedade do corpo coletivo, sendo necessário esse controle: “[...] Quanto mais um ato for psicologicamente determinado, mais seu autor poderá ser considerado penalmente responsável por ele”.⁵³² No interior da revista vemos 4 fotos coloridas com um losango ao centro, contendo alguns dizeres. Há uma foto de um homem com o pênis ereto, com uma bota agulha perto dele, uma mulher com uma focinheira e um consolo no ânus, em outra foto há um homem de 4, levando uma chicotada nas nádegas, e na última foto um pênis com vários pesos de metal presos a ele. No escrito dividido em duas partes diz: “A dor física, visto pelo ângulo da sua misteriosa capacidade para conduzir ao êxito erótico e ao orgasmo, é, na realidade, o sofrimento que está associado primeiro ao prazer e, depois, ao gozo orgástico”. No outro lado está escrito: “Daqui deriva a atitude característica do masoquista que exige cada vez mais ao parceiro um aumento de torturas, mas a dor não constitui, em si própria, o prazer terminal. É apenas o meio para atingir. M. SANDOMASOQUISMO. S.F.F.”

⁵³² FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 5. p. 15.



Figura 41 - Imagem central da revista S.M.

A linha entre o erótico (softcore) e o pornô (hardcore) segue um problema a ser considerado, controlado no interdito, sem se esquecer de que essa diferença faz-se necessária, não para o leitor ou para o editor, mas sim para aqueles que não a leem, sabem de sua existência e têm de conviver com ela seja nas bancas ou nas gavetas de meias, seja na escola ou no banheiro:

[...] Supor que um poema erótico digno do nome de poema vise tão-só a excitar sexualmente os seus leitores equivale a confundi-lo com pornografia pura e simples. Embora Boris Vian [em sua conferencia "Utilidade de uma literatura erótica] tenha insistido na impossibilidade de se distinguir, em última instância, o erótico do pornográfico, pode-se não obstante recorrer,

para diferenciar um do outro, à mesma noção de efeito por via da qual são erroneamente confundidos.⁵³³

Definir e separar pornografia de erotismo são atitudes normalizadoras, na qual o erotismo é em grande parte aceito pela sociedade, excluindo-se por completo a pornografia, silenciando e calando-a. Com a revolução sexual e a expansão capitalista, emergem novos grupos sociais que tentam se estabelecer: as chamadas “minorias”. Surgiram para separar o homem moderno mais uma vez, e já não era apenas uma questão do binômio homem/mulher, mas sim entre os homens heterossexuais e homens homossexuais. Nesse sistema, pertencer à figura do “novo homem”, este que teria uma “nova mulher” moderna, distinguindo e evidenciando novas formas de sexualidades, um novo mundo em que você pode se tornar, ser, descobrir-se:

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido uma descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento dos estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais em uma condição natural em que um indivíduo aceita como um estado de coisa preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais.⁵³⁴

É exatamente no final do século XIX que podemos percebemos certa preocupação em relação à regulamentação da pornografia. Não só a pornografia, mas também da sexualidade ocidental. Ao mesmo tempo em que temos uma pluralidade de discursos proibitivos sobre a pornografia em todas as áreas - na literatura, na fotografia e, depois, no cinema - temos um aumento de sua procura e de sua produção:

A partir do declínio deste [o poder patriarcal], cuja testemunha e principal teórico foi Freud ao revisitar a história de Édipo e de Hamlet, esboçou-se um processo de emancipação que permitiu às mulheres afirmar sua diferença, às crianças serem olhadas como sujeitos e aos "invertidos" se normalizarem. Esse movimento gerou uma angústia e uma desordem específicas, ligadas ao terror da abolição da diferença dos sexos, com a perspectiva de uma dissolução da família no fim do caminho. Nessas condições, estará o pai condenado a não ser mais que uma função simbólica? Deve ele se obstinar a vestir novamente os ouropéis do patriarca de outrora, como queriam os conservadores? Deve ele, ao contrário, se transformar em educador benevolente, como desejavam os modernistas?

⁵³³ PAES, José Paulo. **Poesia Erótica em tradução**. Tradução, apresentação, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 15.

⁵³⁴ GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993, p. 25.

Se o pai não é mais o pai, se as mulheres dominam inteiramente a procriação e se os homossexuais têm o poder de assumir um lugar no processo da filiação, se a liberdade sexual é ao mesmo tempo ilimitada e codificada, transgressiva e normalizada, pode-se dizer por isso que a existência da família está ameaçada? Estaremos assistindo ao nascimento de uma onipotência do "materno" que viria definitivamente aniquilar o antigo poder do masculino e do "paterno" em benefício de uma sociedade comunitarista ameaçada por dois grandes espectros: o culto de si próprio e a clonagem?⁵³⁵

A pornografia comercial, projetada exclusivamente para excitação, floresceu no século XIX e, aos poucos, foi construindo um discurso oficial de masculinidade. Como os custos de impressão continuaram a cair, material pornográfico foi progressivamente comercializado às diversas classes para consumo. Isso abriu a possibilidade de novas ameaças à família, com novos conteúdos, novos temas e de venda rápida, sem conteúdo, apenas com fotografias, palavrões e sem preocupação com a qualidade do material, sobraram apenas como um material produzido para o consumo e venda rápida, para a indústria cultural, com as fotonovelas *hardcore*.

⁵³⁵ ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 9.



Figura 42 – Suecas Porno Total – Fotonovela

3.4. “É preciso abrir sem arreganhar”: fotonovelas e o impulso *hardcore*⁵³⁶

Aos poucos, a pornografia começou a criar regras de produção e estabilidade, em um sistema de produção de imagens *hardcore*. Revistas já não eram mais drapeadas, escondidas, dissimuladas nos contornos e desconchavos das diferentes práticas sexuais.

Para a confecção deste tipo de revistas, com cada vez menos conteúdo escrito, e mais imagens, facilitaram a inserção de um bombardeamento imagético de nudez, perfazendo da cultura das fotonovelas, um caso a parte. A cultura, nesse sentido,

⁵³⁶ HABERT, Angeluccia B. **Fotonovela e indústria cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.

teve efeito devastador, naquilo que podemos ver em Llosa sobre a **Civilização do Espetáculo**:

[...] Mas, por outro lado, por acaso o principal, isso se deve a uma cultura que propicia o menor esforço intelectual, a ausência de preocupação, angústias e, em última instância, pensamento, em favor da entrega em atitude passiva àquilo que o agora esquecido Marshall McLuhan — sagaz profeta do caráter que a cultura de hoje adquiriria — chamava de “banho de imagens”, essa entrega submissa a emoções e sensações desencadeadas por um bombardeio inusitado e muitas vezes brilhantíssimo de imagens que chamam a atenção, embora, com sua natureza primária e passageira, embotem a sensibilidade e o intelecto do público.⁵³⁷

É exatamente no fim da década de 1980 que ocorre um regime de visibilidade do pornográfico. Isso esteve (e está) associado à intensificação da produção discursiva sobre esse objeto, que fez com que os fenômenos relacionados à produção pornográfica passassem a ser descritos, ordenados, medidos, calculados, categorizados, o que torna a pornografia alvo de determinadas instituições e foco de tecnologias de poder, separa categorias e cria novas modalidades de discursos. Isso pode ser percebido pelas cartas enviadas ao DCDP, como aponta Carlos Fico:

Jovens e crianças aparecem especialmente indefesos nas cartas, demandando os cuidados da censura, pois “falta-lhes ainda, infelizmente, a orientação segura que nem o lar nem a escola” deveriam dar. Tudo poderia atingi-los, degenerá-los, despertar-lhes “os maus sentimentos porventura embrionários”, pois os “menores não sabem discernir”. Inseguros diante da “onda erótica e pornográfica”, do “vandalismo sexual”, da “poluição do sexo”, da “anarquia sexual”, apelavam para a autoridade, narrando seus infortúnios: “Acontece, meu caro senhor [que] minha senhora deparou com uma grande quantidade de material pornográfico [e viu] ruir sob seus olhos toda a estrutura que edificou”. O dono do material pornográfico era um menino que deixava de comprar o lanche na escola para adquirir as revistas e, durante o recreio, as mostrava, talvez lúbrico, às meninas. “Impressionante como essas crianças se deleitavam em ver tais cenas”, dizia um padre que registrara acontecimento assemelhado. “Jovens que, pela excitação sexual, são levados à masturbação, que prejudica o seu desenvolvimento físico e mental”, e à contestação. Em 1979, agastados com a programação infantil vespéral da TV, várias sedes do *Lions Clube* de São Paulo escreveram à DCDP pedindo providências. Era a “crise moral”, a “corrupção dos lares”, a “delinqüência juvenil”.⁵³⁸

A preocupação com os jovens e com a formação sadia dos novos homens levou a uma nova reorientação sobre os rumos que a censura deveria tomar. Com a

⁵³⁷ VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.p. 24.

⁵³⁸ FICO, Carlos. “Preza Censura”: Cartas para o Regime Militar. **Topoi** - Revista de História, Rio de Janeiro: UFRJ. n. 5, pp. 251-286, set. 2002.p.16-17.

publicação das fotonovelas eróticas, a abertura sexual não teria mais volta.⁵³⁹ Durante muito tempo o sexo ficava apenas como parte da imaginação dos brasileiros, havia apenas imagens eróticas, e não realmente pornográficas, *hardcore*. Agora, com as fotonovelas tudo ficava claro: mostrariam as fotografias de mulheres com as pernas abertas em posições ginecológicas, tanto em preto e branco, quanto a cores, histórias com mulheres nuas cometendo todo tipo de “sacanagem” possível e impossível, revertendo, com isso, a ordem familiar:

A ordem familiar econômico-burguesa repousa, portanto em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos. Mas, ao se outorgar à mãe e à maternidade um lugar considerável, proporciona-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desembocar em uma perigosa irrupção do feminino, isto é, na força de uma sexualidade julgada tanto mais selvagem ou devastadora na medida em que não estaria mais colada à função materna. A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos.⁵⁴⁰

Quem comprava esses títulos não tinha desculpa: comprava para ver a mulher com uma liberdade que não veria no mundo real, e porque queria saber como era o sexo nas revistas pornográficas. A fotonovela (assim como a fotonovela erótica) é depreciada e desqualificada como gênero literário:

Considerada um subgênero da literatura, a fotonovela é uma narrativa mais ou menos longa que conjuga texto verbal e fotografia. A história é narrada numa sequência de quadradinhos (como a banda desenhada) e a cada quadradinho corresponde uma fotografia acompanhada por uma mensagem textual. Mais tarde a fotonovela torna-se independente do cinema e caracteriza-se pelas suas intrigas sentimentais (a heroína é quase sempre uma rapariga de origem modesta que sonha com um amor cheio de obstáculos e dificuldades mas no final consegue o seu objectivo), as personagens não demonstram um grande desenvolvimento psicológico e são sempre estereotipadas (os bons são sempre bons e os maus arrependem-se no final ou sofrem as consequências), predomina o imaginário exótico, e, mais tarde o ‘suspense’ e o sexo, os temas variam

⁵³⁹ Em um artigo sobre as fotonovelas, André Joanilho cita que esse tipo de leitura era consideradas como “Sombras Literárias” devido o status de má literatura que esse tipo de literatura recebia. É importante frisar que as “fotonovelas eróticas” são ainda mais difíceis de serem estudadas, principalmente pela dificuldade de datação, de saber a composição editorial (editores, fotógrafos, modelos), e como eram adquiridas. JOANILHO, André Luiz. JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 56, p. 529-548 – 2008.

⁵⁴⁰ ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 21.

entre problemas afectivos, sociais, a procura de sucesso numa carreira, a justiça na sociedade, a ascensão social, a marginalidade, etc.⁵⁴¹

As fotonovelas eróticas ainda produziram outros problemas para além da sua definição, já que, como artefato cultural, é de difícil acesso, escasso em informações e sem uma sequência de numeração ou qualquer outro tipo de normalização ou normatização, o que fez com que grande parte delas escapasse totalmente ao controle do governo. Elas eram publicações marginais e obscuras que precisavam ser compradas de forma quase clandestina. Era preciso implorar por elas nas bancas de jornal para comprovar que não era um fiscal do governo.

É interessante notar que a revista **Suecas-pornô Fotonovela**, por exemplo, não trazia número de edição, pois eram feitas quase que artesanalmente, em formato pequeno, impressão simples, capas coloridas, contracapa azul celeste, sem desenhos nem informações. Era uma fotonovela que misturava fotografias produzidas em estúdio aos balões das revistas em quadrinhos. Em uma capa por exemplo, podemos encontrar em letras grandes do lado direito escrito além do nome da revista: “Bela, Selvagem... Sensual. SEXO ANAL”. Proibido para menores de 18 anos. Os caminhos do sexo... com muito erotismo... realismo... com muito amor... SEXO ORAL.”⁵⁴²

Podemos perceber uma foto da mulher deitada de costas olhando para frente. A imagem sugere que a mulher sabe o que se pretende, sempre insinua que ela tem o poder, seja através de seus olhares, seja pela sua postura corporal. Revista recheada com muito sexo explícito, histórias com poucas falas, imagens sadomasoquistas e muitas fotografias de lésbicas, com ou sem homens acompanhando. Nessas revistas, os palavrões são utilizados para defiiir as relações e ambientar a “sacanagem”. Palavras como: “rola”, “suruba”, “foder”, “depravada”, “me fode”, “cuzinho apertado”, “trepadas”: - “Janete a minha Vizinha, gosta de uma rola bem grossa na boca...”[...] - ...Mas a mais escandalosa, é a que mora do meu lado, “A Beth Balanço...”⁵⁴³ Como podemos perceber, a revista faz alusão a famosa música do conjunto de rock do Cazuzu, o *Barão Vermelho*, Beth Balanço. As

⁵⁴¹ CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em <www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>, Acessado em: 10/12;2015, s.n.p.

⁵⁴² Suecas-pornô fotonovela. Sem número de edição. Sem data. Sem local de produção.

⁵⁴³ Revista **Suecas-Pornô**. Fotonovela. Bela. Selvagem... Sensual. Sem data.

referências a cultura brasileira e aos acontecimentos nacionais permearam essas publicações.

Casais devassos, ménages, mulheres loucas de desejo e orgias espetaculares: estas eram algumas das historinhas que saíam publicadas em **Show Erótico Especial**. Esse catecismo era destinado a um público seletivo, e teve vida curta nas bancas. Em suas capas, as promessas são diversas (“Kátia, a coreana topatudo!”, “Explícita total, sexo anal e oral em posições inéditas”), mas o conteúdo se resumia a fotonovelas sem grande criatividade.

O editor e cartunista Ota, o mesmo que escreveu sobre Carlos Zéfiro, fala sobre como era o período em que trabalhou para a editora Ideia Editorial, que na verdade era a editora Três e produzia essas fotonovelas:

Comecei a produzir cartuns como um louco e tentar enfiá-los nas brechas disponíveis. Isso incluía revistas de palavras cruzadas e um tanto de outras de todos os gêneros possíveis, entre elas o antigo Pasquim (na época editada pelo Jaguar). Como o mercado do Rio de Janeiro estava esgotado, tentei me virar em São Paulo. Fiquei sabendo que na editora Três estavam comprando cartuns eróticos para encher as páginas de algumas revistas de mulépelada que publicavam disfarçada como Idéia Editorial. Fui bater à porta dessa redação e fui recebido pelo editor Leonel Prata. [...] ⁵⁴⁴

Na ânsia de cobrir as páginas restantes, as editoras começaram a comprar cartuns e desenhos para compor o resto das revistas. Com o sucesso repentino desse tipo de publicação, as editoras maiores começaram a publicá-los também. A Idéia Editorial também se interessou por esse tipo de segmento, como mostrou a propaganda:

SÓ PARA ADULTOS QUE TEM BOM GOSTO!

A idéia editorial apresenta mensalmente, sete fotonovelas eróticas escritas e produzidas especialmente para pessoas como você. São fotonovelas adultas, sensuais e maliciosas; publicadas em preto e branco e em cores, com preço de capas acessíveis e no prático tamanho de bolso. As únicas que apresentam a qualidade editorial que fez Idéia liderar o mercado em apenas três anos de existência.

As cenas que ilustram este anúncio, por exemplo, foram tiradas de “Verão Sensual”, a história de duas universitárias que viajaram sozinhas para umas merecidas férias na casa de campo de uma amiga. Mas havia um caseiro que...

As fotonovelas da Idéia são assim: cheias de tramas, aventuras e, principalmente, erotismo. Pergunte para o jornalista sobre os mais recentes

⁵⁴⁴ OTA. **Relatório Ota do sexo**. São Paulo : Leya, 2010 p.107-108.

lançamentos. Afinal, não é sempre que aparecem revistas assim, feitas para adultos de bom gosto como você.⁵⁴⁵

Na propaganda aparece, como em outras, a relação entre futebol e o discurso masculino, na qual a revista é como um “Outro gol da Idéia”. Essas fotonovelas foram perdendo a importância com a invenção do VHS, com a popularização do cinema e da televisão, declinando, assim, as suas contribuições, e fechando mais um ciclo do erotismo no Brasil.

Outra fotonovela era **Carícias: Revista mensal e fotonovelas completas**, na qual apareciam cenas de sexo explícito, mostrando ensaios fotográficos de jovens casais transando abertamente. O responsável era Alexandre Toríbio, e a impressão era produzida pelo Grupo de Comunicação Três Ltda.

Em sua edição de número três aparece uma história de dois homens em um escritório de advocacia, Paulo e Danilo, que deixam suas mulheres de lado em uma sexta-feira à noite. Laura, que não fica conformada com a situação de ser traída, liga para a amiga Graça e arma uma festinha, sem que os maridos saibam, e conhece Miriam. Graça apresenta Laura para Danilo. As sequências mostram o encontro e expressões de rostos e olhares, demonstrando que Laura ficou muito animada em conhecer o Danilo. Quando os dois vão para a cama, Laura pensa: “Se o Paulo soubesse onde estou...”, e o Danilo pensa: “Ainda bem que cheguei antes do Paulo e peguei essa gata para mim”. Sim, são os dois amigos do começo da história. Quando Paulo chega, faz sexo com Graça e Miriam, sem que soubesse o que estava rolando, no quarto, entre Laura e Danilo. Quando Paulo sobe as escadas e chega ao quarto: “O susto da descoberta deixa Paulo até gago”. Depois de mais algumas páginas, Danilo aparece em uma foto com o pênis na sandália de Graça, na qual aparece um quadrinho com os dizeres: “Em seu orgasmo, Danilo busca o fetiche de pés femininos para sentir seu esperma correr sobre as sandálias e os saltos das companheiras.”

⁵⁴⁵ Revista **Homem apresenta Mulheres Tentadoras**. Ideia Editorial. São Paulo-SP, p. 67. (contracapa).



Figura 43 – Carícias

Nessas revistas, as imagens em preto e branco aparecem sob forma de quadrinhos, com expressões e letras animadas como as das HQ. É interessante notar como as expressões e os movimentos das fotografias em muito lembram os quadrinhos.

Na propaganda de centro, com o nome de “Quanto mais, melhor!” diz:

As fotonovelas que você costuma ler toda semana são como o próprio amor: quanto mais, melhor! Por isso colocamos o que há de mais atual e bonito ao seu alcance, com histórias sensacionais de jovens amantes apaixonados. Além disso, você também vê lindas mulheres fazendo tudo o que você gosta, em todas as posições imaginárias. Não deixe de ler, toda semana, as mais alucinantes fotonovelas eróticas do Brasil. Reserve já com seu jornaleiro, senão você poderá ficar na mão.⁵⁴⁶

Dessa forma, devemos compreender que “[...] o sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pelas funções que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos”.⁵⁴⁷ Nesse sentido, podemos entender que as outras revistas, como os outros consumidores desse tipo de pornografia, procuram definir que **Playboy** é arte, enquanto as fotonovelas são inferiores em qualidade. Nesse aspecto, determinados bens simbólicos são tachados como superiores, enquanto outros podem ser objetos de consumo em massa.

A definição que temos é a de que **Playboy** como artefato cultural se via com qualidades que lhe conferiam entre as revistas, o lugar de uma produção erudita, produzindo certa padronização nas normas de produção das revistas e critérios de avaliação, no qual um é reconhecido culturalmente pelos diversos grupos e os outros são colocados em uma condição de inferioridade.

Para ser um *playboy* e fazer parte desta cultura você deveria seguir suas regras e entender os códigos de acesso, sendo assim, haveria uma série de restrições que somente seriam apreendidas e compreendidas depois de um longo processo para a manutenção de um mercado restrito.

⁵⁴⁶ Revista **Carícias**. Ideia Editorial. São Paulo-SP, N°3. 1982 s/p.

⁵⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli et al. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 105.

O que podemos constatar é que, durante esse período, o homem descobre a masculinidade, que existem estudos sobre a sexualidade, que as revistinhas mostravam como o homem vinha se comportando e como ele deveria se comportar. Segundo a autora do **Relatório Hite**, Shere Hite:

O meu estudo da sexualidade masculina e da masculinidade mostrou como os homens também sentem o peso e as armadilhas da situação, pressionados a se encaixar em definições de masculinidade socialmente construídas. É importante que, cada qual à sua maneira, comecemos a nos ver como indivíduos e respeitemos os passos iniciais de cada um.⁵⁴⁸

O homem então preso às amarras de sua identidade viril do passado se confrontava com os novos conhecimentos do *playboy* moderno, gerando assim uma predileção à ficção, através de revistas eróticas e pornográficas, ora como meio de entreterimento, ora como companhia, de conhecimento de outros homens (e de mulheres nuas). Segundo De Certeau, em **A invenção do cotidiano**, o cotidiano não se dá pela “produção racionalizada, expansionista e centralizada, ruidosa e espetacular”, mas sim de forma astuciosa, dispersa, se insinua por todos os lados, silenciosa e quase invisível “[...] pois não se marca por produtos próprios, mas em modo de usar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.”⁵⁴⁹

Entre as revistas de fotonovelas coloridas e com papel de melhor qualidade, podemos encontrar a edição especial **Profissão: modelo Pornô**, da editora Ki-Bancas de São Paulo. A capa era toda preta com os dizeres em amarelo, e contracapas em preto:

⁵⁴⁸ Revista **Penthouse**. Editora Grafipar. Curitiba-PR Nº1, 1982 p. 30.

⁵⁴⁹ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.



Figura 44 – Profissão: modelo pornô

Entre as mais conhecidas estavam suplementos das revistas já conhecidas, mas com enfoque apenas no *hardcore*, como o caso da **Big Man Internacional – Fotonovela**. Nela estava contida tudo o que poderia se esperar para uma revista pornográfica: “Atenção: Contém cenas de sexo explícito”, “Um enredo forte * Verídico”, “não perca! Excitante. Muito Prazer!”, “Apresenta: Faça-me sentir mulher outra vez!”, “Fotos Nítidas”, “Mania do Marido por sexo anal separa o casal das relações sexuais”, “Ele procura outras transas. Ela fica na saudade... Até que resolveu ceder”..



Figura 45 – Capa Big Man Internacional – Fotonovela, nº 3

Essas revistas se mostravam como uma importante ferramenta de consolidação e de construção das identidades masculinas através das “artes do fazer”, abrindo, assim, espaços cada vez maiores para discussões sobre a sexualidade, o erotismo e a pornografia, assim como o relatório Hite, no Brasil apareceria pela revista **MAD** no Brasil, o “Relatório Ota do Sexo”.⁵⁵⁰

Ainda nesse permeio encontraríamos **Sons & Gemidos – para gemer de prazer**, que em nossa pesquisa encontramos 5 revistas com a mesma capa, mas de conteúdos diferentes. Com uma ideia de resolver o problema, essa revista mostrava diretamente as cenas de sexo, sem desenvolver nenhuma história, de vez em quando apenas fazia uma simples ligação entre uma foto e outra, sem ter nenhum conteúdo conexo.

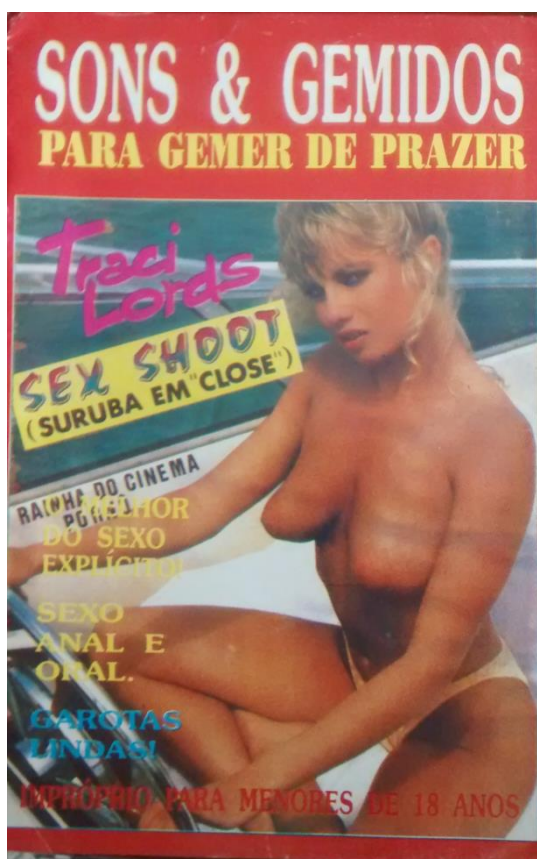


Figura 46 - Sons & Gemidos – para gemer de prazer

⁵⁵⁰ O relatório publicado na revista MAD do qual Ota era editor, quando trabalhava para a editora Vecchi em meados de 1974 a 1983, já havia saído na revista Careta (que havia sido comprada pela editora Três) em 1983 sobre o nome de “O relatório (H)ota sobre a “sexualidade brasileira”” sob comando de Tarso de Castro e Múcio Borges da Fonseca como editor. Na primeira página: “A moda agora são os relatórios sobre sexualidade. Para não ficar atrás, Careta encomendou um ao pesquisador mais barato que pôde conseguir e o resultado foi... O relatório Hota sobre a sexualidade brasileira.”

Muitas outras revistas ainda poderiam ser citadas, como a revista **Eros**, que em uma de suas edições trazia o “Diploma de Desempenho”. O homem além de usufruir da pornografia, deveria comprovar sua masculinidade, que nesse caso seria atestado através de um diploma, no qual a sua parceira (mulher) assinaria para dar fé ao documento.



Figura 47 – Diploma de desempenho, revista Eros

Podemos perceber que o “diploma” vem em um sentido de reconduzir a masculinidade perdida para uma afirmação de masculinidade no papel, atestada não mais pela virilidade da ação, de forma física, ou pela ação sexual. O homem abdica de seu papel de poder, e dá à mulher o poder de confirmar a sua masculinidade, desfazendo, assim, a ordem sexual:

Podemos conjecturar que Freud reinventou *Édipo* para responder de maneira racional ao terror da irrupção do feminino e à obsessão pela supressão da diferença sexual que haviam tomado conta da sociedade européia do fim do século, no momento em que se apagavam em Viena o

poder e a glória das últimas monarquias imperiais. Com ajuda do mito reconvertido em complexo, Freud, de fato, restabelece simbolicamente diferenças necessárias à manutenção de um modelo de família que se temia que estivesse desaparecendo na realidade. Em suma, atribuía ao inconsciente o lugar da soberania perdida por Deus pai para nele fazer reinar a lei da diferença: diferença entre as gerações, entre os sexos, entre os pais e os filhos etc. Foi assim que o tirano da antiga tragédia do poder, que Nietzsche sonhara ser o herói dionisíaco de um novo humanismo, se metamorfoseou, sob a pena de Freud, em um sujeito culpado, encravado em sua neurose e condenado a não ser mais que o filho de sua mãe e o rival de seu pai.⁵⁵¹

Desse modo, o homem viril antes desejado, agora deseja. Vai buscar nas revistas pornográficas não só pelo seu desejo “primitivo” de “ser homem”, mas busca também uma forma de recuperar o elo perdido com a mãe, o resultado de um certo problema biológico e genético, do qual o homem é levado a desejar a mulher com seios fartos e bumbuns enormes, atestando assim a saciar seus desejos mais primitivos.⁵⁵² O homem moderno brasileiro da época da ditadura militar só tinha a certeza de que era preciso abrir o conhecimento sobre o sexo, da forma que desse, desnudar a ditadura militar.

⁵⁵¹ ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.65.

⁵⁵² O professor e neurocientista Ramachandran da Universidade da Califórnia mostrou que nossos ancestrais, quando representavam os corpos femininos, exageravam certas partes do corpo e ignoravam outros, como veremos na Venus de Willendorf (corpo de mulher representado com peitos, pernas e abdômens exageradamente grandes). Isso decorre de uma situação análoga ao experimento realizado pelo cientista, em que filhotes de um certo tipo de gaivota, ao sentirem fome, batem seus bicos na parte vermelha do bico da mãe. O que se descobriu era que, se colocasse um palito com uma fita vermelha, a gaivota bebê bicaria da mesma forma. Para encerrar o teste foi descoberto que, se tivessem um palito com três listas e outro com uma, eles escolheriam o de três listas todas as vezes. Com o ser humano funciona da mesma forma: desejaria sempre as imagens com as partes do corpo que estivessem mais exageradas ou destacadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divisão da tese em duas partes, uma contemplando o discurso normativo em torno do homem moderno (capítulo 2) e outra apresentando outros discursos (capítulo 3) foram necessários para a comprovação da tese central, isto é, não há um único e nem verdadeiro discurso ou identidade quando se trata de definições sobre masculinidade, virilidade, feminino, masculino e sexualidade, etc. Há, ao contrário, discursos e identidades em conflito, lutando entre si para se firmar como hegemônico e, assim, serem aceitos pelas várias instâncias normativas.

Para tornarem-se aceitos pelo político, pelo cultural e socialmente, tais discursos/identidades contaram com inúmeras instâncias como o governo, a censura, a medicina, a psicologia, a Igreja, o mercado etc.

Dessa forma, apontaremos que a pornografia vendida e consumida durante todo o período que se estendeu da ditadura militar serviu como uma fonte importante para a propagação de discursos de identidade, principalmente da identidade masculina.

A pesquisa resultou em uma grande dificuldade com as fontes, já que grande parte do material estudado não existe nas bibliotecas, sendo necessário recorrer, por diversas vezes, aos acervos particulares e aquisições via internet.⁵⁵³ Uma pesquisa cuidadosa fez com que levantássemos um material tão grande e tão diverso, que algumas escolhas em um « mar de pornografia produzida na ditadura » foram inevitáveis, proporcionando visibilidade principalmente às produções mais conhecidas e que podem ser encontradas na internet, como é o caso da obra de Carlos Zéfiro e das obras da Editora Grafipar. O caráter documental das revistas, por si só, nos apresentam discussões importantes sobre o homem moderno.

Dessa forma, podemos constatar que esses discursos nas revistas erótico-pornográficas estavam presos a uma modernização conservadora, que partia não só do governo, mas também de editores, desenhistas, fotógrafos, leitores, leitoras, modelos, médicos, padres e diretores de teatro.

⁵⁵³ Apontamos que o levantamento de fontes foi tão grande que conseguimos as primeiras edições da revista do Homem (todas as edições de 1975) e da revista **Playboy** (todo o ano de 1978). Ainda conseguimos as edições da revista **Ele e Ela** (do número 1 ao 50), e algumas edições esparsas da editora Edrel e Grafipar em formato digital, e ainda as primeiras edições da **Penthouse** brasileira que serão disponibilizadas para serem digitalizadas pela UNESP- Assis, já que esse material é raro e difícil acesso aos pesquisadores.

Apesar de existirem alguns pontos que não foram discutidos à exaustão, como a questão da educação sexual, as principais tendências na área da sexualidade e os meios de se fazer o sexo (como os manuais como o Kamasutra), podemos perceber que a revista erótico-pornográfica integralizou todas essas discussões. Em seus artigos, propagandas e entrevistas, levaram seus leitores a se identificarem e a se definirem como “homem” ou como “novo homem” moderno. Isso levou, em um primeiro momento, a um movimento de repressão, impedindo que se criassem espaços para o desenvolvimento de uma verdadeira “cultura do sexo”, que seria implementada apenas no meio da década de 70 com a chegada de **A revista do Homem (Playboy)** pela editora Abril. Pudemos perceber até aqui que, durante o período da Ditadura, a pornografia erótica, *softcore*, foi não só permitida, como também intensamente estimulada e utilizada, como forma de normalização e normatização, tanto através da mídia, quanto do governo, para o desenvolvimento de gerir uma sexualidade ainda com base conservadora.

Mesmo com a sociedade discutindo o seu alcance, forçando posicionamentos contra e a favor da pornografia, estabeleceu-se uma forma a normalizar o papel do homem “moderno” brasileiro, aliando seu momento na cidade ao seu papel de consumista, escolhendo se integrar a sua nova condição de sujeito, perdendo assim, sua liberdade da criação que a pornografia *hardcore* poderia trazer como *ars erotica* (arte erótica). Tomados por um discurso pautado na “moral cristã”, diversos livros, revistas ilustradas, jornais e correspondências exigiram providências urgentes por parte do governo, demonstrando demasiada preocupação com as mídias de um modo geral. Com as revistas, em um primeiro momento, e depois com o teatro, a TV e o cinema.

A luta constante por parte dos que defendiam a moral e os bons costumes, evidenciaram que o erotismo tivera um papel importante durante todo o processo de instauração da ditadura militar. Do golpe, passando pelos diversos dispositivos legais, seguido pela vigilância do governo pelos documentos do SNI, apreendendo, julgando o que era erótico e o que era pornográfico, mostrou que havia sim o desenvolver de uma “episteme pornográfica”, ou seja, uma sistemática geral de como a pornografia deveria ser tratada no Brasil.

Como se vê, sexo e amor seriam coisas distintas: o sexo ligado à pornografia e o amor ao erotismo. Isso deu espaço para mostrar que as definições eram

polissêmicas e reservadas ao lugar de onde se falava: um médico, um escritor, um leitor de revista. Isso mostrou que, não só as palavras não tinham um significado único, como o público dessas revistas não era homogêneo como se acreditava. As fontes indicam que esse público não se restringia a homens heterossexuais: *gays*, senhores, sargentos, deputados, jovens de todas as idades e estudantes do colegial consumiam a pornografia.

Portanto, como apontado durante a tese, haveria uma constante luta tanto dos discursos oficiais, quanto dos editores e ainda dos indivíduos que propuseram discussões múltiplas sobre sexualidade, informando seu ponto de vista. A sexualidade criou uma série de ordenações de cunho científico/pseudocientífico em uma trama tão exposta que todos os setores da sociedade estavam em guerra para a manutenção de seu *status quo*, para determinar como seria construída a personalidade e as identidades desses “novos homens” brasileiros.

Além disso, o apreço pelo regime e seus governantes é claramente evidenciado, entre elogios e congratulações, através de cartas ao regime, sendo que a maioria das missivas existentes se dirigia ao presidente em defesa da família, alertando, sobretudo, para o problema da pornografia, persistindo assim a intervenção do governo na vida pública e privada. O próprio Estado, na figura do órgão de censura, assume esse caráter de tutela ao responder à grande maioria dessas cartas, agradecendo a colaboração e justificando possíveis falhas no processo de interdição às programações que atentassem contra os “bons costumes”.

O dispositivo da pornografia contrapondo-se ao ideal cristão, apresentam-se como problemáticos, na medida em que o próprio regime toma de empréstimo da moral religiosa determinadas cristalizações em torno das feminilidades e masculinidades, fundamentadas em um repertório de significados que se amparam na diferença biológica, naturalizando condutas e identidades através do Biopoder.

Na escolha entre o erótico e o pornográfico, podemos perceber que o erótico acabou por sinalizar sua vitória nos periódicos. O papel do homem em relação à pornografia vai se transformando, ficando mais próxima de um manual de civildade, normas de conduta, de assujeitamento. O homem viril das histórias em quadrinhos é diluído em uma ideia de masculinidade de aparências e não de fato, ajudando a constatar a crise vivida pela masculinidade. Esse papel passou para a sociedade de

consumo e do “músculo viril”, do culto ao corpo, dos anabolizantes, um modelo de anatomia hipervirilizada na fabricação das aparências masculinas, culminando em um sistema de “indústria cultural” do corpo.

Assim, a ênfase no binarismo, potencializando a cristalização de identidades masculinas e femininas, produziu um efeito de verdade que naturalizou comportamentos, gestos e condutas, atribuindo-lhes uma espécie de coesão aparente. Essas frágeis classificações de gênero, que conferem atribuições específicas aos sujeitos masculinos e femininos, constituindo identidades, são, conforme alerta Preciado, ficções produzidas por um conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais que fixam e delimitam nossas potencialidades somáticas. Desse modo, a aparência de naturalidade da noção binária é, na verdade, fruto da reiteração técnica e discursiva sedimentada historicamente a serviço de uma lógica heteronormativa disseminada no campo da cultura.

A identidade vista como objeto de cultura não tem este sentido de único, idêntico, igual e permanente. Expressões como “menino normal” corrobora à afirmação de como feminino e masculino são tomadas comumente como categorias de gênero no senso comum, frequentemente associadas a papéis de gênero e mesmo de discrepâncias entre identidade de gênero e sexualidade.

O binarismo de gênero intenta naturalizar questões que são da ordem do cultural, sendo, portanto, mutáveis. Gênero como categoria de análise histórica ajuda a perceber o quanto, em diferentes culturas e em diferentes momentos históricos, as formas de se lidar com a sexualidade e com as diferenças biológicas se deram de maneira singular.

A construção da identidade implica em afirmação e diferença. Desse modo, só podemos afirmar o que somos em oposição ao que não somos. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, em que as pessoas partilhassem a mesma identidade, não fariam sentido as afirmações de identidade.

Colocadas nesses termos, revistas como a americana **Playboy**, a inglesa **Penthouse** e a sueca **Private** foram sendo comercializadas e adaptadas para a realidade brasileira, e implementaram os discursos de normalidade. Grandes grupos editoriais, como a Editora Abril, investiram na produção e adaptação dessas revistas para o público que se encontrava no Brasil. A preços e qualidades comparáveis à

edição norte-americana da **Playboy**, a revista de periodicidade mensal ganhou um grande público entre as elites das grandes cidades brasileiras, e aos poucos se popularizou entre a grande parte da população trabalhadora. Mas essa cultura impressa exigiu uma legitimação de poder, na qual podemos perceber uma distinção de seus consumidores, uns como “playboys” e uns como “os outros”, pois estes últimos não conhecem, não sabem as regras de participação. Essa imposição cultural se mostra, na maioria das vezes, como posições de forças e poderes em que o discurso único é verdadeiro e legítimo.

Aqueles que não tinham dinheiro para comprá-las, consumiam outros tipos de revistas pornográficas de menor preço como, por exemplo, a revista **Peteca** (de qualidade inferior, como evidenciado anteriormente, produzida no Paraná e os catecismos (quadrinhos eróticos), de Carlos Zéfiro e seus herdeiros (desenhados à mão). Ou então ficariam a mercê da produção das fotonovelas eróticas e pornográficas, separando, assim, a masculinidade heterossexual *playboyiana*, hegemônica no mercado brasileiro, como sendo a única identidade possível e aceitável.

A identidade não seria imposta de baixo para cima, mas no nosso entender é construída dialeticamente entre o sujeito e o seu processo de assujeitamento. Ao mesmo tempo, formaram-se circuitos de legitimação, exclusão e distinção que tentariam definir o homem como uma identidade estável e homogênea.

Em nosso entender, um processo como o apresentado na tese depende de um grande grupo de estudiosos para entender mais a fundo seus mecanismos e formas de poder. Importantes estudos psicológicos, psiquiátricos, antropológicos, filosóficos e clínicos poderiam ajudar a aprofundar mais a questão, uma vez que a pornografia possui o poder de colocar em desordem todos os discursos. Ela é um lugar do diferente, que faz com que seja questionada a moral, os bons costumes, o comum, o normativo e o anormal. Estudar a pornografia é desnudar a identidade masculina, o “ser homem”, deixá-lo nu, indefeso. A escolha de “Ser Homem” passa pela pornografia, na qual a masculinidade é uma condição que faz do sujeito um alguém constantemente vigiado.

FONTES

Leis e decretos relacionados à pornografia, quadrinhos e revistas.

Lei das publicações perniciosas aos jovens. Outubro de 1965
 Decreto-Lei nº 1077 ou decreto Leila Diniz. 26 de janeiro de 1970
 Portaria 11-B – 6 de janeiro de 1970
 Instrução nº 1/1970
 Portaria 209 – 16 de março de 1970
 Instrução nº 2 – 11 dezembro de 1970
 Código de Quadrinhos de 1971 – Associação de revistas em quadrinhos da América
 Portaria 219 – 16 de abril de 1973 – Sobre publicações nacionais ou estrangeiras
 Projeto de lei de nacionalização dos quadrinhos – 1979
 Código de regras editoriais- 1989 – Associação de Revistas em quadrinhos da América – Revisão do código de 1954 e da alteração Aem 1971

Carlos Zéfiro -Títulos e capas de histórias em quadrinhos. (Coleção Completa)

Herdeiros de Carlos Zéfiro

MENDES, Toninho. (Org.) **Quadrinhos Sacanas**. O catecismo brasileiro no traço dos herdeiros de Carlos Zéfiro. Editora Peixe Grande.São Paulo –SP, 2010. (Caixa1)

REVISTAS

Revista Playboy (EUA) – 1954-1968

A Revista do Homem (PLAYBOY 1975-1978)

Revista Playboy(1978-1985)

Revista Playboy. As melhores entrevistas. Edição Luiz Rivoiro. – São Paulo : Editora Abril, 2009

Revista Private (1970-1979). The best of the revolutionary swedish sex magazine. Taschen, 2009

Revista Penthouse (brasileira) da Grafipar, números de 1 a 15.

Revista Peteca (Coleção)

Revistas em **Quadrinhos Eróticos** (Editora Grafipar)

Revista Status (Coleção)

Revista Ele Ela (Coleção)

COLEÇÕES PARTICULARES

Coleção particular do professor Anderson Francisco Ribeiro – Revistas citadas durante o projeto.

BIBLIOTECAS E CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

CEDAP: Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa - FCL/UNESP - Assis

CEDEM: Centro de Documentação e Memória - UNESP - Praça da Sé - São Paulo

Biblioteca Infantil Monteiro Lobato

Arquivo Público do Estado

Biblioteca Central - UFPR

EDREL

Almanaque Garotas & Piadas

Estórias Adultas

GRAFIPAR – GUIA DOS QUADRINHOS – NÚMERO DE EDIÇÕES

Clássicos Eróticos em Quadrinhos -s/a- 1 edição
 Contos e Quadrinhos - Novelas Eróticas- s/a - 1 edição
 Fêmeas, As – (1979-1981) – 20 edições
 Insaciável Garanhão, O -s/a- 1 edição
 Katy Apache- (1980-198?) - 8 edições
 Maria Erótica– (1980-1981) -18 edições
 Play Gay– 1982 -1 edição
 Quadrinhos Eróticos (Eros)-(1978-1983) -76 edições
 Sexo em Quadrinhos(1978-1983) -52 edições
 Sexy Comix- 1981 - 6 edições
 Sexy West– (1981-1982) -6 edições
 Super-Gay- 1983 - 1 edição
 Volúpia- s/a- 12 edições

SITES

<http://www.carloszefiro.com>
<http://www.carloszefiro.com.br/>
<http://projetoGRAFIPAR.blogspot.com/>
http://www.guiadosquadrinhos.com/editoralist.aspx?cod_edi=252

Filmes

O povo contra Larry Flint. *Povo contra Larry Flynt, O* (The people vs. Larry Flynt – EUA / Canadá – 1996). Direção: Milos Forman.

Documentários

Minami em Close-Up - a Boca em Revista. Gênero: Documentário. Sub-Gênero: Cultural. Diretor: Thiago Mendonça. Duração: 19 min. Ano: 2008 País: Brasil UF: SP.

O Samurai de Curitiba, Documentário. Direção: Rober Machado e Jose Padilha. Duração: 20 min, 2011

Hugh Hefner: Playboy, Ativista e Rebelde”, Dirigido por Brigitte Berman. 124 min, 2009.

Zéfiro Explícito. Documentário, de Gabriela Temer, Sergio Duran, Duração: 15 min, Gênero: Documentário. Ano: 2012 Formato: Digital País: Brasil Local de Produção: RJ Cor: Colorido

Entrevista

Entrevista de Roberto Civita à Manoel Risério. Publicada no site da Playboy no dia 03/08/2010. Disponível em: playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975---1980/ Acessado em: 25-08-2014

Depoimento de Minami Kenzi a Elydio dos Santos Neto. NETO, Elydio dos Santos. Minami Keizi, a Edrel e as HQs brasileiras: Memórias do desenhista, do roteirista e do editor. Disponível em: [www.eca.usp.br/gibiusp/downloads/MinamiKeizi%20-%20Artigo%20INTERCOM%20\(por%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto\).pdf](http://www.eca.usp.br/gibiusp/downloads/MinamiKeizi%20-%20Artigo%20INTERCOM%20(por%20Elydio%20dos%20Santos%20Neto).pdf) Acessado em: 19-08-2014.

Entrevista de Bob Guccione sobre as Guerras Púlicas. **Entrevista concedida a Anthony Haden-Guest.** Disponível em:

<<http://nymag.com/nymetro/news/media/features/n_9815/>> Acessado em 18-01-2014

Entrevista de Carlos Zéfiro ao Programa Jô Soares. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iAAgXgX3w2Y>> Acessado em 18-08-2014.

Entrevista de Cláudio Seto a Gian Danton. Disponível em: <<<http://grafipar.blogspot.com.br/2006/12/entrevista-com-cludio-seto.html>>> Acessado em: 19-08-2014

Entrevista de Franco da Rosa ao Bog Baú da Grafipar. Agosto de 2006. Disponível em: <<http://blogmaniadegibi.com/2012/05/conheca-franco-da-rosa>> Acessado em: 01-12-2015

Entrevista de Hugh Hefner a CNN. Disponível em: http://money.cnn.com/magazines/fsb/fsb_archive/2003/09/01/350793/ Acessado em: 01-08-2014

Entrevista de Inácio Luís da Silva “Lula” a Revista Homem. Ideia Editorial. Agosto de 1981.

Entrevista de Livia Mund à Revista Quem. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2012/08/aos-56-anos-1-capa-da-playboy-livia-mund-e-voluntaria-em-centro-jovem.html>. Acessado em: 28-11-2015

Entrevista de Minami Keizi a Elydio dos Santos Neto . 17/04/2011. Disponível em: <<http://www.bigorna.net/index.php?secao=entrevistas&id=1303069323>> Acessado em: 01-12-2015.

Acervo dos jornais e revistas

Jornal Diário do Paraná
 Jornal Folha de S. Paulo
 Jornal O Estado do Paraná
 Jornal Gazeta do Povo (Paraná)
 Revista Realidade
 Revista Veja
 Revista Aqui São Paulo
 Revista Expansão

Cartas

Carta enviada ao Departamento de Polícia Federal de São Paulo, de 1 de agosto de 1975. Fundo “Divisão de Censura de Diversões Públicas”, Arquivo Nacional, Coordenação Regional do Arquivo Nacional do Distrito Federal, Seção “Administração Geral”, Série “Correspondência Oficial”, Subsérie “Manifestações da Sociedade Civil” Caixa 07

Notícias

Deputada do PT classificou projeto de 'retrocesso' e de 'lógica homofóbica'. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/09/relator-e-aplaudido-apos-definir-familia-como-uniao-entre-homem-e-mulher.html>>. Acessado em: 2/9/2015

Jornal BBC. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151117_japao_erotismo_crianças_rm?ocid=socialflow_facebook, Acessado em: 28/11/2015

Jornal **Gazeta do Povo**. Publicado 02-11-2011. Nos tempos do padre Emir Calluf. Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1165000> Acessado em: 25-08-2014

PERCINOTO, Bia. *Lumbersexual é tendência na moda masculina: saiba como adotar o estilo*. Disponível em: <https://estilo.catracalivre.com.br/beleza/lumbersexual-e-tendencia-na-moda-masculina-saiba-como-adotar-o-estilo/> Acessado em: 10-03-2015

Pesquisa mostra termos pornôis mais procurados na web, em todo o mundo. Disponível em: <http://gnt.globo.com/bem-estar/materias/pesquisa-mostra-terminos-pornos-mais-procurados-na-web-em-todo-o-mundo.htm#942=1> Acessado em: 16-03-2015

Boletim SNI

BRASIL. **Boletim informativo do SNI**. nº 20, 24 de janeiro de 1970. Informava sobre a medida adotada pelo governo no controle da pílula em: d) Opinião Pública mostra as manchetes principais e suas repercussões.

BRASIL. **Boletim Informativo do SNI**. Nº 28, 2 de fevereiro do 1970.

BRASIL. **Boletim SNI**. 24 de janeiro de 1970, p.4 Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/Deops/Boletins_SNI/Boletim_24_01_1970.pdf. Acessado em: 16-03-2015

BRASIL. **Boletim SNI**. 24 de janeiro de 1970, p.5 Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/Deops/Boletins_SNI/Boletim_24_01_1970.pdf Acessado em: 16-03-2015

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, N. C. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas, SP – Mercado de Letras, 1996.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. - São Paulo : Boitempo, 2007.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, Masculinidade e Poder. **Anuário Antropológico**, 95: 161-190, 1996.
- ALVIM, Thereza Cesário. **O Golpe de 64**: a imprensa disse não. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1979.
- AUGUSTO, Sérgio. *O naif* da sacanagem. In: MARINHO, Joaquim (org.). **A Arte sacana de Carlos Zéfiro**: 7 histórias completas. 3 ed. São Paulo: Marco Zero, c.1983. 165 p., il. (Imoralidades diversas).
- ÁVILA, Maria Betânia “Feminismo e sujeito político”. **Revista PROPOSTA**, FASE, Ano 29, nº 84/85, Rio de Janeiro, março/agosto de 2000.
- BADINTER, Elisabeth. **XY Sobre a Identidade Masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAETENS, Pascal. **Fotografia – Nu artístico**. AltaBooks Editora, Rio de Janeiro-RJ, 2010.
- BARALDI, Marcio. **Carlos Zéfiro**: Guerreiro Erótico Invisível. Disponível em: <<Bigornat.net>>. Acessado em: 01/12/2012.
- BASSANEZI, C. B. **Virando as Páginas, Revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher - 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996.
- BATAILLE, Georges. A significação do erotismo. In: BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- BATKHTIN, Mikhail. O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais. In: BATKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. São Paulo-SP. Editora Universidade de Brasília. Hucitec, 1989.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995
- BOTTON, Fernando Bagiotto. **Novos homens**: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. www.revistahistoriar.com. Julho de 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato. (org.) **Grandes Cientistas Sociais – Bourdieu**. São Paulo, Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli et al. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 7ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.
- BRANDÃO, Angela. **O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba 1905 – 1913**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1994.
- BRASIL EM DADOS 75**. Publicação da Rio Gráfica Editora S.A. e Rede Globo. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1975.
- BRUM, Fabiano. **A poética da pornografia de Carlos Zéfiro**. Departamento de comunicação visual – EBA/UFRJ. 2003.

- BURGUIÈRE, André. "Comportamento e organização da sociedade". In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.
- BUZALAF, Márcia Neme. **A Censura no Pasquim (1969-1975): As vozes não-silenciadas de uma geração**. Tese de Doutorado. UNESP-Assis-SP, 2009.
- CALAZANS, F. M. A. As histórias em quadrinhos do gênero erótico. in Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, vol. XXI nº 1, jan - jun./1998.
- CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. São Paulo: Musa Ed., 2000.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. "A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil". In: PAULA, Eurípides Simões de. (Org.) **Anais do V Simpósio Nacional dos professores Universitários de História**. São Paulo. Seção Gráfica da FFLCH-USP, 1971.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1986.
- CARDOSO JR., Hélio Rebello. 'História da leitura' e ampliação do questionário historiográfico – considerações acerca do eclipse da materialidade do livro. In: **Tramas de clio; convivência entre filosofia e história**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.
- CARDOSO, David. **Autobiografia do rei da pornochanchada**. Campo Grande/MS: Letra Livre, 2006.
- CARDOSO, Erika. **Carlos Zéfiro e os discursos morais no Brasil (1950-1970)**. Dissertação de Mestrado em História. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2014.
- CARDOZO, Ivo. **Retratos: Entrevistas de Playboy**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1984.
- CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em <www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>, Acessado em: 10/12/2015, s.n.p.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **História cultural, entre práticas e representações**. Trad. Maria Mauela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CIVITA, Victor. De homem para o homem. In: Revista **Playboy**. São Paulo: Editora Abril. Agosto de 1975, nº 1.
- CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013.
- CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.
- CONY, Carlos Heitor. **Para não dizer que não falei contra a censura**. Disponível em: <<www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2411200032.htm>> Acessado em: 22-02-2014.
- CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.). **História da Virilidade**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.
- CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- COSTA, Emilia Viotti da. **STF: O Supremo Tribunal Federal e a construção da cidadania**. – 2.ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

- COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo:** as representações femininas na Revista Claudia (1961 – 1985) /Maria Paula Costa. Assis, 2008, 234 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
- COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain. (Dir.) **História da Virilidade:** a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Volume 3, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DaMATTA, Roberto. **Explorações.** Ensaios de Sociologia Interpretativa. Editora Rocco, Rio de Janeiro – RJ, 1986.
- DAMATTA, Roberto. Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro. In: MARINHO, Joaquim (org.). **A Arte sacana de Carlos Zéfiro: 7 histórias completas.** 3 ed. São Paulo: Marco Zero, c.1983.
- DaMATTA, Roberto. Virgindade: o Tabu sobrevive em 1984? In: DaMATTA, Roberto. **Explorações. Ensaios de Sociologia Interpretativa.** Editora Rocco, Rio de Janeiro – RJ, 1986.
- DANTON, Gian. **A Editora.** Uma editora fora do eixo. Disponível em: <<http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/a-editora>> Acessado em: 02-12-2015.
- DANTON, Gian. **GRAFIPAR a editora que saiu do eixo.** Kalako. São Paulo, 2012.
- DARNTON, Robert. “O que é a história do livro?” revisitado. Tradução: Lília Gonçalves Magalhães Tavoraro. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan.-jun. 2008.
- DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Séverin. In: _____. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. **A Revolução Impressa:** A Imprensa na França, 1775-1800 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- D'ASSUNÇÃO, Otacílio. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro:** uma análise da obra do mais genial desenhista pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch:** o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- Diário do Paraná.** Curitiba, Sábado, 18 de agosto de 1962.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo:** os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ECO, U. (org.) **História da beleza.** São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- ECO, U. (org.) **História da feiura.** São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2004b.
- EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera:** a grande guerra e o nascimento da era moderna / Modris Eksteins; tradução de Rosaura Eichenberg. — Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Seqüencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação.** São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- ELIAS, N. **O processo civilizador:** Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.;
_____. **O processo civilizador:** Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v. II
- FALCÃO, Armando. **Tudo a declarar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. Introdução. In: SACHER-MASOCH. **A vênus das peles.** Tradução Saulo Krieger – São Paulo: Hedra, 2008.

- FERREIRA, Antonio Celso. A universidade nos tempos da Guerra Fria e da Ditadura Militar: contestação e repressão. In: VALLE, Maria Ribeiro do Valle [et al.] **Tenho algo a dizer** : memórias da Unesp na ditadura civil-militar (1964-1985) / Maria Ribeiro do Valle ... [et al.]. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.
- FERREIRA, Daniel Wanderson. **Erotismo, libertinagem e pornografia**: notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França moderna. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/53/37> Acessado em: 25-06-2014.
- FICO, Carlos. “Prezada Censura”. Cartas ao Regime Militar. **Topoi - Revista de História**, Rio de Janeiro: UFRJ. n. 5, pp. 251-286, set. 2002.
- FILGUEIRAS, Juliana. **A Educação Moral é Cívica e sua produção didática**: 1969-1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FINDLEN, Paula. O sentido político e cultural mais antigo. In: HUNT, Lynn. (org.) **A invenção da pornografia** - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999.
- FONSECA, Homero. **A ingênua pornografia de Carlos Zéfiro**. Disponível em: <http://www.achanoticias.com.br/noticia.kmf?noticia=8752441> Acessado em: 18-08-2014.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução Eduardo Brandio. - São Paulo: Martins Fontes, 2001. - (Coleção Tópicos)
- FOUCAULT, Michel. 1969. O que é um Autor?. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos**. Volume III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2000.
- FOUCAULT, Michel. A “Governamentalidade”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos**. Vol. IV Estratégia, Poder-Saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. (tradução de Luiz Felipe Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 5.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. De Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Genealogia e Poder. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. Texto inédito de Michel Foucault. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault> Acessado em: 17-08-2014.
- FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Política. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos Vol. 5**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000
- FREUD, Sigmund. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna.(1908) In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).
- FRY, Peter. **Pra inglês ver**: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.
- GAZZOTTI, Juliana, A revista *Veja* e o obstáculo da Censura. **REVISTA OLHAR** . ANO 03 . N 5-6 . JAN-DEZ/01.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo, UNESP, 1993
- GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de gênero**: contribuições de um sujeito histórico. 2005. Disponível em: <<
- GIORDANO, Verónica. Negócios, Política e Sexo – A Revista Playboy do Brasil. (1975-1980). Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. **Revista USP**, São Paulo: nº 95, pp.150-158, set/out/nov 2012.
- GOLDENBERG, Mirian. **Toda Mulher é Meio Leila Diniz**. BestBolso, 2008.
- GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004
- Gonçalo Jr. **A Guerra do Sexo**. Grafipar na Guerra do sexo. Disponível em: <<http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/a-guerra-do-sexo/>> Acessado em: 01-12-2015.
- GONÇALO JUNIOR. **As heroínas da resistência**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm?idReportagem=134439&txPrint=completo> Acessado em: 01-04-2015.
- GONÇALO JUNIOR. **Maria Erótica e O Clamor do sexo**. Imprensa, Pornografia, Comunismo e Censura na Ditadura Militar 1964/1985. São Paulo: Peixe Grande, Editoractiva, 2010.
- GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão** – Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A primeira vez é inesquecível: Barbarella e os sonhos de uma geração. In: PADRÓS, Enrique Serra; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **68: História e Cinema**. Porto Alegre: EST, 2008.
- HABERT, Angeluccia B. **Fotonovela e indústria cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 12-13
- HANSON, Dian. A Private Matter. In: **Private** (1970-1979). Taschen. Vol I, Los Angeles, 2009.
- HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, Jean-Jacques. (Dir.) **História da Virilidade**. Vol 3. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HENFIL. Cartas de um subdesenvolvido. **Fradim**. Editora Codecri. Rio de Janeiro-RJ. Dezembro de 1980 nº 30.
- HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**. O Breve Século XX, 1914-1991, São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1994.
- HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HUNT, Lynn (org.). **A invenção da pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade, 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999.

- .Ibope, Pesquisas Especiais, 1969, Arquivo Edgar Leuenroth, IFCH/UNICAMP.
- INSUELA, Júlia Bianchi. Apresentação. In: (Org.) **1º Seminário [recurso eletrônico] de Pós-graduandos em História da UFF** / organizado por Júlia Bianchi Reis Insuela, Marina Maria de Lira Rocha, Matheus Serva Pereira, Natália de Santanna Guerellus, Pedro Krause Ribeiro, Robertha Pedroso Triches. - Niterói, RJ: PPGHISTÓRIA-UFF, 2012.
- JOANILHO, André Luiz Joanilho. JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. **Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural.** *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 28, nº 56, p. 529-548 – 2008.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). **Psychê** — Ano XI— nº 20 — São Paulo — jan-jun/2007 — p. 29-46.
- JUNIOR, Gonçalo. **Maria Erótica e o clamor do sexo: Imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar 1964/1985.** São Paulo: Peixe Grande – Editoractiva, 2010.
- JÚNIOR, Gonçalo: “Minami Keizi. (O pai do mangá no Brasil)”, In **Herói** nº 3. Conrad, São Paulo, 2002.
- KAMINSKI, Rosane. *Vestígios de contestação em imagens gráficas dos anos setenta. da Vinci*, Curitiba, v. 1 , n. 1, p. 43-60, 2004.
- KFOURI, Juca. O fim de 30 anos de mistério. A verdadeira identidade de Carlos Zéfiro. *Revista Playboy*. N 196. Editora Abril. São Paulo. Novembro de 1991.
- KLANOVICZ, Luciana. No olho do furacão: Revista Veja, Censura e Ditadura Militar (1968-1985). **Revista Literatura em Debate**, v. 4, n. 6, p. 34-50, jan.-jul., 2010.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** Ateliê Ed., São Paulo, 1999.
- LEMINSKI, Paulo; RUIZ, Alice. **Afrodite.** Quadrinhos Eróticos. De Alice Ruiz e Paulo Leminski. Editora Veneta, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio.** Barueri: Manole, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes, Viajantes pós-modernos II. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo & BASTOS, Liliana Cabral. **Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho.** Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCCHETTI, Marco Aurélio. **Estórias Adultas: uma revolução nos quadrinhos brasileiros.** Disponível em: <http://www.jornaldocinema.com.br/NUMERO%208/estoriasadultas.html> Acessado em: 26-08-2014.
- LUYTEN, S. M. B. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses.** 2 ed. São Paulo, Hedra, 2000.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

- MARCONI, Paolo. **A censura Política na Imprensa brasileira (1968-1978)**. São Paulo, Global, 1980.
- MARIN, Louis. Ler um Quadro – Uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger (org.), **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- MARINHO, José Joaquim. (Org.) **Os Alunos Sacanas de Carlos Zéfiro**. 5 Histórias Completas. Editora Marco Zero. São Paulo-SP, 1986.
- MARTINS, Ana Luiza. **Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a03.pdf> Acessado em: 15/07/2014.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma História das Sensibilidades: Em Foco: A Masculinidade. In: **História Questões & Debates**. Curitiba, vol 34, 2001. p. 47
- MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: **Tempo**, Rio de Janeiro-RJ, v.1. n.2., 1996.
- MILLARCH, Aramis Millarch. **Estado do Paraná**, na página 4 no dia 05/09/1976.
- MILLARCH, Aramis. Do you speack english?. 20 de outubro de 1983. **Estado do Paraná**. Suplemento:Almanaque. Seção:Tablóide Página:1 Data:20/10/1983.
- MILLARCH, Aramis. Polemica é com Calluf. **Estado do Paraná**. 12 de abril de 1987.
- MILLARCH, Aramis. **Quadrinhos eróticos**. Texto de Aramis Millarch, publicado originalmente em: Veiculo: Estado do Paraná Caderno ou Suplemento: Nenhum Coluna ou Seção: Tablóide Página: 4 Data: 15/09/1978.
- MILLARCH, Aramis. **Quem diria, Zéfiro ganhou dois livros**. O Estado do Paraná. Seção: Tablóide, 21 de novembro de 1984.
- MILLARCH, Aramis. Visita da Censura. **Estado do Paraná**. Suplemento: Almanaque. Coluna ou Seção: Tablóide Página: 1 Data: 13/06/1979.
- MILLARCH, Aramis. Zéfiro, o pioneiro de nosso erotismo. **O Estado do Paraná**. Seção: Tablóide, 09 de outubro de 1983.
- MIRA, Maria Celeste. **Constituição e segmentação do mercado de revistas no Brasil: o caso da Editora Abril**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8784daf924e0b3abe89731d16fcb0d00.PDF> Acessado em 22-03-2016.
- MONTEIRO, Marko. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**, n 16. Campinas: Unicamp, 2001.
- MORAES, Eliane Robert. O Efeito Obsceno. **Cadernos Pagu** (20), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2003, pp.121-130. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a04.pdf>> - Acesso em: 30/02/2014.
- MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Revista Cult**. Janeiro de 2000.
- MORIN, Edgard. **A cultura de Massas no século XX**. Forense, 1967.
- MOSTAÇO, Edélcio. Alternativa: independência ou morte notas sobre o circuito da ideologia. In: **Arte em Revista** Ano 6, Número 8. São Paulo: CEAC, out./1984.
- MOYA, Álvaro de. (Org.) **SHAZAM!** São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva 1977.
- MOYA, Álvaro de. _____. **História da história em quadrinhos**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964**. A história do Regime Militar. 1. Ed. – São Paulo: Contexto, 2014.
- ORFALI, Kristina. Um modelo de transparência: a sociedade sueca In: PROST, Antoine. (Org.) **História da Vida Privada**. 5 Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão Reis. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil**. 50 anos do golpe de 1964. Editora Zahar. 2015.
- OTA. **Relatório Ota do sexo**. São Paulo : Leya, 2010.
- PAES, José Paulo. **Poesia Erótica em tradução**. Tradução, apresentação, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PELUCIO, Larissa. As maravilhas do sexo que ri de si mesmo. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 29, p. 481-488, Dec. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200021&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 21 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000200021>.
- PERCINOTO, Bia. *Lumbersexual é tendência na moda masculina: saiba como adotar o estilo*. Disponível em:<https://estilo.catracaivre.com.br/beleza/lumbersexual-e-tendencia-na-moda-masculina-saiba-como-adotar-o-estilo/> Acessado em: 10-03-2015
- POLI, Maria Cristina. **Feminino, Masculino: A diferença sexual em psicanálise**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- PRECIADO, Beatriz. “Tecnogênero”. In: PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Ed Espasa Calpe, 2008.
- PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise. ; QUADRAT, Samantha. (Orgs.) **A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina**, v.2– Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias Intimas**. Sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- _____. **A invenção do corpo**. Disponível em: <<http://historiahoje.com/?p=3111>> Acessado em: 17-08-2014.
- _____. **Amor e sexo nos “anos de chumbo”**. Disponível em: <http://historiahoje.com/?p=3258> Acessado em: 16-08-2014.
- REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência**. Censura a Livros na Ditadura Militar. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011.
- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- REIS, Daniel Aarão. Ditadura e Sociedade: As reconstruções da Memória. In: REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto. (Orgs.) **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)** – Bauru, SP: Edusc, 2004.
- RIBEIRO, Anderson Francisco. **Lendo Baudelaire do autor ao leitor: Textos, Textura e Testamento**. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Letras. 2011.
- RIBEIRO, Anderson Francisco. Lendo Baudelaire, do autor ao leitor: Textos, textura e testamento. In; BRITO, Luciana. (Org.) **Pesquisas em Linguagem** – interfaces linguísticas, literárias e culturais. Rio de Janeiro. Editora Multifoco, 2012.
- RIVOIRO, Luiz. **Playboy: as melhores entrevistas**. Edição de Luiz Rivoiro. São Paulo: Ed. Abril, 2009.
- RIVOIRO, Luiz. Uma conversa franca. In: RIVOIRO, Luiz. **Playboy**. As melhores entrevistas. Editora Abril, 2009.

RODRIGUES, Nelson. apud. PRIORE, Mary del. **Histórias Íntimas**. Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ROSA, Franco de. **As taradinhas dos quadrinhos**. Editora Ópera Graphica. Vinhedos-SP, 2003.

_____. Conheça Franco da Rosa. Disponível em: <<http://blogmaniadegibi.com/2012/05/conheca-franco-da-rosa>> Acessado em: 01-12-2015.

_____. **A Era Grafipar**. A Era Grafipar. Disponível em: <http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/a-era-grafipar/> acessado em: 16-03-2015.

_____. **Era Uma Vez**. Era uma vez na Grafipar. Disponível em: <<http://tesourosdagrafipar.wordpress.com/artigos/era-uma-vez>> Acessado em: 01-12-2015.

ROTTERDAM, E. **De Pueris** (Dos Meninos) / A civilidade pueril. São Paulo: Editora Escala, s/d.

ROUDINESCO, Élisabeth. Présentation. In: ELLENBERGER, Henri F. **Histoire de la découverte de l'inconscient**. Paris: Fayard, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SAGGESE, Antonio Jose. **Imaginando a Mulher: Playboy, O Pôster e seus Desdobramentos**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARMENTO, Daniel. **Grafipar e o sucesso dos quadrinhos eróticos**. 2012. 138 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso Tecnologia em Design Gráfico - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SEVCENKO Nicolau. **A corrida para o século XX**. No loop da montanha-russa. São Paulo –SP: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. **1964. Golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre: Sulina, 4ª edição, 2014.

SILVA, Juremir Machado da. **Jango, a vida e a morte no exílio** – como foram construídos, com ajuda da mídia, o imaginário favorável ao golpe e as narrativas sobre as suspeitas de assassinato do presidente deposto em 1964. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SILVA, Marcos Antonio da. Outros homens e mulheres. In: _____. **Prazer e poder do amigo da onça: 1943-1962**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SILVA, Marcos, A. **Humor e política na Imprensa** – Os olhos de Zé Povo. Dissertação em História Social, apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 1981.

SILVA, Maria da C. F. **Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em Claudia, Nova e Playboy**. 354 págs. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Análise do Discurso). Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SILVA, Thiago de Sales. Cartas ao órgão de censura, na década de 1970: uma análise a partir das categorias de recepção e gênero. **Temporalidades** – Revista

- Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v. 7 n. 2 (mai./ago. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015.
- SILVEIRA, Maria José. O Tamanho do Pecado. In: MARINHO, Joaquim (org.). **Os Alunos sacanas de Carlos Zéfiro**. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1986. 188 p., il. p&b. (Imoralidades Diversas).
- SILVEIRA, Maria José. O tamanho do pecado. In: MARINHO, Joaquim. (Org.) **Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro**. Editora Marco Zero: São Paulo, SP, 1986 p.13
- SOUZA, Roberto. **No seio de Playboy**, 19 anos. Imprensa, São Paulo, ano VII, nº 82, p. 32-37, Jul, 1994.
- SOUZA, Worney Almeida. Os catecismos e o sexo espacial. In: MENDES, Toninho. **Quadrinhos Sacanas**. Sexo Espacial. Livro 1. Editora Activa, São Paulo, 2010.
- STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. Tradução de Renato Marques. – São Paulo: Contexto, 2010.
- STERNE, Laurence. **A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy**. Tradução e notas José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SULLEROT, Evelyne. **La presse féminine**. Paris: Armand Colin, 1963. p.106. Op. Cit.
- JOANILHO, André Luiz Joanilho. JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. **Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 56, 2008.
- VALAS, Patric. **Freud e a perversão**. Reunião de textos de Manoel Bartos da Mota. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro – RJ, 1990.
- VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Tradução Ivone Benedetti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
- VAZ, Toninho. **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim**. — Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VENTURA, Zuenir. **1968**. O ano que não terminou. São Paulo, Planeta do Brasil, 2008a.
- _____. **1968: o que fizemos de nós**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil Ltda, 2008b.
- VERGUEIRO, Waldomiro. **A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público**. *ECA – Escola de Comunicação e Artes de São Paulo*. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/01-w-vergueiro.pdf> Acessado em: 01-12-2015.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história/ Foucault revoluciona a história**. 3ª. ed. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: UnB, 1995.
- VIEIRA, Galdino Nunes. **Amor, sexo e erotismo**. Santo André-São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1978.
- WALKER, Brooks R. **A nova imoralidade**. Arte Nova. Rio de Janeiro – Gb, 1974.
- ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia** / Theodor W. Adorno. et. al. organização Slavoj Zizek; tradução Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ZUCCO, Luciana and LISBOA, Teresa Kleba. **Rose Marie Muraro: uma mulher impossível**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2014, vol.22, n.2.

ANEXO

ANEXO 01 – TABELA DE CAPAS DA REVISTA PLAYBOY (BRASIL)

| Edição | Capa | Data | Entrevista | Fotógrafo |
|--------|--|-------------------|--------------------|-----------------------------|
| 001 | Livia Mund ^[a] e Valerie Perrine ^[a] | Agosto de 1975 | | Roger Bester ^[a] |
| 002 | Fernanda Bruni ^[a] | Setembro de 1975 | | |
| 003 | Bibi Vogel ^[a] | Outubro de 1975 | Robert McNamara | |
| 004 | Charlotte Rampling ^[a] | Novembro de 1975 | Elmyr de Hory | |
| 005 | Susana Gonçalves ^[a] e Marisa Berenson ^[a] | Dezembro de 1975 | Muhammad Ali | |
| 006 | Regina Duarte ^[a] e Maria Cláudia ^[a] | Janeiro de 1976 | | |
| 007 | Marina Montini ^[a] | Fevereiro de 1976 | Didi | |
| 008 | Ítala Nandi ^[a] | Março de 1976 | Dr. Thomas Nogushi | |
| 009 | Pia Nascimento ^[a] | Abril de 1976 | Henry Miller | Luís Trípoli |
| 010 | Djenane Machado ^[a] | Mai de 1976 | Oswaldo Brandão | Antônio Guerreiro |
| 011 | Cynira Arruda ^[a] | Junho de 1976 | Jimmy Hoffa | Luís Trípoli |
| 012 | Esmeralda Barros ^[a] e Vera Bocayuva ^[a] | Julho de 1976 | | |
| 013 | Tamara Taxman ^[a] | Agosto de 1976 | Ulysses Guimarães | Luís Trípoli |
| 014 | Vera Manhães ^[a] e Jayne Marie Mansfield ^[a] | Setembro de 1976 | Idi Amin Dada | |
| 015 | Neila Tavares ^[a] | Outubro de 1976 | Zito | |
| 016 | Marta Moyano ^[a] | Novembro de 1976 | | |
| 017 | Elke Sommer ^[a] , Ursula Andress ^[a] e Scarlet Moon ^[a] | Dezembro de 1976 | | |
| 018 | Erica Blanc ^[a] | Janeiro de 1977 | | |
| 019 | Esmeralda Barros ^[a] | Fevereiro de 1977 | | |
| 020 | Rosemary ^[a] e "gatas do Planeta dos Homens" ^[a] | Março de 1977 | | |
| 021 | Jill de Vries | Abril de 1977 | | |
| 022 | Leila Cravo ^[a] | Mai de 1977 | | |
| 023 | Patty McGuire | Junho de 1977 | Carlos Manga | |
| 024 | Jussara ^[a] | Julho de 1977 | Cláudio Coutinho | |
| 025 | Ann Pennington e Deborah Borkman | Agosto de 1977 | Chico Anysio | |
| 026 | Nidia de Paula ^[a] | Setembro de 1977 | | Paulo Rocha |
| 027 | Susan Kiger | Outubro de 1977 | | |

| | | | | |
|-----|---|-------------------|-----------------------|--------------------|
| 028 | Branca ^[a] | Novembro de 1977 | | Paulo Rocha |
| 029 | Sondra Theodore | Dezembro de 1977 | Magalhães Pinto | |
| 030 | Malu ^[a] | Janeiro de 1978 | Erasmus Dias | Paulo Rocha |
| 031 | As Mascaradas Sandra Bréa, Sônia Braga, Maria Cláudia & Marina Montini ^[a] | Fevereiro de 1978 | Saturnino Braga | Antônio Guerreiro |
| 032 | Lívia Mund ^[a] | Março de 1978 | Jean-Paul Sartre | Paulo Rocha |
| 033 | Marneide Vidal ^[a] | Abril de 1978 | Rivellino | Paulo Rocha |
| 034 | Garotas da Argentina | Mai de 1978 | João Saldanha | |
| 035 | Susan e Patty | Junho de 1978 | | |
| 036 | Debra Jo Fondren | Julho de 1978 | | Francis Giacobetti |
| 037 | Betty Faria | Agosto de 1978 | | Paulo Rocha |
| 038 | Debra | Setembro de 1978 | | |
| 039 | As Secretárias | Outubro de 1978 | Arnold Schwarzenegger | |
| 040 | Cida Ventura | Novembro de 1978 | Hélio Bicudo | |
| 041 | Farah Fawcett | Dezembro de 1978 | John Travolta | |
| 042 | Darine Stern | Janeiro de 1979 | Emerson Fittipaldi | |
| 043 | Marisa Andreas | Fevereiro de 1979 | Chico Buarque | |
| 044 | As Estudantes | Março de 1979 | Miguel Arraes | |
| 045 | Ruthy Ross | Abril de 1979 | Marlon Brando | |
| 046 | Marilyn Lange | Mai de 1979 | Henfil | |
| 047 | Laura Lyon | Junho de 1979 | Tony Ramos | |
| 048 | Monique | Julho de 1979 | Lula | |
| 049 | Kathleen | Agosto de 1979 | Caetano Veloso | |
| 050 | Cida Ventura | Setembro de 1979 | Sócrates | |
| 051 | Débora Franco | Outubro de 1979 | Dr. Flávio Gikovate | |
| 052 | Cida Ventura | Novembro de 1979 | Nélson Rodrigues | |
| 053 | Raquel Welch | Dezembro de 1979 | Murilo Macedo | |
| 054 | Alcione Mazzeo | Janeiro de 1980 | | J.R. Duran |
| 055 | Sônia Moura | Fevereiro de 1980 | Dina Sfat | |
| 056 | Kathleen | Março de 1980 | Gilberto Freyre | Arnaldo Klajn |
| 057 | Lucélia Santos | Abril de 1980 | Ziraldo | Márcia |

| | | | | |
|-----|-----------------------------------|-------------------|--------------------------|-------------------|
| | | | | Ramalho |
| 058 | Vera Lúcia Morgavi | Maio de 1980 | Líderes Feministas | |
| 059 | Oneida Teixeira | Junho de 1980 | | Arnaldo Klajn |
| 060 | Lídia Brondi | Julho de 1980 | Gilberto Braga | J.R. Duran |
| 061 | Denise Dumont | Agosto de 1980 | Pelé | Arnaldo Klajn |
| 062 | Bo Derek | Setembro de 1980 | Clodovil | |
| 063 | Laura de Nigris | Outubro de 1980 | Erasmus Carlos | |
| 064 | Simone Carvalho | Novembro de 1980 | Jorge Amado | J.R. Duran |
| 065 | Oneida Teixeira | Dezembro de 1980 | Dr. Eduardo Mascarenhas | |
| 066 | Denise Dumont | Janeiro de 1981 | Daniel Filho | Arnaldo Klajn |
| 067 | Marneide Vidal | Fevereiro de 1981 | Rita Lee | Arnaldo Klajn |
| 068 | Anny Dore | Março de 1981 | Ibrahim Sued | |
| 069 | Monique Lafond | Abril de 1981 | Paulo César Caju | Márcia Ramalho |
| 070 | Aline | Maio de 1981 | Ney Matogrosso | |
| 071 | Sandra Bréa | Junho de 1981 | Vera Fischer | Antônio Guerreiro |
| 072 | Zaira Zambelli | Julho de 1981 | | Márcio Ramalho |
| 073 | Nádia Lippi | Agosto de 1981 | Dr. Ivo Pitanguy | J.R. Duran |
| 074 | Vera Lúcia Morgavi ^[a] | Setembro de 1981 | Eduardo Portella | Paulo Rocha |
| 075 | Marneide Vidal | Outubro de 1981 | Gérson | |
| 076 | Lucélia Santos | Novembro de 1981 | Oriana Fallaci | Giselle Chama |
| 077 | Maria Cláudia | Dezembro de 1981 | Zózimo Barroso do Amaral | Paulo Rocha |
| 078 | Márcia Porto | Janeiro de 1982 | Zico | Antônio Guerreiro |
| 079 | Sydne Rome | Fevereiro de 1982 | Betty Faria | Emilio Lare |
| 080 | Angelina Muniz | Março de 1982 | Patricia Hearst | Paulo Rocha |
| 081 | Carla Camuratti [a] | Abril de 1982 | Jô Soares | Image |
| 082 | Cristina Valença | Maio de 1982 | Dr. César Nahoum | Luís Garrido |
| 083 | Tássia Camargo | Junho de 1982 | Joelmir Betting | Arnaldo Klajn |
| 084 | Fabiana Gomes | Julho de 1982 | Walter Salles | J.R. Duran |
| 085 | Vera Fischer | Agosto de 1982 | Sônia Braga | Márcia Ramalho |
| 086 | Tamara Taxman | Setembro de 1982 | Akio Morita | J.R. Duran |
| 087 | Suzane Carvalho | Outubro de | Luciano Pavarotti | J.R. Duran |

| | | | | |
|-----|-----------------------------|-------------------|--|-------------------|
| | | 1982 | | |
| 088 | Claudia Rey | Novembro de 1982 | Delfim Netto | Isabel Garcia |
| 089 | Xuxa Meneghel | Dezembro de 1982 | Paulo Marinho | J.R. Duran |
| 090 | Lúcia Veríssimo | Janeiro de 1983 | Gabriel Garcia Márquez | J.R. Duran |
| 091 | Nice Meirelles | Fevereiro de 1983 | Marta Suplicy | J.R. Duran |
| 092 | Christiane Torloni | Março de 1983 | Paulo Francis | Tripolli |
| 093 | Sílvia Bandeira | Abril de 1983 | Irene Ravache | Antonio Guerreiro |
| 094 | Luiza Brunet | Maio de 1983 | Homero Sánchez | J.R. Duran |
| 095 | Aldine Müller e Zaíra Bueno | Junho de 1983 | Ricardo Amaral | Luís Trípoli |
| 096 | Carla Camuratti | Julho de 1983 | Oswald de Souza | Isabel Garcia |
| 097 | Ísis de Oliveira | Agosto de 1983 | Xuxa | Antônio Guerreiro |
| 098 | Karmita Medeiros & Fantasma | Setembro de 1983 | Chefes Sandinistas (Ernesto Cardenal, Tomás Borge, Sergio Ramirez e Daniel Ortega) | Luís Trípoli |
| 099 | Bia Andreazzi | Outubro de 1983 | Kleiton e Kledir | |
| 100 | Diviê Rey | Novembro de 1983 | Tarso de Castro | Luis Crispino |
| 101 | Tânia Alves | Dezembro de 1983 | Gilberto Gil | Antônio Guerreiro |
| 102 | Reny de Oliveira | Janeiro de 1984 | Castor de Andrade | |
| 103 | Matilde Mastrangi | Fevereiro de 1984 | Julio Iglesias | Luís Crispino |
| 104 | Cláudia Raia | Março de 1984 | Christiane Torloni | J.R. Duran |
| 105 | Simone Carvalho | Abril de 1984 | Espiridião Amin | Roberto Buzzini |
| 106 | Lídia Bizzocchi | Maio de 1984 | Octávio Ribeiro | J.R. Duran |
| 107 | Sônia Teixeira | Junho de 1984 | Paulo Roberto Falcão | Otto Weisser |
| 108 | Cláudia Lúcia Cunha | Julho de 1984 | Gugu Liberato | J.R. Duran |
| 109 | Lucinha Lins | Agosto de 1984 | Luiza Brunet | J.R. Duran |
| 110 | Sônia Braga | Setembro de 1984 | Fernando Henrique Cardoso | Richard Fegley |
| 111 | Betty Faria | Outubro de 1984 | Vera Mossa | Antônio Guerreiro |
| 112 | Christiane Torloni | Novembro de 1984 | Paul McCartney | Luís Trípoli |
| 113 | Luiza Brunet | Dezembro de 1984 | Antônio Carlos Magalhães | J.R. Duran |
| 114 | Cláudia Ohana | Janeiro de 1985 | Chiquinho Scarpa | Richard Fegley |
| 115 | Angelina Muniz | Fevereiro de | Steve Jobs | J.R. Duran |

| | | | | |
|-----|---|------------------|---------------------------------|--|
| | | 1985 | | |
| 116 | Rosemary | Março de 1985 | Dom Eudes de Orleans e Bragança | Tripolli |
| 117 | Vera Lúcia Guimarães | Abril de 1985 | Fafá de Belém | |
| 118 | Magda Cotrofe | Mai de 1985 | Almirante Maximiano da Fonseca | J.R. Duran |
| 119 | Tássia Camargo | Junho de 1985 | Boy George | J.R. Duran |
| 120 | Monique Evans | Julho de 1985 | João Havelange | J.R. Duran |
| 121 | Maria Zilda | Agosto de 1985 | Fidel Castro | Antônio Guerreiro |
| 122 | Cláudia Raia | Setembro de 1985 | Regina Duarte | J.R. Duran |
| 123 | Sandra Bréa ou Luciane Quadros ^[b] | Outubro de 1985 | José Wilker | Antônio Guerreiro (Sandra) J.R. Duran (Luciane) |
| 124 | Márcia Dornelles | Novembro de 1985 | Bruna Lombardi | J.R. Duran |
| 125 | Cláudia Egito | Dezembro de 1985 | Dias Gomes | Bob Wolfenson |

Fonte: Wikipedia - Lista de capas da revista Playboy do Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_capas_da_revista_Playboy_do_Brasil Acessado em: 07/12/2015 [Modificado]